

N.º 1 DO *NEW YORK TIMES*

# STEPHEN KING

IT



COLOSSA

LIVRO I

N.º 1 DO *NEW YORK TIMES*

# STEPHEN KING



LIVRO I





© Shane Leonard

**STEPHEN KING**, apelidado por muitos de «mestre do terror», escreveu mais de quarenta livros, incluindo a série da Torre Negra e clássicos como *Carrie*, *The Shining* ou *Misery*.

Vencedor do prestigiado **National Book Award** e nomeado **Grande Mestre** nos prémios **Edgar Allan Poe** de 2007, conta hoje com mais de trezentos milhões de exemplares vendidos em cerca de trinta e cinco países. Números e um currículo impressionantes a fazerem jus ao seu estatuto de escritor mais bem pago do mundo.

[www.stephenking.com](http://www.stephenking.com)

*Título original:* It

*1.ª edição em papel:* outubro de 2018

*Autor:* Stephen King

*Tradução:* Cristina Lourenço e Maria João Lourenço

*Revisão:* Eugénio Santos

*Design da capa:* Rute Selésio

*Imagens da capa:* Shutterstock Images

© Stephen King, 1980

Publicado por acordo com o Autor a/c The Lotts Agency, Ltd.

As páginas finais constituem uma extensão deste copyright.

[Todos os direitos para a publicação desta obra em língua portuguesa, exceto Brasil, reservados por Bertrand Editora, Lda.]

Bertrand Editora

Rua Prof. Jorge da Silva Horta, n.º 1

1500-499 Lisboa

[www.bertrandeditora.pt](http://www.bertrandeditora.pt)

[editora@bertrand.pt](mailto:editora@bertrand.pt)

Tel. 217 626 000

ISBN: 978-972-25-3730-8

Este livro é dedicado com gratidão aos meus filhos.  
A minha mãe e a minha mulher ensinaram-me a ser um homem.  
Os meus filhos ensinaram-me a ser livre.

NAOMI RACHEL KING, aos 14 anos;  
JOSEPH HILLSTROM KING, aos 12 anos;  
OWEN PHILIP KING, aos 7 anos.

Miúdos, a ficção é a verdade dentro da mentira, e a verdade desta ficção  
é bastante simples: *a magia existe.*

S. K.

*Esta velha cidade é o meu lar desde que me lembro  
Esta velha cidade vai estar aqui muito depois de eu partir.  
Lado leste, lado oeste, olhem bem para ela  
Tens andado mal, mas ainda fazes parte de mim.<sup>1</sup>*

THE MICHAEL STANLEY BAND

*Velho amigo, o que procuras?  
Depois de tantos anos fora voltaste  
Com as imagens que cultivaste  
Sob céus estrangeiros  
Longe da tua própria terra.<sup>2</sup>*

GEORGE SEFERIS

*Do nada para a escuridão.<sup>3</sup>*

NEIL YOUNG

---

<sup>1</sup> «This old town been home long as I remember/ This town gonna be here long after I'm gone./ East side west side take a close look 'round her/ You been down but you're still in my bones.»

<sup>2</sup> «Old friend, what are you looking for?/ After those many years abroad you come/ With images you tended/ Under foreign skies/ Far away from your own land.»

<sup>3</sup> «Out of the blue and into the black.»

## PRIMEIRA PARTE

### A SOMBRA ANTES

*Começam!*

*As perfeições são acentuadas*

*A flor abre as pétalas coloridas*

*sob o sol*

*Mas a língua da abelha*

*não lhes chega*

*Elas afundam-se de volta no solo*

*a gritar*

*— podes chamar-lhe um grito*

*que rasteja por elas, um tremor*

*enquanto elas murcham e desaparecem...<sup>1</sup>*

WILLIAM CARLOS WILLIAMS, *PATERSON*

*Nascido na cidade de um homem morto.<sup>2</sup>*

BRUCE SPRINGSTEEN

---

<sup>1</sup> «They begin! / The perfections are sharpened / The flower spreads its colored petals / wide in the sun / But the tongue of the bee / misses them / They sink back into the loam / crying out/ —you may



call it a cry / that creeps over them, a shiver / as they wilt and disappear. . . .»

2 «Born down in a dead man's town.»

## CAPÍTULO 1

### DEPOIS DA CHEIA (1957)

#### 1

O terror, que só terminaria vinte e oito anos depois (se é que terminou), começou, tanto quanto sei ou consigo saber, com um barco feito de uma folha de jornal a flutuar por uma valeta cheia da água da chuva.

O barco balançou, esteve prestes a virar-se, endireitou-se, mergulhou corajosamente nos remoinhos traiçoeiros e continuou a descer pela Witcham Street em direção ao semáforo, no cruzamento com a Jackson. As três lentes verticais de todos os lados do semáforo estavam às escuras naquela tarde do outono de 1957, e as casas encontravam-se igualmente mergulhadas na escuridão. Ia para uma semana que chovia sem parar, e os ventos também tinham chegado dois dias antes. Muitas zonas de Derry haviam ficado sem luz, e assim continuavam.

Um miúdo de impermeável amarelo e galochas vermelhas corria alegremente ao lado do barco feito de papel de jornal. A chuva não parara, mas começava finalmente a abrandar. Caía sobre o capuz amarelo do impermeável do miúdo, lembrando-lhe chuva no telhado de um barracão... um som confortável, aconchegante. O miúdo do impermeável amarelo era George Denbrough. Tinha seis anos. O seu irmão, William, conhecido pela

maior parte das crianças da primária de Derry (e até pelos professores, que nunca usariam a alcunha diante dele) como Bill Gago, estava em casa, a recuperar de uma gripe violenta. Naquele outono de 1957, oito meses antes de os verdadeiros horrores começarem e vinte e oito anos antes do confronto final, Bill Gago tinha dez anos.

Bill tinha construído o barco com que George agora brincava. Fizera-o sentado na cama, com as costas apoiadas em várias almofadas, enquanto a mãe tocava «Para Elisa» no piano na sala de estar e a chuva batia sem parar na janela do quarto.

Pouco abaixo do meio do quarteirão no sentido de quem ia para o cruzamento e para o semáforo, Witcham Street estava bloqueada ao trânsito por um fogareiro e quatro cavaletes cor de laranja. Em cada cavalete estava pintado DEPTO. DE OBRAS PÚBLICAS DE DERRY. Atrás deles, a chuva jorrava de sarjetas entupidas com ramos, pedras e pilhas de folhas de outono pegadas umas às outras. A água abriu primeiro brechas no alcatrão, arrancando depois pedaços inteiros, isso no terceiro dia de chuva. Ao meio-dia do quarto dia, grandes bocados da superfície da rua desciam pelo cruzamento da Jackson com a Witcham como botes de *rafting* em miniatura. Por aquela altura, já muitas pessoas em Derry tinham começado a fazer piadas nervosas sobre arcas. O Departamento de Obras Públicas conseguira deixar Jackson Street aberta, mas a Witcham estava intransitável dos cavaletes até ao centro da cidade.

No entanto, todos concordavam que o pior tinha passado. O rio Kenduskeag praticamente galgara a margem nos Barrens e estivera a poucos centímetros de se derramar do canal de betão que o comprimia pelo centro da cidade. Naquele momento, um grupo de homens — Zack Denbrough, pai de George e de Bill, entre eles — retirava os sacos de areia que tinham empilhado no dia anterior à pressa e em pânico. Na véspera, a cheia e os danos causados por ela tinham parecido quase inevitáveis. Deus

sabia que já acontecera antes: a inundação de 1931 fora um desastre que custara milhões de dólares e duas dezenas de vidas. Isso acontecera muito tempo antes, mas ainda havia suficientes pessoas vivas para se lembrarem e assustarem os outros. Uma das vítimas da inundação foi encontrada quarenta quilômetros a leste, em Bucksport. Os peixes tinham comido os olhos, três dedos, o pénis e a maior parte do pé esquerdo desse infeliz cavalheiro. Preso no que restava das mãos dele encontrava-se o volante de um *Ford*.

Mas as águas tinham começado a baixar e, quando a nova barragem da Bangor Hydro fosse erguida rio acima, o rio deixaria de ser uma ameaça. Pelo menos, era o que dizia Zack Denbrough, que trabalhava na Bangor Hydroelectric. Quanto ao resto, bem, as inundações futuras podiam cuidar de si sozinhas. A questão era passar por aquela, voltar a ligar a luz e esquecer. Em Derry, esquecer tragédias e desastres era quase uma arte, como Bill Denbrough iria descobrir com o passar do tempo.

George parou a seguir aos cavaletes, na beira de uma ravina profunda que se abria na superfície de Witcham Street. Essa ravina formava uma diagonal a bem dizer perfeita. Acabava do lado de lá da rua, uns doze metros colina abaixo de onde ele estava, à direita. Riu-se alto (o som de alegria solitária e infantil pareceu iluminar aquela tarde cinzenta) quando uma onda na água levou o barco de papel por uns rápidos em miniatura formados pela abertura no alcatrão. A água apressada abriu um canal que descia pela diagonal e, assim, o barco atravessou Witcham Street de lés a lés, com a corrente a transportá-lo tão depressa que George se viu obrigado a correr para o acompanhar. As galochas espalhavam água em jatos enlameados. As fivelas emitiam uma toada alegre enquanto George Denbrough corria em direção à sua estranha morte. E a sensação que tomou conta dele naquele momento foi amor claro e simples pelo irmão Bill... amor e um ligeiro arrependimento por Bill não poder estar lá para ver e

participar. Claro que ele tentaria descrever tudo a Bill quando chegasse a casa, mas sabia que não o conseguiria fazer ver aquilo como Bill teria conseguido fazê-lo ver a si se as posições estivessem invertidas. Bill era bom a ler e escrever, mas mesmo com a *sua* idade George era suficientemente esperto para saber que esse não era o único motivo por que Bill só tinha vintes no boletim de notas, e muito menos por que os professores gostavam tanto das redações dele. *Contar* fazia apenas parte do talento. Bill era bom a ver.

O barco pareceu voar pelo canal diagonal, apenas uma página arrancada da secção de classificados do *News* de Derry, mas naquele momento George imaginava-o como um torpedeiro num filme de guerra, como os que ele via às vezes no cinema de Derry com Bill nas matinés de sábado. Um filme de guerra com John Wayne a lutar contra os japoneses. A proa do barco de jornal lançava jatos de água para os dois lados enquanto avançava, depois chegou à valeta no lado esquerdo de Witcham Street. Um novo riacho subia pela abertura no alcatrão naquele ponto e criava um remoinho grande, e pareceu-lhe que o barco seria inundado e se viraria. Inclinou-se de maneira alarmante, mas George gritou vivas quando se endireitou, virou e desceu rapidamente para o cruzamento. George acelerou para o alcançar. Acima da sua cabeça, uma rajada forte de vento de outubro abanou as árvores, por estes dias quase libertas do peso das folhas coloridas pela tempestade, que naquele ano foi uma ceifeira das mais cruéis.

## 2

Sentado na cama, com as faces ainda vermelhas de calor (mas com a febre a baixar, assim como o Kenduskeag), Bill terminara o barco; mas quando George esticou a mão para lhe pegar, Bill tirou-o do alcance dele.

— A-agora traz a p-p-parafina.

— O que é isso? Onde está?

— Na pra-pra-prateleira da cave quando vais a descer — disse Bill. — Numa caixa que diz Gu-Gu-ulf... Gulf. Traz-ma, e uma faca e uma t-tigela. E uma c-caixa de fó-fó-fósforos.

George fora obedientemente buscar aquelas coisas. Ouvia a mãe a tocar piano, não o tema «Para Elisa», mas uma outra música da qual ele não gostava tanto; era uma música que parecia seca e barulhenta. Ouvia a chuva a cair regularmente contra as janelas da cozinha. Eram sons agradáveis, mas a ideia da cave não era nada agradável. Ele não gostava da cave e não gostava de descer a escada da cave, porque imaginava sempre que havia alguma coisa lá em baixo no escuro. Era uma tolice, claro, os pais diziam sempre isso e, mais importante de tudo, *Bill* dizia o mesmo, mas nunca fiando.

Nem sequer gostava de abrir a porta para acender a luz, porque tinha sempre a ideia (era uma coisa tão idiota que não se atrevia a contar a ninguém) que, enquanto estivesse a tatear a parede à procura do interruptor, uma garra horrível pousaria ao de leve no seu pulso... e puxá-lo-ia para baixo, para a escuridão que cheirava a terra e humidade e legumes podres.

Parvo! Não existiam coisas com garras, peludas e cheias de ódio assassino. De vez em quando, alguém enlouquecia e matava muita gente (às vezes Chet Huntley falava disso no noticiário da noite), e é claro que havia comunistas, mas não havia nenhum monstro estranho a viver na cave. Mesmo assim, a ideia não desaparecia. Naqueles momentos intermináveis em que ele procurava o interruptor com a mão direita (com o braço esquerdo a segurar a ombreira com força), aquele cheiro da cave parecia intensificar-se até encher o mundo. Cheiros a terra e humidade de legumes estragados misturavam-se num odor inconfundível e incontornável, o fedor do monstro, a apoteose de todos os monstros. Era o cheiro de algo para o

qual ele não tinha nome: o cheiro da Coisa, agachada, à espreita e pronta para atacar. Uma criatura que comeria qualquer coisa, mas que estava particularmente faminta de carne de rapazes.

Ele abrira a porta naquela manhã e tateara eternamente à procura do interruptor, segurando a ombreira com o esforço habitual, os olhos firmemente fechados, a ponta da língua a sair do canto da boca como uma raiz agonizante em busca de água num lugar de seca. Engraçado? Claro! Podes crer! *Olha para ti, Georgie! O Georgie tem medo do escuro! Que bebé!*

O som do piano vinha daquilo a que o pai chamava sala de estar e a mãe chamava sala de visitas. Parecia música do outro mundo, distante, como as conversas e os risos numa praia cheia durante o verão devem parecer a um nadador cansado que luta contra a corrente.

Os seus dedos encontraram o interruptor! Ah!

Viraram-no...

... e nada. Nada de luz.

Ah, bolas! Não há eletricidade!

George recolheu o braço como se o retirasse de uma cesta cheia de cobras. Recuou um passo da porta da cave, com o coração a bater muito depressa. Não havia luz, claro. Tinha-se esquecido. Que porcaria! E agora? Voltar e dizer a Bill que não podia ir buscar a caixa de parafina porque não havia luz e ele tinha medo que alguma o apanhasse quando estivesse na escada da cave, uma coisa que não era um comunista nem um assassino em série, mas uma criatura muito pior do que os dois? Que a criatura faria deslizar parte do corpo podre entre os degraus da escada e lhe agarraria o tornozelo? Essa seria boa, não? Haveria quem troçasse da fantasia, mas Bill não se riria. Bill ficaria zangado. Bill diria: «Vê se cresces, Georgie... Queres o barco ou não?»

— M-m-morreste aí em baixo, G-Georgie? — gritou Bill do quarto, como se aquele pensamento fosse a sua deixa.

— Não, vou já, Bill! — gritou George de imediato. Esfregou os braços para tentar fazer desaparecer a pele de galinha e pô-la lisinha de novo. — Só vim beber um copo de água.

— Bem, despacha-te!

Então ele desceu os quatro degraus até à prateleira da cave, com o coração a martelar quente na garganta, o cabelo da nuca em pé, os olhos a arder, as mãos frias, certo de que a qualquer momento a porta da cave se fecharia sozinha, bloqueando a luz branca que entrava pelas janelas da cozinha, e ele ouviria a Coisa, algo pior do que todos os comunistas e assassinos do mundo, pior do que os japoneses, pior do que Átila, *o Huno*, pior do que as cenas de cem filmes de terror. A Coisa, a rosnar profundamente; ele ouviria o rosnado naqueles segundos lunáticos antes de ser atacado e ter as entranhas arrancadas.

O cheiro a cave estava pior do que nunca por causa da cheia. A casa deles ficava no alto de Witcham Street, perto do cimo da colina, e tinham escapado ao pior, mas ainda havia água estagnada lá em baixo, que tinha entrado pelas velhas fundações de pedra. O fedor era suave e desagradável, e fazia uma pessoa querer respirar superficialmente.

George percorreu com os dedos a prateleira o mais depressa que conseguiu: latas velhas de graxa *Kiwi* e trapos sujos de graxa, um candeeiro de querosene partido, duas embalagens praticamente vazias de limpa-vidros *Windex*, uma velha lata achatada de cera *Turtle*. Por algum motivo, essa lata chamou-lhe a atenção, e ele passou uns trinta segundos a olhar para a tartaruga na tampa com uma espécie de assombro hipnótico. Então largou-a ... e ali estava por fim uma caixa quadrada com a palavra *GULF* escrita.

George agarrou-a e subiu as escadas o mais depressa que conseguiu, de súbito ciente de que tinha a parte de trás da camisa fora das calças e certo



de que isso seria a sua desgraça: a Coisa na cave deixá-lo-ia chegar à saída e agarrar-lhe-ia a parte de trás da camisa, puxá-lo-ia para trás e...

Chegou à cozinha e fechou a porta, que bateu com força. George encostou-se a ela com os olhos fechados, o suor a cobrir-lhe os braços e a testa, com a caixa de parafina presa com firmeza.

O piano tinha parado, e a voz da mãe chegou até ele:

— Georgie, não podes bater a porta com mais força da próxima vez? Talvez consigas partir alguns pratos no louceiro se tentares a sério.

— Desculpa, mãe — gritou ele em resposta.

— George, seu inútil — disse Bill do quarto. O tom de voz foi baixo para a mãe não ouvir.

George abafou uma risada. O medo já desaparecera; desvanecera-se tão facilmente como um pesadelo se desvanece para o homem que acorda com pele fria e a ofegar; que apalpa o corpo e olha em volta para ter a certeza de que nada aconteceu, e então começa logo a esquecê-lo. Metade já desapareceu quando os pés tocam no chão; três quartos quando sai do chuveiro e começa a limpar-se; tudo quando termina o pequeno-almoço. Tudo desaparecido... até à vez seguinte, quando, durante o pesadelo, todos os medos serão lembrados.

*Aquela tartaruga*, pensou George, indo até à gaveta da bancada onde estavam os fósforos. *Onde é que já vi uma tartaruga assim?*

Mas nenhuma resposta surgiu, e ele descartou a pergunta.

Tirou uma caixa de fósforos da gaveta, uma faca do cepo (mantendo a lâmina cuidadosamente afastada do corpo, como o pai lhe ensinara) e uma pequena tigela do louceiro da sala de jantar. Em seguida, regressou ao quarto de Bill.

— É-és mesmo idiota, G-Georgie — disse Bill de maneira afável, e afastou algumas das coisas de rapaz doente na mesa de cabeceira: um copo vazio, um jarro com água, lenços de papel, livros, um frasco de *Vick*

*VapoRub*, cujo cheiro Bill associaria durante toda a vida a peitos cheios de expetoração e narizes ranhosos. O velho rádio *Philco* também lá estava, a tocar não Chopin nem Bach, mas uma canção de Little Richard... Só que muito baixinho, tão baixinho que Little Richard perdia toda a sua energia crua e elementar. A mãe, que estudara piano clássico em Juilliard, detestava *rock and roll*. Não desgostava apenas; abominava.

— Não sou idiota — disse George, sentado na beira da cama de Bill e colocando as coisas que reunira na mesa de cabeceira.

— És, sim — disse Bill. — Não passas de um inepto cu gordo, preto e asqueroso.

George tentou imaginar um rapaz que fosse só um cu com pernas e desatou a rir-se.

— O teu cu é maior do que *Augusta* — disse Bill, começando também a rir.

— O *teu* cu é maior do que o estado todo — respondeu George. Isso fez os rapazes rirem durante uns bons dois minutos.

O que se seguiu foi uma conversa sussurrada do tipo que significa muito pouco para qualquer pessoa que não seja um rapaz pequeno: acusações sobre quem tinha o cu maior, quem tinha o buraco mais preto, e assim por diante. Por fim, Bill disse uma das palavras proibidas (acusou George de ser um cu gordo, grande e cheio de merda) e os dois começaram a rir a sério. O riso de Bill transformou-se num ataque de tosse. Quando finalmente começou a passar (por essa altura o rosto de Bill tinha adquirido um tom arroxeadado que George observou com alarme), o piano parou de novo. Os dois olharam na direção da sala de estar, atentos ao som do banco do piano a ser arrastado, aos passos impacientes da mãe. Bill encostou a boca à curva do cotovelo para sufocar o resto da tosse e apontou para a jarra ao mesmo tempo. George serviu-lhe um copo de água, que ele bebeu de uma assentada.

O piano recomeçou a tocar «Para Elisa». Bill Gago nunca se esqueceu dessa música e, mesmo muitos anos depois, deixava-o com a pele dos braços e das costas arrepiada; sentia um aperto no coração e recordava: *A minha mãe estava a tocar isso no dia em que o Georgie morreu.*

— Vais tossir mais, Bill?

— Não.

Bill tirou um lenço de papel da caixa, fez um som retumbante no peito, cuspiu a expetoração para o lenço, amarrotou-o e atirou-o para o cento de papéis ao lado da cama, que estava cheia de lenços amarrotados. Em seguida, abriu a caixa de parafina e colocou um cubo dessa substância na palma da mão. George observou-o com atenção, mas sem dizer uma palavra nem fazer perguntas. Bill não gostava que George falasse enquanto ele fazia coisas, mas George aprendera que, se ficasse calado, o irmão lhe costumava explicar o que fazia.

Bill usou a faca para cortar um pedacinho do cubo de parafina. Pô-lo na tigela, acendeu um fósforo e colocou-o em cima da parafina. Os dois rapazes observaram a pequena chama amarela enquanto o vento esmorecia, lançando a chuva contra a janela em ocasionais borrifos.

— Temos de impermeabilizar o barco, senão molha-se e vai ao fundo — disse Bill.

Quando estava com George, a gaguez diminuía, e às vezes nem sequer gaguejava. Mas na escola, ficava tão forte que falar era impossível. A comunicação era encerrada e os colegas de Bill olhavam para outro lado enquanto Bill se agarrava à mesa, com o rosto a ficar quase tão vermelho como o cabelo e os olhos semicerrados enquanto tentava fazer sair uma palavra da garganta teimosa. Às vezes, na maioria delas, a palavra saía. Outras vezes, simplesmente recusava-se. Bill fora atropelado por um carro quando tinha três anos e embatera num edifício; ficara inconsciente durante sete horas. A mãe dizia que fora o acidente que causara a gaguez. Volta e

meia, palpitava-lhe que o pai (e o próprio Bill) não tinha assim tanta certeza.

A parafina na tigela estava praticamente derretida. A chama do fósforo diminuiu e ficou azul ao envolver o palito de cartão, acabando por se evaporar. Bill enfiou o dedo no líquido e tirou-o com um ligeiro assobio. Dirigiu a George um sorriso de desculpas.

— Quente — disse ele.

Depois de alguns segundos, mergulhou de novo o dedo e começou a espalhar a cera no barco, onde ela rapidamente secou e formou uma película leitosa.

— Posso fazer um bocado? — perguntou George.

— Podes. Mas não deixes cair nada no cobertor, senão a mãe mata-te.

George mergulhou o dedo na parafina, que estava morna, mas não quente, e começou a espalhá-la do outro lado do barco.

— Não ponhas tanto, cu sujo! — exclamou Bill. — Queres afundá-lo na viagem inaugural?

— Desculpa.

— Tudo bem. Vai com calma.

George terminou o outro lado e ergueu o barco nas mãos. Estava um pouco mais pesado, mas não muito.

— Muito fixe — comentou ele. — Vou sair e fazê-lo navegar.

— Sim, faz isso — respondeu Bill. Parecia repentinamente cansado; cansado e ainda não muito bem.

— Gostava que pudesses vir — disse George. Era verdade. Às vezes Bill tornava-se mandão ao fim de algum tempo, mas sempre tinha as ideias mais fixes e quase nunca batia. — No fundo, o barco é teu.

— Veleiro — corrigiu Bill. — Tens aí um v-veleiro.

— Veleiro, então.

— Também gostava de poder ir — disse Bill, com maus modos.

— Bem... — George mudou o peso de um pé para o outro com o barco nas mãos.

— Veste as coisas da chuva — disse Bill —, senão apanhas uma gripe como eu. Deves apanhá-la na mesma, dos meus ge-germes.

— Obrigado, Bill. É um belo barco. — E fez uma coisa que não fazia havia muito tempo, um gesto que Bill nunca esqueceu: inclinou-se e beijou o rosto do irmão.

— Agora vais apanhá-la de certeza, cu sujo — disse Bill, mas ainda assim pareceu mais animado. Sorriu para George. — Arruma isto tudo, ou a mãe tem um chi-chilique.

— Claro.

Pegou no material de impermeabilização e atravessou o quarto, com o barco precariamente equilibrado sobre a caixa de parafina, que estava inclinada em cima da tigela.

— Ge-Ge-Georgie?

George virou-se para observar o irmão.

— Tem c-cuidado.

— Claro. — Franziu um pouco a testa. Era o tipo de coisa que a mãe dizia, não o irmão mais velho. Era tão estranho como ele ter beijado Bill. — Claro que tenho.

George foi-se embora. Bill nunca mais o viu.

### 3

Ali estava ele, a correr atrás do barco pelo lado esquerdo de Witcham Street. Corria depressa, mas a água conseguia ser mais rápida, e o barco estava a afastar-se. Ouviu um rugido profundo e viu que, cinquenta metros abaixo na colina, a água na valeta estava a entrar num bueiro que

permanecia aberto. Era um semicírculo longo e escuro a acompanhar a berma, e enquanto George olhava, um galho seco, com a casca tão escura e luzidia como pele de foca, deslizou para a bocarra do bueiro. Ficou na beira algum tempo e escorregou para dentro. Era para lá que seguia o seu barco.

— Ah, merda, fosga-se! — exclamou ele, consternado.

Aumentou a velocidade e, por um momento, achou que conseguiria apanhar o barco. Mas um dos seus pés escorregou e ele caiu, arranhou um joelho e gritou de dor. Da nova perspetiva do nível do passeio, viu o barco dar duas voltas, momentaneamente preso noutra remoinho, e desaparecer.

— Merda, fosga-se! — gritou de novo, e bateu com o punho no chão. Aquilo também doeu, e ele começou a choramingar. Que maneira idiota de perder o barco!

Levantou-se e aproximou-se do bueiro. Ajoelhou-se e espreitou lá para dentro. A água fazia um som oco e maligno ao cair na escuridão. Era um som assustador. Lembrava-lhe o...

— Eh! — O som foi arrancado das suas entranhas como que puxado por uma corda, e ele encolheu-se.

Havia olhos amarelos lá dentro, o tipo de olhos que ele sempre imaginara, mas nunca realmente vira na cave. *É um animal*, pensou com incoerência, *só isso, um animal, talvez um gato que ficou preso lá em baixo...*

Ainda assim, estava pronto para correr, *iria* fugir dali a um segundo ou dois, quando o seu painel de controlo mental tivesse lidado com o choque provocado pelos dois olhos amarelos brilhantes. Sentiu a superfície áspera do pavimento sob os dedos e a fina camada de água fria a fluir em volta deles. Viu-se a levantar-se e a afastar-se, e foi quando uma voz, perfeitamente lógica e até agradável, falou com ele de dentro do bueiro.

— Olá, Georgie — disse a voz.

George pestanejou e olhou novamente. Mal conseguia acreditar no que via; era como algo saído de uma história inventada, ou de um filme em que sabemos que os animais vão falar e dançar. Se ele fosse dez anos mais velho, não teria acreditado no que estava a ver, mas não tinha dezasseis anos. Tinha seis.

Havia um palhaço no bueiro. A luz lá dentro não era grande espingarda, mas era suficientemente boa para George Denbrough ter a certeza do que estava a ver. Era um palhaço, como no circo ou na televisão. Na verdade, parecia um cruzamento entre o Bozo e o Clarabell, que falava a apertar a buzina no programa *Howdy Doody* dos sábados de manhã. Buffalo Bob era o único que conseguia perceber Clarabell, e isso fazia sempre George morrer a rir. O rosto do palhaço no bueiro era branco, tinha tufos engraçados de cabelo vermelho de cada lado da cabeça careca e um sorriso enorme de palhaço pintado sobre a boca. Se George estivesse vivo um ano depois, certamente pensaria em Ronald McDonald antes de Bozo ou Clarabell.

O palhaço segurava numa das mãos vários balões de todas as cores, lembrando belas frutas maduras.

Na outra, segurava o barco de papel de George.

— Queres o teu barco, Georgie? — O palhaço sorriu.

George sorriu também. Não conseguiu evitar; era o tipo de sorriso que uma pessoa tinha de retribuir.

— Claro que quero — disse ele.

O palhaço sorriu.

— «Claro que quero.» Isso é *ótimo*! Isso é *muito* bom! E que tal um balão?

— Bem... claro! — Ele esticou a mão... mas, ato contínuo, recolheu-a com relutância. — Não devo aceitar coisas de estranhos. Foi o meu pai que disse.

— O teu pai é muito sensato — disse o palhaço no bueiro, sorrindo. *Como pude eu pensar que os olhos dele eram amarelos?*, perguntou-se George. Eram de um azul intenso e saltitante, a cor dos olhos da mãe dele, e de Bill. — Muito sensato mesmo. Portanto, vou apresentar-me. Eu, Georgie, sou o senhor Bob Gray, também conhecido como Pennywise, o Palhaço Dançarino. Pennywise, este é George Denbrough. George, este é Pennywise. E agora, conhecemo-nos. Já não sou um estranho para ti, e tu não és um estranho para mim. Certo?

George riu-se.

— Acho que sim. — Estendeu de novo a mão... e recolheu-a de novo. — Como foi parar aí abaixo?

— A tempestade lançoou-me para longe — disse Pennywise, o Palhaço Dançarino. — Lançou todo o circo para longe. Consegues sentir o cheiro do circo, Georgie?

George inclinou-se para a frente. De repente, sentiu o aroma a amendoim! Amendoim quente torrado! E vinagre! Daquele branco que se mete nas batatas fritas por um buraco na tampa! Sentiu o cheiro a algodão-doce e a farturas e o odor ténue mas intenso a bosta de animal selvagem. Sentiu o cheiro alegre de serradura. E no entanto...

E no entanto, subjacente a tudo havia o fedor a cheia e folhas em decomposição e a sombras escuras de sarjeta. Esse cheiro era húmido e podre. O cheiro da cave.

Mas os outros cheiros eram mais fortes.

— Pode crer que sim — disse ele.

— Queres o teu barco, Georgie? — perguntou Pennywise. — Só estou a repetir porque não pareces ter muita vontade. — Ergueu-o e sorriu. Usava um fato de seda largo com grandes botões cor de laranja. Uma gravata berrante, azul-elétrica, caía pela frente do peito e tinha grandes luvas



brancas nas mãos, parecidas com as que o Rato Mickey e o Pato Donald usavam sempre.

— Sim, claro — disse George, olhando para dentro do bueiro.

— E um balão? Tenho vermelho e verde e amarelo e azul...

— Eles flutuam?

— Flutuam? — O sorriso do palhaço alargou-se. — Ah, sim, claro que sim. Flutuam! E há algodão-doce...

George esticou a mão.

O palhaço agarrou-lhe o braço.

E George viu o rosto do palhaço mudar.

O que viu então foi suficientemente terrível para fazer as suas piores fantasias da coisa na cave parecerem sonhos agradáveis; o que ele viu destruiu a sua sanidade num golpe de garra.

— Eles *flutuam* — repetiu a coisa no bueiro com uma voz rouca e sorridente. Segurou o braço de George com um aperto grosso e serpenteante, puxou George para aquela escuridão terrível onde a água corria e rugia e gritava ao levar a carga de destroços da tempestade em direção ao mar. George virou o pescoço para longe daquela escuridão e começou a gritar para a chuva, a gritar loucamente para o céu branco de outono curvado sobre Derry naquele dia de 1957. Os seus gritos eram agudos e cortantes, e por toda Witcham Street as pessoas foram até às janelas ou saíram a correr para os alpendres.

— Eles *flutuam* — rosnou a coisa —, eles flutuam, Georgie, e quando estiveres aqui em baixo comigo, também vais flutuar...

O ombro de George bateu no cimento do passeio, e Dave Gardener, que ficara em casa em vez de ir trabalhar no Shoeboat naquele dia por causa da cheia, viu apenas um menino de impermeável amarelo, um menino que gritava e se contorcia na sarjeta com água lamacenta a passar-lhe sobre o rosto que fazia os seus gritos parecerem borbulhar.

— Tudo aqui em baixo *flutua* — sussurrou a voz podre que ria e, de repente, houve um som de algo a rasgar e uma onda flamejante de dor, e George Denbrough foi-se.

Dave Gardener foi o primeiro a chegar e, apesar de só ter chegado quarenta e cinco segundos depois do grito inicial, George Denbrough já estava morto. Gardener agarrou-o pela parte de trás do impermeável, puxou-o para a estrada... e começou a gritar quando o corpo de George se virou nas suas mãos. O lado esquerdo do impermeável de George estava vermelho. O sangue fluía para o bueiro pelo buraco esfarrapado onde estivera o braço esquerdo. Um pedaço de osso, horrivelmente branco, espreitava do tecido rasgado.

Os olhos do menino estavam voltados para o céu branco e, quando Dave cambaleou para trás, na direção dos outros que já vinham a correr pela rua, começaram a encher-se de chuva.

#### 4

Algures lá em baixo, na sarjeta que já estava cheia até à capacidade total com água de escoamento (não podia haver ninguém lá em baixo, exclamaria depois o xerife do município ao repórter do *News* de Derry com uma enorme fúria frustrada; o próprio Hércules teria sido levado naquela corrente fortíssima), o barco de George seguiu pelas câmaras escuras e pelos longos corredores de betão que rugiam e tangiam de tanta água. Durante algum tempo, seguiu ao lado de uma galinha morta que flutuava com as garras amarelas e reptilíneas apontadas para o teto molhado; depois, em algum cruzamento a leste da cidade, a galinha foi levada para a esquerda enquanto o barco de George seguiu em frente.

Uma hora depois, enquanto a mãe de George estava a ser sedada nas urgências do Hospital de Derry e Bill Gago, deitado na cama, estupefacto e calado, ouvia o pai chorar roucamente na sala de estar onde a mãe tocara «Para Elisa» no momento em que George saíra, o barco saiu por um buraco no betão como uma bala a sair do cano de um revólver e seguiu velozmente por um canal até um riacho sem nome. Quando chegou ao borbulhante e transbordante rio Penobscot, vinte minutos depois, os primeiros bocados de azul começaram a aparecer no céu. A tempestade chegara ao fim.

O barco foi a pique e balançou, e umas vezes meteu água, mas não afundou; os dois irmãos tinham-no impermeabilizado bem. Não sei onde se afundou, se é que se afundou; talvez tenha chegado ao mar e navegue ali para sempre, como um barco mágico num conto de fadas. Só sei que ainda estava a flutuar e a navegar na onda da cheia quando passou pelo limite da cidade de Derry, no Maine, e aí desapareceu desta história para sempre.

## CAPÍTULO 2

### DEPOIS DO FESTIVAL (1984)

#### 1

Se Adrian usava o chapéu, diria mais tarde o seu namorado choroso à polícia, era porque ele lhe coubera em sorte numa banca de tiro ao alvo na feira de Bassey Park, apenas seis dias antes da sua morte. Estava orgulhoso do chapéu.

— Levava-o posto porque *adorava* esta cidadezinha de merda! — gritou o namorado, Don Hagarty, aos polícias.

— Calma, calma. Não há necessidade de usar esse tipo de vocabulário — disse o agente Harold Gardener a Hagarty.

Harold Gardener era um dos quatro filhos de Dave Gardener. No dia em que o pai encontrara o corpo sem vida e com apenas um braço de George Denbrough, Harold Gardener contava cinco anos. Neste dia, uns vinte e sete anos depois, tinha trinta e dois e estava a ficar careca. Harold Gardener aceitava como reais a dor e o luto de Don Hagarty, mas ao mesmo tempo achava impossível levá-los a sério. Aquele homem, se é que lhe podiam chamar homem, usava batom e calças de cetim tão justas que quase se viam as nervuras do pénis. Com luto ou sem ele, com dor ou sem dor, afinal não passava de um maricas. Como o amigo, o falecido Adrian Mellon.

— Vamos recomeçar — disse Jeffrey Reeves, o parceiro de Harold. — Vocês saíram do Falcon e viraram na direção do canal. E depois?

— Quantas vezes tenho de repetir isto, seus idiotas? — Hagarty ainda estava aos gritos. — Eles mataram-no! Empurraram-no para o canal! Para eles foi apenas outra aventura na Macholândia! — Don Hagarty começou a chorar.

— Mais uma vez — repetiu Reeves pacientemente. — Saíram do Falcon. E depois?

## 2

Numa sala de interrogatórios no mesmo corredor, dois polícias de Derry falavam com Steve Dubay, de dezassete anos; num gabinete do andar de cima, outros dois interrogavam John «Webby» Garton, de dezoito; e no gabinete do chefe da polícia no quinto andar, o chefe Andrew Rademacher e o assistente do promotor público Tom Boutillier interrogavam Christopher Unwin, de quinze anos. Unwin, que usava calças de ganga desbotadas, uma *t-shirt* suja de graxa e pesadas botas de cabedal, chorava. Rademacher e Boutillier haviam-no escolhido porque o tinham avaliado corretamente como o elo mais fraco.

— Vamos recomeçar — disse Boutillier nessa sala ao mesmo tempo que Jeffrey Reeves dizia a mesma coisa dois andares abaixo.

— Não queríamos matá-lo — balbuciou Unwin. — Foi o chapéu. Não podíamos acreditar que ele ainda estava a usar o chapéu depois de, sabem, depois do que o Webby disse na primeira vez. E acho que queríamos assustá-lo.

— Por causa do que tinha dito — interveio o chefe Rademacher.

— Sim.

— Ao John Garton, na tarde do dia dezassete.

— Sim, ao Webby. — Unwin recomeçou a chorar. — Mas quando o vimos em dificuldades tentámos salvá-lo... pelo menos eu e o Stevie Dubai. Não queríamos *matá-lo!*

— Vá lá, Chris, não me venhas com tangas — disse Boutillier. — Vocês atiraram o maricas para o canal.

— Sim, mas...

— E vieram aqui os três esclarecer as coisas. O chefe Rademacher e eu estamos gratos, não é verdade, Andy?

— Claro. É preciso ser-se homem para admitir o que se fez, Chris.

— Por isso não te enterres mais a mentir. Vocês decidiram atirá-lo assim que o viram a sair do Falcon com o amigo bicha, não é?

— Não! — protestou Chris Unwin com veemência.

Boutillier tirou um maço de *Marlboro* do bolso da camisa e meteu um cigarro na boca. Estendeu o maço a Unwin.

— Um cigarro?

Unwin tirou um. Boutillier teve de seguir a ponta do cigarro com um fósforo para lhe conseguir dar lume, pois a boca de Unwin tremia bastante.

— Mas sim quando viram que ele estava a usar o chapéu, certo? — perguntou Rademacher.

Unwin aspirou profundamente o fumo, baixando a cabeça de tal modo que o cabelo oleoso lhe caiu sobre os olhos, e expeliu o fumo pelo nariz coberto de pontos negros.

— Sim — admitiu, em voz tão baixa que mal se ouviu.

Boutillier inclinou-se para a frente com um brilho nos olhos castanhos. Embora tivesse uma expressão predatória, a voz era amável.

— O que disseste, Chris?

— Disse que sim. Acho que sim. Queríamos atirá-lo ao canal, sim, mas não matá-lo. — Ergueu o olhar naquele momento com uma expressão

angustiada, incapaz de compreender as extraordinárias mudanças que haviam ocorrido na sua vida desde que saíra de casa para participar na última noite do Festival do Canal, organizado pela cidade de Derry, com dois amigos, às sete e meia da noite anterior. — Mas não matá-lo! — repetiu. — E aquele tipo debaixo da ponte... continuo sem saber quem ele era.

— Que tipo? — perguntou Rademacher, mas sem um interesse por aí além.

Também já tinham ouvido aquela parte, e nenhum dos dois acreditara nela. Mais tarde ou mais cedo, os acusados de homicídio inventavam sempre um outro tipo misterioso. Boutillier até tinha um nome para isso: chamava-lhe «Síndrome do Homem com Um Só Braço», por causa da velha série *O Fugitivo*.

— O tipo vestido de palhaço — respondeu Chris Unwin, e estremeceu. — O tipo dos balões.

### 3

O Festival do Canal, que durou de 15 a 21 de julho, fora um grande êxito, segundo a maior parte dos residentes de Derry: uma ótima coisa para o moral e para a imagem da cidade... e para os seus cofres. O festival fora organizado para assinalar o centenário da inauguração do canal que passava pelo meio da cidade. Fora esse canal que abrira plenamente Derry ao comércio da madeira entre 1884 e 1910; fora também o canal que dera origem aos anos de bonança de Derry.

A cidade engalanou-se de leste a oeste e de norte a sul. Buracos que alguns residentes juravam não terem sido tapados durante dez anos ou mais foram enchidos com alcatrão e nivelados. Os edifícios receberam uma

remodelação por dentro e uma demão de tinta por fora. Os piores *graffiti* em Bassegy Park (a maior parte *slogans* lapidares antigas como MATEM TODOS OS MARICAS e SIDA É CASTIGO DE DEUS, MALDITOS MARICAS!!) foram apagados dos bancos e das paredes de madeira da pequena ponte coberta sobre o canal, conhecida como Ponte dos Beijos.

Instalou-se um Museu do Canal em três lojas vazias do centro, com material de Michael Hanlon, bibliotecário local e historiador diletante. As famílias mais antigas da cidade emprestaram de bom grado os seus tesouros quase inestimáveis e, durante a semana do festival, cerca de quarenta mil visitantes pagaram vinte e cinco cêntimos por cabeça para admirar ementas de restaurantes da década de 1890, ferramentas de lenhadores da década de 1880, brinquedos de criança da década de 1920 e mais de duas mil fotos e nove filmes sobre a vida em Derry nos últimos cem anos.

O museu foi patrocinado pela Sociedade Feminina de Derry, que vetou algumas das peças de exposição propostas por Hanlon (como a notória «cadeira dos vagabundos» da década de 1930) e fotografias (como as do gangue dos Bradley depois do famoso tiroteio). Mas todos reconheceram que foi um grande êxito e, na verdade, ninguém queria realmente ver essas coisas velhas e macabras. Era muito melhor acentuar o positivo e eliminar o negativo, como dizia a velha canção.

No jardim da cidade havia uma enorme tenda às riscas que vendia bebidas e todas as noites se realizavam concertos de bandas. No Bassegy Park instalou-se uma feira com atrações e jogos organizados pela população. Um comboio especial circulava pelas zonas históricas da cidade de hora a hora e terminava o passeio junto dessa máquina barulhenta e vistosa de fazer dinheiro.

Foi ali que Adrian Mellon ganhou o chapéu que levaria à sua morte, uma cartola de papel com uma flor e uma faixa a dizer EU ♥ DERRY!



— Estou de rastos — disse John «Webby» Garton.

Tal como os seus dois amigos, vestia uma imitação inconsciente da roupa de Bruce Springsteen, embora, se lhe perguntassem, provavelmente chamaria mariconço a Springsteen e declararia admiração por grupos de *heavy metal* «do caraças» como Def Leppard, Twisted Sister ou Judas Priest. Arrancara as mangas da *t-shirt* azul lisa para exhibir os braços bastante musculosos. O cabelo castanho volumoso caía sobre um dos olhos; esse toque era mais ao estilo de John Cougar Mellencamp do que de Bruce Springsteen. Tinha tatuagens azuis nos braços, símbolos arcanos que pareciam desenhados por uma criança.

— Não quero falar mais.

— Conta-nos apenas o que aconteceu terça à tarde na feira — pediu Paul Hughes.

Aquele sórdido assunto deixara-o cansado, chocado e consternado. Uma e outra vez, teve a impressão de que o festival terminara com um último número que todos, de algum modo, esperavam, embora ninguém se tivesse atrevido a incluí-lo na programação diária. Se o tivessem feito, teria aparecido assim:

*Sábado, 21h00:* Concerto de encerramento com a Derry High School Band e os Barber Shop Mello-Men.

*Sábado, 22h00:* Grandioso espetáculo de fogo de artifício.

*Sábado, 22h35:* Sacrifício ritual de Adrian Mellon, encerrando oficialmente o Festival do Canal.

— Foda-se a feira — respondeu Webby.

— Só o que disseste ao Mellon e o que ele te disse.

— Santo Deus. — Webby revirou os olhos.  
— Vá lá, Webby — incitou o parceiro de Hughes.  
Webby Garton revirou os olhos e recomeçou.

## 5

Garton viu Mellon e Hagarty a bambolearem-se com os braços na cintura um do outro e a rir como duas raparigas. A princípio, achou mesmo que *eram* duas raparigas. Depois reconheceu Mellon, que lhe tinha sido indicado antes. Nesse momento, viu Mellon virar-se para Hagarty... e os dois beijarem-se rapidamente.

— Eh, pá, vou vomitar! — exclamou Webby, enojado.

Com ele, estavam Chris Unwin e Steve Dubay. Quando Webby indicou Mellon, Steve Dubay disse que achava que o outro maricas se chamava Don qualquer coisa; tinha dado boleia a um rapaz da Derry High e tentara atirar-se a ele.

Mellon e Hagarty começaram a andar de novo em direção aos três rapazes, afastando-se da banca de tiro ao alvo, rumo à saída da feira. Webby Garton contaria mais tarde aos agentes Hughes e Conley que o seu «orgulho cívico» fora ferido ao ver um maldito maricas com um chapéu a dizer EU ♥ DERRY. Era uma coisa ridícula, aquele chapéu, uma imitação em papel de uma cartola com uma enorme flor a balançar em todas as direções. O ridículo do chapéu aparentemente ferira ainda mais o orgulho cívico de Webby.

— Devia obrigar-te a comer esse chapéu, seu maricas de merda! — gritou Webby Garton quando Mellon e Hagarty passaram, sempre abraçados pela cintura.

Mellon virou-se para Garton e pestanejou com ar coquete.

— Se queres comer alguma coisa, querido, posso arranjar uma muito *mais* saborosa do que o meu chapéu.

Nesse momento, Webby Garton decidiu dar uma fronha nova ao mariconço. Na geografia dessa cara levantar-se-iam montanhas e os continentes mudariam de sítio. Não ia tolerar que alguém sugerisse que chupasse uma pila.

Quando avançou na direção de Mellon, Hagarty, alarmado, tentou afastar o amigo, mas Mellon manteve-se firme e sorridente. Mais tarde, Garton contaria aos agentes Hughes e Conley que Mellon devia estar drogado. Estava mesmo, concordaria Hagarty quando essa ideia lhe foi transmitida pelos agentes Gardener e Reeves. Estava drogado com duas farturas untadas com mel, com a feira e com o dia inteiro. Consequentemente, não conseguiu reconhecer a verdadeira ameaça que Webby Garton representava.

— Mas o Adrian era assim — disse Don, usando um lenço de papel para limpar os olhos e espalhando a sombra brilhante que usava. — Não tinha muita noção de quando precisava de se proteger. Era um desses tolos que pensam que as coisas vão correr bem.

Podia ter ficado seriamente ferido naquele momento se Garton não tivesse sentido uma coisa bater-lhe no cotovelo. Era um cassetete. Virou a cabeça e deparou-se com o agente Frank Machen, outro membro da polícia de Derry.

— Esquece lá isso, rapazinho — disse Machen a Garton. — Mete-te na tua vida e deixa esses mariconços em paz. Vai divertir-te.

— Ouviu o que ele me chamou? — perguntou Garton, acalorado.

Nesse momento, juntaram-se-lhe Unwin e Dubay; ao farejarem problemas, tentaram afastar Garton dali, mas Garton empurrou-os e ter-se-ia virado contra eles com socos se tivessem insistido. A sua masculinidade

fora insultada e tinha de a vingar. Ninguém sugeria que ele chupasse uma pila. *Ninguém.*

— Não me parece que ele te tenha *chamado* alguma coisa — respondeu Machen. — E tu dirigiste-lhe primeiro a palavra, segundo creio. Agora sai daqui, rapaz. Não me faças repetir.

— Ele chamou-me bicha!

— E estás com medo de ser? — perguntou Machen, parecendo genuinamente interessado. Garton corou até à raiz dos cabelos.

Durante aquela conversa, Hagarty tentava com desespero crescente puxar Adrian Mellon para longe da cena. Mellon começou a afastar-se.

— Tchau, querido! — gritou Adrian, provocador, por cima do ombro.

— Cala-te, paneleiro — disse Machen. — Sai daqui.

Garton tentou atirar-se a Mellon, mas Machen segurou-o.

— Posso prender-te, amigo — disse Machen — e, pela forma como te estás a comportar, talvez não seja má ideia.

— Da próxima vez que te vir, vais *pagar!* — gritou Garton para as costas do par que se afastava, e várias cabeças viraram-se para o olhar. — *E se estiveres a usar esse chapéu, mato-te! Esta cidade não precisa de maricas como tu!*

Sem se virar, Mellon agitou os dedos da mão esquerda (tinha as unhas pintadas de vermelho-cereja) e meneou ainda mais as ancas. Garton lançou-se de novo.

— Mais uma palavra ou mais um movimento e vais preso — disse Machen em voz baixa. — Acredita em mim, rapaz, estou a falar a sério.

— Anda, Webby — disse Chris Unwin com constrangimento. — Acalma-te.

— Gosta de tipos daqueles? — perguntou Webby a Machen, ignorando completamente Chris e Steve. — Hã?

— Os maricas não me preocupam — disse Machen. — O que me interessa é manter a paz e o sossego, e tu estás a perturbar aquilo de que gosto, cara de piza. Queres ir dar uma volta comigo ou não?

— Anda, Webby — disse Steve Dubay baixinho. — Vamos comprar uns cachorros-quentes.

Webby seguiu-os, a endireitar a *t-shirt* com movimentos exagerados e a afastar o cabelo dos olhos. Machen, que também prestou declarações na manhã seguinte à morte de Adrian Mellon, disse: «A última coisa que o ouvi dizer quando estava a afastar-se com os amigos foi: “Da próxima vez que o vir, ele vai pagar.”»

## 6

— Por favor, tenho de falar com a minha mãe — pediu Steve Dubay pela terceira vez. — Se ela não amansar o meu padrasto, levo uma sova quando chegar a casa.

— Daqui a pouco — respondeu o agente Charles Avarino.

Tanto Avarino como o parceiro, Barney Morrison, sabiam que Steve Dubay não voltaria a casa naquela noite, nem nas próximas. O rapaz não parecia dar-se conta da gravidade da situação, e Avarino não ficaria admirado ao saber, mais tarde, que Dubay deixara a escola aos dezasseis anos. Na altura, ainda andava na Water Street Junior Highschool. Tinha um QI de sessenta e oito, de acordo com o teste que fizera numa das três passagens pelo sétimo ano.

— Conta-nos o que aconteceu quando viram o Mellon a sair do Falcon — pediu Morrison.

— Não, homem, é melhor não.

— E porque não? — perguntou Avarino.

— Já falei de mais, acho.

— Vieste para falar — disse Avarino. — Não é verdade?

— Bem... sim... mas...

— Ouve — disse Morrison pacientemente, sentando-se ao lado de Dubay e dando-lhe um cigarro. — Achas que eu e aqui o Chick gostamos de maricas?

— Não sei...

— Parecemos gostar de maricas?

— Não, mas...

— Somos teus amigos, Steve — disse Morrison solenemente. — E acredita, tu, o Chris e o Webby precisam de todos os amigos neste momento, porque amanhã todos os corações sensíveis desta cidade vão pedir as vossas cabeças.

Steve Dubay pareceu levemente alarmado. Avarino, que quase conseguia ler a mentezinha daquele idiota, desconfiava que ele estava de novo a pensar no padrasto. E, apesar de Avarino não gostar da pequena comunidade *gay* de Derry (como qualquer agente, gostaria de ver o Falcon fechado para sempre), teria gostado muito de levar Dubay a casa. Teria gostado muito, aliás, de segurar os braços de Dubay enquanto o padrasto lhe batia até o transformar numa polpa. Avarino não gostava de *gays*, mas isso não significava que achasse que deviam ser torturados e assassinados. Mellon fora brutalmente espancado. Quando o tiraram de baixo da ponte do canal, tinha os olhos abertos e arregalados de pavor. E aquele rapaz ali não tinha ideia do que ajudara a fazer.

— Não queríamos fazer-lhe mal. — repetiu Steve.

Era a posição para a qual retrocedia sempre que se sentia ligeiramente confuso.

— Por isso te convém ser sincero connosco — disse Avarino com ar grave. — Se disseres toda a verdade agora, quem sabe se tudo isto não irá

passar de uma coisa sem importância. Não é, Barney?

— Isso mesmo — concordou Morrison.

— E então, o que me dizes? — incitou Avarino.

— Bem... — disse Steve, e então, lentamente, começou a dizer de sua justiça.

## 7

Quando o Falcon abriu portas em 1973, Elmer Curtie pensou que a sua clientela seria composta, basicamente, pelos passageiros dos autocarros, pois o terminal vizinho servia três linhas diferentes: Trailways, Greyhound e Aroostook County. O que não lhe ocorreu foi que muitos dos passageiros de autocarro eram mulheres ou famílias com crianças. Entre os outros, muitos levavam as suas próprias garrafas em sacos de papel e nem saíam do autocarro. Os que saíam eram por norma soldados ou marinheiros que só queriam uma ou duas cervejas rápidas; não se apanhava um pifo durante uma paragem de dez minutos.

Curtie começara a descobrir algumas dessas verdades por volta de 1977, mas então já era demasiado tarde: estava atascado em dívidas e não tinha como sair do lodo. Ocorreu-lhe incendiar o bar para receber o seguro, mas provavelmente seria apanhado, a não ser que contratasse um profissional para provocar o incêndio... e, de qualquer modo, não fazia ideia de onde encontrar incendiários profissionais.

Em fevereiro desse ano decidiu esperar até ao 4 de Julho; se as coisas parecessem estar a mudar nessa altura, iria simplesmente dirigir-se ao edifício ao lado, meter-se num autocarro e ver como paravam as modas na Florida.

Nos cinco meses seguintes, porém, uma espécie de prosperidade incrível e silenciosa chegou ao bar, que estava pintado de preto e dourado por dentro e decorado com pássaros empalhados (o irmão de Elmer Curtie fora taxidermista amador, especializado em pássaros, e Elmer herdara tudo quando ele morreu). De repente, em vez de tirar sessenta cervejas e servir vinte bebidas por noite, Elmer tirava oitenta cervejas e servia cem bebidas... cento e vinte... às vezes até cento e sessenta.

A clientela era jovem, educada, quase exclusivamente masculina. Muitos vestiam-se de maneira extravagante, mas naqueles anos as roupas extravagantes ainda eram a norma, e Elmer Curtie só reparou que a maioria dos seus clientes era homossexual em 1981, mais ou menos. Se o ouvissem dizer isso, os residentes de Derry teriam rido e comentado que Elmer Curtie devia achar que todos tinham nascido na véspera, mas era a verdade. Como o corno, ele foi praticamente o último a saber... E quando soube, não se importou. O bar estava a dar dinheiro e, apesar de haver quatro outros bares em Derry que davam lucro, só no Falcon não havia clientes zaragateiros que partissem o estabelecimento com regularidade. Não havia mulheres por quem lutar, e aqueles homens, homossexuais ou não, pareciam ter aprendido um segredo para se darem bem uns com os outros que os seus equivalentes heterossexuais desconheciam.

Depois de tomar conhecimento das preferências sexuais dos clientes regulares, Elmer começou a ouvir histórias absurdas sobre o Falcon em todo o lado; essas histórias circulavam há uma data de anos, mas até 1981 Curtie não as tinha ouvido. Os narradores mais entusiastas dessas histórias, descobriu ele, eram homens que não se teriam deixado levar ao Falcon sob a mira de uma arma, com medo de perder os músculos do pulso, ou algo do género. No entanto, pareciam muito bem informados.

Segundo essas histórias, podia-se entrar lá em qualquer noite e ver homens a dançar agarrados, a massajar as pilas mesmo na pista de dança;



homens aos linguados no bar; homens a fazerem broches na casa de banho. Havia supostamente um quarto nas traseiras para onde se ia se uma pessoa quisesse passar algum tempo na Torre do Poder; encontrava-se lá um tipo enorme com um uniforme nazi e o braço lubrificado até ao ombro que teria todo o prazer em zelar pelos clientes.

Mas nenhuma dessas coisas era verdade. Se alguém com sede saía do terminal de autocarros para beber uma cerveja ou um uísque com soda, não via nada de estranho no Falcon. Havia muitos homens, claro, mas não era nada diferente de milhares de bares de trabalhadores por todo o país. A clientela era *gay*, mas *gay* não é sinónimo de estúpido. Se queriam coisas mais picantes, iam a Portland. Se queriam fazer loucuras muito grandes, iam a Nova Iorque ou Boston. Derry era pequena, Derry era provinciana e a pequena comunidade *gay* de Derry conhecia bem a sombra sob a qual vivia.

Don Hagarty frequentava o Falcon havia dois ou três anos na noite de março de 1984 em que apareceu lá com Adrian Mellon. Antes disso, fora do tipo de gostar de variar e raramente aparecia com a mesma companhia mais de seis vezes. Mas no final de abril tornou-se claro até para Elmer Curtie, que ligava pouco a essas coisas, que Hagarty e Mellon tinham uma relação firme.

Hagarty trabalhava como projetista numa empresa de engenharia em Bangor. Adrian Mellon era repórter *freelance* que publicava quando e onde pudesse: revistas de companhias aéreas, revistas femininas, revistas regionais, suplementos dominicais, revistas de sexo. Estava a escrever um romance, mas talvez não fosse algo sério, porque trabalhava nele desde o terceiro ano de faculdade, doze anos antes.

Tinha ido a Derry para escrever uma reportagem sobre o canal, a pedido da *New England Byways*, uma revista bimestral publicada em Concord. Adrian Mellon aceitou o trabalho porque conseguia sacar à *Byways* dinheiro para três semanas de despesas, incluindo um bom quarto no Derry

Town House, e juntar todo o material de que precisava para o artigo em cinco dias, talvez. Durante as outras duas semanas, podia juntar material suficiente para talvez quatro outras reportagens regionais.

Mas, durante esse período, conheceu Don Hagarty e, em vez de voltar para Portland quando as três semanas pagas acabaram, viu-se num pequeno apartamento em Kossuth Lane. Viveu ali durante apenas seis semanas. Depois disso, mudou-se para a casa de Don Hagarty.

## 8

Aquele verão, contou Hagarty a Harold Gardener e Jeff Reeves, foi o mais feliz da sua vida. Devia ter estado atento, disse; devia saber que Deus só coloca um tapete debaixo de gajos como ele para o puxar e os fazer cair.

A única sombra, disse ele, era o extravagante fanatismo com que Adrian se apegara a Derry. Tinha uma *t-shirt* a dizer MAINE NÃO É MAU, MAS DERRY É BESTIAL! Tinha um blusão dos Derry Tigers. E, claro, havia o chapéu. Alegava achar a atmosfera vital e revigorantemente criativa. Talvez houvesse alguma verdade nisso: tinha tirado o romance parado da caixa pela primeira vez em cerca de um ano.

— Então ele estava mesmo a escrever o romance? — perguntou Gardener a Hagarty; aquilo não lhe interessava por aí além, mas queria manter o outro a falar.

— Sim... escrevia páginas e páginas. Disse que podia ser um péssimo romance, mas que pelo menos já não ia ser um péssimo romance inacabado. Esperava concluí-lo antes dos seus anos, em outubro. Claro que não sabia como Derry é na realidade. Achava que sabia, mas não tinha passado tempo suficiente aqui para sentir o cheiro da verdadeira Derry. Tentei várias vezes dizer-lhe isso, mas ele não ouvia.

— E como é Derry na realidade, Don? — perguntou Reeves.

— Parece uma prostituta morta com vermes a saírem-lhe da greta — respondeu Don Hagarty.

Os dois polícias fitaram-no com assombro.

— É um sítio *mau* — disse Hagarty. — É um esgoto. Não vão dizer-me que não *sabem* isso! Passaram aqui a vida toda e não *sabem*?

Nenhum dos dois respondeu. Ao fim de algum tempo, Hagarty continuou a narrativa.

## 9

Até Adrian Mellon entrar na sua vida, Don tencionava ir-se embora de Derry. Estava ali há três anos, sobretudo porque alugara um apartamento com uma fantástica vista para o rio. O contrato estava prestes a terminar e Don alegrava-se com isso. Era o fim das longas viagens de ida e volta para Bangor em transportes públicos. E das vibrações estranhas. Uma vez disse a Adrian que em Derry pareciam estar sempre na vigésima quinta hora. Adrian podia achá-la um ótimo local, mas Don tinha medo de Derry. Não só pela atitude homofóbica da cidade, uma atitude claramente manifestada pelos pregadores e pelos *grafitti* em Bassey Park, mas este era um pormenor que podia assinalar com toda a clareza. Adrian rira-se.

— Don, em todas as povoações dos Estados Unidos há pessoas que odeiam os *gays* — disse ele. — Não me digas que não sabes isso. Afinal, estamos na era do Ronnie Moron e da Phyllis Housefly<sup>1</sup>.

— Vem ao Bassey Park comigo — respondera Don depois de ver que Adrian estava mesmo a falar a sério, convencido de que Derry era como qualquer outra cidade de província. — Quero mostrar-te uma coisa, meu amor.

Foram a Bassegy Park de carro; isso tivera lugar em meados de junho, cerca de um mês antes do homicídio de Adrian, contou Hagarty aos agentes. Levou Adrian para as sombras escuras e com um cheiro vagamente desagradável da Ponte dos Beijos. Apontou para um dos *grafitti*. Adrian tivera de acender um fósforo e segurá-lo abaixo das letras para conseguir ler.

MOSTRA-ME A PILA, MARICAS, E EU CORTO-TA.

— Sei o que as pessoas pensam dos homossexuais — disse Don baixinho. — Levei uma tarefa numa paragem de camiões em Dayton quando era adolescente; uns gajos em Portland pegaram-me fogo aos sapatos em frente a um *snack-bar* enquanto um bófia velho e gordo se ria dentro do carro-patrolha. Já vi muita coisa... mas nunca vi nada como isto. Olha para ali. Lê.

Outro fósforo revelou PREGOS NOS OLHOS DE TODOS OS PANELEIROS (EM NOME DE DEUS)!

— Quem escreve essas pequenas homilias tem um problema sério de loucura. Sentir-me-ia melhor se achasse que era uma só pessoa, um tarado isolado, mas... — Don indicou com o braço a Ponte dos Beijos. — Há muitas coisas dessas... e acho que não foi uma pessoa que as escreveu todas. É por isso que quero sair de Derry, Ade. Há demasiados lugares e demasiadas pessoas aqui que parecem sofrer de demência profunda.

— Bom, espera até eu terminar o meu romance, está bem? Por favor, sim? Até outubro, prometo, nem um dia a mais. Aqui o ar é melhor.

— Ele não sabia que o perigo estava na água — diria depois Don Hagarty, com amargura, aos polícias.

Tom Boutillier e o chefe Rademacher inclinaram-se para a frente, sem dizer palavra. Chris Unwin estava sentado com a cabeça baixa, a falar em tom monocórdico para o chão. Aquela era a parte que lhes interessava ouvir; era a parte que ia mandar pelo menos dois daqueles idiotas para a prisão.

— A feira não prestava — disse Unwin. — Já estavam a desmontar as atrações melhores: a montanha-russa e o paraquedas. Tinham colocado um aviso nos carrinhos de choque a dizer «fechado». Não havia nada aberto, só as diversões para os putos. Então fomos para a área dos jogos, e o Webby viu a banca do tiro ao alvo; pagou cinquenta cêntimos, viu aquele chapéu que o maricas estava a usar e tentou conseguir um, mas falhou várias vezes e, de cada vez que falhava, o humor dele piorava, percebem? E o Steve, o gajo que costuma andar por aí a dizer tranquilo meu, tens de ficar tranquilo, percebem? Mas nessa noite ele estava passado porque tomou um comprimido, percebem? Não sei que tipo de comprimido. Um comprimido vermelho. Talvez até fosse legal. Mas começou a chatear o Webby até eu achar que o Webby lhe ia bater, percebem? Fartou-se de repetir: «Nem sequer consegues ganhar esse chapéu de maricas. Deves estar mesmo bêbedo se nem sequer consegues ganhar esse chapéu de maricas. Então a mulher acabou por lhe dar um prémio apesar de ele não ter acertado, porque acho que se queria livrar de nós. Não sei. Talvez não. Mas acho que sim. Era uma coisa de fazer barulho, percebem? Sopra-se, ela enche-se e desenrola-se e faz um barulho de peido, percebem? Já tive um. Recebi-o no Halloween ou no Ano Novo ou num feriado qualquer. Achava-o muito fixe, mas perdi-o. Ou talvez alguém mo tenha tirado do bolso no recreio da escola, percebem? Bom, então a feira estava a fechar e íamos a sair e o Steve ainda estava a chatear o Webby por ele não ter conseguido ganhar o chapéu de maricas, percebem?, e o Webby não falava muito e sei que isso é mau sinal, mas eu estava bêbedo, percebem? Sabia que tinha de mudar de

assunto, mas não conseguia pensar em nada, percebem? Então quando entrámos no estacionamento, o Steve perguntou: «Onde queres ir? Para casa?» E o Webby respondeu: «Vamos passar primeiro pelo Falcon para ver se aquele maricas está por lá.»

Boutillier e Rademacher trocaram um olhar. Boutillier ergueu um único dedo e bateu com ele no rosto; apesar de o pateta de botas não o saber, estava a falar de homicídio premeditado.

— Então eu disse não, tenho de ir para casa, e o Webby perguntou: «Tens medo de passar à frente daquele bar de paneleiros?» E eu respondi: «Porra, não!?» E o Steve ainda estava pedrado, acho, e disse: «Vamos fazer puré de maricas! Vamos fazer puré de maricas! Vamos fazer...»

## 11

As coisas combinaram-se de maneira tal que tudo correu mal a toda a gente. Adrian Mellon e Don Hagarty saíram do Falcon depois de beberem duas cervejas, passaram pelo terminal de autocarros e deram as mãos. Nenhum dos dois reparou no que fazia; era apenas um hábito. Eram nessa altura 22h20. Chegaram à esquina e viraram à esquerda.

A Ponte dos Beijos ficava uns setecentos metros rio acima dali; tencionavam atravessar a ponte de Main Street, que era muito menos pitoresca. O Kenduskeag estava baixo, como todos os verões, tendo no máximo um metro e vinte de água a deslizar apaticamente pelos pilares de betão da ponte.

Quando o *Duster* chegou ao lado deles (Steve Dubay tinha-os visto a sair do Falcon e indicara-os alegremente), iam a chegar à ponte.

— Corta-lhes o caminho! Corta-lhes o caminho! — gritou Webby Garton.

Os dois homens tinham acabado de passar sob um candeeiro e ele vira que iam de mãos dadas. Isso enfureceu-o... mas não tanto como o chapéu. A enorme flor de papel balançava desalmadamente de um lado para o outro.

— Corta-lhes o caminho, porra!

E Steve cortou.

Chris Unwin negaria a sua participação ativa no que se seguiu, mas Don Hagarty contava uma história diferente. Disse que Garton saíra do carro ainda antes de ele parar, e que os outros dois o seguiram rapidamente. Houve conversa. Não foi boa. Naquela noite, não houve tentativa de irreverência nem de namorico falso da parte de Adrian; ele reconheceu que estavam em maus lençóis.

— Dá-me esse chapéu — disse Garton. — Dá-mo, maricas.

— Se eu der, deixas-nos em paz? — Adrian ofegava de medo, prestes a chorar, olhando de Unwin para Dubai e Garton aterrorizado.

— Dá-me mas é essa merda!

Adrian entregou-lhe o chapéu. Garton tirou uma ponta e mola do bolso esquerdo das calças de ganga e cortou-o ao meio. Depois de esfregar os bocados no traseiro das calças, atirou-os ao chão e pisou-os.

Don Hagarty afastou-se um pouco enquanto a atenção deles se encontrava dividida entre Adrian e o chapéu. Disse que estava à procura de um polícia.

— Agora deixas-nos em p... — começou Adrian Mellon, e foi nesse momento que Garton lhe deu um soco na cara, empurrando-o contra o parapeito da ponte, que lhe chegava à cintura. Adrian gritou e levou as mãos à boca. O sangue jorrou por entre os seus dedos.

— *Ade!* — gritou Hagarty, e correu de novo para a frente.

Dubai pregou-lhe uma rasteira. Garton deu-lhe um pontapé na barriga e fê-lo rebolar do passeio para a estrada. Um carro passou. Hagarty pôs-se de

joelhos a gritar. O carro não abrandou. O condutor, contou ele a Gardener e Reeves, nem olhou para trás.

— Cala a boca, maricas! — disse Dubay, e assestou-lhe um pontapé na cara.

Hagarty caiu de lado na sarjeta, semiconsciente. Momentos depois, ouviu uma voz, a de Chris Unwin, a mandá-lo ir-se embora antes de receber o que o amigo estava a receber. No seu próprio depoimento, Unwin confirmou ter feito esse aviso.

Hagarty ouviu baques surdos e os gritos do seu amante. Adrian parecia um coelho numa armadilha, contou ele à polícia. Hagarty rastejou em direção ao cruzamento e às luzes intensas do terminal de autocarros e, quando estava a uma certa distância, virou-se para olhar.

Adrian Mellon, que tinha um metro e sessenta e cinco e pesava apenas uns sessenta quilos, estava a ser empurrado de Garton para Dubay e de Dubay para Unwin numa espécie de triangulação futebolística. O corpo dele oscilava como o corpo de uma boneca de trapos. Estavam a dar-lhe socos, a bater-lhe, a rasgar-lhe a roupa. Ele disse que, enquanto olhava, Garton lhe deu um soco na virilha. Adrian tinha o cabelo caído sobre o rosto. Da boca jorrava sangue, empapando-lhe a camisa. Webby Garton usava dois anéis pesados na mão direita: um era um anel da Derry High School, o outro fora feito por ele numa aula de metalomecânica, com as letras DB de metal entrelaçadas em alto-relevo com sete centímetros. As letras referiam-se aos Dead Bugs, uma banda de *heavy metal* de que ele gostava muito. Os anéis cortaram o lábio superior de Adrian e partiram-lhe três dentes de cima perto da gengiva.

— Socorro! — gritou Hagarty. — Socorro! Socorro! Estão a matá-lo! Socorro!

Os edifícios em Main Street erguiam-se escuros e secretos. Ninguém saiu para ajudar, nem da única ilha branca de luz que assinalava o terminal



de autocarros, e Hagarty não conseguiu perceber: havia ali pessoas. Tinha-as visto quando passara com Ade. Será que ninguém sairia para ajudar? Nem uma pessoa?

— SOCORRO! SOCORRO! ESTÃO A MATÁ-LO, SOCORRO, POR FAVOR, PELO AMOR DE DEUS!

— Socorro — sussurrou uma voz baixa à esquerda de Don Hagarty... e em seguida, uma risada.

— À água! — gritava Garton nesse momento... morto de riso. Os três, contou Hagarty a Gardener e Reeves, estavam a rir enquanto espancavam Adrian. — À água! À água!

— À água! À água! À água! — cantarolou Dubay, a rir.

— Socorro — repetiu a vizinha.

E embora o tom fosse sério, a risada aguda soou de novo; e era como a voz de uma criança que não consegue conter-se.

Hagarty olhou para baixo e viu o palhaço, e foi nesse ponto que Gardener e Reeves começaram a ignorar tudo o que Hagarty dizia, porque o resto eram delírios de um lunático. Mais tarde, no entanto, Harold Gardener teve dúvidas. Depois, quando soube que o jovem Unwin também vira um palhaço, ou disse ter visto, começou a questionar-se. O parceiro nunca teve dúvidas; pelo menos, nunca as reconheceu.

Hagarty disse que o palhaço parecia uma mistura entre Ronald McDonald e aquele velho palhaço da televisão, o Bozo. Ou foi o que pensou ao princípio. Eram os tufos desgrenhados de cabelo cor de laranja que faziam surgir essa comparação. Mas considerações posteriores tinham-no levado a pensar que o palhaço não se parecia com nenhum dos dois. O sorriso pintado no rosto branco era vermelho, não laranja, e os olhos eram de um prateado cintilante estranho. Lentes de contacto, talvez... Mas parte dele pensara na altura, e continuava a pensar, que talvez prateada fosse a

verdadeira cor daqueles olhos. Usava uma roupa larga com grandes pompons cor de laranja; nas mãos, luvas de desenhos animados.

— Se precisares de ajuda, Don, podes tirar um balão — disse o palhaço. E estendeu-lhe os que segurava.

— Eles flutuam — disse o palhaço. — Aqui em baixo, todos flutuamos; em breve, o teu amigo também vai flutuar.

## 12

— Esse palhaço tratou-o pelo nome — disse Jeff Reeves com uma voz totalmente inexpressiva. Olhou por cima da cabeça baixa de Hagarty para Harold Gardener, e piscou um olho.

— Sim — disse Hagarty sem levantar o olhar. — Eu sei o que parece.

## 13

— Então vocês atiraram-no à água — disse Boutillier. — À água.

— Eu não! — exclamou Unwin, erguendo o olhar. Tirou o cabelo dos olhos com a mão e fitou-os com desespero. — Quando vi que eles tencionavam mesmo fazer aquilo, tentei puxar o Steve, porque sabia que o maricas se podia aleijar... Eram uns três metros até à água...

Eram sete. Um dos agentes do chefe Rademacher já tinha medido.

— Mas ele parecia louco. Continuavam os dois a gritar «À água! À água!», e então pegaram-lhe. O Webby segurou-o por baixo dos braços e o Steve pela parte de trás das calças, e... e...

Quando Hagarty viu o que estavam a fazer, correu na direção deles a gritar «Não! Não! Não!» a plenos pulmões.

Chris Unwin empurrou-o para trás; Hagarty caiu no passeio, batendo com os dentes.

— Queres ir também? — sussurrou ele. — Corre, querido!

Lançaram então Adrian Mellon da ponte para a água. Hagarty ouviu o som dele a cair no rio.

— Vamos embora daqui — disse Steve Dubay. Ele e Webby estavam a recuar para o carro.

Chris Unwin foi até ao parapeito e olhou para baixo. Viu Hagarty primeiro, a deslizar e a agarrar-se à erva da margem cheia de lixo para chegar à água. E então, viu o palhaço. O palhaço estava a arrastar Adrian na outra margem com um braço; a outra mão segurava os balões. Adrian gemia, encharcado, sufocado. O palhaço voltou a cabeça e sorriu a Chris. Chris disse que viu os olhos prateados brilhantes e os dentes à mostra, dentes grandes, disse ele.

— Como os do leão no circo, meu — disse ele. — Eram mesmo enormes.

A seguir, disse que viu o palhaço levantar um dos braços de Adrian Mellon.

— E depois, Chris? — perguntou Boutillier. Estava entediado com aquela parte. Desde os oito anos que os contos de fadas o faziam bocejar.

— Sei lá — disse Chris. — Foi nessa altura que o Steve me agarrou e me enfiou no carro. Mas... acho que lhe mordeu o sovaco. — Ergueu o olhar para eles, com incerteza. — Acho que foi isso que ele fez. Mordeu-lhe o sovaco. Como se quisesse comê-lo, pá. Como se quisesse devorar-lhe o coração.

Não, disse Hagarty quando lhe deram a ler a declaração de Chris Unwin. O palhaço não arrastou Ade até à outra margem, pelo menos que ele tenha visto — e admitiu que naquela altura não era um observador desinteressado; já estava completamente enlouquecido.

O palhaço, disse ele, estava na margem oposta com o corpo encharcado de Adrian nos braços. O braço direito de Ade estava esticado atrás da cabeça do palhaço, e o rosto do palhaço estava mesmo na axila direita de Ade, mas não estava a morder. Estava a sorrir. Hagarty conseguiu vê-lo a olhar por baixo do braço de Ade e a sorrir.

Os braços do palhaço apertaram-se e Hagarty ouviu costelas partirem-se.

Ade gritou.

— Flutua connosco, Don — disse o palhaço com a sua boca vermelha sorridente, e apontou com uma das mãos de luvas brancas para baixo da ponte.

Havia balões a flutuar debaixo da ponte, não uma dezena ou uma dezena de dezenas, mas milhares, vermelhos e azuis e verdes e amarelos, e impresso em cada um estava EU ♥ DERRY!

— Bem, parece que havia muitos balões — disse Reeves, e deu outra piscadela a Harold Gardener.

— Sei o que parece — repetiu Hagarty com a mesma voz cansada.

— E você viu aqueles balões — disse Gardener.

Don Hagarty levantou as mãos lentamente diante do rosto.

— Vi-os tão claramente como estou a ver os meus dedos. Milhares deles. Nem se podia ver a parte de baixo da ponte, porque eram muitos. Ondulavam um pouco, e pareciam saltar. Ouvia-se um ruído. Um ruído baixo e estranho. Eram os balões a roçar uns nos outros. E cordéis. Havia uma floresta de cordéis brancos pendurados. Pareciam os fios de uma teia de aranha. O palhaço levou Ade ali para baixo. Consegui ver a roupa dele a roçar nos cordéis. O Ade fazia uns barulhos terríveis, como que engasgado. Comecei a ir atrás dele... e o palhaço olhou para trás. Vi os seus olhos e imediatamente compreendi quem era.

— Quem era, Don? — perguntou Harold Gardener baixinho.

— Era Derry — disse Don Hagarty. — Era esta cidade.

— E o que fez então? — falou Reeves.

— Desatei a correr, idiota — disse Hagarty, e irrompeu em lágrimas.

## 17

Harold Gardener manteve-se calado até ao dia 13 de novembro, a véspera do dia em que John Garton e Steven Dubay seriam julgados no tribunal de Derry pelo homicídio de Adrian Mellon. Depois foi ver Tom Boutillier. Queria falar sobre o palhaço. Boutillier não estava para aí virado, mas quando viu que Gardener poderia fazer alguma coisa idiota sem orientação, cedeu.

— Não havia nenhum palhaço, Harold. Os únicos palhaços na rua, naquela noite, eram aqueles rapazes. Sabe isso tão bem como eu.

— Temos duas testemunhas...

— Oh, esses disparates. Assim que percebeu que desta vez se tinha metido numa confusão a sério, o Unwin decidiu sacar do argumento do Homem de Um Só Braço, como quem diz «não matámos o pobre maricas,

foi o homem de um só braço». O Hagarty estava histérico. Ficou parado a ver os rapazes matarem o seu melhor amigo. Não me surpreenderia se tivesse visto discos voadores.

Mas Boutillier tinha outras ideias. Gardener conseguia lê-las nos seus olhos, e a atitude esquiva do promotor assistente irritou-o.

— Vá lá — disse. — Estamos a falar de testemunhas independentes. Não me venha com disparates.

— Ah, quer falar de disparates? Está a dizer que acredita que havia um palhaço vampiro debaixo da ponte de Main Street? Porque, para mim, isso é que é um disparate.

— Não, não propriamente, mas...

— Ou que o Hagarty viu milhões de balões lá em baixo, cada um com a mesma legenda do chapéu do amante? Porque, para mim, isso *também* é um disparate.

— Não, mas...

— Então porque está a incomodar-me com isso?

— *Pare de me interrogar!* — gritou Gardener. — Os dois descreveram o mesmo e nenhum sabia o que o outro estava a dizer!

Boutillier encontrara-se sentado à secretária, a brincar com um lápis. Pousou o lápis sobre a mesa, levantou-se e aproximou-se de Harold Gardener. Boutillier era doze centímetros mais baixo, mas confrontado com a fúria do outro, Gardener deu um passo para trás.

— Quer perder este caso, Harold?

— Não. Claro que n...

— Quer que aqueles estupores fiquem em liberdade?

— Não!

— Certo. Ótimo. Como concordamos com o básico, vou dizer-lhe exatamente o que acho. Sim, devia haver um homem debaixo da ponte naquela noite. Talvez até estivesse a usar uma roupa de palhaço, apesar de

eu já ter lidado com suficientes testemunhas para saber que devia ser um bêbedo ou um vagabundo com roupa em segunda mão. Acho que devia estar lá em baixo à procura de moedas caídas ou restos de comida: metade de um hambúrguer que alguém deitou fora ou se calhar as migalhas no fundo de um pacote de batatas fritas. Os *olhos* deles fizeram o resto, Harold. Isso é possível?

— Não sei — respondeu Harold. Queria deixar-se convencer, mas dada a correspondência exata das duas descrições... não. Não achava possível.

— A questão é a seguinte. Não me interessa se foi o palhaço Kinko, um tipo com anda vestido de Tio Sam, ou Hubert, o Homossexual Feliz. Se introduzirmos esse indivíduo no caso, o advogado deles vai agarrar-se a isso com unhas e dentes antes de podermos soltar um ai. Vai dizer que os dois cordeirinhos inocentes com cabelos recém-cortados e roupas novas não fizeram nada além de atirar o homossexual chamado Mellon da ponte, na brincadeira. Vai fazer notar que o Mellon ainda estava vivo depois de cair; têm o depoimento do Hagarty, assim como o do Unwin para isso. Os clientes dele não assassinaram ninguém, ah, não! Foi um psicopata vestido de palhaço. Se introduzirmos isso, é o que vai acontecer e você sabe.

— O Unwin vai contar essa história, de qualquer forma.

— Mas o Hagarty não — disse Boutillier. — Porque *ele* entende. Sem o Hagarty, quem vai acreditar no Unwin?

— Bem, nós — disse Harold Gardener com uma amargura que até a si o surpreendeu —, mas acho que *não vamos* dizer nada.

— Oh, por favor! — rosnou Boutillier, levantando as mãos. — *Eles mataram-no!* Não se limitaram a atirá-lo da ponte, o Garton tinha uma ponta e mola. O Mellon foi esfaqueado sete vezes, incluindo uma vez no pulmão esquerdo e duas vezes nos testículos. Os ferimentos correspondem à lâmina. Tinha quatro costelas partidas. Foi o Dubai que fez isso, com o abraço à urso. Ele foi mesmo mordido. Tinha dentadas nos braços, na face

esquerda, no pescoço. Acho que foram o Unwin e o Garton, apesar de só termos conseguido uma correspondência clara, e mesmo essa não deve estar suficientemente clara para ser usada em tribunal. E sim, está bem, faltava um grande bocado de carne da axila direita. E depois? Um deles gostava mesmo de morder. Deve até ter ficado de pau feito quando estava a fazer isso. Aposto no Garton, apesar de nunca o conseguirmos provar. E o lóbulo da orelha do Mellon desapareceu.

Boutillier interrompeu-se e fulminou Harold com o olhar.

— Se permitirmos que esta história do palhaço apareça, nunca vamos conseguir mandar prender os três. É isso que quer?

— Não, já lhe disse.

— O tipo era maricas, mas não fazia mal a ninguém — disse Boutillier. — E então, do nada, aparecem esses três paspalhos de botas de motociclista e roubam-lhe a vida. Vou meter os três na cadeia, meu amigo, e se eu souber que os cuzinhos apertados deles foram arrombados em Thomaston, vou mandar-lhes postais a dizer que espero que tenham apanhado sida.

*Muito feroz, pensou Gardener. E as condenações também vão ficar muito bem no teu currículo quando concorreres ao posto máximo dentro de dois anos.*

Mas foi-se embora sem dizer mais nada, porque também queria ver os três rapazes presos.

John Webber Garton foi declarado culpado de homicídio premeditado e condenado a uma pena entre dez e vinte anos na Prisão Estadual de Thomaston.



Condenado por homicídio premeditado, Steven Bishoff Dubay recebeu uma pena de quinze anos na Prisão Estadual de Shawshank.

Christopher Philip Unwin foi julgado separadamente como menor e condenado por homicídio involuntário. Foi condenado a seis meses no reformatório de South Windham, com pena suspensa.

Na altura em que este texto é escrito, as três sentenças estão a ser alvo de recurso; Garton e Dubay podem ser vistos, num dia qualquer, a olhar para raparigas ou a jogar à moeda em Bassey Park, não longe de onde o corpo desfigurado de Mellon foi encontrado a flutuar contra um dos pilares da ponte de Main Street.

Don Hagarty e Chris Unwin abandonaram a cidade.

No julgamento principal, o de Garton e Dubay, ninguém mencionou a existência de um palhaço.

---

<sup>1</sup> Referências a Ronald Reagan e a Phyllis Schlafly, ativista conservadora. (*N. das T.*)

### CAPÍTULO 3

## SEIS TELEFONEMAS (1985)

### 1

#### *Stanley Uris toma banho*

Patricia Uris contou mais tarde à mãe que alguma coisa estava mal e devia ter percebido. Devia ter percebido porque Stanley *nunca* tomava banho de imersão ao início da noite. Tomava duche todas as manhãs e às vezes um banho de imersão ao fim da noite (com uma revista numa mão e uma cerveja gelada na outra), mas banhos de imersão às sete da tarde não eram o seu género.

E havia a questão dos livros. Devia tê-lo alegrado; mas, por algum motivo obscuro que ela não entendia, pareceu tê-lo aborrecido e deprimido. Cerca de três meses antes daquela noite terrível, Stanley descobrira que um amigo de infância se tornara escritor. Não um escritor a sério, contou Patricia à mãe, mas um romancista. O nome nos livros era William Denbrough, mas Stanley às vezes chamava-lhe Bill Gago. Lera quase todos os livros do homem; na verdade, estivera a ler o último na noite do banho, a noite de 28 de maio de 1985. A própria Patty pegara num dos primeiros, por pura curiosidade. Interrompera a leitura ao fim de apenas três capítulos.

Não era apenas um romance, disse ela à mãe mais tarde; era um livro-de-terror. Disse-o daquela maneira, como se fosse uma palavra só, como teria dito livro-de-sexo. Patty era uma mulher doce e meiga, mas não sabia expressar-se muito bem. Quisera contar à mãe até que ponto aquele livro a assustara e porque a perturbara, mas não conseguiu.

— Estava cheio de monstros — disse ela. — Cheio de monstros a perseguirem crianças. Havia mortes e... não sei... sentimentos feios e dor. Coisas assim. — Na verdade, achara-o bastante pornográfico; essa era a palavra que lhe escapava, provavelmente porque nunca a dissera na vida, embora soubesse o que significava. — Mas o Stan parecia ter redescoberto um dos amigos de infância... Falou em escrever-lhe, mas eu sabia que não o faria... Sabia que aquelas histórias também o faziam sentir-se mal... e... e...

E então, Patty Uris começou a chorar.

Naquela noite, quando faltavam aproximadamente seis meses para completar vinte e oito anos daquele dia em 1957 em que George Denbrough conhecera Pennywise, o Palhaço, Stanley e Patty estavam sentados na sala de estar da casa onde viviam num subúrbio de Atlanta com o televisor ligado. Patty sentara-se no sofá de dois lugares diante dele, a dividir a atenção entre a costura e o seu concurso favorito, *Family Feud*. Adorava Richard Dawson e achava a corrente do relógio de bolso que ele usava bastante *sexy*, apesar de nada no mundo ser capaz de lhe arrancar essa confissão. Também gostava do programa porque sabia quase sempre as respostas mais populares (não havia respostas *certas* em *Family Feud*, a bem dizer; só as mais populares). Uma vez perguntara a Stan por que motivo as perguntas que pareciam tão fáceis para ela costumavam ser tão difíceis para as famílias no programa.

— Deve ser bastante mais difícil quando se está debaixo daquelas luzes — respondera Stanley, e parecera-lhe que uma sombra cruzara o rosto dele.

— Tudo se torna bastante mais difícil quando é a sério. É aí que uma pessoa se engasga. Quando é a sério.

Devia ser bem verdade, decidiu ela. Stanley era bastante perspicaz quando à natureza humana. Muito mais, refletiu ela, do que o seu velho *amigo* William Denbrough, que enriquecera a escrever uma data de livros-de-terror que apelavam à natureza mais primitiva das pessoas.

Não que os Uris estivessem mal na vida! O subúrbio onde viviam era bom, e a casa que tinham comprado por oitenta e sete mil dólares em 1979 provavelmente vender-se-ia depressa e bem por cento e sessenta e cinco mil; não que ela quisesse vender, mas era bom saber essas coisas. Às vezes voltava do centro comercial Fox Run no seu *Volvo* (Stanley tinha um *Mercedes* a gasóleo e, para o provocar, ela chamava-lhe «Sedanley») e, ao ver a casa, agradavelmente posicionada atrás de uma cerca baixa de teixos, pensava: *Quem vive ali? Ah, sou eu! A senhora Stanley Uris vive ali!* Não era um pensamento completamente feliz; à mistura havia um orgulho tão feroz que chegava a deixá-la um pouco enjoada. Em tempos, afinal, houvera uma rapariga solitária de dezoito anos chamada Patricia Blum a quem tinham recusado a entrada na festa de fim de curso que teve lugar no *country club* de Glointon, Nova Iorque. A entrada fora-lhe recusada por ter um apelido judeu. Em 1967, ela não passava realmente de uma judiazinha magricela. Claro que essas discriminações eram ilegais, ah ah, e, além disso, tudo pertencia ao passado. Mas para uma parte dela, nunca seria passado. Parte dela estaria sempre a voltar para o carro com Michael Rosenblatt, a ouvir a gravilha debaixo dos seus saltos e dos sapatos alugados dele, para o carro que ele pedira emprestado ao pai e que passara a tarde a encerar. Parte dela estaria sempre a andar ao lado de Michael, no seu casaco branco alugado. Como ele brilhara na amena noite de primavera! Ela usara um vestido de noite verde-claro que a mãe dissera que a fazia parecer uma sereia, e a ideia de uma sereia judia era muito engraçada, ah ah.

Tinham voltado para o carro de cabeça erguida e ela não chorara, pelo menos naquele momento, mas percebera que não tinham voltado para o carro, não, não a sério; tinham fugido, os dois a sentirem-se mais judeus do que alguma vez se sentiram na vida, a sentirem-se como prestamistas, como passageiros de carruagens de gado, oleosos, narigudos, de pele amarelada; a sentirem-se a caricatura de um judeu. Queria sentir fúria e não conseguia. A fúria só surgiu depois, quando não importava. Naquele momento, ela só conseguira sentir vergonha, só conseguira sofrer. E então, alguém se rira. Uma gargalhada aguda e penetrante, como notas rápidas num piano, e no carro ela conseguira chorar, ah, podem crer, aqui está a sereia judia a chorar como louca. Mike Rosenblatt pousara-lhe uma mão desajeitada e reconfortante na nuca, mas ela afastara-se, sentindo vergonha, sentindo-se suja, sentindo-se *judia*.

A casa posicionada com enorme bom gosto atrás das sebes de teixo melhorou isso... mas não completamente. A dor e a vergonha ainda estavam lá, e nem sequer o facto de ser aceite naquele bairro calmo e rico conseguia apagar a interminável caminhada com o som da gravilha sob os sapatos. Nem o facto de serem membros *daquele country club*, onde o *maître* os cumprimentava sempre com um respeitoso «Boa noite, senhor e senhora Uris». Ela voltava para casa, aninhada no *Volvo* de 1984, e olhava para a mansão no relvado verde, e com frequência (excessiva frequência, achava ela) pensava naquela risada aguda. Oxalá a rapariga que rira vivesse numa casinha miserável com um marido *goy* que lhe batesse, que tivesse engravidado três vezes e feito três abortos, que o marido a traísse com mulheres cheias de doenças, que tivesse hérnias disciais e pés chatos e quistos na língua suja.

Odiava-se por aqueles pensamentos, pensamentos pouco caridosos, e prometia melhorar: parar de beber aqueles *cocktails* de fel e ressentimento. Passavam-se meses sem ter esses pensamentos. Então dizia a si mesma:

*Talvez finalmente tudo tenha ficado para trás. Já não sou aquela rapariga de dezoito anos. Sou uma mulher de trinta e seis; a rapariga que ouviu o interminável barulho da gravilha, a rapariga que se afastou da mão de Mike Rosenblatt quando ele tentou consolá-la porque era uma mão judia, foi há meia vida. Aquela sereiazinha tola está morta. Posso esquecê-la e ser eu mesma. Certo. Bom. Ótimo. Mas então estaria noutro lado, no supermercado, talvez, e ouvia uma risada aguda repentina no corredor ao lado e as suas costas ficavam arrepiadas, os mamilos duros e doridos, as mãos apertavam a barra do carrinho de compras ou torciam-se, e pensava: Alguém acabou de contar a alguém que sou judia, que não passo de uma judia nariguda, que o Stanley não passa de um judeu narigudo, ele é contabilista, claro, os judeus são bons com números, deixámo-los entrar no country club, fomos obrigados a isso, foi em 1981, quando aquele ginecologista narigudo judeu ganhou o processo, mas rimo-nos deles, rimos até mais não. Ou ouvia apenas o barulho fantasma da gravilha e pensava: Sereia! Sereia!*

Então o ódio e a vergonha voltavam como uma enxaqueca, e ela entrava em desespero não apenas por si própria, mas por toda a raça humana. Lobisomens. O livro de Denbrough, o que ela tentara ler e desistira, era sobre lobisomens. Lobisomens, porra. O que sabia um homem daqueles acerca de lobisomens?

Mas a maior parte do tempo sentia-se melhor, sentia que estava melhor. Amava o marido, amava a casa e costumava conseguir amar a vida e a si mesma. As coisas estavam boas. Não tinham sido sempre assim, claro. Alguma vez o eram? Quando aceitou o anel de noivado de Stanley, os pais tinham ficado zangados e tristes. Conhecera-o numa festa da faculdade. Ele fora à faculdade dela da New York State University, onde tinha uma bolsa. Um amigo em comum apresentara-os e, quando a noite terminou, palpitava-lhe que o amava. Nas férias do Natal, teve a certeza. Quando a primavera

chegou e Stanley lhe ofereceu um pequeno anel de diamante onde enfiara uma margarida, ela aceitou.

No fim, apesar da oposição inicial, os pais acabaram por aceitar também. Não tinham outro remédio, embora Stanley Uris fosse aventurar-se num mercado laboral saturado de jovens contabilistas — sem uma almofada financeira familiar e com a única filha dos Blum como refém. Mas Patty tinha vinte e dois anos, já era uma mulher, e em pouco tempo terminaria o curso universitário.

— Vou sustentar aquele filho da mãe de quatro-olhos o resto da vida — ouvira o seu pai dizer uma noite que voltara tocado depois de ir jantar fora com a mãe.

— Chiu, ela vai ouvir-te — dissera Ruth Blum.

Patty ficara acordada naquela noite até muito depois da meia-noite, com olhos secos, alternadamente com calor e com frio, odiando os dois. Passara os dois anos seguintes a tentar livrar-se desse ódio; já havia demasiado ódio dentro dela. Às vezes, quando se olhava ao espelho, conseguia ver as coisas que o ódio estava a fazer ao seu rosto, as rugas finas que começava ali a desenhar. Foi uma batalha de que saiu vencedora com a ajuda de Stanley.

Os pais dele ficaram igualmente preocupados com o casamento. Naturalmente, não acreditavam que Stanley estivesse destinado a uma vida de miséria e pobreza, mas acharam que os miúdos estavam a precipitar-se. Donald Uris e Andrea Bertoly também se tinham casado com vinte e poucos anos, mas pareciam ter-se esquecido desse facto.

Só Stanley parecera seguro, confiante no futuro, despreocupado com as armadilhas que os pais de ambos espalharam em volta «dos miúdos». E no final, foi a confiança dele, e não os medos dos pais, que se justificou. Em julho de 1972, com a tinta ainda a secar no diploma, Patty conseguira emprego a ensinar estenografia e inglês comercial em Traynor, uma pequena cidade sessenta e cinco quilómetros a sul de Atlanta. Quando

pensava em como conseguira aquele emprego, parecia-lhe sempre um pouco... bem, misterioso. Tinha feito uma lista de quarenta empregos possíveis a partir de anúncios nas revistas para os professores, depois escrevera quarenta cartas em cinco noites, oito em cada noite, a pedir mais informações sobre o emprego e um formulário de candidatura para cada um. Recebeu vinte e duas respostas a indicar que a vaga já tinha sido preenchida. Noutros casos, uma explicação mais pormenorizada dos requisitos indicava que ela não devia concorrer; candidatar-se seria apenas um desperdício do tempo das duas partes. No fim, deu por si com doze possibilidades. Cada uma parecia tão provável como qualquer outra. Enquanto as estudava, perguntando a si mesma se poderia preencher doze formulários sem enlouquecer, Stanley entrou. Olhou para os papéis espalhados sobre a mesa e bateu com o dedo na carta da Traynor Superintendent of Schools, uma carta que não parecia nem mais nem menos encorajadora do que qualquer uma das outras.

— Esta — disse ele.

Ela ergueu o olhar, sobressaltada pela simples certeza na voz dele.

— Sabes alguma coisa sobre a Georgia que eu não sei?

— Não. A única vez que fui lá foi através do cinema.

Ela olhou para ele com a sobrancelha erguida.

— *E Tudo o Vento Levou*. Vivien Leigh. Clark Gable. «Amanhã logo penso nisso, pois amanhã é outro dia.» Pareço-te ter um sotaque do Sul, Patty?

— Sim. Do sul do Bronx. Se não sabes nada sobre a Georgia e nunca lá foste, então porque...

— Porque é o certo.

— Não *podes* saber isso, Stanley.

— Claro que posso — limitou-se ele a dizer. — Sei.



Ao olhar para o marido, viu que ele não estava a brincar; falava mesmo a sério. Ela sentiu uma onda de desconforto subir pelas costas.

— Mas *como* sabes?

Ele sorria um pouco. Depois o sorriso vacilou e, por um momento, pareceu perplexo. Os seus olhos ensombraram-se, como se estivesse a olhar para dentro, a consultar algum dispositivo interior que clicava e girava corretamente, mas que, no fundo, ele não entendia, tal como um homem comum não entende como funciona o relógio que tem no pulso.

— A tartaruga não pôde ajudar-nos — disse de repente.

Falou de forma clara. Ela ouviu. Aquele ar introspetivo, aquele olhar de reflexão surpreendida, ainda estava no rosto dele, e começava a assustá-la.

— Stanley? De que estás a falar? *Stanley?*

Ele sobressaltou-se. Patty estivera a comer pêssegos enquanto olhava para as fichas, e a mão dele bateu no prato, que caiu ao chão e se partiu. Os olhos dele pareceram clarear.

— Ah, merda! Desculpa.

— Está tudo bem. Stanley... do que estavas a falar?

— Já me esqueci — disse ele. — Mas acho que devíamos pensar na Georgia, querida.

— Mas...

— Confia em mim — disse ele, e Patty confiou.

A entrevista correu às mil maravilhas. Ela soube que ficara com o emprego quando entrou no comboio para voltar para Nova Iorque. O chefe dos recursos humanos gostara de Patty imediatamente, e ela dele; quase dera para ouvir o clique. A carta de confirmação chegara uma semana depois. O Traynor Consolidated School Department podia oferecer-lhe 9200 dólares e um período à experiência.

— Vais morrer à fome — disse Herbert Blum à filha quando esta o informou que pretendia aceitar o emprego. — E vais ter calor enquanto

morres de fome.

— Tretas, Scarlett — disse Stanley quando ela lhe contou o que o pai dissera. Sentira-se furiosa, à beira das lágrimas, mas começou a rir, e Stanley tomou-a nos braços.

Tiveram calor, mas não passaram fome. Casaram no dia 19 de agosto de 1972. Patty Uris fora para o leito de casamento ainda virgem. Enfiara-se nua entre os lençóis frios de um hotel nas Poconos, num estado de espírito turbulento e tempestuoso, com relâmpagos de desejo e deliciosa luxúria e nuvens negras de medo. Quando Stanley se deitou na cama ao lado dela, coberto de músculos e com o pénis como um ponto de exclamação a elevar-se dos pelos púbicos castanho-avermelhados, ela sussurrara:

— Não me magoes, querido.

— Nunca te magoarei — disse ele ao tomá-la nos braços, e foi uma promessa que cumpriu fielmente até ao dia 28 de maio de 1985, a noite do banho de imersão.

O trabalho de Patty como professora correu bem. Stanley conseguiu um emprego a conduzir a carrinha de uma padaria por cem dólares por semana. Em novembro daquele ano, quando o centro comercial Traynor Flats abriu, começou a trabalhar no escritório da H & R Block por cento e cinquenta dólares. O rendimento combinado dos dois era então de dezassete mil dólares por ano, e parecia-lhes principesco naqueles tempos em que a gasolina custava oito cêntimos o litro e um pão vinte e cinco. Em março de 1973, sem fazer disso alarde, Patty Uris deixou de tomar a pílula.

Em 1975, Stanley saiu da H & R Block e foi trabalhar por conta própria. Os pais dos dois concordaram que era uma atitude imprudente. Não que Stanley não devesse trabalhar por conta própria, imagine-se! Mas era demasiado cedo, todos concordavam, e iria sobrecarregar Patty financeiramente. («Pelo menos até o palerma a engravidar», disse Herbert Blum ao irmão, carrancudo, depois de uma noite a beber na cozinha, «e

então quem vai ter de sustentar os dois sou *eu.*») A opinião generalizada dos pais sobre esse assunto era que um homem nem devia *pensar* em trabalhar por conta própria até ter chegado a uma idade mais serena e madura, como, digamos, setenta e oito anos.

Mais uma vez, Stanley pareceu confiante de uma maneira quase sobrenatural. Era jovem, bem-apegoado, inteligente, competente. Fizera contactos enquanto trabalhava na Block. Todas essas coisas eram premissas básicas. O que ele não tinha como saber era que a Corridor Video (CV), uma pioneira no incipiente ramo das cassetes de vídeo, estava prestes a estabelecer-se num enorme edifício a menos de dezasseis quilómetros do subúrbio para onde os Uris acabaram por se mudar em 1979, nem tinha como saber que a Corridor procuraria um investigador de mercado independente menos de um ano depois de ter ido para Traynor. Mesmo que Stanley tivesse secretamente conhecimento dessa informação, não poderia achar que dariam o trabalho a um judeu jovem de óculos que também era um maldito ianque, um judeu de sorriso fácil, um andar meio gingão, preferência por calças de ganga à boca de sino nos dias de folga e os últimos resquícios de acne adolescente ainda no rosto. Mas deram. Deram, sim. E parecia que Stan sempre o soubera.

O seu trabalho para a CV levou a uma proposta de emprego a tempo inteiro na empresa, com um salário inicial de trinta mil dólares por ano.

— E isso é apenas o começo — contou Stanley a Patty na cama naquela noite. — Vão crescer como milho em agosto, querida. Se ninguém fizer explodir o mundo nos próximos dez anos, vão chegar à grandeza de empresas como a Kodak, a Sony e a RCA.

— Então o que vais fazer? — perguntou ela, já sabendo a resposta.

— Vou dizer-lhes que foi um prazer trabalhar com eles — disse ele.

Stan, a rir, puxou-a para si e beijou-a. Momentos depois, estava em cima dela, e houve orgasmos, um, dois e três, como foguetes iluminados a subir

no céu noturno... mas não houve bebês.

No seu trabalho para a Corridor Video estivera em contacto com alguns dos homens mais ricos e poderosos de Atlanta, e os dois ficaram atónitos ao descobrir que esses homens eram boas pessoas. Neles, encontraram um grande grau de aceitação e simpatia sem preconceitos que era praticamente desconhecido no Norte. Patty lembrava-se de Stanley escrever uma vez aos pais: «Os melhores homens ricos dos Estados Unidos vivem em Atlanta, Georgia, e vou ajudar a tornar alguns ainda mais ricos; eles vão fazer-me mais rico, e ninguém vai ser dono de mim, exceto a minha mulher, Patricia, e como já sou dono dela, acho que não corro perigo.»

Quando saíram de Traynor, Stanley já tinha empresa própria e empregava seis pessoas. Em 1983, o seu rendimento entrara em território desconhecido, território do qual Patty só tinha ouvido rumores. Era a fabulosa terra dos SEIS DÍGITOS. E tudo acontecera com a tranquilidade casual de calçar um par de chinelos numa manhã de sábado. Isso às vezes assustava-a. Uma ocasião, ela dissera uma piada constrangedora sobre fazer pactos com o diabo. Stanley rira-se até quase se engasgar, mas ela não achara aquilo tão engraçado, e calculava que nunca acharia.

*A tartaruga não pôde ajudar-nos.*

Às vezes, sem motivo nenhum, ela acordava com esse pensamento na cabeça como se fosse o último fragmento de um sonho esquecido, e virava-se para Stanley, a precisar de tocar nele, de ter a certeza de que ele ainda lá estava.

Viviam bem, não abusavam do álcool, não procuravam sexo fora do casamento, nem drogas; não se aborreciam nem discutiam amargamente sobre o que deviam fazer. Só havia uma nuvem. Foi Ruth, a mãe de Patty, quem mencionara primeiro a presença dessa nuvem. Que tivesse sido ela a fazê-lo finalmente parecia, em retrospectiva, coisa do destino. Surgiu como uma pergunta numa das cartas de Ruth Blum. Ela escrevia a Patty uma vez

por semana, e aquela carta em particular chegou no início do outono de 1979. Chegou reenviada do antigo endereço de Traynor, e Patty leu-a na sala de estar repleta de caixas de cartão a transbordar de todas as suas posses, com aspeto desolado, desarraigado e despojado.

Na sua maior parte, era uma carta típica de Ruth Blum: quatro folhas azuis completamente preenchidas, cada uma com o cabeçalho que dizia UMA NOTA DE RUTH. A sua caligrafia era muito pouco legível, e Stanley queixara-se uma vez que não conseguia ler uma única palavra do que a sogra escrevia.

— Porque irias querer ler? — respondera Patty.

Esta estava cheia das novidades habituais da mãe; para Ruth Blum, a recordação era um delta amplo, que se abria do ponto móvel do presente num leque cada vez mais largo de relacionamentos entrecruzados. Muitas das pessoas sobre quem a mãe escrevia começavam a desvanecer-se na memória de Patty lembrando fotografias num álbum velho, mas para Ruth ainda estavam todas nítidas. As preocupações com a saúde delas e a curiosidade sobre as suas várias andanças nunca pareciam diminuir. Os seus prognósticos eram invariavelmente sombrios. O pai de Patty continuava com muitas dores de estômago. Estava convicto de que era apenas indigestão; a ideia de que podia ter uma úlcera, escreveu ela, não lhe passaria pela cabeça até começar a tossir sangue, e talvez nem assim. *Conheces o teu pai, querida: trabalha como uma mula, e às vezes também acha que é uma. Que Deus me perdoe por dizer isto.* A Randi Harlengen laqueou as trompas, tiraram-lhe quistos do tamanho de bolas de golfe dos ovários, nenhum era maligno, graças a Deus, mas vinte e sete quistos nos ovários, imaginas? Foi a água de Nova Iorque, tinha a certeza. O ar da cidade também era sujo, mas estava convencida de que era a água que afetava as pessoas ao fim de algum tempo. Formava depósitos dentro do corpo. Duvidava que Patty soubesse com que frequência ela agradecia a

Deus por «vocês, jovens» estarem no campo, onde o ar e a água, particularmente a água, eram mais saudáveis (para Ruth, todo o Sul, incluindo Atlanta e Birmingham, era campo). A tia Margaret andava outra vez às turras com a companhia da eletricidade. A Stella Flanagan tinha-se casado de novo, algumas pessoas nunca aprendiam. Richie Huber fora despedido outra vez.

E no meio daquela conversa trivial e frequentemente maldosa, no meio de um parágrafo, sem relação com nada dito antes ou que viesse depois, Ruth Blum fez casualmente a Temida Pergunta: «Quando é que tu e o Stan nos fazem avós? Estamos prontos para mimar a criança. E caso não tenhas reparado, Patsy, não vamos para novos.» E passou para a filha dos Bruckner, que morava mais abaixo na rua e fora mandada para casa da escola porque não usava sutiã e vestia uma blusa transparente.

Sentindo-se em baixo e com saudades da antiga casa em Traynor, insegura e com muito medo do que podia haver no futuro, Patty entrara naquele que viria a ser o quarto deles e deitara-se sobre o colchão (o estrado ainda estava na garagem e o colchão, sozinho no soalho sem alcatifa, parecia um artefacto que dera à costa numa estranha praia amarela). Apoiou a cabeça nos braços e ficou deitada a chorar durante uns vinte minutos. Achava que o choro já estivera a caminho, de qualquer forma. A carta da mãe apenas o fizera surgir mais cedo, assim como o pó acelera as cócegas no nariz e provoca o espirro.

Stanley queria filhos. *Ela* queria filhos. Ambos eram tão compatíveis nesse aspeto como no gosto pelos filmes de Woody Allen, nas idas regulares à sinagoga, nas inclinações políticas, no desprezo pela marijuana e cem outras coisas, entre grandes e pequenas. Houvera um quarto a mais na casa de Traynor, que eles tinham dividido ao meio. No lado esquerdo, ele pusera uma secretária e uma poltrona de leitura; no lado direito, ela, uma máquina de costura e uma mesa de jogo onde fazia *puzzles*. Houvera um

entendimento tão forte entre ambos em relação àquele quarto que raramente falavam nele; existia, simplesmente, como os narizes ou as alianças nas mãos esquerdas. Um dia aquele quarto seria de Andy ou de Jenny. Mas onde estava a criança? A máquina de costura e as cestas de tecido e a mesa dos *puzzles* e a secretária e a poltrona permaneceram no mesmo lugar, parecendo a cada mês solidificarem a posição que ocupavam no quarto e estabelecerem a sua legitimidade. Era o que ela pensava, embora nunca pudesse cristalizar o pensamento; como a palavra *pornográfico*, era um conceito que dançava além da sua capacidade quantificadora. Mas lembrava-se de que uma vez, ao aparecer-lhe o período, abrira o armário sob o lavatório da casa de banho, olhara para a caixa de pensos *Stayfree* e pensar que a caixa parecia quase presunçosa, que parecia praticamente dizer: «Olá, Patty! Somos os teus filhos. Os únicos que vais ter, e temos fome. Alimenta-nos. Alimenta-nos de sangue.»

Em 1976, três anos depois de ter deitado fora a última embalagem de pílulas *Ovral*, foram a um médico de Atlanta chamado Harkavay.

— Queremos saber se há algum problema — disse Stanley —, e se podemos fazer alguma coisa no caso de haver.

Submeteram-se a exames, que mostraram que o esperma de Stanley era saudável, que os óvulos de Patty eram férteis, que todos os canais que *deviam* estar abertos *estavam* abertos.

Harkavay, que não usava aliança e tinha o rosto aberto, agradável e ruborizado de um universitário que acabou de voltar de umas férias de esqui no Colorado, disse-lhes que talvez fosse apenas nervosismo. Que problemas assim não eram raros. Que, naqueles casos, parecia haver uma correlação psicológica semelhante à impotência sexual: quanto mais se desejava, menos se conseguia. Teriam de se descontraír. Teriam de, se pudessem, esquecer a procriação quando faziam amor.

Stan ia rabugento no caminho para casa. Patty perguntou-lhe porquê.

— Nunca faço isso — disse ele.

— O quê?

— Pensar em procriação *durante*.

Ela começou a rir, apesar de se sentir um nadinha solitária e assustada. E, naquela noite, deitados na cama, bem depois de ela achar que Stanley estava a dormir, *ele* assustara-a ao falar no escuro. A sua voz não revelava emoção e, contudo, parecia afogada pelas lágrimas.

— Sou eu — disse ele. — A culpa é minha.

Ela rolou para perto dele, abraçou-o.

— Não sejas parvo.

Mas o seu coração batia depressa, demasiado depressa. Não era só por ele a ter sobressaltado; parecia que Stan tinha olhado para a mente dela e detetara ali uma convicção secreta, que ela guardara sem saber até àquele momento. Sem razão alguma, Patty sentiu, *soube*, que ele estava certo. Havia alguma coisa errada, e não era ela. Era ele. Alguma coisa nele.

— Não sejas tolo — sussurrou com firmeza contra o ombro dele. Estava a suar um pouco, e compreendeu de repente que o marido tinha medo. O medo emanava dele em ondas frias; estar deitada nua ao seu lado foi de repente como estar deitada nua em frente a um frigorífico aberto.

— Não sou tolo e não estou a ser parvo — disse ele com aquela mesma voz, simultaneamente desprendida e cheia de emoção —, e tu sabes isso. Sou eu. Mas não sei porquê.

— Não podes saber uma coisa dessas. — A voz dela era severa, crítica, a voz da mãe quando estava com medo. E enquanto o repreendia, um tremor percorreu o seu corpo, torcendo-o como um chicote.

Stanley sentiu, e os seus braços apertaram-na.

— Às vezes — disse ele —, às vezes penso que sei porquê. Às vezes tenho um sonho, um sonho mau, e acordo e penso: «Agora sei. Sei qual é o



problema.» Não só em relação ao facto de não engravidares, em relação a tudo. Tudo que há de errado na minha vida.

— Stanley, não há nada errado na tua vida!

— Não estou a falar de dentro — disse ele. — De dentro, está ótima. Estou a falar *de fora*. Uma coisa que devia ter acabado e não acabou. Acordo desses sonhos e penso: «Toda a minha agradável vida foi apenas o centro de uma tempestade que não compreendo.» Tenho medo. Mas então apenas... desaparece. Como os sonhos desaparecem.

Ela sabia que Stanley às vezes tinha sonhos agitados. Em meia dezena de ocasiões, ele acordara-a a debater-se e a gemer. Provavelmente, houvera outras vezes em que ela continuara a dormir durante esses interlúdios sombrios. Sempre que lhe tocava, lhe perguntava, ele dizia a mesma coisa: *Não me lembro*. E depois pegava no tabaco e fumava sentado na cama, à espera que o resíduo do sonho saísse pelos poros como suor mau.

Nada de filhos. Na noite de 28 de maio de 1985, a noite do banho de imersão, os sogros dos dois ainda estavam à espera de serem avós. O quarto extra continuava a ser um quarto extra; os pensos maxi e mini ainda ocupavam os lugares de sempre no armário sob o lavatório da casa de banho; o período ainda fazia a sua visita mensal. A mãe de Patty, que andava demasiado ocupada com as suas próprias coisas, mas não completamente alheia à dor da filha, deixara de fazer perguntas nas cartas e quando Stanley e Patty faziam as viagens bianuais a Nova Iorque. Não houve mais piadas sobre estarem ou não a tomar a vitamina E. Stanley também tinha deixado de falar em bebés, mas às vezes, quando não sabia que Patty estava a olhar, ela via uma sombra no rosto dele. Uma grande sombra. Como se ele estivesse a tentar desesperadamente lembrar-se de alguma coisa.

Tirando essa única nuvem, a vida era bastante agradável até o telefone tocar no meio do *Family Feud* na noite do dia 28 de maio. Patty tinha diante

de si seis camisas de Stan, duas blusas suas, a caixa de costura e a dos botões; Stan tinha na mão o novo livro de William Denbrough, que ainda não saíra em capa mole. Na capa havia um animal a rosnar. Na contracapa, um homem careca de óculos.

Stan estava sentado mais perto do telefone e atendeu.

— Boa noite. Residência da família Uris — disse ele.

Ouviu, e franziu as sobrancelhas.

— Quem disse que era?

Patty sentiu um instante de medo. Mais tarde, a vergonha fá-la-ia mentir e dizer aos pais que soubera que alguma coisa se passava assim que o telefone tocou, mas na realidade só houvera aquele instante em que desviou rapidamente o olhar da costura. Mas talvez não houvesse mal nisso. Talvez os dois desconfiassem que alguma coisa aconteceria muito antes daquele telefonema, alguma coisa que não combinava com a bela casa localizada atrás da sebe de teixo, um dado tão adquirido que não precisava de muito reconhecimento... Aquele único instante intenso de medo, como a espetadela de um picador de gelo rapidamente afastado, foi o suficiente.

*É a minha mãe?*, perguntaram os seus lábios em silêncio naquele instante, pensando que talvez o pai, dez quilos acima do peso e com tendência para aquilo a que chamava «dor de barriga» desde os quarenta e poucos anos, tivesse tido um ataque cardíaco.

Stan abanou a cabeça e sorriu um pouco ao ouvir alguma coisa que a voz ao telefone estava a dizer.

— Tu... *tu!* Bem, raios me partam! Mike! Como arran...?

Ficou de novo em silêncio, a ouvir. Quando o sorriso se desvaneceu, ela reconheceu (ou pensou ter reconhecido) a expressão analítica dele, a que indicava que alguém estava a expor um problema ou a explicar uma mudança repentina numa determinada situação ou a contar-lhe algo estranho e interessante. Provavelmente tratava-se desta última, concluiu.

Um novo cliente? Um velho amigo? Talvez. Voltou a atenção para o televisor, onde uma mulher estava a abraçar Richard Dawson e a beijá-lo loucamente. Pensou que Richard Dawson devia ser ainda mais beijado do que a pedra da eloquência, em Blarney, na Irlanda. *Também* achava que não se importaria de o beijar.

Quando começou a procurar um botão preto que combinasse com os da camisa de ganga de Stanley, Patty apercebeu-se vagamente de que a conversa estava a adquirir um tom mais tranquilo: Stanley resmungava ocasionalmente, e uma vez perguntou: «Tens a certeza, Mike?»

Por fim, após uma pausa bastante longa, disse:

— Está bem, compreendo. Sim, eu... Sim. Sim, tudo. Tenho uma ideia. Eu... O quê? Não, não posso *prometer* isso, mas vou pensar. Sabes que... Hã? Ai sim? Bem, podes crer! Claro que sim. Sim... claro... Obrigado. Sim. Adeus.

E desligou.

Patty olhou para ele e viu-o a olhar para o vazio acima do televisor. No programa, a audiência aplaudia a família Ryan, que tinha acabado de marcar 280 pontos, a maioria deles por ter adivinhado que a plateia responderia «matemática» à pergunta «Que disciplina dirão as pessoas que o Júnior mais detesta na escola?». Os Ryan estavam aos pulos e gritos de alegria. Stanley, pelo contrário, franzia a testa. Mais tarde, ela contaria aos pais que achou o rosto do marido um pouco pálido, e era verdade, mas não lhes contou que na altura atribuíra isso ao abajur de vidro verde do candeeiro da mesa.

— Quem era, Stan?

— Hummmm?

Olhou para ela. Ela achou que a expressão abstraída, talvez levemente irritada. Só mais tarde, ao evocar a cena uma vez e outra, começou a acreditar que era a expressão de um homem que estava metodicamente a

desligar-se da realidade, um fio de cada vez. O rosto de um homem que estava a sair do azul do céu para o negrume do nada.

— Quem era ao telefone?

— Ninguém — disse ele. — Ninguém, a sério. Acho que vou tomar um banho de imersão. — Levantou-se.

— Às sete da noite?

Ele não respondeu, limitou-se a sair da sala. Ela podia ter perguntado se se passava alguma coisa, podia até ter ido atrás dele e perguntado se lhe doía a barriga; Stan era sexualmente desinibido, mas estranhamente formal em relação a outras coisas, e não seria nada estranho dizer que ia tomar um banho quando na verdade só precisava de expelir algum alimento que não lhe caíra bem. Mas naquele momento uma nova família, os Piscapo, estava a ser apresentada, e Patty sabia que Richard Dawson encontraria alguma coisa engraçada para dizer sobre aquele nome, e, além do mais, estava com bastante dificuldade em encontrar um botão preto, apesar de saber que havia vários na caixa. Eles escondiam-se, claro; era a única explicação...

Assim, deixou-o ir e não voltou a pensar nele até aos créditos, quando ergueu o olhar e viu a cadeira vazia. Tinha ouvido a água na banheira do andar de cima e ouvira-a ser fechada cinco ou dez minutos depois... mas nesse momento deu-se conta de que não ouvira a porta do frigorífico ser aberta e fechada, e isso significava que ele estava lá em cima sem uma lata de cerveja. Alguém telefonara e largara um problema enorme no seu colo, e tinha ela oferecido alguma palavra de solidariedade? Não. Tentara fazê-lo conversar um pouco sobre o assunto? Não. Reparara que havia algum problema? Pela terceira vez, não. Tudo por causa do estúpido programa... nem podia deitar a culpa nos botões, pois eles eram apenas uma desculpa.

Certo. Iria levar-lhe uma lata de *Dixie* e sentar-se na borda da banheira, esfregar-lhe-ia as costas, faria o papel de gueixa e lavar-lhe-ia o cabelo se ele quisesse, e descobriria qual era o problema... ou *quem* era o problema.

Tirou a lata de cerveja do frigorífico e subiu. A primeira sensação de verdadeira inquietude surgiu quando viu que a porta da casa de banho estava fechada. Não apenas encostada, mas bem fechada. Stanley *nunca* fechava a porta quando estava a tomar banho de imersão. Era uma espécie de piada entre os dois: a porta fechada significava que ele estava a fazer uma coisa que a mãe lhe ensinara, a porta aberta significava que ele não teria problema em fazer uma coisa cujo ensinamento a mãe tinha apropriadamente deixado em mãos alheias.

Patty bateu à porta com as unhas, repentinamente ciente, demasiado ciente, do barulho reptilíneo que elas faziam na madeira. E bater à porta da casa de banho como uma estranha era uma coisa que nunca tinha feito na vida de casada, nem aqui, nem em nenhuma outra porta da casa.

A inquietação tornou-se de repente mais forte, e pensou no lago Carson, onde costumava nadar em criança. Por volta do início de agosto, o lago estava quente como uma banheira... mas depois encontrava-se um fundão frio que provocava um arrepio de surpresa e deleite. Num minuto, estava-se quente; no momento seguinte, parecia que a temperatura tinha descido dez graus abaixo das ancas. Tirando o deleite, era assim que ela se sentia, como se tivesse atingido um fundão frio. Só que esse fundão não ficava abaixo das ancas, arrefecendo as longas pernas de adolescente nas profundezas negras do lago Carson.

Estava em volta do seu coração.

— Stanley? Stan?

Dessa vez, fez mais do que bater com as unhas. Bateu com os nós dos dedos. Quando não houve resposta, bateu com o punho.

— *Stanley?*

O coração. O coração dela já não estava no peito. Batia na garganta, dificultando a respiração.

— *Stanley!*

No silêncio que seguiu o grito (e o som do seu grito ali, a menos de dez metros do local onde pousava a cabeça para dormir todas as noites, assustou-a ainda mais), ouviu um som que fez subir o pânico das profundezas da sua mente como um hóspede indesejado. Um som insignificante, na verdade. Era apenas o som de água a pingar. *Plinc...* pausa. *Plinc...* pausa. *Plinc...* pausa. *Plinc...*

Imaginou as gotas a formarem-se na boca da torneira, a ficarem pesadas e gordas, a ficarem grávidas e a caírem: *plinc*.

Apenas esse som. Nenhum outro. E ela teve uma certeza repentina e terrível de que tinha sido Stanley, não o pai, a ser fulminado com um ataque cardíaco naquela noite.

Com um gemido, agarrou na maçaneta de vidro trabalhado e girou-a. Mas a porta não se mexeu: estava trancada. E de repente três *nuncas* ocorreram a Patty Uris em rápida sucessão: Stanley nunca tomava banho de imersão ao início da noite, Stanley nunca fechava a porta a não ser que estivesse a usar a sanita e Stanley nunca trancara a porta para ela não entrar.

Seria possível, perguntou-se insanamente, alguém *preparar-se* para um ataque cardíaco?

Patty passou a língua pelos lábios (na sua cabeça isso produziu um som semelhante a lixa a deslizar em madeira) e chamou-o de novo. Continuou a não haver resposta além dos pingos regulares e deliberados da torneira. Olhou para baixo e viu que ainda tinha a lata de cerveja *Dixie* na mão. Observou-a atordoada, com o coração a bater disparado como um coelho na garganta; olhou para ela como se nunca tivesse visto uma lata de cerveja na vida até àquele instante. E realmente parecia que nunca tinha visto, ou pelo menos nunca uma assim, porque, quando pestanejou, os seus olhos transformaram-na no auscultador de um telefone, tão preto e ameaçador como uma cobra.

— Posso ajudá-la, minha senhora? Tem algum problema? — perguntou-lhe a cobra.

Patty pousou o auscultador no descanso e deu um passo para trás, esfregando a mão que o segurara. Olhou em volta e viu que estava de novo na sala e percebeu que o pânico que surgira na sua mente como um ladrão a subir silenciosamente um lanço de escadas a tinha dominado. Conseguia lembrar-se de ter deixado cair a lata de cerveja em frente à porta da casa de banho e de ter descido a escada a correr e a pensar vagamente: *Isto é tudo um engano qualquer e vamos rir-nos depois. Ele encheu a banheira e lembrou-se de que não tinha tabaco e saiu para o comprar antes de se despir ...*

Sim. Mas ele já tinha trancado a porta da casa de banho por dentro e, como dava demasiado trabalho destrancá-la, limitara-se a abrir a janela sobre a banheira e descera pela parede da casa como uma mosca. Sim, óbvio que sim...

O pânico estava a crescer de novo na mente dela. Era como um café preto e amargo a ameaçar transbordar da chávena. Fechou os olhos e lutou contra ele. Ficou ali, perfeitamente imóvel, como uma estátua pálida com a pulsação a latejar-lhe na garganta.

Conseguia lembrar-se de correr para ali, com os pés a bater nos degraus, de correr para o telefone, ah, sim, claro, mas a quem quisera ligar?

*Eu ligaria para a tartaruga, mas a tartaruga não podia ajudar-nos,* pensou alucinadamente.

Não importava, de qualquer forma. Tinha marcado o zero e devia ter dito alguma coisa não muito comum, porque a telefonista lhe perguntara se tinha algum problema. Tinha, sim, mas como se contava à voz sem rosto que Stanley se trancara na casa de banho e não respondia, que o som regular da água a pingar na banheira estava a dar-lhe cabo do coração? *Alguém* tinha de ajudá-la. Alguém...

Levou as costas da mão à boca e mordeu-a deliberadamente. Tentou pensar, tentou forçar-se a pensar.

Os duplicados das chaves. Os duplicados das chaves no armário da cozinha.

Pôs-se em movimento, e um pé dentro de um chinelo bateu no saco dos botões ao lado da poltrona. Alguns botões caíram para fora, brilhando como olhos vidrados à luz do candeeiro. Viu pelo menos seis pretos.

No interior da porta do armário sobre as duas cubas do lava-louça havia um bocado de madeira envernizada com o formato de uma chave. Um dos clientes de Stan fizera-o na sua oficina e oferecera-lho dois Natais antes. A chave tinha vários ganchos e, penduradas neles, estavam todas as chaves da casa, dois duplicados em cada gancho. Por baixo de cada gancho havia uma etiqueta autocolante, e em cada etiqueta via-se a letra pequena e bonita de Stan: GARAGEM, SÓTÃO, C. BANHO DE BX, C. BANHO DE CIMA, PORTA DA FRENTE, PORTA DE TRÁS. Num lado estavam os duplicados das chaves dos carros com as etiquetas M-B E VOLVO.

Patty pegou na chave com a etiqueta C. BANHO DE CIMA, começou a correr para a escada e a seguir obrigou-se a andar. Correr fazia voltar o pânico, e este já estava demasiado perto da superfície naquele momento. Além disso, se apenas andasse, talvez nada estivesse errado. Ou, se houvesse alguma coisa errada, Deus podia olhar para baixo, vê-la a andar e pensar: *Ah, boa, cometi um erro, mas tenho tempo de corrigi-lo.*

Andando com a calma de uma mulher a caminho da sua reunião no Clube do Livro, Patty subiu a escada e foi até à porta trancada da casa de banho.

— Stanley? — chamou, tentando mais uma vez abri-la, de repente com mais medo do que nunca, sem querer usar a chave porque ter de usar a chave era de alguma forma demasiado definitivo. Se Deus não tivesse



desfeito o erro quando ela usasse a chave, então nunca desfaria. A era dos milagres, no fim de contas, já tinha acabado.

Mas a porta continuava trancada. O constante *plinc...* pausa, da água a pingar era a única resposta.

A mão tremia-lhe, e a chave bateu várias vezes no espelho da fechadura antes de encontrar o caminho do buraco e entrar. Girou-a e ouviu a tranca recuar. Levantou a mão desajeitada para a maçaneta de vidro cinzelado. Ela tentou escorregar de novo pela sua mão, não porque a porta estivesse trancada desta vez, mas porque tinha a palma suada. Apertou-a com mais força e fê-la rodar. Abriu a porta.

— Stanley? Stanley? St...

Olhou para a banheira com a cortina azul junta na extremidade do varão de aço inoxidável e esqueceu-se de como terminar o nome do marido. Limitou-se a olhar para a banheira, com o rosto tão solene como o de uma criança no primeiro dia de aulas. Dali a um momento começaria a gritar, e Anita MacKenzie na casa ao lado iria ouvi-la, e seria Anita MacKenzie quem chamaria a polícia, convencida de que alguém tinha entrado à força em casa dos Uris e de que ali havia pessoas a morrer.

Mas de momento Patty Uris permanecia em silêncio com as mãos unidas diante da saia de algodão escuro, com o rosto solene e os olhos enormes. E o olhar de solenidade quase sagrada começou a transformar-se noutra coisa. Os olhos enormes começaram a arregalar-se. A boca repuxou-se num esgar terrível de horror. Quis gritar mas não conseguiu. Os gritos eram demasiado lancinantes para sair.

A casa de banho tinha lâmpadas fluorescentes. Havia muita luz e nenhuma sombra. Via-se tudo, quer se quisesse, quer não. A água na banheira estava cor-de-rosa. Stanley tinha as costas apoiadas no fundo da banheira. Inclinar a cabeça tão para trás que algumas pontas do cabelo preto e curto tocavam na pele entre as omoplatas. Se os olhos arregalados

ainda fossem capazes de ver, Patty estaria de cabeça para baixo para ele. A boca estava aberta como uma porta escancarada. A expressão era de pavor abismal e imóvel. Havia uma embalagem de lâminas *Gillette Platinum Plus* na borda da banheira. Ele tinha cortado a parte interna dos antebraços do pulso até à curva do cotovelo, e fizera outro corte perpendicular a cada um na altura do pulso, criando dois tês maiúsculos. Os cortes tinham uma cor vermelho-arroxeadada na luz branca e forte. Ela pensou que os tendões e ligamentos expostos pareciam cortes de carne barata.

Uma gota de água formou-se na boca da torneira cromada reluzente. Engordou. *Engravidou*, podia dizer-se. Cintilou. Caiu. Plinc.

Stan mergulhara o indicador direito no próprio sangue e escrevera uma única palavra nos azulejos azuis acima da banheira, cinco letras trémulas.

Uma marca de dedo ziguezagueante descia abaixo da última letra da palavra. O dedo tinha feito a marca, viu ela, quando a mão caíra na banheira, onde flutuava. Pensou que Stanley devia ter feito aquela marca, a sua última impressão sobre o mundo, quando perdera a consciência. Parecia gritar-lhe:

Outra gota caiu na banheira.

*Plinc.*

Foi a proverbial gota de água. Patty Uris encontrou finalmente a voz. Olhando para os olhos mortos e cintilantes do marido, desatou a gritar.

*Richard Tozier Muda de Ares*

Richie achou que estava a ir muito bem até os vômitos começarem.

Ouvira tudo o que Mike Hanlon lhe contara, dissera as coisas certas, respondera às perguntas, até fizera algumas. Apercebeu-se vagamente de que estava a usar uma das suas Vozes — não uma estranha e escandalosa, como as que às vezes usava no rádio (Kinky Briefcase, o Contabilista Sexual, era a sua preferida, pelo menos por enquanto, e as reações positivas de ouvintes a Kinky eram quase tantas como as do favorito de todos os tempos dos ouvintes, o coronel Buford Kissdrivel), mas uma Voz calorosa, intensa, confiante. Uma Voz de Estou-Bem. Causava uma ótima impressão, mas era mentira. Assim como as outras Vozes eram mentira.

— De quanto te lembras, Rich? — perguntou Mike.

— De muito pouco — respondeu Richie e fez uma pausa. — Do suficiente, acho.

— Vens?

— Vou — disse Richie e desligou.

Ficou sentado um minuto no escritório, recostado na cadeira atrás da secretária, a olhar para o oceano Pacífico. Havia dois rapazes à esquerda, a brincar nas suas pranchas de surfe, não exatamente a surfar. Não havia ondas para isso.

O relógio sobre a mesa, um modelo caro de quartzo com mostrador LED que fora prenda do representante de uma editora discográfica, dizia que eram 17h09 do dia 28 de maio de 1985. Claro que eram mais três horas no local de onde Mike ligara. Já estava escuro. Sentiu um arrepio ao pensar nisso e começou a mexer-se, a fazer coisas. Primeiro, com certeza, pôs um disco a tocar (sem escolher, limitando-se a pegar às cegas num dos milhares que enchiam as prateleiras). O *rock and roll* era parte da sua vida tanto

como as Vozes, e era-lhe difícil fazer qualquer coisa sem música a tocar; e quanto mais alto, melhor. O disco em que pegou era uma coletânea da Motown. Marvin Gaye, um dos membros mais novos daquilo a que Richie às vezes chamava «Banda do Sepulcro», começou a cantar «I Heard It Through the Grapevine».

*Oooh-hoo, I bet you're wond'rin' how I knew...*

— Nada mau — disse Richie. Até sorriu um pouco. Aquilo era mau, e tinha-o deixado desnorteado, mas sentia que ia conseguir lidar com a situação. Na boa.

Começou a preparar-se para voltar a casa. E, a determinado momento durante a hora seguinte, ocorreu-lhe que era como se tivesse morrido e tido autorização para tratar dos últimos compromissos de trabalho... assim como do planeamento do próprio funeral. E sentia que estava a sair-se bem. Tentou a agente de viagens que costumava usar, achando que àquela hora ela devia ir a caminho de casa, mas decidindo arriscar mesmo assim. Por sorte, ela ainda estava na agência. Disse-lhe o que queria, e ela pediu-lhe quinze minutos.

— Devo-lhe uma, Carol — disse ele. Tinham progredido de senhor Tozier e senhora Feeny para Richie e Carol ao longo dos últimos três anos; muito informal, tendo em conta que nunca se tinham cruzado.

— Tudo bem, vai pagar já — disse ela. — Pode fazer o Kinky Briefcase para eu ouvir?

Sem sequer fazer uma pausa (se fosse preciso fazer uma pausa para encontrar uma Voz, costumava não haver Voz para ser encontrada), Richie disse:

— Kinky Briefcase, Contabilista Sexual. Veio cá um tipo no outro dia a querer saber qual era a pior coisa de apanhar sida.

O tom de voz dele tinha baixado ligeiramente; ao mesmo tempo, o ritmo aumentara e ficara mais alegre. Era claramente uma voz americana, mas de

alguma forma conjurava imagens de um britânico rico que era tão encantador, na sua confusão, como pateta. Richie não fazia a mínima ideia de quem Kinky Briefcase realmente era, mas tinha a certeza de que usava sempre fatos brancos, lia a revista *Esquire* e bebia coisas que vinham em copos altos e cheiravam a champô de coco.

— Disse-lhe imediatamente: tentar explicar à sua mãe que a apanhou de uma haitiana. Até à próxima, daqui Kinky Briefcase, Contabilista Sexual, a lembrar: «Precisa do meu cartão se não consegue uma ereção.»

Carol Feeny riu com gosto.

— Isso é perfeito! *Perfeito!* O meu namorado diz que não acredita que você consegue fazer mesmo essas vozes, diz que tem de ter um filtro ou coisa do género...

— É só talento, minha querida — disse Richie. Kinky Briefcase desaparecera. W. C. Fields, de cartola, nariz vermelho, sapatos de golfe e tudo, estava ali. — Tenho tanto talento cá dentro que sou forçado a tapar todos os meus orifícios corporais para impedir que ele verta como... bem, que verta e pronto.

Ela teve outro acesso barulhento de gargalhadas e Richie fechou os olhos. Conseguia sentir o princípio de uma dor de cabeça.

— Seja uma querida e veja o que pode fazer, está bem? — pediu ele, ainda como W. C. Fields, e desligou no meio do riso dela.

Tinha de voltar a ser ele mesmo, e era difícil. A cada ano que passava, ia ficando mais difícil. Era mais fácil ser corajoso quando se era outra pessoa.

Estava a tentar escolher um par de bons sapatos e tinha praticamente decidido ficar de ténis quando o telefone tocou de novo. Era Carol Feeny, em tempo recorde. Ele sentiu um impulso momentâneo de usar a Voz de Buford Kissdrivel, mas reprimiu-o. Carol conseguira-lhe um lugar em primeira classe no voo da noite sem escalas da American Airlines de Los Angeles para Boston. Sairia de L. A. às 21h03 e chegaria a Logan cerca das

5h00 da manhã seguinte. A Delta levá-lo-ia de Boston às 7h30 até Bangor, Maine, onde chegaria às 8h20. Alugara-lhe um carro na Avis, e eram apenas quarenta quilómetros do balcão da Avis no aeroporto internacional de Bangor até à entrada de Derry.

*Apenas quarenta quilómetros?, pensou Richie. Só, Carol? Bem, talvez seja, pelo menos em quilómetros. Mas não faz a menor ideia da verdadeira distância até Derry, nem eu. Mas, ah, Deus, ah, meu querido Deus, vou descobrir.*

— Não procurei um quarto de hotel porque não me disse quanto tempo vai lá ficar — disse ela. — Quer...?

— Não, eu trato disso — respondeu Richie, e então Buford Kissdrivel assumiu o comando. — Foi um anjo, minha querida. Um anjo dos céééus.

Desligou delicadamente (deixá-los sempre a rir) e marcou o 207-555-1212 para as informações do Maine. Queria o número do Derry Town House. Céus, aí estava um nome do passado. Ele não pensava no Derry Town House havia... o quê? Dez anos? Vinte? Vinte e cinco anos, até? Por mais louco que pudesse parecer, achava que havia pelo menos vinte e cinco anos e, se Mike não tivesse ligado, achava que poderia não ter voltado a pensar nele durante o resto da vida. Mas houve uma altura em que passava por aquela pilha enorme de tijolo vermelho todos os dias e, em mais de uma ocasião, passou a correr, com Henry Bowers e Arroto Huggins e aquele outro rapaz grande, Victor Não Sei das Quantas, atrás dele, todos a gritar coisas simpáticas como «Vamos apanhar-te, cara de cu! Vamos apanhar-te, espertinho! Vamos apanhar-te, maricas quatro-olhos!» Algum dia o *tinham apanhado?*

Antes que Richie se conseguisse lembrar, a telefonista estava a perguntar-lhe em que cidade, por favor.

— Em Derry, minha senhora...

Derry! Céus! Até a palavra soava estranha e esquecida nos seus lábios; dizê-la era como beijar uma antiguidade.

— ... tem o número do Derry Town House?

— Um momento, por favor.

*Nem pensar. Já não deve existir. Foi derrubado para renovação urbana. Transformado num Elk's Hall ou num Bowl-a-Drome ou num Electric Dreamscape Video Arcade. Ou talvez tenha ardidado uma noite quando a sorte finalmente acabou para algum vendedor de sapatos bêbedo a fumar na cama. Desapareceu, Richie, assim como os óculos com que o Henry Bowers estava sempre a gozar contigo. O que diz aquela música do Springsteen? Dias de glória... perdidos no abrir e fechar de olhos de uma jovem. Que jovem? Ah, a Bev, claro. A Bev...*

O Town House podia estar mudado, mas aparentemente não deixara de existir, porque uma voz monótona e robótica apareceu em linha e disse:

— O... número... é... nove... quatro... um... oito... dois... oito... dois. Repito:... o...número... é...

Mas Richie tomara nota da primeira vez. Era um prazer desligar na cara daquela voz monótona. Era fácil imaginar um enorme monstro das informações enterrado algures, a suar rios e a segurar milhares de auscultadores em milhares de tentáculos articulados cromados, a versão eletrónica do inimigo do Homem-Aranha, o Dr. Octopus. De ano para ano, o mundo em que Richie vivia parecia cada vez mais uma enorme casa assombrada eletrónica na qual fantasmas digitais e seres humanos assustados viviam numa coexistência desconfortável.

*Ainda de pé. Parafraseando Paul Simon, ainda de pé depois de todos estes anos.*

Ligou para o hotel que tinha visto pela última vez através das armações de tartaruga que usara na infância. Ligar para aquele número, 1-207-941-8282, foi fatalmente fácil. Segurou o auscultador junto ao ouvido enquanto

olhava pela grande janela do escritório. Os surfistas tinham desaparecido; um casal passeava na praia, de mãos dadas, no sítio onde eles tinham estado antes. O casal podia ter sido um póster na parede da agência de viagens onde Carol Feeny trabalhava, de tão perfeito que era. Excetuando, claro, o facto de os dois usarem óculos.

«Vamos apanhar-te, cara de cu! Vamos partir-te os óculos!»

Criss surgiu abruptamente na sua mente. *O apelido dele era Criss. Victor Criss.*

Céus, isso não era nada que ele quisesse saber, não por esta altura, mas não pareceu importar nada. Alguma coisa estava a acontecer lá em baixo nas catacumbas, lá onde Richie Tozier guardava a sua coleção pessoal de discos antigos. Havia portas a abrirem-se.

*Só que não são discos lá em baixo, são? Lá em baixo não és o Richie «Discos» Tozier, o fantástico DJ da KLAD e o Homem das Mil Vozes, pois não? E essas coisas que se estão a abrir ... não são exatamente portas, pois não?*

Tentou afastar aqueles pensamentos.

*Tenho é de me lembrar que estou bem. Estou bem, estás bem, Richie Tozier está bem. Sabia-me bem um cigarro, só isso.*

Tinha deixado de fumar quatro anos antes, mas um cigarro saber-lhe-ia mesmo bem naquele momento.

*Não são discos, mas cadáveres. Enterraste-os bem fundo, mas há uma espécie de terramoto maluco a acontecer e o chão está a cuspi-los todos para a superfície. Lá em baixo não és o Richie «Discos» Tozier; lá em baixo, és apenas o Richie «Quatro-olhos» Tozier e estás com os teus amigos e tens tanto medo que parece que os teus tomates se estão a transformar em geleia. Não são portas, e não estão a abrir-se. São criptas, Richie. Estão a abrir-se lentamente e os vampiros que achavas que estavam mortos começam a sair.*



Um cigarro, apenas um. Até um *Carlton* serviria, pelo amor de Deus.

«Vamos apanhar-te, quatro-olhos! Vamos fazer-te comer a porra dessa mochila!»

— Town House — disse uma voz masculina com sotaque ianque; viajara por toda a Nova Inglaterra, pelo Midwest e pelos casinos de Las Vegas para lhe chegar ao ouvido.

Richie perguntou à voz se podia reservar uma suíte na Town House a partir do dia seguinte. A voz disse que sim e perguntou por quanto tempo.

— Não sei dizer. Tenho... — Fez uma breve pausa.

O que tinha ele exatamente? Na sua mente, viu um rapaz com mochila axadrezada a fugir dos rufias; viu um rapaz que usava óculos, um rapaz magro com rosto pálido que de alguma forma misteriosa parecia gritar «Batam-me! Desafio-os a bater-me!» a todos os rufias que passavam. «Aqui estão os meus lábios! Esmaguem-nos contra os meus dentes! Aqui está o meu nariz! Façam-no sangrar e partam-no se conseguirem! Batam-me numa orelha para que ela inche como uma couve-flor! Abram-me um sobrolho! Aqui está o meu queixo, acertem-lhe em cheio! Aqui estão os meus olhos, tão azuis e ampliados atrás destes óculos horríveis, horríveis, destes óculos com armações de tartaruga remendados com fita adesiva. Partam os óculos! Enfiem um estilhaço de vidro num destes olhos e fechem-no para sempre! Que porra!»

Fechou os olhos.

— Tenho uns negócios a tratar em Derry, sabe. Não sei quanto tempo vou demorar. Que tal três dias, com opção de prorrogar?

— Opção de prorrogar? — perguntou o rececionista em dúvida, e Richie esperou pacientemente que o tipo percebesse. — Ah, já percebi! Muito bem!

— Obrigado, e eu... ah... espero que vote em nós em novembro — disse John F. Kennedy. — A Jackie quer... ah... remodelar a... ah... Sala

Oval, e tenho um trabalho pronto para o meu... ah... irmão Bobby.

— Senhor Tozier?

— Sim.

— Certo... outra pessoa entrou na linha durante alguns segundos.

*Só um velho amigo do V. P. D.,* pensou Richie. *Quer dizer Velho Partido Morto, caso queira saber. Não se preocupe.* Um tremor percorreu-o e disse a si mesmo com desespero: *Estás bem, Richie.*

— Também a ouvi — disse Richie. — Devem ter sido linhas cruzadas. Como estamos em relação ao quarto?

— Ah, não há problema nenhum — disse o rececionista. — Temos movimento em Derry, mas nunca ficamos cheios.

— A sério?

— Ah, sim — concordou o rececionista, e Richie estremeceu de novo. Tinha-se esquecido também daquilo, daquela forma simples da Nova Inglaterra de dizer «Ah, sim.»

«Vamos apanhar-te, fedelho!», gritou a voz fantasmagórica de Henry Bowers, e ele sentiu mais criptas a abrirem-se dentro de si; o fedor que sentia não era de corpos em decomposição, mas sim de lembranças em decomposição, e de alguma forma isso era pior.

Deu o número do seu American Express ao rececionista do Town House e desligou.

Em seguida, ligou a Steve Covall, diretor de programação da KLAD.

— Como vai isso, Rich? — perguntou Steve. As últimas sondagens indicavam que a KLAD estava no primeiro lugar do mercado canibal das rádios de *rock* FM de Los Angeles, e desde então Steve andava de excelente humor, graças a Deus.

— Bem, talvez lamentos a pergunta — disse ele para Steve. — Vou mudar de ares.

— Vais... — Conseguiu ouvir a dúvida na voz de Steve. — Acho que não estou a perceber, Rich.

— Tenho de me ausentar. Vou viajar.

— Vais viajar como? Segundo a programação que está à minha frente, entras no ar amanhã das duas da tarde até as seis, como sempre. Na verdade, vais entrevistar o Clarence Clemons no estúdio às quatro. Conheces o Clarence Clemons, Rich? O saxofonista?

— O Clemons pode falar tão bem com o Mike O'Hara como comigo.

— O Clarence não *quer* falar com o Mike, Rich. O Clarence não quer falar com o Bobby Russell. Não quer falar comigo. O Clarence é fã do Buford Kissdrivel e do Wyatt, o Homicida do Saco. Quer falar *contigo*, meu amigo. E não me interessa ter no estúdio um saxofonista de cento e dez quilos furioso, com sede de sangue, e que já quase foi escolhido para jogar futebol americano profissional.

— Acho que ele não tem fama de sede de sangue — disse Richie. — Afinal, estamos a falar do Clarence Clemons, não do Keith Moon.

Fez-se silêncio na linha. Richie esperou pacientemente.

— Não estás a falar a sério, pois não? — perguntou Steve por fim. Parecia implorar. — A não ser que a tua mãe tenha acabado de morrer ou tenhas um tumor cerebral, isso chama-se deixar as pessoas penduradas.

— Tenho de me ir embora, Steve.

— A tua mãe está doente? Deus queira que não, mas ela morreu?

— Morreu há dez anos.

— Tens um tumor cerebral?

— Nem sequer um pólipó no reto para amostra.

— Não tem graça, Rich.

— Não.

— Estás a ser um idiota e não me agrada.

— A mim também não, mas tenho de ir.

— Onde? Porquê? O que está se passa? Fala comigo, Rich!

— Ligaram-me. Uma pessoa que conheci há muito tempo. Noutra sítio. Naquela altura, aconteceu uma coisa. Fiz uma promessa. Todos prometemos que voltaríamos se essa coisa voltasse a acontecer. E palpita-me que voltou.

— De que coisa estamos a falar, Rich?

— Eu preferia não dizer ainda. — *Além do mais, vais achar que sou maluco se eu disser a verdade: não me lembro.*

— Quando é que fizeste essa famosa promessa?

— Há muito tempo. No verão de 1958.

Houve outra longa pausa, e ele soube que Steve Covall estava a tentar decidir se Richie «Discos» Tozier, também conhecido como Buford Kissdrivel, também conhecido como Wyatt, o Homicida do Saco, etc. etc. estava a gozar com ele ou a ter algum tipo de esgotamento.

— Eras uma criança — disse Steve com apatia.

— Tinha onze anos. Quase doze.

Outra longa pausa. Richie esperou pacientemente.

— Está bem — disse Steve. — Vou mudar os turnos e pôr o Mike no teu lugar. Posso pedir ao Chuck Foster que faça alguns turnos, acho, se conseguir descobrir em que restaurante chinês ele está enfiado. Vou fazer isso, porque temos uma longa história juntos. Mas nunca me vou esquecer que me deixaste pendurado, Rich.

— Oh, para com isso — disse Richie, mas a dor de cabeça começara a piorar. Sabia o que estava a fazer; será que Steve achava mesmo que não? — Preciso de uns dias de folga, só isso. Estás a comportar-te como se eu tivesse cagado nos estatutos da Comissão Federal de Comunicações.

— Alguns dias de folga para quê? A reunião do teu grupo de escuteiros nas Cataratas da Latrina, no Dakota do Norte, ou em Clito City, na Virgínia Ocidental?

— Na verdade, acho que as Cataratas da Latrina ficam no Arkansas, camarada — disse Buford Kissdrivel com a sua voz alta e estrondosa, mas Steve não se deixou distrair.

— Porque fizeste uma promessa quando tinhas onze anos? As crianças não fazem promessas sérias aos onze anos, pelo amor de Deus! E nem sequer é isso, Rich, e sabe-lo. Isto aqui não é uma companhia de seguros; não é um escritório de advocacia. Pertence ao mundo do espetáculo, por mais humilde que seja, e sabe-lo muito bem. Se me tivesses avisado com uma semana de antecedência, eu não teria este telefone numa das mãos e um frasco de antiácido na outra. Deixaste-me entre a espada e a parede, e sabe-lo bem, portanto não insultes a minha inteligência!

Steve estava praticamente aos gritos, e Rich fechou os olhos. «Nunca hei de esquecer isto», dissera Steve, e Rich supunha que não esqueceria mesmo. Mas Steve também dissera que as crianças não faziam promessas sérias aos onze anos, e isso não era nada verdade. Rich não se lembrava de qual tinha sido a promessa, não sabia se *queria* lembrar-se, mas tinha sido muito séria.

— Steve, tenho mesmo de ir.

— Pois. E eu disse-te que dava conta do recado. Portanto, vai lá. Vai lá, desgraçado.

— Steve, isto é rid...

Mas Steve já desligara. Rich pousou o auscultador no descanso. Mal tinha começado a afastar-se quando o aparelho voltou a tocar, e soube antes de atender que era Steve de novo, mais furioso do que nunca. Falar com ele naquele momento não faria bem nenhum; as coisas só ficariam mais feias. Fez deslizar o botão lateral do telefone para a direita, interrompendo o toque a meio.

Subiu a escada, tirou duas malas do armário e encheu-as com um amontoado de roupa para a qual mal olhou: calças de ganga, *t-shirts*,

cuecas, meias. Só lhe ocorreria bastante mais tarde que só levava roupas de miúdo. Carregou as duas malas para baixo.

Na parede da sala havia uma fotografia a preto-e-branco de Big Sur tirada por Ansel Adams. Rich puxou-a como a uma porta presa por dobradiças e revelou um cofre de parede. Abriu-o e enfiou a mão atrás da papelada: da casa, localizada agradavelmente entre a falha geológica e a zona de incêndios florestais, de dez hectares de floresta madeireira em Idaho, algumas ações. Comprara as ações aparentemente ao acaso (quando o seu corretor via Rich, levava imediatamente as mãos à cabeça), mas as ações tinham todas subido regularmente ao longo dos anos. Às vezes, ficava admirado com a ideia de que era quase (não exatamente, mas quase) um homem rico. Tudo graças ao *rock and roll*... e às Vozes, escusado será dizer.

A casa, o terreno, as ações, a apólice, até uma cópia do seu testamento. *Os fios que te prendem ao mapa da tua vida*, pensou ele.

Sentiu um impulso selvagem e repentino de pegar no isqueiro *Zippo* e queimar todo o amontoado de «pela-presente» e «venho-por-este-meio» e «o-portador-deste-certificado». Podia bem fazê-lo. Os papéis no cofre tinham de repente deixado de ter significado.

O primeiro pavor real atingiu-o naquele momento, e não havia nada de sobrenatural nisso. Era apenas a constatação de como era fácil destruir a sua vida. Era isso que metia tanto medo. Apontava-se a ventoinha para tudo que se passara anos a reunir e ligava-se a cabrona. Fácil. Queimar tudo ou espalhar tudo, depois desaparecer.

Atrás dos papéis, que eram apenas primos em segundo grau do dinheiro vivo, estava a coisa a sério. O pilim. Quatro mil dólares em notas de dez, vinte e cinquenta.

Ao pegar nas notas e enfiá-las nos bolsos das calças de ganga, perguntou-se se não soubera o que estava a fazer quando guardara ali o

dinheiro, cinquenta dólares num mês, cento e vinte no seguinte, talvez apenas dez no mês depois. Dinheiro escondido. Dinheiro para desaparecer.

— Bolas, isto mete medo — disse ele, sem perceber que tinha falado. Estava a olhar sem ver pela janela grande com vista para a praia. Encontrava-se deserta, sem os surfistas, sem o casal em lua de mel (se é que eram isso).

Ah, sim, doutor, recordo-me de tudo. Lembra-se de Stanley Uris, por exemplo? Aposto o seu pelo que sim... Lembra-se de como dizíamos isso e achávamos tão fixe? Stanley Urina, era assim que os rapazes grandes lhe chamavam. «Ei, Urina! Ei, seu maldito assassino de Cristo! Onde vais? Um dos teus amigos maricas vai chupar-te?»

Fechou a porta do cofre e pôs a fotografia no sítio. Quando pensara em Stan Uris pela última vez? Cinco anos atrás? Dez? Vinte? Rich e a família tinham-se mudado de Derry na primavera de 1960 e, como os rostos de todos se tinham desvanecido depressa, o gangue dele, daquele grupo sofrível de falhados com o seu clube no que fora conhecido na altura como Barrens, que significava «estéril», um nome engraçado para uma zona tão rica em vegetação como aquela. A brincarem aos exploradores da selva, ou aos fuzileiros a desembarcarem num atol do Pacífico enquanto mantinham os japosas longe, a brincarem aos construtores de represas, *cowboys*, astronautas num mundo de selva, era só escolher, mas fosse o que fosse que se escolhesse, não se pode esquecer o que eles estavam realmente a fazer: a esconder-se. A esconder-se dos rapazes grandes. A esconder-se de Henry Bowers e Victor Criss, de Arroto Huggins e do resto. Que bando de falhados eram: Stan Uris com aquele nariz grande de judeu, Bill Denbrough, que não conseguia dizer nada além de «Hai-oh, *Silver!*» sem gaguejar tanto que enfurecia uma pessoa, Beverly Marsh com as nódoas negras e os cigarros enrolados na manga da blusa, Ben Hanscom, que era tão grande que parecia uma versão humana de Moby Dick, e Richie Tozier,

com os seus óculos grossos e as boas notas e respostas rápidas e uma cara que implorava para ser esmurrada e modelada em formas novas e estimulantes. Havia uma palavra para o que tinham sido? Ah, sim. Havia sempre. *Le mot juste*. Nesse caso, *le mot juste* era *fracotes*.

Como tudo voltava, como tudo estava a voltar... e ele encontrava-se na sala a tremer como um rafeiro de rua apanhado numa tempestade, a tremer porque os miúdos com quem andara não eram a única coisa de que se lembrava. Havia outras coisas, coisas em que ele não pensava havia anos, a tremer logo abaixo da superfície.

Coisas sangrentas.

Uma escuridão. Que escuridão.

A casa em Neibolt Street, e Bill a gritar: «M-m-mataste o meu irmão, seu fi-filho da p-puta!»

Ele lembrava-se? Apenas o bastante para não se querer lembrar de mais nada, podes apostar o teu couro nisso.

Um cheiro a lixo, um cheiro a merda e um cheiro a outra coisa. Uma coisa pior do que as outras duas. Era o fedor do animal, o fedor da Coisa, lá em baixo na escuridão sob Derry onde as máquinas trovejavam sem parar. Lembrava-se de George...

Mas isso foi de mais e ele correu para a casa de banho, esbarrando na poltrona *Eames* pelo caminho e não caindo por um triz. Conseguiu lá chegar... por pouco. Deslizou de joelhos pelo chão até à sanita, como um dançarino de *break*, agarrou-se a ela e vomitou tudo o que tinha nas entranhas. Mesmo assim, não parou; de repente, conseguia ver Georgie Denbrough como se o tivesse visto na véspera pela última vez, Georgie, que tinha sido o começo de tudo, Georgie, assassinado no outono de 1957. Georgie morrera logo depois da cheia, um dos seus braços fora arrancado do corpo, e Rich tinha bloqueado isso tudo da memória. Mas às vezes essas coisas voltam, ah, sim, voltam, às vezes voltam.



O espasmo passou e Rich tateou às cegas em busca do botão do autoclismo. A água rugiu. O seu jantar, regurgitado em pedaços quentes, desapareceu graciosamente cano abaixo.

Rumo ao esgoto.

Rumo à imundície e ao fedor e à escuridão do esgoto.

Fechou a tampa, apoiou a testa nela e começou a chorar. Era a primeira vez que chorava desde que a mãe morrera em 1975. Sem pensar no que estava a fazer, pôs as mãos sob os olhos e as lentes de contacto que usava deslizaram para cima das palmas.

Quarenta minutos depois, sentindo-se oco e algo purificado, meteu as malas no porta-bagagens do *MG* e saiu de marcha atrás da garagem. O dia estava a terminar. Olhou para a casa com as plantas novas, olhou para a praia, para a água, que tinha adquirido o tom de esmeraldas pálidas quebradas por uma linha estreita de ouro batido. E foi dominado pela convicção de que nunca mais veria aquilo de novo, de que era um condenado a caminhar para a sua execução.

— Vou para casa — sussurrou Rich Tozier. — Vou para casa, que Deus me ajude, vou para casa.

Meteu a mudança e arrancou, sentindo mais uma vez que tinha sido fácil deslizar por uma fenda inesperada daquilo que considerava uma vida sólida; como era fácil seguir para o lado negro, velejar do azul em direção ao negro.

Do azul para o negro, sim, era isso. Onde tudo podia estar à espera.

Se, naquela noite de 28 de maio de 1985, alguém quisesse encontrar o homem a que a revista *Time* chamara «talvez o mais promissor jovem arquiteto dos Estados Unidos» («Os Jovens Turcos e a Conservação de Energia Urbana», *Time*, 15 de outubro de 1984), teria de rumar a oeste depois de Omaha, pela interestadual 80, apanhar a saída para Swedholm na Highway 81 e ir até ao centro da cidade (que não é muita coisa). Depois sair para a Highway 92 junto ao Bucky's Hi-Hat Eat-Em-Up («Peito de frango frito é a nossa especialidade») e, quando se estava de novo no campo, virava à direita para a Highway 63, que atravessa direita como uma régua a cidadezinha deserta de Gatlin e chega a Hemingford Home. O centro de Hemingford Home fazia o centro de Swedholm parecer Nova Iorque; a zona comercial consistia em oito edifícios, cinco de um lado e três do outro. Havia uma barbearia Kleen Kut (afixado na montra via-se um cartaz amarelado escrito à mão quinze anos antes que dizia SE É «HIPPIE», CORTE O CABELO NOUTRO LADO), o cinema que só passava reposições e uma loja dos trezentos. Havia ainda uma agência do banco Nebraska Homeowner's, uma estação de serviço, uma farmácia Rexall e uma loja de ferragens e artigos agrícolas, o único negócio da cidade que parecia ligeiramente próspero.

E, perto do final da rua principal, um pouco afastado dos outros edifícios, como um pária e à beira do grande nada, havia um clássico bar de província: o Red Wheel. Se alguém chegava àquele ponto, veria no estacionamento de terra batida um *Cadillac* descapotável de 1968 com antenas duplas de rádio amador atrás. A matrícula à frente dizia simplesmente: BEN'S CADDY. E dentro, ao dirigir-se ao balcão, encontraria o homem: magro, queimado do sol, com camisa de cambraia, calças de ganga desbotadas e botas gastas. Havia leves rugas em volta dos seus olhos, mas em nenhuma outra parte. Parecia talvez dez anos mais novo do que era (trinta e oito anos).

— Olá, senhor Hanscom — disse Ricky Lee enquanto colocava um guardanapo de papel sobre o balcão e Ben se sentava. Ricky Lee parecia um tanto admirado, e realmente estava. Nunca tinha visto Hanscom no Wheel numa noite de semana. Ia regularmente às sextas à noite beber duas cervejas, e ao sábado à noite beber quatro ou cinco; perguntava sempre pelos três filhos de Ricky Lee; deixava sempre a mesma gorjeta de cinco dólares debaixo da caneca quando ia embora. Em termos tanto de conversa profissional como de pessoal, era de longe o cliente preferido de Ricky Lee. Os dez dólares por semana (e os cinquenta que deixara pelo Natal nos últimos cinco anos) eram bons, mas a companhia do homem valia bastante mais. Companhia boa era sempre uma raridade, mas numa cidade de fim de mundo como aquela, onde as conversas geralmente eram más, era mais raro do que galinhas com dentes.

Apesar de as raízes de Hanscom serem da Nova Inglaterra e de ele ter estudado numa universidade da Califórnia, tinha um toque de texano extravagante. Ricky Lee contava com as visitas de sexta e sábado à noite de Ben Hanscom porque aprendera ao longo dos anos que *podia* contar com elas. O senhor Hanscom podia estar a construir um arranha-céus em Nova Iorque (onde já tinha três dos edifícios mais falados da cidade), uma nova galeria de arte em Redondo Beach ou um prédio comercial em Salt Lake City, mas quando chegava a noite de sexta, a porta que dava para o parque de estacionamento abria-se sempre entre as 20h00 e as 21h30 e lá entrava ele, como se morasse do outro lado da cidade e tivesse decidido ir até ali porque não dava nada de jeito na televisão. Tinha um *Learjet* e uma pista de aterragem na sua quinta, em Junkins.

Dois anos antes fora a Londres, primeiro para projetar e depois para supervisionar a construção do novo centro de comunicações da BBC, um edifício sobre o qual a imprensa britânica debatia fervorosamente contra e a favor (o *Guardian*: «Talvez o edifício mais bonito a ser construído em

Londres nos últimos vinte anos»; o *Mirror*: «Tirando a cara da minha sogra depois de uma noitada em vários *pubs*, é a coisa mais feia que já vi»). Quando o senhor Hanscom aceitara o projeto, Ricky Lee pensara: *Bem, voltarei a vê-lo um dia. Ou talvez ele se esqueça de nós*. E, de facto, a noite de sexta depois de Ben Hanscom partir para Inglaterra começara e terminara sem sinal dele, embora Ricky Lee tenha levantado a cabeça sempre que a porta se abria entre as 20h00 e as 21h30. *Bem, voltarei a vê-lo um dia. Talvez*. Esse dia acabou por ser a noite seguinte. A porta abriu-se às 20h45 e ele entrou, com calças de ganga e uma *t-shirt* com os dizeres GO 'BAMA e as velhas botas, parecendo ter saído apenas do outro lado da cidade. E quando Ricky Lee gritara com alegria: «Olá, senhor Hanscom! Caramba! O que está aqui a fazer?», o senhor Hanscom parecerá ligeiramente admirado, como se não houvesse nada de estranho no facto de estar ali. E isso não acontecera apenas uma vez; ele aparecera todas as noites de sábado durante os dois anos do seu envolvimento ativo com o prédio da BBC. Saía de Londres todas as manhãs de sábado às 11h00 no Concorde, contou ele a um fascinado Ricky Lee, e chegava ao aeroporto Kennedy em Nova Iorque às 10h15, quarenta e cinco minutos *antes* de ter saído de Londres, pelo menos segundo o relógio («Caramba, é como viajar no tempo, não é?» comentara um impressionado Ricky Lee). Uma limusina esperava-o para o levar ao aeroporto Teterboro em Nova Jérсия, uma viagem que não costumava durar mais de uma hora ao sábado de manhã. Ele podia estar no *cockpit* do seu *Lear* antes do meio-dia sem qualquer dificuldade e aterrar em Junkins por volta das 14h30. Se seguirmos para oeste suficientemente depressa, contou ele a Ricky, o dia parece prolongar-se para sempre. Fazia uma sesta de duas horas, passava uma hora com o capataz e uma hora com a secretária. Jantava e ia ao Red Wheel hora e meia, mais ou menos. Ia sempre sozinho, sentava-se sempre ao balcão e saía sempre como tinha entrado, embora Deus soubesse que havia muitas mulheres naquela

parte do Nebraska que teriam muito gosto em ir para a cama com ele. Na quinta, dormia umas seis horas e o processo todo recomeçava. Ricky nunca tivera um cliente que não se impressionasse com esta história. Talvez ele seja *gay*, dissera certa vez uma mulher. Ricky Lee lançou-lhe um rápido olhar, observando o cabelo cuidadosamente penteado, as roupas de bom corte que sem dúvida eram de marca, os diamantes nas orelhas, a expressão, e soube que ela era de algures a leste, talvez de Nova Iorque, numa breve visita a um familiar ou talvez a uma velha amiga de escola, e mal podia esperar para se ir embora de novo. Não, respondera ele. O senhor Hanscom não é maricas. Ela tirara um maço de *Doral* da mala e segurou um cigarro entre os lábios vermelhos cintilantes até ele lho acender. Como sabe?, perguntara ela com um leve sorriso. Sei, disse ele. E sabia. Pensou em dizer-lhe: acho que ele é o homem mais solitário que já conheci na vida. Mas não ia dizer uma coisa dessas a uma mulher de Nova Iorque que o olhava como se ele fosse uma forma de vida nova e divertida.

Naquela noite, o senhor Hanscom estava um pouco pálido, um pouco distraído.

— Olá, Ricky Lee — disse ele ao sentar-se, e começou a observar as mãos.

Ricky Lee sabia que ele iria passar os seis ou oito meses seguintes em Colorado Springs, a supervisionar o princípio da construção do Centro Cultural dos Estados da Montanha, um complexo de seis edifícios que seria talhado na encosta de uma montanha. «Quando estiver pronto, as pessoas vão dizer que parece que um miúdo gigantesco deixou os legos espalhados numas escadas», dissera Ben a Ricky Lee. «Pelo menos algumas, e em parte vão ter razão. Mas acho que vai resultar. É a maior coisa que já tentei, e vai ser assustador pô-la de pé, mas acho que vai correr bem.»

Ricky Lee achava que era possível que o senhor Hanscom estivesse com algum receio do protagonismo. Não havia nada de surpreendente nisso, e

também nada de errado. Quando uma pessoa se tornava suficientemente grande para dar nas vistas, tornava-se suficientemente grande para poder estar na mira dos outros. Ou talvez tivesse apanhado algum vírus. Andava por aí um bastante forte.

Ricky Lee pegou numa caneca e dirigiu-se à torneira da cerveja *Olympia*.

— Não faça isso, Ricky Lee.

Ricky Lee virou-se, admirado. E quando Ben Hanscom ergueu o olhar das mãos, de repente sentiu medo. Porque o senhor Hanscom não parecia estar com medo de protagonismo, nem com o vírus que andava por aí, nem nada disso. Parecia ter sofrido um golpe terrível e ainda estar a tentar perceber o que o tinha atingido.

*Alguém morreu. Ele não é casado, mas toda gente tem família, e alguém na dele acabou de bater as botas. Foi isso que aconteceu, tão certo como a merda descer pela sanita.*

Alguém colocou uma moeda na *jukebox*, e Barbara Mandrell começou a cantar algo sobre um homem bêbedo e uma mulher solitária.

— Sente-se bem, senhor Hanscom?

Ben Hanscom olhou para Ricky Lee com olhos que de repente pareceram dez, não, vinte anos mais velhos do que o resto do rosto, e Ricky Lee ficou espantado ao ver que o cabelo do senhor Hanscom estava a ficar grisalho. Nunca lhe tinha visto cabelos brancos.

Hanscom sorriu. O sorriso foi medonho, horrível. Era como ver sorrir um cadáver.

— Acho que não, Ricky Lee. Não, senhor. Hoje não. Nem um pouco.

Ricky Lee voltou a pousar a caneca e aproximou-se de Hanscom. O bar estava tão vazio como seria de esperar num bar fora da temporada de futebol numa noite de segunda-feira. Annie sentara-se ao lado da porta na cozinha, a jogar às cartas com o cozinheiro.

— Más notícias, senhor Hanscom?

— Más notícias, isso mesmo. Más notícias vindas de casa. — Olhou para Ricky Lee. Olhou através de Ricky Lee.

— Lamento ouvir isso, senhor Hanscom.

— Obrigado, Ricky Lee.

Ficou em silêncio, e Ricky Lee estava prestes a perguntar se havia alguma coisa que pudesse fazer quando Hanscom disse:

— Qual é o uísque da casa, Ricky Lee?

— Para toda a gente nesta espelunca é o *Four Roses* — disse Ricky Lee. — Mas para si creio que é o *Wild Turkey*.

Hanscom esboçou um pequeno sorriso ao ouvir isso.

— É simpático da sua parte, Ricky Lee. Acho que afinal é melhor pegar na caneca. O que deve fazer é enchê-la de *Wild Turkey*.

— Enchê-la? — perguntou Ricky Lee, sinceramente atónito. — Meu Deus, vou ter de o fazer rolar daqui para fora! — *Ou chamar uma ambulância*, pensou.

— Hoje, não — disse Hanscom. — Acho que não.

Ricky Lee olhou atentamente para os olhos do senhor Hanscom para ver se ele estaria a brincar e levou menos de um segundo a ver que não. Então, pegou de novo na caneca e tirou a garrafa de *Wild Turkey* de uma das prateleiras abaixo. O gargalo da garrafa bateu na beira da caneca quando ele começou a servir. Viu o uísque escorrer, fascinado apesar de tudo. Ricky Lee decidiu que o senhor Hanscom tinha em si mais do que um toque de texano: aquele era seguramente o maior *shot* de uísque que ele já servira ou alguma vez viria a servir na vida.

*Chamar uma ambulância uma ova. Se ele beber isto, terei de ligar para a Parker e Waters em Swedholm e mandar vir o carro fúnebre.*

De qualquer modo, colocou a caneca diante de Hanscom; o pai de Ricky Lee dissera-lhe uma vez que se um homem se encontrava no seu estado

normal, tinha de se lhe dar o que ele quisesse comprar, fosse mijo ou veneno. Ricky Lee não sabia se era um conselho bom ou mau, mas sabia que, se uma pessoa vivia dos lucros de um bar, o conselho ajudava-a a não ser massacrada pela própria consciência.

Hanscom olhou por um instante para a bebida gigantesca com ar pensativo e perguntou:

— Quanto lhe devo por uma dose destas, Ricky Lee?

Ricky Lee abanou a cabeça devagar, ainda a olhar para a caneca de uísque, sem querer levantar a cabeça e encontrar aqueles olhos encovados e pensativos.

— Não — disse ele. — Esta é por conta da casa.

Hanscom sorriu de novo, desta vez com mais naturalidade.

— Ora, obrigado, Ricky Lee. Vou mostrar-lhe uma coisa que aprendi no Peru em 1978. Estava a trabalhar com um tipo chamado Frank Billings, a aprender com ele. O Frank era o melhor arquiteto do mundo, na minha opinião. Apanhou uma febre e os médicos injetaram-lhe um milhão de antibióticos diferentes, mas nenhum lha baixou. Ficou a arder durante duas semanas e morreu. Aquilo que lhe vou mostrar aprendi com os índios da região que trabalhavam no projeto. A beberagem local é bastante potente. Bebemos um gole e achamos que está a escorregar bem, sem problemas, mas de repente parece que alguém nos acendeu um maçarico na boca e no-lo apontou à garganta. No entanto, os índios bebem-na como se fosse refresco, e raramente vi um bêbedo, e *nunca* vi um de ressaca. Nunca tive coragem de experimentar o método deles. Mas acho que vou fazê-lo hoje. Traga-me uns gomos de limão.

Ricky Lee pegou em quatro e colocou-os sobre um guardanapo ao lado da caneca de uísque. Hanscom pegou num, inclinou a cabeça para trás como um homem prestes a colocar colírio nos olhos e começou a espremer o sumo de limão para a narina direita.



— Santo Deus! — exclamou Ricky Lee horrorizado.

A garganta de Hanscom contraiu-se. O seu rosto ficou vermelho... e então Ricky Lee viu lágrimas a escorrerem pelo lado do rosto em direção às orelhas. Os Spinners estavam a tocar a música do homem elástico. «Ó meu Deus, não sei se aguento mais», cantavam.

Hanscom tateou às cegas o balcão, encontrou outro bocado de limão e espremeu o sumo para a outra narina.

— Ainda se vai matar, porra — sussurrou Ricky Lee.

Hanscom largou os dois bocados de limão espremido. Tinha os olhos vermelhos e arquejava e fazia caretas. Das suas narinas pingava sumo de limão e escorria até aos cantos da boca. Pegou na caneca, levantou-a e bebeu um terço. Paralisado, Ricky Lee viu-lhe a maçã de Adão subir e descer.

Hanscom pousou a caneca no balcão, estremeceu duas vezes e assentiu. Olhou para Ricky Lee e sorriu um pouco. Já não tinha os olhos vermelhos.

— Funciona como disseram. Uma pessoa está tão preocupada com o nariz que não sente o que está a descer pela garganta.

— É louco, senhor Hanscom — disse Ricky Lee.

— Pode apostar o seu couro nisso — disse o senhor Hanscom. — Lembra-se dessa, Ricky Lee? Dizíamos isso quando éramos crianças. «Podes apostar o teu couro nisso.» Já lhe contei que era gordo?

— Não, senhor, nunca — sussurrou Ricky Lee. Estava convencido de que o senhor Hanscom recebera uma notícia tão terrível que tinha mesmo enlouquecido... ou pelo menos abandonado temporariamente a sensatez.

— Era mesmo badocha. Nunca joguei basebol nem básquete, era sempre o primeiro a perder na apanhada, não fazia nenhum esforço a mais do que o mínimo necessário. Era mesmo gordo. E havia uns gajos na minha cidade que andavam sempre atrás de mim. Um chamava-se Reginald Huggins, só que toda a gente lhe chamava Arroto. Outro chamava-se Victor

Criss. E havia outros. Mas o verdadeiro cérebro do grupo era um tipo chamado Henry Bowers. Se alguma vez houve um rapaz genuinamente mau a andar pela face da Terra, Ricky Lee, era o Henry Bowers. Eu não era o único que ele perseguia; o meu problema era que eu não conseguia correr tão depressa como os outros.

Hanscom desabotoou a camisa e abriu-a. Ricky Lee inclinou-se para a frente e viu uma cicatriz estranha e retorcida na barriga do senhor Hanscom, mesmo acima do umbigo. Inchada, branca e velha. Era uma letra, reparou ele. Alguém lhe tinha desenhado a letra «H» na barriga, provavelmente bem antes de o senhor Hanscom se tornar um homem.

— Foi o Henry Bowers que me fez isto. Há uns mil anos. Tenho sorte de não ter o nome dele todo aqui.

— Senhor Hanscom...

Hanscom pegou nos outros bocados de limão, um em cada mão, inclinou a cabeça para trás e aplicou-os como descongestionante nasal. Tremeu bastante, pousou-os e bebeu dois grandes goles da caneca. Estremeceu de novo, tomou outro gole e tateou em busca da beira almofadada do balcão com os olhos fechados. Por um momento, segurou-se como um homem num veleiro agarrado à amurada no mar agitado. Em seguida, abriu os olhos de novo e sorriu a Ricky Lee.

— Eu podia montar este touro a noite toda — disse ele.

— Senhor Hanscom, preferia que não fizesse mais isso — disse Ricky Lee com nervosismo.

Annie aproximou-se da zona de serviço no balcão com a bandeja e pediu duas *Miller*. Ricky Lee serviu-as e entregou-lhas. Sentia as pernas bambas.

— O senhor Hanscom está bem, Ricky Lee? — perguntou Annie. Olhava para trás de Ricky Lee, e ele virou-se para acompanhar o olhar dela. O senhor Hanscom estava inclinado sobre o balcão a escolher

cuidadosamente pedaços de limão no recipiente onde Ricky Lee guardava as decorações das bebidas.

— Não sei — disse ele. — Acho que não.

— Então descruza os braços e faz alguma coisa. — Como a maior parte das outras mulheres, Annie tinha um fraquinho por Ben Hanscom.

— Não sei. O meu pai dizia sempre que se um homem está no seu estado normal...

— O teu pai tinha um cérebro de galinha — retorquiu Annie. — Esquece-o. Tens de acabar com isto, Ricky Lee. Ele vai matar-se.

Depois de receber a ordem de marcha, Ricky Lee voltou para onde Ben Hanscom estava sentado.

— Senhor Hanscom, acho que já bebeu o suf...

Hanscom inclinou a cabeça para trás. Espremeu. Na verdade, *snifou* o sumo de limão desta vez, como se fosse cocaína. Bebeu o uísque como se fosse água. Olhou para Ricky Lee solenemente.

— Bingue-bangue, vi o gangue todo dançar na minha sala — disse ele e riu-se. Restavam uns cinco centímetros de uísque na caneca.

— Já chega — disse Ricky Lee e esticou a mão para lhe pegar.

Hanscom tirou-a delicadamente do alcance dele.

— O dano já foi feito, Ricky Lee — disse ele. — O dano já foi feito, meu rapaz.

— Senhor Hanscom, por favor...

— Tenho uma coisa para os seus miúdos, Ricky Lee. Caramba, já me ia esquecendo!

Usava um colete de ganga desbotado e enfiou a mão num dos bolsos. Ricky Lee ouviu um tinir abafado.

— O meu pai morreu quando eu tinha quatro anos — disse Hanscom. Não tinha a voz nada arrastada. — Deixou-nos um monte de dívidas e isto. Quero que os seus filhos fiquem com eles, Ricky Lee. — Pousou três

reluzentes dólares de prata no balcão do bar, onde brilharam sob as luzes suaves. Ricky Lee prendeu a respiração.

— Senhor Hanscom, é muito amável, mas não posso...

— Eram quatro, mas dei um ao Bill Gago e aos outros. Bill Denbrough, era o nome dele, mas chamávamos-lhe Bill Gago ... uma daquelas coisas que dizíamos, como «podes apostar o teu couro nisso». Foi um dos melhores amigos que já tive, e tive alguns, sabe. Até um miúdo gordo como eu tinha amigos. O Bill Gago é escritor.

Ricky Lee mal o ouvia. Estava a olhar para os dólares de prata fascinado. 1921, 1923 e 1924. Só Deus sabia quanto valiam, e apenas pelo seu teor de prata pura.

— Não posso — disse ele de novo.

— Mas eu insisto.

O senhor Hanscom pegou na caneca e esvaziou-a. Devia estar a cair de bêbedo, mas os seus olhos não se afastaram dos de Ricky Lee. Aqueles olhos estavam lacrimejantes e muito injetados de sangue, mas Ricky Lee poderia jurar sobre uma pilha de Bíblias que também eram os olhos de um homem sóbrio.

— Está a assustar-me um pouco, senhor Hanscom — disse Ricky Lee.

Dois anos antes, Gresham Arnold, um bêbedo de certa reputação na zona, entrara no Red Wheel com um tubinho de moedas de vinte e cinco cêntimos numa das mãos e uma nota de vinte dólares enfiada na fita do chapéu. Entregara o tubinho a Annie com instruções de colocar as moedas na *jukebox* quatro a quatro. Colocou a nota de vinte no balcão e disse a Ricky Lee para servir bebidas a todos. Esse bêbedo, Gresham Arnold, tinha sido um jogador de basquete famoso muito tempo antes nos Hemingford Rams e conduzira-os ao primeiro (e provavelmente último) campeonato escolar. Isso fora em 1961. Um futuro quase ilimitado parecera estender-se diante do jovem. Mas ele chumbou no primeiro semestre na Louisiana State

University, vítima da bebida, das drogas e das noitadas de farra. Voltou para casa, espetou o descapotável amarelo que os pais lhe tinham oferecido como prenda de fim de curso e começou a trabalhar como vendedor-chefe dos produtos John Deere na loja do pai. Cinco anos passaram. O pai não conseguia suportar a ideia de despedi-lo, portanto vendeu a loja, reformou-se e foi para o Arizona, um homem assombrado e envelhecido antes do tempo pela degeneração inexplicável e aparentemente irreversível do filho. Enquanto a loja ainda era do pai e ele pelo menos fingia trabalhar, Arnold esforçou-se por ficar longe da bebida; depois, esta dominou-o por completo. Ele podia ser cruel, mas estava doce como um rebuçado na noite em que levou as moedas e pagou bebidas à malta, e todos lhe agradeceram com sinceridade; Annie foi pondo a tocar músicas de Moe Bandy porque Gresham Arnold gostava de Moe Bandy. Ele ficou sentado ali no bar, no mesmo banco onde o senhor Hanscom estava sentado, percebeu Ricky Lee com desconforto crescente, e bebeu três ou quatro *bourbons* com licor de ervas; cantou com a *jukebox*, não armou confusão e foi para casa quando Ricky Lee fechou o *Wheel*; enforcou-se com o cinto num *closet* do primeiro andar. Gresham Arnold tinha os mesmos olhos de Ben Hanscom naquela noite.

— Estou a assustá-lo um pouco, não é? — perguntou Hanscom, sem tirar os olhos de Ricky Lee. Afastou a caneca e uniu as mãos diante dos três dólares de prata. — Devo estar. Mas não está tão assustado como eu, Ricky Lee. Reze a Deus para nunca estar.

— Bem, qual é o problema? — perguntou Ricky Lee. — Talvez... — Molhou os lábios. — Talvez eu possa ajudar.

— O problema? — Ben Hanscom riu-se. — Ora, nada de especial. Recebi hoje o telefonema de um velho amigo. Um tipo chamado Mike Hanlon. Tinha-me esquecido completamente dele, Ricky Lee, mas isso não me assustou muito. Afinal, eu era apenas um miúdo quando o conheci, e os

miúdos esquecem-se das coisas, não é? Claro que esquecem. Pode apostar o seu couro nisso. O que me assustou foi chegar a meio do caminho até aqui e perceber que não fora só do Mike que me esquecera. Tinha-me esquecido de *tudo* acerca da minha infância.

Ricky Lee limitou-se a olhar para ele. Não fazia ideia do que o senhor Hanscom estava a falar, mas o homem estava mesmo com medo. Não havia dúvida. Era curioso ver isso em Ben Hanscom, mas era real.

— Quero dizer que me tinha esquecido de *tudo* — disse ele, e bateu com os dedos dobrados ao de leve no bar para enfatizar. — Já ouviu falar, Ricky Lee, de uma amnésia tão completa que nem sabia que *tinha* amnésia?

Ricky Lee abanou a cabeça.

— Nem eu. Mas ali estava eu, ao volante do *Caddy* esta noite, e de repente lembrei-me. Lembrei-me do Mike Hanlon, mas só porque ele me ligou. Lembrei-me de Derry, mas só porque era de onde ele estava a ligar.

— Derry?

— Mas foi só isso. Percebi que nem *pensava* na minha infância desde... desde nem sei quando. E então, de repente, tudo começou a voltar. Como o que fizemos com o quarto dólar de prata.

— O que fizeram com ele, senhor Hanscom?

Hanscom olhou para o relógio e de repente desceu do banco. Cambaleou um pouco, muito pouco. Só isso.

— Não posso deixar o tempo fugir — disse ele. — Vou voar hoje.

Ricky Lee ficou imediatamente alarmado, e Hanscom riu.

— Vou voar, mas não pilotar. Não desta vez. Vou na United Airlines, Ricky Lee.

— Ah. — Calculou que o alívio era evidente no seu rosto, mas não se importou. — Para onde vai?

A camisa de Hanscom continuava aberta. Ele olhou pensativamente para as linhas brancas e inchadas da velha cicatriz na barriga e começou a

abotoar a camisa.

— Pensei que lhe tinha dito, Ricky Lee. Para casa. Vou para casa. Dê os dólares de prata aos seus filhos. — Foi em direção à porta e, alguma coisa na sua forma de andar, até na forma como puxou as calças para cima, apavorou Ricky Lee. A semelhança com o falecido e nada lamentado Gresham Arnold foi de repente tão intensa que era praticamente como ver um fantasma.

— Senhor Hanscom! — gritou ele alarmado.

Hanscom virou-se, e Ricky Lee recuou. Bateu com o traseiro na prateleira de trás do bar e ouviu-se o som de vidro quando as garrafas bateram umas nas outras. Deu um passo atrás porque ficou convencido de repente de que Ben Hanscom estava morto. Sim, Ben Hanscom jazia morto algures, numa vala ou sótão ou possivelmente num *closet* com o cinto em volta do pescoço e a ponta das botas de quatrocentos dólares penduradas a uns cinco centímetros do chão, e aquela coisa em pé perto da *jukebox* a olhar para ele era um fantasma. Por um momento, só um momento, mas suficientemente longo para cobrir o seu coração com uma camada de gelo, convenceu-se de que conseguia ver mesas e cadeiras através do homem.

— O que foi, Ricky Lee?

— Na-n-na. Nada.

Ben Hanscom olhou para Ricky Lee com olhos que tinham crescentes roxos por baixo. As suas faces estavam coradas da bebida; o nariz vermelho e irritado.

— Nada — sussurrou Ricky Lee de novo, mas não conseguia tirar os olhos daquele rosto, o rosto de um homem que morrera afundado em pecado e agora aguardava junto à porta fumegante do inferno.

— Eu era gordo e nós éramos pobres — disse Ben Hanscom. — Lembro-me disso. E lembro-me de que uma rapariga chamada Beverly ou o Bill Gago me salvou a vida com um dólar de prata. Tenho pavor de mais

qualquer coisa de que possa lembrar-me antes que a noite de hoje acabe, mas o tamanho do medo que sinto não importa, porque tudo vai voltar, de qualquer forma. Está tudo aqui, como uma grande bolha a crescer na minha mente. Mas vou, porque tudo o que consegui e tudo o que tenho está ligado ao que fizemos naquela altura, e uma pessoa paga pelo que recebe neste mundo. Talvez seja por isso que Deus nos fez crianças primeiro e nos pôs mais perto do chão, porque Ele sabe que é preciso cair muito e sangrar muito para aprender essa simples lição. Pagamos pelo que recebemos, somos donos daquilo que pagamos... e mais tarde ou mais cedo, o que é nosso volta para casa, para nós.

— Mas regressa no fim de semana, não regressa? — perguntou Ricky Lee com lábios dormentes. Na sua crescente aflição, era só a isso que conseguia agarrar-se. — Vai voltar no fim de semana como sempre, não vai?

— Não sei — respondeu o senhor Hanscom, e esboçou um sorriso terrível. — Vou bastante mais longe do que Londres desta vez, Ricky Lee.

— Senhor Hanscom...!

— Dê esses dólares de prata aos seus filhos — repetiu ele, e saiu para a noite.

— Que porra...? — perguntou Annie, mas Ricky Lee ignorou-a. Levantou a parte móvel do balcão e correu até uma das janelas que davam para o parque de estacionamento. Viu os faróis do *Cadillac* do senhor Hanscom acenderem-se, ouviu o rugido do motor. Saiu do estacionamento de terra levantando um tapete de poeira atrás. Os faróis traseiros diminuíram até se transformarem em pontos vermelhos na Highway 63, e o vento noturno do Nebraska começou a espalhar a terra que estava no ar.

— Ele bebeu quase uma garrafa e deixaste-o conduzir aquele carrão daqui para fora — comentou Annie. — Parabéns, Ricky Lee.

— Esquece.



— Ele vai matar-se.

E apesar de esse ter sido o pensamento do próprio Ricky Lee menos de cinco minutos antes, virou-se para ela quando os faróis desapareceram e abanou a cabeça.

— Não me parece — disse. — Embora, pela forma como ele estava hoje, talvez fosse melhor se ele se matasse.

— O que te disse ele?

Ricky Lee abanou a cabeça. Estava tudo confuso na sua mente, e a soma total não parecia querer dizer nada.

— Não importa. Mas acho que nunca mais vamos ver aquele homem.

#### 4

#### *Eddie Kaspbrak toma o seu remédio*

Se alguém quisesse saber tudo o que há para saber sobre um norte-americano de classe média à medida que o milénio se aproxima do fim, bastaria olhar para o seu armário dos medicamentos. Ou, pelo menos, é o que dizem. Mas, caramba, olhem para este que Eddie Kaspbrak está a abrir, depois de felizmente desviar o rosto branco e os olhos arregalados.

Na prateleira superior há *Anacin*, *Excedrin*, *Excedrin* noturno, *Contac*, *Gelusil*, *Tylenol* e um frasco grande de *Vicks*, que parece um pedaço de crepúsculo dentro de um frasco. Há *Vivarin*, *Serutan* (É «Nature's» escrito de trás para a frente, diziam os anúncios no programa de Lawrence Welk quando Eddie Kaspbrak era um miúdo), e dois frascos de *Leite de Magnésia Phillips*, um do tipo comum, que sabe a giz líquido, e o outro do novo com sabor a menta, que sabe a giz líquido com um travo a menta. Há um frasco grande de *Roloids* ao lado de outro grande de *Tums*. O *Tums* está ao lado de

um grande de pastilhas *Di-Gel* com sabor a laranja. Dir-se-ia um trio de mealheiros estranhos, cheios de comprimidos em vez de moedas.

Na segunda prateleira estão as vitaminas: há a vitamina E, a C, a C com bagas de roseira brava. Há vitamina B, o complexo B e a B12. Há a L-Lisina, que serve para ajudar naqueles problemas constrangedores de pele, e a lecitina, que é para resolver a constrangedora acumulação de colesterol no coração e em volta dele. Há ferro, cálcio e óleo de fígado de bacalhau. Há frascos de *One-A-Day*, *Myadec*, *Centrum*. E em cima do armário em si, há um frasco enorme de *Geritol*, por via das dúvidas.

Passando para a terceira prateleira de Eddie, encontramos os elementos base da farmacologia patenteada. *Ex-Lax*. *Carter's Little Pills*. Os dois mantêm o funcionamento dos intestinos de Eddie Kaspbrak. Ao lado está o *Kaopectate*, o *Pepto-Bismol* e o *Sperti Preparação H* para o caso de o funcionamento ser demasiado rápido ou demasiado doloroso. Há também *Tucks* num frasco com tampa de rosca para manter tudo higienizado depois de feita a distribuição do correio, quer se trate de uma simples circular ou de uma grande encomenda registada. Há *Formula 44* para a tosse, *Nyquil* e *Dristan* para as constipações e um frasco grande de óleo de rícino. Há uma lata de *Sucrets* para o caso de a garganta de Eddie ficar inflamada, e há um quarteto de elixires bucais: *Chloraseptic*, *Cēpacol*, *Cēpastat spray* e, é claro, o velho e bom *Listerine*, frequentemente imitado, mas nunca igualado. *Visine* e *Murine* para os olhos. Pomadas *Cortaid* e *Neosporin* para a pele (a segunda linha de defesa caso a L-Lisina não corresponda às expectativas), um tubo de *Oxy-5* e uma embalagem plástica de *Oxy-Wash* (porque Eddie preferia ter menos cêntimos do que mais borbulhas) e alguns comprimidos de tetraciclina.

E, num dos lados, reunidas como conspiradores ressentidos, há três embalagens de champô de alcatrão.

A prateleira de baixo está quase vazia, mas o que se encontra nela é caso sério; podia viajar-se com aquelas coisas. Com elas, podia voar-se mais alto do que o avião de Ben Hanscom e cair com mais força do que o de Thurman Munson. Há *Valium*, *Percodan*, *Elavil* e *Darvon Complex*. Há também outra caixa de *Sucrets* na prateleira de baixo, mas sem *Sucrets* lá dentro. Se a abrissemos, encontraríamos seis *Quaaludes*.

Eddie Kaspbrak acreditava no lema dos escuteiros.

Balançava um saco azul ao entrar na casa de banho. Pousou-o no lavatório, abriu o fecho e, com mãos trémulas, começou a deitar frascos e embalagens lá para dentro. Noutras circunstâncias, tê-los-ia arrumado cuidadosamente, mas não havia tempo para picuinhices. A escolha, do ponto de vista de Eddie, era tão simples como brutal: avançar e continuar em movimento ou ficar parado num sítio tempo suficiente para começar a pensar no que tudo aquilo queria dizer e simplesmente morrer de medo.

— Eddie? — gritou Myra do andar de baixo. — Eddie, o que estás a fazeeeer?

Eddie guardou a caixa de *Sucrets* com os *Quaaludes* no saco. O armário de medicamentos estava praticamente vazio; ficaram lá o *Midol* de Myra e uma bisnaga pequena de *Blistex*. Começou a correr o fecho, hesitou e também colocou o *Midol* no saco. Myra podia sempre comprar mais.

— Eddie? — Já a meio da escada.

Eddie acabou de fechar o saco e saiu da casa de banho com ele junto ao flanco. Era um homem baixo com um rosto tímido de coelho. Tinha perdido a maior parte do cabelo; o que restara crescia em tufos desordenados. O peso do saco inclinava-o claramente para um dos lados.

Uma mulher bastante gorda vinha a subir as escadas devagar. Eddie conseguia ouvir os degraus a ranger em protesto debaixo dela.

— O que estás a FAZEEEEEEER?

Eddie não precisava que um psicólogo lhe dissesse que, em certo sentido, casara com a própria mãe. Myra Kaspbrak era enorme. Fora apenas grande quando Eddie se casara com ela cinco anos antes, mas às vezes pensava que o seu subconsciente vira nela o potencial de crescimento; Deus sabia que a mãe fora gigantesca. E parecia maior do que nunca ao chegar ao patamar do primeiro andar. Usava uma camisa de dormir branca que inchava em ondas nos seios e ancas. O rosto dela, sem maquilhagem, estava branco e lúcido. Parecia deveras assustada.

— Tenho de me ausentar durante algum tempo — disse Eddie.

— O que queres dizer com ausentar? Que telefonema foi aquele?

— Nada — respondeu ele, avançando abruptamente pelo corredor até ao quarto de vestir. Pousou o saco no chão, fez deslizar a porta e procurou entre a meia dúzia de fatos pretos idênticos ali pendurados, que se destacavam como uma nuvem de tempestade no meio da outra roupa mais colorida. Usava sempre um dos fatos pretos quando trabalhava. Inclinou-se para dentro do *closet*, sentiu o cheiro a naftalina e lã e tirou uma das malas que estavam atrás. Abriu-a e começou a enchê-la de roupa.

A sombra da mulher caiu sobre ele.

— De que se trata, Eddie? Para onde vais? Diz-me!

— Não posso.

Ela ficou ali a observá-lo, a tentar decidir o que dizer ou o que fazer. Ocorreu-lhe a ideia de empurrá-lo para dentro do *closet* e de se encostar à porta até aquela loucura passar, mas não conseguiu fazer isso, apesar de ser capaz; era oito centímetros mais alta do que Eddie e cinquenta quilos mais pesada. Não conseguia pensar no que fazer ou dizer porque aquela reação era tão estranha nele. Não teria ficado mais consternada e assustada se tivesse entrado na sala e encontrado o novo televisor de ecrã gigante a flutuar no ar.

— Não podes ir — ouviu-se ela dizer. — Prometeste que ias arranjar-me o autógrafo do Al Pacino. — Era um absurdo, Deus sabia que era, mas naquela altura, até um absurdo era melhor do que nada.

— Ainda terás o teu autógrafo — disse Eddie. — Vais ter de o conduzir.

Ah, ali estava um novo terror para se juntar aos que já rodopiavam pela pobre cabeça tonta de Myra. Ela deu um pequeno grito.

— Não posso... Eu nunca...

— Vais ter de ir — disse ele. Estava a examinar os sapatos. — Não há mais ninguém.

— Já nenhum dos meus uniformes me serve! Estão muito justos nas mamas!

— Pede à Delores que te alargue um — sugeriu ele de forma implacável.

Descartou dois pares de sapatos, encontrou uma caixa de sapatos e meteu lá dentro um terceiro par. Sapatos pretos bons, que ainda durariam muito, mas um pouco gastos para usar no trabalho. Quando se conduzia pessoas ricas em Nova Iorque, muitas delas pessoas ricas e *famosas*, tudo tinha de parecer perfeito. Aqueles sapatos já não pareciam perfeitos... mas achava que serviam para onde ia. E para o que quer que tivesse de fazer quando lá chegasse. Talvez Richie Tozier...

Mas depois a escuridão ameaçou-o e ele sentiu a garganta começar a contrair-se. Eddie deu-se conta com verdadeiro pânico de que tinha enfiado a farmácia inteira no saco e deixara a coisa mais importante, o seu inalador, no andar de baixo, em cima do móvel da aparelhagem.

Fechou a mala e os fechos. Olhou para Myra, que estava no corredor com a mão sobre o pescoço grosso e curto como se fosse ela que tivesse asma. Olhava para ele, com o rosto cheio de perplexidade e terror, e ele podia ter sentido pena dela se o seu coração não estivesse já tão cheio de pavor pela sua pessoa.

— O que aconteceu, Eddie? Quem te ligou? Estás em sarilhos? Estás, não estás? Em que tipo de problema te meteste?

Ele caminhou na direção dela, com o saco numa mão e a mala na outra, mais ou menos direito agora que o peso que carregava estava melhor distribuído. Myra pôs-se à frente dele bloqueando-lhe o acesso às escadas, e de início achou que ela não se afastaria. Mas quando o seu rosto estava prestes a chocar com o bloqueio macio que eram os seios dela, Myra chegou-se para o lado... receosa. Quando Eddie passou sem diminuir a velocidade, ela irrompeu em lágrimas.

— Não posso conduzir o Al Pacino! — gritou ela. — Vou chocar com um STOP ou com outra coisa, sei que vou! Eddie, tenho meedo!

Ele olhou para o relógio *Seth Thomas* sobre a mesa ao lado das escadas. Nove e vinte. O funcionário da Delta com voz metálica dissera-lhe que já tinha perdido o último voo para norte, para o Maine, o que saíra de La Guardia às 20h25. Ligara para a Amtrak e descobrira que havia um comboio noturno para Boston a sair de Penn Station às 23h30, que o deixaria em South Station, onde ele podia apanhar um táxi até aos escritórios da Cape Cod Limousine em Arlington Street. Cape Cod e a empresa de Eddie, Royal Crest, tinham um acordo útil e amigavelmente recíproco já com uns bons anos. Um telefonema rápido a Butch Carrington em Boston assegurara o seu transporte para norte. Butch dissera que teria uma limusina *Cadillac* abastecida e pronta. Então iria em estilo e sem nenhum cliente chato sentado no banco de trás, a empestar o ar com um charuto enorme e a perguntar a Eddie se sabia onde podia arranjar uma mulher ou alguns gramas de cocaína, ou as duas coisas.

*Vou em estilo, sim, pensou ele. A única forma de ir mais em estilo seria ir num carro fúnebre. Mas não te preocupes, Eddie. Deve ser assim que vais voltar. Se sobrar o suficiente de ti para enterrar, claro.*

— Eddie?

Nove e vinte. Tempo de sobra para falar com ela, tempo de sobra para ser meigo. Ah, mas teria sido tão melhor se fosse na noite em que ela saía para jogar às cartas; então poderia ter saído deixando apenas um bilhete debaixo de um dos ímanes da porta do frigorífico (era na porta do frigorífico que ele deixava todos os seus bilhetes para Myra, porque ela via-os sempre). Sair assim, como um fugitivo, não teria sido bom, mas isto era ainda pior. Era como ter de sair da casa dos pais de novo, e isso fora tão difícil que ele precisou de três tentativas.

*Às vezes, o lar é onde está o coração, pensou Eddie aleatoriamente. Acredito nisso. O velho Bobby Frost disse que o lar é o sítio onde, quando precisamos de lá ir, têm de nos receber. Infelizmente, também é o sítio onde, quando entramos, não nos querem deixar sair.*

Parou no cimo das escadas, com o ímpeto de avançar temporariamente interrompido, cheio de medo, a respiração pelo buraco de agulha em que a sua garganta se transformara, e observou a mulher chorosa.

— Desce comigo e conto-te o que puder — pediu ele.

Eddie deixou a mala com a roupa e o saco com os remédios junto à porta do vestíbulo. Recordou-se de outra coisa naquele momento... ou melhor, recordou-lha o fantasma da mãe, que estava morta havia muitos anos, mas que ainda falava frequentemente na mente dele.

*Sabes que quando molhas os pés te constipas sempre, Eddie. Não és como as outras pessoas. Tens o corpo muito fraco, precisas de ter cuidado. É por isso que deves usar sempre as galochas quando chove.*

Em Derry chovia muito.

Eddie abriu o armário do vestíbulo, tirou as galochas do gancho onde estavam cuidadosamente penduradas dentro de um saco de plástico e guardou-as na mala da roupa.

*Lindo menino, Eddie.*

Ele e Myra estavam a ver televisão quando tudo se complicara. Eddie foi até à sala e premiu o botão que baixava o ecrã do televisor *MuralVision*, tão grande que parecia um ecrã de cinema. Pegou no telefone e chamou um táxi. Disseram-lhe que devia demorar à volta de quinze minutos. Eddie respondeu que não havia problema.

Desligou e tirou a bomba de cima do móvel da dispendiosa aparelhagem *Sony*. *Gastei mil e quinhentos dólares numa aparelhagem de primeira para que a Myra não perdesse uma única nota dos seus discos do Barry Manilow e do Supremes Greatest Hits*, pensou ele, e sentiu uma pontada de culpa. Isso não era justo, e sabia-o. Myra teria ficado tão feliz com os velhos discos riscados como com os novos CD do tamanho de discos de quarenta e cinco rotações, tal como teria ficado feliz em continuar a viver na casinha de quatro assoalhadas em Queens até serem os dois velhos e grisalhos (e, para dizer a verdade, já havia um pouco de neve na montanha que era a cabeça de Eddie Kaspbrak). Ele comprara a luxuosa aparelhagem pelo mesmo motivo que comprara aquela casa rústica de pedra em Long Island, onde os dois vagueavam com espaço a mais: porque pudera, e porque eram formas de aplacar a voz suave, assustada, frequentemente perplexa e sempre implacável da mãe; eram formas de dizer: «Consegui, mãe! Olha para isto tudo! Consegui! Agora será que podes fazer o favor de te calar um pouco?»

Eddie enfiou a bomba na boca e, como um homem a imitar o suicídio, premiu o gatilho. Uma nuvem com um terrível gosto a alcaçuz desceu pela sua garganta, e Eddie respirou fundo. Conseguiu sentir as vias respiratórias fechadas começarem a abrir-se de novo. O aperto no peito diminuiu, e de repente ouviu vozes na mente, vozes-fantasma.

*Não recebeu o bilhete que lhe mandei?*

*Recebi, senhora Kaspbrak, mas...*



*Bem, caso não saiba ler, treinador Black, vou dizer-lhe em pessoa. Está pronto?*

*Senhora Kaspbrak...*

*Ótimo. Aqui vai, dos meus lábios para os seus ouvidos. Pronto? O meu Eddie não pode ter educação física. Repito: ele não pode ter educação física. O Eddie é muito delicado, e se ele correr... ou saltar...*

*Senhora Kaspbrak, tenho o resultado do último exame físico do Eddie no meu gabinete. É uma exigência estadual. Diz que o Eddie é um pouco pequeno para a idade, mas fora isso, perfeitamente normal. Portanto liguei ao seu médico de família para ter a certeza e ele confirmou...*

*Está a chamar-me mentirosa, treinador Black? É isso? Bem, aqui está ele! Aqui está o Eddie, mesmo ao meu lado! Ouve como ele respira? Ouve?*

*Mãe... por favor... estou bem...*

*Eddie, sabes que não deves fazer isso. Já te ensinei. Não interrompas os mais velhos.*

*Ouçó sim, senhora Kaspbrak, mas...*

*Ouve? Que bom! Pensei que talvez fosse surdo! Ele parece um camião a subir uma ladeira com a mudança baixa, não parece? E se isso não é asma...*

*Mãe, eu fico...*

*Cala-te, Eddie, não me interrompas de novo. Se isso não é asma, treinador Black, então eu sou a rainha Isabel!*

*Senhora Kaspbrak, o Eddie costuma parecer bem e feliz nas aulas de educação física. Adora participar em jogos e corre bastante depressa. Na minha conversa com o doutor Baynes surgiu a palavra «psicossomático». Pergunto se considerou a possibilidade de...*

*...de o meu filho ser louco? É isso que está a tentar dizer? Está a tentar dizer que o meu filho é louco?*

*Não, mas...*

*Ele é delicado.*

*Senhora Kaspbrak...*

*O meu filho é muito delicado.*

*Senhora Kaspbrak, o doutor Baynes confirmou que não conseguiu encontrar nada de...*

— ... fisicamente errado — concluiu Eddie. A lembrança daquele encontro humilhante, com a mãe a gritar com o treinador Black no ginásio da Derry Elementary School enquanto ele ofegava e se encolhia ao lado dela e os outros rapazes o observavam reunidos em torno de um dos cestos de basquete só regressara à sua mente nessa noite em anos. E essa não era a única lembrança que o telefonema de Mike Hanlon traria de volta, ele sabia. Conseguia sentir muitas outras, tão más ou até piores, a acumularem-se e a debaterem-se como consumidores enlouquecidos pelos saldos acotovelados à porta de uns grandes armazéns. Mas, em pouco tempo o acotovelamento acabaria e as lembranças chegariam. Ele tinha a certeza. E o que encontrariam? A sanidade dele? Era possível. Pela metade do preço. Liquidação total.

— Nada de fisicamente errado — repetiu ele. Respirou fundo de forma trémula e enfiou a bomba no bolso.

— Eddie — disse Myra. — *Por favor*, conta-me o que se passa!

Marcas de lágrimas reluziam nas bochechas gordas. As mãos retorciam-se sem parar como dois animais rosados e nus a brincar. Uma vez, pouco antes de a pedir em casamento, ele pegara numa fotografia que Myra lhe dera e pusera-a ao lado da da mãe, que morrera de ataque cardíaco aos sessenta e quatro anos. Na altura da morte, a mãe de Eddie pesava mais de cento e oitenta quilos; pesava cento e oitenta e quatro, para ser exato. Tinha-se tornado uma coisa quase monstruosa: o seu corpo feito de mamas, cu e barriga, com o rosto pastoso e perpetuamente consternado por cima. Mas a fotografia ao lado da qual ele pusera a de Myra fora tirada em 1944, dois

anos antes de ele nascer («Eras um bebé muito doente», sussurrou a mãe-fantasma ao seu ouvido. «Muitas vezes tememos pela tua vida...») Em 1944, a mãe tinha o peso relativamente esbelto de oitenta e um quilos.

Fizera essa comparação, supunha, num derradeiro esforço de se impedir de cometer incesto psicológico. Olhou da mãe para Myra, de Myra para a mãe.

Podiam ter sido irmãs. A semelhança era de facto enorme.

Eddie olhou para as duas imagens praticamente idênticas e prometeu a si mesmo que não faria aquela coisa doida. Sabia que os rapazes no trabalho já diziam piadas sobre o Bucha e Estica, mas não sabiam da missa a metade. Ele conseguia suportar as piadas e os comentários mordazes, mas será que queria mesmo ser um palhaço num circo freudiano daqueles? Não. Não queria. Acabaria tudo com Myra. Seria meigo porque ela era muito doce e tinha ainda menos experiência com homens do que ele tinha com mulheres. E então, depois de ela finalmente sair do horizonte da sua vida, talvez pudesse ter aquelas aulas de ténis em que andava a pensar há tanto tempo

*(O Eddie costuma parecer bem e feliz nas aulas de educação física)*

ou comprar um lugar de sócio na piscina do U N Plaza Hotel

*(O Eddie adora participar em jogos)*

já para não falar no ginásio que abrira na Terceira Avenida, em frente à garagem...

*(O Eddie corre bastante depressa corre bastante depressa quando a senhora não está aqui corre bastante depressa quando não há ninguém por perto a lembrar-lhe como é delicado e vejo no rosto dele senhora Kaspbrak que ele sabe já agora aos nove anos ele sabe que o maior favor no mundo que ele poderia fazer a si mesmo seria correr depressa em qualquer direção em que a senhora não o deixa ir deixe-o correr.)*

Mas no fim ele casara à mesma com Myra. No fim, os velhos hábitos tinham sido demasiado fortes. O lar era o sítio onde, quando se tinha de lá ir, nos acorrentavam. Oh, ele podia ter vencido o fantasma da mãe. Teria sido difícil, mas com certeza teria conseguido, se isso fosse tudo o que precisava de ser feito. Foi a própria Myra quem acabou por afastá-lo da independência. Condenou-o com a solicitude, prendeu-o com a preocupação, acorrentou-o com a doçura. Myra, como a mãe, captara a verdade definitiva e fatal da personalidade dele: Eddie era ainda mais delicado porque às vezes desconfiava que não era nada delicado; Eddie precisava de ser protegido dos seus próprios ímpetos burros de possível valentia.

Em dias chuvosos, Myra tirava sempre as galochas dele do saco de plástico no armário e colocava-as ao pé do bengaleiro junto à porta. Ao lado do prato da torrada sem manteiga todas as manhãs havia uma tigela cujo conteúdo poderia parecer à primeira vista cereais doces multicoloridos para crianças, mas que um olhar mais atento revelaria ser um espectro completo de vitaminas (a maior parte das quais presentes no saco de medicamentos de Eddie naquele momento). Myra, como a mãe, entendia, e ele não teve qualquer hipótese. Quando era jovem e solteiro, saíra da casa da mãe três vezes e voltara para ela três vezes. Então, quatro anos depois de a mãe morrer no *hall* de entrada do apartamento em Queens, bloqueando a porta tão completamente com o volume do corpo que o pessoal do 112 (chamado pelos moradores do andar de baixo quando ouviram o estrondo monstruoso da senhora Kaspbrak a cair pela derradeira vez) tivera de forçar a entrada pela porta de serviço trancada, ele voltara uma quarta e última vez. Pelo menos acreditara que era a última vez — *de volta a casa, de volta a casa, lá-lá-lá; de volta a casa, de volta a casa, com Myra, a porca*. Ela era uma porca, mas era uma porca doce, e ele amava-a, e realmente não tivera a

mínima hipótese. Ela atraía-o com o olhar fatal e hipnotizador da compreensão.

*De volta a casa para sempre, pensara ele na altura.*

*Mas talvez eu estivesse errado, pensou ele. Talvez esta não seja a minha casa, nem nunca tenha sido. Talvez o meu lar seja o lugar para onde tenho de ir hoje. O lar é o local onde, quando lá vamos, temos finalmente de enfrentar a coisa no escuro.*

Tremeu impotente, como se tivesse saído sem as galochas e tivesse apanhado uma constipação terrível.

— Eddie, *por favor!*

Ela começava a chorar de novo. As lágrimas eram a sua defesa final, assim como sempre tinham sido a da mãe: a arma delicada que paralisa, que transforma a gentileza e o carinho em fendas fatais na armadura de uma pessoa.

Não que ele alguma vez tivesse usado armadura; não parecia assentar-lhe bem.

As lágrimas tinham sido mais do que uma defesa para a mãe dele; tinham sido uma arma. Myra raramente usara as suas lágrimas tão cinicamente... mas, cinicamente ou não, ele deu-se conta de que ela estava a tentar usá-las dessa forma... e estava a sair-se bem.

Não podia permiti-lo. Seria demasiado fácil pensar em como iria sentir-se sozinho naquele comboio que rumaria a norte na direção de Boston através da escuridão, com a mala no compartimento acima e o saco cheio de medicamentos entre os pés, com o medo a pesar no peito como uma embalagem rançosa de Vicks. Era demasiado fácil deixar Myra levá-lo para cima e fazer amor com ele com aspirina e uma massagem com álcool. E enfiá-lo na cama, onde poderiam ou não fazer um tipo de amor ainda mais franco.

Porém, ele prometera. *Prometera.*

— Myra, ouve — disse ele, deixando a voz propositadamente seca, propositadamente direta.

Ela fitou-o com os olhos molhados, nus, apavorados.

Eddie pensou que tentaria explicar, o melhor que pudesse; dir-lhe-ia que Mike Hanlon ligara e dissera que tinha recomeçado, e sim, ele achava que a maior parte dos outros também ia.

Mas o que saiu da sua boca foi uma coisa bem mais sensata.

— Vai ao escritório de manhã cedo. Fala com o Phil. Diz-lhe que tive de ir para fora e que vais conduzir o Al Pacino...

— Eddie, não *consigo!* — choramingou ela. — Ele é uma grande vedeta! Se me perder, ele vai gritar comigo, sei que vai, vai *gritar*, todos gritam quando o motorista se perde... e... e vou chorar... pode haver um acidente... provavelmente vai haver um acidente...Eddie... Eddie, tens de ficar em casa...

— Pelo amor de Deus! *Para!*

Ela encolheu-se ao ouvir a voz dele, magoada; apesar de pegar na bomba, Eddie não a usaria. Ela veria isso como sinal fraqueza, algo que poderia usar contra ele. *Meu Deus, se estiveres aí, por favor, acredita quando digo que não quero magoar a Myra. Não quero cortá-la, não quero sequer fazer-lhe uma nódoa negra. Mas prometi, todos prometemos, fizemos um juramento com sangue, por favor, Deus, ajuda-me, porque tenho de fazer isto...*

— Detesto quando gritas comigo, Eddie — sussurrou ela.

— E eu detesto gritar-te — retorquiu ele, e Myra fez uma careta. *Aí está, Eddie, magoaste-a de novo. Porque não lhe dás uns socos? Provavelmente seria mais delicado. E mais rápido.*

De repente (deve ter sido a ideia de dar socos em alguém que fez a imagem surgir), viu o rosto de Henry Bowers. Era a primeira vez que

pensava em Bowers em anos, e não ajudou em nada a sua paz de espírito. Nada mesmo.

Fechou os olhos brevemente.

— Não te vais perder, e ele não vai gritar contigo — disse, abrindo os olhos. — O senhor Pacino é muito simpático, muito compreensivo. — Nunca tinha conduzido Al Pacino na vida, mas contentava-se em saber que pelo menos a lei das probabilidades estava do lado dele nessa mentira: segundo boatos populares, a maior parte das celebridades era uma peste, mas Eddie conduzira um número suficiente delas para saber que costumava não ser verdade.

Claro que havia exceções à regra e, na maior parte dos casos, as exceções eram verdadeiras monstruosidades. Esperava fervorosamente para bem de Myra que Pacino não fosse um deles.

— Ai sim? — perguntou ela com timidez.

— Sim.

— Como sabes?

— O Demetrios conduziu-o duas ou três vezes quando trabalhava na Manhattan Limousine — mentiu Eddie. — Disse que o senhor Pacino dava sempre pelo menos cinquenta dólares de gorjeta.

— Não me importava que só me desse cinquenta cêntimos, desde que não gritasse comigo.

— Myra, isto é tão fácil como contar até três. Um, vais buscá-lo ao Saint Regis amanhã às sete da tarde e leva-lo ao edifício da ABC. Estão a regravar a última cena da peça em que o Pacino participa, acho que se chama *American Buffalo*. Dois, leva-lo de volta ao Saint Regis por volta das vinte e três. Três, regressas à garagem, entregas o carro e assinas a folha.

— Só isso?

— Só isso. És capaz de fazê-lo de olhos fechados, Marty.

Ela costumava rir ao ouvir o nome carinhoso, mas limitou-se a olhar para ele com uma seriedade dolorosa e infantil.

— E se ele quiser ir jantar fora em vez de voltar ao hotel? Ou ir beber um copo? Ou dançar?

— Acho que não vai querer, mas se quiser, leva-o. Se parecer que ele vai ficar na farrá a noite toda, podes contactar o Phil Thomas pelo rádio depois da meia-noite. Nessa altura, ele terá um motorista livre para te substituir. Nunca te colocaria numa posição destas se tivesse um motorista livre, mas dois estão doentes, o Demetrios está de férias e todos os outros têm trabalho marcado. Estarás na cama à uma da manhã, Marty. Uma da manhã no máximo. Dou-te a minha gargarantia.

Myra também não se riu do gargarantia.

Ele aclarou a garganta e inclinou-se para a frente, com os cotovelos sobre os joelhos. Imediatamente, a sua mãe-fantasma sussurrou: «Não te



sentes assim, Eddie. Faz mal à postura e comprime-te os pulmões. Tens pulmões muito delicados.»

Endireitou-se de novo, mal percebendo que o estava a fazer.

— É melhor que seja a única vez que preciso de conduzir — disse ela num gemido. — Engordei muito nos últimos dois anos, e as minhas fardas ficam-me *horríveis*.

— É a única vez, prometo.

— Quem te ligou, Eddie?

Como que seguindo a deixa, a luz de uns faróis incidiu na sala; uma buzina soou uma vez e o táxi virou para o caminho de aceso. Ele sentiu uma onda de alívio. Tinham passado quinze minutos a falar de Pacino em vez de Derry, Mike Hanlon e Henry Bowers, e isso era bom. Bom para Myra e bom para ele também. Não queria passar tempo nenhum a pensar e a falar sobre aquelas coisas até ser necessário.

Eddie levantou-se.

— É o meu táxi.

Ela levantou-se tão depressa que tropeçou na bainha da camisa de dormir e caiu para a frente. Eddie segurou-a, mas por um momento o êxito foi incerto: ela era cinquenta quilos mais pesada do que ele.

Além do mais, começava de novo a gorgolejar.

— Eddie, *tens* de me contar!

— Não posso. Não há tempo.

— Nunca escondeste nada de mim antes, Eddie — chorou ela.

— E não estou a esconder agora. A sério que não. Não me lembro de tudo. Pelo menos, ainda não. O homem que ligou era, é, um velho amigo. Ele...

— Vais adoecer — disse ela desesperadamente, seguindo-o quando ele se dirigiu ao vestíbulo. — Sei que vais. Deixa-me ir, Eddie, por favor, eu trato de ti, o Pacino pode apanhar um táxi ou coisa do género, não vai

morrer, o que achas, hein? — A voz de Myra estava a ficar mais alta, a tornar-se frenética e, para horror de Eddie, ela começou a parecer cada vez mais a sua mãe, a sua mãe como estava nos últimos meses antes de morrer: velha, gorda e doida. — Eu massajo-te as costas e certifico-me de que tomas os teus comprimidos... eu... ajudo-te ... não falo se não quiseres, mas podes contar-me tudo... *Eddie... Eddie, por favor, não vás! Eddie, peço-te por tudo! Por favooooooooor!*

Ele caminhava a passos largos para a porta da rua, às cegas, com a cabeça baixa, movendo-se como um homem se move contra o vento forte. Ofegava de novo. Quando pegou nas malas, cada uma parecia pesar cinquenta quilos. Conseguia sentir as mãos gordas e rosadas dela em si, tocando, explorando, puxando com desejo impotente, mas sem força real, tentando seduzi-lo com as lágrimas doces de preocupação, tentando atraí-lo de volta.

*Não vou conseguir!*, pensou ele desesperadamente. A asma estava pior, desde criança que não estava tão mal. Estendeu a mão, mas o puxador pareceu recuar, recuar para a escuridão do espaço sideral.

— Se ficares, faço bolo de café com natas ácidas — disse ela. — Comemos pipocas... faço o teu prato favorito de peru ao jantar... faço-o para o pequeno-almoço amanhã se quiseres... começo agora mesmo... e molho de miúdos... *Eddie por favor tenho medo estás a assustar-me muito!*

Ela segurou-lhe o colarinho e puxou-o para trás, como um polícia corpulento a agarrar um suspeito que está a tentar fugir. Com um esforço final, Eddie continuou a andar... e quando estava no limite das forças e capacidade de resistir, sentiu o aperto dela abrandar.

Myra soltou um grito final.

Os dedos dele agarraram o puxador. Bendita a sua frescura! Abriu a porta e viu um táxi parado lá fora, um embaixador da terra da sanidade. A noite estava clara. As estrelas brilhavam.

Virou-se para Myra, ofegante e sibilante.

— Tens de entender que não é uma coisa que eu queira fazer — disse ele. — Se eu tivesse escolha, qualquer escolha, não iria. Por favor, entende isso, Marty. Vou, mas volto.

Ah, como aquilo soava a mentira.

— Quando? Por quanto tempo?

— Uma semana. Talvez dez dias. Sem dúvida não mais que isso.

— Uma semana! — gritou ela, com as mãos sobre os seios como uma diva numa ópera má. — Uma semana! Dez dias! Por favor, Eddie! *Por favooooooooor...*

— Marty, para. Está bem? Já chega.

Milagrosamente, ela fez isso: parou e ficou a olhar para ele com olhos molhados e feridos, não zangada, só apavorada por ele e, ao mesmo tempo, por si mesma. E talvez pela primeira vez em todos os anos desde que a conhecia, Eddie sentiu que podia amá-la sem perigo. Faria isso parte do ato de partir? Palpitava-lhe que sim. Não... podia riscar o «palpitava». *Sabia* que sim. Já se sentia como uma coisa a viver no lado errado de um telescópio.

Mas talvez não houvesse problema. Era isso que queria dizer? Que tinha finalmente decidido que não fazia mal amá-la? Que não fazia mal, apesar de ela parecer a sua mãe quando era mais nova e apesar de ela comer *brownies* na cama enquanto via *Hardcastle and McCormick* e *Falcon Crest* e as migalhas caírem sempre do lado dele e apesar de ela não ser muito inteligente e apesar de ela entender e aceitar os seus medicamentos no armário da casa de banho porque guardava os dela no frigorífico?

Ou era...

Podia ser...

Aquelas outras ideias eram coisas que ele tinha considerado, de uma forma ou de outra, em algum momento, durante as suas vidas

estranhamente entrelaçadas enquanto filho, amante e marido; no momento de sair de casa pelo que parecia a última vez, uma nova possibilidade ocorreu-lhe, e uma estranheza sobressaltada roçou nele como a asa de um pássaro enorme.

Poderia Myra ter *mais* medo do que ele?

Será que a mãe também tivera?

Outra lembrança de Derry voltou a voar do subconsciente como fogo de artifício. Havia uma sapataria em Center Street. The Shoeboat. A mãe levava-o lá um dia, ele achava que não devia ter mais de cinco ou seis anos de idade, e dissera-lhe para ficar quieto e portar-se bem enquanto ela comprava um par de sapatos brancos de salto para um casamento. Assim, ele ficara quieto e portara-se bem enquanto a mãe conversava com o senhor Gardener, que era um dos funcionários da loja, mas ele só tinha cinco anos (ou talvez seis), e depois de a mãe rejeitar o terceiro par de sapatos brancos de salto que o senhor Gardener lhe mostrou, Eddie aborrecera-se e dirigira-se ao canto para observar uma coisa que tinha visto lá. A princípio, achou que era apenas uma caixa grande, de pé. Quando se aproximou, concluiu que era uma espécie de secretária. Mas era a secretária mais estranha que tinha visto. Tão estreita! Feita de madeira polida com várias linhas curvas e adornos entalhados. Além do mais, havia três degraus que levavam até ela, e ele nunca tinha visto uma mesa com *degraus*. Quando se aproximara mais, vira que havia uma abertura na parte de baixo da coisa-secretária, um botão de cada lado, e em cima, *fascinante!*, uma coisa idêntica ao Espaço cópio do Capitão Vídeo.

Eddie foi até ao outro lado e viu um letreiro. Ele devia ter pelo menos seis anos, porque conseguira lê-lo, sussurrando baixinho cada palavra:

CALÇA OS SAPATOS ADEQUADOS?

VERIFIQUE!

Voltou para o outro lado, subiu os três degraus até à pequena plataforma e enfiou o pé no buraco na parte de baixo do verificador. *Os sapatos dele eram adequados?* Eddie não sabia, mas estava doido por *verificar*. Enfiou o rosto no protetor de borracha e carregou no botão. Uma luz verde incidiu sobre os seus olhos. Eddie sufocou um grito. Via um pé a flutuar dentro de um sapato cheio de fumo verde. Mexeu os dedos, e os dedos para os quais estava a olhar mexeram-se também; eram mesmo os dele, como desconfiara. E então percebeu que não eram apenas os dedos que conseguia ver; conseguia ver os ossos *também!* Os ossos do pé! Pôs o dedo grande sobre o segundo dedo (como quem faz figas), e os ossos sobrenaturais no instrumento fizeram um xis que não era branco, mas verde como um duende. Conseguia ver...

Naquele momento, a mãe gritou, um som crescente de pânico que atravessou a sapataria silenciosa como uma foice, como uma bola de fogo, como o fim do mundo a cavalo. Tirou o rosto assustado e consternado do visor e viu-a a correr de meias pela loja em direção a ele, com o vestido a esvoaçar atrás. Derrubou uma cadeira, e uma daquelas coisas de medir sapatos que lhe fazia sempre cócegas levantou voo. Os seios dela balançavam. A sua boca formava um «O» escarlate de pavor. Os rostos viraram-se para acompanhar o seu progresso.

— *Eddie sai daí!* — gritou ela. — *Sai daí! Essas máquinas provocam cancro! Sai daí! Eddie! Eddieeeee...*

Ele recuou como se a máquina de repente estivesse a escaldar. No seu pânico assustado, esqueceu-se dos degraus atrás de si. Os seus calcanhares caíram do de cima e ele ficou ali, a cair lentamente para trás, os braços a girar loucamente numa batalha perdida para recuperar o equilíbrio. E não pensara ele, com uma espécie insana de alegria, *Vou cair! Vou descobrir como é cair e bater com a cabeça! Que bom!?* Não pensara isso? Ou era apenas o homem a impor as ideias adultas à mente da criança, sempre cheia

de suposições confusas e imagens não totalmente percebidas (imagens que perdiam o sentido devido à claridade intensa), pensara... ou tentara pensar?

Fosse como fosse, a pergunta era retórica. Não caíra. A mãe chegara a tempo. A mãe segurara-o. Ele desatara a chorar, mas não caíra.

Toda a gente ficara a olhar para eles. Lembrava-se disso. Lembrava-se do senhor Gardener a pegar na coisa de medir sapatos e verificar as engenhocas deslizantes para ter a certeza de que ainda funcionavam enquanto outro vendedor endireitava a cadeira caída e levantara os braços uma vez, com desagrado e divertimento, antes de recuperar a expressão agradavelmente neutra de vendedor. Do que ele mais se lembrava era da bochecha molhada da mãe e do hálito quente e azedo. Lembrava-se dela a sussurrar-lhe sem parar ao ouvido: «Nunca *mais* faças isso, nunca *mais* faças isso, nunca mais.» Era o que a mãe repetia para afastar os problemas. Cantolara a mesma coisa um ano antes, quando descobrira que a ama tinha levado Eddie à piscina pública em Derry Park num dia de verão abafado e quente. Isso fora quando o medo da pólio no início da década de 1950 começava a diminuir. Arrastara-o da piscina dizendo-lhe que nunca mais devia fazer aquilo, *nunca, nunca*, e todas as crianças tinham olhado tal como os vendedores e clientes estavam a olhar, e o hálito dela tinha o mesmo aroma azedo.

Ela arrastou-o para fora da Shoeboat, gritando aos vendedores que os veria em tribunal se houvesse alguma coisa de mal com o seu menino. As lágrimas apavoradas de Eddie continuaram a cair intermitentes durante o resto da manhã, e a asma atacara com intensidade maior durante todo o dia. Naquela noite, ele ficara acordado durante horas e horas, perguntando-se exatamente o que seria cancro, se era pior do que pólio, se matava, quanto tempo demorava caso matasse e se doía muito antes de uma pessoa morrer. Também se perguntara se iria para o inferno depois.

O perigo fora grave, disso estava seguro.

E sabia-o porque a mãe tivera muito medo.

Ficara tão apavorada.

— Marty — disse ele muitos anos depois —, dás-me um beijo?

Ela beijou-o e abraçou-o com tanta força que os ossos nas costas dele estalaram. *Se estivéssemos dentro de água, ela afogava-nos*, pensou ele.

— Não tenhas medo — sussurrou-lhe ao ouvido.

— Não consigo evitar! — lamuriou-se ela.

— Eu sei — disse ele, e percebeu que, apesar de ela o estar a abraçar com uma força de partir costelas, a asma tinha melhorado. O sibilar na respiração desaparecera. — Eu sei, Marty.

O taxista buzinou de novo.

— Telefonas-me? — pediu ela com voz trémula.

— Se puder.

— Eddie, não podes por favor dizer-me o que é?

E partindo do princípio de que pudesse? Ajudaria a tranquilizá-la?

*Marty, hoje recebi um telefonema do Mike Hanlon e conversámos um pouco, mas tudo o que dissemos se resume a duas coisas. «Começou de novo. Vens?», perguntara o Mike. E agora, tenho febre, Marty, só que é uma febre que não baixa com uma aspirina, e tenho uma falta de ar que a maldita bomba não resolve, porque essa falta de ar não é na garganta nem nos pulmões, é em volta do coração. Volto para ti se puder, Marty, mas sinto-me um homem à entrada de uma velha mina cheia de deslizamentos prestes a acontecer, a despedir-me da luz do dia.*

Sim, sem dúvida! Isso iria por certo tranquilizá-la.

— Não — disse ele —, acho que não te posso dizer o que é.

E antes que ela pudesse acrescentar mais alguma coisa, antes que pudesse recomeçar (*Eddie, sai desse táxi! Provoca cancro!*), ele afastou-se dela, cada vez mais depressa. Quando chegou ao táxi, ia quase a correr.

Ela ainda estava à porta quando o táxi recuou para a rua, ainda à porta quando se dirigiram para a cidade, uma grande sombra negra de mulher contornada pela luz que saía da casa. Ele acenou e achou que ela levantou a mão em resposta.

— Para onde vamos hoje, amigo? — perguntou o taxista.

— Penn Station — respondeu Eddie, e a sua mão descontraiu-se sobre a bomba. A asma tinha ido para onde quer que ia repousar entre os ataques aos brônquios. Ele sentia-se... praticamente bem.

Contudo, precisou da bomba mais do que nunca quatro horas depois, ao acordar de repente com um solavanco espasmódico que fez o homem de fato do outro lado do corredor baixar o jornal e olhar para ele com uma curiosidade levemente apreensiva.

Voltei, Eddie!, gritou a asma com alegria. Voltei e, oh, não sei, desta vez quem sabe se não te mato! Porque não? Vou ter de o fazer um dia, sabes! Não posso ficar na galderice para sempre!

O peito de Eddie elevou-se e inspirou. Ele tateou em busca da bomba, encontrou-a e apontou à garganta, depois apertou. Em seguida, recostou-se no assento alto do comboio da Amtrak, a tremer, esperando alívio, pensando no sonho do qual tinha acabado de acordar. Sonho? Céus, se isso fosse tudo. Tinha medo de ser mais lembrança do que sonho. Nele houvera uma luz verde como a luz dentro da máquina de raios X de uma sapataria e um leproso podre que perseguira um rapaz chamado Eddie Kaspbrak aos gritos por túneis debaixo da terra. Ele correu e fartou-se de correr

*(ele corre bastante depressa dissera o treinador Black à sua mãe e correu bastante depressa com aquela coisa podre atrás dele ah sim podes crer podes apostar o teu couro)*

nesse sonho em que tinha onze anos, e então sentira um cheiro a algo como a morte do tempo, e alguém acendera um fósforo e ele olhara para baixo e vira o rosto em decomposição de um rapaz chamado Patrick



Hockstetter, um rapaz que desaparecera em julho de 1958, e havia vermes a rastejar para dentro e para fora das faces do Patrick Hockstetter, e aquele fedor gasoso e horrível vinha de dentro do Patrick Hockstetter, e nesse sonho que era mais lembrança do que sonho ele olhara para um lado e vira dois livros escolares inchados pela humidade e cobertos de bolor verde: *Roads to Everywhere* e *Understanding Our America*. Estavam em tais condições por causa da humidade fétida ali em baixo («Como passei as férias de verão», redação de Patrick Hockstetter: «Passei-as morto num túnel! O bolor cresceu nos meus livros e eles incharam até ficarem do tamanho de catálogos da Sears!»). Eddie abriu a boca para gritar e foi nesse momento que os dedos nojentos do leproso tocaram no seu rosto e se enfiaram na sua boca, e foi então que ele acordou com aquele salto de estalar as costas e se viu não nos esgotos sob Derry, no Maine, mas numa carruagem da Amtrak perto do princípio do comboio a percorrer Rhode Island sob uma grande Lua branca.

O homem do outro lado do corredor hesitou, esteve prestes a desistir, mas depois perguntou:

— O senhor sente-se bem?

— Ah, sim — disse Eddie. — Adormeci e tive um pesadelo. Provocou-me um ataque de asma.

— Compreendo.

O jornal subiu de novo. Eddie viu que era o jornal a que a mãe às vezes chamara *Jew York Times*. Olhou pela janela para um cenário adormecido, iluminado apenas pela bela Lua. Aqui e ali havia casas, às vezes aglomerados delas, a maioria às escuras, algumas com luzes acesas. Mas as luzes pareciam fracas e falsamente provocadoras, comparadas com o brilho fantasmagórico da Lua.

*Ele achava que a Lua falava com ele, pensou de repente. O Henry Bowers. Meu Deus, era tão maluco. Perguntou-se onde estaria Henry*

Bowers. Morto? Preso? A vaguear por planícies vazias algures no meio do país como um vírus incurável, a assaltar Seven-Elevens nas horas tranquilas entre a uma e as quatro da manhã, ou talvez a matar algumas pessoas suficientemente burras para abrandarem ao ver o seu polegar à boleia e passarem os dólares nas suas carteiras para a dele?

Era possível, era possível.

Num hospício público algures? A olhar para aquela Lua, que estava quase cheia? A falar com ela, a ouvir respostas que só ele conseguia ouvir?

Eddie considerou isso ainda mais possível. Estremeceu. *Estou finalmente a lembrar-me da minha infância*, pensou. *Estou a lembrar-me de como passei as férias de verão naquele ano sombrio e morto de 1958.* Pressentia que podia concentrar-se em qualquer cena daquele verão que quisesse, mas não queria. *Ah, meu Deus, se eu ao menos pudesse esquecer tudo de novo.*

Apoiou a testa no vidro sujo da janela, com a bomba na mão frouxa como se fosse um artefacto religioso, a ver a noite desfazer-se em volta do comboio.

A ir para norte, pensou, mas isso estava errado.

*Rumo a norte. Porque não é um comboio, é uma máquina do tempo. Não rumo a norte; para trás. A recuar no tempo.*

Pensou ter ouvido a Lua murmurar.

Eddie Kaspbrak apertou a bomba com força e fechou os olhos contra uma vertigem repentina.

Tom estava prestes a adormecer quando o telefone tocou. Soergueu-se com algum esforço na direção do aparelho e a seguir sentiu um dos seios de Beverly a comprimir o seu ombro quando ela esticou o braço para atender. Voltou a deitar-se, perguntando-se quem estaria a ligar para o número privado de casa deles àquela hora da noite. Ouviu Beverly dizer «estou» e voltou a adormecer. Tinha bebido umas dezoito cervejas durante o jogo de basebol e estava exausto.

Então a voz de Beverly, aguda e curiosa, «o quêêê?», perfurou o seu ouvido como um picador de gelo, e tornou a abrir os olhos. Tentou sentar-se, mas o fio do telefone cravou-se no seu pescoço grosso.

— Tira essa merda de cima de mim, Beverly — disse ele, e ela levantou-se rapidamente e contornou a cama, segurando o fio do telefone com os dedos. O seu cabelo era ruivo escuro e caía pela camisa de dormir em ondas naturais até à cintura. Cabelo de puta. Os seus olhos não procuraram o rosto dele para ler a tempestade emocional ali, e Tom Rogan não gostou disso. Sentou-se. Começava a doer-lhe a cabeça. Merda, já devia doer antes, mas quando uma pessoa dormia não dava por isso.

Foi à casa de banho, urinou durante o que pareceram três horas e decidiu que, já que estava de pé, mais valia ir buscar outra cerveja e tentar acabar com a ameaça de ressaca.

Ao passar pelo quarto a caminho da escada com os *boxers* brancos que se agitavam como velas de um barco sob a barriga considerável, os braços como troncos (ele parecia mais um estivador do que o presidente e gerente da Beverly Fashions, Inc.), olhou por cima do ombro e gritou mal-humorado:

— Se for a fufa da Lesley, diz-lhe para ir lamber uma modelo qualquer e deixar-nos dormir!

Beverly ergueu o olhar brevemente, abanou a cabeça para indicar que não era Lesley e olhou de novo para o telefone. Tom sentiu os músculos da

nuca contraírem-se. Parecia que estava a dispensá-lo. Fora dispensado pela *milady*. Pela *miporralady*. A coisa começava a ir mal. Talvez Beverly precisasse de uma breve aula a recordar-lhe quem mandava ali. Era possível. Às vezes, precisava. Aprendia muito devagar.

Desceu a escada e percorreu o corredor até à cozinha, puxando distraído os *boxers* do rego do cu, e abriu o frigorífico. A mão que ele esticou agarrou uma coisa nada alcoólica: um Tupperware com restos de massa à Romanov. Toda a cerveja tinha desaparecido. Até a lata que ele guardava lá atrás (tal como guardava uma nota de vinte dólares dobrada atrás da carta de condução para emergências) se evaporara. O jogo durara catorze *innings*, e tudo para nada. Os White Sox tinham perdido. Naquele ano, mais pareciam um bando de mariquinhas.

O olhar desviou-se para as garrafas de bebidas fortes no armário com porta de vidro acima da bancada da cozinha e, por um momento, viu-se a servir-se de uma dose de *Jim Beam* sobre um único cubo de gelo. A seguir voltou para a escada, sabendo que estaria a pedir mais chatices do que a sua cabeça podia aguentar. Olhou para o mostrador do antigo relógio de pêndulo ao fundo das escadas e viu que passava da meia-noite. Aquela informação não melhorou em nada o seu humor, que nem no melhor dos momentos era muito bom.

Subiu a escada com lentidão deliberada, ciente, demasiado ciente, do quanto o seu coração estava a esforçar-se. Ca-bum, ca-pam. Ca-bum, ca-pam. Ca-bum, ca-pam. Ficava nervoso ao conseguir senti-lo nos ouvidos e pulsos, bem como no peito. Às vezes, quando isso acontecia, imaginava-o não como um órgão que se contrai e distende, mas como um mostrador enorme no lado esquerdo do peito com um ponteiro a chegar ameaçadoramente perto da zona vermelha. Não gostava daquela merda; não precisava dessa merda. Do que ele precisava mesmo era de uma boa noite de sono.

Mas a vaca burra com quem era casado continuava ao telefone.

— Compreendo, Mike... sim... sim, vou... eu sei... mas...

Uma pausa mais longa.

— O Bill *Denbrough*? — exclamou ela, e o picador de gelo entrou-lhe pelo ouvido de novo.

Parou junto à porta do quarto até recuperar o fôlego. Ouvia ca-pam, ca-pam, ca-pam de novo: o troar tinha parado. Imaginou por breves segundos o ponteiro a afastar-se do vermelho e tirou a imagem da cabeça. Ele era um homem, pelo amor de Deus, e muito homem, não uma fornalha com um termóstato avariado. Estava em ótima forma. Era de ferro. E se ela precisasse de reaprender isso, ele teria todo o gosto em ensinar-lhe.

Começou a entrar, mas pensou melhor e ficou onde estava mais um momento, a ouvi-la, não se importando especialmente com quem ela estava a falar nem com o que dizia, só a ouvir os tons altos e baixos da voz dela. E o que sentiu foi a familiar fúria cega.

Conhecera-a num bar para solteiros no centro de Chicago, quatro anos antes. A conversa fluíra com facilidade porque ambos trabalhavam no prédio da Standard Brands e conheciam algumas pessoas em comum. Tom trabalhava na King & Landry, Relações-Públicas no quadragésimo segundo andar. Beverly Marsh, o nome dela na altura, era estilista assistente na Delia Fashions, no décimo segundo. Delia, que mais tarde seria moderadamente popular no Midwest, fazia roupa para o público jovem; as saias, as blusas, os xales e as calças da Delia eram vendidos nos locais a que Delia Castleman chamava «lojas de jovens» e a que Tom chamava «lojas de drogados». Tom Rogan percebeu imediatamente duas coisas sobre Beverly Marsh: ela era desejável e vulnerável. Em menos de um mês, soube uma terceira também: era talentosa. Muito talentosa. Nos seus desenhos de vestidos informais e blusas, ele viu uma máquina de fazer dinheiro com um potencial assustador.

*Mas não nas lojas de drogados, pensou ele, embora não o tenha dito (pelo menos na altura). Chega de má iluminação, chega de preços baixos, chega de zonas de exposição de merda no fundo da loja entre a parafernália de drogas e as t-shirts de bandas de rock. Deixo essa merda para os principiantes.*

Descobrira bastantes coisas sobre Beverly antes de ela saber que ele estava realmente interessado, e era assim que queria. Andara à procura de alguém como Beverly Marsh a vida toda, e atacou com a velocidade de um leão atrás de um antílope lento. Não que a vulnerabilidade fosse evidente à superfície; olhava-se e via-se uma bela mulher, magra, mas cheia de curvas. As ancas não eram grande coisa, talvez, mas tinha um belo traseiro e as melhores mamas que ele já tinha visto. Tom Rogan era um homem de mamas, sempre fora, e a maioria das raparigas altas tinha mamas decepcionantes. Usavam blusas finas e os mamilos punham um homem doido, mas quando se tirava aquelas blusas finas, descobria-se que só tinham mamilos. As mamas em si pareciam puxadores de gaveta. «Mais do que uma mão-cheia é desperdício», costumava dizer o seu colega de quarto de faculdade mas, no entender de Tom, o colega de quarto não jogava com o baralho todo.

Ah, ela era um grande borracho, com aquele corpo explosivo e a bela cascata de cabelo ruivo ondulado. Mas era fraca... fraca, por alguma razão. Parecia emitir sinais de rádio que só ele conseguia receber. Era possível apontar certas coisas: a quantidade de cigarros que fumava (mas ele tinha-a quase curado disso), a forma inquieta como os seus olhos se moviam, nunca pousando nos da pessoa que falava com ela, apenas a aflorá-los de tempos a tempos e a afastarem-se; o hábito de esfregar ao de leve os cotovelos quando estava nervosa; a aparência das unhas, que eram bem cuidadas, mas estavam sempre brutalmente curtas. Tom reparou nisso no dia em que a

conheceu. Ela pegou no copo de vinho branco, ele viu as unhas e pensou: *Ela mantém-nas assim curtas porque as rói.*

Os leões podem não pensar, pelo menos como as pessoas pensam... mas veem. E quando os antílopes fogem de um bebedouro, alertados pelo aroma a tapete empoeirado da morte que se aproxima, os felinos observam qual fica para trás do grupo, talvez por ter uma perna aleijada, talvez por ser naturalmente mais lento... ou talvez porque o seu sentido de perigo esteja menos desenvolvido. E pode até ser possível que alguns antílopes (e algumas mulheres) *queiram* ser abatidos.

De repente, ouviu um som que o arrancou bruscamente dessas lembranças: o barulho do isqueiro dela.

A fúria cega voltou. O seu estômago encheu-se de um calor que não era completamente desagradável. Fumar. Ela estava a fumar. Tinham tido alguns Seminários Especiais de Tom Rogan sobre o assunto. E ali estava ela, a fazer aquilo de novo. Era mesmo de compreensão lenta, mas um bom professor mostra o seu melhor com alunos lentos.

— Sim — disse ela. — Hã-hã. Está bem. Sim... — Ouviu, depois soltou uma gargalhada estranha e entrecortada que ele nunca ouvira antes. — Duas coisas, já que perguntaste: reserva-me um quarto e reza por mim. Sim, certo... hã-hã... eu também. Boa noite.

Estava a desligar quando ele entrou. Ele quisera entrar a matar, a gritar-lhe que o apagasse, o apagasse *imediatamente*, IMEDIATAMENTE!, mas quando a viu, as palavras morreram-lhe na garganta. Já a vira assim antes, mas só duas ou três vezes. Uma vez antes do primeiro grande desfile, uma vez antes do primeiro desfile privado para compradores nacionais e, por fim, quando tinham ido a Nova Iorque para a entrega dos International Design Awards.

Passeava pelo quarto em passadas largas, com a camisa de dormir branca de renda colada ao corpo, o cigarro preso entre os dentes da frente

(céus, ele detestava o aspeto dela com aquilo na boca), libertando uma pluma branca por cima do ombro esquerdo como o fumo a sair da chaminé de uma locomotiva.

Mas foi o rosto dela que o fez deter-se, que fez o grito planeado morrer-lhe na garganta. O seu coração deu um salto (*ca-bamp!*) e ele encolheu-se, dizendo a si mesmo que o que sentia não era medo, mas apenas surpresa por encontrá-la assim.

Ela era uma mulher que ganhava vida quando o ritmo do trabalho se aproximava do ponto culminante. Cada uma daquelas ocasiões lembradas estivera relacionada com trabalho. Nessas vezes ele vira uma mulher diferente da que conhecia tão bem, uma mulher que afetava o seu sensível radar de medo com grandes descargas de estática. A mulher que surgia em momentos de stresse era forte mas nervosa, destemida mas imprevisível.

Havia muita cor no rosto dela, um rubor natural no alto das maçãs do rosto. Os olhos estavam desmesuradamente abertos e cintilantes, sem o menor vestígio de sono. O cabelo caía numa cascata fluida. E... ah, vejam isto, amigos e vizinhos! Vejam bem isto! Ela está a tirar uma mala do *closet*? Uma *mala*? Por Deus, está!

*Reserva-me um quarto... reza por mim.*

Bem, ela não precisaria de quarto em hotel nenhum, não no futuro próximo, porque a pequena Beverly Rogan ia ficar ali em casa, muito obrigado, e comeria de pé nos três ou quatro dias seguintes.

Mas podia bem precisar de uma oração ou duas antes de ele acabar o que lhe ia fazer.

Beverly largou a mala aos pés da cama e foi até à cómoda. Abriu a gaveta de cima e tirou duas calças de ganga e umas de bombazina. Pô-las na mala. Voltou para a cómoda, com o cigarro a largar fumo por cima do ombro. Tirou uma blusa, duas *t-shirts*, uma das velhas camisolas à marinheiro que a deixavam com ar idiota, mas das quais ela não abdicava.



Quem lhe ligara não era rico. Aquilo era roupa simples, do género da que Jackie Kennedy usava em Hyannisport ao fim de semana.

Não que ele se importasse com quem lhe ligara nem onde ela pensava que ia, já que não iria a lado nenhum. Não eram essas coisas que debicavam a sua mente, dormente e dorida devido a muita cerveja e pouco sono.

Era o cigarro.

Alegadamente, tinha deitado todos fora. Mas mentira-lhe, e a prova estava presa entre os dentes dela. E como ainda não o tinha visto junto à porta, ele permitiu-se o prazer de se lembrar das duas noites que asseguraram o seu controlo absoluto sobre ela.

*A partir deste momento, não quero que fumes ao pé de mim,* dissera-lhe quando seguiam para casa depois de uma festa em Lake Forest. Isso fora em outubro. *Tenho de engolir essa merda em festas e no escritório, mas não preciso de a engolir quando estou contigo. Sabes como é? Vou dizer-te a verdade; é desagradável, mas é verdade. É como ter de comer o ranho de outra pessoa.*

Ele achou que isso daria origem a uma leve onda de protesto, mas ela limitara-se a olhar para ele com a expressão tímida de quem quer agradar. A voz fora baixa, dócil e obediente. *Está bem, Tom.*

*Nesse caso, deita isso fora.*

Ela deitara. Tom estivera de bom humor o resto da noite.

Algumas semanas depois, ao sair do cinema, ela acendera um cigarro junto à porta sem pensar e fumara-o enquanto atravessavam o parque de estacionamento em direção ao carro. Era uma noite fria de novembro, e o vento atacava loucamente qualquer centímetro quadrado de pele exposta. Tom lembrava-se de que conseguira sentir o cheiro do lago, como às vezes sucedia nas noites frias: um cheiro frio que era ao mesmo tempo de peixe e vazio. Deixou-a fumar o cigarro. Até lhe abriu a porta quando chegaram ao carro. Sentou-se ao volante, fechou a porta e disse: *Bev?*

Ela tirou o cigarro da boca, virou-se para Tom com uma expressão interrogadora e ele bateu-lhe com a mão aberta e dura a atingir a face com força suficiente para fazer a palma da mão formigar, com força suficiente para empurrar a cabeça dela contra o encosto. Os olhos dela arregalaram-se de surpresa e dor... e outra coisa também. Levou a mão à cara para investigar o calor e o formigueiro dormente. «Aiii! Tom!», gritara.

Ele observara de olhos semicerrados, um sorriso descontraído na boca, completamente vivo, pronto para ver o que viria depois, como ela reagiria. O seu pénis estava duro nas calças, mas ele mal reparou. Isso seria para depois. Agora, a aula tinha começado. Reviu o que tinha acabado de acontecer. O rosto dela. Qual fora aquela terceira expressão que surgira por um breve instante e desaparecera? Primeiro, a surpresa. Depois, a dor. Depois a

*(nostalgia)*

aparência de uma lembrança... de alguma lembrança. Fora apenas por um momento. Provavelmente ela nem notara que tinha surgido, no rosto ou na mente.

Agora: agora. Tudo estaria na primeira coisa que ela não disse. Tom sabia isso tão bem como sabia o próprio nome.

Não foi «Filho da puta!»

Não foi «Adeus, machão.»

Não foi «Acabou, Tom.»

Limitara-se a olhar para ele com os olhos esverdeados, feridos e lacrimejantes, e perguntara: «Porque fizeste isso?» Em seguida, tentara dizer outra coisa e desatara a chorar.

«Deita fora.»

«O quê? O quê, Tom?» A maquilhagem dela começava a escorrer pelo rosto em linhas pretas. Ele não se importava com isso. Até gostava de a ver assim. Era sujo, mas também algo sensual. Sórdido. Excitante.

«O cigarro. Deita-o fora.»

O início da compreensão. E com ela, a culpa.

«Esqueci-me!», gritou ela. «Só isso!»

«Deita-o fora, Bev, ou levas mais.»

Ela abriu a janela e deitou fora o cigarro. Em seguida, virou-se para ele, com o rosto pálido e assustado e de certa forma sereno.

«Não podes... não deves bater-me. É uma base má para uma... uma... relação duradoura.»

Estava a tentar encontrar um tom, um ritmo adulto de fala, mas falhou. Ele tinha-a feito regredir. Estava no carro com uma criança. Voluptuosa e sensual como tudo, mas uma criança.

«*Não posso e não devo* são duas coisas diferentes, miúda», disse ele. Mantinha a voz calma, mas por dentro estava a ferver. «E sou eu quem vai decidir o que constitui um relacionamento duradouro ou não. Se consegues viver com isso, tudo bem. Se não consegues, podes ir-te embora. Não vou impedir-te. Posso dar-te um pontapé no traseiro como presente de despedida, mas não vou impedir-te. Vivemos num país livre. O que mais posso dizer?»

«Talvez já tenhas dito o suficiente», sussurrou ela, e ele bateu-lhe de novo, com mais força do que da primeira vez, porque nenhuma gaja se armava em esperta com Tom Rogan, nunca. Daria uma tareia à rainha da Inglaterra se ela se armasse em esperta com ele.

A cara de Beverly bateu no tabliê. A mão tateou em busca do puxador, mas parou. Ficou encolhida no canto como um coelho, com uma mão sobre a boca, os olhos grandes, molhados e assustados. Tom olhou para ela por um momento, depois saiu e deu a volta ao carro. Abriu a porta. A sua respiração era fumo no ar negro e ventoso de novembro, e o cheiro do lago era bastante intenso.

«Queres sair, Bev? Vi-te a levantar a mão para o puxador, portanto acho que deves querer sair. Tudo bem. Não há problema. Pedi-te para fazer uma coisa e disseste que a farias. Mas não fizeste. Então queres sair? Vá, sai. Que porra, hein? Sai. Queres sair?»

«Não», sussurrou ela.

«O quê? Não te ouço.»

«Não, não quero sair», disse ela um pouco mais alto.

«O quê? Esses cigarros causaram-te um enfisema? Se não consegues falar, arranjo-te a porra de um megafone. É a tua última oportunidade, Beverly. Fala mais alto para eu te poder ouvir: queres sair deste carro ou queres voltar comigo?»

«Quero voltar contigo», disse ela, e uniu as mãos sobre a saia como uma criança. Não olhou para ele. As lágrimas escorriam-lhe pela cara.

«Tudo bem», disse ele. «Ótimo. Mas primeiro diz o seguinte por mim, Bev. Diz: “Esqueci-me que não devia fumar à tua frente, Tom.”»

Ela olhou para ele com expressão magoada, a implorar, sem conseguir falar. Podes obrigar-me a fazer isso, diziam os olhos dela, mas, por favor, não o faças. Não o faças, amo-te, não podemos passar à frente?

Não. Porque isso não era, no fundo, o que ela queria, e os dois sabiam-no.

«Diz.»

«Esqueci-me que não devia fumar à tua frente, Tom.»

«Ótimo. Agora diz: “Desculpa.”»

«Desculpa», repetiu ela.

O cigarro fumegava no chão como um bocado de rastilho. As pessoas que saíam do cinema olharam para eles, para o homem de pé ao lado da porta do passageiro do *Vega* último modelo com painéis de madeira, para a mulher sentada lá dentro, com as mãos unidas no colo, a cabeça baixa, a luz interior a delinear o cabelo dela com um tom dourado.

Ele esmagou o cigarro. Esfregou-o no asfalto.

«Agora diz: “Nunca mais vou fazer isso sem a tua autorização.”»

«Nunca...»

A voz dela começou a falhar.

«... nunca... n-n-n...»

«Di-lo, Bev.»

«... nunca mais vou fazer isso. Sem a tua a-autorização.»

Então ele bateu com a porta e voltou para o banco do condutor. Sentou-se ao volante e levou-os até ao seu apartamento no centro. Nenhum dos dois disse nada. Metade da relação fora determinada no parque de estacionamento; a outra metade, quarenta minutos depois, na cama de Tom.

Não queria fazer amor, disse ela. Mas ele viu uma verdade diferente nos seus olhos e no seu andar balançado e, quando lhe despiu a blusa, viu os mamilos duros como pedra. Ela gemeu quando ele os acariciou e gritou baixinho quando lhe chupou um e depois o outro, massajando-os sem parar. Agarrou na mão dele e enfiou-a entre as pernas.

«Pensei que não querias», disse ele, e ela afastou o rosto... mas não soltou a mão dele, e o movimento das suas ancas aumentou.

Ele empurrou-a para a cama... e foi meigo, não lhe arrancou as cuecas, mas despiu-lhas com um cuidado a roçar o puritano.

Deslizar para dentro dela foi como deslizar em óleo delicado.

Moveu-se com ela, usando-a, mas deixando-a usá-lo também, e ela veio-se pela primeira vez quase imediatamente, gritando e cravando as unhas nas costas dele. Balançaram-se em movimentos longos e lentos, e algures pelo caminho ele achou que ela se veio de novo. Tom aproximava-se do clímax, mas pensava em basebol ou em quem estava a tentar tirar-lhe a conta de Chesley no trabalho, e ficava bem de novo. Então Beverly começou a acelerar, o ritmo finalmente a atingir uma espécie de escoicear excitado. Ele olhou para o rosto dela, para os círculos de rímel que

pareciam os olhos de um guaxinim, para o batom manchado, e sentiu-se de repente a avançar de forma delirante para o abismo.

Ela ergueu as ancas cada vez mais; na altura não havia barriga de cerveja entre eles, e as barrigas dos dois bateram uma na outra num ritmo rápido.

Perto do fim, ela gritou e mordeu o ombro dele com os dentes pequenos e regulares.

«Quantas vezes te vieste?», perguntou ele depois do duche.

Ela desviou o rosto e, quando falou, a sua voz estava tão baixa que ele teve dificuldade em ouvi-la.

«Não é coisa que se pergunte.»

«Não? Quem disse?»

Ele agarrou-lhe o rosto com uma mão, o polegar a afundar-se numa das bochechas, os dedos a apertar a outra e a palma a segurar o queixo no meio.

«Conta ao Tom», disse ele. «Estás a ouvir, Bev? Conta ao pai.»

«Três», respondeu ela com relutância.

«Ótimo», disse ele. «Podes fumar um cigarro.»

Ela fitou-o desconfiada, com o cabelo ruivo espalhado sobre as almofadas, vestindo apenas umas cuecas de cintura descaída. Vê-la assim era o suficiente para o excitar de novo. Ele assentiu.

«Força», disse ele. «Não faz mal.»

Casaram-se numa cerimónia civil três meses depois. Dois amigos dele compareceram; a única amiga dela presente foi Kay McCall, a quem Tom chamava «aquela cabra feminista mamalhuda».

Todas estas lembranças passaram pela mente de Tom numa questão de segundos, como um filme acelerado, enquanto a observava da porta. Ela fora até à gaveta de baixo do que às vezes chamava a sua «cómada de fim de semana» e estava a meter roupa interior na mala, não o tipo de coisa de que ele gostava, os cetins escorregadios e as sedas macias; mas os algodões,

coisas de criança, a maior parte desbotada e com os elásticos lassos. Uma camisa de dormir de algodão que parecia saída da série *Uma Casa na Pradaria*. Ela levou a mão à parte de trás dessa gaveta de baixo para ver o que mais podia estar ali escondido.

Enquanto isso, Tom Rogan deslocou-se pelo tapete felpudo em direção ao seu roupeiro. Estava descalço e a sua passagem foi tão silenciosa como um sopro de brisa. Foi o cigarro. Foi isso que realmente o irritou. Havia muito tempo que ela não se esquecia daquela primeira lição. Houvera outras lições a serem aprendidas desde então, muitas, e dias quentes em que ela usara blusas de manga comprida e até casacos de malha abotoados até ao pescoço. Dias cinzentos em que usara óculos de sol. Mas aquela primeira lição revelara-se tão repentina e fundamental...

Ele tinha-se esquecido do telefonema que o despertara do sono profundo. Foi o cigarro. Se ela estava a fumar, então tinha-se esquecido de Tom Rogan. Temporariamente, claro, apenas temporariamente, mas mesmo temporariamente era demasiado tempo. O que podia ter provocado o esquecimento não importava. Coisas assim não podiam acontecer naquela casa, fosse qual fosse o *motivo*.

Havia uma tira larga de couro preto pendurada num gancho dentro da porta do roupeiro. Não tinha fivela; ele retirara-a há bastante tempo. Dobrara a ponta onde ficara a fivela, e essa parte dobrada formava um laço por onde Tom Rogan enfiou a mão naquele momento.

«Tom, portaste-te mal!», dizia a mãe às vezes. Bom, «às vezes» talvez não fosse o termo correto; talvez «com frequência» fosse mais apropriado. «Anda cá, Tommy! Tenho de te dar uma tarefa.» A sua vida de criança fora pontuada por tarefas. Acabara por fugir para o Wichita State College, mas pelos vistos não existia fuga completa, porque ele continuara a ouvir a voz dela nos sonhos: «Anda cá, Tommy! Tenho de te dar uma tarefa. Tarefa...»

Era o mais velho de quatro filhos. Três meses depois de o mais novo nascer, Ralph Rogan morrerá. Bem, «morrera» talvez não fosse uma palavra muito boa; talvez «suicidara-se» fosse melhor, já que ele pusera uma quantidade generosa de soda cáustica num copo com gim e bebera a mistura demoníaca sentado na sanita. A senhora Rogan arranjava trabalho na fábrica da Ford. Tom, apesar de só ter onze anos, tornara-se o homem da família. E se fizesse asneira, se o bebé cagasse na fralda depois de a ama ter ido para casa e o chiqueiro ainda ali estivesse quando a mãe chegava a casa... se ele se esquecesse de ir buscar Megan à esquina de Broad Street depois do fim da creche e a bisbilhoteira da senhora Gant visse... se ele estivesse a ver o *American Bandstand* enquanto Joey fazia um chiqueiro na cozinha... se alguma dessas coisas ou mil e uma outras acontecessem... então, depois de os mais novos terem ido para a cama, a vara surgia e ela repetia o refrão: «Anda cá, Tommy. Tenho de te dar uma tarefa.»

Era melhor dar a tarefa do que levá-la.

Isso, pelo menos, aprendera na grande autoestrada da vida.

Assim, girou a ponta solta do cinto uma vez e apertou o laço. Em seguida, fechou a mão sobre o cinto. A sensação era boa. Fazia-o sentir-se um adulto. A tira de couro ficou pendurada no punho fechado como uma cobra preta morta. A dor de cabeça tinha passado.

Beverly encontrou a última coisa no fundo da gaveta: um sutiã branco velho de algodão com copas bicudas. A ideia de que aquele telefonema de madrugada pudesse ter sido de um amante surgiu brevemente na mente dele e desapareceu. Era ridículo. Uma mulher que ia encontrar-se com um amante não escolhia blusas velhas e cuecas de algodão compradas no K-Mart com os elásticos frouxos. Além disso, não se atreveria.

— Beverly — disse Tom baixinho, e ela virou-se imediatamente, sobressaltada, com olhos arregalados e o cabelo comprido a balançar.



O cinto hesitou... baixou um pouco. Olhou para ela, sentindo aquele florescer de desconforto de novo. Sim, Beverly ficava com aquela expressão antes dos grandes desfiles, e ele não a atrapalhara nessas ocasiões por entender que ela estava tão cheia de medo e de agressividade competitiva que era como se a sua cabeça estivesse inflada com gás combustível: uma única fagulha e explodiria. Ela vira os desfiles não como uma oportunidade de sair da Delia Fashions, de ganhar a vida ou até uma fortuna por conta própria. Só isso não teria importado, estaria bem. Mas se tivesse sido só isso, ela também não teria tido aquele talento maravilhoso. Encarara aqueles desfiles como uma espécie de superavaliação na qual receberia a nota de professores rigorosos. O que ela via nessas ocasiões era uma criatura sem rosto. Não tinha rosto, mas tinha nome: *Autoridade*.

Todo aquele nervosismo de olhos arregalados estava no rosto dela. Mas não só lá; também em torno dela toda, uma aura que parecia quase visível, uma carga de alta tensão que a tornou de repente mais atraente e mais perigosa do que em muitos anos. Tom sentiu medo porque ela estava ali, toda ali, a *ela* na sua essência tão diferente da que Tom Rogan queria que fosse, da *ela* que ele fizera.

Beverly parecia chocada e assustada. Ao mesmo tempo, bastante animada. O seu rosto cintilava com cor febril, mas havia manchas brancas sob as pálpebras inferiores que pareciam um segundo par de olhos. A testa brilhava devido a uma película de suor.

E o cigarro ainda pendia da sua boca, num ângulo ligeiramente para cima, como se ela pensasse que era o maldito Franklin Delano Roosevelt. O cigarro! Só vê-lo fazia a fúria cega tomar conta dele de novo numa onda verde. Vagamente, no fundo da mente, lembrou-se de ela lhe dizer uma coisa certa noite do nada, falando com voz fria e indiferente: «Um dia vais matar-me, Tom. Sabes isso? Um dia irás longe de mais e será o fim. Irás passar-te.»

Ele respondera: «Faz as coisas à minha maneira, Bev, e esse dia nunca chegará.»

Antes de a fúria bloquear tudo, ele perguntou-se se esse dia não teria finalmente chegado.

O cigarro. O telefonema, a mala e a estranha expressão dela não importavam. Lidariam com a questão do cigarro. Depois, iria fodê-la. A seguir, conversariam sobre o resto. Nessa altura, talvez até fosse parecer importante.

— Tom — disse ela. — Tom, tenho de...

— Estás a fumar — disse ele. A sua voz parecia vir de longe, como se através de um rádio de boa qualidade. — Parece que te esqueceste, querida. Onde os tinhas escondido?

— Olha, vou apagá-lo — disse ela, e dirigiu-se à casa de banho. Atirou o cigarro (mesmo de onde estava, ele conseguia ver as marcas de dentes no filtro) para a sanita. *Fsssss*. Voltou. — Tom, era um velho amigo. Um velho *velho* amigo. Tenho de...

— Cala-te, é isso que tens de fazer! — gritou ele. — Cala-te!

Mas o medo que ele queria ver, o medo dele, não estava no rosto dela. Havia medo, mas viera do telefone, e o medo não devia chegar a Beverly dessa direção. Era como se ela não visse o cinto, não o visse, e Tom sentiu uma pontada de desconforto. Será que ele *estava* ali? Era uma pergunta estúpida, mas será que *estava*?

Essa pergunta era tão terrível e tão básica que, por um momento, ele temeu soltar-se completamente da sua própria raiz e começar a flutuar como uma planta ao vento. Mas então dominou-se. Estava ali sim, e já chegava de tretas de psicólogos por uma noite. Ele estava ali, era Tom Rogan, *Tom Rogan, por Deus*, e se aquela cabra não se pusesse na linha nos trinta segundos seguintes, mais ou menos, ia parecer ter sido atirada de um comboio em andamento por um revisor cruel.

— Tenho de te dar uma tarefa — disse ele. — Desculpa lá, querida.

Ele vira aquela mistura de medo e agressividade antes, vira sim. Pela primeira vez, pareceu ser dirigida a ele.

— Pousa isso — disse ela. — Tenho de chegar ao aeroporto O'Hare o mais depressa possível.

*Estás aqui, Tom? Estás?*

Ele afastou o pensamento. A tira de couro que já fora um cinto oscilou lentamente diante dele como um pêndulo. Os olhos dele vacilaram e depois concentraram-se no rosto dela.

— Ouve, Tom. Surgiu um problema na minha cidade natal. Uma coisa muito má. Eu tinha um amigo naquela altura. Acho que podíamos ter sido namorados, só que não tínhamos idade para isso. Era apenas um rapaz de onze anos com uma gaguez forte. Agora, é escritor. Até já leste um livro dele, acho... *Os Rápidos Negros?*

Beverly observou o rosto dele, mas o rosto não lhe deu nenhuma pista. Só havia o cinto a oscilar de um lado para o outro, de um lado para o outro. Tom tinha a cabeça baixa e as pernas grossas ligeiramente afastadas. Então ela passou a mão de forma inquieta pelo cabelo, distraída, como se tivesse muitas coisas importantes em que pensar e não tivesse visto o cinto, e aquela pergunta terrível e acusadora surgiu de novo na mente dele: *Estás aqui? Tens a certeza?*

— Esse livro esteve aqui por casa durante semanas e nunca estabeleci a ligação. Talvez devesse, mas estamos todos mais velhos e não penso em Derry há muito, muito tempo. De qualquer modo, o Bill tinha um irmão, o George, e o George foi morto antes de eu conhecer o Bill. Foi assassinado, e então, no verão seguinte...

Mas Tom tinha ouvido loucuras suficientes vindas de dentro e de fora. Avançou para ela depressa, dobrando o braço direito por cima do ombro como um homem prestes a lançar um dardo. O cinto sibilou pelo caminho

que percorreu no ar. Beverly viu e tentou baixar-se, mas o ombro direito bateu na ombreira da porta da casa de banho e ouviu-se um estalo carnudo quando o cinto bateu no antebraço dela, deixando uma marca vermelha.

— Vou dar-te uma tarefa — repetiu Tom. A sua voz era cordial, até pesarosa, mas os seus dentes mostravam um sorriso branco e imóvel. Ele queria ver aquela expressão nos olhos dela, aquela expressão de medo e pavor e vergonha, a expressão que dizia «Sim, tens razão, mereci», aquela expressão que dizia «Sim, estás aqui sim, sinto a tua presença.» E então, o amor voltaria, e isso era certo e bom, porque ele amava-a mesmo. Podiam até ter uma conversa, se ela quisesse, sobre quem ligara exatamente e do que se tratava. Mas isso viria depois. A aula tinha começado. O velho um-dois. Primeiro a tarefa, depois a queca.

— Desculpa, querida.

— Tom, não faças is...

Ele balançou o cinto de lado e viu-o aflorar a anca dela. Houve um estalo satisfatório quando terminou na nádega. E...

*E meu Deus, ela estava a agarrá-lo! Estava a agarrar o cinto!*

Por um momento, Tom Rogan ficou tão atónito com esse ato inesperado de insubordinação que quase perdeu a arma, tê-la ia perdido se não fosse o laço, que estava preso na mão bem fechada.

Puxou-o para trás.

— *Nunca tentes tirar-me nada* — disse ele com voz rouca. — Estás a ouvir? Se fizeres isso de novo, passas um mês a mijar sumo de framboesa.

— Tom, para — disse ela, e o mero *tom* de voz enfureceu-o. Ela parecia uma monitora do recreio a falar com uma criança de seis anos com uma birra. — *Tenho* de ir. Não é uma brincadeira. Morreram pessoas e fiz uma promessa há muito tempo...

Tom pouco ouviu. Gritou e correu para ela com a cabeça baixa e o cinto a oscilar cegamente. Bateu nela com o cinto, afastando-a da porta pela

parede do quarto. Levantou o braço, bateu-lhe, levantou o braço, bateu-lhe, levantou o braço, bateu-lhe. De manhã, só conseguiria levantar o braço acima do nível dos olhos depois de tomar três comprimidos de codeína, mas naquele momento não estava ciente de nada além do facto de ela estar a *desafiá-lo*. Não só estivera a fumar, como *tentara tirar-lhe o cinto* e, ah, pessoal, ah, amigos e vizinhos, ela estava a pedi-las, e ele testemunharia diante do trono de Deus Todo-Poderoso que a gaja teria o que queria.

Empurrou-a pela parede, balançando o cinto, desferindo uma chuva de golpes. As mãos de Beverly estavam levantadas para proteger o rosto, mas ele tinha o caminho livre para o resto do corpo. O cinto produzia estalos tensos de chicote no quarto silencioso. Mas ela não gritou, como às vezes fazia, e não lhe implorou que parasse, como costumava fazer. Pior de tudo, não chorou, como *sempre* fazia. Os únicos sons eram o cinto e a respiração de ambos, a dele pesada e rouca, a dela rápida e leve.

Beverly correu para a cama e o toucador ao lado. Tinha os ombros vermelhos dos golpes de cinto. O cabelo parecia em chamas. Ele foi atrás, mais lento, mas grande, muito grande; jogara *squash* até romper o tendão de Aquiles dois anos antes, e desde então o seu peso tinha aumentado um pouco (ou talvez «muito» fosse mais correto), mas os músculos ainda estavam lá, cordames firmes dentro da gordura. Ainda assim, ficou um pouco alarmado ao ver que estava sem fôlego.

Ela chegou ao toucador e ele achou que Beverly se agacharia ali, ou talvez tentasse rastejar para baixo do móvel. Em vez disso, bateu... virou-se... e de repente o ar estava cheio de mísseis voadores. Ela atirava-lhe cosméticos. Um frasco de perfume acertou-lhe entre os mamilos, caiu aos seus pés e estilhaçou-se. Ele foi repentinamente envolvido pelo aroma sufocante de flores.

— *Para!* — rugiu ele. — *Para, sua puta!*

Em vez de parar, as mãos dela voaram pelo tampo de vidro cheio de objetos do toucador, agarrando no que encontravam e atirando. Ele apalpou o peito onde o frasco de perfume o atingira, incapaz de acreditar que ela lhe acertara com alguma coisa, enquanto mais objetos voavam à sua volta. O vidro cortara-o. Não era bem um corte, era mais um arranhão triangular, mas havia uma certa ruiua que ia ver o Sol nascer numa cama de hospital. Ah, havia sim. Uma certa rapariga que...

Uma embalagem de creme bateu-lhe acima da sobrancelha direita com força repentina. Ele ouviu um baque surdo aparentemente *dentro* da cabeça. Luz branca explodiu no campo de visão daquele olho e ele deu um passo atrás, com a boca aberta. Uma embalagem de creme *Nivea* bateu na barriga dele com um pequeno som de palmada e ela estava... Estava? Seria possível? Sim! Ela estava a gritar com ele!

— *Vou para o aeroporto, seu filho da puta! Estás a ouvir? Tenho um compromisso e vou! É melhor saíres da minha frente, porque vou mesmo!*

O sangue entrou no olho direito dele, quente e ardente. Limpou-o com os nós dos dedos.

Ficou ali por um momento, a olhar para ela como se nunca a tivesse visto antes. De certa forma, nunca vira. Os seios de Beverly subiam e desciam rapidamente. O rosto, uma mistura de rubor e palidez lívida, resplandecia. Os lábios estavam repuxados sobre os dentes num rosnado. Mas tinha esvaziado o tampo do toucador. A reserva de mísseis acabara-se. Ele ainda conseguia ver o medo nos olhos dela... mas continuava a não ser medo dele.

— Guarda essa roupa — disse ele, tentando não ofegar enquanto falava. Não soaria bem. Pareceria fraqueza. — Depois, guarda a mala e vai para cama. E se fizeres isso, talvez eu não te bata muito. Talvez possas sair de casa daqui a dois dias em vez de duas semanas.

— Tom, ouve. — Falava devagar. O seu olhar era muito lúcido. — Se te aproximares de mim outra vez, mato-te. Ouviste bem, meu monte de banha? Mato-te.

E de repente (talvez fosse pelo puro ódio no rosto dela, o desprezo, talvez por ela lhe ter chamado monte de banha, ou talvez só por causa da maneira rebelde como os seus seios subiam e desciam), o medo começou a sufocá-lo. Não era um botão nem uma flor, mas um maldito jardim inteiro, o medo, o medo horrível de não estar *ali*.

Tom Rogan correu para a mulher, desta vez sem gritar. Foi tão silenciosamente como um torpedo a cortar a água. Naquele momento, a sua intenção não devia ser apenas bater e subjugar, mas fazer-lhe o que ela de forma tão precipitada dissera que lhe faria.

Julgou que Beverly fugiria. Talvez para a casa de banho. Talvez para a escada. Em vez disso, ela manteve-se firme. Bateu com a anca na parede quando lançou o seu peso contra o toucador, empurrando-o na direção dele, partindo duas unhas pelo sabugo quando o suor nas suas palmas fez as mãos escorregarem.

Por um momento, a mesa balançou inclinada, e então Beverly projetou-se para a frente de novo. O toucador dançou sobre uma perna, o espelho a refletir a luz como uma breve sombra de aquário no teto, depois caiu para a frente. A ponta da frente bateu na coxa de Tom e derrubou-o. Houve um tilintar musical quando os frascos tombaram e se partiram lá dentro. Ele viu o espelho bater no chão à sua esquerda e levantou um braço para proteger os olhos, perdendo o cinto no processo. Estilhaços voaram pelo chão, prateados na parte de trás. Sentiu alguns a feri-lo, provocando sangue.

Beverly chorava, a sua respiração a sair em soluços altos e agudos. Uma e outra vez vira-se a deixá-lo, a deixar a tirania de Tom como deixara a do pai, fugindo à noite, com as malas empilhadas no porta-bagagens do *Cutlass*. Não era estúpida, com certeza nem sequer naquele momento, no

meio daquela incrível confusão, para acreditar que não amara Tom e que de certa forma ainda o amava. Mas isso não eliminava o seu medo dele... o ódio por ele... e o desprezo por si mesma por escolhê-lo com base em razões obscuras sepultadas em tempos que deviam ter ficado no passado. O seu coração não estava destroçado; parecia mais arder no peito, derretendo-se. Tinha medo de que o calor do coração começasse em breve a destruir a sua sanidade.

Mas, acima disso tudo, a matraquear regularmente no fundo da sua mente, ouvia a voz seca e firme de Mike Hanlon: «A Coisa voltou, Beverly... voltou... e tu prometeste...»

O toucador subiu e desceu. Uma vez. Duas. Uma terceira vez. Parecia estar a respirar.

Movendo-se com agilidade cuidadosa, com a boca caída nos cantos e a tremer como se no prelúdio de alguma espécie de convulsão, ela desviou-se do toucador, passou em bicos de pés pelo vidro partido e agarrou no cinto no momento em que Tom ergueu o toucador e o empurrou para o lado. Então recuou e enfiou a mão no laço. Tirou o cabelo dos olhos e ficou a ver o que ele faria.

Tom levantou-se. Alguns estilhaços do espelho tinham-lhe cortado uma das faces. Um corte diagonal cruzava-lhe a testa numa linha fina. Ele olhou-a de esguelha quando se levantou lentamente, e ela viu gotas de sangue nos *boxers*.

— Dá-me esse cinto — disse ele.

Em vez de obedecer, Beverly enrolou-o duas vezes em volta da mão e olhou para Tom com expressão desafiadora.

— Para, Bev. Agora.

— Se me atacares, arranco-te o couro. — As palavras saíam da sua boca, mas ela não conseguia acreditar que estava a dizê-las. E quem era aquele homem das cavernas com cuecas ensanguentadas? O marido? O pai?



O amante que ela tivera na faculdade que lhe partira o nariz uma noite, aparentemente do nada? *Meu Deus, ajuda-me*, pensou ela. *Ajuda-me*. Mas a sua boca prosseguiu. — Sou bem capaz de o fazer. És gordo e lento, Tom. Vou-me embora, e acho que talvez não volte. Acho que talvez tenha acabado.

— Quem é esse Denbrough?

— Esquece. Eu estava...

Deu-se conta quase demasiado tarde de que a pergunta fora uma distração. Ele avançou para cima dela antes de a última palavra ter saído da boca. Beverly lançou o cinto pelo ar num arco, e o som que fez quando bateu na boca dele foi o som de uma rolha teimosa a sair de uma garrafa.

Ele gritou e levou as mãos à boca, os olhos enormes, magoados e chocados. O sangue começou a cair por entre os seus dedos e pelas costas das mãos.

— Rasgaste-me a boca, sua puta! — gritou ele com voz abafada. — Meu Deus, partiste-me a boca!

Lançou-se a ela de novo, com as mãos esticadas, a boca uma mancha vermelha e molhada. Os lábios pareciam feridos em dois sítios. Perdera a coroa de um dos dentes da frente. Enquanto ela observava, cuspiu-a para o lado. Uma parte de Beverly estava a recuar daquela cena, enjoada e a gemer, querendo fechar os olhos. Mas a outra Beverly sentia a exultação de um condenado no corredor da morte libertado por um terramoto inesperado. Essa Beverly gostava daquilo tudo, e muito. *Oxalá a tivesses engolido!*, foi o que pensou. *Oxalá te tivesses engasgado nela!*

Foi essa Beverly que brandiu o cinto pela última vez, o cinto que ele usara nas nádegas, nas pernas e nos seios dela. O cinto que usara nela vezes sem conta nos últimos quatro anos. O número de golpes que se recebia dependia da asneira que se fizera. Tom chega a casa e o jantar está frio? Dois golpes de cinto. Bev está a trabalhar até mais tarde no estúdio e

esquece-se de ligar para casa? Três golpes de cinto. Oh, olhem para isto: Beverly recebeu outra multa de estacionamento. Um golpe de cinto... nos seios. Ele era bom. Raramente deixava hematomas. Nem sequer doía assim tanto. Exceto a humilhação. *Isso doía.* E o que doía ainda mais era saber que parte dela desejava a dor. Desejava a humilhação.

*A última vez vale por todas,* pensou ela, e brandiu o cinto.

Brandiu-o baixo, de lado, e atingiu-lhe os testículos com um som brusco, porém pesado, o som de uma mulher a bater num tapete para o limpar. Não foi preciso mais nada. O ímpeto de lutar abandonou Tom Rogan.

Soltou um berro lancinante e sem força e caiu de joelhos como que para rezar. Tinha as mãos entre as pernas. A cabeça inclinada para trás. Os músculos saltavam no seu pescoço. A boca era uma careta trágica de dor. O joelho esquerdo caiu em cima de um caco aguçado de um frasco de perfume e ele rolou silenciosamente para o lado como uma baleia. Uma das mãos largou os tomates para apertar o joelho que sangrava.

*O sangue,* pensou ela. *Meu bom Deus, ele está a sangrar por todo o lado.*

*Vai sobreviver,* respondeu friamente aquela nova Beverly, a Beverly que parecera surgir com o telefonema de Mike Hanlon. *Os gajos como ele sobrevivem sempre. Sai mas é daqui antes que ele decida que quer dançar mais um bocado. Ou, antes, que decida ir à cave buscar a Winchester.*

Recuou e sentiu uma dor no pé ao pisar um estilhaço do espelho do toucador. Baixou-se para agarrar a pega da mala. Nunca desviou os olhos dele. Recuou pela porta e pelo corredor. Segurava a mala à frente do corpo com as duas mãos, e bateu com as canelas ao recuar. O pé cortado deixava marcas de calcanhar ensanguentadas. Quando chegou à escada, virou-se e desceu rapidamente, sem se permitir pensar. Desconfiava de que já não tinha pensamentos coerentes, pelo menos por enquanto.

Sentiu um toque ao de leve na perna e gritou.

Olhou para baixo e viu que era a ponta do cinto. Ainda estava enrolado na sua mão. À luz fraca, parecia mais uma cobra morta do que nunca. Atirou-o por cima do corrimão, com uma careta de nojo, e viu-o aterrar num S no tapete do corredor.

Ao fundo das escadas, segurou a bainha da camisa de dormir branca de renda e puxou-a pela cabeça. Estava manchada de sangue, e não a usaria nem mais um segundo. Atirou-a para o lado, e aterrou junto à planta ao lado da porta da sala como um paraquedas de renda. Inclinou-se, nua, para a mala. Os seus mamilos estavam gelados, duros como balas.

— BEVERLY, ANDA JÁ CÁ PARA CIMA!

Ela sufocou um grito, deu um salto e voltou a inclinar-se para a mala. Se ele tinha força suficiente para gritar assim tão alto, dispunha de bastante menos tempo do que pensava. Abriu a mala e tirou umas cuecas, uma blusa e umas *Levi's* velhas. Vestiu as peças de roupa ao lado da porta, sem tirar os olhos das escadas. Mas Tom não apareceu lá em cima. Gritou o nome dela mais duas vezes, e de cada uma das vezes ela encolhera-se para longe do som, com os olhos acossados, os lábios repuxados sobre os dentes num esgar inconsciente.

Enfiou os botões da blusa nas casas o mais depressa que conseguiu. Os dois botões de cima tinham caído (era irónico ver que ela nunca remendava a própria roupa), e achou que parecia um pouco uma prostituta à procura de uma última rapidinha antes de encerrar o turno, mas teria de servir.

— EU MATO-TE, SUA PUTA! PUTA DE MERDA!

Fechou e trancou a mala. O braço de uma blusa ficou de fora como uma língua. Ela olhou em volta uma vez, rapidamente, desconfiando que nunca mais voltaria a ver aquela casa.

Encontrou apenas alívio na ideia e, assim, abriu a porta e saiu.

Estava a três quarteirões de casa, a andar sem noção nenhuma do destino, quando percebeu que ainda estava descalça. O pé que ela cortara, o esquerdo, latejava muito. Tinha de calçar alguma coisa, e eram quase duas da manhã. A carteira e os cartões de crédito estavam em casa. Tateou os bolsos das calças de ganga e só encontrou algodão. Não tinha um tostão; nem um cêntimo. Olhou em volta, para o bairro residencial onde estava: casas bonitas, relvados e jardins bem tratados, janelas escuras.

De repente, começou a rir.

Beverly Rogan sentou-se num muro baixo de pedra, com a mala entre os pés sujos, e riu-se. As estrelas brilhavam, e como estavam luminosas! Inclinou a cabeça para trás e riu para elas, aquela euforia selvagem a tomar de novo conta dela como um maremoto que subia, carregava e limpava, uma força tão poderosa que qualquer pensamento consciente se perdeu; só o seu sangue pensava e a sua voz poderosa falava com ela numa forma de desejo pouco eloquente, embora o que desejava ela não soubesse nem quisesse saber. Era suficiente sentir aquele calor a preenche-la com a sua insistência. *Desejo*, pensou ela, e dentro dela aquele maremoto de euforia pareceu ganhar velocidade, empurrando-a para a frente, na direção de algum acidente inevitável.

Riu-se para as estrelas, assustada, mas livre, com o terror intenso como uma dor e doce como uma maçã madura de outubro e, quando uma luz se acendeu num quarto do primeiro andar da casa a que pertencia aquele muro de pedra, ela agarrou na pega da mala e fugiu para a noite, ainda a rir.

— Ir embora? — repetiu Audra. Olhou para ele, intrigada, e com um pouco de medo, e escondeu os pés descalços debaixo do corpo. O chão estava frio. Pensando bem, toda a *casa* estava fria. O sul de Inglaterra experimentava uma primavera excepcionalmente húmida, e mais de uma vez nas suas caminhadas regulares matinais e noturnas, Bill Denbrough dera por si a pensar no Maine... a pensar de uma forma perplexa e vaga em Derry.

A casa devia ter aquecimento central (o anúncio dissera que tinha, e havia uma caldeira lá em baixo, na cave arrumada, enfiada num canto que já fora um depósito de carvão), mas ele e Audra tinham descoberto logo de início que a ideia britânica de aquecimento central não era a mesma da americana. Parecia que os britânicos acreditavam que se tinha aquecimento central desde que não fosse preciso mijar numa pedra de gelo na sanita quando se levantavam. Era manhã, 8h15. Bill desligara o telefone cinco minutos antes.

— Bill, não podes ir-te *embora*. Sabes isso.

— Tenho de ir — disse ele. Havia um bar no canto da sala. Ele foi até lá, tirou uma garrafa de *Glenfiddich* da prateleira de cima e serviu-se. Derramou-se um pouco pelo lado do copo. — Merda — murmurou.

— Quem ligou? Do que estás com medo, Bill?

— Não estou com medo.

— Ai, não? As tuas mãos tremem sempre assim? Bebes sempre o teu primeiro copo antes do pequeno-almoço?

Ele voltou para a cadeira, o roupão a balançar em volta dos tornozelos, e sentou-se. Tentou sorrir, mas foi um esforço fraco e desistiu.

Na televisão, o apresentador da BBC estava a concluir a série de más notícias antes de passar para os resultados de futebol da noite anterior. Quando chegaram à pequena povoação suburbana de Fleet, um mês antes da data marcada para o início das filmagens, tinham ficado maravilhados com a qualidade técnica da televisão britânica; num bom aparelho a cores

*Pye* parecia mesmo que se podia entrar na imagem. «Mais linhas, acho», dissera Bill. «Não sei o que é, mas é ótimo», respondera Audra. Isso foi antes de descobrirem que a maior parte da programação consistia em programas americanos como *Dallas* e infundáveis eventos desportivos britânicos, desde os estranhos e chatos (campeonatos de lançamento de dardos em que todos os participantes pareciam lutadores de sumo hipertensos) aos simplesmente chatos (o futebol britânico era mau; o críquete era ainda pior).

— Tenho pensado muito na minha cidade — disse Bill, e bebeu um gole do uísque.

— Cidade? — repetiu ela, e pareceu tão sinceramente perplexa que ele soltou uma gargalhada.

— Pobre Audra! Casada há uns onze anos com o gajo e não sabe nada dele. E esta, hein? — Riu-se de novo e engoliu o resto da bebida. A sua gargalhada tinha um tom do qual ela gostou tanto como de vê-lo com um copo de uísque na mão àquela hora da manhã. A gargalhada parecia uma coisa que queria ser um grito de dor. — Pergunto-me se algum dos outros tem maridos e mulheres que estão a descobrir o pouco que sabem. Palpita-me que sim.

— Billy, sei que te amo — disse ela. — Durante onze anos, isso foi suficiente.

— Eu sei. — Ele sorriu; o sorriso foi doce, cansado e assustado.

— Por favor. Por favor, conta-me o que se passa.

Olhou para ele com os adoráveis olhos cinzentos, sentada na cadeira barata da casa alugada com os pés encolhidos debaixo da bainha da camisa de dormir, uma mulher que ele amara, com quem casara e que ainda amava. Tentou ver pelos olhos dela, ver o que ela sabia. Tentou ver aquilo como uma história. Conseguia-o, mas sabia que era uma história que não venderia.

Eis um rapaz pobre do estado do Maine que vai para a faculdade com bolsa de estudos. Durante toda a vida quis ser escritor, mas, quando se matricula nos cursos de escrita, vê-se perdido sem bússola numa terra estranha e assustadora. Há um tipo que quer ser o Updike. Há outro que quer ser a versão de Faulkner da Nova Inglaterra, só que quer escrever romances sobre a triste vida dos pobres em versos livres. Há uma rapariga que admira a Joyce Carol Oates, mas acha que como Oates foi criada numa sociedade sexista, é «radioativa no sentido literário». Oates não pode estar limpa, diz essa rapariga. Ela será mais limpa. Há um aluno baixo e gordo que não consegue ou não quer falar além de um murmúrio. Esse tipo escreveu uma peça com nove personagens. Cada uma só diz uma palavra. Pouco a pouco, os espectadores percebem que quando se unem as palavras, se obtém a frase: «A guerra é a ferramenta dos mercadores sexistas da morte.» A peça desse tipo recebe um 20 do homem que dá o seminário de escrita criativa. Esse professor publicou quatro livros de poesia e a tese de mestrado, tudo na University Press. Fuma marijuana e usa um medalhão com o símbolo da paz. A peça do murmurador gordo é produzida por uma companhia de teatro subversiva durante a greve em prol do fim da guerra, que encerra o *campus* em maio de 1970. O professor encarna uma das personagens.

Enquanto isso, Bill Denbrough escreveu um conto de mistério que se passa numa assoalhada fechada, três histórias de ficção científica e várias histórias de terror que devem muito a Edgar Allan Poe, H. P. Lovecraft e Richard Matheson. Anos depois, dirá que essas histórias se pareciam com um carro fúnebre de meados do século XIX equipado com compressor e pintado de vermelho fluorescente.

Uma das histórias de ficção científica rende-lhe um 16.

«Isto é melhor», escreve o professor na página de rosto. «No contra-ataque alienígena vemos o círculo vicioso em que violência gera violência;

gostei da nave espacial com “ponta de agulha” como símbolo da incursão homossexual. Embora isto permaneça um tanto nas entrelinhas ao longo da história, é interessante.»

Todas as outras não conseguem mais do que 12.

Ele acaba por se levantar no meio da aula um dia, depois de uma discussão de setenta minutos sobre o conto de uma jovem pálida que fala de uma vaca a examinar um motor abandonado num campo deserto (que pode ou não ser depois de uma guerra nuclear). A rapariga pálida, que fuma um *Winston* a seguir ao outro e mexe de vez em quando nas borbulhas que lhe crescem nas têmporas, insiste que a cena é uma declaração sociopolítica no estilo de Orwell em começo de carreira. A maior parte da turma e o professor concordam, mas a discussão arrasta-se.

Quando Bill se levanta, a turma olha para ele. É alto e tem uma certa presença.

Falando com cuidado, sem gaguejar (não gagueja há mais de cinco anos), diz:

— Não percebo isto. Não percebo *nada* disto. Por que motivo uma história tem de ser socio-alguma coisa? Política... cultura... história... não são ingredientes naturais em qualquer história se for bem contada? Quero dizer... — Olha em volta, vê olhos hostis e apercebe-se de que eles veem aquilo como uma espécie de ataque. Talvez até seja. Apercebe-se de que estão a pensar que talvez haja um mercador da morte sexista entre eles. — Quero dizer... não podem simplesmente deixar uma história ser uma história?

Ninguém responde. O silêncio prolonga-se. Ele fica ali de pé, a olhar de um par de olhos frios para outro. A rapariga pálida exala fumo e esmaga o cigarro num cinzeiro que levou na mochila.

Por fim, o professor diz delicadamente, como se estivesse a dirigir-se a uma criança com uma birra inexplicável:



— Acredita que William Faulkner estava apenas a contar *histórias*? Acredita que Shakespeare estava apenas interessado em ganhar dinheiro? Vamos lá, Bill. Diga-nos o que acha.

— Acho que isso anda perto da verdade — diz Bill após um longo momento no qual reflete realmente sobre a pergunta, e lê nos olhos deles uma espécie de condenação.

— Creio — diz o professor, brincando com a caneta e sorrindo para Bill com olhos entreabertos — que ainda tem *muito* que aprender.

O aplauso começa algures no fundo da sala.

Bill sai... mas volta na semana seguinte, determinado a provar que está certo. Entretanto, escreveu uma história chamada «O Escuro», um conto sobre um miúdo que descobre um monstro na cave de casa. O miúdo enfrenta-o, luta com ele e acaba por matá-lo. Sente uma espécie de euforia sagrada quando está a escrever a história; até sente que não está tanto a *contar* a história, e sim a deixar que ela *flua através* dele. A certa altura, pousa a caneta e leva a mão quente e dorida para o frio de dez graus negativos de dezembro, onde ela quase fumega devido à mudança de temperatura. Dá uma volta, com as botas verdes de cano baixo a ranger na neve como pequenas dobradiças que precisam de óleo, e a sua cabeça parece *inchar* com a história; é um pouco assustadora a forma como ela precisa de sair. Sente que, se ela não conseguir escapar pela mão ágil dele, vai fazer-lhe saltar os olhos no desespero de fugir e tornar-se algo concreto.

— Vou deitar esta merda toda cá para fora — diz ele para a ventosa escuridão invernal, e ri-se um pouco, com uma gargalhada trémula. Tem noção de que finalmente descobriu como o fazer; depois de dez anos a tentar, encontrou por fim o botão para ligar a enorme escavadora que ocupa tanto espaço na sua cabeça. Ela está ligada, a acelerar. Não é nada bonita, esta grande máquina. Não foi feita para levar raparigas bonitas a bailes. Não

é um símbolo de *status*. É uma coisa a sério. Pode acabar com tudo. Se ele não tiver cuidado, acabará também com ele.

Corre lá para dentro e termina «O Escuro» num frenesi, escrevendo até às quatro da manhã e adormecendo em cima do dossiê. Se alguém lhe tivesse sugerido que estava a escrever sobre o irmão, George, teria ficado admirado. Não pensa em George há anos. Pelo menos, acredita piamente nisso.

O professor devolve a história com um 8 na página do título. Duas palavras estão escritas em baixo em letras garrafais. POPULAR, grita uma. LIXO, grita a outra.

Bill leva o manuscrito de quinze páginas até ao fogão e abre a porta do forno. Está a um centímetro de o atirar lá para dentro quando o absurdo do gesto o atinge. Senta-se na cadeira de balouço, olha para um póster dos Grateful Dead e começa a rir-se. Popular? Ótimo! Que seja popular! O mundo está cheio de coisas populares!

— Que o mundo expluda de tanta coisa popular! — exclama Bill, e ri até as lágrimas saltarem dos seus olhos e rolarem pelo rosto.

Reescreve a página de rosto, a que tinha a avaliação do professor, e manda o conto para uma revista masculina chamada *White Tie* (embora, pelo que Bill pode apreciar, devesse chamar-se *Raparigas Nuas que Parecem Toxicodependentes*). Mas o seu velho exemplar do livro *Writer's Market* diz que eles compram histórias de terror, e as duas edições que adquiriu na loja do bairro tinham realmente quatro histórias de terror ensanduichadas entre as raparigas nuas, os anúncios de filmes pornográficos e os comprimidos para aumentar a potência. Uma delas, escrita por um homem chamado Dennis Etchison, é muito boa.

Envia «O Escuro» sem muita esperança (pois já mandou muitas histórias para revistas e só obteve cartas de rejeição em resposta), e fica estupefacto e eufórico quando o editor de ficção da *White Tie* a compra por

duzentos dólares, com pagamento na data da publicação. O homem junta um bilhete em que lhe chama «a melhor história de terror desde “The Jar” de Ray Bradbury». E acrescenta: «Pena que só umas setenta pessoas de costa a costa irão lê-la», mas Bill Denbrough não se importa. Duzentos dólares!

Procura o seu orientador com um pedido de cancelamento da matrícula no seminário de escrita criativa. O orientador assina. Bill Denbrough agrafa o papel ao bilhete de parabéns do editor e prende os dois no quadro de avisos na porta do professor de escrita criativa. No canto do quadro, vê um *cartoon* antiguerra. E de repente, como que deslocando-se por vontade própria, os seus dedos tiram a caneta do bolso da camisa e escrevem em cima do *cartoon*: «Se a ficção e a política algum dia se tornarem intercambiáveis, mato-me, porque não vou saber o que fazer. Sabe, a política muda sempre. As histórias nunca mudam.» Faz uma pausa, e então, sentindo-se um pouco pequeno (mas incapaz de parar), acrescenta: «Creio que tem muito que aprender.»

Três dias depois recebe, por correio interno, o pedido de cancelamento. O professor rubricou-o. No espaço marcado NOTA NO MOMENTO DA DESISTÊNCIA, o professor não escreveu «incompleto» nem o 12 ao qual as notas tiradas dariam direito; em vez disso, há outro 8 rabiscado furiosamente na linha da nota. Abaixo, o professor escreveu: «Acha que o dinheiro prova alguma coisa, Denbrough?»

— Por acaso, até acho que sim — diz Bill Denbrough para o seu apartamento vazio, e mais uma vez começa a rir loucamente.

No último ano de faculdade atreve-se a escrever um romance, porque não tem ideia do que está a fazer. Conclui a experiência feito num oito e amedrontado... mas vivo, e com um manuscrito de umas quinhentas páginas. Envia-o para a Viking Press, sabendo que vai ser a primeira de muitas paragens do seu livro, que é sobre fantasmas... mas agrada-lhe o

logótipo da Viking com o navio, e isso torna-a um lugar tão bom como qualquer outro para começar. Na verdade, a primeira paragem acaba por ser a última paragem. A Viking compra o livro... e para Bill Denbrough, o conto de fadas começa. O homem que já foi conhecido como Bill Gago torna-se um êxito aos vinte e três anos de idade. Três anos mais tarde e a cinco mil quilómetros da Nova Inglaterra, torna-se uma estranha espécie de celebridade ao casar em Hollywood com uma mulher que é estrela de cinema e cinco anos mais velha do que ele.

As colunas de mexericos dão-lhes sete meses. A única dúvida, dizem, é se o fim vai ser por divórcio ou anulação. Amigos (e inimigos) do casal sentem a mesma coisa. Tirando a diferença de idades, as disparidades são assustadoras. Ele é alto, já está a ficar careca e com tendência para engordar. Fala devagar em grupo e às vezes parece pouco eloquente. Audra, por outro lado, tem cabelo castanho-avermelhado, é monumental e linda. Parece mais uma criatura de uma super-raça semidivina do que uma mulher normal.

Bill foi contratado para escrever o argumento do seu segundo livro, *Os Rápidos Negros* (em parte porque o direito de escrever pelo menos o primeiro rascunho do argumento foi uma condição irrevogável da venda, apesar de a agente lhe ter dito que estava louco), e o seu rascunho acabou por ser muito bom. Foi convidado para ir à Universal City para novas versões e reuniões de produção.

A sua agente é uma mulher pequena chamada Susan Browne. Tem exatamente um metro e meio. É enérgica de uma maneira violenta, e enfática de maneira mais violenta ainda.

— Não faças isso, Billy — diz ela. — Livra-te do assunto. Eles têm muito dinheiro envolvido e vão arranjar alguém bom para escrever o argumento. Talvez até o Goldman.

— Quem?

— O William Goldman. O único bom escritor que já fez as duas coisas.

— Do que estás a falar, Suze?

— Ele ficou nessa área, e com êxito — disse ela. — A probabilidade de isso acontecer é como a de curar um cancro do pulmão: é possível, mas quem quer tentar? Vais queimar-te com sexo e álcool. Ou com uma das drogas modernas. — Os olhos castanhos fascinantes de Susan brilham na direção dele com veemência. — E se acabar por ser um cretino a pegar no trabalho em vez do Goldman, qual é o problema? O livro está nas prateleiras. Não podem mudar nem uma palavra.

— Susan...

— Ouve, Billy! Aceita o dinheiro e foge. És jovem e forte. É disso que eles gostam. Se fores até lá, vão primeiro separar-te da tua autoestima e depois da tua capacidade de escrever dez palavras seguidas. Por fim, mas não menos importante, vão arrancar-te os tomates. Escreves como adulto, mas és apenas uma criança com uma testa alta.

— Tenho de ir.

— Alguém se peidou aqui? — responde ela. — Deve ter peidado, porque cheira mal.

— Mas tenho mesmo de me ir embora.

— Meu Deus!

— Tenho de sair de Nova Inglaterra. — Receia dizer o que vem depois, é como proferir uma maldição, mas deve-lhe isso. — Tenho de me afastar do Maine.

— Porquê, pelo amor de Deus?

— Não sei. Mas tenho.

— Estás a dizer-me alguma coisa real, Billy, ou só a falar como escritor?

— É real.

Estão juntos na cama durante essa conversa. Os seios dela são pequenos e doces como pêssegos. Ele ama-a muito, mas não da forma que os dois sabem que seria um boa forma de amar. Susan senta-se com um mar de lençóis no colo e acende um cigarro. Está a chorar, mas Bill duvida que ela saiba que ele sabe. É só um brilho nos olhos dela. Seria diplomático não o mencionar, então não diz nada. Não a ama daquela forma realmente boa, mas gosta muito dela.

— Nesse caso, vai — diz Susan com uma voz seca e profissional enquanto se vira de novo para ele. — Liga-me quando estiveres pronto e se ainda tiveres força. Eu vou apanhar os cacos. Se sobrar algum.

A versão cinematográfica de *Os Rápidos Negros* chama-se *Covil do Demónio Negro*, e Audra Phillips é escolhida para o papel principal. O título é horrível, mas o filme acaba por ser bastante bom. E a única parte de si que Bill perde em Hollywood é o coração.

— Bill — disse Audra de novo, arrancando-o das lembranças.

Ele reparou que ela desligara a televisão. Olhou pela janela e viu nevoeiro.

— Vou explicar o máximo que puder — disse ele. — Tu mereces. Mas primeiro, faz-me duas coisas.

— De acordo.

— Faz outra chávena de chá para ti e conta-me o que sabes sobre mim. Ou o que pensas que sabes.

Ela olhou-o intrigada e foi até ao aparador.

— Sei que és do Maine — disse ela, aproximando-se da bandeja do pequeno-almoço e preparando um chá. Embora não fosse britânica, um leve sotaque britânico surgira na sua voz, um resquício do papel que desempenhava em *Sótão*, o filme que tinham ido filmar a Inglaterra. Era o

primeiro argumento original de Bill. Também lhe tinham oferecido a realização. Graças a Deus, ele recusara; a sua partida estragaria mesmo tudo. Sabia o que as pessoas diriam, toda a equipa. Billy Denbrough finalmente mostra a cara. Mais um maldito escritor, mais louco do que um rato numa gaiola.

Deus sabia que ele se sentia louco naquele momento.

— Sei que tiveste um irmão e que o amavas muito e que ele morreu — prosseguiu Audra. — Sei que crescestes numa vila chamada Derry, te mudaste para Bangor dois anos depois de o teu irmão morrer e te mudaste para Portland aos catorze anos. Sei que o teu pai morreu de cancro de pulmão quando tinhas dezassete. E que escreveste um *bestseller* quando ainda andavas na faculdade, que te sustentavas com uma bolsa de estudos e um emprego a tempo parcial numa fábrica têxtil. Deve ter sido muito estranho para ti... a mudança de rendimento. De perspetivas.

Voltou para a mesa, e ele viu-lhe no rosto que acabava de se aperceber dos espaços escondidos entre eles.

— Sei que escreveste *Os Rápidos Negros* um ano depois e foste para Hollywood. E na semana antes do começo das filmagens, conhecestes uma mulher muito complicada chamada Audra Phillips, que sabia um pouco do que devias ter passado, dessa descompressão louca, porque ela fora simplesmente Audrey Philpott cinco anos antes. E essa mulher estava a afogar-se...

— Audra, não.

Os olhos dela estavam firmes e sustentaram o olhar dele.

— Ora, porque não? Sejamos francos e chamemos os bois pelos nomes. Eu estava a afogar-me. Tinha descoberto as anfetaminas dois anos antes de te conhecer e um ano depois descobri a cocaína, e as coisas ficaram ainda melhores. Era uma anfetamina de manhã, coca à tarde, vinho à noite e um *Valium* ao deitar. As vitaminas da Audra. Havia demasiadas entrevistas

importantes, demasiados papéis bons. Estava tão parecida com uma personagem de um romance da Jacqueline Susann que dava vontade de rir. Sabes como imagino aquela época, Bill?

— Não.

Ela bebeu um gole de chá sem tirar os olhos dele e sorriu.

— Era como correr na passadeira do aeroporto internacional de Los Angeles. Percebes?

— Não lá muito bem.

— É uma passadeira rolante — disse ela. — Com cerca de quatrocentos metros de comprimento.

— Conheço a passadeira — disse ele —, mas não entendo o que...

— Ficas ali parado e ela leva-te até a área de recolha de bagagem. Mas, se quiseres, não tens de ficar ali parado. Podes andar na passadeira. Podes correr. E parece que estás a fazer a tua caminhada normal ou a tua corrida normal, porque o corpo esquece que o que estás *mesmo* a fazer é acrescentar a tua velocidade à da passadeira. É por isso que há cartazes a dizer ABRANDE, PASSADEIRA EM MOVIMENTO perto do fim. Quando te conheci, senti como se tivesse saído a correr no final daquela coisa para um chão que já não se movia. Ali estava eu, com o corpo quinze quilómetros à frente dos pés. Não se consegue manter o equilíbrio. Mais tarde ou mais cedo, batemos com a cara no chão. Mas eu não caí. Porque tu me seguraste.

Audra pousou o chá e acendeu um cigarro, sem tirar os olhos dele. Bill só percebeu que as mãos dela tremiam pelo balançar da chama do isqueiro, que se desviou primeiro para a direita do cigarro e depois para a esquerda antes de acertar no alvo.

Ela inalou profundamente e expeliu um jato de fumo.

— O que sei sobre ti? Sei que parecias ter tudo controlado. Sei disso. Nunca parecias estar com pressa para chegar à bebida seguinte nem à reunião seguinte nem à festa seguinte. Parecias saber que todas essas coisas



estariam lá... se as quisesse. Falavas devagar. Suponho que era, em parte, pelo sotaque do Maine, mas sobretudo por causa da tua maneira de ser. Foste o primeiro homem que conheci que se atrevia a falar devagar. Tive de abrandar para te ouvir. Olhei para ti, Bill, e vi alguém que nunca corria na passadeira, porque sabia que ela o levaria ao destino. Parecias intocado pela fama e pela histeria. Não alugavas um *Rolls-Royce* só para poderes conduzir por Rodeo Drive ao sábado à tarde com a tua matrícula personalizada num vistoso carro alugado. Não tinhas um assessor de imprensa para pôr notícias na *Variety* e ou no *Hollywood Reporter*. Nunca tinhas ido ao *Carson Show*.

— Os escritores não podem ir, a não ser que façam truques com cartas ou entortem colheres — disse ele, sorrindo. — É uma espécie de lei nacional.

Pensou que ela sorriria, mas tal não se verificou.

— Sei que estavas ao meu lado quando precisei de ti. Quando saí a voar no fim da passadeira como o O. J. Simpson naquele antigo anúncio da Hertz. Talvez me tenhas salvado de tomar o comprimido errado com bebida a mais. Ou talvez eu tivesse conseguido chegar ao outro lado sozinha e tudo isto seja um grande drama da minha parte. Mas... não é o que parece. Não por dentro, onde estou.

Ela apagou o cigarro depois de apenas duas passas.

— Sei que desde então nunca me falhaste. Nem eu a ti. Damo-nos bem na cama. Isso parecia muito importante para mim. Mas também nos damos bem fora dela, e isso parece ainda mais importante. Sinto que poderia envelhecer contigo e continuar a ser corajosa. Sei que bebes demasiada cerveja e não te exercitas o suficiente; sei que algumas noites tens pesadelos terríveis...

Bill apanhou um susto. Um valente susto. Quase sentiu medo.

— Nunca sonho.

Ela sorriu.

— É o que dizes aos entrevistadores quando te perguntam onde vais buscar as tuas ideias. Mas não é verdade. A não ser que, quando comesças a gemer à noite, seja por causa de uma indigestão. E não acredito nisso, Billy.

— Eu falo? — perguntou ele com cautela. Não conseguia lembrar-se de sonho nenhum. Nenhum sonho, bom *ou* mau.

Audra assentiu.

— Às vezes. Mas nunca percebo o que dizes. E, em duas ocasiões, choraste.

Ele fitou-a com o rosto inexpressivo. Tinha um gosto mau na boca, que descia pela língua e pela garganta como o sabor da aspirina dissolvida. *Então agora sabes como é o gosto do medo*, pensou ele. *Já estava na altura de descobrires, tendo em conta tudo o que escreveste sobre o assunto.* Achava que era um gosto ao qual se habituaria. Se vivesse o tempo suficiente.

De repente, havia lembranças a tentar voltar. Era como se um saco preto na sua mente estivesse a inchar, a ameaçar expelir

(*sonhos*)

imagens nocivas do seu subconsciente para o campo mental de visão dominado pela mente racional e desperta e, se isso acontecesse de repente, levá-lo-ia à loucura. Tentou afastar as imagens e conseguiu, mas não antes de ouvir uma voz. Era como se alguém enterrado vivo estivesse a gritar de baixo da terra. Era a voz de Eddie Kaspbrak.

*Salvaste-me a vida, Bill. Aqueles rapazes grandes não me largam. Às vezes acho que querem mesmo matar-me...*

— Os teus braços — disse Audra.

Bill olhou para eles. Tinha a pele toda arrepiada. Não apenas arrepiada, mas parecia coberta de pontos brancos como ovos de insetos. Os dois

olharam sem dizer nada, como se admirassem uma peça interessante de museu. A pele de galinha desapareceu lentamente.

— E sei outra coisa — continuou Audra no silêncio que se seguiu. — Alguém te ligou hoje de manhã dos Estados Unidos e disse que tens de me deixar.

Ele levantou-se, olhou rapidamente para as garrafas de bebida, entrou na cozinha e voltou com um copo de sumo de laranja.

— Sabes que tive um irmão e sabes que ele morreu, mas não sabes que ele foi assassinado.

Audra inspirou rapidamente.

— Assassinado! Ah, Bill, porque é que nunca...

— Te contei? — Ele riu, fazendo de novo aquele som que parecia um latido. — Não sei.

— O que aconteceu?

— Vivíamos em Derry na altura. Tinha havido uma cheia, mas estava a passar, e o George sentia-se aborrecido. Eu encontrava-me de cama com gripe. Ele quis que eu lhe fizesse um barco com papel de jornal. Tinha aprendido no acampamento do ano anterior. Disse que ia brincar com ele nas sarjetas de Witcham Street e de Jackson Street, porque elas ainda estavam cheias de água. Assim, fiz-lhe o barco, ele agradeceu-me e saiu, e foi a última vez que vi o meu irmão George vivo. Se eu não estivesse engripado, talvez pudesse tê-lo salvado.

Fez uma pausa e esfregou a bochecha esquerda com a palma da mão direita, como que a verificar se a barba já começara a despontar. Os seus olhos, ampliados pelas lentes dos óculos, pareciam pensativos... mas não estavam a olhar para ela.

— Aconteceu mesmo ali em Witcham Street, não muito longe do cruzamento com a Jackson. Quem o matou arrancou-lhe o braço esquerdo, da mesma maneira que um aluno do segundo ano arrancaria a asa a uma

mosca. O médico-legista disse que ele morreu de choque ou perda de sangue. Mas, para mim, não fazia a menor diferença.

— *Meu Deus, Bill!*

— Imagino que te interrogues porque nunca te contei. A verdade é que também me interrogo. Estamos casados há onze anos e até hoje nunca soubeste o que aconteceu ao Georgie. Sei tudo sobre a tua família, até sobre os teus tios. Sei que o teu avô morreu na garagem dele em Iowa City quando estava mexer na serra elétrica bêbedo. Sei essas coisas porque as pessoas casadas, por muito ocupadas que estejam, acabam por saber quase tudo ao fim de algum tempo. E se ficam muito aborrecidas e deixam de ouvir, acabam por captar tudo de qualquer forma, por osmose. Ou achas que estou errado?

— Não — disse ela baixinho. — Não estás errado, Bill.

— E pudemos sempre falar um com o outro, não é verdade? Quero dizer, nenhum de nós ficou aborrecido o suficiente para ter de ser por osmose, certo?

— Bem — disse ela —, até hoje, era o que eu pensava.

— Vá lá, Audra. Sabes tudo o que me aconteceu nos últimos onze anos da minha vida. Cada negócio, cada ideia, cada constipação, cada amigo, cada tipo que me prejudicou ou tentou fazê-lo. Sabes que fui para a cama com a Susan Browne. Sabe que às vezes fico sentimental quando bebo e ouço discos demasiado alto.

— Principalmente dos Grateful Dead — comentou Audra, e ele riu. Desta vez, ela sorriu em jeito de resposta.

— Também sabes as coisas mais importantes, as que desejo para o futuro.

— Sim. Acho que sim. Mas isto... — Ela fez uma pausa, abanou a cabeça, pensou por um momento. — Quanto é que aquele telefonema teve que ver com o teu irmão, Bill?

— Deixa-me lá chegar ao meu ritmo. Não tentes apressar-me, senão ainda me internas num manicómio. É tão grande... e tão... estranhamente terrível... que estou a tentar aproximar-me sorratamente. Sabes... nunca me ocorreu falar-te sobre o Georgie.

Ela olhou para ele, franziu a testa e abanou a cabeça, como que a dizer «Não percebo».

— O que estou a tentar dizer, Audra, é que não pensei no George durante vinte anos ou mais.

— Mas disseste-me que tiveste um irmão chamado...

— Repeti um *facto* — disse ele. — Só isso. O nome dele era uma palavra. Não projetava sombra nenhuma na minha mente.

— Mas acho que projetava sombra nos teus sonhos — disse Audra num fio de voz.

— Os gemidos? O choro?

Ela assentiu.

— Acho que podes ter razão — disse ele. — Na verdade, tens, quase de certeza. Mas os sonhos de que não nos lembramos não contam, pois não?

— Estás mesmo a dizer que *nunca* pensaste nele?

— Exatamente.

Ela abanou a cabeça, incrédula.

— Nem sequer na maneira horrível como ele morreu?

— Não até hoje, Audra.

Ela olhou para ele e abanou de novo a cabeça.

— Perguntaste antes de casarmos se eu tinha irmãos, e eu disse que tive um irmão que morreu quando eu era miúdo. Sabias que os meus pais tinham morrido, e tens tanta família que ela ocupava toda a tua atenção. Mas isso não é *tudo*.

— O que queres dizer?

— Não é só o George que está naquele buraco negro. Não penso na própria Derry há vinte anos. Nem nas pessoas com quem eu andava, o Eddie Kaspbrak e o Richie, a Boca, o Stan Uris, a Bev Marsh... — Passou as mãos pelo cabelo e soltou uma gargalhada trémula. — É como uma amnésia tão grave que não sabes que a tens. E quando o Mike Hanlon ligou...

— Quem é o Mike Hanlon?

— Outro rapaz com quem andávamos, com quem eu andava depois de o Georgie morrer. Claro que já não é um rapaz. Nenhum de nós é. Foi o Mike que telefonou, dos Estados Unidos. Perguntou: «Olá, estou ligar para a casa da família Denbrough?», eu respondi que sim, e ele perguntou «Bill? És tu?», e eu respondi que sim, e ele disse «Fala o Mike Hanlon». Não significou nada para mim, Audra. Ele podia muito bem estar a vender enciclopédias ou discos do Burl Ives. E a seguir acrescentou «De Derry». E quando disse aquilo, foi como se uma porta se abrisse dentro de mim e uma luz horrível brilhasse, e lembrei-me de quem ele era. Lembrei-me do Georgie. Lembrei-me de todos os outros. Tudo isso aconteceu...

Bill fez estalar os dedos.

— Assim. E eu sabia que ele ia pedir-me que fosse.

— Que voltasses para Derry.

— Sim. — Tirou os óculos, esfregou os olhos, olhou para ela. Audra nunca na vida vira um homem tão assustado. — Que voltasse a Derry. Porque prometemos, disse ele, e prometemos mesmo. *Prometemos*. Todos nós. Os miúdos. Estávamos junto ao riacho que atravessava os Barrens, demos as mãos num círculo e fizemos cortes nas palmas com um pedaço de vidro, portanto éramos como um bando de miúdos a brincar aos irmãos de sangue, só que foi real.

Mostrou-lhe as palmas, e no centro ela conseguiu ver uma série de linhas brancas como uma escada que podiam ser cicatrizes. Tinha agarrado

a mão dele, as *duas* mãos, inúmeras vezes, mas nunca reparara naquelas cicatrizes. Eram ténues, sim, mas ela teria jurado...

E a festa! Aquela festa!

Não a festa onde se tinham conhecido, apesar de essa segunda formar um perfeito cerra-livros com a primeira, porque fora a festa de encerramento das filmagens de *Covil do Demónio Negro*. Fora barulhenta e regada a álcool, ao estilo das festas típicas de Topanga Canyon. Talvez um pouco menos perversa do que outras festas de Los Angeles a que ela tinha ido, porque as filmagens tinham corrido melhor do que o esperado, e todos o sabiam. Para Audra Phillips fora ainda melhor, porque se apaixonara por William Denbrough.

Como se chamava a mulher que se dizia quiromante? Não conseguia lembrar-se naquele momento, apenas que fora uma das duas assistentes do maquilhador. Lembrava-se que a rapariga despira a blusa a certa altura da festa (deixando à mostra um sutiã *muito* transparente por baixo) e envolvera com ela a cabeça como se fosse um turbante de cigana. Bastante tocada pela erva e pelo vinho, lera palmas das mãos durante o resto da noite... ou pelo menos até se apagar.

Audra não conseguia lembrar-se se as leituras da rapariga tinham sido boas ou más, inteligentes ou idiotas: ela própria estivera muito tocada naquela noite. Do que se *lembrava* era que, a certa altura, a rapariga pegara na mão de Bill e na sua e dissera que eram uma combinação perfeita. Eram almas gémeas, afirmou. Lembrava-se de ver, com bastantes ciúmes, a rapariga passar uma unha muito bem pintada pelas linhas na palma da mão de Bill; uma parvoíce, pois, na estranha subcultura do cinema de Los Angeles, os homens dão palmadinhas nos traseiros das mulheres com a mesma indiferença com que, em Nova Iorque, lhes beijam o rosto! Mas houvera algo de íntimo e duradouro naquele movimento da unha.

Não houvera pequenas cicatrizes brancas nas palmas de Bill naquele dia.

Audra estivera a observar a interação com um olhar de amante ciumenta e tinha a certeza da lembrança. A certeza do facto.

Disse-o a Bill naquele momento.

Ele assentiu.

— Tens razão. Não estavam lá naquela altura. E apesar de eu não poder jurar, acho que não estavam aqui ontem à noite, no Plow and Barrow. O Ralph e eu fizemos braço de ferro outra vez para ver quem pagava a cerveja, e acho que me teria dado conta.

Sorriu. O sorriso era seco, sem humor e assustado.

— Acho que voltaram quando o Mike Hanlon ligou. É o que acho.

— Bill, isso não é possível. — Mas Audra estendeu a mão para os cigarros.

Bill estava a olhar para as mãos.

— Foi o Stan que as fez — disse ele. — Cortou-nos as palmas das mãos com o caco de uma garrafa de *Coca-Cola*. Lembro-me tão bem. — Ergueu o olhar para Audra e, por trás dos óculos, os seus olhos estavam magoados e intrigados. — Lembro-me como aquele pedaço de vidro brilhava ao sol. Era um das garrafas novas e transparentes. Antes disso, as garrafas de *Coca-Cola* eram verdes, lembras-te? — Ela abanou a cabeça, mas ele não viu. Ainda estava a observar as palmas das mãos. — Lembro-me que o Stan cortou as mãos dele no fim, fingindo que ia cortar os pulsos em vez de fazer apenas um pequeno corte nas palmas das mãos. Acho que era uma espécie de brincadeira, mas quase me aproximei dele... para o fazer parar. Porque por um segundo ou dois, pareceu que era mesmo a sério.

— Bill, não — pediu ela em voz baixa. Daquela vez, teve de estabilizar o isqueiro na mão direita agarrando o pulso com a esquerda, como um



polícia a empunhar uma arma na carreira de tiro. — As cicatrizes não podem voltar. Existem ou não existem.

— Já as tinhas visto? É isso que estás a dizer-me?

— São muito ténues — disse Audra, mais rispidamente do que pretendia.

— Estávamos todos a sangrar — disse ele. — Ali na água, não muito longe de onde o Eddie Kaspbrak, o Ben Hanscom e eu construimos a represa daquela vez...

— Não estás a falar do arquiteto, estás?

— Há algum com esse nome?

— Meu Deus, Bill, ele construiu o novo centro de comunicações da BBC! Ainda estão a discutir se é um sonho ou um aborto!

— Bem, não sei se é o mesmo tipo ou não. Não parece provável, mas acho que pode ser. O Ben que conheci era ótimo a construir coisas. Estávamos ali todos, e eu segurava a mão esquerda da Bev Marsh com a minha direita e a mão direita do Richie Tozier com a esquerda. Estávamos na água como num daqueles batismos, e lembro-me que conseguia ver o reservatório de Derry no horizonte. Era tão branco como imaginamos que sejam as túnicas dos arcanjos, e prometemos, *jurámos* que, se não estivesse acabado, que se as coisas voltassem a acontecer... voltaríamos. E faríamos tudo de novo. E parariamos aquilo. Para sempre.

— Parar o quê? — gritou ela, de repente furiosa. — Parar o quê? De que porra estás a falar?

— Quem me dera que não p-p-perguntasses... — começou Bill, e então parou. Ela viu uma expressão de horror confuso surgir no rosto dele como uma mancha. — Dá-me um cigarro.

Audra passou-lhe o maço. Bill acendeu um. Ela nunca o tinha visto fumar um cigarro.

— Eu era gago.

— Eras gago?

— Era. Naquela altura. Disseste que eu era o único homem em Los Angeles que conhecias que tinha a coragem de falar devagar. A verdade é que eu não me atrevia a falar depressa. Não era por reflexão. Não era deliberado. Não era sabedoria. Todos os antigos gagos falam muito devagar. É um dos truques que aprendemos, como pensar no nosso nome do meio antes de nos apresentarmos, porque os gagos têm mais problemas com substantivos do que com quaisquer outras palavras, e a palavra que provoca maiores dificuldades é o seu primeiro nome.

— Gago.

Audra esboçou um pequeno sorriso, como se ele tivesse contado uma piada e ela não tivesse entendido.

— Até o Georgie morrer, eu gaguejava moderadamente — continuou Bill, e já tinha começado a ouvir as palavras duplicadas na mente, como se estivessem infinitesimalmente separadas no tempo; as palavras saíam com facilidade, na sua forma lenta e cadenciada de sempre, mas na sua mente ele ouvia palavras como *Georgie* e *moderadamente* sobreporem-se e se tornarem *Jâ-Jâ-Georgie* e *m-mo-moderadamente*. — Quero dizer, tinha momentos realmente maus, em geral quando era chamado na aula, e principalmente se sabia a resposta e a queria dar, mas em geral desenrascava-me. Depois de o Georgie morrer, piorei muito. Então, por volta dos meus catorze ou quinze anos, as coisas recomeçaram a melhorar. Eu estudava no Chevrus High em Portland, e havia lá uma terapeuta da fala muito boa, a senhora Thomas. Ela ensinou-me uns bons truques, como pensar no meu nome do meio antes de dizer «Olá, sou o Bill Denbrough» em voz alta. Tinha na altura iniciação ao francês e ela ensinou-me a mudar para essa língua se ficasse entalado com uma palavra. Então, se estivesse a sentir-me o maior idiota do mundo, a dizer «es-este li-li-li-livro» sem parar como um disco riscado, era só mudar para francês e «ce livre» saía a fluir.

Funcionava sempre. E assim que eu dizia aquilo em francês, voltava para o inglês e dizia «este livro» sem nenhum problema. Se ficava entalado numa palavra com s, como sapo, *skate* ou *slogan*, era só cecear, pronunciar o S com a língua apoiada nos dentes. Assim não gaguejava.

»Tudo isso ajudou, mas o principal era eu estar a esquecer Derry e tudo o que lá aconteceu. Porque foi então que comecei a esquecer mesmo: quando vivíamos em Portland e eu estudava na Chevrus. Não me esqueci de tudo de uma vez, mas olhando para trás, tenho de dizer que aconteceu durante um período incrivelmente curto. Talvez menos de quatro meses. A minha gaguez e as minhas lembranças desapareceram em simultâneo. Alguém limpou o quadro, e todas as velhas equações desapareceram.

Bebeu o que restava de sumo.

— Quando gaguejei em «perguntasses» há pouco, foi a primeira vez em vinte e um anos, talvez.

Olhou para ela.

— Primeiro, as cicatrizes, depois a gaa-guez. O-ouves?

— Estás a fazer de propósito! — exclamou ela, bastante assustada.

— Não. Acho que não há forma de convencer alguém disso, mas é verdade. Gaguejar é estranho, Audra. Assustador. A um certo nível, nem percebes que está a acontecer. Mas... também é uma coisa que consegues ouvir na mente. É como se parte da tua cabeça estivesse a funcionar à frente do resto. Ou um daqueles sistemas de som que os jovens colocavam nos calhambeques nos anos cinquenta, em que o som do altifalante de trás saía uma fração de segundo d-depois do da fr-frente.

Ele levantou-se e andou com impaciência pela sala. Parecia cansado, e ela pensou com um certo incómodo no quanto ele tinha trabalhado durante os últimos treze anos, como se fosse possível justificar o talento moderado com trabalho frenético, quase sem parar. Viu-se a ter um pensamento incómodo e tentou afastá-lo, mas ele não desapareceu. E se o telefonema de

Bill tivesse sido mesmo de Ralph Foster, convidando-o a ir ao Plow and Barrow para uma hora de braço de ferro ou gamão, ou talvez de Freddie Firestone, o produtor de *Sótão*, por causa de algum problema? Talvez até tivesse sido engano.

Onde levariam esses pensamentos?

Ora, à ideia de que toda aquela coisa de Derry e Mike Hanlon não passava de uma alucinação. Uma alucinação despertada por um colapso nervoso em fase inicial.

*Mas as cicatrizes, Audra. Como explicas as cicatrizes? Ele tem razão. Não estavam lá... e agora, estão. Essa é a verdade e tu sabes.*

— Conta-me o resto — disse ela. — Quem matou o teu irmão George? O que é que tu e os outros miúdos fizeram? O que prometeram?

Ele aproximou-se dela, ajoelhou-se como um homem antiquado prestes a pedi-la em casamento e pegou-lhe nas mãos.

— Creio que podia contar-te — disse ele baixinho. — Creio que, se realmente quisesse, podia. Não me lembro da maior parte, mas depois de começar a falar, tudo voltaria. Consigo sentir algumas dessas lembranças... à espera de nascer. São como nuvens grávidas de chuva. Só que seria uma chuva muito suja. As plantas que crescessem depois de uma chuva assim seriam monstros. Talvez eu possa enfrentá-lo com os outros...

— Eles sabem?

— O Mike disse que ligou a todos. Acha que vão todos... menos o Stan, talvez. Ele disse que o Stan lhe pareceu estranho.

— A mim *tudo* isto parece estranho. Estás a assustar-me imenso, Bill.

— Desculpa — disse ele, e beijou-a. Foi como receber um beijo de um desconhecido. Audra deu por si a detestar aquele Mike Hanlon. — Achei que devia explicar o máximo que podia; achei que era melhor do que sair às escondidas durante a noite. Creio que alguns talvez façam isso. Mas tenho

de ir. E penso que o Stan também vai lá estar, por mais estranho que tenha parecido. Ou talvez só não consiga imaginar-me a não ir.

— Por causa do teu irmão?

Bill abanou a cabeça devagar.

— Podia dizer-te isso, mas seria mentira. Eu amava-o. Sei o quanto isso pode parecer estranho depois de te dizer que não pensava nele há uns vinte anos, mas eu adorava tanto aquele miúdo. — Sorriu um pouco. — Era um chato, mas eu amava-o. Percebes?

Audra, que tinha uma irmã mais nova, assentiu.

— Sim.

— Mas não é pelo George. Não consigo explicar o que é. Eu...

Olhou pela janela para a névoa matinal.

— Sinto-me como um pássaro se deve sentir quando chega o outono e ele sabe... sabe de alguma forma que tem de voar para casa. É o instinto, querida... e acredito que o instinto é o esqueleto que sustém todas as nossas ideias de livre-arbítrio. A não ser que se esteja disposto a tirar a própria vida, acabar com o nosso futuro, comprar bilhete só de ida para o inferno, há coisas às quais não se pode dizer não. Não podemos recusar a alternativa que nos oferecem, porque não há outra. Não podemos impedir que aconteça, tal como não podemos ficar parados na primeira base com o taco na mão e deixar que uma bola rápida nos acerte. Tenho de ir. Aquela promessa... está no meu cérebro como um an-anzol.

Ela levantou-se e aproximou-se dele devagar; sentia-se muito frágil, como se pudesse partir-se. Pousou uma mão no ombro dele e virou-o para si.

— Então leva-me contigo.

A expressão de horror que surgiu no rosto dele nesse momento, não horror *a* ela, mas *por* ela, foi tão nua que ela recuou, sentindo medo a sério pela primeira vez.

— Não — disse ele. — Nem penses nisso, Audra. Nunca penses nisso. Não vais chegar nem a cinco mil quilómetros de Derry. Acho que Derry será um péssimo sítio para se estar durante as próximas duas semanas. Vais ficar aqui, continuar a agir normalmente e dar todas as desculpas por mim que tiveres de dar. Promete-me!

— Devo prometer? — perguntou ela, sem tirar os olhos dos dele. — Devo, Bill?

— Audra...

— Devo? Fizeste uma promessa, e vê no que ela te meteu. E a mim também, já que sou tua mulher e te amo.

As mãos grandes dele apertaram dolorosamente os ombros dela.

— Promete! Promete! P-pro-pro-pro-o...

E ela não conseguiu suportar aquilo, aquela palavra partida presa na boca como um peixe capturado por um arpão e a contorcer-se.

— Prometo, está bem? Prometo! — Audra começou a chorar. — Estás contente? Caramba! És passado dos carretos, tudo isto é uma maluquice, mas prometo!

Bill pôs um braço em volta dela e levou-a para o sofá. Serviu-lhe um brande. Ela bebeu-o devagar e foi readquirindo o autodomínio aos poucos.

— Então quando vais?

— Hoje — disse ele. — De Concorde. Consigo chegar a tempo se for de carro até Heathrow em vez de apanhar o comboio. O Freddie queria ver-me no *set* depois do almoço. Vais para lá às nove como se não soubesses de nada, percebido?

Ela assentiu com relutância.

— Estarei em Nova Iorque antes que ele desconfie de alguma coisa. E em Derry antes do pôr do Sol se apanhar as li-ligações certas.

— E quando te volto a ver? — perguntou ela baixinho.

Ele abraçou-a com força, mas não respondeu à pergunta dela.

DERRY:  
O PRIMEIRO INTERLÚDIO

«Quantos olhos humanos... tiveram vislumbres das suas anatomias secretas ao longo dos anos?»

— CLIVE BARKER, *BOOKS OF BLOOD*

*O fragmento abaixo e todos os outros fragmentos do Interlúdio foram extraídos de Derry: Uma História não Autorizada, de Michael Hanlon. São anotações e fragmentos de um manuscrito nunca publicado (na forma quase de entradas de um diário) encontrados no cofre da Biblioteca Pública de Derry. O título é o que está na capa do dossiê onde as anotações eram guardadas. No entanto, o autor refere-se várias vezes à obra como Derry: Uma Espreitada pela Porta Traseira do Inferno. Supõe-se que a ideia da sua publicação passara mais do que uma vez pela mente do senhor Hanlon.*

*2 de janeiro de 1985*

Pode uma *cidade inteira* estar assombrada?

Assombrada como se diz que estão algumas casas?

Não um edifício específico nessa cidade, nem a esquina de uma rua em particular, nem um único campo de basquete em determinado parque, com a cesta sem rede a destacar-se ao pôr do sol como um instrumento de tortura obscuro e sangrento, não só uma área... mas *tudo*. A cidade toda.

É possível?

Vejamos:

Haunted/Assombrado: «Visitado com frequência por fantasmas e espíritos.» (segundo Funk e Wagnalls).

Haunting/Assombroso: «Que volta à mente com insistência; difícil de esquecer.» (segundo os mencionados Funk e companhia)?



To Haunt/Assombrar: «Aparecer ou regressar com frequência, principalmente fantasmas.» Mas ainda, e vejamos!: «*Um local visitado com frequência*: local de visitas, sala de estar, ponto de encontro...» O itálico é meu, claro.

E mais uma. Esta, como a última, é uma definição de haunt/assombro como substantivo, e é a que realmente me apavora: «*Local onde se alimentam os animais.*»

Como os animais que espancaram o Adrian Mellon e o atiraram da ponte?

Como o animal que estava à espera debaixo da ponte?

«*Local onde se alimentam os animais.*»

O que está a alimentar-se em Derry? O que está a alimentar-se *de* Derry?

Na realidade, é interessante. Eu não sabia que era possível ficar tão apavorado como eu fiquei desde a história de Adrian Mellon e continuar a viver, muito menos continuar a funcionar. É como se tivesse caído numa história, e toda a gente sabe que não devemos sentir medo antes do *fim* da história, quando o habitante das trevas sai finalmente do esconderijo para se alimentar... de nós, claro.

De nós.

Mas se isto é uma história, não é uma das clássicas arrepiantes de Lovecraft, Bradbury ou Poe. Eu sei, estão a ver. Não tudo, mas muita coisa. Não comecei simplesmente quando abri o *News* de Derry um dia em setembro passado, li a transcrição da audiência preliminar do jovem Unwin e me dei conta de que o palhaço que matou o George Denbrough podia muito bem ter voltado. Comecei por volta de 1980. Acho que foi quando uma parte de mim, que estava adormecida, despertou... sabendo que a hora da Coisa podia estar a voltar.

Que parte? A parte sentinela, acho.

Ou talvez fosse a voz da Tartaruga. Sim... acho mesmo que foi isso. Sei que seria nisso que o Bill Denbrough acreditaria.

Descobri notícias de antigos horrores em livros velhos; li informações de velhas atrocidades em jornais velhos; sempre no fundo da minha mente, cada dia um pouco mais alto, ouvi o murmurar repetitivo de uma força crescente e aglutinante; parecia sentir o aroma amargo a ozono de relâmpagos futuros. Comecei a tomar notas para um livro que, quase com certeza, não viverei para escrever. E, ao mesmo tempo, prossegui com a minha vida. A um nível da minha mente, estava e estou a viver com os horrores mais grotescos e apavorantes; noutra, continuo a viver a vida mundana de um bibliotecário de cidade pequena. Arrumo livros nas prateleiras; faço cartões da biblioteca para novos clientes; desligo os leitores de microfilmes que os utilizadores descuidados às vezes deixam ligados; brinco com Carole Danner sobre o quanto gostaria de ir para a cama com ela, e ela responde a brincar que gostaria de ir para a cama comigo, e sabemos que ela está a brincar e eu não, assim como sabemos que ela não vai ficar muito tempo num sítio pequeno como Derry e eu vou ficar aqui até morrer, a colar páginas arrancadas da *Business Week*, sentado nas reuniões mensais de aquisições com o meu cachimbo numa mão e uma pilha de *Library Journals* na outra... e a acordar a meio da noite com o punho enfiado na boca para conter os gritos.

As convenções góticas estão todas erradas. O meu cabelo não ficou branco. Não sou sonâmbulo. Não comecei a fazer comentários enigmáticos nem a andar com um amuleto no bolso do casaco. Creio que me rio um pouco mais, só isso, e às vezes o som deve ser agudo e estranho, porque de quando em quando as pessoas olham para mim com perplexidade quando me rio.

Parte de mim, a parte a que Bill chamaria voz da Tartaruga, diz que devo ligar a todos esta noite. Mas será que tenho a certeza absoluta, mesmo

agora? Será que quero ter a certeza absoluta? Não, claro que não. Mas céus, o que aconteceu ao Adrian Mellon é tão parecido com o que aconteceu ao George, o irmão do Bill Gago, no outono de 1957.

Se realmente recomeçou, irei ligar-lhes. Vou ter de ligar. Mas ainda não. É demasiado cedo, de qualquer maneira. Da última vez, começou devagar e só ganhou ímpeto no fim de 1958. Portanto... espero. E preencho a espera com palavras neste caderno e longos momentos a olhar ao espelho para ver o estranho em que o rapaz se tornou.

O rosto do rapaz era estudioso e tímido; o rosto do homem é o de um caixa de banco num filme do faroeste, o tipo que nunca tem falas, o que só levanta as mãos e faz cara assustada quando os ladrões entram. E se o argumento pede que alguém leve um tiro dos bandidos, toca-lhe a ele.

O mesmo Mike de sempre. Com os olhos um pouco vidrados, talvez, e com olheiras devido ao sono interrompido, mas não tão grandes que se notariam sem um olhar próximo... próximo como quem vai dar um beijo, e não me aproximo assim de ninguém há muito tempo. Se me lançassem um olhar casual, poderiam pensar *Ele anda a ler muitos livros*, mas só isso. Duvido que imaginassem o quanto o homem com rosto comum de caixa de banco anda a lutar para resistir, para se agarrar à sua própria mente...

Se eu tiver de fazer os telefonemas, posso acabar por matar alguns deles.

É uma das coisas que tenho de enfrentar nas longas noites em que o sono não vem, noites em que fico deitado na cama com o meu pijama azul conservador, com os meus óculos cuidadosamente fechados na mesa de cabeceira ao lado do copo de água que deixo sempre ali para o caso de acordar com sede durante a noite. Fico deitado no escuro e bebo pequenos goles de água e pergunto-me de quanto (ou de quão pouco) eles se lembram. Estou um tanto convencido de que não se lembram de nada, porque não precisam de se lembrar. Sou o único que ouve a voz da

Tartaruga, o único que se lembra, porque sou o único que ficou aqui em Derry. E como eles estão espalhados aos quatro ventos, não têm como saber os padrões idênticos que as suas vidas assumiram. Trazê-los de volta, mostrar-lhes esses padrões... sim, pode matar alguns deles. Pode matá-los a *todos*.

Assim, dou voltas e mais voltas ao assunto na minha mente; penso *neles*, tento recriá-los como eram e como podem ser agora, tentando decidir qual deles é o mais vulnerável. Richie «Fala-Barato» Tozier, penso às vezes; era ele que Criss, Huggins e Bowers pareciam chatear com mais frequência, apesar de Ben ser tão gordo. Era de Bowers que Richie tinha mais medo, de quem todos tínhamos mais medo, mas os outros costumavam meter-lhe um medo de morte também. Se eu lhe ligar para a Califórnia, será que ele vai considerar isto um horrível Regresso dos Malditos Rufias, dois saídos do túmulo e um do manicómio em Juniper Hill, onde delira até hoje? Às vezes acho que Eddie era o mais fraco, Eddie com o tanque de guerra dominador que era a sua mãe e a terrível asma. Beverly? Ela tentou sempre armar-se em dura, mas tinha tanto medo como nós. Bill Gago, cara a cara com um horror que não desaparece quando tapa a máquina de escrever? Stan Uris?

Há uma guilhotina suspensa sobre as vidas deles, afiadíssima, mas quanto mais penso nisso, mais acho que eles não sabem que a lâmina está lá. Sou eu quem tem a mão na alavanca. Posso puxá-la simplesmente ao abrir a agenda e telefonar-lhes, um a seguir ao outro.

Talvez não precise de fazer isso. Prendo-me à esperança efémera de que confundi os gritos da minha mente tímida com a voz mais profunda e verdadeira da Tartaruga. Afinal, o que tenho? Mellon em julho. Uma criança encontrada morta em Neibolt Street em outubro, outra encontrada no Memorial Park no início de dezembro, pouco antes de começar a nevar. Talvez fosse um vagabundo, como dizem os jornais. Ou um louco que já

saiu de Derry ou se matou por remorso e nojo de si mesmo, como alguns livros dizem que o verdadeiro Jack, *o Estripador*, deve ter feito.

Talvez.

Mas a miúda dos Albrecht foi encontrada no passeio do outro lado da rua da maldita casa velha em Neibolt Street... e foi morta no mesmo dia que o George Denbrough, vinte e sete anos antes. E o rapaz dos Johnson, encontrado no Memorial Park sem uma das pernas do joelho para baixo. O Memorial Park é o lar do reservatório de Derry, e o rapaz foi encontrado quase na sua base. O reservatório fica perto dos Barrens; o reservatório também é onde Stan Uris viu aqueles rapazes.

Aqueles rapazes mortos.

Ainda assim, pode não passar de fumo e miragens. *Pode* ser. Ou pura coincidência. Ou talvez algum meio-termo entre os dois, um tipo de eco maléfico. Será possível? Sinto que sim. Aqui em Derry, *qualquer coisa é possível*.

Acho que o que esteve aqui antes ainda está, a coisa que esteve aqui em 1957 e 1958; a coisa que esteve aqui em 1929 e 1930, quando o Black Spot foi incendiado pela Liga da Decência Branca do Maine; a coisa que esteve aqui em 1904 e 1905 e no início de 1906, pelo menos até a Fundação Kitchener explodir; a coisa que esteve aqui em 1876 e 1877, a coisa que aparece a cada vinte e sete anos, mais ou menos. Às vezes, aparece um pouco antes, às vezes, um pouco depois... mas vem sempre. Quanto mais no passado, mais difícil é encontrar os eventos, porque há menos registos e os buracos na história narrativa da zona ficam maiores. Mas saber para onde olhar (e *quando* olhar) ajuda muito a resolver o problema. Ela volta sempre, estão a ver.

A Coisa.

Então, sim. Acho que vou ter de fazer aqueles telefonemas. Creio que devíamos ser nós. De alguma forma, por algum motivo, somos os eleitos

para acabar com isto para sempre. Fatalidade cega? Sorte cega? Ou é aquela maldita Tartaruga de novo? Será que ela também dá ordens além de falar? Não sei. E duvido que importe. Há muitos anos, o Bill disse «A Tartaruga não pode ajudar-nos» e, se era verdade na altura, deve ser verdade agora.

Penso em nós de pé na água, com as mãos dadas, a fazer aquela promessa de voltar se tudo recomeçasse; de pé como druidas num círculo, com as mãos a sangrar a sua própria promessa, palma com palma. Um ritual que talvez seja tão antigo como a própria humanidade, uma torneira inconsciente cravada na árvore de todos os poderes, a que cresce na fronteira entre a terra que conhecemos e aquela da qual todos desconfiamos.

Porque as semelhanças...

Mas estou aqui a armar-me em Bill Denbrough, a gaguejar sobre a mesma coisa sem parar, recitando alguns factos e muitas suposições desagradáveis (e um tanto inconsistentes), ficando mais e mais obcecado a cada parágrafo. Não é bom. É inútil. Perigoso, até. Mas é tão difícil acompanhar os acontecimentos.

Este caderno pretende ser um esforço para superar essa obsessão, ampliando o foco da minha atenção. Afinal, há mais nesta história do que seis rapazes e uma rapariga, nenhum deles feliz, nenhum deles aceite pelos colegas, que tropeçaram num pesadelo durante um verão quente quando Eisenhower ainda era presidente. É uma tentativa de afastar um pouco a câmara, se quiserem, para ver a cidade inteira, um lugar onde umas trinta e cinco mil pessoas trabalham e comem e dormem e copulam e compram e conduzem e andam e vão para a escola e vão para a cadeia e às vezes desaparecem no escuro.

Para saber o que é um determinado lugar acredito realmente que é preciso saber o que ele *foi*. E se tivesse de determinar o dia em que tudo isso recomeçou, para mim, seria o dia no início da primavera de 1980 em que fui ver o Albert Carson, falecido no verão passado. Aos noventa e um

anos, teve uma vida longa e honrada. Foi o bibliotecário-chefe aqui de 1914 a 1960, um período incrivelmente longo (mas ele era um homem incrível), e eu achava que se alguém podia saber por que história desta área seria melhor começar, esse alguém seria Albert Carson. Fiz a minha pergunta quando estávamos sentados no alpendre dele, e ele deu-me a minha resposta, falando num grasnido, pois já estava a lutar com o cancro na garganta que acabaria por matá-lo.

— Nenhuma vale porra nenhuma. Como muito bem sabes.

— Então por onde devo começar?

— Começar o quê, pelo amor de Deus?

— A investigar a história da zona. Do município de Derry.

— Ah. Bem. Começa com o Fricke e o Michaud. Em teoria, são os melhores.

— E depois de ler esses...

— *Ler?* Credo, não! Deita os dois no lixo! Esse é teu primeiro passo. Depois, lê o Buddinger. Branson Buddinger era um investigador descuidado e sofria de ereção crónica, se metade do que ouvi em criança era verdade, mas quando se tratava de Derry, tinha o coração no sítio certo. Errou na maior parte dos factos, mas errou com *sentimento*, Hanlon.

Ri-me um pouco, e Carson distendeu os seus lábios como couro numa expressão de bom humor que era na verdade um pouco assustadora. Naquele momento, parecia um abutre a guardar alegremente um animal recém-morto, à espera de que chegasse ao estágio certo de decomposição antes de começar a comer.

— Quando terminares o Buddinger, lê o Ives. Toma nota de todas as pessoas com quem ele falou. O Sandy Ives ainda está na Universidade do Maine. É especialista em tradições populares. Depois de leres o livro dele, vai vê-lo. Paga-lhe um jantar. Eu levava-o ao Orinoka, porque o jantar no Orinoka parece nunca terminar. Extrai-lhe informações. Enche um caderno

com nomes e moradas. Fala com os veteranos com quem ele conversou, os que ainda estão vivos. Ainda somos alguns, ah-ah-ah-ah! E obtém mais alguns nomes. Aí terás tudo aquilo de que precisas se tiveres metade da inteligência que acho que tens. Se localizares pessoas em número suficiente, vais descobrir algumas coisas que não estão nos livros de história. E podes descobrir que elas te vão perturbar o sono.

— Derry...

— O que tem?

— Derry não é normal, pois não?

— Normal? — perguntou ele naquele sussurro rouco. — O que é normal? O que significa essa palavra? Serão «normais» as belas fotografias do Kenduskeag ao pôr do sol, com o tal rolo *Kodachrome*? Nesse caso, Derry é normal, porque aparece em centenas de belas fotografias. É normal um maldito comité de velhas virgens ressequidas salvar a Mansão do Governador ou pôr uma placa comemorativa diante do reservatório? Se *isso for normal*, então Derry é normal, porque temos mais do que nossa conta de bisbilhoteiros a meter-se na vida dos outros. É normal aquela estátua feia de plástico do Paul Bunyan em frente ao Centro Municipal? Ah, se eu tivesse um camião de *napalm* e o meu velho isqueiro *Zippo* tratava *daquela* merda, garanto... mas se alguém tem um sentido estético suficientemente amplo para incluir estátuas de plástico, então Derry é normal. A pergunta é: o que significa normal para ti, Hanlon? Hein? Ou melhor, o que *não* significa?

Só consegui abanar a cabeça. Ele sabia ou não sabia. Contaria ou não contaria.

— Estás a falar das histórias desagradáveis que podes ouvir ou das que já conheces? Há *sempre* histórias desagradáveis. A história de uma cidade é como uma mansão velha cheia de aposentos e buracos e condutas para a roupa suja e torreões e todo o tipo de pequenos esconderijos excêntricos... já para não falar numa eventual passagem secreta. Se fores explorar a



Mansão Derry, irás encontrar todo o tipo de coisas. Sim. Podes lamentar mais tarde, mas vais encontrar e, quando uma coisa é encontrada, não pode ser desenhada, pois não? Alguns aposentos estão trancados, mas há chaves... Há chaves.

Os olhos dele cintilaram na minha direção com a astúcia de um homem idoso.

— Podes acabar por pensar que tropeçaste nos piores segredos de Derry... mas há sempre mais um. E mais um. E mais um.

— Acha...?

— Acho que vou ter de me desculpar. A minha garganta está péssima hoje. Está na hora do meu medicamento e da minha sesta.

Por outras palavras, aqui tens a faca e o garfo, amigo; vai ver o que consegues cortar com eles.

Comecei com a história de Fricke e a de Michaud. Segui o conselho de Carson e deitei os dois no lixo, mas li-os primeiro. Eram tão maus como ele sugerira. Li o Buddinger, copiei as notas de rodapé e fui atrás delas. Isso foi mais satisfatório, mas as notas de rodapé são coisas peculiares, sabem, como trilhos num terreno selvagem e anárquico. Dividem-se e tornam a dividir-se; a qualquer momento podemos virar para o lado errado, que nos leva a um beco sem saída cheio de silvas ou a um pântano de areia movediça. «Se encontrarem uma nota de rodapé», disse um dos meus professores, «pisem-lhe a cabeça e matem-na antes que se reproduza.»

Elas reproduzem-se, sim, e às vezes essa reprodução é uma coisa boa, mas acho que o mais comum é não ser. As presentes nas páginas pedantes do livro de Buddinger, *Uma História da Velha Derry* (Orono, University of Maine Press, 1950), abordam cem anos de livros esquecidos e dissertações empoeiradas sobre história e folclore, passando por artigos em revistas que já não existem e pilhas de relatórios e registos municipais de entorpecer o cérebro.

As minhas conversas com Sandy Ives foram mais interessantes. As suas fontes cruzavam-se com as de Buddinger de tempos a tempos, mas era mesmo apenas um cruzamento. Ives passou boa parte da vida a transcrever histórias orais, ou seja, contos, quase textualmente, uma prática que Branson Buddinger certamente consideraria desprezível.

Ives escrevera uma série de artigos sobre Derry entre 1963 e 1966. A maior parte dos idosos com quem falou na altura estava morta quando comecei a minha investigação, mas tinham filhos, sobrinhos, primos. E, claro, uma das grandes verdades do mundo é esta: por cada idoso que morre, há um novo idoso que toma o seu lugar. E uma boa história nunca morre; é sempre transmitida. Sentei-me em muitos alpendres e degraus nas traseiras de casas, bebi muito chá, cerveja *Black Label*, cerveja caseira, refrescos, água da torneira, água mineral. Ouvi bastante, e as rodas do meu gravador giraram.

Tanto Buddinger como Ives concordavam completamente num ponto: o grupo original de colonizadores brancos era composto por cerca de trezentas pessoas. Eram ingleses. Tinham uma carta constitutiva e eram formalmente conhecidos como Companhia Derrie. A terra que lhes foi dada cobria o que é atualmente Derry, a maior parte de Newport e pequenas partes das povoações circundantes. E no ano de 1741, toda a gente do município de Derry simplesmente desapareceu. As pessoas estavam lá em junho daquele ano, uma comunidade que naquela época chegava às trezentas e quarenta almas, mas em outubro tinham desaparecido. A pequena aldeia de casas de madeira estava completamente deserta. Uma delas, que ficava aproximadamente no local onde as ruas Witcham e Jackson se cruzam hoje, encontrava-se totalmente queimada. O livro de história de Michaud afirma com veemência que todos os habitantes foram mortos por índios, mas não há base (tirando aquela única casa queimada)

que sustente essa hipótese. É mais provável que o fogão tenha aquecido demais e pegado fogo à casa.

Massacre índio? Duvidoso. Não havia ossos, não havia corpos. Cheias? Não naquele ano. Doença? Não há notícia disso nas povoações circundantes.

Simplesmente desapareceram. Todos. Todas as trezentas e quarenta pessoas. Sem deixar rasto.

Tanto quanto sei, o único caso remotamente parecido na história americana é o desaparecimento dos colonos na ilha Roanoke, na Virgínia. Todos os alunos do país o conhecem, mas quem sabe do desaparecimento em Derry? Nem mesmo as pessoas que aqui vivem, aparentemente. Perguntei a vários alunos do secundário que estudam a história do Maine e nenhum sabia. Então, consultei o livro *O Maine Antes e Agora*. Há mais de quarenta entradas sobre Derry, a maior parte sobre os anos prósperos da indústria madeireira. Nada sobre o desaparecimento dos colonos originais... Mas esse... como devo chamar-lhe?, esse *silêncio* também se encaixa no padrão.

Existe uma espécie de cortina de silêncio que cobre a maior parte do que aconteceu aqui... mas as pessoas falam. Acho que nada pode impedir as pessoas de falarem. Mas temos de ouvir com atenção, e essa é uma capacidade rara. Orgulho-me de a ter desenvolvido nos últimos quatro anos. Se não desenvolvi, a minha aptidão para a tarefa é mesmo muito má, porque tive prática suficiente. Um idoso contou-me que a mulher ouvia vozes que lhe falavam pelo ralo do lava-louça nas três semanas antes de a filha deles morrer, isso no início do inverno de 1957-1958. A rapariga de quem ele falou estava entre as primeiras vítimas da série de homicídios que começou com George Denbrough e só terminou no verão seguinte.

— Uma data de vozes, todas a falarem ao mesmo tempo — contou-me ele. Era dono de uma bomba de gasolina Gulf em Kansas Street e falava

entre idas lentas e claudicantes até à bomba, onde enchia depósitos, verificava níveis de óleo e limpava para-brisas. — Ela disse que respondeu uma vez, apesar de estar com medo. Inclinou-se para o ralo e gritou lá para dentro. «Quem diabo são vocês?», gritou. «Como se chamam?» E todas aquelas vozes responderam, disse ela, gemidos e grunhidos, gritos e gritinhos, gargalhadas e berros, sabe. E contou-me que estavam a dizer o que o homem possuído disse a Jesus: «O meu nome é Legião», disseram. Não se aproximou daquele lava-louça durante dois anos. Durante esses dois anos, passei doze horas aqui a esfalfar-me e depois voltava para casa e tinha de lavar a porcaria da louça.

Estava a beber uma lata de *Pepsi* tirada de uma máquina do lado de fora do escritório, um homem de setenta e dois ou setenta e três anos com um fato-macaco coçado e rios de rugas a saírem dos cantos dos olhos e da boca.

— Por esta altura, deve pensar que sou doido varrido — disse ele —, mas vou contar-lhe outra coisa se desligar essa sua maquineta.

Desliguei o gravador e sorri.

— Considerando algumas das coisas que ouvi nos últimos dois anos, o senhor teria de se esforçar mais para me convencer de que é doido — retorqui.

Ele sorriu em resposta, mas não havia humor naquele sorriso.

— Eu estava a lavar a louça uma noite, como sempre. Isso foi no outono de cinquenta e oito, depois de as coisas se terem acalmado. A mulher estava a dormir no primeiro andar. A Betty foi a única filha que Deus nos deu e, depois de ela ser morta, a minha mulher passava muito tempo a dormir. Bom, puxei o ralo, e a água começou a escorrer. Sabe o som que a água cheia de detergente faz quando desce pelo ralo? É um som de sucção. Estava a fazer esse barulho, mas eu não pensava nisso, só em ir cortar lenha no barracão e, quando aquele som começou a desaparecer, ouvi a minha filha lá em baixo. Ouvi a Betty algures naqueles malditos canos. A rir. Ela

estava algures lá em baixo no escuro, a rir. Só que parecia mais estar a gritar, se ouvíssemos com atenção. Ou as duas coisas. A gritar e a rir lá em baixo nos canos. Foi a única vez que ouvi uma coisa assim. Talvez tenha imaginado. Mas... acho que não.

Olhou para mim, e eu para ele. A luz que entrava pelas janelas sujas e incidia no rosto dele envelhecia-o, fazia-o parecer tão antigo como Matusalém. Lembro-me do frio que senti naquele momento; muito frio.

— Acha que estou a inventar? — perguntou o idoso, o idoso que teria quarenta e cinco anos em 1957, o idoso a quem Deus dera uma única filha, Betty Ripsom. Betty foi encontrada na Outer Jackson Street depois do Natal daquele ano, congelada, com o corpo aberto.

— Não — respondi. — Não acho que esteja a inventar, senhor Ripsom.

— E você também está a dizer a verdade — disse ele com uma espécie de assombro. — Consigo vê-lo no seu rosto.

Acho que ele tencionava contar-me mais alguma coisa, mas a campainha atrás de nós tocou quando um carro passou por cima da mangueira e encostou ao lado da bomba. Quando a campainha tocou, saltámos e eu dei um grito. Ripsom levantou-se e foi a coxear até ao carro, limpando as mãos a um trapo. Quando voltou, olhou para mim como se eu fosse um desconhecido desagradável que tivesse acabado de chegar da rua. Despedi-me e fui-me embora.

Buddinger e Ives concordam noutro ponto: as coisas não são muito normais aqui em Derry; as coisas em Derry *nunca* foram normais.

Vi Albert Carson pela última vez um mês antes de ele morrer. A sua garganta tinha piorado muito; só conseguiu sibilar um pequeno sussurro.

— Ainda estás a pensar em escrever uma história de Derry, Hanlon?

— Ainda estou a brincar com a ideia — respondi, mas é claro que nunca planeei escrever nenhuma história do município, não propriamente, e acho que ele o sabia.

— Levarias uns vinte anos — sussurrou ele — e ninguém a leria. Ninguém iria querer lê-la. Esquece, Hanlon.

Fez uma pausa e acrescentou:

— O Buddinger suicidou-se, sabias?

Claro que sabia, mas apenas porque as pessoas falam e eu aprendi a ouvir. O artigo no *News* chamara-lhe queda accidental, e era verdade que Branson Buddinger caíra. O que o *News* não mencionara foi que ele caiu de um banco no *closet* e tinha uma corda em volta do pescoço.

— Sabes da existência do ciclo?

Olhei para ele sobressaltado.

— Ah, sim — sussurrou Carson. — Eu sei. A cada vinte e seis ou vinte e sete anos. O Buddinger também sabia. Muitos velhos sabem, apesar de ser uma coisa da qual não falem, mesmo que os encham de bebida. Esquece, Hanlon.

Estendeu a mão, que mais parecia a garra de um pássaro. Fechou-a em volta do meu pulso, e consegui sentir o cancro quente que estava à solta e lhe devorava o corpo, consumindo tudo o que ainda havia para consumir. Não que houvesse muito na altura; o esqueleto de Albert Carson estava quase vazio.

— Michael, isto não é o tipo de coisa em que queiras meter-te. Há coisas aqui em Derry que mordem. Esquece. *Esquece*.

— Não posso.

— Então tem cuidado — disse ele. De repente, os olhos enormes e apavorados de uma criança estavam a fitar-me do seu rosto de moribundo. — *Cuidado*.

Derry.

A minha cidade natal. Batizada em homenagem ao condado com o mesmo nome na Irlanda.

Derry.

Nasci aqui, no Hospital de Derry; frequentei a escola primária de Derry; fiz o preparatório na Ninth Street Middle School; o secundário na Derry High. Estudei na Universidade do Maine; «não é em Derry, mas fica logo ao virar da esquina», dizem os antigos, e depois voltei para cá. Para a Biblioteca Pública de Derry. Sou um homem de uma cidade pequena a levar uma vida de cidade pequena, uma entre milhões.

Mas.

*Mas:*

Em 1879, um grupo de lenhadores encontrou os restos de outro grupo que tinha passado o inverno preso no acampamento do Kenduskeag superior, na extremidade daquilo a que as crianças ainda chamam Barrens. Eram nove, todos cortados às postas. Tinham rolado cabeças... já para não mencionar braços... um pé ou dois... e o pénis de um homem fora pregado a uma das paredes da cabana.

*Mas:*

Em 1851, John Markson matou a família toda com veneno e depois, sentado no meio do círculo que fizera com os corpos, engolira um cogumelo venenoso inteiro. As dores que sentiu ao morrer devem ter sido horríveis. O polícia que o encontrou escreveu no relatório que a princípio achou que o cadáver lhe estivesse a sorrir; descreveu «o terrível sorriso branco de Markson». O sorriso branco era a boca cheia de cogumelo venenoso; Markson continuara a comer mesmo quando as câibras e os espasmos musculares excruciantes já deviam ter começado a percorrer o seu corpo moribundo.

*Mas:*

No domingo de Páscoa de 1906, os donos da Fundação Kitchener, que ficava onde agora se ergue o novíssimo Derry Mall, organizaram uma caça aos ovos de Páscoa para «todas as boas crianças de Derry». Isso teve lugar no enorme edifício da fundição. As zonas perigosas foram fechadas e os

funcionários ofereceram-se para ficar de guarda e garantir que nenhuma criança aventureira tentava passar sob as barreiras e explorar. Quinhentos ovos de chocolate embrulhados com laços coloridos foram escondidos no resto do edifício. Segundo Buddinger, havia pelo menos uma criança presente para cada um desses ovos. Corriam a rir e a saltar e a gritar pela fábrica silenciosa por ser domingo, encontrando ovos debaixo de enormes engrenagens, dentro das gavetas da secretária do supervisor, equilibrados entre os dentes enferrujados das rodas dentadas, dentro dos moldes no terceiro andar (nas fotografias antigas, esses moldes parecem formas de *cupcakes* da cozinha de um gigante). Três gerações da família Kitchener estavam presentes para observar a confusão alegre e dar prêmios no fim da caçada, que seria às 16h00, independentemente de todos os ovos terem sido encontrados ou não. O fim acabou por acontecer quarenta e cinco minutos antes, às 15h15. Foi nesse momento que a fundição explodiu. Setenta e dois cadáveres foram retirados dos escombros antes de o Sol se pôr. A contagem final foi de cento e dois, dos quais oitenta e oito eram crianças. Na quarta-feira seguinte, enquanto a cidade ainda contemplava perplexa a tragédia, uma mulher encontrou a cabeça de Robert Dohay, de nove anos, presa nos ramos da macieira que tinha no quintal. Havia chocolate nos dentes de Dohay e sangue no seu cabelo. Foi o último dos mortos encontrados. Oito crianças e um adulto nunca foram descobertos. Foi a pior tragédia na história de Derry, pior até do que o incêndio no Black Spot em 1930, e nunca foi explicada. As quatro caldeiras da fundição estavam todas fechadas. Não só desligadas, mas fechadas.

*Mas:*

A taxa de homicídios em Derry é seis vezes a de qualquer outra povoação de tamanho comparável na Nova Inglaterra. Tive tanta dificuldade em acreditar nas conclusões experimentais a que cheguei sobre esse assunto que passei os meus números a um dos *hackers* do secundário



que passa o tempo, quando não está em frente ao seu *Commodore*, aqui na biblioteca. Ele avançou mais do que eu (basta provocar um *hacker* para encontrar um desempenho além das expectativas) ao acrescentar mais uma dezena de pequenas cidades ao que chamou «amostra estatística» e me mostrar um gráfico de computadorizado em que Derry se destaca. «As pessoas aqui devem ter o pavio muito curto, senhor Hanlon» foi o seu único comentário. Não respondi. Se tivesse respondido, talvez lhe tivesse dito que *alguma coisa* em Derry tem o pavio muito curto, de qualquer modo.

Aqui em Derry, as crianças desaparecem sem explicação e sem serem encontradas numa média de quarenta a sessenta por ano. A maior parte são adolescentes. As pessoas partem do princípio de que fugiram. Acho que algumas fugiram mesmo.

E durante aquilo a que Albert Carson teria sem dúvida chamado «o ciclo», a média de desaparecimentos sobe a quase perder de vista. Em 1930, por exemplo, o ano do incêndio do Black Spot, houve mais de *cento e setenta* desaparecimentos de crianças em Derry. E devem lembrar-se de que esses são apenas os desaparecimentos comunicados à polícia e, por isso, documentados. «Não há nada de surpreendente nisso», disse-me o atual chefe da polícia quando lhe mostrei a estatística. «Foi a Depressão. A maior parte deve ter-se cansado de comer sopa de batata ou de passar fome em casa e decidiu partir em busca de melhor.»

Em 1958, cento e vinte e sete crianças entre os três e os dezanove anos foram dadas como desaparecidas em Derry. «Houve uma Depressão em 1958?», perguntei ao chefe Rademacher. «Não», disse ele. «Mas as pessoas mudam-se muito, Hanlon. Os miúdos em particular têm bicho-carpinteiro. Discutem com os pais por terem chegado tarde depois de um encontro e bum, vão-se embora.»

Mostrei ao chefe Rademacher a fotografia de Chad Lowe que apareceu no *News* de Derry em abril de 1958. «Acha que esse fugiu depois de uma

discussão com os pais por ter chegado tarde, chefe Rademacher? Tinha três anos e meio quando desapareceu.»

Rademacher lançou-me um olhar azedo e disse-me que tinha sido ótimo conversar comigo, mas se não havia mais nada, ele estava ocupado. Fui-me embora.

*Assombrado, assombroso, assombrar.*

Visitado com frequência por fantasmas ou espíritos, como nos canos sob o lava-louça; aparecer ou apresentar-se com frequência, como a cada vinte e cinco, vinte e seis ou vinte e sete anos; local onde se alimentam os animais, como nos casos de George Denbrough, Adrian Mellon, Betty Ripsom, a filha dos Albrecht, o filho dos Johnson.

*Local onde se alimentam os animais.* Sim, é isso que *me* assombra.

Se mais alguma coisa acontecer, qualquer coisa, farei os telefonemas. Terei de os fazer. Enquanto isso, tenho as minhas suposições, as minhas inquietações e as minhas lembranças, as minhas malditas lembranças. Ah, e mais uma coisa: tenho este caderno, não é? O muro onde faço as minhas lamentações. E aqui estou sentado, com a mão a tremer tanto que mal consigo escrever, aqui estou sentado na biblioteca deserta depois do fecho, a ouvir sons ténues nas zonas escuras, a olhar para as sombras criadas pelas lâmpadas amarelas e fracas para ter a certeza de que não se movem... não mudam.

Aqui estou sentado ao lado do telefone.

Pouso a mão livre nele... deixo-a deslizar... toco nos buracos no disco que poderiam pôr-me em contacto com todos eles, os meus velhos amigos.

Fomos ao fundo juntos.

Fomos às trevas juntos.

Será que sairíamos das trevas se lá fôssemos uma segunda vez?

Acho que não.

Por favor, meu Deus, que eu não precise de lhes ligar.

Por favor, meu Deus.

## SEGUNDA PARTE

### JUNHO DE 1958

«A minha superfície sou eu.  
Sob a qual, como  
testemunha, a juventude  
está enterrada. Raízes?  
Toda a gente tem raízes.<sup>1</sup>

WILLIAM CARLOS WILLIAMS, *PATERSON*

«Às vezes pergunto-me o que vou fazer, não há cura para a tristeza de  
verão.»<sup>2</sup>

EDDIE COCHRAN

---

<sup>1</sup> «My surface is myself./Under which/ to witness youth/is buried. Roots?/ Everybody has roots.»

<sup>2</sup> «Sometimes I wonder what I'm a-gonna do/there ain't no cure for the summertime blues.»

## CAPÍTULO 4

### BEN HANSCOM SOFRE UMA QUEDA

#### 1

*Por volta das 23h45, uma das assistentes de bordo que atendia a primeira classe do voo 41 da United Airlines de Omaha até Chicago apanha um enorme susto. Pensa por poucos momentos que o homem na cadeira 1-A morreu.*

*Quando o homem entrou no avião em Omaha, a assistente de bordo pensou: «Ah, vêm aí problemas. Ele está bêbedo que nem um cacho.» O fedor a uísque em volta da cabeça dele lembrou-lhe por um momento a nuvem de pó que envolve sempre o miúdo sujo dos Peanuts, que se chama Pig Pen. Ficou nervosa com o primeiro serviço, que era de bebidas. Tinha a certeza de que ele pediria um uísque, provavelmente duplo. Teria então de decidir se iria servi-lo ou não. Além do mais, para juntar à festa, tem havido tempestades durante todo o caminho naquela noite, e ela tem a certeza de que a certa altura o homem, um tipo magro de calças de ganga e camisa de cambraia, começaria a vomitar.*

*Mas quando chegou o primeiro serviço, o homem alto pediu apenas água com gás, da forma mais educada possível. Não acendeu a luz para a chamar, e em breve a assistente esquece-se dele, porque o voo está*

*movimentado. Na verdade, o voo é daqueles que se quer esquecer assim que acaba, um daqueles durante os quais uma pessoa podia, se tivesse tempo, questionar a possibilidade da sua própria sobrevivência.*

*O voo 41 da United ziguezagueia entre as terríveis bolsas de trovões e relâmpagos como um bom esquiador a descer a pista. Há muita turbulência. Os passageiros exclamam e fazem piadas nervosas sobre os relâmpagos que se refletem nas grossas colunas de nuvens em volta do avião.*

*— Mamã, Deus está a tirar fotografias aos anjos? — pergunta um menino, e a mãe, que está bastante maldisposta, solta uma gargalhada trémula.*

*O primeiro serviço acaba por ser o único serviço no voo 41 daquela noite. O sinal de apertar os cintos é aceso vinte minutos depois da descolagem e permanece aceso. Mesmo assim, as assistentes ficam nos corredores, a responder aos pedidos de chamada que se sucedem como castanholas.*

*— O Ralph está ocupado hoje — diz-lhe a chefe de cabina quando se cruzam no corredor; a chefe de cabina está a voltar para a classe turística com um carregamento novo de sacos de vômito. É meio código e meio piada. Ralph sempre está ocupado nos voos turbulentos. O avião cai subitamente, alguém grita baixinho, a assistente vira-se um pouco, apoia a mão para se equilibrar e olha diretamente para os olhos vidrados e cegos do homem na poltrona 1-A.*

*Ah meu Deus, ele está morto, pensa ela. O álcool antes de embarcar... depois, a turbulência... o coração... morreu de medo.*

*Os olhos do homem magro estão nela, mas não estão a vê-la. Não se movem. Estão perfeitamente vidrados. São os olhos de um morto.*

*A assistente afasta-se daquele olhar terrível com o coração a bater na garganta muito depressa, perguntando-se o que fazer, como proceder e*

*agradecendo a Deus por pelo menos não haver ninguém sentado ao lado do homem para talvez gritar e iniciar uma onda de pânico. Decide que vai ter de notificar primeiro a chefe de cabina e depois a tripulação masculina à frente. Talvez possam embrulhá-lo num cobertor e fechar-lhe os olhos. O piloto irá manter as luzes de apertar cintos acesas mesmo que a turbulência diminua, para que ninguém vá até à frente usar a casa de banho e, quando os outros passageiros desembarcarem, vão pensar que ele está apenas a dormir...*

*Estes pensamentos passam pela sua mente rapidamente, e ela vira-se para dar uma olhadela de confirmação. Os olhos mortos e cegos fixam-se nos dela... e então o cadáver pega no copo de água com gás e bebe um gole.*

*Naquele momento, o avião treme de novo, inclina-se e o gritinho de surpresa da assistente de bordo perde-se entre outros gritos de medo mais intensos. Os olhos do homem movem-se; não muito, mas o bastante para ela entender que ele está vivo e a vê. E pensa: Ora, quando ele entrou, pensei que tinha cinquenta e poucos anos, mas ele está longe de ter essa idade, apesar do cabelo grisalho.*

*Aproxima-se dele, apesar de conseguir ouvir o toque impaciente das chamadas dos passageiros atrás (Ralph está mesmo ocupado naquela noite; após a aterragem perfeitamente segura no aeroporto de O'Hare trinta minutos depois, as assistentes vão deitar fora setenta sacos de vómito).*

*— Está tudo bem consigo? — pergunta ela, sorrindo. O sorriso parece falso, irreal.*

*— Está tudo ótimo — responde o homem magro. Ela olha para o canhoto do cartão de embarque da primeira classe preso nas costas da cadeira e vê que o seu nome é Hanscom. — Ótimo. Mas há bastante turbulência hoje, não há? A senhora já está muito ocupada. Não se*

*preocupe comigo. Eu... — Esboça um sorriso fraco, um sorriso que a faz pensar em espantalhos a balançar ao vento nos campos mortos de novembro. — Estou ótimo.*

*— Parecia*

*(morto)*

*um pouco indisposto.*

*— Estava a pensar nos velhos tempos — diz ele. — Só percebi no início desta noite que havia coisas como os velhos tempos, pelo menos para mim.*

*Mais campainhas soam.*

*— A senhora desculpe — chama alguém com voz nervosa.*

*— Se tem a certeza de que está bem...*

*— Estava a pensar numa represa que construí com uns amigos — diz Ben Hanscom. — Os primeiros amigos que tive, acho. Estavam a construir a represa quando... — Cala-se, parece assustado e ri-se. É uma gargalhada honesta, a gargalhada despreocupada de um rapaz, e soa muito estranha naquele avião sacudido. — Quando esbarrei neles. Quase literalmente, foi o que fiz. De qualquer modo, eles estavam a fazer um péssimo trabalho com a represa. Lembro-me disso.*

*— Minha senhora?*

*— Vai ter de me desculpar... preciso de continuar a circular.*

*— Com certeza.*

*Ela afasta-se rapidamente, feliz por se livrar daquele olhar, daquele olhar morto e hipnótico.*

*Ben Hanscom vira a cabeça para a janela e olha para fora. Relâmpagos acendem-se e apagam-se dentro de enormes nuvens escuras a quinze quilómetros da asa de estibordo. Nos clarões, as nuvens parecem enormes cérebros transparentes cheios de maus pensamentos.*

*Ele tateia o bolso do colete, mas os dólares de prata já lá não estão. Saíram do seu bolso e foram para o de Ricky Lee. De repente, deseja ter*



*guardado pelo menos um. Poderia ser útil. Claro que era possível ir a qualquer banco, pelo menos quando não se estava aos saltos a oito mil metros de altura, e conseguir um punhado de dólares de prata, mas não se podia fazer nada com as terríveis sanduíches de cobre que o governo tentava fazer passar por moedas verdadeiras atualmente. E para lobisomens e vampiros e todas as coisas que se contorcem à luz das estrelas, era prata que se queria; prata verdadeira. Era preciso prata para deter um monstro. Era preciso...*

*Fechou os olhos. O ar em volta estava cheio de sinos. O avião balançava e tremia e o ar estava cheio de sinos. Sinos?*

*Não... campainhas.*

*Eram campainhas, era a campainha, a campainha de todas as campainhas, aquela por que se esperava o ano todo quando a novidade do regresso às aulas passava, e isso acontecia sempre no fim da primeira semana. A campainha, a que sinalizava a liberdade de novo, a apoteose de todas as campainhas escolares.*

*Ben Hanscom está sentado na primeira classe, suspenso entre trovões a oito mil metros de altura, com o rosto virado para a janela, e sente a parede do tempo ficar de repente fina; um peristaltismo terrível/maravilhoso começou. Pensa: Meu Deus, estou a ser digerido pelo meu próprio passado.*

*Os relâmpagos iluminam irregularmente o seu rosto e, apesar de ele não saber, o dia acabou de mudar. O dia 28 de maio de 1985 tornou-se o dia 29 de maio sobre a paisagem escura e tempestuosa que é o oeste do Illinois naquela noite; agricultores com dores nas costas devido ao trabalho de plantio dormem como cadáveres mais abaixo e têm os seus sonhos inquietos, e quem sabe o que pode estar a mover-se nos celeiros, caves e campos enquanto os relâmpagos caminham e os trovões falam?*

*Ninguém sabe essas coisas; as pessoas só sabem que há eletricidade solta na noite, e o ar está louco com os muitos volts da tempestade.*

*Mas são campainhas a oito mil metros quando o avião entra numa zona calma, quando o movimento se estabiliza; são campainhas; é a campainha enquanto Ben Hanscom dorme; e enquanto ele dorme, o muro entre o passado e o presente desaparece completamente e ele cai para trás pelos anos como um homem a cair num poço fundo; o Viajante do Tempo de Wells, talvez, que se precipita com um bocado partido de ferro numa das mãos na terra dos Morlocks, onde as máquinas funcionam sem parar nos túneis da noite. É 1981, 1977, 1969; e de repente aqui está ele, aqui em junho de 1958; a luz intensa do verão está por todo o lado e, atrás das pálpebras fechadas, as pupilas de Ben Hanscom contraem-se sob o comando do cérebro adormecido, que não vê a escuridão que domina o oeste do Illinois, mas a luz intensa do sol de um dia de junho em Derry, Maine, vinte e sete anos antes.*

*Campainhas.*

*A campainha.*

*Escola.*

*A escola.*

*A escola*

acabou!

O som da campainha espalhou-se pelos corredores da escola, um grande edifício de tijolo em Jackson Street. Ao som dela, as crianças da turma de quinto ano de Ben Hanscom deram um grito espontâneo, e a senhora

Douglas, normalmente a professora mais rígida, não fez esforço nenhum para as calar. Talvez soubesse que seria impossível.

— Meninos! — gritou quando a comemoração morreu. — Dão-me a vossa atenção um último momento?

Uma barulheira de falas excitadas, misturada com alguns gemidos, surgiu na sala de aula. A senhora Douglas tinha os boletins de notas na mão.

— Espero ter passado! — exclamou Sally Mueller alegremente para Bev Marsh, sentada na fila ao lado. Sally era inteligente, bonita, vivaz. Bev também era bonita, mas naquela tarde não havia nenhuma vivacidade nela, apesar de ser o último dia de aulas. Olhava carrancuda para os mocassins baratos. Tinha um hematoma amarelo numa das faces.

— Estou-me a cagar se passei ou não — disse ela.

Sally fungou. As meninas não usam essa linguagem, dizia o fungo. Então virou-se para Greta Bowie. Fora provavelmente apenas a animação da campanha a assinalar o fim de outro ano letivo que fizera Sally descair-se e falar com Beverly, pensou Ben. Sally Mueller e Greta Bowie vinham de famílias ricas com casas em West Broadway, ao passo que Bev vinha de um dos apartamentos pobres na Lower Main Street. A Lower Main Street e a West Broadway distavam apenas dois quilómetros e meio, mas até uma criança como Ben sabia que na verdade estavam tão distantes como a Terra de Plutão. Bastava olhar para a camisola barata de Beverly Marsh, para a saia demasiado grande que provavelmente viera da caixa de doações do Exército de Salvação e para os sapatos coçados para saber quanto uma distava da outra. Mas Ben continuava a gostar mais de Beverly,  *muito* mais. Sally e Greta tinham roupas bonitas, e ele achava que deviam fazer permanentes ou ondulações ou coisa parecida todos os meses, mas isso não mudava os factos básicos em nada. Podiam fazer permanentes todos os  *dias* e continuariam a ser duas convencidas arrogantes.

Beverly, na sua opinião, era mais simpática... e  *muito* mais bonita, apesar de nunca se ir atrever a dizer-lho. Mas às vezes, no coração do inverno, quando a luz lá fora adquiria um tom amarelo cansado, semelhante a um gato enroscado num sofá, quando a senhora Douglas falava em tom monocórdico sobre matemática (como fazer divisões mais longas ou como encontrar o denominador comum de duas frações para poder adicioná-las) ou lia as perguntas do livro *Shining Bridges* ou falava das jazidas de estanho no Paraguai, naqueles dias em que parecia que a escola nunca mais ia acabar e não importava se acabava porque o mundo todo lá fora era neve meio derretida... nesses dias Ben às vezes olhava de lado para Beverly, observava de modo furtivo o rosto dela e o seu coração doía desesperadamente e, de alguma forma, iluminava-se ao mesmo tempo. Achava que gostava dela, ou que estava apaixonado por ela, e por isso pensava sempre em Beverly quando os Penguins cantavam no rádio «Earth Angel»: «*my darling dear /love you all the time...*» Sim, era uma estupidez, mole como um lenço de papel usado, mas não fazia mal, porque ele nunca diria nada. Achava que os gordos só podiam amar raparigas bonitas secretamente. Se contasse a alguém o que sentia (não que tivesse a quem contar), essa pessoa provavelmente riria até ter um ataque cardíaco. E se ele algum dia contasse a Beverly, ela própria riria (mau) ou fingiria ânsias de vômito (pior).

— Agora levantem-se assim que eu chamar o vosso nome. Paul Anderson... Carla Bordeaux... Greta Bowie... Calvin Clark... Cissy Clark...

Enquanto a professora chamava os nomes, os alunos da turma de quinto ano foram até à frente um a um (exceto os gémeos Clark, que foram juntos como sempre, de mãos dadas, indistinguíveis não fosse o comprimento dos seus cabelos louros e o facto de ela usar vestido e ele usar calças de ganga), receberam os boletins amarelos com a bandeira americana e o Juramento de

Fidelidade à frente e o Pai Nosso atrás, saíram calmamente da sala de aula... e desataram a correr pelo corredor até às grandes portas que tinham sido escancaradas. E então simplesmente saíram a correr para o verão e desapareceram: alguns de bicicleta, alguns a saltitar, alguns a cavalgar montadas invisíveis e a bater com as mãos nas coxas para imitar o som dos cascos, alguns a abraçar colegas e a cantar «Os meus olhos viram a glória da escola em chamas» com a melodia de «The Battle Hymn of the Republic».

— Marcia Fadden... Frank Frick... Ben Hanscom...

Ele levantou-se, lançou um último olhar a Beverly Marsh antes do verão (ou assim pensava ele) e foi até à mesa da senhora Douglas, um rapaz de onze anos com um traseiro do tamanho do Novo México, traseiro esse aprisionado numas horrendas calças de ganga novas com rebites de cobre que reluziam e faziam uocht-uocht-uocht quando as coxas grandes roçavam uma na outra. As suas ancas tinham um balançar feminino. A barriga deslizava de um lado para o outro. Usava uma camisola larga, apesar de o dia estar quente. Usava sempre camisolas largas porque morria de vergonha do peito desde o primeiro dia de aula depois das férias de Natal, quando vestira uma das novas camisas da Ivy League que a mãe lhe dera e Arroto Huggins, que era do sexto ano, gritara: «Ei, malta! Vejam o que o Pai Natal trouxe ao Ben Hanscom! Um belo par de tetas!» Arroto quase caíra ao chão de tanto rir da própria piada. Outros também tinham rido, entre eles raparigas. Se se tivesse aberto diante dele naquele momento um buraco para o mundo subterrâneo, Ben teria saltado sem emitir um único som... ou talvez um leve murmúrio de gratidão.

Desde esse dia, usava camisolas largas. Tinha quatro: a castanha larga, a verde larga e duas azuis largas. Foi uma das poucas coisas que conseguira impor à mãe, um dos poucos limites que, ao longo da infância complacente,

sentira necessidade de estabelecer. Se tivesse visto Beverly Marsh a rir com os outros naquele dia, achava que teria morrido.

— Foi um prazer ter-te como aluno este ano, Benjamin — disse a senhora Douglas ao entregar-lhe o boletim.

— Obrigado, senhora Douglas.

Um falsete gozão surgiu algures no fundo da sala:

— Oi, obrigada, senhora Douuuuglassss.

Era Henry Bowers, claro. Henry andava na turma de quinto ano de Ben em vez de no sexto ano com os amigos Arroto Huggins e Victor Criss, porque chumbara. Ben achava que Bowers iria chumbar outra vez. O nome dele não tinha sido chamado quando a senhora Douglas entregara os boletins, e isso significava problemas. Ben estava incomodado com isso, porque se Henry chumbasse de novo, o próprio Ben seria parcialmente responsável... e Henry sabia-o.

Durante os exames finais, na semana anterior, a senhora Douglas sentara-os de maneira aleatória, tirando os nomes de um chapéu sobre a mesa. Ben acabara sentado ao lado de Henry Bowers na última fila. Como sempre, Ben pusera o braço em volta do exame e curvara-se sobre ele, sentindo a pressão um tanto reconfortante da barriga na mesa, lambendo o lápis de vez em quando em busca de inspiração.

A meio da prova de terça-feira, que por acaso era de matemática, um sussurro chegou a Ben pelo corredor. Era baixo, discreto e eficiente como o sussurro de um vigarista veterano a passar uma mensagem no pátio de uma prisão:

— Deixa-me copiar.

Ben olhou para a esquerda, diretamente para os olhos pretos e furiosos de Henry Bowers. Henry era um rapaz grande mesmo aos doze anos. Os seus braços e pernas eram grossos, com músculos desenvolvidos a trabalhar na quinta. O pai, que tinha fama de louco, era dono um terreno no fim de

Kansas Street, perto do limite municipal de Newport, e Henry trabalhava pelo menos trinta horas por semana a cavar, a arrancar ervas daninhas, a plantar, a retirar pedras da terra, a cortar madeira e a colher o que houvesse para colher.

Henry usava o cabelo tão curto que o branco do couro cabeludo ficava à mostra. Aplicava cera *Butch* à frente, de uma bisnaga que tinha sempre no bolso da frente das calças de ganga e, como resultado, o cabelo acima da testa parecia os dentes de um cortador de relva. Rodeava-o sempre um odor a suor e pastilha *Juicy Fruit*. Usava um blusão rosa de motociclista com uma águia nas costas. Uma vez, um aluno do quarto ano foi suficientemente tolo para se rir daquele blusão. Henry voltara-se para o miúdo com a flexibilidade de uma doninha e a rapidez de uma cobra, e dera-lhe um duplo soco com o punho sujo do trabalho. O miúdo perdeu três dentes da frente. Henry ganhou duas semanas de suspensão. Ben albergara a esperança (esperança difusa, mas ardente, dos oprimidos e aterrorizados) de que Henry fosse expulso em vez de suspenso. Mas a sorte não estava do seu lado. O pão cai sempre com o lado da manteiga virado para baixo. Quando a suspensão acabou, Henry voltara com o seu andar gingão para o pátio da escola, resplandecente no seu blusão rosa, com o cabelo tão encerado que parecia levantado num grito. Tinha os dois olhos inchados e com vestígios da cor da tareia que o maluco do pai lhe dera por «lutar no recreio». As marcas da tareia acabaram por se desvanecer; para os rapazes, que de alguma forma tinham de coexistir com Henry em Derry, a lição não foi esquecida. Tanto quanto Ben sabia, depois disso ninguém fizera comentários sobre o blusão rosa com a águia nas costas.

Quando sussurrou com irritação a Ben para que o deixasse copiar, três pensamentos tinham passado num intervalo de segundos pela mente de Ben, que era tão ágil e rápida como o seu corpo era obeso. O primeiro foi que se a senhora Douglas apanhasse Henry a copiar as respostas do exame dele, os

dois teriam zero. O segundo foi que se ele não deixasse Henry copiar, Henry certamente o apanharia depois das aulas e *lhe* daria o famoso soco duplo, provavelmente com Huggins a segurar um dos seus braços e Criss a segurar o outro.

Eram pensamentos de uma criança, e não havia nada surpreendente nisso, porque ele era uma criança. Mas o terceiro e último pensamento foi mais sofisticado, quase adulto.

*Ele pode apanhar-me, sim. Mas talvez eu consiga manter-me longe dele na última semana de aulas. Tenho praticamente a certeza de que consigo, se me esforçar. E ele vai esquecer-se disso durante o verão, acho. Sim. É bastante estúpido. Se chumbar neste exame, talvez repita o ano. E se repetir, vou ficar à frente dele. Nunca mais estarei na mesma sala que ele... Vou para o secundário antes dele. Talvez... talvez me liberte.*

— Deixa-me copiar — sussurrou Henry de novo. Os seus olhos pretos estavam a brilhar, exigentes.

Ben abanou a cabeça e curvou o braço ainda mais em volta do exame.

— Hei de apanhar-te, gordo — sussurrou Henry um pouco mais alto. O seu exame era até ao momento uma folha completamente em branco exceto pelo nome. Estava desesperado. Se chumbasse nos exames e repetisse o ano, o pai iria dar-lhe uma tarefa valente. — Deixa-me copiar senão levas uma tarefa.

Ben abanou de novo a cabeça, e o seu papo estremeceu. Tinha medo, mas também estava determinado. Deu-se conta de que, pela primeira vez na vida, tinha conscientemente tomado uma decisão, e isso também o assustou, apesar de não saber exatamente porquê. Passar-se-iam anos até perceber que fora o sangue-frio dos seus cálculos, a contagem cuidadosa e pragmática do custo, com as suas insinuações de uma maturidade repentina, que o assustara ainda mais do que Henry. De Henry ele poderia conseguir



esquivar-se. A idade adulta, onde provavelmente pensaria sempre desse modo, acabaria por apanhá-lo.

— Está alguém a falar aí atrás? — perguntou então a senhora Douglas.  
— Se sim, quero que pare *imediatamente*.

O silêncio prevalecera durante os dez minutos seguintes; as jovens cabeças permaneceram baixadas e concentradas em exames a cheirar à tinta roxa do mimeógrafo, e a seguir o sussurro de Henry atravessara de novo o corredor, baixo, quase inaudível, apavorante na calma certeza da sua promessa:

— Estás morto, gordo.

### 3

Ben pegou no boletim e fugiu, grato aos deuses encarregados de amparar os rapazes gordos de onze anos por Henry não ter, devido à ordem alfabética, tido autorização de fugir da sala primeiro e poder esperá-lo lá fora.

Não correu pelo corredor como as outras crianças. Era *capaz* de correr, e bem depressa para um rapaz do seu tamanho, mas estava muito ciente de como ficava ridículo quando corria. No entanto, caminhou depressa e saiu do corredor fresco com cheiro a livros para o sol intenso de junho. Parou com o rosto virado para o sol por um momento, grato pelo calor e pela liberdade. Setembro estava a milhões de anos. O calendário podia dizer uma coisa diferente, mas o que o calendário dizia era mentira. O verão seria bastante mais longo do que a soma dos seus dias, e pertencia-lhe. Ele sentia-se tão alto como o reservatório e tão amplo como a cidade inteira.

Alguém chocou com ele, e chocou com força. Os pensamentos agradáveis do verão à sua frente foram arrancados da mente de Ben quando

ele cambaleou loucamente em busca de equilíbrio à beira dos degraus de pedra. Agarrou-se ao corrimão de ferro mesmo a tempo de evitar uma queda horrível.

— Sai-me da frente, monte de banha. — Era Victor Criss, com o cabelo numa popa à Elvis a cintilar de tanta brilhantina. Desceu os degraus e seguiu até ao portão da escola com as mãos nos bolsos das calças de ganga, gola da camisa levantada e os protetores de metal nas solas das botas a fazerem barulho.

Ben, ainda com o coração a bater rapidamente do susto, viu que Arroto Huggins estava do outro lado da rua a fumar. Levantou uma das mãos e passou o cigarro a Victor quando ele chegou. Victor deu uma passa, devolveu-o a Arroto e apontou para onde Ben estava, a meio dos degraus. Disse alguma coisa e os dois separaram-se. O rosto de Ben ficou quente. Os tipos apanhavam sempre uma pessoa. Parecia coisa do destino.

— Gostas tanto deste sítio que vais ficar aqui o dia todo? — perguntou uma voz atrás dele.

Ben virou-se e o seu rosto ficou ainda mais quente. Era Beverly Marsh, o cabelo ruivo como uma nuvem deslumbrante em volta da cabeça e sobre os ombros, os olhos de um adorável verde-acinzentado. A camisola dela, com as mangas arregaçadas, estava puída no pescoço e era quase tão larga como a de Ben. Demasiado grande para se conseguir perceber se os seios estavam a despontar, mas Ben não se importava; quando o amor chega antes da puberdade, pode vir em ondas tão claras e poderosas que ninguém consegue ir contra o seu simples imperativo, e naquele momento Ben não fez esforço nenhum nesse sentido. Apenas cedeu. Sentiu-se tolo e exaltado ao mesmo tempo, e mais constrangido do que em qualquer momento da vida... mas indubitavelmente abençoado. Aquelas emoções desesperadas misturaram-se de forma tão estonteante que ele se sentiu enjoado e eufórico ao mesmo tempo.

— Não — disse ele com voz rouca. — Acho que não. — Um sorriso largo espalhou-se pelo seu rosto. Sabia que devia parecer idiota, mas não conseguia fazê-lo desaparecer.

— Ah, ótimo. Porque estamos de férias, sabes? Graças a Deus.

— Boas... — A voz saiu rouca de novo. Teve de aclarar a garganta, e ficou ainda mais vermelho. — Boas férias, Beverly.

— Para ti também, Ben. Até para o ano.

Ela desceu os degraus rapidamente, e Ben viu tudo com o seu olhar apaixonado: o xadrez intenso da saia, o balançar do cabelo ruivo contra as costas da camisola, a pele clara, um pequeno corte cicatrizado numa da barriga das pernas e (por algum motivo essa última coisa fez outra onda de sentimento apoderar-se dele com tanta força que se viu obrigado a agarrar de novo o corrimão; o sentimento foi enorme, inarticulado, felizmente breve; talvez um pré-sinal sexual, sem significado para o seu corpo, onde as glândulas endócrinas ainda estavam adormecidas quase sem sonhar, mas ao mesmo tempo intensas como relâmpagos de verão) uma pulseira cintilante no tornozelo que ela usava acima do sapato direito e emitia pequenos clarões ao sol.

Um som, uma espécie de som, saiu da garganta dele. Desceu os degraus como um homem idoso e fraco e parou ao fundo, observando-a até ela virar à esquerda e desaparecer atrás da cerca de arbustos alta que separava o pátio da escola do passeio.

Ficou ali apenas um momento e então, enquanto os miúdos ainda saíam em grupos aos gritos e a correr, lembrou-se de Henry Bowers e contornou a correr o edifício. Atravessou o parque dos mais pequenos, passando os

dedos pelas correntes dos balouços para os fazer tilintar e passando por cima das tábuas dos arre-burrinhos. Saiu por um portão mais pequeno que dava para Charter Street e virou à esquerda sem nunca olhar para trás, para aquele monte de pedras onde tinha passado a maior parte dos dias de semana nos últimos nove meses. Enfiou o boletim das notas no bolso de trás e começou a assobiar. Calçava um par de ténis *Keds* mas, tanto quanto percebeu, as solas não tocaram o passeio durante uns oito quarteirões.

A aula terminara pouco depois de meio-dia; a mãe só chegaria a casa às seis, na melhor das hipóteses, porque às sextas ia direita ao Shop'n Save depois do trabalho. O resto do dia era dele.

Foi até McCarron Park durante algum tempo e sentou-se debaixo de uma árvore, sem fazer nada além de ocasionalmente sussurrar «Amo a Beverly Marsh» muito baixinho, sentindo-se mais tonto e romântico de cada vez que o dizia. A determinada altura, quando um grupo de rapazes chegou ao parque e começou a escolher equipas para um jogo de basebol, ele sussurrou as palavras «Beverly Hanscom» duas vezes, e então teve de encostar o rosto na relva até arrefecer as bochechas quentes.

Pouco depois, levantou-se e seguiu pelo parque até Costello Avenue. Uma caminhada de mais cinco quarteirões levá-lo-ia à Biblioteca Pública que, segundo ele, fora sempre o seu destino. Estava quase fora do parque quando um aluno do sexto ano chamado Peter Gordon o viu e gritou:

— Ei, tetas! Queres jogar? Precisamos de alguém que faça de campo.

Houve uma explosão de gargalhadas. Ben fugiu o mais depressa que conseguiu, encolhendo a cabeça para dentro da gola como uma tartaruga a esconder-se na carapaça.

Ainda assim, considerou-se sortudo; noutra dia, os rapazes poderiam ter ido atrás dele, talvez só para o assustar, talvez para o fazer rolar na terra e ver se ele choraria. Naquele dia, estavam demasiado concentrados em jogar

e decidir as regras. Ben teve todo o gosto em deixá-los decidir o que valia no primeiro jogo do verão e seguiu o seu caminho.

Depois de percorrer três quarteirões de Costello Avenue, viu uma coisa interessante, talvez até lucrativa, debaixo da sebe de uma casa. Havia vidro a cintilar no lado rasgado de um velho saco de papel. Ben puxou o saco para o passeio com o pé. Parecia que realmente estava com sorte. No interior encontravam-se quatro garrafas de cerveja e quatro garrafas grandes de refrigerante. As grandes valiam dez cêntimos cada, as de cerveja dois. Eram vinte e oito cêntimos sob a sebe de uma casa, à espera que um miúdo aparecesse para os agarrar. Um miúdo *sortudo*.

— Sou eu — disse Ben com alegria, sem fazer ideia do que o resto do dia lhe reservava. Recomeçou a andar, segurando o saco por baixo para que não se rasgasse. O Costello Avenue Market ficava a um quarteirão dali, e Ben seguiu nessa direção. Trocou as garrafas por dinheiro, e a maior parte do dinheiro por doces.

Deteve-se em frente à montra dos doces a apontar, feliz como sempre pelo som lento que a porta deslizante fazia quando o vendedor a empurrava na calha com rolamentos. Comprou cinco tiras de alcaçuz vermelho e cinco do preto, dez rebuçados de sassafrás (dois por um *penny*), uma lamela de bolinhas (com cinco em cada fila e cinco filas numa lamela, e eram comidas diretamente do papel), um pacote de *Likem Ade* e um pacote de *Pez* para o dispensador que tinha em casa.

Ben saiu com um pequeno saco de papel castanho cheio de doces na mão e quatro cêntimos no bolso da frente das calças de ganga novas. Ao olhar para o saco de papel, com a sua carga de doçura, um pensamento tentou de repente despertar,

(*se continuares a comer assim, a Beverly Marsh nunca vai olhar para ti*)

mas era um pensamento desagradável, então afastou-o. Foi fácil; era um pensamento habituado a ser expulso.

Se alguém lhe tivesse perguntando «Ben, sentes-te sozinho?», ele teria olhado para essa pessoa com genuína surpresa. A pergunta nunca lhe ocorrera. Não tinha amigos, mas tinha os seus livros e os seus sonhos; tinha os seus modelos *Revell*; tinha um *kit* enorme de *Lincoln Logs* e construía todo o tipo de coisas com ele. A mãe exclamara mais de uma vez que as casas de Ben feitas de *Lincoln Logs* eram melhores do que algumas verdadeiras. Tinha também um bom *Erector Set* e esperava receber o *Super Set* pelo seu aniversário em outubro. Com ele, podia construir-se um relógio que dava as horas e um carro com mudanças a sério. «Sozinho?», poderia ele ter perguntado em resposta, sinceramente sem entender. «Hã? O quê?»

Uma criança cega à nascença nem sabe que é cega até alguém lho dizer. Mesmo então, tem apenas uma noção muito académica sobre o que é a cegueira; só quem já viu tem uma noção verdadeira do que é ser cego. Ben Hanscom não tinha noção de se sentir sozinho porque nunca tivera nada diferente. Se a condição tivesse sido nova ou mais localizada, ele podia ter percebido, mas a solidão abarcava toda a sua vida, e até a superava. Apenas *era*, como o seu polegar com duas articulações ou a lasca num dos seus dentes da frente, aquela onde a língua tocava sempre que ele ficava nervoso.

Beverly era um sonho doce; as guloseimas, uma realidade doce. Eram os seus amigos. Assim, mandou o pensamento estranho desaparecer, e este obedeceu sem levantar ondas. E entre o Costello Avenue Market e a biblioteca, comeu todos os doces do saco. Tencionara mesmo guardar os *Pez* para quando visse televisão à noite; gostava de os colocar dentro do dispensador um a um, gostava de ouvir o clique da pequena mola lá dentro, e gostava mais do que tudo de lançar os doces para a boca um a um, como um rapaz a suicidar-se com açúcar. Naquela noite, dava o *Whirlybirds*, com

Kenneth Tobey no papel do destemido piloto do helicóptero, e *Dragnet*, onde os casos eram verdadeiros, mas os nomes tinham sido mudados para proteger os inocentes, e a sua série policial preferida de todos os tempos, *Highway Patrol*, com Broderick Crawford no papel de patrulheiro Dan Mathews. Broderick Crawford era o herói de Ben. Broderick Crawford era *rápido*, Broderick Crawford era *mau*, Broderick Crawford não aturava merdas de ninguém... e o melhor de tudo era que Broderick Crawford era gordo.

Chegou à esquina da Costello com a Kansas e atravessou para chegar à Biblioteca Pública. Ela consistia em dois edifícios: a estrutura de pedra à frente, construída em 1890 com dinheiro de um barão madeireiro, e o edifício novo e baixo atrás, onde ficava a biblioteca infantil. A biblioteca adulta à frente e a infantil atrás eram ligadas por um corredor de vidro.

Ali, perto do centro, Kansas era de sentido único, portanto Ben olhou apenas para um dos lados, para o direito, antes de atravessar. Se tivesse olhado para o esquerdo, teria apanhado um terrível susto. À sombra do grande carvalho no relvado da Community House um quarteirão depois estavam Arroto Huggins, Victor Criss e Henry Bowers.

## 5

— Vamos apanhá-lo, Hank. — Victor estava ofegante.

Henry viu o pequeno badocha atravessar a rua a correr: a barriga a balançar, o remoinho na parte de trás da cabeça a oscilar como uma mola, o traseiro a balançar como a de uma rapariga dentro das calças de ganga novas. Calculou a distância entre os três ali no relvado e Hanscom, e entre Hanscom e a segurança da biblioteca. Achava que conseguiriam chegar antes de ele entrar, mas Hanscom poderia começar a gritar. Não descartava

a possibilidade de o mariquinhas poder fazer isso. Se ele gritasse, um adulto poderia interferir, e Henry não queria interferência. A cabra da Douglas dissera a Henry que ele chumbara a inglês e matemática. Ia passá-lo, mas teria aulas de recuperação durante quatro semanas no verão. Henry preferia ter chumbado. Se tivesse, o pai ter-lhe-ia dado logo uma tarefa. Com Henry na escola quatro horas por dia durante quatro semanas da época mais atarefada na quinta, o pai era capaz de lhe bater umas seis vezes, talvez até mais. Só aceitava esse futuro terrível porque pretendia transferir tudo para aquele mariquinhas gordo nessa tarde.

Com juro.

— Sim, vamos — disse Arroto.

— Esperamos que ele saia.

Viram Ben abrir uma das portas grandes e entrar; sentaram-se, fumaram cigarros, contaram piadas de caixeiros-viajantes e esperaram que ele saísse.

Henry sabia que o gordo acabaria por sair. E quando saísse, faria com que ele lamentasse ter nascido.

## 6

Ben adorava a biblioteca.

Adorava a forma como estava sempre fresca, mesmo no dia mais quente de um verão longo e quente; adorava o silêncio murmurante, interrompido apenas por sussurros ocasionais, pelo som suave da bibliotecária a carimbar livros e cartões ou por páginas a serem viradas na sala onde os idosos iam ler jornais inseridos em bastões compridos. Adorava a qualidade da luz, que entrava na diagonal pelas janelas altas e estreitas à tarde ou brilhava em lagos preguiçosos projetados pelos globos baixos nas noites de inverno enquanto o vento soprava lá fora. Gostava do cheiro dos livros, um aroma a



especiarias, vagamente fabuloso. Às vezes, passava pelas estantes de livros adultos e olhava para os milhares de exemplares e imaginava um mundo de vidas dentro de cada um, da mesma forma que às vezes andava pela rua no crepúsculo enevoado e vermelho de uma tarde do final de outubro, com o Sol apenas uma linha laranja no horizonte, a imaginar as vidas a desenrolarem-se atrás de todas as janelas; pessoas a rirem ou a discutirem ou a arranjam flores ou a alimentar crianças ou animais ou a si mesmas enquanto viam televisão. Gostava do facto de o corredor de vidro que ligava o prédio antigo à biblioteca das crianças estar sempre quente, mesmo no inverno, a não ser que os dias anteriores tivessem sido nublados; a senhora Starrett, a bibliotecária principal da secção infantil, dissera-lhe que era por causa de uma coisa chamada efeito de estufa. Ben ficara deliciado com a ideia. Anos mais tarde, construiria o controverso centro de comunicações da BBC em Londres, e as discussões poderiam perdurar por mil anos, e ninguém saberia (exceto o próprio Ben) que o centro de comunicações não passava do corredor de vidro da Biblioteca Pública de Derry na vertical.

Também gostava da biblioteca infantil, apesar de não ter nada do encanto ensombrado que ele sentia na biblioteca velha, com os globos e as escadas curvas de ferro demasiado estreitas para duas pessoas passarem ao mesmo tempo; uma tinha sempre de recuar. A biblioteca infantil era iluminada e soalheira, um pouco mais barulhenta apesar dos avisos a dizer VAMOS FAZER POUCO BARULHO, ESTÁ BEM? pendurados em todos os lados. A maior parte do barulho costumava vir do Cantinho do Pooh, onde as crianças pequenas iam olhar para os livros ilustrados. Quando Ben entrou nesse dia, a hora da história já tinha começado. A senhora Davies, a bela e jovem bibliotecária, estava a ler *Os Três Cabritinhos*.

— quem está a passar na minha ponte?

A senhora Davies falava com o tom baixo e arrastado do *troll* da história. Alguns dos pequenos taparam a boca e riram, mas a maior parte

observava-a solenemente, aceitando a voz do *troll* como aceitava as vozes nos seus sonhos, e os olhos sérios refletiam o eterno fascínio pelo conto de fadas: será que o monstro seria vencido... ou comeria todos?

Havia pôsteres coloridos fixos em todo o lado. Aqui estava o desenho de um menino bom que lavara os dentes até a boca ficar cheia de espuma como o focinho de um cão raivoso; além, o desenho de um menino mau a fumar cigarros (QUANDO EU CRESCER, QUERO FICAR MUITO DOENTE, COMO O MEU PAI, estava escrito em baixo); havia também uma fotografia maravilhosa de um milhão de pequenos pontos de luz na escuridão. O texto abaixo dizia:

UMA IDEIA ACENDE MIL VELAS.

Ralph Waldo Emerson

Havia convites para PARTICIPAR NA EXPERIÊNCIA ESCUTEIRA. Um pôster divulgava a ideia de que O CLUBE DAS RAPARIGAS DE HOJE CONSTRÓI AS MULHERES DE AMANHÃ. Havia listas de inscrição para jogar *softball* e para o Teatro Infantil da Community House. E, claro, um pôster convidava as crianças a inscreverem-se n' O PROGRAMA DE LEITURA DE VERÃO. Ben era um grande fã do programa de leitura de verão. Recebia-se um mapa dos Estados Unidos aquando da inscrição. Depois, a cada livro que se lia e sobre o qual se escrevia um comentário, recebia-se o autocolante de um estado para colar no mapa. O autocolante trazia informações como o pássaro do estado, a flor do estado, o ano em que fora admitido na União e que presidentes tinham nascido naquele estado, se houvesse algum. Quando se conseguia colar os quarenta e oito autocolantes no mapa, ganhava-se um livro. Era um ótimo negócio. Ben planeava fazer exatamente o que o pôster sugeria: «Não percas tempo, inscreve-te hoje.»

No meio dessa confusão colorida e agradável, havia um pôster simples colado no balcão, sem desenhos e sem fotografias, só letras pretas no papel branco:

LEMBREM-SE DO RECOLHER OBRIGATÓRIO.

19H.

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA DE DERRY

O mero ato de olhar para ele provocava arrepios em Ben. Com a excitação de receber o boletim das notas, a preocupação com Henry Bowers, a conversa com Beverly e o início das férias de verão, tinha-se esquecido do recolher obrigatório e dos assassinios.

As pessoas discutiam o número, mas toda a gente concordava que tinham sido pelo menos quatro desde o último inverno; cinco, se se contasse com George Denbrough (muitos achavam que a morte do filho mais novo dos Denbrough devia ter sido um acidente estranho). A primeira acerca de qual todos tinham a certeza era Betty Ripsom, que fora encontrada no dia a seguir ao Natal na área de construção da via rápida em Outer Jackson Street. A rapariga, que tinha treze anos, fora encontrada mutilada e congelada na lama. Isso não aparecera no jornal nem era algo que algum adulto tivesse contado a Ben. Era apenas uma coisa que ele captara em conversas ouvidas.

Cerca de três meses e meio depois, após o início da temporada da pesca da truta, um pescador na margem de um riacho trinta quilómetros a leste de Derry apanhara com o anzol uma coisa que a princípio pensou ser um ramo. Na verdade, era uma mão com punho e os primeiros dez centímetros do antebraço de uma rapariga. O anzol agarrara aquele troféu terrível pela teia de carne entre o polegar e o indicador.

A polícia estadual encontrara o resto de Cheryl Lamonica no riacho a setenta metros dali, presa numa árvore que caíra atravessada na água no inverno anterior. Fora mera sorte o corpo não ter sido levado até ao Penobscot e depois até ao mar com o degelo da primavera.

A jovem Lamonica tinha dezasseis anos. Era de Derry, mas não frequentava a escola; três anos antes, tinha dado à luz uma menina, Andrea. Viviam com os pais dela.

— A Cheryl era um pouco rebelde às vezes, mas no fundo boa rapariga — disse o pai choroso à polícia. — A Andi está sempre a perguntar «Onde está a mamã?» e não sei o que lhe dizer.

A rapariga fora dada como desaparecida cinco semanas antes de o corpo ser encontrado. A investigação policial da morte de Cheryl Lamonica começou com uma suposição bastante lógica: que ela fora assassinada por um dos namorados. Tinha bastantes namorados. Muitos eram da base área que ficava na estrada para Bangor.

— Eram bons rapazes, a maioria — disse a mãe de Cheryl. Um dos «bons rapazes» era um coronel de quarenta anos da Força Aérea com mulher e três filhos no Novo México. Outro estava de momento a cumprir pena em Shawshank por assalto à mão armada.

Um namorado, pensou a polícia. Ou possivelmente apenas um desconhecido. Um tarado sexual.

Se era um tarado sexual, aparentemente era também tarado por rapazes. No fim de abril, um professor a fazer uma caminhada com a turma do oitavo ano viu um par de ténis vermelhos e umas calças de bombazina azuis à entrada de um esgoto em Merit Street. Aquele lado da Merit tinha sido bloqueado com cavaletes. O alcatrão fora arrancado no outono anterior. O prolongamento da via rápida também passaria por ali ao seguir para norte, para Bangor.

O corpo pertencera a Matthew Clements, de três anos, dado como desaparecido pelos pais no dia anterior (a sua fotografia estava na primeira página do *News* de Derry, um menino de cabelo escuro a sorrir abertamente para a objetiva, com um boné dos Red Sox na cabeça). A família Clements vivia em Kansas Street, do outro lado da cidade. A mãe, tão atordoada pela dor que parecia viver numa redoma de vidro de pura calma, disse à polícia que Matty estivera a andar de triciclo no passeio ao lado da casa, que ficava na esquina de Kansas Street com a Kossuth Lane. Ela foi pôr a roupa na máquina de secar e, quando olhou pela janela em busca de Matty, ele tinha desaparecido. Só viu o triciclo tombado na relva entre o passeio e a rua. Uma das rodas de trás ainda estava a girar preguiçosamente. Enquanto ela olhava, a roda parou.

Aquilo bastou para o chefe Borton. Na noite seguinte, numa sessão especial da Câmara, propôs o recolher obrigatório às 19h00, que foi adotado de forma unânime e entrou em vigor no dia seguinte. As crianças deviam ser constantemente vigiadas por um «adulto qualificado», segundo o artigo publicado no *News*. Na escola de Ben, houvera uma reunião especial um mês antes. O chefe Borton subiu ao palco, prendeu os polegares no cinto e garantiu às crianças que não tinham o que temer desde que seguissem algumas regras simples: não falar com estranhos, não aceitar boleia de pessoas que não conhecessem *bem*, lembrarem-se sempre que O Agente da Polícia É Vosso Amigo... e obedecer ao recolher obrigatório.

Duas semanas antes, um rapaz que Ben conhecia vagamente (era da outra turma do quinto ano) olhara para uma dos bueiros de Neibolt Street e vira o que parecia ser uma data de cabelo a flutuar ali. Esse rapaz, que se chamava Frankie ou Freddy Ross (ou talvez Roth), andara à procura de coisas com um dispositivo que ele próprio inventara, a que chamava o FABULOSO PAU DE PASTILHA. Quando ele falava daquilo, percebia-se que pensava assim mesmo, em maiúsculas (e talvez também em néon). O

FABULOSO PAU DE PASTILHA era um ramo de bétula com uma bola grande de pastilha elástica na ponta. No seu tempo livre, Freddy (ou Frankie) andava por Derry com aquilo, a espreitar para canos de esgoto e bueiros. Às vezes encontrava dinheiro, em geral moedas de um cêntimo, mas às vezes uma de dez ou até de vinte e cinco (referia-se a essas, por algum motivo que só ele sabia, como «monstros do cais»). Quando a moeda era vista, Frankie-ou-Freddy e O FABULOSO PAU DE PASTILHA entravam em ação. Bastava enfiar o pau pela grade e a moeda era sua.

Ben ouvira falar de Frankie-ou-Freddy e do seu pau de pastilha muito antes de o rapaz ficar famoso ao descobrir o corpo de Veronica Grogan.

— Ele é mesmo nojento — dissera a Ben um rapaz chamado Richie Tozier um dia durante a aula de ginástica. Tozier era um magricela que usava óculos. Ben achava que sem eles Tozier devia ver tanto como Mr. Magoo; os olhos ampliados dançavam atrás das lentes grossas com uma expressão de surpresa perpétua. Também tinha dentes da frente enormes que o fizeram ganhar a alcunha de Castor. Era da mesma turma de quinto ano de Freddy-ou-Frankie. — Enfia aquele pau com a pastilha nos esgotos o dia todo e depois masca-a à noite.

— Eh, que nojo! — exclamara Ben.

— Podes crer, pá — dissera Tozier e afastara-se.

Frankie-ou-Freddy movera O FABULOSO PAU DE PASTILHA para um lado e para o outro da grade do bueiro por acreditar que tinha encontrado uma peruca. Achou que talvez pudesse secá-la e oferecê-la à mãe no aniversário. Depois de alguns minutos a empurrar e a espetar, quando estava prestes a desistir, um rosto aparecera a flutuar na água turva dentro do bueiro, um rosto com folhas mortas presas nas faces brancas e terra nos olhos abertos.

Freddy-ou-Frankie correrá para casa aos gritos.

Veronica Grogan frequentara o quarto ano na escola batista de Neibolt Street, que era dirigida por pessoas a que a mãe de Ben chamava «os

Cristos». Foi enterrada no dia em que faria dez anos.

Depois desse horror mais recente, Arlene Hanscom levou Ben para a sala uma noite e sentou-se ao lado dele no sofá. Segurou-lhe as mãos e olhou concentrada para o seu rosto. Ben olhou para ela, um pouco apreensivo.

— Ben — disse ela —, és tolo?

— Não, mãe — disse Ben, sentindo-se mais apreensivo do que nunca. Não fazia a mínima ideia do que era aquilo. Não se lembrava de ver a mãe tão séria.

— Não — repetiu ela. — Acho que não és.

Ficou então em silêncio durante um longo momento, sem olhar para Ben, e sim pensativa para a janela. Ben perguntou-se a mãe se teria esquecido completamente dele. Ainda era nova, com apenas trinta e dois anos, mas criar um rapaz sozinho deixara nela sequelas. Trabalhava quarenta horas por semana na secção de embalagem da Stark's Mills em Newport, e no fim dos dias de trabalho em que havia muito pó e fibras de algodão, tossia tanto e durante tanto tempo que Ben se assustava. Nessas noites, ficava acordado durante bastante tempo, a olhar pela janela ao lado da cama para o escuro, perguntando-se o que seria dele se ela morresse. Ficaria órfão, supunha. Podia tornar-se um Filho do Estado (achava que isso significava ir viver com agricultores que faziam uma pessoa trabalhar do nascer ao pôr do sol), ou podia ser mandado para o orfanato de Bangor. Tentava dizer a si mesmo que era uma idiotice preocupar-se com coisas dessas, mas isso não ajudava em nada. Nem era apenas consigo que se preocupava; preocupava-se com ela também. Era uma mulher dura, e queria que a maioria das coisas fosse à maneira dela, mas era uma boa mãe. Ele amava-a muito.

— Sabes destes assassínios — disse ela, olhando finalmente para ele.

Ben assentiu.

— A princípio, as pessoas achavam que eram... — Ela hesitou nas palavras seguintes, nunca ditas antes diante do filho, mas as circunstâncias eram estranhas e obrigou-se — ... crimes sexuais. Talvez fossem, e talvez não. Talvez tenham acabado, e talvez não. Ninguém pode ter a certeza de nada, a não ser que um maluco que persegue crianças está algures por aí. Compreendes-me, Ben?

Ele assentiu.

— E sabes o que quero dizer quando digo que podem ter sido crimes sexuais?

Ele não sabia, pelo menos não exatamente, mas assentiu de novo. Se a mãe sentia que precisava de falar com ele sobre a cegonha e as outras coisas, ele morreria de constrangimento.

— Preocupo-me contigo, Ben. Receio não estar a cuidar bem de ti.

Ben agitou-se e não disse nada.

— Passas muito tempo sozinho. Demasiado, acho. Tu...

— Mãe...

— Cala-te quando falo contigo — disse ela, e Ben calou-se. — Tens de ter cuidado, Benny. O verão está a chegar, e não quero estragar as tuas férias, mas tens de ter cuidado. Quero-te em casa à hora do jantar todos os dias. A que horas jantamos?

— Às seis horas.

— Exato! Então ouve o que estou a dizer: se eu puser a mesa, servir o teu leite e não houver Ben a lavar as mãos no lava-louça, vou direita ao telefone, chamo a polícia e dou-te como desaparecido. Percebes isso?

— Sim, mãe.

— E acreditas que estou a falar a sério?

— Acredito.

— Provavelmente faria isso para nada, se chegasse a fazer. Sei bem como vocês rapazes são. Sei que se embrenham nos vossos jogos e projetos



durante as férias do verão, a seguir abelhas, a jogar à bola ou a dar pontapés a latas, sei lá. Tenho muito bem noção daquilo que tu e os teus amigos fazem, sabes?

Ben assentiu com seriedade, pensando que, se ela não sabia que ele não tinha amigos, provavelmente não sabia nada sobre a infância dele, como achava que sabia. Mas nunca teria sonhado em dizer-lhe uma coisa dessas, nem em dez mil anos de sonhos.

Ela tirou qualquer coisa do bolso do avental e entregou-lha. Era uma pequena caixa de plástico. Ben abriu-a. Quando viu o que estava lá dentro, ficou de queixo caído.

— *Uau!* — exclamou, com admiração completamente genuína. — *Obrigado!*

Era um relógio *Timex* com pequenos números prateados e bracelete a imitar couro. A mãe tinha-o acertado e dera-lhe corda; ele ouvia o tiquetaque.

— Caramba, é mesmo fixe! — Envolveu-a num abraço entusiástico e depositou-lhe um beijo sonoro na face.

A mãe sorriu, feliz por Ben estar feliz, e assentiu. Em seguida, ficou de novo séria.

— Põe-no já, fica com ele, usa-o, dá-lhe corda, cuida dele e não o percas.

— Está bem.

— Agora que tens um relógio, não há desculpa para chegares atrasado a casa. Lembra-te do que eu disse: se não chegares a horas, a polícia irá à tua procura a meu pedido. Pelo menos até conseguirem apanhar o estupor que anda para aí a matar crianças, não te atrevas a chegar um minuto atrasado, senão pego naquele telefone.

— Sim, mãe.

— Mais uma coisa. Não quero que andes por aí sozinho. Sabes que não deves aceitar doces nem boleias de estranhos, sabemos ambos que não és idiota, e és grande para a tua idade, mas um homem adulto, principalmente se for maluco, consegue dominar uma criança se quiser. Quando fores ao parque ou à biblioteca, vai com um dos teus amigos.

— Está bem, mãe.

Ela olhou pela janela de novo e soltou um suspiro que estava cheio de problemas.

— As coisas ficam muito complicadas quando algo assim continua a acontecer. De qualquer modo, há alguma coisa feia nesta cidade. Sempre achei isso. — Olhou para ele com as sobrancelhas unidas. — Fartas-te de andar por aí, Ben. Deves conhecer quase todos os recantos de Derry, não é? Pelo menos a parte povoada.

Ben achava que não conhecia nem de perto nem de longe todos os recantos, mas conhecia muitos. E estava tão contente com a oferta inesperada do *Timex* que teria concordado com a mãe se ela tivesse sugerido que John Wayne devia fazer o papel de Adolf Hitler numa comédia musical sobre a Segunda Guerra Mundial. Assentiu.

— *Nunca* viste nada, pois não? — perguntou ela. — Nada nem ninguém... bem, suspeito? Alguma coisa fora do comum? Alguma coisa que te assustou?

E, com o prazer causado pelo relógio, a sensação de amor pela mãe, a alegria de rapaz pequeno com a preocupação dela (que era ao mesmo tempo assustadora na sua intensidade aberta e franca), estava prestes a contar-lhe o que acontecera em janeiro.

Abriu a boca, e então alguma coisa, alguma intuição poderosa, o fez fechá-la de novo.

O que era essa coisa exatamente? Intuição. Nada mais do que isso... e nada menos. Até as crianças podem de tempos a tempos intuir as

responsabilidades mais complexas do amor e sentir que em alguns casos pode ser mais bondoso ficar em silêncio. Foi parte do motivo que fez Ben fechar a boca. Mas havia também outra coisa, uma coisa não tão nobre. A mãe podia ser dura. Podia ser mandona. Nunca lhe chamava «gordo», chamava-lhe «grande» (às vezes ampliando para «demasiado grande para a tua idade»), e quando havia sobras do jantar, ela costumava levar-lhas enquanto ele via televisão ou fazia os trabalhos de casa, e ele comia-as, apesar de uma parte de si se odiar por fazer isso (mas nunca odiava a mãe por colocar a comida à sua frente — Ben Hanscom não teria ousado odiar a mãe; Deus fulminá-lo-ia por ter uma emoção tão abrutalhada e ingrata mesmo que por um segundo). E talvez uma parte ainda mais obscura dele (o distante Tibete dos pensamentos mais profundos de Ben) desconfiasse dos motivos dessa alimentação constante. Era apenas amor? Podia ser alguma outra coisa? Claro que não. Mas... ele interrogava-se. Mais precisamente, a mãe não sabia que ele não tinha amigos. A falta de conhecimento fazia-o não confiar nela, deixava-o hesitante a respeito de qual seria a reação dela à história da coisa que lhe acontecera em janeiro. Se é que *alguma coisa* tinha acontecido. Voltar para casa às seis e ficar lá dentro não era assim tão mau, quem sabe. Podia ler, ver televisão,

(*comer*)

construir coisas com os seus blocos. Mas ter também de ficar em casa o dia todo seria  *muito* mau... e se ele lhe contasse o que vira (ou pensava ter visto) em janeiro, ela podia obrigá-lo a ficar em casa.

Assim, por variados motivos, Ben omitiu a história.

— Não, mãe — disse ele. — Só o senhor McKibbon a mexer nos caixotes do lixo das outras pessoas.

Aquilo fê-la rir (a mãe não gostava do senhor McKibbon, que era republicano e «um Cristo»), e a gargalhada dela encerrou o assunto. Naquela noite, Ben ficou acordado na cama até tarde, mas nenhum

pensamento de ser abandonado sem pais num mundo difícil o perturbou. Sentia-se amado e seguro ali deitado na cama a olhar para o luar que entrava pela janela e se derramava na cama e no chão. Alternou entre levar o relógio ao ouvido para poder ouvir o tiquetaque e segurá-lo perto dos olhos para poder admirar o mostrador que brilhava no escuro.

Adormecera por fim e sonhou que estava a jogar basebol com os outros rapazes no terreno baldio atrás da transportadora dos irmãos Tracker. Tinha acabado de fazer um *home run*, de correr pelas bases e de chegar à última base a deslizar, e os colegas de equipa felicitaram-no em grupo. Deram-lhe socos brincalhões e palmadas nas costas. Levantaram-no em ombros e carregaram-no até ao local onde o equipamento estava espalhado. No sonho, ele estava quase a rebentar de orgulho e felicidade... e então olhara para além do centro do campo, onde uma vedação de arame marcava o limite entre o terreno cheio de cinzas e o terreno cheio de ervas depois que descia em ladeira para os Barrens. Estava uma pessoa nessas ervas e arbustos baixos, escondida. Segurava vários balões, vermelhos, amarelos, azuis, verdes, numa mão com luva branca. Chamava-o com a outra. Ele não conseguia ver o rosto da pessoa, mas conseguia ver a roupa larga com botões grandes e cor de laranja em forma de pompom à frente, e o grande laço amarelo.

Era um palhaço.

*Isso mesmo, amiguinho*, concordou uma voz fantasma.

Quando Ben acordou na manhã seguinte, tinha-se esquecido do sonho, mas a almofada estava húmida... como se ele tivesse chorado durante a noite.

Ben foi até ao balcão na biblioteca infantil, afastando os pensamentos que o cartaz do recolher obrigatório despertou com a mesma facilidade com que um cão sacode a água do pelo depois de nadar.

— Olá, Benny — disse a senhora Starrett. Tal como a senhora Douglas da escola, gostava realmente de Ben. Os adultos, principalmente os que às vezes tinham de disciplinar crianças no seu trabalho, costumavam gostar dele porque era educado, falava em voz baixa, era atencioso e às vezes até engraçado de uma maneira discreta. Eram os mesmos motivos para as outras crianças o acharem um chato. — Já te cansaste das férias de verão?

Ben sorriu. Aquilo era um gracejo habitual da senhora Starrett.

— Ainda não, já que as férias de verão só começaram — olhou para o seu relógio — há uma hora e dezassete minutos. Dê-me mais uma hora.

A senhora Starrett riu, cobrindo a boca para o som não sair demasiado alto. Perguntou a Ben se queria inscrever-se no programa de leitura de verão, e Ben disse que sim. Ela deu-lhe um mapa dos Estados Unidos, e Ben agradeceu efusivamente.

Foi até às estantes, tirou um livro aqui e outro ali, olhou para eles e voltou a arrumá-los. Escolher livros era uma coisa séria. Era preciso ter cuidado. Quando se era adulto, podia-se levar os que se quisesse, mas as crianças só podiam levar três de cada vez. Se escolhiam um mau, tinham de o aguentar.

Acabou por escolher os seus três: *Bulldozer*, *O Corcel Negro* e outro que era um tiro no escuro: um livro chamado *Hot Rod*, de Henry Gregor Felsen.

— Talvez não gostes desse — comentou a senhora Starrett. — É muito sangrento. Recomendo-o aos adolescentes, principalmente aos que tiraram a carta, porque os faz pensar. Imagino que os faça conduzir mais devagar uma semana.

— Bem, vou dar-lhe uma olhadela — respondeu Ben, e levou os livros até uma das mesas grandes longe do cantinho do Pooh, onde o maior dos três cabritinhos estava prestes a dar uma tarefa na bruxa.

Leu *Hot Rod* durante algum tempo, e não o achou muito mau. Nada mesmo. Era sobre um rapaz que conduzia muito bem, mas havia um polícia chato que andava sempre a tentar fazê-lo andar mais devagar. Ben descobriu que não havia limite de velocidade no Iowa, onde o livro se passava. Isso era fixe.

Ergueu o olhar depois de três capítulos, e um cartaz novo chamou a sua atenção. O que estava em cima (a biblioteca era mesmo fã de cartazes) mostrava um carteiro sorridente a entregar uma carta a um rapaz sorridente. AS BIBLIOTECAS TAMBÉM SÃO PARA ESCREVER, dizia o cartaz. PORQUE NÃO ESCREVES A UM AMIGO HOJE? SORRISOS GARANTIDOS!

Abaixo do cartaz havia postais selados, envelopes selados e papel de carta com um desenho da Biblioteca Pública de Derry a tinta azul. Os envelopes selados custavam dez cêntimos cada, os postais três. Duas folhas de papel custavam um cêntimo.

Ben tateou o bolso. Os últimos quatro cêntimos do dinheiro das garrafas ainda estavam lá. Marcou a página em que ia no *Hot Rod* e voltou ao balcão.

— Pode dar-me um desses postais, por favor?

— Claro, Ben. — Como sempre, a senhora Starrett ficou encantada com a cortesia dele e um pouco entristecida pelo seu tamanho. A sua mãe teria dito que o rapaz estava a cavar a própria cova com um garfo e uma faca. Deu-lhe o postal e viu-o voltar para a cadeira. Era uma mesa para seis, mas Ben era o único ali. Nunca tinha visto Ben com nenhum dos outros rapazes. Era uma pena, porque acreditava que Ben Hanscom tinha tesouros dentro de si. Iria entregá-los a um garimpeiro meigo e paciente... se algum aparecesse um dia.

Ben pegou na esferográfica, baixou a ponta e endereçou o postal com simplicidade: «Menina Beverly Marsh, Lower Main Street, Derry, Maine, Zona 2.» Não sabia o número exato da porta dela, mas a mãe dissera-lhe que a maior parte dos carteiros sabia quem eram os moradores depois de estarem naquela volta há algum tempo. Se o carteiro de Lower Main Street conseguisse entregar aquele postal, seria ótimo. Se não, iria para a sala da correspondência não reclamada e ele perderia três cêntimos. Era certo que nunca lhe seria devolvido, porque não tinha intenção de pôr o seu nome e morada no remetente.

Segurando o cartão com a morada virada para baixo (não ia arriscar, apesar de não ter visto ninguém que conhecesse), tirou alguns quadrados de papel de rascunho da caixa de madeira ao lado das fichas de leitura. Levou-as até à mesa e começou a escrever, a riscar e escrever de novo.

Durante a última semana de aulas antes dos exames, tinham lido e escrito *haiku* na aula de inglês. *Haiku* era uma forma japonesa de poesia, breve, disciplinada. A senhora Douglas disse que um *haiku* podia ter apenas dezassete sílabas, nem mais, nem menos. Concentrava-se geralmente numa imagem clara que era ligada a uma emoção específica: tristeza, alegria, nostalgia, felicidade... amor.

Ben ficara encantado com o conceito. Gostava das aulas de inglês, apesar de não passar disso. Conseguia fazer os trabalhos de casa, mas em geral não havia nada ali que o cativasse. No entanto, havia qualquer coisa no conceito do *haiku* que despertava a sua imaginação. A ideia fazia-o sentir feliz, assim como a explicação da senhora Starrett do efeito de estufa o fizera feliz. *Haiku* era poesia boa. Ben achava isso porque era poesia *estruturada*. Não havia regras secretas. Dezassete sílabas, uma imagem ligada a uma emoção e pronto. Bingo. Era limpo, era utilitário, era

completamente contido e dependia das próprias regras. Ele até gostava da palavra em si, um deslizamento de ar quebrado como que por uma linha pontilhada pelo som do «c» mesmo no fundo da boca: *haiku*.

*O cabelo dela*, pensou Ben, e viu-a descer de novo os degraus da escola com o cabelo a balançar nos ombros. O sol não só brilhava nele, mas parecia arder com ele.

Depois de trabalhar com dedicação durante vinte minutos (com uma pausa para ir buscar mais papel de rascunho), riscar palavras demasiado longas, mudar, apagar, Ben chegou a isto:

*Teus cabelos  
Brasas d'inverno  
Onde meu coração arde*

Não adorava, mas era o melhor que conseguia fazer. Receava que, se desse demasiadas voltas ao assunto, acabaria por ficar nervoso e fazer alguma coisa muito pior. Ou não fazer nada. Não queria que isso acontecesse. Aquele momento em que ela parara para lhe falar fora um momento notável para Ben. Queria marcá-lo na memória. Beverly devia gostar de algum rapaz mais velho, do sexto ano ou talvez até do sétimo, e julgaria que quem mandara o *haiku* fora esse rapaz. Isso deixá-la-ia feliz e, portanto, o dia em que o recebesse ficaria marcado na sua memória. Embora nunca viesse a saber que fora Ben Hanscom quem lho marcara dessa forma, não fazia mal; ele saberia.

Copiou o poema concluído para o postal (com letras maiúsculas, como se estivesse a copiar um pedido de resgate em vez de um poema de amor), meteu a caneta no bolso e guardou o postal na parte de trás de *Hot Rod*.

Levantou-se e despediu-se da senhora Starrett à saída.



— Adeus, Ben — disse ela. — Aproveita as férias, mas não te esqueças do recolher obrigatório.

— Não vou esquecer.

Percorreu o corredor de vidro entre os dois prédios, apreciando o calor ali (efeito de estufa, pensou muito satisfeito consigo próprio) seguido do ar fresco da biblioteca para os adultos. Um idoso estava a ler o *News* numa das poltronas antigas e confortavelmente estofadas na alcova da sala de leitura. O cabeçalho dizia: DULLES PROMETE AJUDA DE TROPAS AMERICANAS NO LÍBANO SE NECESSÁRIO! Também havia uma fotografia de Ike a apertar a mão a um árabe no Jardim das Rosas na Casa Branca. A mãe de Ben disse que, quando o país elegeisse Hubert Humphrey como presidente em 1960, talvez as coisas voltassem a funcionar. Ben estava vagamente ciente de que existia uma coisa chamada recessão e que a mãe tinha medo de ser despedida.

Um cabeçalho mais pequeno na metade inferior da página um dizia: CONTINUA CAÇA A PSICOPATA.

Ben abriu a porta grande da biblioteca e saiu.

Havia um marco de correio ao fundo da rua. Ben tirou o postal de dentro do livro e meteu-o lá dentro. Sentiu o coração bater mais depressa quando ele caiu dos seus dedos. *E se ela, de alguma forma, souber que fui eu?*

*Não sejas parvo*, respondeu, um pouco alarmado com o quanto a ideia lhe parecia excitante.

Subiu Kansas Street, sem se aperceber bem para onde ia e sem se importar. Uma fantasia começara a formar-se na sua mente. Nela, Beverly Marsh aproximava-se de si, com os olhos esverdeados bem abertos, o cabelo ruivo apanhado num rabo de cavalo. «Quero fazer-te uma pergunta, Ben», dizia essa rapariga inventada na mente dele, «e tens de jurar dizer a verdade.» Ergueu o postal. «Foste tu quem escreveu isto?»

Era uma fantasia terrível. Era uma fantasia maravilhosa. Ele queria que acabasse. Não queria que acabasse nunca. O seu rosto começava a aquecer

de novo.

Ben continuou a andar e a sonhar e a passar os livros da biblioteca de um braço para o outro e começou a assobiar. «Provavelmente vais pensar que sou horrível», disse Beverly, «mas acho que quero beijar-te.» Os lábios dela abriram-se ligeiramente.

Os lábios de Ben ficaram de repente demasiado secos para ele conseguir assobiar.

— Acho que quero que me beijes — sussurrou ele, e esboçou um sorriso embriagado, tonto e simplesmente belo.

Se tivesse olhado para trás naquele momento, teria visto que três outras sombras haviam surgido perto da dele; se estivesse a prestar atenção, teria ouvido os protetores dos sapatos de Victor quando ele, Arroto e Henry se aproximaram. Mas nem ouviu nem viu. Ben estava longe, a sentir os lábios de Beverly deslizarem suavemente sobre a sua boca, levantando as mãos tímidas para tocar no suave fogo irlandês do cabelo dela.

## 9

Como muitas cidades grandes e pequenas, Derry não fora planeada; simplesmente crescera. Os urbanistas nunca a teriam posto onde estava, para começar. O centro de Derry ficava num vale formado pelo Kenduskeag, o riacho que cortava a zona comercial na diagonal de sudoeste para nordeste. O resto da cidade crescera nas encostas das colinas circundantes.

O vale para onde os colonizadores originais foram era pantanoso e cheio de vegetação. O Kenduskeag e o rio Penobscot, no qual o primeiro desaguava, eram muito vantajosos para os comerciantes e uma grande desvantagem para quem plantava ou construía demasiado perto deles,

principalmente do Kenduskeag, porque este transbordava a cada três ou quatro anos. A cidade ainda tinha tendência para inundações, apesar da enorme quantidade de dinheiro gasta nos últimos cinquenta anos para controlar o problema. Se as inundações tivessem sido causadas apenas pelo riacho, um sistema de diques poderia ter resolvido o problema. Mas havia outros fatores. As margens baixas do Kenduskeag eram um. O mau escoamento de toda a zona era outro. Desde a viragem do século, houvera muitas cheias sérias em Derry e uma desastrosa em 1931. Para piorar, as colinas nas quais a maior parte de Derry fora construída estavam cheias de pequenos riachos (o Torrault, onde Cheryl Lamonica fora encontrada, era um deles). Durante períodos de chuvas fortes, todos tinham uma boa possibilidade de transbordar. «Se chove durante duas semanas, toda a cidade fica com sinusite», dissera o pai de Bill Gago uma vez.

O Kenduskeag corria preso num canal de betão com três quilómetros de extensão ao passar no meio da cidade. Esse canal passava debaixo da terra na intersecção da Main com a Canal Street e tornava-se um rio subterrâneo sob a Main durante cerca de oitocentos metros, para voltar à superfície no Bassey Park. Canal Street, onde a maior parte dos bares de Derry se encontrava, seguia paralela ao canal na sua saída da cidade e, de tantas em tantas semanas, a polícia tinha de pescar o carro de algum bêbedo da água contaminada a um nível letal pelo esgoto e desperdícios industriais. De vez em quando, apanhavam-se peixes no canal, mas eram mutantes que não podiam ser comidos.

No lado nordeste da cidade, o lado do canal, o rio tinha sido dominado um pouco. O comércio florescia ao longo dele apesar das cheias ocasionais. As pessoas passeavam ao longo do canal, às vezes de mãos dadas (se o vento estivesse na direção certa, claro; se estivesse na direção errada, o fedor tirava o romantismo a um passeio), e no Bassey Park, que ficava em frente à escola secundária, do outro lado do canal, às vezes havia

acampamentos de escuteiros e churrascos. Em 1969, os cidadãos ficaram chocados e enojados ao descobrir que *hippies* (um deles tinha costurado uma bandeira americana no fundilho das calças, e esse maricas esquerdista fora presa num abrir e fechar de olhos) iam para ali fumar erva e vender ácido. Em 1969, o Bassey Park tornara-se uma farmácia a céu aberto. «Esperem para ver», diziam as pessoas. «Alguém vai morrer antes de acabarem com aquilo.» E é claro que alguém morrerá: um rapaz de dezassete anos fora encontrado ao lado do canal com as veias cheias de heroína quase pura. Depois disso, os drogados começaram a afastar-se do Bassey Park, e havia até histórias de que o fantasma do rapaz assombrava a zona. A história era idiota, claro, mas se mantivesse os pedrados e os *speedados* longe de lá, era pelo menos uma história idiota *útil*.

No lado sudoeste da cidade, o rio apresentava um problema mais grave. Ali, as colinas tinham sido escavadas pela passagem do grande glaciar e mais ainda pela interminável erosão do Kenduskeag e dos seus muitos afluentes; o leito rochoso aparecia em vários pontos como o esqueleto semienterrado de um dinossauro. Os funcionários mais antigos do Departamento de Obras Públicas de Derry sabiam que, depois da primeira geada forte do outono, podiam contar com uma boa dose de reparações nos passeios no lado sudoeste da cidade. O betão contraía-se e ficava quebradiço, e o leito rochoso surgia por baixo, como se a terra pretendesse dar à luz alguma coisa.

O que melhor crescia no terreno pouco profundo que restava eram plantas com raízes curtas e de natureza resistente — ervas daninhas e matagais, por outras palavras: árvores feias, arbustos densos e baixos e infestações virulentas de urtigas cresciam onde tinham espaço. O sudoeste era o local onde o terreno descia íngreme até à área conhecida em Derry como Barrens. Os Barrens, que eram tudo menos estéreis, como o nome sugeria, eram uma área de cerca de dois quilómetros e meio de largura por

cinco de comprimento, delimitada de um lado por Kansas Street e do outro por Old Cape, uma zona de casas para pessoas com baixos rendimentos, e a drenagem era tão má que havia histórias de sanitas e canos de esgoto a rebentar.

O Kenduskeag passava pelo meio dos Barrens. A cidade tinha crescido para nordeste e dos dois lados dele, mas os únicos vestígios de cidade aqui em baixo eram a Bomba n.º 3 de Derry (a estação municipal de bombeamento de águas residuais) e a lixeira municipal. Vistos do ar, os Barrens pareciam uma grande adaga verde a apontar para o centro da cidade.

Para Ben, toda essa geografia misturada com geologia significava uma vaga noção de que não havia mais casas do lado direito; a terra descia. Um gradeamento branco pouco sólido que lhe dava pela cintura acompanhava o passeio, como gesto simbólico de proteção. Ouvia vagamente água a correr; era a banda sonora da sua fantasia em desenvolvimento.

Parou e olhou para os Barrens, ainda a imaginar os olhos e o cheiro limpo do cabelo dela.

Dali, o Kenduskeag era apenas uma série de clarões vistos por aberturas na folhagem densa. Alguns miúdos diziam que havia mosquitos do tamanho de pardais lá em baixo naquela altura do ano; outros diziam que havia areia movediça quando uma pessoa se aproximava do rio. Ben não acreditava na história dos mosquitos, mas a ideia da areia movediça assustava-o.

Ligeiramente à esquerda, viu uma nuvem de gaiotas a voar e a mergulhar: a lixeira. Os gritos delas chegavam-lhe, ténues, vindos de longe. Do outro lado, via Derry Heights e os tetos baixos das casas de Old Cape mais próximas dos Barrens. À direita de Old Cape, a apontar para o céu como um dedo branco, ficava o reservatório de Derry. Diretamente abaixo dele, um aqueduto enferrujado surgia da terra, derramando água sem cor

pela colina como um pequeno riacho cintilante que desaparecia no meio do emaranhado de árvores e arbustos.

A fantasia agradável de Ben com Beverly foi interrompida de repente por outra bem pior: e se a mão de um morto subisse por aquele aqueduto, naquele segundo, enquanto ele estava a olhar? E se quando ele se virasse para procurar um telefone e ligar para a polícia desse de caras com um palhaço? Um palhaço engraçado com roupa larga e botões grandes e cor de laranja? E se...

Ben sentiu uma mão no ombro e gritou.

Ouviu gargalhadas. Virou-se enquanto se encostava à cerca branca que separava o passeio seguro e racional de Kansas Street dos selvagens e indisciplinados Barrens (a cerca rangeu) e viu Henry Bowers, Arroto Huggins e Victor Criss ali parados.

— Olá, Tetas — disse Henry.

— O que querem? — perguntou Ben, tentando parecer corajoso.

— Eu quero dar-te uma tarefa — respondeu Henry. Parecia contemplar essa ideia com seriedade. Mas, ah, como os seus olhos pretos brilhavam. — Tenho de te ensinar uma coisa, Tetas. Não te vais importar. Gostas de aprender coisas novas, não é?

Esticou a mão na direção de Ben. Este desviou-se.

— Segurem-no.

Arroto e Victor seguraram-lhe os braços. Ben guinchou. Foi um som covarde, fraco e fino, mas não conseguiu evitar. *Por favor, meu Deus, não os deixes fazerem-me chorar e não os deixes partir o meu relógio*, pensou Ben loucamente. Não sabia se chegariam a partir-lhe o relógio ou não, mas tinha a certeza de que ia chorar. Tinha a certeza de que ia chorar muito antes de eles terminarem.

— Caramba, guincha mesmo como um porco — disse Victor, torcendo o pulso de Ben. — Não soou como um porco?

— Souo mesmo — disse Arroto, a rir.

Ben lançou-se primeiro para um lado e depois para o outro. Arroto e Victor acompanharam-no com facilidade, deixando-o avançar e puxando-o para trás.

Henry agarrou na frente da camisola de Ben e puxou-a para cima, expondo a barriga que pendia por cima do cinto como um rolo inchado.

— Olhem para esta pança! — gritou Henry, impressionado e enojado. — Foda-se!

Victor e Arroto riram mais. Ben olhou em volta freneticamente em busca de ajuda. Não conseguia ver ninguém. Atrás dele, nos Barrens, as cigarras cantavam e gaivotas gritavam.

— É melhor pararem! — disse ele. Não estava ainda a balbuciar, mas andava lá perto. — É melhor!

— Ai sim? — perguntou Henry, como se estivesse realmente interessado. — Senão o quê, Tetas? Senão o quê, hã?

De repente, Ben deu por si a pensar em Broderick Crawford, que fazia o papel de Dan Matthews em *Highway Patrol* (aquele tipo era *rijo*, aquele tipo era *mau*, não aceitava merdas de ninguém) e irrompeu em lágrimas. Dan Matthews teria atirado aqueles gajos por cima da vedação, encosta abaixo, direitos às plantas. Teria feito isso com a barriga.

— Eh, pá, vejam o bebé! — riu Victor. Arroto juntou-se a ele. Henry sorriu um pouco, mas o seu rosto ainda mantinha a expressão séria e pensativa, a expressão que era quase triste. Assustava Ben. Sugeria que ele poderia estar disposto a mais do que uma tarefa.

Como que para confirmar essa ideia, Henry enfiou a mão no bolso das calças de ganga e tirou uma navalha.

O terror de Ben explodiu. Estivera a agitar o corpo inutilmente de um lado para o outro; naquele momento, de repente, lançou-se para diante. Houve um instante em que acreditou que conseguiria escapar. Estava a suar

muito, e as mãos dos rapazes que o seguravam escorregavam. Arroto conseguiu agarrar-lhe o pulso direito, mas por pouco. Ele soltou-se completamente de Victor. Outro impulso...

Antes de conseguir, Henry deu um passo em frente e empurrou-o. Ben voou para trás. A vedação rangeu mais alto desta vez, e ele sentiu-a ceder um pouco sob o seu peso. Arroto e Victor agarraram-no de novo.

— Segurem-no — disse Henry. — Estão a ouvir?

— Claro, Henry — disse Arroto. Parecia um pouco ansioso. — Ele não vai fugir. Não te preocupes.

Henry avançou até a sua barriga achatada se encostar à de Ben. Ben olhou para ele com lágrimas a jorrar dos olhos arregalados. *Preso! Estou preso!*, gritou uma parte da sua mente. Tentou silenciá-la, pois não conseguia pensar com aquela gritaria na cabeça, mas ela não parava. *Preso! Preso! Preso!*

Henry abriu a navalha, cuja lâmina era longa e larga e tinha o seu nome gravado. A ponta brilhou ao sol da tarde.

— Agora vou pôr-te à prova — disse Henry naquele mesmo tom pensativo. — É altura de exames, Tetas, e é melhor que estejas pronto.

Ben chorou. O seu coração batia loucamente no peito. Tinha ranho a escorrer do nariz e a acumular-se no lábio superior. Os livros da biblioteca estavam no chão. Henry pisou *Bulldozer*, olhou para baixo e empurrou-o para a valeta com a bota.

— Esta é a primeira pergunta do exame, Tetas. Quando uma pessoa disser «deixa-me copiar», o que vais dizer?

— Sim! — exclamou Ben imediatamente. — Vou dizer sim! Claro! Tudo bem! Copia o que quiseres!

A ponta da faca atravessou cinco centímetros de ar e tocou na barriga de Ben. Estava fria como uma cuvete de gelo saída do congelador. Ben encolheu a barriga. Por um momento, o mundo ficou cinzento. A boca de



Henry estava a mover-se, mas Ben não conseguia ouvir o que ele dizia. Parecia que Henry era uma televisão sem som, e o mundo estava a oscilar... a oscilar...

*Não te atrevas a desmaiar!*, gritou a voz em pânico. *Se desmaiases, ele pode ficar suficientemente zangado para te matar!*

O mundo voltou a focar-se parcialmente. Viu que Arroto e Victor tinham parado de rir. Pareciam nervosos... dir-se-ia com medo. Ver isso teve o efeito de uma bofetada em Ben. *De repente, não sabem o que ele vai fazer, nem até onde pode ir. O pior que imaginaste é o que está a acontecer ... ou talvez até seja um pouco pior. Tens de pensar. Mesmo que nunca tenhas pensado antes e nunca mais voltes a pensar, é melhor pensares. Porque os olhos dele dizem que os outros estão certos em ficar nervosos. Os olhos dele dizem que é doido varrido.*

— Resposta errada, Tetas — disse Henry. — Se qualquer pessoa disser «deixa-me copiar», estou-me nas tintas para o que fazes. Percebeste?

— Sim — disse Ben, com a barriga a tremer devido aos soluços. — Sim, percebi.

— Certo. Erraste uma, mas ainda faltam as perguntas mais difíceis. Estás pronto?

— Acho... acho que sim.

Um carro aproximou-se lentamente. Era um *Ford* de 1951, sujo, com um casal de idosos nos bancos da frente, semelhantes a dois manequins abandonados. Ben viu a cabeça do idoso virar-se lentamente para ele. Henry aproximou-se mais de Ben e escondeu a navalha. Ben conseguia sentir a ponta a tocar na pele acima do umbigo. Ainda estava fria. Não percebia como era possível, mas estava.

— Vá, grita — disse Henry. — Vais apanhar as tripas dos ténis. — Estavam tão perto que poderiam beijar-se. Ben sentia o cheiro doce a pastilha *Juicy Fruit* no hálito de Henry.

O carro passou e seguiu por Kansas Street tão lento e sereno como num desfile oficial.

— Muito bem, Tetas, aqui está a segunda pergunta. Se eu disse «deixame copiar» nos exames, o que vais dizer?

— Sim. Vou dizer que sim. Logo.

Henry sorriu.

— Ótimo. Acertaste nessa, Tetas. Agora vem a terceira pergunta: como vou ter a certeza de que nunca irás esquecer isso?

— Não... não sei — sussurrou Ben.

Henry sorriu. O seu rosto iluminou-se e ficou quase bonito por um momento.

— Mas eu sei! — exclamou ele, como se tivesse descoberto uma grande verdade. — Eu sei, Tetas! Vou escrever o meu nome na tua barriga gorda!

Victor e Arroto começaram a rir de novo abruptamente. Por um momento, Ben sentiu uma espécie de alívio desnorteado, pensando que tudo não tinha passado de um faz de conta, de um pequeno susto que os três tinham preparado para o deixar apavorado. Mas Henry Bowers não estava a rir, e Ben percebeu de repente que Victor e Arroto se riam porque *estavam* aliviados. Era óbvio para os dois que Henry não podia estar a falar a sério. Mas *estava*.

A navalha deslizou para cima, suave como manteiga. O sangue surgiu numa linha vermelha de cor intensa na pele pálida de Ben.

— Ei! — gritou Victor. O som saiu abafado, assustado.

— Segurem-no! — rosnou Henry. — Segurem-no, estão a ouvir? — Não havia nada sério e pensativo no rosto de Henry; era o rosto retorcido de um demónio.

— *Meu Deus, Henry, não o cortes a sério!* — gritou Arroto, e a voz dele era aguda, semelhante à de uma rapariga.

A partir desse momento as coisas precipitaram-se, mas para Ben Hanscom foram muito lentas; tudo pareceu acontecer numa série de instantâneos, como fotogramas numa reportagem da revista *Life*. O pânico desapareceu. Descobriu de repente uma coisa dentro de si, e como o pânico não lhe era útil, essa coisa simplesmente comeu o pânico de uma assentada.

No primeiro instantâneo, Henry levantara-lhe a camisola até aos mamilos. O sangue escorria do corte vertical superficial acima do umbigo.

No segundo instantâneo, Henry baixou de novo a navalha e operou rapidamente, como um cirurgião alucinado sob um bombardeamento aéreo. Escorreu mais sangue.

*Para trás*, pensou Ben friamente enquanto o sangue escorria e se acumulava entre o cóis das calças de ganga e a pele. *Tenho de ir para trás. É a única direção na qual posso fugir.* Arroto e Victor já não estavam a segurá-lo. Apesar da ordem de Henry, tinham-se afastado. Tinham-se afastado horrorizados. Mas, se corresse, Bowers iria apanhá-lo.

No terceiro instantâneo, Henry uniu os dois cortes verticais com uma linha curta horizontal. Ben conseguia sentir o sangue a escorrer para as cuecas, e uma linha viscosa descia lenta como um caracol pela coxa esquerda.

Henry inclinou-se para trás por um momento e franziu a testa com a concentração estudada de um artista a pintar uma paisagem. *Depois do H vem o E*, pensou Ben, e isso foi o suficiente para o pôr em movimento. Inclinou o corpo um pouco para a frente e Henry empurrou-o para trás. Ben fez força com as pernas, acrescentando a sua força à de Henry. Bateu na vedação branca que separava Kansas Street da ladeira que levava aos Barrens. Ao fazer isso, levantou o pé direito e apoiou-o na barriga de Henry. Não foi um ato de retaliação; Ben só queria aumentar a força do seu impulso. Mas quando viu a expressão de pura surpresa no rosto de Henry, foi inundado por uma alegria límpida e selvagem, uma sensação tão intensa

que, por uma fração de segundo, pensou que o cimo da sua cabeça fosse soltar-se.

Em seguida, ouviu-se um estalido quando a madeira da cerca se partiu. Ben viu Victor e Arroto agarrarem Henry antes que caísse de cu na valeta ao lado dos restos de *Bulldozer*, e então caiu para trás. Caiu com um grito que era parcialmente uma gargalhada.

Bateu com as costas e o traseiro na ladeira logo abaixo do cano que tinha visto antes. Ainda bem que aterrou abaixo; se tivesse caído em cima dele, podia ter partido a coluna. Assim, acabou por cair num colchão áspero de ervas e fetos e praticamente não sentiu o impacto. Deu uma cambalhota para trás, com os pés e as pernas a passarem por cima da cabeça. Aterrou sentado e deslizou de costas, como uma criança num escorrega, a camisola puxada até ao pescoço, as mãos a tentarem agarrar-se a alguma coisa, mas só conseguindo arrancar mãos-cheias de abetos e outras ervas.

Viu o cimo do declive (parecia impossível que tivesse lá estado um pouco antes) afastar-se com a velocidade louca de um desenho animado. Viu Victor e Arroto, os rostos redondos com a boca em formato de O, a olharem para ele. Teve tempo de lamentar a perda dos livros da biblioteca. Em seguida, bateu em qualquer coisa com uma força agonizante e, por um triz, não cortou a língua ao meio.

Era uma árvore caída, e interrompeu a queda de Bem, quase lhe partindo a perna esquerda. Ele rastejou um pouco ladeira acima e soltou a perna com um gemido. A árvore fizera-o parar a meio da descida. Abaixo, os arbustos eram mais densos. A água que caía do cano passava sobre as suas mãos em riachos finos.

Houve um grito vindo de cima. Ben ergueu o olhar de novo e viu Henry Bowers voar por cima da cerca, com a navalha entre os dentes. Aterrou de pé, com o corpo inclinado para trás para poder equilibrar-se. Deslizou até ao

fim de umas pegadas gigantescas e começou a correr pela ladeira numa série de saltos de canguru.

— ‘Ou ma-á-e, e-as! — gritou Henry com a faca na boca, e Ben não precisou de um intérprete das Nações Unidas para saber que Henry estava a dizer «Vou matar-te, Tetas». — ‘Ou ma-á-e, orra!

Com aquele olho frio de general que descobrira lá em cima no passeio, Ben viu o que tinha de fazer. Conseguiu pôr-se em pé pouco antes de Henry chegar, com a navalha na mão e esticada à frente do corpo como uma baioneta. Ben apercebia-se vagamente ciente de que tinha a perna esquerda das calças de ganga rasgada e de que a sua perna sangrava bastante mais do que a barriga... mas ela sustinha-o, e isso significava que não estava partida. Pelo menos, ele *esperava* que significasse isso.

Ben agachou-se um pouco para manter o equilíbrio precário e, quando Henry o agarrou com uma das mãos e descreveu um arco com a faca com a outra, Ben deu um passo para o lado. Perdeu o equilíbrio, mas, ao cair, esticou a perna esquerda magoada. As canelas de Henry bateram nela, e as suas pernas foram derrubadas com grande eficácia. Por um momento, Ben ficou boquiaberto, o seu terror dominado por uma mistura de assombro e admiração. Henry Bowers pareceu voar exatamente como o Super-Homem por cima da árvore caída onde Ben tinha parado. Tinha os braços esticados à frente do corpo, tal como George Reeves esticava os braços na série televisiva. Só que George Reeves fazia sempre parecer que voar era tão natural como tomar banho ou almoçar no alpendre das traseiras. Henry parecia que tinha um atiçador em brasa no cu. A sua boca abria e fechava. Um fio de saliva escorreu pelo canto e Ben viu-o atingir-lhe o lóbulo da orelha.

Em seguida, Henry caiu ao chão. A faca voou-lhe da mão. Ele rolou sobre um dos ombros, caiu de costas e deslizou até aos arbustos com as pernas abertas em V. Houve um grito. Um baque. E silêncio.

Ben sentou-se, atordoado e a olhar para o sítio nos arbustos onde Henry desaparecera. De repente, pedras e seixos começaram a cair à sua volta. Olhou para cima de novo. Victor e Arroto estavam a descer o declive. Moviam-se com mais cuidado do que Henry, e, portanto, mais devagar, mas alcançá-lo-iam dali a trinta segundos ou menos se ele não fizesse alguma coisa.

Ben gemeu. Aquela loucura nunca mais iria acabar?

Atento a eles, transpôs a árvore caída e começou a descer a ladeira, ofegando intensamente. Doía-lhe o flanco. A língua também. Os arbustos eram quase da sua altura. O cheiro verde intenso de coisas a crescer sem controlo encheu o seu nariz. Conseguia ouvir água a correr algures ali perto, passando por cima de pedras e entre elas.

Os seus pés escorregaram e lá foi ele de novo, a rolar e a deslizar. Bateu com as costas da mão numa pedra saliente, passou pelo meio de espinhos que arrancaram bocados azuis de algodão da sua camisola e pequenos bocados de carne das suas mãos e bochechas.

Parou de repente ainda sentado, com os pés na água. Havia um riacho curvo que descia por um aglomerado de árvores à sua direita; o interior parecia escuro como uma gruta. Olhou para a esquerda e viu Henry Bowers deitado de costas no meio do riacho. Os olhos entreabertos só deixavam a parte branca à mostra. O sangue que escorria de um dos ouvidos fluía até Ben em volutas delicadas.

*Oh meu Deus matei-o! Oh meu Deus sou um assassino! Oh meu Deus!*

Esquecendo-se de que Arroto e Victor estavam atrás dele (ou talvez entendendo que perderiam todo o interesse em dar-lhe uma tarefa quando descobrissem que o seu Destemido Líder estava morto), Ben correu seis metros riacho acima até onde Henry estava, com a camisa em frangalhos, as calças de ganga encharcadas e escuras, sem um dos sapatos. Estava vagamente ciente de que também sobrara pouca coisa da sua própria roupa

e que o seu corpo era um chocalho de dores. O tornozelo esquerdo era o pior; já tinha inchado e apertava o ténis encharcado e, para evitar as dores, Ben não andava, mas oscilava como um marinheiro em terra firme pela primeira vez depois de uma longa temporada no mar.

Debruçou-se sobre Henry Bowers. Os olhos de Henry abriram-se. Ele agarrou no tornozelo de Ben com a mão arranhada e ensanguentada. A sua boca mexeu-se, e apesar de ter saído dela apenas uma série de aspirações sibilantes, Ben *ainda* conseguiu perceber o que ele estava a dizer: «Vou matar-te, gordo de merda.»

Henry estava a tentar levantar-se, usando a perna de Ben como apoio. Ben recuou freneticamente. A mão de Henry deslizou e soltou-o. Ben voou para trás, girou os braços e caiu sobre o traseiro pela terceira vez nos últimos quatro minutos, um recorde. Também mordeu a língua de novo. Água elevou-se à sua volta. Por um instante, um arco-íris brilhou diante dos seus olhos. Estava-se nas tintas para o arco-íris. Estava-se nas tintas para encontrar o pote de ouro. Contentar-se-ia em manter a sua vidinha infeliz e gorda.

Henry rolou. Tentou levantar-se. Caiu. Conseguiu pôr-se de gatas. E finalmente ergueu-se a cambalear. Olhou para Ben com aqueles olhos negros. A parte da frente do cabelo estava a apontar para todos os lados, como estopa depois de um vento forte.

Ben sentiu-se de repente zangado. Não, era mais do que zangado. Estava *furioso*. Estivera a andar com os livros da biblioteca debaixo do braço, a ter um inocente sonho acordado em que beijava Beverly Marsh, sem incomodar ninguém. E olhem para aquilo. *Olhem*. Calças rasgadas. Tornozelo esquerdo talvez partido, ou pelo menos torcido, com certeza. Perna toda cortada, língua toda cortada, o monograma da porra do Henry Bowers na barriga. Acham pouco? Mas foi provavelmente a ideia dos livros da biblioteca, pelos quais era responsável, que o fez correr na direção de

Henry Bowers. Os livros de biblioteca perdidos e a imagem mental do olhar reprovador da senhora Starrett quando lhe contasse. Fosse qual fosse o motivo (cortes, entorse, livros da biblioteca, ou até a ideia do boletim das notas molhado e provavelmente ilegível no bolso de trás), foi o bastante para o pôr em movimento. Correu para a frente, com os *Keds* molhados a chapinhar a água rasa, e deu um pontapé a Henry nos tomates.

Henry soltou um grito rouco horrível que fez os pássaros levantarem voo das árvores. Ficou de pernas abertas por um momento, as mãos nas virilhas, a olhar para Ben com incredulidade.

— Ug — disse ele em voz baixa.

— Certo — disse Ben.

— Ug — disse Henry, em voz ainda mais baixa.

— Certo — disse Ben de novo.

Henry caiu lentamente de joelhos, não exatamente a cair mas a dobrar-se. Ainda estava a olhar para Ben com aqueles olhos negros e descrentes.

— Ug.

— *Podes crer* — disse Ben.

Henry caiu de lado, ainda agarrado aos testículos, e começou a rolar lentamente de um lado para o outro.

— Ug! — gemeu Henry. — Os meus tomates. Ug! Deste-me cabo dos tomates. Ug-ug! — Começava a recuperar um pouco as forças, e Ben começou a recuar um passo de cada vez. Estava enojado com o que tinha feito, mas também tomado por um fascínio virtuoso e paralisante. — Ug! Os meus colhões... ug, UG!... oh, os meus TOMATES!

Ben podia ter ficado ali por uma quantidade indefinida de tempo, talvez mesmo até Henry recuperar o bastante para ir atrás dele, mas uma pedra atingiu-o acima da orelha direita, provocando uma dor tão intensa e profunda que, até sentir o sangue quente a fluir de novo, pensou ter sido picado por uma vespa.



Virou-se e viu os outros dois virem pelo riacho na direção dele. Cada um tinha na mão um punhado de seixos arredondados pela água. Victor lançou um, e Ben ouviu-o assobiar junto à sua orelha. Baixou-se e outro bateu-lhe no joelho direito, fazendo-o gritar de dor e surpresa. Um terceiro acertou-lhe na bochecha direita, e o olho acima encheu-se de lágrimas.

Cambaleou até à margem mais distante e subiu o mais depressa que conseguiu, segurando-se a raízes e plantas. Conseguiu chegar ao cimo (uma última pedra atingiu-lhe o traseiro enquanto se erguia) e olhou rapidamente por cima do ombro.

Arroto estava ajoelhado ao lado de Henry e Victor a uns dois metros a atirar pedras; uma do tamanho de uma bola de basebol bateu no arbusto alto ao lado de Ben. Já tinha visto o suficiente; na verdade, tinha visto mais do que suficiente. O pior de tudo era que Henry Bowers estava a levantar-se de novo. Tal como o *Timex* de Ben, Henry conseguia levar uma tarefa e continuar a funcionar. Ben virou-se e abriu caminho entre os arbustos, na direção que esperava fosse o oeste. Se conseguisse atravessar para o lado de Old Cape dos Barrens, podia mendigar uma moeda a alguém e apanhar o autocarro para casa. E quando lá chegasse, trancaria a porta, enfiaria aquela roupa rasgada e manchada de sangue no fundo do caixote do lixo, e aquele sonho louco acabaria finalmente. Imaginou-se sentado no sofá da sala, depois de um banho, com o roupão vermelho felpudo, a ver desenhos animados do Daffy Duck no *The Mighty Ninety* e a beber leite por uma palhinha com sabor a morango. *Agarra-te a esse pensamento*, disse a si próprio carrancudo, e continuou a avançar.

Os arbustos bateram-lhe no rosto. Ben empurrou-os para o lado. Os espinhos arranharam-no. Ele tentou ignorá-los. Chegou a uma zona plana com terra preta e lodosa. Cresciam nela umas plantas semelhantes a bambu, e um odor fétido subia da terra. Um pensamento sinistro

(*areia movediça*)

cruzou a sua mente como uma sombra quando ele olhou para a água parada sob os bambus. Não queria entrar ali. Mesmo que não fosse areia movediça, a lama arrancaria os seus ténis. Virou à direita, ao longo da zona de bambus, e chegou a um bosque.

As árvores, abetos na sua maioria, eram grossas, cresciam por todo o lado e pareciam lutar umas com as outras por um pouco de espaço e sol, mas havia menos vegetação rasteira e ele conseguia deslocar-se mais depressa. Já não sabia em que direção seguia, mas ainda achava que estava em vantagem. Os Barrens eram rodeados por Derry de três lados e pela via rápida inacabada no quarto. Mais tarde ou mais cedo, chegaria a algum lado.

A sua barriga latejava dolorosamente, e ele levantou os restos da camisola para ver. Fez uma careta e silvou. O que viu parecia uma grotesca bola de Natal, coberta de sangue vermelho e manchada de verde devido à escorregadela pelo barranco. Voltou a baixar a camisola. Olhar para aquilo deu-lhe vontade de vomitar o almoço.

Então ouviu um sussurro baixo vindo da frente. Era uma nota firme logo acima da sua capacidade auditiva. Um adulto, decidido apenas a sair dali o mais depressa possível (os mosquitos já tinham encontrado Ben, e apesar de não serem nada grandes como pardais, eram bastante grandes), tê-lo-ia ignorado, ou simplesmente não o ouviria. Mas Ben era um rapaz, e já estava a superar o medo. Desviou-se para a esquerda e avançou pelo meio de loureiros. A seguir a eles, elevando-se do solo, via-se a extremidade de um cilindro de cimento com cerca de metro e vinte de largura e um metro de altura. Tinha uma tampa de ferro com orifícios. Na tampa podia ler-se DEPTO. DE ESGOTOS DE DERRY. O som (assim tão perto era mais um zumbido do que um sussurro), vinha de algures lá dentro.

Ben encostou um olho a um dos orifícios, mas não conseguiu ver nada. Ouvia o zumbido e água a correr algures lá em baixo, mas mais nada.

Respirou fundo, sentiu um aroma azedo que era ao mesmo tempo húmido e nauseabundo, e recuou com uma careta. Era um esgoto, só isso. Ou talvez uma combinação de esgoto e túnel de drenagem — havia muito disso na Derry atenta a inundações. Nada de especial. Mas fizera-o sentir um arrepio estranho. Em parte, era por ver o trabalho do homem naquela zona meio selvagem, mas achava que em parte fora o formato da coisa em si, aquele cilindro de betão a elevar-se da terra. Ben tinha lido *A Máquina do Tempo* de H. G. Wells no ano anterior, primeiro a versão aos quadrinhos da Classics Comics e depois o livro todo. Aquele cilindro com a tampa cheia de orifícios lembrava-lhe os poços que levavam ao país dos horríveis e corcundas Morlocks.

Afastou-se rapidamente, tentando encontrar de novo o oeste. Chegou a uma pequena clareira e virou até a sua sombra ficar o mais diretamente atrás de si possível. Depois seguiu em linha reta.

Cinco minutos depois, ouviu mais água corrente à frente, e vozes. Vozes de crianças.

Parou para ouvir, e foi quando se apercebeu de ramos a partirem-se e outras vozes atrás de si. Eram perfeitamente reconhecíveis. Pertenciam a Victor, Arroto e ao próprio Henry Bowers.

Ao que parecia, o pesadelo ainda não tinha terminado.

Ben olhou em volta, à procura de um sítio onde se esconder.

Saiu do esconderijo cerca de duas horas depois, mais sujo do que nunca, mas um nadinha repousado. Por mais incrível que pudesse parecer, tinha passado pelas brasas.

Quando ouvira os três atrás de si, ainda a persegui-lo, Ben estivera perigosamente perto de ficar paralisado, como um animal encadeado pelos faróis de um caminhão. Um torpor paralisante começara a tomar conta dele. Ocorrera-lhe a ideia de se deitar, de se encolher como um ouriço e deixar que eles fizessem o que lhes apetecesse. Era uma ideia louca, mas também parecia uma ideia estranhamente *boa*.

Mas, em vez disso, Ben começou a mover-se na direção do som da água corrente e das outras crianças. Tentou isolar as vozes e identificar a essência do que estavam a dizer, qualquer coisa para afastar aquela aterradora paralisia do espírito. Era sobre um projeto qualquer. Estavam a falar de um projeto. Uma ou duas vozes eram até algo familiares. Houve um som de água, seguido de uma explosão de gargalhadas alegres. As gargalhadas encheram Ben de uma espécie de nostalgia idiota e tornaram-no mais ciente da sua posição perigosa do que qualquer outra coisa.

Se ia ser apanhado, não havia necessidade de deixar que aqueles miúdos passassem pelo mesmo. Ben virou de novo à direita. Como muitas pessoas corpulentas, tinha os passos incrivelmente leves. Passou suficientemente perto dos miúdos para ver as sombras deles moverem-se para a frente e para trás entre ele e a água clara, mas nenhum o viu nem ouviu. Aos poucos, as vozes começaram a ficar para trás.

Chegou a um caminho estreito que tinha sido pisado ao ponto de restar apenas terra nua. Ben refletiu por um momento e abanou um pouco a cabeça. Atravessou-o e penetrou de novo na vegetação. Movia-se mais devagar, empurrando os arbustos para o lado em vez de os pisar de qualquer maneira. Ainda seguia paralelo ao riacho ao lado do qual os outros miúdos brincavam. Mesmo por entre os arbustos e árvores, conseguia ver que era bastante mais largo do que aquele onde ele e Henry tinham caído.

Havia ali outro daqueles cilindros de betão, quase invisível entre um emaranhado de espinhos de amora, a zumbir baixinho. A seguir, uma

escarpa descia até ao riacho, e um ulmeiro retorcido inclinava-se por cima da água. As suas raízes, meio expostas pela erosão do terreno, pareciam cabelo sujo embaraçado.

Esperando que não houvesse insetos nem cobras, mas demasiado cansado e assustado para se ralar, Ben abriu caminho entre as raízes até entrar numa espécie de gruta pouco funda em baixo. Recostou-se. Uma raiz espetou-se nele como um dedo zangado. Mudou um pouco de posição e ela sustentou-o de forma agradável.

Ali vinham Henry, Arroto e Victor. Esperara que eles tivessem preferido seguir pelo carreiro, mas não teve essa sorte. Detiveram-se perto dele um momento; mais um pouco e ele teria conseguido esticar a mão do esconderijo e tocar-lhes.

— Aposto que os ranhosos além atrás o viram — disse Arroto.

— Bem, vamos descobrir — respondeu Henry, e voltaram pelo caminho por onde tinham vindo. Alguns momentos depois, Ben ouviu-o rugir. — Que porra estão aqui a fazer, putos?

Houve uma espécie de resposta, mas Ben não conseguiu percebê-la: os miúdos encontravam-se demasiado longe e, perto como estava, o rio (era o Kenduskeag, claro) era demasiado barulhento. Mas achou que o miúdo pareceu assustado. Como o compreendia.

Em seguida, Victor Criss gritou qualquer coisa que Ben não entendeu:

— Que porra de barragem de bebés!

Barragem de bebés? Barraca de bebés? Ou talvez Victor tenha dito «uma porrada de bebés» e Ben percebesse mal.

— Vamos dar cabo dela! — propôs Arroto.

Houve gritos de protesto seguidos de um grito de dor. Alguém começou a chorar. Sim, Ben compreendia-os muito bem. Não tinham conseguido apanhá-lo (pelo menos, ainda não), mas ali estava outro grupo de miúdos em quem eles podiam descarregar a fúria.

— Claro, vamos dar cabo dela — disse Henry.

Barulho de água. Gritos. Grandes gargalhadas idiotas vindas de Arroto e Victor. Um grito agonizante e furioso de um dos miúdos.

— Não me venhas com merdas, gago do caralho! — disse Henry Bowers. — Não vou aturar mais merdas de ninguém hoje.

Ouviu-se um estalido. O som de água a correr rio abaixo tornou-se mais forte e rugiu antes de voltar ao som anterior, plácido. De repente, Ben compreendeu. Barragem de bebés, sim, fora isso que Victor dissera. Os miúdos (tinham parecido dois ou três quando ele passara) tinham estado a construir uma represa. Henry e os amigos tinham-na destruído ao pontapé. Ben pensou que até sabia quem era um dos miúdos. O único «gago do caralho» que ele conhecia na escola era Bill Denbrough, que andava na outra turma de quinto ano.

— Não precisavam de ter feito isso! — gritou uma voz aguda e temerosa, e Ben reconheceu-a, apesar de não conseguir associar-lhe imediatamente um rosto. — Porque fizeram isso?

— Porque me *apeteceu*, idiota! — gritou Henry. Houve um baque seco. Foi seguido de um grito de dor. O grito foi seguido de choro.

— Cala-te — disse Victor. — Para de chorar, puto, senão puxo-te as orelhas e prendo-tas debaixo do queixo.

O choro transformou-se numa série de fungadelas engasgadas.

— Vamos embora — disse Henry —, mas antes quero saber uma coisa. Viram um puto gordo nos últimos dez minutos, mais ou menos? Um puto grande e gordo todo cortado e cheio de sangue?

Houve uma resposta demasiado curta para ser qualquer coisa diferente de não.

— Tens a certeza? — perguntou Arroto. — É melhor teres, língua de trapos.

— T-t-t-tenho a cer-certeza — respondeu Bill Denbrough.

— Vamos — disse Henry. — Ele deve ter seguido por aquele caminho.

— Inté, putos — disse Victor Criss. — Era mesmo uma barragem de bebês, acreditem. Estão melhor sem ela.

Sons de salpicos na água. A voz de Arroto soou de novo, mas mais longe. Ben não conseguiu distinguir as palavras. Na verdade, não *queria* distingui-las. Mais perto, o miúdo recomeçou a chorar. Houve sons reconfortantes vindos do outro. Ben concluiu que eram só dois, Bill Gago e o chorão.

Ficou meio sentado, meio deitado onde estava, a ouvir os dois rapazes junto ao rio e os sons distantes de Henry e dos amigos dinossauros a caminharem de forma barulhenta para o outro lado dos Barrens. A luz do sol incidiu nos seus olhos e criou pequenos pontos de luz nas raízes emaranhadas acima e em volta dele. O local era sujo, mas também aconchegante... seguro. O som de água corrente era calmante. Até o som do miúdo a chorar era tranquilizante. As suas dores tinham abrandado para uma leve palpitação, e o som dos dinossauros desvanecera-se completamente. Ele esperaria um pouco, só para ter a certeza de que não voltariam, e depois seguiria o seu caminho.

Ouvia o latido da maquinaria de escoamento a vir pela terra. Conseguia até senti-lo: uma vibração baixa e constante que seguia do chão até à raiz na qual ele estava encostado, e também até às suas costas. Pensou de novo nos Morlocks, na sua pele nua; imaginou que teriam o mesmo cheiro do ar húmido e podre que saía pelos orifícios daquela tampa de ferro. Pensou nos poços deles escavados bem fundo na terra, poços com escadas enferrujadas presas de lado. Dormitou e, a certa altura, os seus pensamentos transformaram-se num sonho.

Não foi com os Morlocks que sonhou. Sonhou com a coisa que lhe acontecera em janeiro, a coisa que não conseguira contar à mãe.

Fora no primeiro dia de aulas depois das longas férias de Natal. A senhora Douglas pedira que um voluntário ficasse depois da aula para a ajudar a contar os livros que tinham sido devolvidos antes das férias. Ben levantara a mão.

— Obrigada, Ben — disse a senhora Douglas, brindando-o com um sorriso de tamanho esplendor que o aqueceu até aos dedos dos pés.

— Graxista — comentou Henry Bowers baixinho.

Estivera o tipo de dia de inverno no Maine que é ao mesmo tempo o melhor e o pior: sem nuvens, luminoso a ponto de fazer os olhos lacrimejarem, mas tão frio que era intimidante. Para piorar ainda mais os doze graus abaixo de zero, soprava um vento forte que tornava o gelo penetrante.

Ben contou livros e disse números; a senhora Douglas anotou-os (sem se dar ao trabalho de verificar o trabalho dele, nem sequer de vez em quando, reparou Ben com orgulho), e depois os dois levaram os livros para a sala onde eram guardados em corredores onde os aquecedores estalavam de maneira sonhadora. A princípio, a escola estivera cheia de sons: portas de cacifos a bater, o matraquear da máquina de escrever da senhora Thomas na secretaria, as canções ligeiramente desafinadas do coro no andar de cima, o som nervoso das bolas de basquete no ginásio e dos ténis dos jogadores a correrem em direção aos cestos ou a fazerem fintas no chão de madeira encerada.

Pouco a pouco, esses sons foram cessando, até que, quando a última pilha de livros foi adicionada (faltava um, mas não importava muito, suspirou a senhora Douglas — estavam todos em péssimo estado, realmente), os únicos sons eram os dos aquecedores, o sussurro da vassoura



do senhor Fazio enquanto varria serradura colorida pelo chão do corredor e o uivo do vento lá fora.

Ben olhou para a única janela estreita da sala dos livros e viu que a luz estava a abandonar rapidamente o céu. Eram quatro da tarde e o anoitecer chegava. Membranas de neve seca voavam por entre as barras para trepar e giravam entre os arre-burrinhos, que estavam congelados e colados no chão. Só o degelo de abril partiria a soldadura do inverno. Não viu ninguém em Jackson Street. Olhou por mais um momento, esperando que um carro passasse pelo cruzamento da Jackson com a Witcham, mas nenhum passou. Todos em Derry menos ele e a senhora Douglas poderiam estar mortos ou terem fugido, pelo menos pelo que ele podia ver dali.

Olhou na direção da professora e viu, com um toque de medo verdadeiro, que ela estava a sentir quase exatamente a mesma coisa que ele. Percebia-o pelos olhos dela, que estavam encovados, pensativos e distantes; não os olhos de uma professora na casa dos quarenta, mas os de uma criança. Unira as mãos abaixo dos seios, como que a rezar.

*Tenho medo, pensou Ben, e ela também. Mas de que temos realmente medo?*

Não sabia. Então a professora olhou para ele e soltou uma gargalhada curta e constrangida.

— Mantive-te aqui demasiado tempo — disse ela. — Desculpa, Ben.

— Tudo bem. — Ele olhou para os sapatos. Amava-a um pouco. Não com o amor sincero e inquestionável que sentira pela senhora Thibodeau, a professora do primeiro ano... mas *amava-a*, sim.

— Se eu conduzisse, dava-te boleia — disse ela —, mas não conduzo. O meu marido vem buscar-me às cinco menos um quarto. Se quiseres esperar, podemos...

— Não, obrigado — disse Ben. — Tenho de chegar a casa antes disso. — Não era bem verdade, mas sentia uma aversão estranha à ideia de

conhecer o marido da senhora Douglas.

— Talvez a tua mãe pudesse...

— Ela também não conduz — disse Ben. — Eu fico bem. São só dois quilómetros até casa.

— Dois quilómetros não é longe quando o tempo está bom, mas pode sê-lo com este frio. Entra nalgum sítio se arrefeceres muito, combinado, Ben?

— Ah, claro. Posso entrar no mercado Costello e aquecer-me junto à salamandra durante algum tempo, ou coisa parecida. O senhor Gedreau não se importa. E tenho as minhas calças da neve. O meu cachecol novo do Natal também.

A senhora Douglas pareceu um pouco mais descansada... mas então olhou para a janela de novo.

— É que parece estar tanto frio lá fora — disse ela. — Tão... tão adverso.

Ele não conhecia a palavra, mas sabia exatamente o que ela queria dizer. Alguma coisa tinha acabado de acontecer... o quê?

Percebeu que a vira como pessoa em vez de apenas professora. Fora isso que acontecera. De repente, viu o rosto dela de uma forma completamente diferente e, por causa disso, tornou-se um novo rosto, o rosto de uma poetisa cansada. Conseguia vê-la a ir para casa com o marido, sentada ao lado dele no carro com as mãos fechadas enquanto o aquecimento sibilava e ele falava sobre o seu dia. Conseguia vê-la a fazer o jantar. Um pensamento estranho cruzou a sua mente, e uma pergunta trivial surgiu nos lábios dele: «Tem filhos, senhora Douglas?»

— Nesta altura do ano costumo pensar que as pessoas não foram feitas para viver tão a norte do equador — disse ela. — Pelo menos, nesta latitude.

Em seguida, sorriu, e um pouco da estranheza desapareceu do seu rosto ou dos olhos de Ben; conseguiu vê-la, pelo menos parcialmente, como sempre vira. *Mas nunca mais vais vê-la assim de novo, não completamente*, pensou ele consternado.

— Vou sentir-me velha até à primavera, e depois outra vez nova. É assim todos os anos. Tens a certeza de que ficas bem, Ben?

— Claro.

— Sim, acho que ficas. És um bom rapaz, Ben.

Ele olhou para os pés, corando, amando-a mais do que nunca.

No corredor, o senhor Fazio disse:

— Tem cuidado com as frieiras, rapaz.

Nem levantou o olhar da serradura vermelha.

— Terei.

Chegou ao seu cacifo, abriu-o e vestiu as calças de neve. Tinha ficado brutalmente infeliz quando a mãe insistira que ele as usasse de novo aquele inverno nos dias especialmente frios, porque as considerava roupa de bebé, mas alegrou-se por tê-las naquela tarde. Foi devagar até à porta, fechando o casaco e puxando os cordões do capuz com força, calçando as luvas. Saiu e ficou no degrau de cima coberto de neve das escadas por um momento, ouvindo a porta fechar-se e trancar-se atrás dele.

A escola erguia-se sob um céu da cor de um hematoma. O vento soprava sem pausa. Os ganchos da corda batiam com um som solitário no próprio mastro de aço. O vento cortou imediatamente a pele quente e despreparada do rosto de Ben, entorpecendo as suas faces.

*Tem cuidado com as frieiras, rapaz.*

Apressou-se a enrolar o cachecol até parecer uma caricatura pequena e gorducha do Red Ryder. Aquele céu escuro tinha uma espécie de beleza fantástica, mas Ben não parou para a admirar; estava demasiado frio para isso. Seguiu em frente.

A princípio, o vento estava nas suas costas, e as coisas não foram muito más; na verdade, parecia estar a ajudá-lo a avançar. Mas, em Canal Street, teve de virar à direita, quase diretamente contra o vento. Este parecia estar a retê-lo... como se tivesse alguma coisa contra ele. O cachecol ajudou um pouco, mas não o suficiente. Os seus olhos latejaram, e a humidade do nariz congelou até estalar. As pernas começavam a ficar dormentes. Enfiou várias vezes as mãos enluvadas nas axilas para as aquecer. O vento gritava, parecendo por vezes humano.

Ben sentiu medo e euforia. Medo porque conseguia entender histórias que tinha lido, como *A Fogueira*, de Jack London, na qual as pessoas morriam geladas. Seria bem possível gelar até à morte numa noite como aquela, uma noite em que as temperaturas desceriam até aos vinte e seis negativos.

A euforia era difícil de explicar. Era uma sensação solitária, algo melancólica. Ele estava ao ar livre; passava nas asas do vento, e nenhuma das pessoas atrás dos quadrados iluminados das janelas o via. Estavam lá dentro, onde havia luz e calor. Não sabiam que ele passara por elas; só ele sabia. Era uma coisa secreta.

O ar em movimento queimava como agulhas, mas era fresco e limpo. Do seu nariz saía fumo branco em nuvens perfeitas.

E, quando veio o pôr do Sol, com o dia a terminar numa linha amarelo-alaranjada no horizonte a oeste e as primeiras estrelas como diamantes cruéis a brilharem no céu, chegou ao canal. Só estava a três quarteirões de casa e ansiava por sentir o calor no rosto e nas pernas, o sangue em movimento de novo, fazendo-o formigar.

Ainda assim... fez uma pausa.

O canal estava congelado entre as paredes de betão como um rio gelado de leite, com a superfície irregular, rachada e enevoadada. Estava imóvel, mas

completamente vivo na luz cruel e puritana do inverno; tinha a sua própria beleza única e difícil.

Ben virou para o outro lado, sudoeste. Para os Barrens. Quando olhou nessa direção, o vento ficou de novo nas suas costas. Agitava-lhe as calças de neve. O canal seguia a direito entre as paredes de betão talvez durante uns oitocentos metros; depois, o betão desaparecia e o rio alargava-se para os Barrens, naquela altura do ano um mundo esquelético de arbustos de gelo e ramos nus.

Havia uma pessoa no gelo lá em baixo.

Ben observou-a e pensou: *Talvez haja um homem lá em baixo, mas poderá ele estar a usar o que parece? É impossível, não é?*

A pessoa usava o que parecia ser um fato de palhaço branco-prateado. Agitava-se em volta dele com o vento polar. Havia sapatos laranja enormes nos seus pés. Combinavam com os botões de pompom na parte da frente da roupa. Uma das mãos segurava vários cordéis, que seguiam até um monte colorido de balões e, quando Ben observou que os balões vinham a flutuar na sua direção, sentiu a irreabilidade tomar conta dele com mais força. Fechou os olhos, esfregou-os, abriu-os. Os balões ainda pareciam estar a vir em direção a si.

Ouviu a voz do senhor Fazio na cabeça. «Tem cuidado com as frieiras, rapaz.»

Tinha de ser uma alucinação ou uma miragem criada por algum efeito estranho do clima. Podia haver um homem lá em baixo no gelo; achava que era até tecnicamente possível que usasse roupa de palhaço. Mas os balões não podiam estar a flutuar na direção de Ben, *contra* o vento. No entanto, era isso que pareciam estar a fazer.

*Ben!*, chamou o palhaço no gelo. Ben achou que a voz estava apenas na sua cabeça, embora parecesse ouvi-la com as orelhas. *Queres um balão, Ben?*

Havia algo tão malévolos naquela voz, tão terrível, que Ben quis correr o mais depressa possível, mas os seus pés pareciam tão colados ao passeio como os arre-burrinhos no recreio da escola.

*Eles flutuam, Ben! Todos flutuam! Experimenta um e vê!*

O palhaço começou a andar pelo gelo na direção da ponte do canal, onde Ben estava. Viu-o aproximar-se, sem se mover; viu da mesma forma que um pássaro vê uma cobra aproximar-se. Os balões deviam ter rebentado com o frio intenso, mas não rebentaram; flutuavam acima e à frente do palhaço quando deviam estar a voar para trás dele, tentando regressar aos Barrens... de onde, garantia uma parte da mente de Ben, aquela criatura tinha saído.

Ben reparou noutra coisa.

Apesar de a última luz do dia ter lançado um brilho rosado no gelo do canal, o palhaço não tinha sombra. Nenhuma.

*Vais gostar disto aqui, Ben,* disse o palhaço. Estava suficientemente perto para Ben conseguir ouvir o som dos sapatos engraçados no gelo irregular. *Vais gostar disto aqui, prometo, todos os meninos e meninas que conheço gostam, porque é a ilha dos Prazeres do Pinóquio e a Terra do Nunca do Peter Pan; nunca precisam de crescer e é isso que as crianças querem! Então anda! Vê as vistas, agarra um balão, dá de comer aos elefantes, anda na montanha-russa! Ah, vais gostar, e oh, Ben, vais flutuar...*

E, apesar do medo, Ben sentiu que uma parte de si *queria* um balão. Quem é que tinha um balão que flutuava contra o vento? Quem *ouvira* falar numa coisa assim? Sim... ele queria um balão, e queria ver o rosto do palhaço, que estava inclinado contra o vento, como que para se proteger.

O que teria acontecido se o apito das cinco da tarde no telhado da Câmara de Derry não tivesse tocado naquele momento? Ben não sabia... não queria saber. O importante era que *tocara*, um som perfurante que

penetrou o intenso frio invernal. O palhaço ergueu o olhar, como que sobressaltado, e Ben viu-lhe a cara.

*A múmia! Oh, meu Deus é a múmia!*, foi o seu primeiro pensamento, acompanhado de um horror vertiginoso que o fez apertar as mãos com força no parapeito da ponte para não desmaiar. Claro que não era a múmia, *não podia* ser a múmia. Ah, existiam múmias egípcias, muitas delas, ele sabia isso, mas o seu primeiro pensamento foi que era *a* múmia, o monstro empoeirado interpretado por Boris Karloff no velho filme que ele ficara acordado até tarde para ver no mês anterior.

Não, não era *essa* múmia, não podia ser, os monstros de filmes não eram reais, toda a gente sabia disso, até as crianças. Mas...

O palhaço não usava maquiagem, tão-pouco estava enrolado em ligaduras. *Havia* ligaduras, a maior parte em volta do pescoço e dos pulsos, a esvoaçar ao vento, mas Ben conseguia ver o rosto do palhaço claramente. Tinha rugas profundas, a pele como um mapa de rugas num pergaminho, faces desgarradas, carne árida. A pele da testa estava fendida, mas sem sangue. Lábios mortos sorriam sobre um maxilar nos quais os dentes se inclinavam como lápides. As gengivas eram esburacadas e negras. Ben não conseguia ver os olhos, mas alguma coisa brilhava no interior dos buracos negros como carvão, alguma coisa como as pedras preciosas frias nos olhos dos escaravelhos egípcios. E apesar de o vento soprar para o lado errado, parecia-lhe que conseguia sentir o aroma a canela e especiarias, mortalhas apodrecidas tratadas com drogas estranhas, areia, sangue tão antigo que tinha secado e se transformara em escamas e grãos de ferrugem...

*Todos flutuamos aqui em baixo*, grasnou a múmia-palhaço, e Ben deu-se conta com horror renovado de que ele tinha chegado à ponte, estava abaixo de si, esticando a mão seca e retorcida da qual pedaços de pele se agitavam como bandeiras, mão essa que deixava à mostra ossos semelhantes a marfim amarelado.

Um dedo quase sem carne acariciou a ponta da sua bota. A paralisia de Ben evaporou-se. Correu pelo resto da ponte com o apito das cinco da tarde ainda a soar nos ouvidos; o som só parou quando ele chegou do outro lado. Tinha de ser uma miragem, *tinha* de ser. O palhaço não podia ter-se deslocado tanto durante um apito de dez ou quinze segundos.

Mas o seu medo não era miragem; nem o eram as lágrimas quentes que surgiram nos seus olhos e congelaram no seu rosto um segundo depois de caírem. Ele correu, com as botas a baterem no passeio, e atrás conseguia ouvir a múmia com roupa de palhaço a subir do canal, com velhas unhas de pedra a arranhar o ferro, velhos tendões a estalarem como dobradiças secas. Conseguia ouvir o sopro árido da sua respiração a entrar e a sair de narinas tão secas como os túneis debaixo da Grande Pirâmide. Conseguia sentir o seu manto de especiarias arenosas e soube que num momento as mãos dele, tão sem carne como as construções geométricas que Ben fazia com os seus brinquedos, desciriam sobre os seus ombros. Iriam virá-lo e ele olharia para aquele rosto enrugado e sorridente. O rio morto da sua respiração sopraria sobre ele. Aquelas órbitas pretas com o brilho profundo inclinar-se-iam sobre ele. A boca sem dentes abrir-se-ia, e ele teria o seu balão. Ah, sim. Todos os balões que quisesse.

Mas quando chegou à esquina da sua rua, a soluçar e sem fôlego, com o coração a bater descompassado nos ouvidos, quando finalmente olhou por cima do ombro, a rua estava vazia. A ponte arqueada com os muros baixos de betão e o antiquado chão de paralelepípedos também estava vazia. Não conseguia ver o canal, mas sentia que, se conseguisse, também não veria nada ali. Não; se a múmia não fora uma alucinação ou uma miragem, se tivesse sido real, estaria à espera debaixo da ponte, como a bruxa na história de *Os Três Cabritinhos*.

Debaixo. Escondida debaixo.



Ben correu para casa, olhando para trás a cada poucos passos, até a porta estar bem fechada e trancada atrás de si. Explicou à mãe, que estava tão cansada depois de um dia particularmente árduo na fábrica que nem sentira muita falta dele, que estivera a ajudar a senhora Douglas a contar livros. Depois, sentou-se para jantar massa e o peru que sobrara do domingo. Comeu três pratadas, e a múmia parecia mais distante e irreal a cada uma. Não era real, essas coisas nunca eram reais, ganhavam vida apenas entre os anúncios dos filmes que passavam tarde ou durante as matinés de sábado, onde, se tivéssemos sorte, podíamos ver dois monstros por vinte e cinco cêntimos e, se tivéssemos mais vinte e cinco cêntimos, podíamos comprar todas as pipocas que conseguíssemos comer.

Não, eles não eram reais. Os monstros da televisão, do cinema e dos livros aos quadrinhos não eram reais. Pelo menos, até irmos para a cama e não conseguirmos dormir; pelo menos até os últimos quatro doces, enrolados em lenços de papel e guardados sob a almofada contra os males da noite, serem comidos; pelo menos até que a cama se transformasse num lago de sonhos horríveis e o vento gritasse lá fora e tivéssemos medo de olhar pela janela porque poderia haver ali um *rosto*, um rosto antigo e sorridente que não apodrecera, mas simplesmente secara como uma folha velha, com os olhos como diamantes enterrados no fundo de órbitas escuras; pelo menos até vermos a mão enrugada como uma garra a segurar vários balões: *Vê as vistas, agarra um balão, alimenta os elefantes, anda na montanha-russa! Ah, vais gostar, e oh, Ben, vais flutuar...*

Ben acordou sobressaltado, com o sonho da múmia ainda na cabeça, em pânico pela escuridão fechada e vibrante em redor. Estremeceu, e a raiz

deixou de sustentá-lo e espetou-o de novo nas costas, como que exasperada.

Viu claridade e seguiu desajeitado na direção dela. Saiu a rastejar para a luz do sol da tarde e o barulho do rio, e tudo voltou ao lugar. Era verão, não inverno. A múmia não o levava para a sua cripta deserta; Ben tinha-se simplesmente escondido dos rapazes grandes num buraco arenoso sob as raízes expostas de uma árvore. Estava nos Barrens. Henry e os amigos tinham-se vingado em dois miúdos que brincavam no rio porque não tinham conseguido encontrar Ben e vingar-se nele. *Inté, putos. Era mesmo uma barragem de bebés, acreditem. Estão melhor sem ela.*

Ben olhou com tristeza para as roupas estragadas. A mãe iria fazê-lo penar no inferno de dezasseis maneiras diferentes.

Dormira o suficiente para ficar hirto. Deslizou pela margem e começou a andar ao lado do rio, fazendo uma careta a cada passo. Era uma mistura de dores e ardências, como se Spike Jones estivesse a tocar uma música rápida com vidro partido dentro da maior parte dos seus músculos. Parecia haver sangue seco ou a secar em cada centímetro exposto de pele. Os miúdos da barragem já se teriam ido embora, consolou-se ele. Não sabia quanto tempo tinha dormido, mas mesmo que tivesse sido só meia hora, o encontro com Henry e os amigos teria convencido Denbrough e o companheiro de que qualquer outro sítio, como por exemplo Tombuctu, seria melhor para a saúde deles.

Ben avançou com dificuldade, sabendo que, se os rapazes grandes voltassem, ele não teria a menor oportunidade de correr. Mas não se ralava.

Descreveu a curva no rio e ficou ali parado um momento, a olhar. Os construtores da barragem ainda ali estavam. Um deles era mesmo Bill Gago Denbrough. Encontrava-se ajoelhado ao lado do outro rapaz, que estava sentado e encostado à margem inclinada do rio. A cabeça do outro rapaz estava tão inclinada para trás que a sua maçã de adão se destacava como uma rolha triangular. Tinha sangue seco em volta do nariz, no queixo e a

escorrer pelo pescoço em dois fios. Segurava uma coisa branca numa das mãos.

Bill Gago olhou em volta bruscamente e viu Ben ali de pé. Este apercebeu-se com consternação de que alguma coisa estava muito errada com o rapaz sentado na margem; Denbrough parecia obviamente apavorado. Pensou muito infeliz: *Será que este dia nunca mais acaba?*

— S-será que podes aju-judar-me? — perguntou Bill Denbrough. — A bo-bobomba dele está v-vazia. Acho que ele p-pode estar...

O seu rosto imobilizou-se, ficou vermelho. Procurou a palavra, a gaguejar como uma metralhadora. Dos seus lábios voou cuspo, e ele levou uns trinta segundos a fazer «m-m-m-m» até Ben se dar conta de que Denbrough estava a tentar dizer que o outro miúdo podia estar a morrer.

## CAPÍTULO 5

### BILL DENBROUGH VENCE O DIABO (I)

#### 1

*Bill Denbrough pensa: Estou praticamente a viajar no espaço; é quase o mesmo que estar dentro de uma bala disparada por uma pistola.*

*A ideia, embora perfeitamente acertada, não é muito reconfortante. Na verdade, durante a primeira hora após a descolagem do Concorde em Heathrow, Bill sentiu um leve ataque de claustrofobia. O avião é estreito, de uma estreiteza inquietante. A refeição é requintada, mas as assistentes de bordo que a servem precisam de se contorcer, de se inclinar e agachar para fazer o serviço; parecem uma trupe de ginastas. Ver esse trabalho cansativo tira um pouco do prazer da comida a Bill, embora o homem sentado ao seu lado não pareça particularmente incomodado.*

*Esse passageiro representa outra desvantagem. É gordo e pouco asseado; pode ter perfume Ted Lapidus na pele, mas por baixo dele Bill deteta os odores inconfundíveis de sujidade e suor. Também não está a ser muito cuidadoso com o cotovelo esquerdo; de vez em quando atinge Bill.*

*Os seus olhos são atraídos continuamente para o painel digital na frente da cabina. Mostra a velocidade a que a bala britânica viaja. Quando o Concorde alcança a velocidade de cruzeiro, ultrapassa um pouco Mach*

2. *Bill tira a caneta do bolso da camisa e usa a ponta para carregar nos botões do relógio digital com calculadora que Audra lhe deu no Natal anterior. Se o medidor de velocidade estiver certo, e Bill não tem motivo nenhum para pensar que não está, então voam a trinta quilómetros por minuto. Não tem a certeza se é uma coisa que queira mesmo saber.*

*Do lado de fora da janela, que é tão pequena e grossa como a janela numa das velhas cápsulas espaciais Mercury, consegue ver um céu que não é azul, mas de um roxo crepuscular, embora estejam a meio do dia. No ponto em que o mar e o céu se encontram, consegue ver que a linha do horizonte fica ligeiramente curva. Estou aqui sentado com um Bloody Mary na mão e o cotovelo de um gordo sujo espetado no meu bíceps, a observar a curvatura da Terra, pensa Bill.*

*Sorri um pouco, pensando que um homem que é capaz de enfrentar uma coisa daquelas não devia ter medo de nada. Mas ele tem medo, e não só de voar a trinta quilómetros por minuto naquela cabina estreita e frágil. Quase consegue sentir Derry a precipitar-se para ele. E essa é exatamente a expressão correta. A trinta quilómetros por minuto ou não, a sensação é a de estar perfeitamente parado enquanto Derry se precipita para ele como um enorme carnívoro que ficou deitado à espera muito tempo e finalmente saiu do esconderijo. Derry, ah, Derry! Vamos escrever uma ode a Derry? O fedor das suas fábricas e dos seus rios? O silêncio majestoso das ruas cheias de árvores? A biblioteca? O reservatório? O Bassey Park? A escola primária?*

*Os Barrens?*

*Estão a acender-se luzes na sua cabeça: grandes holofotes. É como se ele tivesse passado vinte e sete anos sentado num cinema escuro, à espera que alguma coisa acontecesse, e finalmente começou. O cenário a ser revelado passo a passo e holofote a holofote não é uma comédia inocente*

como *O Mundo é Um Manicómio*; para *Bill Denbrough*, parece mais *O Gabinete do Dr. Caligari*.

Todas as histórias que escrevi, *pensa ele com uma espécie de divertimento idiota*. Todos aqueles romances. Derry é a origem de todos; Derry foi a nascente. Surgiram do que aconteceu naquele verão, e do que aconteceu ao George no outono anterior. Tantos entrevistadores me fizeram AQUELA PERGUNTA... e eu dei-lhes a resposta errada.

*O cotovelo do gordo atinge-o de novo, e ele entorna um pouco da bebida. Está prestes a dizer alguma coisa, mas depois reconsidera.*

AQUELA PERGUNTA, claro, era «Onde vai buscar as suas ideias?». Provavelmente todos os escritores de ficção tinham de lhe responder, ou fingir responder, pelo menos duas vezes por semana, mas um tipo como ele, que ganhava a vida a escrever coisas que nunca tinham acontecido e nunca poderiam acontecer, tinha de responder, ou fingir responder, com muito maior frequência.

— Todos os escritores têm um canal de comunicação com o subconsciente — dizia ele aos jornalistas, sem mencionar que, a cada ano que passava, duvidava mais da existência desse subconsciente. — Mas o homem ou mulher que escreve histórias de terror tem um canal que vai mais além, talvez... até ao sub-subconsciente, se quiserem.

*Era uma resposta elegante, mas nunca acreditara nela. Subconsciente? Bem, havia alguma coisa lá dentro, sim, mas Bill achava que as pessoas faziam demasiado alarde em relação a uma função que devia ser o equivalente mental ao lacrimejar quando caía pó nos olhos ou a soltar gases uma hora depois de um grande jantar. A segunda metáfora provavelmente era a melhor, mas não se podia dizer aos entrevistadores que, para nós, coisas como sonhos e anseios vagos e sensações como déjà-vu não passavam de uma série de peidos mentais. Eles pareciam precisar de alguma coisa, todos aqueles jornalistas com os seus cadernos e*

gravadores japoneses, e Bill queria ajudá-los o máximo possível. Sabia que escrever era difícil, um trabalho muito difícil. Não havia necessidade de tornar o deles ainda mais difícil, ao dizer: «Meu amigo, seria o mesmo que perguntar-me “Quem é que se peidou?” e pronto.»

Naquele momento, pensou: Sempre soubeste que estavam a fazer as perguntas erradas, mesmo antes de o Mike ligar; também sabes qual era a pergunta certa. Não de *onde* tiras as ideias, mas *porque* tens essas ideias. Havia um canal, sim, mas não era nem a versão freudiana nem a junguiana do subconsciente que jorrava por ele; nenhum sistema de drenagem interior da mente, nenhuma gruta subterrânea cheia de Morlocks à espera de surgir. Não havia nada do outro lado do canal além de Derry. Só Derry. E...

*... quem está a passar na minha ponte?*

*Ele endireita-se de repente, e desta vez é o seu cotovelo que foge ao controlo; enterra-se no flanco do vizinho gordo por um momento.*

*— Cuidado, amigo — diz o gordo. — O espaço é apertado, sabe?*

*— Se deixar de me espetar com o seu, eu tento deixar de o es-espetar com o m-meu.*

*O gordo lança-lhe olhar azedo, incrédulo, como quem diz: «De que raio está a falar?» Bill simplesmente olha para ele até o gordo afastar o olhar, resmungão.*

*Quem está aí?*

*Quem está a passar na minha ponte?*

*Olha pela janela de novo e pensa: Estamos a vencer o diabo.*

*Sente um formigueiro nos braços e na nuca. Emborca o resto da bebida de um trago. Outra daquelas luzes intensas acendeu-se.*

*Silver. A sua bicicleta. Chamara-lhe isso em homenagem ao cavalo do Mascarilha. Era uma Schwinn grande, com setenta centímetros de altura. «Ainda te matas nisso, Billy», dissera o pai, mas sem preocupação real na voz. Demonstrara pouca preocupação com qualquer coisa desde a morte de*

*George. Antes, fora um homem duro. Justo, mas duro. Depois, dava-se-lhe bem a volta. Fazia gestos paternais, fazia coisas paternais, mas eram apenas gestos e coisas. Era como se estivesse sempre à escuta, para ver se George voltava para casa.*

*Bill vira-a na montra da Bike and Cycle em Center Street. Estava apoiada tristemente no descanso, a maior de todas em exibição, opaca nas partes em que as outras brilhavam, direita nas partes em que as outras eram curvas, curva nas partes em que as outras eram direitas. Preso ao pneu da frente havia um letreiro:*

USADA

Faça a sua oferta

*O que realmente aconteceu foi que Bill entrou e o dono lhe fez uma proposta, que ele aceitou (não saberia negociar com o dono da loja nem que a sua vida dependesse disso), e o preço que o homem pediu, vinte e quatro dólares, pareceu-lhe justo; até mesmo generoso. Pagou a Silver com o dinheiro que andava a juntar havia sete ou oito meses: dinheiro do aniversário, dinheiro do Natal, dinheiro de cortar relva. Estava de olho na bicicleta desde o Dia de Ação de Graças. Pagou-a e levou-a para casa quando que a neve começou a derreter de vez. Era engraçado, porque nunca tinha pensado muito em ter uma bicicleta até ao ano anterior. A ideia pareceu surgir na sua mente de repente, talvez num daqueles dias infinitos depois de George morrer. Melhor dizendo, ter sido morto.*

*De início, Bill quase se matou mesmo. A primeira volta na bicicleta nova acabou com Bill a deixá-la cair de propósito para não chocar de frente numa vedação na ponta de Kossuth Lane (não era tanto o medo de bater na vedação, mas sim de parti-la e cair vinte metros até aos Barrens). Escapou disso com um corte de doze centímetros entre o pulso e o cotovelo*



do braço esquerdo. Menos de uma semana depois, viu-se incapaz de travar suficientemente depressa e atravessou disparado o cruzamento da Witcham com a Jackson a talvez cinquenta quilómetros por hora, um miúdo numa bicicleta cinzento-escuro mastodôntica (Silver era prateada graças a um fortíssimo impulso de imaginação voluntariosa), com cartas de um baralho a matraquear os raios das rodas da frente e de trás num rugido incessante e, se tivesse vindo algum carro, ele estaria morto. Como Georgie.

Foi dominando a Silver aos poucos, à medida que a primavera avançava. Nenhum dos pais reparou durante esse período que ele estava a cortejar a morte numa bicicleta. Bill achou que, depois dos primeiros dias, os pais deixaram de ver a bicicleta; para eles, era apenas uma velharia com tinta lascada que ficava encostada à parede da garagem nos dias chuvosos.

Mas Silver era bem mais do que uma velharia empoeirada. Não parecia grande coisa, mas voava como o vento. O amigo de Bill, o seu único amigo a sério, era um rapaz chamado Eddie Kaspbrak, e Eddie era bom com coisas mecânicas. Ensinara Bill a manter Silver em forma: que parafusos apertar e verificar regularmente, onde lubrificar a corrente, como apertá-la, como remendar um pneu furado.

— Devias pintá-la — lembrava-se de Eddie lhe dizer um dia, mas Bill não queria pintar a Silver. Por motivos que não sabia explicar a si próprio, queria que a Schwinn ficasse como era. A bicicleta era um traste, do tipo que um rapaz descuidado deixava com frequência no relvado à chuva, uma bicicleta que fazia barulhos, estremecia e tinha muito atrito. Parecia um traste, mas voava como o vento. Ela...

— Venceria o diabo — diz Bill em voz alta e ri. O vizinho gordo de assento olha para ele bruscamente; a gargalhada tem uma qualidade de uivo que arrepiou Audra mais cedo.

*Sim, parecia um traste, com a tinta velha e o cestinho antiquado por cima da roda traseira e a buzina com um bolbo de borracha preta; aquela buzina estava fixa de maneira permanente ao guidador com um parafuso enferrujado do tamanho do punho de um bebé. Um grande traste.*

*Mas Silver conseguia andar? Conseguia? Caramba!*

*E ainda bem, porque Silver salvara a vida de Bill Denbrough na quarta semana de junho de 1958, a semana depois de ele conhecer Ben Hanscom, a semana depois de ele, Ben e Eddie construírem a represa, a semana em que Ben, Richie «Fala-Barato» Tozier e Beverly Marsh apareceram nos Barrens depois da matiné de sábado. Richie fora sentado atrás, na bagageira, no dia em que Silver salvara a vida de Bill... portanto supunha que Silver também salvara a de Richie. E lembrava-se da casa da qual tinham estado a fugir. Lembrava-se muito bem. Aquela maldita casa em Neibolt Street.*

*Correra para vencer o diabo naquele dia, ah, sim, com certeza, não tenham a menor dúvida. Um diabo com olhos tão brilhantes como moedas velhas e mortíferas. Um diabo peludo com a boca cheia de dentes ensanguentados. Mas tudo isso veio depois. Se Silver salvara a vida dele e de Richie naquele dia, então talvez tenha salvado a de Eddie Kaspbrak no dia em que Bill e Eddie conheceram Ben ao lado dos restos destruídos da represa nos Barrens. Henry Bowers, que parecia ter sido mergulhado num caixote do lixo, partira o nariz de Eddie, a asma atacara em força e a sua bomba estava vazia. Assim, também fora Silver nessa vez, Silver a salvar o dia.*

*Bill Denbrough, que não montava uma bicicleta há uns dezassete anos, olha pela janela de um avião no qual ninguém teria acreditado, nem mesmo imaginado fora de uma revista de ficção científica, no ano de 1958. Hai-oh, Silver, VAMOOOS!, pensa ele, e tem de fechar os olhos para lutar contra o ardor repentino das lágrimas.*

*O que aconteceu a Silver? Não consegue lembrar-se. Aquela parte do cenário ainda está às escuras; esse holofote ainda tem de ser aceso. Talvez seja melhor assim. Talvez seja um ato de misericórdia.*

*Hai-oh.*

*Hai-oh, Silver.*

*Hai-oh, Silver*

## 2

— VAMOOOS — gritou ele. O vento lançou as palavras por cima do seu ombro como uma fita de papel crepe. Saíram altas e fortes num rugido triunfante. Eram as únicas a sair assim.

Pedalou por Kansas Street na direção da cidade, ganhando velocidade de forma gradual. *Silver* deslizava quando ganhava embalo, mas ganhar embalo dava trabalho. Ver a bicicleta cinzenta ganhar velocidade era um pouco como ver um avião grande na pista antes de levantar. De início, não acreditávamos que uma engenhoca tão grande e oscilante pudesse realmente sair do chão, a ideia era absurda. Mas então víamos a sombra em baixo dele e, antes de termos tempo de nos perguntar se era miragem, a sombra estava atrás do avião e ele levantara voo, abrindo caminho no ar, tão reluzente e gracioso como um sonho numa mente satisfeita.

*Silver* era assim.

Bill chegou a uma ligeira descida e começou a pedalar mais depressa, com as pernas a bombar enquanto inclinava o corpo sobre o quadro. Aprendera rapidamente, depois de ser atingido pelo quadro no pior lugar em que um rapaz pode ser atingido, a puxar as cuecas o mais para cima possível antes de montar *Silver*. No final do verão, ao observar aquele processo, Richie diria: «O Bill faz aquilo porque acha que pode ter filhos

que sobrevivam um dia. Parece-me má ideia, mas, ei! Podem sempre sair à mãe, certo?»

Ele e Eddie tinham baixado o assento o máximo possível, e agora este raspava a sua lombar enquanto pedalava. Uma mulher a arrancar ervas daninhas no jardim protegeu os olhos do sol para o ver passar. Esboçou um pequeno sorriso. O rapaz na bicicleta enorme lembrava-lhe um macaco que vira uma vez montado num monociclo no circo Barnum & Bailey. *Ele ainda se vai matar*, pensou ela, voltando a atenção para o jardim. *Aquela bicicleta é demasiado grande para ele*. Mas isso não era da sua conta.

### 3

Bill tivera o bom senso de não discutir com os rapazes grandes quando eles surgiram dos arbustos com cara de caçadores mal-humorados atrás de uma fera que já ferira um deles. Eddie, porém, abrira a boca impulsivamente, e Henry Bowers descarregara nele.

Bill sabia bem quem eram; Henry, Arroto e Victor eram os piores elementos da escola. Já tinham dado uma tarefa ou duas a Richie Tozier, com quem Bill às vezes brincava. Do ponto de vista de Bill, era em parte culpa de Richie; por alguma coisa era conhecido como Fala-Barato.

Um dia em abril, Richie dissera algo a respeito das golas deles quando os três estavam a passar no pátio da escola. As golas iam levantadas, como a de Vic Morrow em *Sementes de Violência*. Bill, que estivera sentado junto a uma parede ali perto a jogar ao berlinde, não apanhara tudo. Nem Henry e os amigos... mas ouviram o suficiente para se virarem na direção de Richie. Bill achava que Richie tencionara dizer o que dissera em voz baixa. O problema era que Richie não *tinha* voz baixa.

— O que disseste, ó quatro-olhos? — perguntou Victor Criss.

— Não disse nada — respondeu Richie, e essa negação, juntamente com o seu rosto, que parecia sensatamente consternado e assustado, podia ter encerrado tudo. Só que a boca de Richie era um cavalo meio selvagem que tinha por hábito pôr-se a correr sem motivo nenhum. Acrescentou de repente: — Devias tirar a cera dos ouvidos, grandalhão. Queres um pouco de dinamite?

Fitaram-no com incredulidade durante um momento, depois atiraram-se a ele. De onde estava, encostado a uma parede lateral, Bill Gago viu a corrida desigual desde o início ao fim previsível. Não fazia sentido envolver-se; os três idiotas teriam todo o gosto em dar uma tarefa a dois pelo preço de um.

Richie correu na diagonal pelo recreio dos mais pequenos, saltando sobre arre-burrinhos e desviando-se por entre os balouços, dando-se conta de que correra para um beco sem saída apenas quando bateu na vedação de arame entre o recreio e o parque ao lado da escola. Então tentou subir a vedação, com os dedos a agarrarem-se e as pontas dos ténis a procurarem pontos de apoio, e estava a dois terços do cimo quando Henry e Victor o puxaram para baixo, Henry a agarrá-lo pelas costas do blusão e Victor pelos fundilhos das calças. Richie gritava quando o arrancaram da vedação. Aterrou de costas. Os seus óculos voaram. Esticou a mão para eles, e Arroto Huggins deu-lhes um pontapé para longe, e era por isso que estavam remendados com fita adesiva nesse verão.

Bill fizera uma careta e fora até à parte da frente do edifício. Vira a senhora Moran, uma das professoras do quarto ano, já a correr para pôr fim à luta, mas sabia que bateriam muito em Richie até lá e, quando ela chegasse, Richie estaria a chorar. Bebé chorão, bebé chorão, vejam só o bebé chorão.

Bill só tivera pequenos problemas com eles. Gozavam com a sua gaguez, claro. De vez em quando, uma crueldade aleatória acompanhava as

palavras; um dia chuvoso, quando iam almoçar no ginásio, Arroto Huggins fizera voar o saco com o almoço de Bill e pisara-o com a bota, esmagando tudo que havia lá dentro.

— Oh, b-b-bolas! — gritara Arroto com horror falso, levantando as mãos e agitando-as em volta da cara. — De-de-desculpa o que a-a-aconteceu ao teu al-al-almoço, cara de c-c-cu. — E gingara pelo corredor em direção a Victor Criss, encostado ao bebedouro junto à casa de banho dos rapazes, quase a mijar-se a rir. Mas isso não foi muito mau; Bill comera metade da sanduíche de manteiga de amendoim com geleia de Eddie Kaspbrak, e Richie ficou feliz em lhe dar o ovo recheado que a mãe lhe metia na lancheira dia sim, dia não, e lhe dava ânsias de vômito, dizia ele.

Mas uma pessoa tinha de se manter longe deles e, se não conseguisse, precisava de tentar ser invisível.

Eddie esquecera as regras, então eles tinham-lhe batido.

Não estava muito mal até os rapazes grandes descerem o rio e passarem para o outro lado, apesar de o nariz sangrar como uma fonte. Quando o lenço de Eddie ficou ensopado, Bill deu-lhe o seu e fê-lo colocar uma mão na nuca e inclinar a cabeça para trás. Bill lembrava-se de a mãe mandar Georgie fazer isso, porque Georgie às vezes tinha hemorragias nasais...

Oh, mas doía muito pensar em Georgie.

Só quando os passos de búfalo dos rapazes grandes deixaram de se ouvir pelos Barrens e a hemorragia de Eddie parou é que a asma decidiu atacar. Eddie começou a arfar em busca de ar, com as mãos a abrirem-se e fecharem-se como armadilhas, a respiração a silvar na garganta.

— Merda! — ofegou Eddie. — Asma! Porra!

Tateou em busca da bomba e lá conseguiu tirá-lo do bolso. Assemelhava-se a um frasco de limpa-vidros, daqueles com o borrifador em cima. Enfiou-o na boca e apertou o gatilho.

— Melhor? — perguntou Bill com ansiedade.

— Não. Está vazio. — Eddie olhou para Bill com um pânico nos olhos que parecia dizer «Estou lixado, Bill! Estou lixado.»

A bomba vazia rolou para longe da mão dele. O riacho continuou a correr, sem se importar minimamente com o facto de Eddie Kaspbrak mal conseguir respirar. Bill pensou que os rapazes grandes estavam certos sobre uma coisa: era mesmo uma represa de bebé. Mas tinham estado a divertir-se, bolas, e sentiu uma fúria cega e repentina pelo facto de a situação ter chegado àquele ponto.

— T-t-em calma, E-Eddie — disse.

Durante os quarenta minutos seguintes, mais ou menos, Bill ficou sentado ao seu lado, esperando que o ataque de asma de Eddie fosse a qualquer momento diminuir gradualmente, passando a desconforto. Quando Ben Hanscom apareceu, o desconforto tinha-se transformado em verdadeiro medo. A asma não só não passava, como estava até piorar. E a Center Street Drug, onde Eddie comprava o medicamento, ficava a uns cinco quilómetros. E se ele fosse buscar o remédio de Eddie e o encontrasse inconsciente quando voltasse? Inconsciente ou

*(não merda por favor não penses isso)*

ou mesmo morto, insistiu implacavelmente a sua mente.

*(como o Georgie morto como o Georgie)*

*Não sejas parvo! Ele não vai morrer!*

Não, provavelmente não. Mas e se voltasse e encontrasse Eddie em coma? Bill sabia tudo sobre comas; tinha até deduzido que o nome era esse por cauda das comas nos ditados, e parecia-lhe bastante adequado. Em séries de médicos como *Ben Casey*, as pessoas estavam sempre a entrar em coma, e às vezes permaneciam assim apesar de todos os gritos mal-humorados de Ben Casey.

Portanto, ficou ali sentado, sabendo que tinha de ir, pois não ajudaria Eddie em nada ao ficar ali, mas sem querer deixá-lo sozinho. Uma parte

irracional e supersticiosa dele tinha a certeza de que Eddie entraria em coma assim que ele, Bill, virasse as costas. Então, olhou riacho acima e viu Ben Hanscom. Sabia quem Ben era, claro; o rapaz mais gordo de qualquer escola tem sempre uma espécie de notoriedade infeliz. Ben era da outra turma do quinto ano. Bill às vezes via-o no recreio, sozinho, normalmente a um canto, a olhar para um livro e a comer o almoço que levava num saco do tamanho de um saco de lavandaria.

Ao olhar para Ben, Bill achou que ele parecia pior até do que Henry Bowers. Era difícil de acreditar, mas era verdade. Bill não conseguia imaginar a luta cataclísmica em que aqueles dois deviam ter estado envolvidos. O cabelo de Ben estava espetado e coberto de terra. A camisola ou a *sweatshirt* dele (era difícil saber o que fora no início do dia, e a verdade é que não importava) ficara completamente estragada e imunda, manchada com uma mistura nojenta de sangue e erva. As calças tinham rasgões nos joelhos.

Viu Bill a olhar para ele e encolheu-se um pouco, com uma expressão cautelosa.

— Na-na-na-não te v-v-vás embora! — gritou Bill. Ergueu as mãos vazias, com as palmas para fora, para mostrar que era inofensivo. — P-p-precisamos de a-a-ajuda.

Ben aproximou-se, ainda desconfiado. Andava como se uma ou as duas pernas lhe doessem muito.

— Eles foram-se embora? Bowers e os outros?

— F-foram — respondeu Bill. — Ouve, p-podes ficar com o meu a-amigo enquanto vou buscar o m-medicamento dele? Ele tem a-a-a-a...

— Asma?

Bill assentiu.

Ben aproximou-se dos restos da barragem e apoiou-se dolorosamente num joelho ao lado de Eddie, que estava deitado de barriga para cima com



os olhos fechados e o peito a arfar.

— Quem lhe bateu? — perguntou Ben por fim. Olhou para cima, e Bill viu no rosto do miúdo gordo a mesma fúria frustrada que estava a sentir. — Foi o Henry Bowers?

Bill assentiu.

— Faz sentido. Claro, vai lá. Eu fico com ele.

— O-o-obrigado.

— Ah, não me agradeças — disse Ben. — Sou o motivo de eles vos terem atacado. Vai lá, despacha-te. Tenho de ir para casa jantar.

Bill foi sem dizer mais nada. Teria sido bom dizer a Ben que não levasse aquilo tão a peito; o que acontecera não foi culpa de Ben, tal como não foi de Eddie, pela burrice de abrir a boca. Tipos como Henry e os amigos pareciam um acidente sempre na iminência de acontecer; a versão infantil das cheias, dos tornados e das pedras na vesícula. Teria sido bom dizer isso, mas ele estava tão tenso naquele momento que levaria uns vinte minutos, e até lá Eddie já poderia ter entrado em coma (isso foi outra coisa que Bill aprendeu com os doutores Casey e Kildare; as pessoas nunca ficavam em coma, *entravam* sempre em coma).

Correu riacho abaixo e olhou para trás uma vez. Viu Ben Hanscom a juntar pedras na beira da água. Por um momento, Bill não conseguiu entender o que ele estava a fazer, mas então tudo ficou claro. Era uma pilha de munições. Para o caso de os outros voltarem.

Os Barrens não eram um mistério para Bill. Tinha brincado muito ali naquela primavera, às vezes com Richie, mais vezes com Eddie, às vezes sozinho. Não explorara toda a área, mas conseguia regressar a Kansas Street

a partir do Kenduskeag sem problemas, e foi o que fez. Chegou a uma ponte de madeira onde a Kansas Street atravessava um dos pequenos riachos sem nome que saíam do sistema de drenagem de Derry para se juntar ao Kenduskeag abaixo. *Silver* estava presa debaixo dessa ponte, com o guiador amarrado aos pilares com uma corda, de modo a manter as rodas fora da água.

Bill soltou a corda, enfiou-a na *t-shirt* e levou *Silver* até ao passeio graças ao uso da força, ofegando e suando; perdeu o equilíbrio duas vezes, caindo de traseiro no chão.

Mas finalmente chegou lá acima. Bill passou a perna por cima do quadro.

E como sempre, quando montava *Silver*, tornou-se outra pessoa.

## 5

— Hai-oh, *Silver*, VAMOOOS!

As palavras saíram mais graves do que a sua voz normal; era quase a voz do homem que ele se tornaria. *Silver* ganhou velocidade lentamente, com os estalidos baixos das cartas de baralho nas rodas da bicicleta a marcar o ritmo. Bill pôs-se em pé nos pedais, com as mãos firmes no guiador, os punhos virados para cima. Parecia um homem a tentar levantar um haltere incrivelmente pesado. Os tendões sobressaíam no seu pescoço e as veias pulsavam-lhe nas têmporas. A boca estava virada para baixo numa careta trémula de esforço enquanto ele travava a familiar batalha contra o peso e a inércia, exaurindo-se para pôr *Silver* em movimento.

Como sempre, o esforço valeu a pena.

*Silver* começou a rolar mais depressa. As casas deslizaram de forma suave, em vez de surgirem uma a uma. À sua esquerda, onde a Kansas

cortava a Jackson, o Kenduskeag livre tornava-se o canal. Depois do cruzamento, a Kansas seguia rapidamente colina abaixo na direção da Center e da Main, a zona comercial de Derry.

As ruas cruzavam-se com frequência ali, mas todas tinham sinais de STOP a favor de Bill, e a possibilidade de um condutor desrespeitar um dia um desses sinais e de o esmagar até o transformar numa mancha ensanguentada no pavimento passou-lhe pela cabeça. É pouco provável que mudasse o seu comportamento mesmo que tivesse pensado. Talvez fizesse isso mais cedo ou mais tarde na vida, mas aquela primavera e começo de verão tinham sido um momento agitado e estranho para ele. Ben ficaria atônito se alguém lhe perguntasse se ele se sentia sozinho; Bill ficaria igualmente atônito se alguém lhe perguntasse se andava a cortejar a morte. «Cc-claro que n-não!», teria respondido imediatamente (e com indignação), mas isso não mudava o facto de as suas corridas por Kansas Street até à cidade se terem tornado cada vez mais voos *banzai* à medida que o tempo aquecia.

Aquela parte de Kansas Street era conhecida como Up-Mile Hill. Bill percorreu-a a toda a velocidade, inclinado sobre o guidador de *Silver* para cortar a resistência do vento, com uma das mãos sobre o bolbo de borracha da buzina para avisar os desatentos, o cabelo ruivo a voar da cabeça numa onda. O estalido das cartas tinha-se convertido num rugido firme. A careta de esforço tornara-se um sorriso idiota. As residências à direita tinham dado lugar a edifícios comerciais (armazéns e fábricas de embalagem de carne) que voavam com uma rapidez aterradora, mas satisfatória. À esquerda, o Canal era um brilho de fogo no canto do olho de Bill.

— HAI-OH, *Silver*, VAMOOOS! — gritou ele em triunfo.

*Silver* voou por cima da primeira berma e, como sempre acontecia nesse ponto, os seus pés perderam o contacto com o pedal. Ele ia desenfreado, completamente à mercê de qualquer deus que tivesse recebido a tarefa de

proteger miúdos. Entrou na rua, seguindo talvez a uns vinte e cinco quilómetros por hora acima do limite de quarenta.

Tudo estava para trás: a gaguez, os olhos magoados e vazios do pai enquanto se ocupava na oficina que tinha na garagem, a visão terrível do pó sobre a tampa do piano no andar de cima; com pó porque a mãe já não tocava. A última vez fora no funeral de George, três hinos metodistas. George a sair para a chuva com o seu impermeável amarelo, levando o barco de jornal com a sua camada de parafina; o senhor Gardener a subir a rua vinte minutos depois com o corpo dele enrolado numa colcha manchada de sangue; o grito agonizante da mãe. Tudo para trás. Ele era o Mascarilha, era John Wayne, era Bo Diddley, era qualquer pessoa que quisesse ser e ninguém que chorava e tinha medo e queria a ma-ma-mã.

*Silver* voou e Bill Gago Denbrough voou com ela; a sombra de ambos, que parecia um guindaste, voou atrás deles. Subiram Up-Mile Hill juntos; as cartas de baralho rugiram. Os pés de Bill encontraram de novo os pedais e ele começou a pedalar, querendo ir até mais rápido, querendo alcançar uma velocidade hipotética, não a do som, mas a da memória, e atravessar a barreira da dor.

Continuou a deslizar, inclinado sobre o guiador; correu para vencer o diabo.

A intersecção de três ruas, a Kansas, a Center e a Main, aproximava-se depressa. Era um horror de trânsito de sentido único, placas contraditórias e semáforos que deviam estar sincronizados, mas não estavam. O resultado, como proclamara um editorial do *News* de Derry no ano anterior, era um fluxo de trânsito concebido no inferno.

Como sempre, os olhos de Bill desviaram-se para a direita e para a esquerda rapidamente, avaliando o fluxo do trânsito e procurando buracos. Se a sua avaliação estivesse errada, se ele gaguejasse, por assim dizer, ficaria bastante ferido ou morreria.

Avançou como uma flecha pelo meio do trânsito lento que entupia o cruzamento, ignorou um sinal vermelho e desviou para a direita a fim de evitar um *Buick* desajeitado. Lançou um olhar rápido por cima do ombro para ter a certeza de que a faixa do meio estava vazia. Olhou para a frente de novo e viu que em cerca de cinco segundos ia bater na traseira de uma carrinha de caixa aberta que tinha parado no meio do cruzamento enquanto o tipo simpático que conduzia esticava o pescoço para ler todas as placas e ter a certeza de que não virara no sítio errado e fosse parar a Miami Beach.

A faixa à direita de Bill estava ocupada por um autocarro da linha Derry-Bangor. Ele seguiu à mesma nessa direção e passou pelo espaço entre a *pick-up* parada e o autocarro, seguindo ainda a sessenta e cinco quilómetros por hora. No último segundo, virou a cabeça com força para um dos lados, como um soldado a seguir o comando de olhar para a direita com demasiado entusiasmo, para impedir que o espelho do lado do passageiro da carrinha lhe rearrumasse os dentes. Os fumos de escape quente do autocarro rasgaram-me a garganta como uma dose de bebida forte. Ouviu um guinchar agudo quando um dos punhos da bicicleta desenhou uma linha na lateral de alumínio do autocarro. Bill teve um vislumbre do condutor, com o rosto branco como a cal sob o boné da Hudson Bus Company. O condutor brandia o punho a Bill e gritava qualquer coisa. Bill duvidava que fosse parabéns.

Havia um trio de velhotas a atravessar a Main Street do lado do banco New England para o lado da Shoeboat. Elas ouviram o som implacável das cartas e ergueram o olhar. Os seus queixos caíram quando um rapaz numa bicicleta enorme passou a quinze centímetros delas como uma miragem.

O pior (e o melhor) da viagem ficara para trás. Ele contemplara a verdadeira possibilidade da sua própria morte uma e outra vez e vira-se capaz de desviar o olhar. O autocarro não o esmagara; não se matou nem às três velhotas com os sacos do Freese's e cheques da Segurança Social; não

se esparramara esmagado na traseira da carrinha de caixa aberta *Dogde*. Ia a subir a colina de novo, a toda velocidade. Alguma coisa (podemos chamá-lo desejo, serve, não?) acompanhava-o também. Todos os pensamentos e lembranças estavam a alcançá-lo (olá, Bill, caramba, quase te perdemos de vista lá atrás, mas aqui estamos nós), a juntar-se a ele, a subir pela *t-shirt*, entrando pela sua orelha e invadindo o seu cérebro como miúdos a descer por um escorrega. Ele conseguia senti-los a instalarem-se nos seus locais habituais, com os corpos febris a empurrarem-se uns aos outros. Ena! Uau! Aqui estamos de novo dentro da cabeça do Bill! Vamos pensar no George! Certo! Quem quer começar?

*Pensas demais, Bill.*

Não, não era esse problema. O problema era que ele *imaginava* demais.

Virou para Richard's Alley e saiu em Center Street alguns momentos depois, pedalando devagar, sentindo o suor nas costas e no cabelo. Desceu da *Silver* em frente à Center Street Drug Store e entrou.

## 6

Antes da morte de George, Bill teria transmitido os pontos principais ao senhor Keene falando com ele. O farmacêutico não era propriamente bondoso, ou pelo menos Bill achava que não, mas era bastante paciente, e não provocava nem gozava. Mas agora a gaguez de Bill estava bem pior, e ele receava que alguma coisa acontecesse a Eddie se não fosse rápido.

Então, quando o senhor Keene disse «Olá, Billy Denbrough, posso ajudar-te?», Bill pegou num panfleto a anunciar vitaminas, virou-o e escreveu atrás: «Eu e o Eddie Kaspbrak estávamos a brincar nos Barrens. Ele teve um ataque forte de asma, mal consegue respirar. Pode dar-me uma recarga da bomba dele?»

Empurrou o bilhete por cima do balcão de vidro para o senhor Keene, que leu, olhou para os olhos ansiosos de Bill e disse:

— Claro. Espera aqui, e não mexas em nada que não devas.

Bill equilibrou-se com impaciência num pé e depois no outro enquanto o senhor Keene ia ao balcão de trás. Apesar de ele ter demorado menos de cinco minutos, pareceu uma eternidade até voltar com uma das embalagens de plástico de Eddie. Entregou-a a Bill.

— Isto deve resolver o assunto — disse com um sorriso.

— O-o-o-obrigado — disse Bill. — Não t-tenho di-di-di...

— Não faz mal, filho. A senhora Kaspbrak tem conta aqui. Vou acrescentar isto. Tenho a certeza de que ela vai querer agradecer a tua amabilidade.

Muito aliviado, Bill agradeceu ao senhor Keene e apressou-se a sair. O farmacêutico contornou o balcão para o ver ir. Viu Bill atirar a bomba para a cesta da bicicleta e montar desajeitadamente. *Ele consegue mesmo andar numa bicicleta tão grande?*, perguntou-se o senhor Keene. *Duvido. Duvido muito.* Mas o miúdo dos Denbrough colocou a bicicleta em movimento sem cair de cabeça e afastou-se a pedalar lentamente. A bicicleta, que para o senhor Keene parecia uma piada, oscilou loucamente de um lado para o outro. A bomba rolava pela cesta.

O senhor Keene sorriu como quem não quer a coisa. Se Bill tivesse visto aquele sorriso, teria sido uma boa maneira de confirmar a sua ideia de que o senhor Keene não era um dos tipos mais simpáticos do mundo. Era azedo, o sorriso de um homem que encontrou muito em que refletir, mas quase nada para valorizar, na condição humana. Sim, acrescentaria a medicação de Eddie à conta de Sonia Kaspbrak e, como sempre, ela ficaria admirada e desconfiada em vez de grata, com o preço baixo do medicamento. «Os outros custavam muito mais», dizia ela. O senhor Keene sabia que a senhora Kaspbrak era uma daquelas pessoas que não

acreditavam que as coisas baratas podiam fazer algum bem. Podia ter-lhe sacado bom dinheiro pelo *HydrOx Mist* do filho, e houvera ocasiões em que se sentira tentado... mas porquê participar na tolice da mulher? Não estava a passar fome nem nada.

Barato? Ah, sim. O *HydrOx Mist* («Administrar conforme necessário», lia-se em cada etiqueta autocolante que ele colava nas bombas) era espantosamente barato, mas até a senhora Kaspbrak estava disposta a admitir que controlava muito bem a asma do filho, apesar disso. Era barato porque não passava de uma combinação de hidrogénio e oxigénio, com uma pitada de cânfora para dar um ligeiro gosto medicinal ao *spray*.

Por outras palavras, o medicamento para a asma de Eddie não passava de água da torneira.

## 7

Bill demorou mais tempo a voltar porque ia colina acima. Em vários locais, teve de desmontar e empurrar *Silver*. Não tinha a força muscular necessária para manter a bicicleta em movimento em declives mais acentuados.

Quando prendeu a bicicleta e voltou para o rio, eram quatro e dez. Passavam-lhe pela cabeça todo o tipo de suposições terríveis. Ben Hanscom fora-se embora e deixara Eddie a morrer. Ou os rufias podiam ter voltado e dado uma tarefa aos dois. Ou... pior de tudo... o homem cuja atividade era assassinar miúdos poderia ter apanhado um ou ambos. Como apanhara George.

Sabia que houvera muitos boatos e especulação sobre isso. Bill gaguejava muito, mas não era surdo, embora as pessoas às vezes parecessem pensar que era, pois ele só falava quando absolutamente



necessário. Algumas pessoas achavam que o assassinio do seu irmão não tinha relação nenhuma com os assassinios de Betty Ripsom, Cheryl Lamonica, Matthew Clements e Veronica Grogan. Outros alegavam que George, Ripsom e Lamonica tinham sido mortos por um homem, e os outros dois eram obra de um «assassino imitador». Uma terceira linha de pensamento dizia que os rapazes tinham sido mortos por um homem enquanto as raparigas por outro.

Bill acreditava que todos tinham sido mortos pela mesma pessoa... se é que era uma pessoa. Às vezes questionava-se quanto a isso. Assim como às vezes se questionava quanto aos seus sentimentos por Derry naquele verão. Seria ainda o rescaldo da morte de George, a forma como os pais pareciam ignorá-lo, tão perdidos na dor pelo filho mais novo que não conseguiam ver o simples facto de que Bill ainda estava vivo e podia também estar a sofrer? Essas coisas em combinação com os outros homicídios? As vozes que às vezes pareciam falar na sua cabeça, sussurrando-lhe (e certamente não eram variações da sua própria voz, pois não gaguejavam; eram baixas, mas firmes), aconselhando-o a fazer certas coisas, mas não outras? Seriam essas coisas que tornavam Derry um tanto diferente? Algo ameaçadora, com ruas inexploradas que não eram convidativas, mas pareciam bocejar numa espécie de silêncio agourento? Que faziam alguns rostos parecerem enigmáticos e assustados?

Ele não sabia, mas acreditava (assim como acreditava que todos os assassinios eram obra de um único indivíduo) que Derry *tinha* mesmo mudado, e que a morte do irmão assinalara o começo dessa mudança. As suposições negras na sua mente vinham da ideia furtiva de que tudo poderia acontecer em Derry. *Tudo*.

Mas quando descreveu a última curva, tudo parecia nos conformes. Ben Hanscom ainda estava lá, sentado ao lado de Eddie. Eddie já se sentara e

tinha as mãos no colo, a cabeça baixa, ainda a arfar. O Sol tinha descido o suficiente para projetar longas sombras verdes no rio.

— Ena, que rapidez! — exclamou Ben, pondo-se em pé. — Só te esperava daqui a meia hora.

— Tenho uma bi-bicicleta ra-rápida — disse Bill com orgulho. Por um momento, olharam-se com cautela, desconfiados. Mas então Ben sorriu com hesitação, e Bill retribuiu. O miúdo era gordo, mas parecia fixe. E ficara ali. Fora precisa coragem para isso, com Henry e os seus amigos delinquentes juvenis talvez ainda nas imediações.

Bill piscou o olho a Eddie, que o olhava com gratidão.

— A-aqui est-tá, E-E-Eddie. — Lançou-lhe a bomba. Eddie enfiou-a na boca aberta, apertou e ofegou convulsivamente. Em seguida, inclinou-se para trás de olhos fechados. Ben assistiu com preocupação.

— Caramba! Aquilo é mesmo grave, não é?

Bill assentiu.

— Tive medo durante algum tempo — disse Ben em voz baixa. — Perguntei-me o que fazer se ele tivesse uma convulsão, sei lá. Tentei lembrar-me das coisas que nos ensinaram naquela assembleia da Cruz Vermelha em abril. Só consegui lembrar-me de enfiar um pau na boca dele para que não mordesse a língua.

— Acho que isso é para a e-e-epilepsia.

— Ah. Sim, acho que tens razão.

— Ele n-não vai ter uma co-co-convulsão — disse Bill. — Esse me-me-medicamento vai pô-lo bom. O-Olha.

A respiração laboriosa de Eddie melhorou. Ele abriu os olhos e observou os dois.

— Obrigado, Bill — disse ele. — Esta foi bera.

— Acho que começou quando te achataram o nariz, não foi? — perguntou Ben.

Eddie riu pesaroso, levantou-se e enfiou a bomba no bolso de trás.

— Eu não estava sequer a pensar no meu nariz. Estava a pensar na minha mãe.

— Sim? A sério? — Ben pareceu admirado, mas a sua mão foi até aos farrapos da camisola e começou a mexer neles com nervosismo.

— Ela vai ver a minha camisa manchada de sangue e arrastar-me para o posto médico num abrir e fechar de olhos.

— Porquê? — perguntou Ben. — Parou, não parou? Bolas, lembro-me de um miúdo da minha turma no jardim infantil, o Scooter Morgan, que começou a deitar sangue do nariz quando caiu das barras. Levaram-no ao posto médico, mas só porque não parava de sangrar.

— Ai sim? — perguntou Bill com interesse. — Ele mo-mo-morreu?

— Não, mas faltou à escola uma semana.

— Não importa se parou ou não — disse Eddie com tristeza. — Ela vai levar-me de qualquer maneira. Vai achar que está partido e que há pedaços de osso enfiados no cérebro, ou coisa parecida.

— É po-po-possível ter ossos no c-c-cérebro? — perguntou Bill. Aquilo estava a ser a conversa mais interessante que ele tinha em semanas.

— Não sei. Se ouvires a minha mãe, podes ter qualquer coisa. — Eddie virou-se para Ben de novo. — Ela leva-me ao posto médico uma ou duas vezes por mês. Detesto aquele sítio. Uma vez um dos auxiliares disse-lhe que devia ser obrigada a pagar renda. Ela ficou fula.

— Uau — fez Ben. Achava que a mãe de Eddie devia ser muito estranha. Não tinha consciência de que nesse momento as suas duas mãos estavam a brincar com os restos da camisola. — Porque não dizes apenas que não? Qualquer coisa como «Olha, mãe, estou bem, só quero ficar em casa e ver o *Caça ao Mar*». Ou uma coisa parecida.

— Ohhh — disse Eddie com desconforto, depois ficou calado.

— És o Ben Ha-Ha-Hanscom, certo? — perguntou Bill.

— Sim. Tu és o Bill Denbrough.

— S-sou. E este é o E-E-E-E-E-E...

— Eddie Kaspbrak — disse Eddie. — Detesto quando gaguejas o meu nome, Bill. Pareces o Elmer Fudd.

— De-desculpa.

— Bem, é um prazer conhecer os dois — disse Ben. Sou presunçoso e um pouco hesitante. Fez-se silêncio entre os três. Não foi um silêncio completamente desconfortável. Nele, tornaram-se amigos.

— Porque andavam aqueles tipos atrás de ti? — perguntou Eddie por fim.

— Eles andam s-s-sempre a-atrás de alguém — disse Bill. — Odeio aqueles ga-jos, são fo-fodidos.

Ben ficou em silêncio por um momento, sobretudo devido a admiração, por Bill ter usado o que a mãe de Ben às vezes chamava «O Grande Palavrão». Ben nunca dissera «O Grande Palavrão» em voz alta na vida, embora o tivesse escrito (com letras bastante pequenas) num poste telefónico na Noite das Bruxas dois anos antes.

— O Bowers ficou sentado ao meu lado durante os exames — disse Ben por fim. — Queria que eu o deixasse copiar. Não deixei.

— Deves querer morrer novo, puto — disse Eddie com admiração.

Bill Gago desatou a rir. Ben olhou para ele com atenção, decidiu que não era de si que Bill estava a rir (era difícil dizer como soube isso, mas soube) e sorriu.

— Acho que quero — disse. — De qualquer forma, ele tem de fazer recuperação no verão, e ele e os outros dois estavam à minha espera e foi isso que aconteceu.

— Parece que fo-foste atrope-la-lado — disse Bill.

— Caí aqui em baixo, vindo de Kansas Street. Pelo declive. — Olhou para Eddie. — Acho que te vou encontrar no posto médico, agora que penso

nisso. Quando a minha mãe vir a minha roupa, vai obrigar-me a ir para lá.

Bill e Eddie desataram ambos a rir-se e Ben juntou-se a eles. Doía-lhe a barriga quando se ria, mas riu-se na mesma, um som agudo e meio histérico. Teve de se sentar na margem, e o som do seu traseiro ao bater na terra fê-lo começar a rir de novo. Gostava do som da sua gargalhada acompanhada com a deles. Era um som que nunca tinha ouvido antes: nada que se comparasse a risos misturados, já ouvira isso várias vezes, mas risos misturados com o seu.

Olhou para Bill Denbrough, os seus olhos encontraram-se, e bastou isso para desatarem de novo a rir.

Bill puxou as calças para cima, subiu o colarinho e começou a gingar de um lado para o outro com ar rufião. A sua voz ficou grave e ele disse:

— Vou matar-te, rapaz. Não me venhas com merdas. Sou burro, mas sou grande. Consigo partir nozes com a testa. Mijo vinagre e cago cimento. Chamo-me Henriqueta Bowers e mando nesta terrinha.

Eddie deixara-se cair na margem do rio e rebojava no chão, agarrado à barriga e a uivar. Ben estava inclinado, com a cabeça entre os joelhos, as lágrimas a saltar dos olhos, ranho a escorrer do nariz em fios compridos e a rir como uma hiena.

Bill sentou-se com eles, e aos poucos ficaram em silêncio.

— Só há uma coisa muito boa nisso — disse Eddie. — Se o Bowers está nas aulas de recuperação de verão, não o vamos ver por aqui.

— Vocês brincam muito nos Barrens? — perguntou Ben. Era uma ideia que nunca lhe passara pela cabeça, pelo menos com a reputação que os Barrens tinham, mas agora que estava ali, não lhe parecia nada mau. Na verdade, aquela parte da margem do rio era bastante agradável enquanto a tarde seguia lentamente para o crepúsculo.

— C-C-Claro. É fi-fixe. Ni-ninguém nos inco-comoda aq-qui. Brincamos m-muito. O B-B-Bowers e os outros não vêm c-cá.

— Tu e o Eddie?

— E o R-R-R... — Bill abanou a cabeça. Ben reparou que o rosto dele se contraía como um pano encharcado quando gaguejava, e de repente ocorreu-lhe um pensamento estranho: Bill não gaguejara nada quando estivera a gozar com Henry Bowers. — Richie! — terminou Bill. Fez uma pausa e prosseguiu. — O Richie To-Tozier também c-costuma vir. Mas e-ele e o p-pai iam arrumar o s-s-s...

— Sótão — traduziu Eddie, e lançou uma pedra à água. *Plonc.*

— Sim, eu conheço-o — disse Ben. — Com que então, vocês vêm muito para aqui? — A ideia fascinava-o, e fazia-o sentir também um tipo de anseio idiota.

— S-sim — disse Bill. — P-porque não v-v-voltas a-a-amanhã? Eu e o E-E-Eddie estávamos a t-tentar fazer uma re-represa.

Ben não conseguiu dizer nada. Estava perplexo não só pelo convite, mas pela naturalidade simples com que fora feito.

— Talvez seja melhor fazermos outra coisa — disse Eddie. — A represa não estava a ir muito bem.

Ben levantou-se e foi até ao rio enquanto sacudia a terra dos enormes presuntos. Ainda havia pequenas pilhas de ramos de cada lado do rio, mas o resto que tinham montado fora levado pela corrente.

— Precisam de umas tábuas — disse Ben. — Peguem em tábuas e coloquem-nas em fila... de frente uma para a outra... como o pão de uma sanduíche.

Bill e Eddie estavam a olhar para ele, intrigados. Ben apoiou-se num joelho.

— Olhem — disse ele. — Tábuas aqui e aqui. Põem-nas no leito de frente uma para a outra. Certo? Depois, antes que a água as leve, preenchem o espaço entre elas com pedras e areia...

— Preenchemos — disse Bill.

— Hã?

— Preenchemos os três.

— Ah — disse Ben, sentindo-se (e parecendo, tinha a certeza) extremamente idiota. Mas não se importava se parecia idiota, porque de repente se sentiu muito feliz. Não se lembrava da última vez em que se sentira tão feliz. — Sim. Nós. Então, se vocês, quero dizer, nós, preencheremos o espaço com pedras e outras coisas, ela vai aguentar-se. à medida que a água se acumular, a tábua que está contra a corrente vai inclinar-se contra as pedras e a terra. A segunda tábua, ao fim de algum tempo, inclinar-se-ia para trás e acabaria por se soltar, acho, mas se tivéssemos uma terceira tábua... Bem, olhem.

Fez o desenho na terra com um pau. Bill e Eddie Kaspbrak inclinaram-se e observaram o desenho com interesse.



— Já *construíste* alguma represa antes? — perguntou Eddie. O seu tom era de respeito, quase de reverência.

— Não.

— Então co-co-como sabes que vai f-f-funcionar?

Ben olhou para Bill, intrigado.

— Claro que vai — disse ele. — Porque não iria?

— Mas co-como s-s-sabes? — perguntou Bill. Ben reconheceu que o tom da pergunta não era de descrença sarcástica, mas sim de interesse sincero. — C-como sabes?

— Sei, tão simples quanto isso — respondeu Ben. Olhou de novo para o desenho na terra como que para confirmar. Nunca tinha visto uma represa, nem sequer em diagramas, e não sabia que tinha feito uma representação muito boa de uma.

— C-certo — disse Bill, e deu uma palmada nas costas de Ben. — V-vemo-nos amanhã.

— A que horas?

— E-Eu e o E-Eddie cheg-gamos aqui às o-o-oito e m-meia, mais ou menos...

— Se eu e a minha mãe ainda não estivermos à espera no centro de saúde — disse Eddie, e suspirou.

— Eu trago umas tábuas — sugeriu Ben. — Há um velhote no quarteirão seguinte que tem muitas. Surripio umas quantas.

— Traz também mantimentos — disse Eddie. — Coisas para comer. Tipo sanduíches, bolos, coisas assim.

— Está bem.

— T-t-tens alguma a-arma?

— Tenho uma espingarda de ar comprimido — explicou Ben. — A minha mãe deu-ma no Natal, mas não gosta que eu a use dentro de casa.

— Po-podes t-trazê-la — sugeriu Bill. — Se c-calhar brincamos c-com ela.

— Está bem — concordou Ben com alegria. — Ouçam, tenho de me pôr na alheta.

— N-nós também — disse Bill.

Saíram juntos dos Barrens. Ben ajudou Bill a empurrar *Silver* margem acima. Eddie foi atrás deles, a ofegar de novo e a olhar com ar infeliz para a *t-shirt* suja de sangue.

Bill despediu-se e afastou-se a pedalar, gritando «Hai-oh, *Silver*, VAMOOOS» com todas as forças.



— É uma bicicleta *gigantesca* — observou Ben.

— Podes apostar o teu couro — disse Eddie. Tinha inspirado outra bombada e já respirava normalmente de novo. — Ele às vezes leva-me atrás. Anda tão depressa que quase me borro. É um bom homem, o Bill. — Disse aquilo de maneira casual, mas os seus olhos diziam algo mais enfático. Eram olhos que idolatravam. — Sabes o que aconteceu ao irmão dele, não sabes?

— Não. O que foi?

— Morreu no outono. Um tipo matou-o. Arrancou-lhe o braço direito, como se arranca a asa a uma mosca.

— Meu Deus!

— O Bill só gaguejava um bocadinho. Agora está muito pior. Reparaste que ele gagueja?

— Bem... um pouco.

— Mas o *cérebro* dele não gagueja. Percebes o que quero dizer?

— Sim.

— De qualquer forma, só te contei porque se quiseres que o Bill seja teu amigo, é melhor não falares com ele sobre o irmão. Não lhe faças perguntas nem nada. Ele fica nervoso com isso.

— Bolas, eu também ficaria — disse Ben. Lembrou-se então vagamente de ter ouvido falar no miúdo que morrera no outono. Perguntou-se se a mãe estivera a pensar em George Denbrough quando lhe dera o relógio que usava, ou se apenas nos homicídios mais recentes. — Aconteceu logo depois da cheia?

— Sim.

Tinham chegado à esquina da Kansas com a Jackson, onde teriam de se separar. Havia miúdos a correr de um lado para o outro, a brincar à apanhada e a lançar bolas de basebol. Um miúdo com ar de cromo com calções azuis demasiado grandes passou com ar importante por Ben e

Eddie, usando um chapéu de pele de guaxinim como o do Davy Crockett virado ao contrário, de forma que a cauda estava pendurada entre os seus olhos. À cintura rolava um *hula-hoop* e gritava:

— Quem deixar cair o arco perde! Alguém quer brincar comigo?

Os dois rapazes maiores olharam para ele, divertidos.

— Bem, estou no ir — disse Eddie.

— Espera um segundo — disse Ben. — Tenho uma ideia, se não queres mesmo ir ao centro de saúde.

— Ai sim? — Eddie olhou para Ben com ar de dúvida, mas querendo ter esperança.

— Tens cinco cêntimos?

— Tenho dez. E depois?

Ben olhou para as manchas castanhas secas na *t-shirt* de Eddie.

— Para na mercearia e compra leite com chocolate. Entorna metade na roupa. Depois, quando chegares a casa, diz à tua mãe que entornaste tudo.

Os olhos de Eddie iluminaram-se. Nos quatro anos desde que o pai morrera, a visão da mãe piorara consideravelmente. Por motivos de vaidade (e porque não sabia conduzir), recusava-se a ir a um oftalmologista e a usar óculos. Manchas de sangue seco e manchas de leite com chocolate eram parecidas. Talvez...

— Pode resultar — disse ele.

— Só não lhe digas que a ideia foi minha se ela descobrir.

— Não digo — disse Eddie. — Inté, jacaré.

— *Okay*.

— Não — disse Eddie com paciência. — Quando eu digo isso, tens de responder «Até amanhã, grande rã».

— Ah. Até amanhã, grande rã.

— Isso mesmo. — Eddie sorriu.

— Sabes uma coisa? — disse Ben. — Vocês são muito fixes.

Eddie pareceu mais do que constrangido; pareceu quase nervoso.

— O Bill é — disse ele, e afastou-se.

Ben viu-o descer Jackson Street e virou então na direção de casa. Três quarteirões acima, apercebeu-se de três rapazes demasiado familiares na esquina da Jackson com a Main. Estavam virados de costas para Ben, o que foi a sua sorte. Escondeu-se atrás de uma vedação, com o coração aos saltos. Cinco minutos depois, o autocarro Derry-Newport-Haven encostou. Henry e os amigos deitaram os cigarros fora e entraram.

Ben esperou que o autocarro desaparecesse e correu para casa.

## 8

Naquela noite, aconteceu uma coisa terrível a Bill Denbrough. Aconteceu pela segunda vez.

Os pais estavam no andar de baixo a ver televisão, sem falar muito, sentados nas extremidades do sofá como cerra-livros. Houve uma altura em que a sala da televisão que se abria para a cozinha estaria cheia de conversas e risos, às vezes tanto que não se conseguia ouvir nada.

— Cala-te, Georgie! — gritava Bill.

— Para de comer as pipocas todas e calo-me — respondia George. — Mã, obriga o Bill a dar-me as pipocas.

— Bill, dá-lhe as pipocas. George, não me chames mãe. Parece o balido de uma ovelha.

Ou o pai contava uma anedota e todos riam, até a mãe. George nem sempre percebia as anedotas, Bill sabia isso, mas ria-se porque todos se estavam a rir.

Naqueles tempos, os pais também tinham sido cerra-livros no sofá, mas ele e George eram os livros. Bill tentara fazer de livro entre eles enquanto

viam televisão depois da morte de George, mas era como ser congelado. Eles emanavam frio das duas direções, e o anticongelante de Bill não era suficientemente grande para lidar com a temperatura. Tinha de sair dali, porque aquele tipo de frio congelava-lhe sempre a cara e fazia os seus olhos lacrimejar.

— Q-querem o-ouvir uma anedota que ouvi hoje na es-escola? — tentara ele uma vez, meses antes.

Silêncio da parte deles. Na televisão, um criminoso pedia ao irmão, que era padre, que o escondesse.

O pai de Bill ergueu o olhar da revista *True* e observou Bill com alguma surpresa. Em seguida, voltou a olhar para a revista. Trazia a fotografia de um caçador deitado num banco de neve, a olhar para um urso-polar enorme. «Atacado pelo Assassino do Deserto Branco» era o nome do artigo. Bill pensou: *Sei onde há um deserto branco; aqui no sofá, entre o meu pai e a minha mãe.*

A mãe nem chegara a erguer o olhar.

— É sobre q-quantos f-f-franceses são necessários pra at-atarraxar uma lâm-lâmpada — prosseguiu Bill. Sentia uma fina camada de suor na testa, como às vezes na escola, quando sabia que a professora o ignorara o máximo de tempo que podia e teria de chamá-lo em breve. A voz dele estava demasiado alta, mas ele não conseguia falar mais baixo. As palavras ecoaram na sua mente como sinos loucos, emperrando e soando de novo.

— Sa-sabem q-q-quantos?

— Um para segurar a lâmpada e quatro para rodar a casa — respondeu Zack Denbrough de forma ausente enquanto virava uma página da revista.

— Disseste alguma coisa, querido? — perguntou a mãe e, em *Four Star Playhouse*, o irmão que era padre disse ao que era criminoso para se entregar e pedir perdão a Deus.

Bill encontrava-se ali sentado, a suar, mas com frio, muito frio. Estava frio porque *realmente* não era o único livro entre os dois cerra-livros; Georgie ainda lá estava, só que era um Georgie que ele não conseguia ver, um Georgie que nunca exigia pipocas nem gritava que Bill estava a beliscá-lo. Aquela nova versão de George nunca interrompia nada. Era um Georgie maneta que ficava pálido e pensativamente em silêncio diante do clarão branco e azul da *Motorola*, e talvez não fosse dos pais, mas de George que o frio realmente viesse; talvez fosse George o verdadeiro assassino do deserto branco. Bill acabou por fugir daquele irmão frio e invisível para o quarto, onde se deitou com o rosto escondido na almofada a chorar.

O quarto de George estava tal como estivera no dia em que ele morreu. Um dia, Zack pusera vários brinquedos de George numa caixa, cerca de duas semanas após o funeral, com a intenção de os dar a uma instituição de caridade ou ao Exército da Salvação ou alguma coisa do género, supunha Bill. Sharon Denbrough vira-o sair com a caixa nos braços e as suas mãos voaram para a cabeça como pássaros brancos assustados e mergulharam profundamente no cabelo, onde se fecharam em punhos e puxaram. Bill vira isso e caíra contra a parede, pois a força abandonara as suas pernas. A mãe parecia tão louca como Elsa Lanchester em *A Noiva de Frankenstein*.

— Não te ATREVAS a levar as coisas dele! — gritara ela.

Zack encolhera-se e levara a caixa dos brinquedos de novo para o quarto de George sem dizer nada. Até os colocou exatamente no mesmo sítio de onde os tinha tirado. Bill entrou e viu o pai ajoelhado ao lado da cama de George (cujos lençóis a mãe ainda trocava, apesar de apenas uma vez por semana agora, em vez de duas) com a cabeça nos antebraços musculosos e peludos. Bill viu que o pai estava a chorar, e isso aumentou o seu pavor. Ocorreu-lhe de repente uma possibilidade assustadora: talvez as coisas às vezes não corresse mal e acabassem. Talvez às vezes continuassem a correr cada vez pior até tudo estar completamente lixado.

— P-pa-pai...

— Vai, Bill — disse o pai. Tinha a voz abafada e trémula. As costas dele subiam e desciam. Bill queria muito tocar nas costas do pai, ver se talvez a sua mão conseguia acalmar aquele movimento inquieto. Não se atrevia. — Vai-te embora.

Bill obedeceu e percorreu lentamente o corredor do andar de cima, enquanto a mãe chorava na cozinha. O som era agudo e impotente. Bill pensou: *Porque estão a chorar tão longe um do outro?*, mas logo afastou o pensamento.

## 9

Na primeira noite das férias do verão, Bill entrou no quarto de Georgie. O seu coração batia com força no peito e as suas pernas estavam hirtas e desajeitadas devido à tensão. Entrava com frequência no quarto de Georgie, mas isso não significava que gostasse de o fazer. O quarto estava tão cheio da presença do irmão que parecia assombrado. Ele entrou e não conseguiu deixar de pensar que a porta do armário se abriria lentamente a qualquer momento e ali estaria George, entre as camisas e calças ainda penduradas com cuidado, um Georgie com o impermeável coberto de manchas e riscos vermelhos, um impermeável com um braço amarelo pendurado. Os olhos de George estariam brancos e terríveis, os olhos de um *zombie* num filme de terror. Quando saísse do armário, as suas galochas fariam sons molhados enquanto atravessavam o quarto até onde Bill estava, sentado na cama de Georgie, um bloco paralisado de terror...

Se tivesse faltado a luz em alguma das noites em que ele estivera sentado na cama de George, a olhar para os pósteres na parede de George ou para os modelos na cómoda de George, de certeza que teria um ataque

do coração, provavelmente fatal, nos dez segundos seguintes. Mas ia até lá mesmo assim. Lutar contra o seu pavor do Georgie-fantasma era uma necessidade muda e ávida, uma ânsia de superar a morte de George de alguma forma e encontrar uma maneira digna de seguir em frente. Não de esquecer George, mas de encontrar um caminho para que ele não parecesse tão *pavoroso*. Percebia que os pais não se estavam a sair muito bem, e se queria fazer isso por si mesmo, teria de o fazer sozinho.

E não era só por si mesmo que ali ia; ia também por George. Amara George, e, considerando que eram irmãos, tinham-se dado muito bem. Ah, houve momentos maus, em que Bill torcia o braço de George, George denunciava Bill quando descia sorrateiro as escadas depois de já estarem na cama para comer o resto da cobertura de limão, mas em geral davam-se bem. Já era mau George estar morto. Que ele transformasse George em alguma espécie de monstro... era ainda pior.

Sentia a falta do irmão mais novo, essa era a verdade. Sentia falta da voz dele, do seu riso, sentia falta da forma como os olhos de George às vezes se dirigiam com confiança para os dele, com a certeza de que Bill teria as respostas de que ele precisava. E uma coisa extremamente estranha: havia momentos em que ele achava que amava George mais quando estava com medo, porque mesmo com medo, com a sensação desconfortável de que um George-zombie poderia estar escondido no armário ou debaixo da cama, ele conseguia lembrar-se melhor de amar George ali, e de George o amar. No seu esforço para conciliar melhor essas duas emoções, o seu amor e o seu pavor, Bill sentia que se encontrava mais próximo de descobrir onde estava a aceitação final.

Não eram coisas sobre as quais teria sido capaz de falar; na sua mente, as ideias não passavam de uma confusão incoerente. Mas o seu coração caloroso e ansioso entendia, e isso era tudo o que importava.

Às vezes olhava para os livros de George, às vezes mexia nos brinquedos.

Não abria o álbum de fotografias de George desde dezembro.

Algumas horas depois de ter conhecido Ben Hanscom, Bill abriu a porta do armário de George (preparando-se como sempre para dar de caras com o próprio George, de pé com o impermeável ensanguentado no meio da roupa pendurada, à espera como sempre de ver uma mão pálida e húmida sair do escuro para lhe agarrar o braço) e tirou o álbum na prateleira de cima.

AS MINHAS FOTOGRAFIAS, diziam as letras douradas na capa. Por baixo, num bocado de fita adesiva (a fita estava amarelada e a soltar-se), liam-se as palavras cuidadosamente escritas GEORGE ELMER DENBROUGH, 6 ANOS. Bill levou-o até à cama onde George dormira, com o coração a bater mais forte do que nunca. Não sabia dizer o que o tinha feito pegar de novo no álbum de fotografias. Depois do que acontecera em dezembro...

*Uma segunda olhadela, só isso. Só para te convencer de que não foi real na primeira vez. Que da primeira vez foi a tua cabeça a pregar-te partidas.*

Bem, pelo menos era uma ideia.

Podia até ser verdade. Mas Bill desconfiava que a cena tinha que ver com o álbum. Exercia um certo fascínio louco sobre ele. O que ele vira, ou o que  *julgara* ter visto ...

Abriu o álbum. Estava cheio de fotografias que George convencera a mãe, o pai, os tios a darem-lhe. George não se importava se eram fotografias de pessoas e lugares que ele conhecia ou não; era a ideia das fotografias em si que o fascinava. Quando não obtinha sucesso a chatear as pessoas para lhe darem fotografias novas para o álbum, sentava-se de pernas cruzadas na cama em que Bill estava sentado e olhava para as velhas, virando as páginas com cuidado, observando as imagens a branco e preto. Ali estava a mãe deles quando era jovem e linda; aqui estava o pai,



que teria no máximo dezoito anos, com dois amigos, todos a sorrir e com espingardas nas mãos, junto ao cadáver de olhos abertos de um veado; o tio Hoyt em cima de umas rochas com um lúcio na mão; a tia Fortuna na feira agrícola de Derry, ajoelhada com orgulho ao lado de uma cesta de tomates que ela plantara; um velho *Buick*; uma igreja; uma casa; uma estrada que ia de algum sítio a outro. Todas essas fotografias, tiradas por pessoas perdidas e por motivos perdidos, trancadas ali no álbum de um rapaz morto.

Ali, Bill viu-se com três anos, deitado numa cama de hospital com um turbante de ligaduras. As ligaduras desciam pela cara até ao maxilar partido. Fora atingindo por um carro no parque de estacionamento do A&P em Center Street. Lembrava-se pouco dessa estada no hospital, só que lhe tinham dado batidos gelados por uma palhinha e que a cabeça lhe doera horrivelmente durante três dias.

Ali estava a família toda no relvado da casa, Bill ao lado da mãe de mão dada com ela, e George, apenas um bebé, a dormir nos braços de Zack. E aqui...

Não era o fim do álbum, mas era a última página que importava, porque as seguintes estavam todas em branco. A fotografia final era a da escola de George, tirada em outubro do ano anterior, menos de dez dias antes de ele morrer. Nela, George usava uma *t-shirt*. O cabelo rebelde fora controlado com água. Ele sorria e revelava dois buracos onde jamais cresceriam dentes novos, *a não ser que continuem a crescer depois de morrermos*, pensou Bill, e estremeceu.

Olhou fixamente para a fotografia durante algum tempo e estava prestes a fechar o álbum quando o que acontecera em dezembro aconteceu de novo.

Os olhos de George moveram-se na fotografia. Ergueram-se para fitar os de Bill. O sorriso forçado de George transformou-se num esgar tenebroso. O seu olho direito fechou-se numa piscadela: *Até breve, Bill. No meu roupeiro. Talvez esta noite.*

Bill atirou o álbum para o outro lado do quarto. Colocou as duas mãos sobre a boca.

O álbum bateu na parede e caiu no chão, aberto. As páginas viraram-se, apesar de não haver corrente de ar. O álbum abriu-se de novo naquela fotografia horrível, a que dizia AMIGOS DA ESCOLA 1957-58 por baixo.

Da fotografia começou a jorrar sangue.

Bill ficou paralisado, com a língua inchada na boca, a pele arrepiada, o cabelo em pé. Queria gritar, mas parecia que os guinchos baixos que lhe saíam da garganta eram o melhor que ele conseguia.

O sangue escorreu pela página e começou a pingar no chão.

Bill saiu a correr do quarto e bateu com a porta.

## CAPÍTULO 6

# UM DOS DESAPARECIDOS: UMA HISTÓRIA DO VERÃO DE 1958

### 1

Nem todos apareceram. Não; nem todos. E de tempos a tempos, fizeram-se suposições erradas.

### 2

Retirado do *News de Derry* de 21 de junho de 1958 (página 1):

#### RAPAZ DESAPARECIDO DESPERTA NOVOS MEDOS

Edward L. Corcoran, morador no nº 73 de Charter Street, em Derry, foi dado como desaparecido na noite de ontem pela mãe, Monica Macklin, e pelo padrasto, Richard P. Macklin. O rapaz tem dez anos. O seu desaparecimento gerou novos receios de que a população jovem de Derry esteja a ser perseguida por um assassino.

A senhora Macklin afirmou que o filho está desaparecido desde o dia 19 de junho, ao não voltar para casa depois do último dia de aulas antes das férias de verão.

Quando lhes perguntaram por que motivo esperaram mais do que as necessárias vinte e quatro horas para comunicar o desaparecimento do filho, o senhor e a senhora Macklin recusaram-se a comentar. O chefe de polícia Richard Borton também se recusou a comentar, mas uma fonte no departamento de polícia contou ao *News* que o relacionamento do pequeno Corcoran com o padrasto não era bom e que ele já tinha passado noites fora de casa. A fonte especulou que as notas finais do rapaz podem ter sido um motivo para ele não aparecer. O diretor da escola, Harold Metcalf, recusou-se a comentar as notas do jovem Corcoran, dizendo que não são públicas.

«Espero que o desaparecimento deste rapaz não desencadeie medos desnecessários», disse o chefe Borton ontem à noite. «A comunidade está compreensivelmente abalada, mas quero realçar que não são comunicados entre trinta a cinquenta desaparecimentos de menores todos os anos. A maioria aparece sã e salva uma semana após a comunicação. Esse será o caso de Edward Corcoran, se Deus quiser.»

Borton também reiterou a sua convicção de que os assassinos de George Denbrough, Betty Ripsom, Cheryl Lamonica, Matthew Clements e Veronica Grogan não eram obra de uma só pessoa. «Há diferenças essenciais em cada crime», afirmou Borton, embora não tenha querido desenvolver. Disse que a polícia local, em conjunto com a procuradoria-geral do Maine, ainda está a seguir várias pistas. Ontem à noite, numa entrevista telefónica, interrogado sobre a qualidade dessas pistas, o chefe Borton respondeu: «Excelente.»

Quando perguntámos se podíamos esperar para breve uma prisão relacionada com algum dos crimes, Borton recusou-se a responder.

Retirado do *News de Derry* de 22 de junho de 1958 (página 1):

#### TRIBUNAL ORDENA EXUMAÇÃO SURPRESA

O desaparecimento de Edward Corcoran conheceu uma reviravolta estranha quando o juiz do Tribunal Distrital de Derry, Erhardt K. Moulton, ordenou a exumação do irmão mais novo de Corcoran, Dorsey, no fim da tarde de ontem. A decisão judicial verificou-se no seguimento de um pedido conjunto do promotor e do médico-legista.

Dorsey Corcoran, que também morava com a mãe e o padrasto no n.º 73 de Charter Street, morreu do que foram declaradas causas acidentais em maio de 1957. A criança foi levada para o Hospital de Derry com fraturas múltiplas, incluindo traumatismo craniano. Richard P. Macklin, o padrasto, foi quem o levou e declarou que Dorsey estivera a brincar num escadote da garagem e tudo indicava que tinha caído de lá. A criança morreu sem recuperar a consciência três dias depois.

Edward Corcoran, de dez anos, foi dado como desaparecido no final de quarta-feira. Quando lhe perguntaram se o senhor ou a senhora Macklin estavam sob suspeita da morte do rapaz mais novo ou do desaparecimento do mais velho, o chefe Richard Borton recusou-se a comentar.

Retirado do *News de Derry* de 24 de junho de 1958 (página 1):

## MACKLIN PRESO POR ESPANCAR ENTEADO ATÉ À MORTE

### Suspeito do desaparecimento do outro enteado

Devido a suspeitas relacionadas com o desaparecimento ainda por solucionar, o chefe Richard Borton convocou uma conferência de imprensa ontem para anunciar que Richard P. Macklin, morador do n.º 73 de Charter Street, foi preso e acusado do homicídio do enteado Dorsey Corcoran. Este morreu no Derry Home Hospital de «causas acidentais» no dia 31 de maio do ano passado.

«O relatório do médico-legista mostra que o rapaz estava muito ferido», disse Borton. Embora Macklin tenha alegado que o enteado caíra de um escadote enquanto brincava na garagem, Borton disse que o relatório do médico-legista indicava que Dorsey Corcoran foi agredido brutalmente com um instrumento rombo. Quando lhe perguntaram que tipo de instrumento, Borton disse: «Pode ter sido um martelo. Neste momento, o importante é a conclusão do médico-legista de que o rapaz levou golpes repetidos com um objeto suficientemente duro para lhe partir os ossos. Os ferimentos, particularmente os do crânio, não são consistentes com os que poderiam ocorrer numa queda. Espancado quase até à morte, Dorsey Corcoran foi depois largado nas urgências do hospital para morrer.»

Quando lhe perguntaram se os médicos que trataram Dorsey Corcoran podem ter sido descuidados ao omitir um incidente de agressão infantil ou a causa verdadeira da morte, Borton disse: «Terão de responder a muitas perguntas quando o senhor Macklin for a julgamento.»

Ao pedirem-lhe para comentar como podem esses desenvolvimentos estar relacionados com desaparecimento recente do irmão mais velho de Dorsey Corcoran, Edward, dado como

desaparecido por Richard e Monica Macklin quatro dias atrás, o chefe Borton respondeu: «Acho que parece bastante mais grave do que julgámos de início, não parece?»

Retirado do *News* de Derry de 25 de junho de 1958 (página 2):

PROFESSORA DIZ QUE EDWARD CORCORAN

«TINHA SEMPRE HEMATOMAS»

Henrietta Dumont, professora do quinto ano na escola primária de Jackson Street, disse que Edward Corcoran, que está desaparecido há praticamente uma semana, chegava com frequência à escola «coberto de hematomas». A senhora Dumont, que dá aulas a uma das duas turmas de quinto ano desde o fim da Segunda Guerra Mundial, disse que Edward chegou à escola um dia, cerca de três semanas antes do seu desaparecimento, «com os dois olhos quase fechados. Quando lhe perguntei o que tinha acontecido, ele disse que o pai “o castigara” por não ter comido o jantar».

Quando lhe perguntámos por que motivo ela não comunicara uma tarefa tão grave, a senhora Dumont respondeu: «Não foi a primeira vez que vi uma coisa assim na minha carreira de professora. Nas primeiras vezes que um aluno meu tinha um pai que confundia tarefas com educação, tentei fazer alguma coisa. A vice-diretora da altura, Gwendolyn Rayburn, disse-me para não me meter no assunto. Disse-me que quando funcionários da escola se envolvem em casos de suspeita de maus-tratos infantis, o Conselho Escolar é sempre prejudicado na altura da distribuição do orçamento. Procurei o diretor, e ele mandou-me esquecer o assunto, senão levaria uma reprimenda. Perguntei-lhe se, num caso como

aquele, a reprimenda iria para o meu dossiê. Ele respondeu-me que uma reprimenda não precisava de ir para o dossiê de um professor. Percebi o recado.»

Quando lhe perguntámos se a atitude na estrutura escolar de Derry continuava igual, a senhora Dumont disse: «Bem, o que lhe parece, à luz da situação atual? E devo acrescentar que não estaria a falar convosco se não me tivesse aposentado no final do ano letivo.»

A senhora Dumont prosseguiu: «Desde que isto aconteceu, ajoelho-me todas as noites e rezo para que o Eddie Corcoran se tenha fartado daquele padrasto bruto e fugido. Rezo para que, quando ler nos jornais ou ouvir no noticiário que o Macklin foi preso, o Eddie volte para casa.»

Numa breve entrevista telefónica, Monica Macklin refutou acaloradamente as acusações da senhora Dumont. «O Rich nunca bateu no Dorsey, e também nunca bateu no Eddie», disse ela. «Estou a dizer-vos isso e, quando eu morrer, comparecerei diante do Trono do Senhor, olharei Deus nos olhos e dir-Lhe-ei a mesma coisa.»

Retirado do *News* de Derry de 28 de junho de 1958 (página 2):

«O PAI TEVE DE ME BATER PORQUE SOU MAU», DISSE O MENINO À PROFESSORA  
ANTES DA TAREIA QUE O MATOU

Uma professora que se recusou a ser identificada disse ontem a um jornalista do *News* que o pequeno Dorsey Corcoran chegou à aula bissemanal da creche com o polegar e três dedos da mão direita magoados menos de uma semana antes da sua morte, num alegado acidente na garagem.



«Doía tanto que o pobrezinho não conseguia colorir o póster do Mister Do», disse a professora. «Tinha os dedos inchados como salsichas. Quando perguntei ao Dorsey o que acontecera, ele disse que o pai (o padrasto Richard P. Macklin) lhe tinha dobrado os dedos para trás porque ele pisara o chão que a mãe tinha acabado de lavar e encerar. “O pai teve de me bater porque sou mau”, foi o que ele disse. Só me apetecia chorar ao olhar para os seus pobres e lindos dedinhos. Ele queria mesmo pintar o póster como as outras crianças, então dei-lhe aspirina infantil e deixei-o colorir enquanto os outros ouviam histórias. Ele adorava colorir os pósteres do Mister Do, era o que mais gostava de fazer, e ainda bem pude ajudá-lo a sentir-se um nadinha feliz naquele dia.»

«Quando ele morreu, nem me ocorreu pensar que fosse qualquer coisa além de um acidente. Acho que primeiro pensei que ele tinha caído porque não conseguia segurar-se bem com aquela mão. Penso que não consegui acreditar que um adulto pudesse fazer uma coisa daquelas a uma criança. Agora, sei a verdade. Gostava de não saber.»

O irmão mais velho de Dorsey Corcoran, Edward, de dez anos, continua desaparecido. Da sua cela na prisão, Richard Macklin continua a negar qualquer participação na morte do enteado mais novo e no desaparecimento do mais velho.

Retirado do *News de Derry* de 30 de junho de 1958 (página 5):

MACKLIN INTERROGADO SOBRE  
AS MORTES DE GROGAN E CLEMENTS  
Fornece álibis incontestáveis, alega fonte

Retirado do *News* de Derry de 6 de julho de 1958 (página 1):

MACKLIN SERÁ ACUSADO APENAS DO HOMICÍDIO  
DO ENTEADO DORSEY, DIZ BORTON  
Edward Corcoran continua desaparecido

Retirado do *News* de Derry de 24 de julho de 1958 (página 1):

PADRASTO CHOROSO CONFESSA MORTE DO ENTEADO À PANCADA

Num dramático desenvolvimento do julgamento de Richard Macklin pela morte do enteado Dorsey Corcoran, Macklin foi-se abaixo durante o interrogatório severo do promotor Bradley Whitsun e admitiu que espancara o menino de quatro anos até à morte com um martelo, que depois enterrou na extremidade da horta da mulher antes de levar o rapaz para as urgências do Derry Home Hospital.

O tribunal ficou perplexo e em silêncio enquanto o choroso Macklin, que previamente admitira bater nos dois enteados «volta e meia, se estavam a pedi-las, para bem deles», contava a história.

«Não sei o que me deu. Vi-o subir de novo para o maldito escadote, peguei no martelo que estava no banco e comecei a bater-lhe com ele. Não pretendia matá-lo. Deus é minha testemunha, nunca pretendi matá-lo.»

«Ele disse alguma coisa antes de ficar inconsciente?», perguntou Whitsun.

«Ele disse “Para, papá, desculpa, amo-te”», respondeu Macklin.

«O senhor parou?»

«Acabei por parar», respondeu Macklin. Em seguida, começou a chorar de forma tão histérica que o juiz Erhardt Moulton suspendeu

a sessão.

Retirado do *News* de Derry de 18 de setembro de 1958 (página 16):

#### ONDE ESTÁ EDWARD CORCORAN?

O padrasto, condenado a cumprir uma pena de dois a dez anos na prisão estadual de Shawshank pelo homicídio de Dorsey, o irmão de quatro anos de Edward, continua a alegar que não faz ideia do paradeiro deste. A mãe, que pediu o divórcio de Richard P. Macklin, diz achar que o futuro ex-marido está a mentir. Estará?

«Eu cá não acredito nisso», afirmou o padre Ashley O'Brian, o capelão dos prisioneiros católicos de Shawshank. Macklin começou a preparar-se para adotar a fé católica depois do começo da sua pena, e o padre O'Brian passou bastante tempo com ele. «Está muito arrependido do que fez», prossegue o padre O'Brian, acrescentando que, quando perguntou inicialmente a Macklin por que motivo queria ser católico, este respondeu: «Ouvi dizer que os católicos têm um ato de contrição e preciso muito disso, senão vou para o inferno quando morrer.»

«Ele sabe o que fez ao enteado mais novo», disse o padre O'Brian. «Se também tiver feito alguma coisa ao mais velho, não se lembra. No que diz respeito ao Edward, acredita ter as mãos limpas.»

Se Macklin tem ou não as mãos limpas no que diz respeito ao enteado Edward é uma questão que continua a perturbar os residentes de Derry, mas ele provou a sua inocência quanto aos outros homicídios de crianças que aqui tiveram lugar. Conseguiu fornecer álibis inquestionáveis para os três primeiros, e estava na

prisão quando os outros sete foram cometidos no final de junho, julho e agosto.

Os dez homicídios continuam sem solução.

Em entrevista exclusiva ao *News* na semana passada, Macklin garantiu mais uma vez não saber o paradeiro de Edward Corcoran. «Eu batia nos dois», disse ele num monólogo doloroso que era constantemente interrompido por crises de choro. «Amava-os, mas batia-lhes. Não sei porquê, tal como não sei por que motivo a Monica deixava, nem porque me encobriu depois de o Dorsey morrer. Acho que poderia ter matado o Eddie com a mesma facilidade com que matei o Dorsey, mas juro por Deus e Jesus e todos os santos do céu que não matei. Sei o que parece, mas não matei. Acho que ele fugiu. Se fugiu, é uma coisa pela qual tenho de agradecer a Deus.»

Quando lhe perguntámos se tem falhas de memória, se podia ter matado Edward e bloqueado isso da sua mente, Macklin respondeu: «Não me apercebi de falha nenhuma. Sei muito bem o que fiz. Dei a minha vida a Cristo, e vou passar o resto dos meus dias a tentar compensar o que fiz.»

Retirado do *News* de Derry de 27 de janeiro de 1960 (página 1):

#### CORPO NÃO É DO JOVEM CORCORAN, ANUNCIA BORTON

O chefe da polícia Richard Borton disse aos jornalistas esta manhã que o corpo em decomposição avançada de um rapaz aproximadamente da idade de Edward Corcoran, que desapareceu da sua casa em Derry em junho de 1958, não é do rapaz desaparecido. O corpo foi encontrado em Aynesford, Massachusetts, enterrado

numa pedreira. De início, as polícias estaduais do Maine e do Massachusetts desenvolveram a teoria de que o corpo seria de Corcoran, acreditando que ele poderia ter sido apanhado por um pedófilo depois de fugir de casa em Charter Street, onde o irmão mais novo fora espancado e morto.

Radiografias aos dentes mostraram conclusivamente que o rapaz encontrado em Aynesford não era Edward Corcoran, que está desaparecido há dezanove meses.

Retirado do *Press-Herald* de Portland de 19 de julho de 1967 (página 3):

#### ASSASSINO CONDENADO SUICIDA-SE EM FALMOUTH

Richard P. Macklin, condenado há nove anos pelo homicídio do enteado de quatro anos, foi encontrado morto no seu pequeno apartamento de terceiro andar em Falmouth, ao fim da tarde de ontem. Em liberdade condicional, vivia e trabalhava tranquilamente em Falmouth desde a libertação da prisão estadual de Shawshank em 1964. Aparentemente, foi suicídio.

«O bilhete deixado indica um estado mental extremamente confuso», disse o subchefe da polícia de Falmouth, Brandon K. Roche. Recusou-se a divulgar o conteúdo do bilhete, mas uma fonte no departamento de polícia disse que consistia em duas frases: «Vi o Eddie ontem à noite. Estava morto.»

O «Eddie» mencionado pode muito bem ser o enteado de Macklin, irmão do rapaz por cujo homicídio Macklin foi condenado em 1958. Foi o desaparecimento de Edward Corcoran que acabou por levar à condenação de Macklin pela morte do irmão mais novo

de Edward, Dorsey. O rapaz mais velho está desaparecido há nove anos. Num breve procedimento legal em 1966, a mãe do rapaz pediu que o filho fosse legalmente declarado morto para poder apropriar-se da conta-poupança de Edward Corcoran. A conta tinha o total de dezasseis dólares.

### 3

Eddie Corcoran estava mesmo morto.

Morreu na noite de 19 de junho, e o padrasto não teve nada que ver com isso. Morreu enquanto Ben Hanscom estava em casa a ver televisão com a mãe, enquanto a mãe de Eddie Kaspbrak colocava a mão ansiosa na testa do filho em busca da sua doença favorita, «febre-fantasma», enquanto o padrasto de Beverly Marsh (um cavalheiro que tinha, pelo menos em temperamento, uma semelhança impressionante com o padrasto de Eddie e Dorsey Corcoran) dava um pontapé no *derrière* da rapariga e lhe ordenava que fosse «limpar os malditos pratos como a tua mãe mandou», enquanto Mike Hanlon era insultado por alguns rapazes do secundário (um dos quais geraria alguns anos depois o virtuoso homofóbico John «Webby» Garton) que passavam num *Dodge* velho enquanto ele arrancava ervas daninhas do jardim ao lado da pequena casa dos Hanlon em Witcham Street, não muito longe da quinta que pertencia ao pai maluco de Henry Bowers, enquanto Richie Tozier admirava às escondidas as raparigas seminuas num exemplar da revista *Gem* que encontrara no fundo da gaveta das meias e cuecas do pai e ficava com uma valente ereção, e enquanto Bill Denbrough atirava o álbum do irmão mais novo para o outro lado do quarto cheio de horror incrédulo.

Embora mais tarde nenhum deles se lembrasse do que fez, todos olharam para cima no momento exato em que Eddie Corcoran morreu... como se ouvissem algum grito distante.

O *News* tivera toda a razão a respeito de uma coisa: as notas de Eddie eram suficientemente más para o fazer ter medo de ir para casa encarar o padrasto. Além disso, a mãe e o padrasto andavam a discutir imenso naquele mês. Isso piorava as coisas. Quando discutiam a sério, a mãe gritava muitas acusações incoerentes. O padrasto respondia primeiro com resmungos, depois com gritos para ela se calar, terminando com os berros enfurecidos de um javali com o focinho cheio de espinhos de porco-espinho. Mas Eddie nunca vira o padrasto usar os punhos nela. Eddie achava que não se atreveria. Guardava os socos para Eddie e Dorsey, e agora que Dorsey estava morto, Eddie ganhava a quota-parte do irmão mais novo, além da sua.

Aquelas gritarias iam e vinham em ciclos. Eram mais comuns no final do mês, quando chegavam as contas. Um agente da polícia, chamado por um vizinho, podia aparecer uma vez ou outra quando as coisas estavam piores para os mandar acalmarem-se. Normalmente, isso punha fim à discussão. A mãe era capaz de mostrar o dedo ao agente e desafiá-lo a prendê-la, mas o padrasto regra geral não dizia nada.

O padrasto tinha medo dos polícias, achava Eddie.

Esforçava-se por passar despercebido durante esses períodos de stresse. Era o melhor a fazer. Bastava recordar o que acontecera a Dorsey. Eddie não sabia pormenores nem queria, mas tinha uma ideia. Achava que Dorsey estivera no sítio errado à hora errada: a garagem no último dia do mês. Disseram a Eddie que Dorsey caíra do escadote da garagem («Mandei-o ficar longe dela uma vez, sessenta vezes», dissera o padrasto), mas a mãe não olhava para ele a não ser por acaso... e, quando os seus olhos se encontravam, Eddie notava um brilho assustado e delator nos dela que não

lhe agradava. O padrasto ficava sentado em silêncio à mesa da cozinha com uma garrafa de cerveja *Rheingold*, a olhar para o nada sob as sobrancelhas baixas. Eddie mantinha-se longe dele. Quando o padrasto gritava, ele costumava (nem sempre, mas quase sempre) ficar bem. Quando parava é que tinha de ter cuidado.

Duas noites atrás, atirara uma cadeira a Eddie quando Eddie se levantara para ver o que estava a dar no outro canal de televisão. Limitara-se a pegar numa das cadeiras de alumínio da cozinha, atirá-la para trás por cima da cabeça e deixá-la cair. Acertara no traseiro de Eddie e deixara-o caído por terra. Ainda lhe doía o traseiro, mas sabia que podia ter sido pior: podia ter acertado na cabeça.

Houvera também a noite em que o padrasto de repente se levantara e esfregara uma mão-cheia de puré de batata no cabelo de Eddie sem motivo aparente. Um dia em setembro, Eddie chegara da escola e tolamente deixara que a porta de rede batesse ao fechar enquanto o padrasto dormia a sesta. Macklin saíra do quarto em *boxers*, o cabelo todo desganhado, a cara com a barba do fim de semana por fazer, o hálito a cerveja do fim de semana.

— Pronto, Eddie — disse ele —, tenho de te castigar por bateres com a porra da porta.

No léxico de Rich Macklin, «castigar» era um eufemismo para «dar-te uma tarefa». E foi o que fez a Eddie. Eddie perdera os sentidos quando o padrasto o atirara para o vestíbulo. A mãe tinha colocado ali um par de cabides baixos, para ele e Dorsey terem onde pendurar os casacos. Os cabides enfiaram-se como dedos duros de aço na lombar de Eddie, e foi então que desmaiou. Quando voltou a si, dez minutos depois, ouviu a mãe gritar que ia levar Eddie ao hospital e ele não podia impedi-la.

— Depois do que aconteceu ao Dorsey? — respondera o padrasto. — Queres ir parar à prisão, mulher?



Foi o fim da conversa sobre o hospital por parte dela. Ajudou Eddie a ir para o quarto, onde ele ficou deitado na cama a tremer, com a testa coberta de suor. Nos três dias seguintes só saiu do quarto quando os dois estavam fora de casa. Cambaleava lentamente até à cozinha, a gemer baixinho, e agarrava no uísque do padraço que estava sob o lava-louças. Alguns goles aliviavam a dor. A dor tinha desaparecido praticamente toda no quinto dia, mas ele mijara sangue durante umas duas semanas.

E o martelo já não estava na garagem.

O que dizem a isto? O que dizem, amigos e vizinhos?

Ah, o martelo *Craftsman*, o vulgar de Lineu, ainda lá estava. O desaparecido era o martelo anti-recuo *Scotti*. O martelo especial do padraço, em que ele e Dorsey tinham sido proibidos de mexer.

— Se um de vocês lhe tocar com um dedo — dissera ele no dia em que o comprara —, vai usar as tripas para tapar os ouvidos.

Dorsey perguntara timidamente se o martelo era muito caro. O padraço respondera que ele devia estar a gozar. Que estava cheio de rolamentos e que não se conseguia fazê-lo recuar, por muito forte que fosse o golpe.

Agora, tinha desaparecido.

As notas de Eddie não eram as melhores porque ele faltara muitas vezes às aulas desde que a mãe voltara a casar, mas não era um rapaz idiota nem nada que se pareça. Achava que sabia o que tinha acontecido ao martelo anti-recuo *Scotti*. Achava que talvez o padraço o tivesse usado em Dorsey e enterrado no jardim, ou atirado para o canal. Era o tipo de coisa que acontecia com frequência na banda desenhada de terror que Eddie lia, a que guardava na prateleira de cima do roupeiro.

Aproximou-se do canal, que corria entre as paredes de betão como seda escorregadia. Uma faixa de luar brilhava na sua superfície escura em forma de bumerangue. Sentou-se, balançando os ténis contra o betão num movimento irregular. As últimas seis semanas tinham sido bastante secas, e

a água corria mais de dois metros e meio abaixo das solas gastas dos ténis. Mas se uma pessoa olhasse com atenção para as paredes do canal, viam-se os vários níveis a que ele às vezes subia rapidamente. O betão estava manchado de castanho-escuro bastante acima do nível atual da água. Essa mancha castanha passava lentamente a amarela, depois a uma cor que era quase branca no nível em que os calcanhares dos ténis de Eddie faziam contacto.

A água fluía calma e silenciosamente de um arco de betão empedrado por dentro, passava pelo sítio onde Eddie se encontrava e seguia para a ponte pedonal coberta entre o Bassey Park e a Derry High School. Os lados e o chão da ponte, até as vigas sob o teto, estavam cobertos de uma variedade sem fim de iniciais, números de telefone e declarações. Declarações de amor; declarações que fulano de tal estava disposto a «chupar» ou «lamber»; declarações de que quem fosse encontrado a chupar ou a lambar perderia o prepúcio ou levaria com alcatrão quente no cu; declarações excêntricas ocasionais que desafiavam definições. Uma sobre a qual Eddie refletira durante toda a primavera dizia SALVE OS JUDEUS RUSSOS! GANHE PRÉMIOS VALIOSOS!

O que queria aquilo dizer exatamente? Alguma coisa? E importava?

Eddie não passou pela Ponte dos Beijos naquela noite; não tinha necessidade de atravessar para o lado da escola secundária. Achava que iria dormir no parque, talvez nas folhas mortas debaixo do coreto, mas por enquanto estava bem ali sentado. Gostava do parque e ia para lá com frequência quando precisava de pensar. Às vezes havia casais a curtir entre as árvores do parque, mas Eddie deixava-os em paz e eles deixavam-no em paz. Tinha ouvido histórias assustadoras no recreio da escola sobre os maricas que passeavam no Bassey Park depois do pôr do Sol, e aceitava essas histórias sem as questionar, mas ele próprio nunca tinha sido incomodado. O parque era um sítio tranquilo, e achava que a melhor parte

era ali mesmo onde se sentara. Gostava de lá ir no meio do verão, quando a água estava tão baixa que fazia barulho nas pedras e se dividia em riachos isolados que se retorciam e às vezes voltavam a juntar-se. Gostava de lá ir no final de março ou início de abril, logo depois do degelo, quando ficava de pé ao lado do canal (fazia demasiado frio para se sentar; o traseiro congelaria) durante uma hora ou mais, o capuz da parca velha (agora dois números abaixo do seu) a cobrir-lhe a cabeça, as mãos enfiadas nos bolsos, sem perceber que o seu corpo magro tremia e balançava. O canal tinha um poder terrível e irresistível na semana seguinte ao degelo. Fascinava Eddie a forma como a água borbulhava branca ao sair do arco empedrado e rugia ao passar por ele, levando consigo paus e ramos e todo o tipo de detritos humanos. Por mais de uma ocasião imaginara-se a andar ao lado do canal em março com o padraço e a dar um empurrão enorme ao estupor. Ele gritaria e cairia, com os braços a girar em busca de equilíbrio, e Eddie ficaria na margem a vê-lo ser levado pela corrente, a cabeça uma forma preta a boiar na corrente desgovernada cheia de espuma branca. Ele ficaria ali de pé, sim, e colocaria as mãos em volta da boca e gritaria: ISSO FOI PELO DORSEY, SEU CABRÃO PODRE! QUANDO CHEGARES AO INFERNO, DIZ AO DIABO QUE A ÚLTIMA COISA QUE OUVISTE FUI EU A MANDAR-TE METER COM ALGUÉM DO TEU TAMANHO! Nunca aconteceria, claro, mas era uma fantasia magnífica. Um grande sonho para se ter sentado junto ao canal, um g...

A mão fechou-se em volta do pé de Eddie.

Ele estivera a olhar para o outro lado do canal na direção da escola secundária, a esboçar um sorriso sonolento e belo ao imaginar o padraço a ser transportado pela corrente violenta do degelo de primavera, a ser levado da sua vida para sempre. O aperto delicado mas forte assustou-o tanto que ele quase perdeu o equilíbrio e caiu.

*É um dos maricas de quem os rapazes grandes falam*, pensou, e olhou para baixo. Ficou boquiaberto. A urina escorreu-lhe quente pelas pernas e

manchou de preto as calças de ganga ao luar. Não era nenhum maricas.

Era Dorsey.

Era Dorsey como tinha sido enterrado, Dorsey com o seu casaco azul e calças cinzentas, só que o casaco estava feito em frangalhos enlameados, a camisa de Dorsey era um farrapo amarelo, as calças de Dorsey colavam-se molhadas às pernas magras como cabos de vassoura. E a cabeça de Dorsey estava horrivelmente *deformada*, como se se tivesse afundado atrás e sido projetada para fora à frente.

Dorsey sorria.

— *Eddieeee* — grasnou o seu irmão morto, tal como uma das pessoas mortas que saíam sempre do túmulo na banda desenhada de terror. O sorriso de Dorsey alargou-se. Dentes amarelos brilharam, e algures no fundo daquela escuridão parecia haver coisas a contorcerem-se. — *Eddieeee... Vim ver-te, Eddieeeee...*

Eddie tentou gritar. Ondas de pânico cinzento tomaram conta dele, e teve a sensação curiosa de estar a flutuar. Mas não era sonho; estava acordado. A mão no seu ténis era branca como a barriga de uma truta. Os pés descalços do irmão agarravam-se ao betão de alguma maneira. Alguma coisa arrancara um dos calcanhares de Dorsey à dentada.

— *Vem para baixo Eddieeee...*

Eddie não conseguiu gritar. Os seus pulmões não continham ar suficiente para emitir um grito. Soltou um ruído curiosamente fraco que parecia um gemido. Qualquer coisa mais alta parecia além da capacidade dele. Mas tudo bem. Dali a um ou dois segundos, a sua mente entraria em parafuso e nada mais importaria. A mão de Dorsey era pequena, mas implacável. As nádegas de Eddie estavam a deslizar pelo betão até à beira do canal.

Sempre a emitir aquele gemido fraco, ele esticou a mão para trás, segurou-se ao betão e puxou-se. Sentiu a mão deslizar momentaneamente,

ouviu um sibilar furioso e teve tempo para pensar: *Aquele não é o Dorsey. Não sei o que é, mas não é o Dorsey.* E então a adrenalina inundou o seu corpo e ele estava a rastejar para longe, tentando correr antes mesmo de estar em pé, com a respiração a sair em silvos curtos e agudos.

Mãos brancas apareceram na beira de betão do canal. Ouviu-se uma espécie de palmada húmida. Gotas de água voaram ao luar, saídas da pele pálida e morta. O rosto de Dorsey apareceu então sobre o muro. Clarões vermelhos iluminavam os seus olhos encovados. Tinha o cabelo molhado colado ao crânio. A lama manchava as suas bochechas como pintura de guerra.

O peito de Eddie finalmente ficou desbloqueado. Inspirou e transformou o ar num grito. Pôs-se em pé e desatou a correr. Correu a olhar por cima do ombro, por precisar de ver onde Dorsey estava, e como resultado colidiu com um grande ulmeiro.

Parecia que alguém (o padrasto, por exemplo) fizera rebentar uma carga de dinamite no seu ombro esquerdo. Estrelas brilharam e rodopiaram na sua cabeça. Caiu junto à árvore como se tivesse levado uma machadada, com sangue a escorrer da têmpora esquerda. Eddie nadou nas águas da semiconsciência talvez durante noventa segundos. Em seguida, conseguiu levantar-se de novo. Um gemido escapou-lhe da boca quando tentou levantar o braço esquerdo. O braço não quis subir. Estava dormente e dir-se-ia distante. Assim, ergueu o direito e esfregou a cabeça dorida.

Então lembrou-se porque chocara com o ulmeiro e olhou em volta.

Ali estava o muro do canal, branco como osso e direito como uma corda ao luar. Nem sinal da coisa do canal... se é que *houvera* alguma coisa. Continuou a girar, movendo-se lentamente para completar trezentos e sessenta graus. O Basse Park estava silencioso e imóvel como uma fotografia a preto-e-branco. Os salgueiros chorões arrastavam os tenebrosos

braços finos, e qualquer coisa podia estar de pé, curvada e louca, ao abrigo daqueles ramos.

Eddie começou a andar, tentando olhar para todos os lados ao mesmo tempo. O ombro deslocado latejava em sincronia dolorosa com os seus batimentos cardíacos.

*Eddieeeee*, gemia a brisa nas árvores, *não queres veeeer-me, Eddieeeee?* Sentiu dedos flácidos de cadáver acariciarem a parte lateral do seu pescoço. Virou-se, levantando as mãos. Quando os seus pés se enredaram e ele caiu, percebeu que eram apenas folhas de salgueiro a moverem-se na brisa.

Levantou-se de novo. Queria correr, mas, quando tentou, outra explosão de dinamite aconteceu no seu ombro e teve de parar. Sabia que já devia estar a recuperar daquele susto, a chamar-se bebé idiota por se deixar assustar por um reflexo, ou talvez por ter adormecido sem perceber e estar a ter um pesadelo. Mas não era isso; era precisamente o contrário. O seu coração batia tão depressa que ele não conseguia distinguir os batimentos individuais, e teve a certeza de que em breve explodiria de pavor. Não era capaz de correr, mas quando saiu da área dos salgueiros, conseguiu trotar a coxear.

Fixou os olhos na luz do poste que assinalava o portão principal do parque. Seguiu naquela direção, ganhando um pouco mais de velocidade, pensando: *Chegarei àquela luz e estarei a salvo. Chegarei àquela luz e estarei a salvo. Luz forte afasta a morte, cheio de sorte...*

Havia alguma coisa a segui-lo.

Eddie conseguia ouvi-la a abrir caminho pelos salgueiros. Se se virasse, iria vê-la. Estava a aproximar-se. Conseguia ouvir os pés dela, uma espécie de passos arrastados e molhados, mas não olharia para trás, não, olharia para a frente, para a luz, a luz era a solução, ele continuaria a correr para a luz, e estava quase lá, quase...

Foi o cheiro que o fez olhar para trás. O cheiro avassalador, como se peixes tivessem sido deixados a apodrecer numa enorme pilha até se transformarem numa pasta de carniça no calor do verão. Era o fedor de um oceano morto.

Não era Dorsey que estava atrás dele; era o Monstro da Lagoa Negra. O focinho da coisa era longo e pregueado. Fluido verde escorria de aberturas negras como bocas verticais nas suas faces. Os seus olhos eram brancos e gelatinosos. Os dedos unidos por membranas tinham garras como lâminas nas pontas. A respiração era borbulhante e profunda, o som de um mergulhador com um regulador defeituoso. Quando viu Eddie a olhar, os seus lábios preto-esverdeados repuxaram-se sobre dentes enormes num sorriso morto e vazio.

Arrastou-se atrás de Eddie, pingando, e Eddie de repente compreendeu. Pretendia levá-lo de novo para o canal, carregá-lo para a escuridão húmida da passagem subterrânea. A fim de o devorar.

Eddie acelerou. A luz junto ao portão aproximou-se. Conseguia ver a auréola de insetos e traças. Passou um camião rumo à Route 2, o condutor a meter as mudanças, e a mente desesperada e apavorada de Eddie disse-lhe que o homem podia estar a beber café por um copo de papel e a ouvir uma música de Buddy Holly no rádio, completamente alheio ao facto de, a menos de duzentos metros, haver um rapaz que poderia estar morto dali a vinte segundos.

O fedor. O fedor avassalador do monstro. A aproximar-se. A envolvê-lo.

Foi um banco do parque que o fez tropeçar. Alguns rapazes tinham-no empurrado no início da noite, ao irem para casa a correr para chegarem antes do recolher obrigatório. O banco saía menos de cinco centímetros da relva, verde sobre verde, praticamente invisível na escuridão do luar. A beira do banco bateu nas canelas de Eddie, provocando uma explosão de dor perfurante e intensa. As suas pernas voaram e ele caiu.

Olhou para trás e viu a Criatura a aproximar-se, com os olhos brancos como ovos escalfados a brilhar, as escamas a pingarem algo viscoso da cor de algas, as guelras a subirem e a descerem no pescoço largo e as bochechas a abrirem e a fecharem.

— Ag! — gemeu Eddie. Parecia ser o único som que conseguia emitir.  
— Ag! Ag! Ag! Ag!

Começou a rastejar, enterrando os dedos na relva, com a língua de fora.

Um segundo antes de as mãos ásperas e a tresandar a peixe da Criatura se fecharem em volta do seu pescoço, teve um pensamento reconfortante: *Isto é um sonho; tem de ser. Não existe uma Criatura a sério, uma Lagoa Negra a sério, e mesmo que existisse, ficava na América do Sul ou nos Everglades da Florida, ou num sítio parecido. É só um sonho, e vou acordar na minha cama ou talvez entre as folhas debaixo do coreto e eu...*

Naquele momento, mãos de batráquio fecharam-se em volta do seu pescoço, e os gritos roucos de Eddie foram sufocados; quando a Criatura o virou, os ganchos quitinosos que se projetavam daquelas mãos provocaram-lhe marcas sangrentas como caligrafia no pescoço. Fitou os olhos brancos e brilhantes. Sentiu as membranas entre os dedos da Criatura apertarem o seu pescoço como elásticos feitos de algas vivas. O seu olhar, aguçado pelo pavor, reparou na barbatana, semelhante a uma crista de galo, mas também a uma barbatana venenosa de peixe-gato acima da cabeça curvada e pregueada da Criatura. Enquanto as mãos dele apertavam, cortando a passagem do ar, Eddie notou que a luz branca do candeeiro ficava verde-acinzentada vista através daquela barbatana membranosa na cabeça.

— Tu... não... és... real — balbuciou Eddie, sentindo-se sufocar, mas as nuvens cinzentas já estavam a aproximar-se, e apercebeu-se vagamente de que aquela Criatura era bastante real. Afinal, estava a matá-lo.

E, no entanto, alguma da racionalidade permaneceu, mesmo até ao fim: quando a Criatura lhe cravou as unhas na carne macia do pescoço, quando a



sua carótida se rompeu num jorro quente e indolor que encharcou a pele reptilínea da coisa, as mãos de Eddie tatearam as costas da Criatura em busca de um fecho de correr. Só penderam quando a Criatura lhe arrancou a cabeça dos ombros com um resmungo baixo de satisfação.

E quando a imagem que Eddie tinha da Coisa começou a desvanecer-se, a Coisa começou imediatamente a adquirir outra aparência.

#### 4

Incapaz de dormir, assombrado por pesadelos, um rapaz chamado Michael Hanlon levantou-se logo depois da alvorada no primeiro dia das férias do verão. A luz era pálida, envolta numa névoa baixa e densa que se desvaneceria por volta das oito, deixando à mostra um dia perfeito de verão.

Mas isso seria mais tarde. De momento, o mundo era todo cinzento e rosado, tão silencioso como um gato a andar num tapete.

Mike, com calças de bombazina, *t-shirt* e ténis-bota *Keds* pretos, desceu as escadas, comeu uma tigela de *Wheaties* (não gostava de *Wheaties*, mas queria o prémio que vinha na caixa, um Anel Mágico Descodificador do Captain Midnight), montou na bicicleta e seguiu para a cidade, indo pelos passeios por causa da neblina. A neblina mudava tudo, transformava as coisas mais comuns, como as bocas-de-incêndio e os sinais de STOP, em objetos misteriosos, coisas estranhas e um tanto sinistras. Os carros deixavam-se ouvir, mas não ver, e por causa da estranha qualidade acústica da névoa, não se sabia se estavam longe ou perto até saírem da neblina com auras fantasmagóricas de humidade em redor dos faróis.

Virou à direita em Jackson Street, desviando-se do centro, e atravessou Main Street por Palmer Lane e, durante o seu curto trajeto por essa pequena estrada de sentido único que se estendia apenas ao longo de um quarteirão,

passou pela casa onde viveria em adulto. Não olhou para ela; era apenas uma casa de dois andares com garagem e um pequeno relvado. Não emitiu nenhuma vibração especial para o rapaz que deslizava na bicicleta e que passaria a maior parte da vida adulta como seu proprietário e único morador.

Em Main Street, virou à direita e seguiu até ao Bassey Park, ainda sem rumo, apenas a andar de bicicleta e a apreciar a imobilidade do início de dia. Depois de passar pelo portão principal, desceu do selim, baixou o descanso e foi até ao canal. Tanto quanto sabia, ainda estava motivado apenas por puro capricho. Certamente não lhe ocorreu pensar que os seus sonhos da noite anterior tinham alguma coisa que ver com o trajeto atual; nem se lembrava exatamente com o que tinha sonhado, só que um sonho sucedera o outro até que ele acordara às cinco da manhã, a suar mas a tremer, e com a ideia de que devia tomar um pequeno-almoço rápido e ir de bicicleta para a cidade.

Ali em Bassey havia um cheiro na neblina que não lhe agradou: um cheiro a mar, salgado e velho. Já sentira aquele odor antes, claro. Nas neblinas matinais, era comum sentir-se o cheiro do oceano em Derry, apesar de a costa estar a sessenta e cinco quilómetros. Mas o cheiro naquela manhã parecia mais denso, mais vital. Perigoso.

Alguma coisa chamou a sua atenção. Inclinou-se e pegou num canivete barato com duas lâminas. Alguém gravara as iniciais E.C. de lado. Mike olhou-o pensativo durante um momento ou dois e guardou-o no bolso. Achado não é roubado.

Olhou em volta. Ali, perto de onde encontrara o canivete, havia um banco de jardim tombado. Endireitou-o, enfiando os pés de ferro nos buracos que tinham feito ao longo de um período de meses ou anos. Atrás do banco viu uma área de relva achatada... e a seguir, dois sulcos. A relva

começava a ficar direita de novo, mas as marcas continuavam bastante claras. Iam na direção do canal.

E havia sangue.

*(o pássaro lembra-te do pássaro lembra-te do)*

Mas ele não queria lembrar-se do pássaro e afastou o pensamento. *Uma luta de cães, só isso. Um deles deve ter magoado bastante o outro.* Era uma ideia crível, mas por algum motivo não o convenceu. Os pensamentos de pássaros continuavam a querer voltar: o que ele tinha visto na Fundação Kitchener, aquele que Stan Uris nunca encontraria no seu livro sobre pássaros.

*Para. Sai mas é daqui.*

No entanto, em vez de ir se embora, seguiu as marcas. Enquanto fazia isso, inventou uma história. Era uma história de homicídio. Era uma vez um rapaz que ficou na rua até tarde. Até bastante depois do recolher obrigatório. O assassino apanha-o. E como se livra do corpo? Arrasta-o para o canal e atira-o lá para dentro, claro! Tal como no programa *Alfred Hitchcock Apresenta!*

As marcas que estava a seguir *podiam* ter sido feitas pelo arrastar de um par de sapatos ou de ténis, achava ele.

Inseguro, Mike tremeu e olhou em volta. De certa forma, a história era demasiado real.

*E imagina que não foi um homem que fez aquilo, mas um monstro. Saído de uma banda desenhada de terror ou de um livro de terror ou de um filme de terror ou*

*(de um pesadelo)*

*de um conto de fadas, alguma coisa do género.*

Decidiu que não estava a gostar da história. Era uma história idiota. Tentou afastá-la da mente, mas ela não queria ir-se embora. E então? Que ficasse. Era idiotice. Ir de bicicleta até à cidade naquela manhã fora uma

idiotice. Seguir aquelas duas marcas na relva fora uma idiotice. O pai teria muitas coisas para ele fazer em casa naquele dia. Tinha de voltar e deitar mãos à obra, senão a parte mais quente da tarde chegaria e ele encontrar-se-ia no celeiro a amontoar feno. Sim, tinha de voltar. E era isso que iria fazer.

*Claro que é, pensou ele. Queres apostar?*

Em vez de voltar para a bicicleta, montar-se nela, regressar a casa e começar as suas tarefas, seguiu as marcas na relva. Havia mais gotas de sangue seco, aqui e ali. Mas não muito. Não tanto como naquela parte achatada perto do banco de parque que endireitara.

Mike conseguia ouvir o canal, a correr serenamente. Um momento depois, viu o muro de betão materializar-se na neblina.

Havia outra coisa na relva. *Meu Deus, hoje é o teu dia de encontrar coisas*, disse a sua mente com afabilidade duvidosa, e então uma gaivota gritou algures e Mike encolheu-se, pensando de novo no pássaro que vira naquele dia, naquele dia da famigerada primavera.

*Seja lá o que for aquilo na relva, não quero olhar.* E isso era verdade, mas ali estava ele, já a curvar-se, com as mãos nos joelhos, para ver o que era.

Um pedaço rasgado de tecido com uma gota de sangue.

A gaivota gritou de novo. Mike olhou para o pano sujo de sangue e lembrou-se do que lhe acontecera na primavera.

## 5

Todos os anos, durante os meses de abril e maio, a quinta dos Hanlon despertava do sono de inverno.

Mike não reconhecia a chegada da primavera quando os primeiros açafrões surgiam sob as janelas da cozinha da mãe, nem quando as crianças

começavam a levar berlindes e sapos para a escola, nem mesmo quando os Washington Senators davam início à temporada de basebol (normalmente perdendo por larga margem), mas sim quando o pai gritava para que Mike fosse ajudá-lo a empurrar a velha carrinha de caixa aberta para fora do celeiro. A metade da frente era um velho *Ford Model-A*, a parte de trás uma *pick-up* cuja porta traseira era o que sobrara da porta do velho galinheiro. Se o inverno não tivesse sido demasiado frio, os dois conseguiam fazer a carrinha pegar empurrando-a pela entrada da garagem. A cabina não tinha portas; também não tinha para-brisa. O banco era metade de um sofá velho que Will Hanlon trouxera da lixeira de Derry. A manete das mudanças tinha uma velha maçaneta de vidro em cima.

Empurravam-na pela entrada, um de cada lado, e quando ela ganhava velocidade, Will saltava lá para dentro, rodava a chave, retardava a ignição, carregava na embraiagem e metia a primeira com a mão enorme em cima da maçaneta. Em seguida, gritava:

— Faz-me passar o cume!

Largava a embraiagem e o motor do velho *Ford* tossia, engasgava-se, lançava perdigotos, soltava rateres... e às vezes começava a funcionar, com dificuldade de início, depois melhor. Will deslizava pela colina em direção às quintas dos Rhulin, dava a volta na entrada deles (se tivesse ido para o outro lado, o maluco do pai de Henry Bowers provavelmente tinha-lhe rebentado a cabeça com uma caçadeira) e voltava para casa, fazendo bramar o motor sem silenciador enquanto Mike dava saltos de entusiasmo, gritava vivas e a mãe ficava à porta da cozinha, a limpar as mãos a um pano e a fingir um desagrado que, de facto, não sentia.

Outras vezes, a *pick-up* não pegava de empurrão, e Mike tinha de esperar que o pai voltasse do celeiro com a manivela a resmungar baixinho. Mike tinha a certeza de que algumas das palavras resmungadas eram palavrões, e sentia um pouco de medo do pai nessa altura. (Só bastante mais

tarde, durante uma daquelas visitas intermináveis ao quarto de hospital onde Will Hanlon agonizava, descobriu que o pai resmungava porque tinha medo da manivela: uma vez, ela saltara, saindo a voar do sítio, e rasgara-lhe a boca de lado.)

— Chega-te para trás, Mikey — dizia ele, enfiando a manivela na base do radiador. E quando o motor estava por fim a trabalhar, ele dizia que no ano seguinte a trocava por um *Chevrolet*, mas nunca trocava. Aquele velho *Ford A* híbrido ainda estava atrás da casa, junto ao galinheiro, coberto de ervas até aos eixos.

Quando a *pick-up* estava a funcionar e Mike sentado no banco do passageiro, a sentir um cheiro a óleo quente e fumo azul, animado pela brisa que entrava pelo buraco onde antes estivera o para-brisas, pensava: *A primavera voltou. Estamos todos a despertar.* E na sua alma dava um grito silencioso que sacudia as paredes daquele espaço geralmente feliz. Sentia amor por tudo à sua volta, e mais do que tudo pelo pai, que lhe sorria e gritava:

— Agarra-te, Mikey! Vamos acelerar esta menina! Vamos afugentar uns pássaros!

Em seguida, conduzia pela entrada da garagem, com as rodas de trás do *Ford* a levantar terra preta e bocados de argila, ambos aos saltos no banco-sofá na cabina aberta, a rir como tolos. Will conduzia pela erva alta do campo de trás, que era guardado para o feno, em direção ao campo do sul (de batata), do oeste (milho e feijão) ou do campo leste (ervilhas e abóboras). Conforme seguiam, os pássaros saíam a voar da relva à frente da *pick-up*, piando apavorados. Uma vez, uma perdiz levantou voo, um pássaro magnífico castanho como folhas do final do outono, o som explosivo das suas asas audível até mesmo acima do estrondo do motor.

Aqueles passeios eram a porta de Mike Hanlon para a primavera.

O trabalho do ano começava com a recolha de pedras. Diariamente, durante uma semana, saíam com o *Ford* e enchiam a caixa aberta com pedras capazes de partir a lâmina do arado quando chegasse a altura de revirar a terra para o plantio. Às vezes, a *pick-up* ficava presa na terra húmida da primavera e Will resmungava sombriamente baixinho... mais palavrões, supunha Mike. Conhecia algumas das palavras e expressões; outras, como «filho de uma grande prostituta», intrigavam-no. Tinha visto a palavra na Bíblia e, tanto quanto sabia, uma prostituta era uma mulher que vinha de um sítio chamado Babilónia. Esteve para pedir explicações ao pai, mas o *Ford* tinha lama até à suspensão, de modo que decidira esperar por uma oportunidade melhor, pois havia nuvens de tempestade na testa do pai. Acabou por perguntar a Richie Tozier mais tarde nesse ano, e Richie disse-lhe que o *seu* pai explicara que uma prostituta era uma mulher que era paga para ter relações sexuais com homens.

— O que é ter relações sexuais? — perguntou Mike, e Richie afastara-se com a cabeça entre as mãos.

Numa ocasião, Mike perguntara ao pai por que motivo, se todos os anos passavam o mês de abrir a recolher pedras, havia sempre mais em abril do ano seguinte.

Estavam no local do despejo das pedras, quase ao pôr do Sol do último dia de recolha de pedras daquele ano. Um caminho de terra batida, que não merecia o nome de estrada, levava da parte baixa do campo oeste até ao barranco perto da margem do Kenduskeag. O barranco era um amontoado de pedras que tinham sido retiradas das terras de Will ao longo dos anos.

Ao contemplar as terras desoladas, que cultivara primeiro sozinho, depois com a ajuda do filho (sabia que algures debaixo das pedras estavam os restos apodrecidos dos troncos que ele arrancara antes de qualquer um dos campos poder ser cultivado), Will acendera um cigarro e dissera:

— Segundo o meu pai, Deus ama as pedras, as moscas, as ervas daninhas e as pessoas pobres acima de todas as Suas outras criações, e foi por isso que fez tantas.

— Mas todos os anos parece que regressam.

— Sim, acho que regressam — disse Will. — Não há outra explicação.

Um mergulhão piou do outro lado do Kenduskeag, num pôr do Sol que tinha deixado a água de um tom laranja escuro. Era um som solitário, tão solitário que fez os braços cansados de Mike cobrirem-se de pele de galinha.

— Gosto muito de ti, pai — disse ele de repente, sentindo um amor tão forte que as lágrimas fizeram os seus olhos arder.

— Ora, também gosto muito de ti, Mikey — disse o pai, e abraçou-o com força.

Mike sentiu o tecido áspero da camisa de flanela do pai arranhar-lhe a cara.

— E que tal voltarmos? Temos tempo para tomar banho antes que a boa da mãe ponha o jantar na mesa.

— *Ayuh* — disse Mike.

— *Ayuh* mesmo — disse Will Hanlon, e os dois riram, exaustos, mas felizes, com braços e pernas cansados, mas não extenuados, as mãos ásperas das pedras, mas sem doerem muito.

*A primavera chegou*, pensou Mike naquela noite, adormecendo no quarto enquanto os pais viam *The Honeymooners* na sala. *A primavera voltou, obrigado, Senhor, muito obrigado*. E, ao adormecer, ao mergulhar, ouviu o mergulhão piar de novo, e a distância do pântano onde ele estava misturou-se com o desejo dos sonhos dele. A primavera era uma época atarefada, mas boa.

Após a recolha de pedras, Will estacionava o *Ford* na erva alta atrás da casa e tirava o trator do celeiro. Em seguida, era o momento de arar a terra,



com o pai a conduzir o trator, e Mike atrás, agarrado ao banco de ferro, ou a andar ao lado, apanhando as pedras que tinham deixado escapar e atirando-as para fora do campo. Depois vinha o plantio, e após o plantio vinha o trabalho de verão: arrancar as ervas com a enxada. A mãe voltava a encher Larry, Moe e Curly, os três espantalhos, e Mike ajudava o pai a colocar bramantes no cimo de cada cabeça cheia de palha. Um bramante era uma lata sem as duas extremidades. Atava-se um cordel bem encerado e esticado no centro da lata e, quando o vento soprava por ela, o resultado era um som maravilhosamente assustador: uma espécie de bramido. Os pássaros que se alimentavam das sementes descobriam em breve que Larry, Moe e Curly não eram uma ameaça, mas os bramantes assustavam-nos sempre.

A partir de julho, era altura de colher, além de arrancar ervas: ervilhas e rabanetes primeiro, depois alfaces e tomates que de início tinham sido plantados em vasos, depois milho e feijão em agosto, mais milho e feijão em setembro, depois abóboras. Algures no meio daquilo tudo era a vez das batatas, e então, conforme os dias ficavam mais curtos e o tempo mais frio, ele e o pai tiravam os bramantes (e às vezes, durante o inverno, sumiam; parecia que era preciso fazer novos todas as primaveras). No dia seguinte, Will chamava Norman Sadler (que era tão burro como o filho, Moose, mas infinitamente mais bondoso), e Normie ia até lá com o seu arrancador de batatas.

Durante as três semanas seguintes, todos eles trabalhavam na apanha da batata. Além da família, Will contratava três ou quatro rapazes do secundário para ajudar, pagando-lhes vinte e cinco cêntimos por barrica. O *Ford A* subia e descia lentamente pelos sulcos do campo sul, o maior, sempre com a mudança baixa, com a caixa aberta cheia de barricas, cada uma com o nome da pessoa que estava a enchê-la. Ao fim do dia, Will abria a carteira velha e enrugada e pagava-lhes individualmente. Mike recebia, assim como a mãe; aquele dinheiro era deles, e Will Hanlon nunca lhes

perguntara como o gastavam. Mike recebera uma participação de cinco por cento na quinta ao fazer cinco anos (idade suficiente, dissera Will, para segurar uma enxada e saber a diferença entre ervas daninhas e pés de ervilha). A cada ano, ganhava mais um por cento, e todos os anos, no dia seguinte ao Dia de Ação de Graças, Will calculava os lucros da quinta e deduzia a parte de Mike... mas Mike nunca viu *aquela* dinheiro. Ia para a conta da faculdade, e não se lhe devia tocar por motivo nenhum.

Por fim, chegava o dia em que Normie Sadler levava o arrancador de batatas de novo para casa; então, o ar já teria ficado cinzento e frio e haveria geada nos montes de abóboras junto ao celeiro. Mike ficava à porta, com o nariz vermelho, as mãos sujas enfiadas nos bolsos das calças de ganga, e via o pai levar primeiro o trator e depois o *Ford A* para dentro do celeiro. Pensava: *Estamos a preparar-nos para voltar a adormecer. A primavera... acabou. O verão... acabou. A colheita... está feita.* Restava apenas o fim do outono: árvores sem folhas, chão congelado, uma camada de gelo nas margens do Kenduskeag. Nos campos, os corvos às vezes pousavam nos ombros de Moe, Larry e Curly e ficavam o tempo que desejavam. Os espantalhos estavam sem voz e já não eram uma ameaça.

Mike não ficava exatamente consternado pela ideia do fim de mais um ano (aos nove e dez anos, ainda era demasiado jovem para fazer metáforas sobre a vida e a morte) porque havia muito pelo que ansiar: andar de trenó no McCarron Park (ou em Rhulin Hill, em Derrytown, se uma pessoa fosse corajosa, embora isso fosse mais para os rapazes grandes), patinar no gelo, guerras de bola de neve, construção de fortes de neve. Havia tempo de pensar em sair com o pai em busca de uma árvore de Natal, e tempo para pensar nos esquis *Nordica* que talvez recebesse no Natal. O inverno era bom... mas ver o pai meter o *Ford A* no celeiro

*(a primavera acabou o verão acabou a colheita está feita)*

deixava-o sempre triste, tal como os bandos de pássaros a migrar para sul no inverno o deixavam triste, ou como uma certa incidência da luz podia às vezes dar-lhe vontade de chorar sem nenhum motivo aparente. *Estamos a preparar-nos para voltar a adormecer...*

A sua vida não se resumia a escola e trabalhar no campo, trabalhar no campo e escola; Will Hanlon dissera à mulher mais de uma vez que um rapaz precisava de tempo para ir pescar, mesmo que pescar não fosse bem o que estivesse a fazer. Quando Mike chegava a casa depois das aulas, deixava os livros sobre a televisão na sala, preparava um lanche (gostava de sanduíches de manteiga de amendoim com cebola, uma combinação que fazia a mãe erguer as mãos horrorizada) e lia o bilhete que o pai deixara, a dizer-lhe onde ele, Will, estava e quais eram as tarefas de Mike para aquele dia: arrancar as ervas daninhas em certas zonas, carregar cestas, colher frutos, varrer o celeiro, coisas do género. Mas pelo menos um dia por semana, e às vezes dois, não havia bilhete. E nesses dias Mike ia pescar, mesmo que não fosse bem pescar. Eram dias ótimos... dias em que ele não tinha lugar certo para onde ir, e conseqüentemente não sentia necessidade de chegar lá depressa.

De vez em quando, o pai deixava-lhe outro tipo de bilhete: «Nada de trabalho», por exemplo. «Vai a Old Cape ver as linhas dos elétricos.» Mike ia até à zona de Old Cape, encontrava as ruas que ainda tinham linhas e inspecionava-as com atenção, maravilhado ao pensar que coisas como elétricos já tinham circulado no meio das ruas. Nessa noite, ele e o pai conversavam sobre o assunto, e o pai mostrava-lhe fotografias do álbum de Derry com elétricos em funcionamento: uma vareta engraçada seguia do tejadilho do eléctrico até um cabo eléctrico, e havia anúncios a cigarros nas partes laterais. Noutra ocasião, mandara Mike ao Memorial Park, onde ficava o Reservatório, olhar para o bebedouro de pássaros, e uma vez tinham ido juntos ao tribunal ver uma máquina terrível que o chefe Borton

encontrara no sótão. Aquele instrumento chamava-se cadeira dos vagabundos. Era de ferro fundido e tinha algemas embutidas nos braços e pernas. Havia protuberâncias redondas no encosto e no assento. Fez Mike lembrar-se de uma fotografia que vira num livro: a cadeira elétrica em Sing Sing. O chefe Borton deixou Mike sentar-se na cadeira e experimentar as algemas.

Depois de a novidade de usar as algemas passar, Mike olhou com ar interrogador para o pai e para o chefe Borton, sem entender por que motivo aquilo era uma punição tão horrível para os «sem eira» (a palavra que Borton usava) que tinham aparecido na cidade nas décadas de 1920 e 1930. As protuberâncias tornavam a cadeira um pouco desconfortável, claro, e as algemas nos pulsos e tornozelos dificultavam encontrar uma posição melhor, mas...

— Bem, tu és apenas uma criança — disse o chefe Borton, rindo. — Quanto pesas? Trinta, trinta e cinco quilos? A maior parte dos sem eira que o xerife Sully prendia nessa cadeira antigamente pesava o dobro, pelo menos. Ficavam um pouco desconfortáveis depois de uma hora, muito desconfortáveis depois de duas ou três, e péssimos depois de quatro ou cinco horas. Ao fim de sete ou oito horas, começavam a gritar, e de dezasseis ou dezassete desatavam a chorar. E quando o período de vinte e quatro horas acabava, estavam dispostos a jurar perante Deus e qualquer homem que, na próxima vez que viessem a Nova Inglaterra, passariam bem longe de Derry. Tanto quanto sei, a maioria cumpriu a palavra. Vinte e quatro horas na cadeira dos vagabundos eram por demais persuasivas.

De repente, pareceu haver mais protuberâncias na cadeira, a cravarem-se mais fundo nas suas nádegas, coluna, lombar, até na nuca.

— Posso sair agora, por favor? — pediu ele educadamente, e o chefe Borton voltou a rir. Houve um momento, um instante de pânico, em que Mike pensou que o chefe balançaria a chave das algemas diante dos seus

olhos e diria: «Claro, vou deixar-te sair... quando as tuas vinte e quatro terminarem.»

— Porque me levaste lá, pai? — perguntara ele no regresso a casa.

— Saberás quando fores mais velho — respondera Will.

— Não gostas do chefe Borton, pois não?

— Não — respondeu o pai, com voz tão seca que Mike não se atreveu a perguntar mais nada.

No entanto, Mike gostava da maior parte dos sítios em Derry para onde o pai o mandava ou levava e, quando fez dez anos, Will já tinha conseguido passar ao filho o seu interesse pelos estratos da história de Derry. Às vezes, como quando passara os dedos pela superfície ligeiramente áspera da base onde o bebedouro de pássaros do Memorial Park ficava, ou quando se agachara para ver melhor as linhas de elétrico que sulcavam Groove Street em Old Cape, era atingido por uma consciência forte de tempo... o tempo como uma coisa real, como uma coisa com peso invisível, da mesma forma que a luz do sol tinha peso (alguns dos rapazes da escola tinham-se rido quando a senhora Greenguss lhes dissera isso, mas Mike ficara demasiado atordoado com a ideia para rir; o seu primeiro pensamento fora: *A luz tem peso? Ah, meu Deus, isso é terrível!*)... o tempo como uma coisa que acabaria por enterrá-lo.

O primeiro bilhete que o pai deixou naquela primavera de 1958 foi rabiscado nas costas de um envelope e colocado debaixo do saleiro. O ar estava quente, maravilhosamente doce, e a mãe tinha aberto todas as janelas. «Nada de trabalho», dizia o bilhete. «Se quiseres, vai de bicicleta até Pasture Road. Verás edifícios em ruínas e máquinas velhas no campo à esquerda. Dá uma olhadela e traz uma lembrança. Não te aproximes do buraco da cave! E volta antes de escurecer. Sabes porquê.»

Mike sabia muito bem porquê.

Disse à mãe onde ia, e ela franziu a testa.

— Porque não vês se o Randy Robinson quer ir contigo?

— Sim, está bem, vou lá perguntar — disse Mike.

Foi mesmo, mas Randy tinha ido a Bangor com o pai comprar batatas para plantar. Assim, Mike seguiu de bicicleta até Pasture Road sozinho. Era um trajeto longo, pouco mais de seis quilómetros. Mike calculou que eram umas três da tarde quando apoiou a bicicleta a uma cerca velha de madeira no lado direito de Pasture Road e saltou por cima dela para ir ao campo que havia atrás. Teria talvez uma hora para explorar e depois começar a voltar para casa. Normalmente, a mãe não se zangava com ele, desde que voltasse no máximo às seis da tarde, quando punha o jantar na mesa, mas um episódio memorável ensinara-lhe que aquele ano era diferente. Nessa ocasião em que ele se atrasara para o jantar, ela ficara quase histérica. Foi atrás dele com o pano da loiça e bateu-lhe enquanto ele ficava boquiaberto à porta da cozinha, com o cesto das trutas aos pés.

— Nunca mais me assustes dessa maneira! — gritara ela. — *Nunca! Nunca-nunca-nunca!*

Cada *nunca* fora pontuado com outro açoite do pano da loiça. Mike esperara que o pai interviesse e a fizesse parar, mas isso não aconteceu... Talvez soubesse que, se se intromettesse, a ira dela se voltaria para ele também. Mike aprendera a lição; uma tarefa com o pano da loiça fora mais do que suficiente. Chegar a casa antes de escurecer. Sim, senhora.

Atravessou o campo em direção às enormes ruínas que se erguiam no meio. Como seria de esperar, eram os restos da Fundação Kitchener; já tinha passado por ali, mas nunca lhe ocorrera explorar o local, e nunca tinha ouvido nenhum miúdo dizer que o fizera. Ao parar para examinar alguns tijolos caídos que formavam um monte rudimentar, pensou que conseguia entender porquê. O terreno tinha demasiada luz, banhado pelo sol primaveril (ocasionalmente, quando uma nuvem passava diante do sol, uma grande sombra viajava devagar pelo local), mas havia ali alguma coisa

assustadora, um silêncio sinistro quebrado apenas pelo vento. Ele sentiu-se um explorador que acabara de encontrar os últimos restos de uma fabulosa cidade perdida.

À frente, à direita, viu o flanco redondo de um enorme cilindro de azulejos na erva alta do campo. Correu até lá. Era a chaminé principal da fundição. Olhou para o buraco e sentiu um arrepio subir pela espinha. Era suficientemente grande para ele poder entrar se quisesse. Mas não queria; Deus sabia que lodo estranho poderia estar colado aos azulejos interiores, enegrecidos pelo fumo, ou que insetos ou animais horrendos poderiam ter-se abrigado naquele espaço. Soprava vento. Ao passar pela boca da chaminé caída, fazia um som assustadoramente parecido com o som do vento a vibrar nos cordéis encerados que ele e o pai punham nos bramantes todas as primaveras. Deu um passo para trás com nervosismo, pensando de repente no filme que ele e o pai tinham visto na noite anterior no *Early Show*. O filme chamava-se *Rodan*, e vê-lo parecera muito divertido na altura, com o pai a rir e a gritar «Agarra aquele pássaro, Mikey!» de cada vez que Rodan aparecia, e Mikey a dar tiros com o dedo, até que a mãe espreitou para a sala e os mandou calarem-se antes que ficasse com dores de cabeça por causa do barulho.

Já não parecia tão engraçado. No filme, Rodan fora libertado das profundezas da terra por mineiros japoneses que estavam a cavar o túnel mais fundo do mundo. E, ao olhar para o interior negro da chaminé, era muito fácil imaginar aquele pássaro agachado ao fundo, com as asas de morcego dobradas nas costas, a olhar para o rosto pequeno e redondo que observava a escuridão, fixando-o com olhos rodeados de ouro...

Mike estremeceu e recuou.

Caminhou ao longo da chaminé, que se afundara na terra até deixar a descoberto só a metade da circunferência. O terreno elevava-se ligeiramente, e num impulso ele subiu para a chaminé. Era muito menos

assustadora por fora, com a superfície dos azulejos quente do sol. Pôs-se em pé e continuou a andar, com os braços abertos (a superfície era bastante larga para não correr o perigo de cair, mas estava a fingir ser um equilibrista de circo), gostando da forma como o vento soprava pelo seu cabelo.

Na extremidade, desceu e começou a examinar coisas: mais tijolos, moldes retorcidos, bocados de madeira, partes de máquinas enferrujadas. «Traz uma lembrança», dissera o bilhete do pai. Ele queria escolher uma interessante.

Aproximou-se da abertura enorme da cave, olhando para os destroços e tendo o cuidado de não se cortar num vidro partido. Havia muitos por ali.

Mike não se esquecera da cave nem do aviso do pai para se manter longe; nem esquecera as mortes que ali tinham ocorrido uns cinquenta anos antes. Achava que, se houvesse algum lugar assombrado em Derry, seria aquele. Mas apesar disso, ou por causa disso, estava determinado a ficar até encontrar alguma coisa realmente boa para mostrar ao pai.

Deslocou-se com lentidão e sobriedade em direção à cave, mudando o percurso para acompanhar o lado irregular, quando uma voz de aviso dentro dele lhe sussurrou que estava a aproximar-se demasiado, que um terreno enfraquecido pelas chuvas de primavera podia desmoronar sob os seus pés e atirá-lo para aquele buraco, onde só Deus sabia quanto ferro afiado estaria à espera para o empalar como um inseto, abandonando-o a uma morte ferrugenta e contorcida.

Pegou num caixilho de janela e atirou-o para o lado. Viu uma concha de sopa suficientemente grande para a mesa de um gigante, com a pega torcida por um calor inimaginável. A seguir, um pistão demasiado grande para conseguir sequer movê-lo, quanto mais levantá-lo. Passou por cima. Passou por cima e...

*E se eu encontrar um crânio?,* pensou de repente. *O crânio de um dos miúdos que morreram aqui quando estavam à procura de ovos de Páscoa*



*de chocolate em mil novecentos e troca o passo?*

Olhou para o campo vazio banhado pelo sol, muito chocado com a ideia. O vento fez soar uma nota grave no seu ouvido, e outra sombra cruzou silenciosamente o terreno, como a sombra de um morcego enorme... ou pássaro. Reparou de novo no silêncio do local, no quanto o campo parecia estranho com as suas pilhas de pedras e bocados de ferro inclinados para um lado ou para o outro. Era como se uma batalha horrível tivesse sido ali travada muito tempo antes.

*Não sejas idiota, ordenou a si mesmo com desconforto. Encontraram tudo o que havia para ser encontrado aqui cinquenta anos antes. Depois do acontecimento. E mesmo que não tivessem encontrado, algum outro rapaz (ou adulto) teria encontrado... o resto... depois. Ou achas que és a única pessoa que veio em busca de lembranças?*

*Não... não, não acho isso. Mas...*

*Mas o quê?, perguntou o lado racional da sua mente, e Mike pensou que estava a falar demasiado alto, demasiado depressa. Mesmo que houvesse alguma coisa para encontrar, teria apodrecido há muito tempo. Então... o quê?*

Mike encontrou nas ervas a gaveta partida de uma secretária. Olhou para ela, descartou-a e aproximou-se um pouco mais da cave, onde havia mais coisas. Sem dúvida, encontraria algo ali.

*E se houver fantasmas? Essa é a questão. E se eu vir mãos a saírem de dentro daquela cave, e se elas começarem a subir, crianças com os restos da roupa de domingo de Páscoa, roupa que está podre e rasgada e marcada com cinquenta anos de lama da primavera e chuva do outono e neve do inverno? Crianças sem cabeça (tinha ouvido na escola que, depois da explosão, uma mulher encontrara a cabeça de uma das vítimas numa árvore do seu quintal), crianças sem pernas, crianças abertas como bacalhaus, crianças como eu que talvez quisessem vir brincar... aqui onde*

*está escuro... debaixo das vigas de ferro inclinadas e das rodas dentadas velhas e enferrujadas...*

*Oh, para com isso, pelo amor de Deus!*

Mas um tremor subiu pelas suas costas e ele decidiu que estava na altura de agarrar em alguma coisa, qualquer coisa, e sair dali. Esticou a mão para o chão, de forma quase aleatória, e pegou numa roda dentada com vinte centímetros de diâmetro. Mike tinha um lápis no bolso e usou-o para tirar rapidamente a terra dos dentes. Em seguida, enfiou a lembrança no bolso. Ia-se embora já. Ia, sim...

Mas os seus pés moveram-se lentamente na direção errada, em direção à cave, e ele percebeu com uma espécie de horror terrível que precisava de olhar lá para dentro. Tinha de ver.

Segurou-se a uma viga esponjosa que saía da terra e inclinou-se para a frente, tentando ver para baixo e para dentro. Não conseguiu. Tinha chegado a cinco metros da beira, mas ainda estava longe para ver o fundo da cave.

*Não me interessa se vejo o fundo ou não. Vou voltar agora mesmo. Tenho a minha lembrança. Não preciso de olhar para um buraco velho nojento. E o bilhete do pai mandava-me ficar afastado.*

Mas a curiosidade infeliz e febril que o agarrara não queria soltá-lo. Aproximou-se da cave em passos trémulos, ciente de que assim que a viga de madeira estivesse fora de alcance não teria mais onde se segurar, ciente também de que o chão estava mesmo húmido e instável. Consequia ver depressões como túmulos em sítios ao longo da extremidade, e sabia que eram os locais de desmoronamentos anteriores.

Com o coração a bater no peito como as passadas fortes das botas de um soldado, chegou à beira e olhou para baixo.

Aninhado na cave, o pássaro olhou para cima.

De início, Mike não teve a certeza do que estava a ver. Todos os circuitos nervosos do seu corpo pareciam paralisados, incluindo os que conduziam pensamentos. Não foi só o choque de ver um pássaro monstro, um pássaro cujo peito era laranja como o de um tordo americano e cujas penas eram comuns, cinzentas e fofas como as de um pardal; mais do que tudo, foi o choque do puramente inesperado. Esperara monólitos de maquinaria meio submersos em poças estagnadas e lama preta; em vez disso, estava a olhar para um ninho gigantesco que enchia a cave de uma ponta à outra e de um lado ao outro. Tinha sido feito com palha suficiente para fazer mais de dez fardos de feno. No entanto, essa palha era prateada e velha. O pássaro estava no meio, com os olhos brilhantes pretos como alcatrão quente e, por um momento de loucura, antes de a sua paralisia desaparecer, Mike viu-se refletido em cada um deles.

Então o chão começou a oscilar de repente e a ceder sob os seus pés. Ouviu o som de raízes a rasgarem-se e deu-se conta de que estava a deslizar.

Com um grito, lançou-se para trás, balançando os braços em busca de equilíbrio. Perdeu-o e caiu pesadamente no chão. Um bocado duro de metal cravou-se dolorosamente nas suas costas, e ele teve tempo de pensar na cadeira dos vagabundos antes de ouvir o som alto e explosivo das asas do pássaro.

Pôs-se de joelhos, gatinhou, olhou para trás por cima do ombro e viu-o a subir da cave. As suas garras escamosas eram de um laranja escuro. As asas em movimento, cada uma com mais de três metros, faziam voar as ervas aos deus-dará, como o vento gerado pelos rotores de um helicóptero. Emitiu um grasnido alto, gorjeante. Algumas penas soltas caíram das asas e desceram em espiral até ao chão da cave.

Mike pôs-se em pé de novo e começou a correr.

Correu pelo campo, já sem olhar para trás, com medo de olhar para trás. O pássaro *não* parecia Rodan, mas ele sentiu que era o *espírito* de Rodan, a surgir da cave da Fundação Kitchener como uma horrível surpresa saída de uma caixa. Tropeçou, caiu sobre um joelho, levantou-se e correu mais.

Aquele estranho grasnido soou de novo. Uma sombra cobriu-o e, quando olhou para cima, viu a coisa: passara a menos de metro e meio da sua cabeça. O bico, amarelo sujo, abria e fechava, revelando um interior rosado. Deu a volta e arremeteu na direção de Mike. O vento que gerava soprou no seu rosto, trazendo com ele um aroma seco e desagradável: poeira de sótão, antiguidades mortas, almofadas podres.

Desviou-se para a esquerda e tornou a avistar a chaminé caída. Correu para ela a toda a velocidade, com os braços a fazer movimentos curtos junto aos flancos. O pássaro gritou, e ele ouviu o bater das asas. Pareciam velas de um barco. Alguma coisa o atingiu na parte de trás da cabeça. Um fogo quente desceu até à sua nuca. Sentiu-a espalhar-se quando o sangue começou a escorrer pela gola da camisa.

O pássaro fez a volta de novo, tencionando agarrá-lo com as garras e levá-lo como um falcão carrega um rato do campo. Tencionando levá-lo para o ninho. Tencionando comê-lo.

Quando voou na direção dele, num movimento descendente, com os olhos pretos e horrivelmente vivos fixados em Mike, este virou de repente à direita. O pássaro errou, mas por pouco. O aroma empoeirado das asas era avassalador, insuportável.

Corria paralelo à chaminé caída, com os azulejos a passarem desfocados. Via onde ela terminava. Se conseguisse chegar à extremidade e virar à esquerda para entrar, poderia ficar em segurança. Achava que o pássaro era demasiado grande para entrar. Esteve quase a não conseguir. O pássaro voou para cima dele de novo, diminuindo a velocidade conforme se aproximava, com as asas a bater e a empurrar o ar num furacão, as garras

escamosas apontadas para ele e a descer. O pássaro gritou de novo, e desta vez Mike pensou ouvir triunfo na voz.

Baixou a cabeça, levantou o braço e correu. As garras fecharam-se e, por um momento, o pássaro segurou-o pelo antebraço. O aperto era como o de dedos muito fortes com unhas rijas. Mordiam como dentes. As asas do pássaro a bater pareciam trovões nos seus ouvidos; apercebeu-se vagamente de penas a caírem à sua volta, algumas a roçar as suas faces como beijos-fantasma. O pássaro subiu e, por apenas um momento, Mike sentiu-se puxado para cima, primeiro ereto, depois na ponta dos pés... e por um segundo interminável, sentiu as pontas dos ténis perderem contacto com o solo.

— LARGA-ME! — gritou ele para o pássaro, e girou o braço.

Por um momento, as garras mantiveram o aperto, e então a manga da camisa rasgou-se. Ele caiu. O pássaro guinchou. Mike desatou a correr, passando pelas penas da cauda da coisa, com vontade de vomitar por causa do cheiro seco. Era como correr por uma cortina feita de penas.

Ainda a tossir, com os olhos a arder tanto pelas lágrimas como pela poeira terrível que cobria as penas do pássaro, cambaleou para a chaminé caída. Nesse momento, nem lhe ocorreu pensar no que poderia estar escondido lá dentro. Correu para a escuridão, com os soluços ofegantes a fazerem eco. Avançou talvez uns seis metros e virou-se em direção ao círculo de luz. O seu peito subia e descia, trémulo. Apercebeu-se de repente de que, se tivesse calculado mal o tamanho do pássaro ou da entrada da chaminé, ter-se-ia matado como se tivesse encostado a arma do pai à cabeça e puxado o gatilho. Não havia por onde sair. Aquilo não era apenas um cano; era um beco sem saída. O outro lado da chaminé estava enterrado.

O pássaro gritou de novo, e de repente a luz na extremidade da chaminé foi tapada quando ele pousou. Mike conseguia distinguir as patas com escamas amarelas, cada uma da grossura da perna de um homem. Em

seguida, o bicho baixou a cabeça e olhou lá para dentro. Mike viu-se mais uma vez a olhar para aqueles olhos de alcatrão quente horrivelmente brilhantes, com as íris douradas como alianças. O bico do pássaro abria e fechava, abria e fechava e, de cada vez que fechava, Mike ouvia um clique, como o que se ouve quando se fecham os dentes com força.

*Afiado, pensou ele. O bico dele é afiado. Acho que sabia que pássaros tinham bicos afiados, mas nunca pensei nisso até agora.*

Piou de novo. O som era tão alto na garganta de azulejo da chaminé que Mike tapou os ouvidos com as mãos.

O pássaro começou a enfiar-se na boca da chaminé.

— Não! — gritou Mike. — Não, não podes!

A luz diminuiu quando mais do corpo do pássaro se enfiou na abertura da chaminé. (*Meu Deus, porque não me lembrei que ele era composto quase só por penas? Porque não lembrei que ele podia enfiar-se aqui?*) A luz diminuiu... diminuiu... até que desapareceu. Só havia escuridão profunda, o sufocante fedor a sôtão do pássaro e o sussurro das suas penas.

Mike caiu sobre os joelhos e começou a tatear no chão curvo da chaminé, com as mãos bem abertas. Encontrou um bocado de azulejo partido, com as bordas afiadas cobertas pelo que parecia musgo. Levou o braço atrás e atirou-o. Ouviu-se um baque. O pássaro repetiu o gorjeio agudo e zangado.

— Sai daqui! — gritou Mike.

Silêncio... e então o som sussurrante recomeçou quando o pássaro voltou a forçar o corpo para entrar no cano. Mike tateou o chão, encontrou outros bocados de azulejo e começou a atirá-los um após o outro. Bateram no pássaro e tiniram ao cair no chão da chaminé.

*Por favor, meu Deus, pensou Mike com incoerência. Por favor, meu Deus, por favor, meu Deus, por favor, meu Deus...*

Ocorreu-lhe que devia recuar até à extremidade da chaminé. Tinha entrado pela base; era lógico que estreitasse à medida que recuasse. Poderia ir para trás, sim, e ouvir aquele movimento baixo e sussurrante enquanto o pássaro ia atrás dele. Poderia recuar e, se tivesse sorte, talvez chegasse ao ponto em que o pássaro não conseguiria avançar mais.

*E se o pássaro ficar preso?*

Se isso acontecesse, ele e o pássaro morreriam ali. Morreriam juntos e apodreceriam juntos. No escuro.

— *Por favor, meu Deus!* — gritou ele, e não percebeu que tinha gritado em voz alta.

Atirou outro bocado de azulejo, e o lançamento foi mais forte; contou aos outros mais tarde que parecia que *alguém* estava atrás dele naquele momento, e que esse *alguém* tinha dado um grande empurrão no seu braço. Desta vez, não houve baque nas penas; houve sim um som húmido, o som que a mão de uma criança poderia fazer ao bater na superfície de uma tigela de gelatina meio solidificada. Desta vez, o pássaro gritou não de fúria, mas de dor verdadeira. O zunido tenebroso das asas encheu a chaminé; um ar fétido soprou por Mike como um furacão, agitando a sua roupa, fazendo-o tossir, ter ânsias de vômito e recuar quando pó e musgo voaram.

A luz apareceu de novo, cinzenta e fraca a princípio, depois intensificando-se e modificando-se à medida que o pássaro recuava pela chaminé. Mike começou a chorar, caiu de joelhos de novo e voltou a tatear loucamente em busca de bocados de azulejo. Sem qualquer pensamento consciente, correu para a frente com as duas mãos cheias de azulejos (com aquela luz conseguia ver que os bocados estavam manchados de musgo azul-acinzentado e líquen, como a superfície de lápides de ardósia), até estar na boca da chaminé. Tencionava, se pudesse, impedir que o pássaro voltasse.

O bicho baixou-se e inclinou a cabeça, lembrando um pássaro num poleiro, e Mike viu onde o seu último azulejo o atingira. O olho direito do pássaro praticamente desaparecera. Em vez da bolha brilhante de alcatrão, havia uma cratera cheia de sangue. Uma gosma branco-acinzentada escorria do canto da órbita e pingava pelo bico do pássaro. Pequenos parasitas contorciam-se naquela gosma purulenta.

O pássaro viu-o e lançou-se para diante. Mike começou a atirar-lhe bocados de azulejo. Atingiram-lhe a cabeça e o bico. O pássaro recuou por um momento e avançou novamente, com o bico aberto, mostrando aquele interior rosado de novo, exibindo uma outra coisa que fez Mike ficar paralisado por um momento, de queixo caído. A língua do pássaro era prateada, a superfície rachada como terra vulcânica que fora cozida e se fragmentara.

E, na língua, como estranhas ervas que se enraizaram ali temporariamente, havia uma enorme quantidade de protuberâncias cor de laranja.

Mike atirou o resto dos azulejos para aquela boca aberta, e o pássaro recuou de novo, gritando de frustração, fúria e dor. Por momentos, Mike conseguiu ver as garras reptilíneas ... A seguir as asas bateram e ele desapareceu.

Um momento depois, Mike ergueu o rosto, um rosto que estava castanho-acinzentado devido à terra, ao pó e aos bocados de musgo que as asas fazedoras de vento tinham soprado para ele, em direção ao som das garras nos azulejos. Os únicos sítios limpos no rosto de Mike eram as marcas feitas pelas lágrimas.

O pássaro andava de um lado para o outro lá em cima: *Tac-tac-tac-tac*.

Mike recuou um pouco, reuniu mais pedaços de azulejo e empilhou-os o mais perto possível da boca da chaminé que se atreveu. Se a coisa voltasse, ele queria poder disparar contra ela à queima-roupa. A luz lá fora ainda era



intensa (era maio, ainda demoraria a escurecer), mas e se o pássaro decidisse esperar?

Mike engoliu a custo, com os lados secos da garganta a roçarem um no outro por um momento.

Acima: *Tac-tac-tac.*

Já tinha uma boa pilha de munições. Na luz fraca, além do ponto em que o ângulo do sol fazia uma sombra em espiral dentro do cano, parecia uma pilha de louça partida reunida por uma dona de casa. Mike esfregou as palmas das mãos sujas nas calças de ganga e esperou para ver o que ia acontecer.

Passou algum tempo antes de alguma coisa acontecer; se foram cinco ou vinte e cinco minutos, ele não soube dizer. Só estava ciente do pássaro a andar de um lado para o outro lá em cima como um insone a andar pela casa às três da manhã.

De repente, as asas bateram de novo. Aterrou em frente à abertura da chaminé. Mike, ajoelhado atrás da pilha de azulejos, começou a lançar-lhe mísseis antes mesmo de ele poder baixar a cabeça. Um deles bateu numa perna amarela e fez surgir um fio de sangue escuríssimo que parecia tão preto como os olhos. Mike gritou de triunfo, um som agudo e quase perdido sob o grito irado do pássaro.

— *Sai daqui!* — gritou Mike. — *Vou continuar a atirar-te coisas até saíres daqui, juro por Deus que vou!*

O pássaro voou para cima da chaminé e recomeçou a andar.

Mike esperou.

Por fim, as asas bateram de novo quando ele levantou voo. Mike aguardou, esperando que os pés amarelos como os de uma galinha fossem aparecer de novo. Não apareceram. Ele esperou mais, convencido de que era algum truque, percebendo que não era por isso que estava à espera.

Estava à espera porque tinha medo de sair, medo de sair da segurança daquele esconderijo.

*Não interessa! Não te preocupes com essas coisas! Não sou um coelho!*

Agarrou no máximo de bocados de azulejo que conseguiu e enfiou mais uns quantos dentro da camisa. Saiu da chaminé, tentando olhar para todos os lados ao mesmo tempo e desejando loucamente ter olhos na nuca. Viu apenas o campo a estender-se à frente e em volta dele, coberto com os restos rebentados e enferrujados da Fundação Kitchener. Deu meia-volta, certo de que veria o pássaro empoleirado na chaminé como um abutre, um abutre zarolho, querendo apenas que o rapaz o visse antes de atacar pela última vez, usando aquele bico afiado para perfurar, rasgar e arrancar.

Mas o pássaro não estava lá.

Tinha-se mesmo ido embora.

Os nervos de Mike cederam.

Emitiu um grito intenso de medo e correu para a vedação velha entre o campo e a estrada, deixando cair os últimos bocados de azulejo. O resto caiu da camisa quando ela se soltou das calças. Saltou por cima da vedação apoiando-se numa das mãos, como Roy Rogers a exhibir-se a Dale Evans ao voltar do curral com Pat Brady e o resto dos *cowboys*. Agarrou o guiador da bicicleta e correu ao lado dela durante dez metros antes de montar. E pedalou desalmadamente, sem se atrever a olhar para trás, sem se atrever a diminuir a velocidade, até chegar ao cruzamento da Pasture Road com a Outer Main Street, onde havia muitos carros.

Quando chegou a casa, o pai estava a trocar as velas do trator. Reparou que o filho estava coberto de bolor e pó. Mike hesitou por apenas uma fração de segundo e contou ao pai que caíra da bicicleta no regresso a casa ao desviar-se para evitar um buraco.

— Partiste alguma coisa, Mikey? — perguntou Will, observando o filho com um pouco mais de atenção.

— Não, pai.

— Torceste?

— Não.

— Tens a certeza?

Mike assentiu.

— Trouxeste uma lembrança?

Mike enfiou a mão no bolso e pegou na roda dentada. Mostrou-a ao pai, que olhou rapidamente e tirou um pequeno fragmento de azulejo da almofada de carne abaixo do polegar de Mike. Parecia mais interessado nisso.

— Daquela velha chaminé? — perguntou Will.

Mike assentiu.

— Entraste lá?

Mike assentiu de novo.

— Viste alguma coisa lá dentro? — perguntou Will, e então, como que para tornar a pergunta uma brincadeira (que não parecera nada uma brincadeira), acrescentou: — Um tesouro enterrado?

Sorrindo um pouco, Mike abanou a cabeça.

— Bem, não contes à mãe que te enfiaste lá dentro — disse Will. — Ela dava-me um tiro primeiro e depois outro a ti. — Olhou com ainda mais atenção para o filho. — Mikey, estás bem?

— Hã?

— Tens olheiras.

— Acho que devo estar cansado — disse Mike. — São uns quinze quilómetros de ida e volta, não te esqueças. Queres ajuda com o trator, pai?

— Não, já acabei por esta semana. Entra e vai lavar-te.

Começou a afastar-se, mas o pai chamou-o de novo. Mike olhou para trás.

— Não quero que voltes àquele sítio — disse ele —, pelo menos até esta confusão estar esclarecida e terem apanhado o homem que anda a fazer isto... Viste alguém por lá? Alguém te perseguiu ou te chamou?

— Não vi ninguém — disse Mike.

Will assentiu e acendeu um cigarro.

— Acho que fiz mal em mandar-te lá. Sítios velhos como aquele... às vezes podem ser perigosos.

Olharam-se rapidamente.

— Certo, pai — disse Mike. — Não quero voltar, de qualquer maneira. Foi um bocado assustador.

Will assentiu de novo.

— Quanto menos se disser, melhor, suponho. Vai lá lavar-te. E diz à mãe para fazer três ou quatro salsichas a mais.

Mike obedeceu.

## 6

*Esquece isso agora*, pensou Mike Hanlon, olhando para as marcas que iam até à beira do canal. *Esquece isso, deve ter sido só um sonho, de qualquer maneira, e...*

Havia manchas de sangue seco junto ao canal.

Mike olhou para elas e olhou para o canal. A água negra corria suavemente. Blocos de espuma amarela suja agarravam-se às paredes, às vezes soltando-se e flutuando na corrente em círculos e curvas preguiçosos. Por um momento, só um momento, dois blocos dessa espuma juntaram-se e pareceram formar um rosto, um rosto de rapaz, com os olhos para cima numa máscara de terror e agonia.

A respiração de Mike ficou presa na garganta, como num espinho.

A espuma soltou-se, tornou-se de novo algo sem significado e, naquele momento ouviu-se um salpico à sua direita. Mike virou a cabeça e encolheu-se um pouco, e por um momento acreditou ter visto alguma coisa nas sombras do túnel de escoamento onde o canal ressurgia depois de passar por baixo da cidade.

Mas logo desapareceu.

De repente, com frio e a tremer, enfiou a mão no bolso para tirar o canivete que encontrara na relva. Atirou-o para o canal. Ouviu um pequeno salpico, uma ondulação que começou como um círculo e foi transformada numa seta pela corrente... depois, nada.

Nada exceto o medo que subitamente o sufocava e a certeza mortal de que havia alguma coisa perto, alguma coisa a observá-lo, a avaliar as suas possibilidades, levando o seu tempo.

Virou-se, com a intenção de voltar para a bicicleta (correr seria dignificar esses medos e perder a própria dignidade), e então ouviu de novo o salpico. Foi bastante mais alto naquela segunda vez. Que se lixasse a dignidade. De repente, estava a correr o mais depressa que conseguia na direção do portão e da bicicleta, levantando o descanso com o calcanhar e pedalando para a rua. Aquele cheiro de mar ficou de repente muito intenso... *demasiado* intenso. Estava por toda parte. E a água que pingava dos ramos molhados parecia fazer muito barulho.

Alguma coisa vinha aí. Ouviu os passos arrastados na relva.

Pôs-se em pé nos pedais fazendo toda a força que conseguia, e avançou disparado por Main Street sem olhar para trás. Dirigiu-se a casa o mais depressa que conseguiu, perguntando-se o que lhe teria dado para ir até ali... o que o teria atraído.

Depois tentou pensar nas suas tarefas, em todas as tarefas, em nada além das tarefas. Ao fim de algum tempo, conseguiu.

E quando viu o cabeçalho no jornal no dia seguinte (RAPAZ DESAPARECIDO DESPERTA NOVOS MEDOS), pensou no canivete que atirara para o canal, o canivete com as iniciais E. C. entalhadas de lado. Pensou no sangue que vira na relva.

E pensou nas marcas que iam até à beira do canal.

## CAPÍTULO 7

### A REPRESA NOS BARRENS

#### 1

*Vista da via rápida às cinco menos um quarto da manhã, Boston parece uma cidade de mortos a remoer sobre alguma tragédia do passado: uma peste, talvez, ou uma maldição. O cheiro a sal, pesado e nauseante, vem do oceano. A neblina da manhã obscurece a maior parte do movimento que poderia ser visto se ela não estivesse lá.*

*Ao seguir para norte por Storrow Drive, sentado ao volante de um Cadillac preto de 1984 que comprara a Butch Carrington da Cape Cod Limousine, Eddie Kaspbrak pensa que consegue sentir-se a idade da cidade; talvez essa sensação de idade não seja sentida em nenhum outro lugar dos Estados Unidos. Boston é jovem comparada com Londres, uma criança em comparação com Roma, mas pelos padrões americanos, pelo menos, é velha, muito velha. Ocupou o seu lugar naquelas colinas baixas pelo menos trezentos anos antes, quando os impostos sobre o chá e os selos não tinham sido ainda criados, quando Paul Revere e Patrick Henry nem tinham ainda nascido.*

*A sua vetustez, o seu silêncio e o cheiro enevoadado do mar: todas essas coisas deixam Eddie nervoso. Quando Eddie fica nervoso, pega na bomba.*

*Enfia-a na boca e lança uma nuvem de spray revitalizante para a garganta.*

*Há pouca gente nas ruas por que passa e um peão ou dois nas pontes; desmentem a impressão de que, de alguma forma, ele entrou numa história lovecraftiana de cidades condenadas, males antigos e monstros com nomes impronunciáveis. Ali, reunidos numa paragem de autocarro com uma placa onde se lê KENMORE SQUARE — CENTRO, vê empregadas de mesa, enfermeiras, funcionários públicos, com os rostos nus e inchados do sono.*

*Isso mesmo, pensa Eddie, passando debaixo de uma placa que diz PONTE TOBIN. Isso mesmo, prefiram o autocarro. Esqueçam o metro. O metro é má ideia; eu não iria para lá se fosse vocês. Lá para baixo, não. Fugam dos túneis.*

*É um pensamento que devia ter evitado; se não se livrar daquele pensamento, irá ter de usar a bomba de novo. Anima-se com o trânsito mais intenso da Ponte Tobin. Passa pelas obras de um monumento. Pintado nos tijolos há um aviso ligeiramente perturbador: VÁ DEVAGAR! PODEMOS ESPERAR!*

*Surge uma placa verde refletora que diz I-95 MAINE, N. H., NOVA INGLATERRA — TODAS AS DIREÇÕES. Olha para a placa e, de repente, um tremor profundo sacode o seu corpo. As suas mãos colam-se momentaneamente ao volante do Cadillac. Gostaria de acreditar que é uma doença a chegar, um vírus ou talvez uma das «febres-fantasma» da mãe, mas sabe que não é isso. É a cidade atrás dele, silenciosamente pousada numa linha reta que divide o dia da noite e o que aquela placa verde promete à frente. Ele está doente, claro, não há dúvida quanto a isso, mas não é um vírus nem uma febre fantasma. Foi envenenado pelas próprias lembranças.*

*Tenho medo, pensa Eddie. No fundo, sempre foi isso. O simples medo. Isso era tudo. Mas no fim acho que lhe demos a volta de alguma forma. Usámo-lo. Mas como?*



*Não se consegue lembrar. Pergunta a si mesmo se algum dos outros consegue. Pelo bem deles, espera que sim.*

*Um camião ultrapassa pela esquerda. Eddie ainda tem os faróis ligados e faz rapidamente sinais de luzes quando o camião o ultrapassa em segurança. Fá-lo sem pensar. Tornou-se uma função automática, parte de conduzir como profissão. O motorista invisível do camião faz piscar os intermitentes duas vezes em resposta, agradecendo a Eddie a cortesia. Se tudo pudesse ser tão simples e claro, pensa ele.*

*Segue as placas até à I-95. O tráfego para norte é escasso, embora observe que as faixas para sul em direção à cidade estão a começar a encher, mesmo àquela hora matutina. Eddie conduz o grande carro, prevendo a maior parte das placas e indo para a faixa certa muito antes do necessário. Há anos, há muitos anos mesmo, que não deixa passar uma saída. Faz as suas escolhas de faixa tão automaticamente como o sinal de luzes ao condutor do camião para o avisar de que podia regressar à faixa da direita, tão automaticamente como uma vez encontrou o caminho pelo emaranhado de passagens nos Barrens de Derry. O facto de nunca na vida ter conduzido para fora do centro de Boston, uma das cidades mais confusas nos Estados Unidos para os automobilistas, parece não importar.*

*Lembra-se de repente de outra coisa daquele verão, uma coisa que Bill lhe disse um dia:*

*— T-t-tens uma b-b-bu-ússola na cabeça, E-E-Eddie.*

*Como isso o deixou feliz! Ainda deixa enquanto o Cadillac Eldorado de 1984 desliza pela estrada. Aumenta a velocidade da limusina para uns seguros 90 km/h e encontra música calma no rádio. Acha que teria morrido por Bill naquela altura se tivesse sido necessário; se Bill lhe tivesse pedido, Eddie teria respondido simplesmente:*

*— Claro, Grande Bill... já sabes a que horas?*

*Eddie ri ao pensar nisso, não é tanto um som, só um ronco, mas o som surpreende-o e fá-lo rir a sério. Ri-se pouco atualmente, e não esperava dar muitas casquinadas (palavra de Richie para gargalhadas, como em «Deste alguma boa casquinada hoje, Eds?») naquela peregrinação sombria. Mas, imagina ele, se Deus tem a crueldade de conceder aos fiéis o que eles mais querem na vida, bem pode cair na perversidade de repartir uma ou duas casquinadas pelo caminho.*

*— Deste alguma boa casquinada ultimamente, Eds? — pergunta em voz alta, e ri de novo. Bolas, como ele detestou que Richie lhe chamasse Eds... mas também gostou um pouco. Da mesma forma que achava que Ben Hanscom passara a gostar quando Richie lhe chamava Monte de Feno. Era... uma espécie de nome secreto. Uma identidade secreta. Uma forma de serem pessoas que nada tinham que ver com os medos, esperanças e exigências constantes dos pais. Richie ainda não inventara nenhuma das suas adoradas Vozes, mas talvez soubesse até que ponto era importante idiotas como eles serem às vezes pessoas diferentes.*

*Eddie olha para as moedas alinhadas no tabliê do Cadillac; alinhar as moedas é outro gesto automático do ofício. Quando as portagens chegam, não é bom ter de parar para procurar moedas, nem descobrir que se entrou na fila da portagem automática sem ter o dinheiro contado.*

*Entre as moedas, há dois ou três dólares de prata com o perfil de Susan B. Anthony. Reflete que são moedas que hoje em dia só devem encontra-se nos bolsos de motoristas e taxistas na área de Nova Iorque, assim como o único lugar onde se devem encontrar muitas notas de dois dólares é nos guichés de pagamento de apostas em corridas de cavalos. Tem sempre algumas à mão, porque as cestas das portagens nas pontes George Washington e Triboro as aceitam.*

*Isso faz acender de repente outra daquelas luzes na sua cabeça: dólares de prata. Não essas ligas metálicas falsas, mas dólares de prata a sério,*

com a imagem da Liberdade vestida com uma túnica leve. Os dólares de prata de Ben Hanscom. Sim, mas não foi Bill, ou Ben, ou Beverly que usou uma vez um desses dólares de prata para salvar a vida deles? Não tem a certeza disso, na verdade não tem a certeza de nada... ou será que apenas não se quer lembrar?

Lá estava escuro, pensa ele de repente. Lembro-me disso. Lá estava escuro.

Boston está já bastante para trás, e a neblina começa a dissipar-se. À frente estão MAINE, N. H., NOVA INGLATERRA — TODAS AS DIREÇÕES. Derry está à frente, e há uma coisa em Derry que devia estar morta há vinte e sete anos, mas de alguma forma não está. Uma coisa com tantas caras como Lon Chaney. Mas o que é, na realidade? Não a viram no fim como era mesmo, com todas as máscaras deixadas de lado?

Ah, ele lembra-se disso... mas não é o suficiente.

Lembra-se de que adorava Bill Denbrough; lembra-se disso muito bem. Bill nunca gozava com a sua asma. Bill nunca lhe chamava mariquinhas. Adorava Bill como adoraria um irmão mais velho... ou um pai. Bill sabia o que fazer. Onde ir. Coisas a ver. Bill nunca era do contra. Quando se corria com Bill, corria-se para vencer o diabo e havia risos... mas raramente se ficava sem fôlego. E ficar raramente sem fôlego era bom, era bestial, diria Eddie ao mundo. Quando se corria com o Grande Bill, havia casquinadas todos os dias.

— Claro, rapaz, tooo-dos os dias — diz ele com uma Voz de Richie Tozier, e ri de novo.

Fora ideia de Bill fazer a represa nos Barrens, e fora, de certa forma, a represa que os uniu. Fora Ben Hanscom quem lhes mostrara como podia ser construída (e construíram-na tão bem que tiveram problemas com o senhor Nell, o polícia da zona), mas tinha sido ideia de Bill. E apesar de todos eles, exceto Richie, terem visto coisas muito estranhas, coisas

*assustadoras, em Derry desde o início desse ano, fora Bill quem tivera coragem de as dizer primeiro em voz alta.*

*Aquela represa.*

*Aquela maldita represa.*

*Lembrava-se de Victor Criss: «Inté, putos. Era mesmo uma barragem de bebés, acreditem. Estão melhor sem ela.»*

*Um dia depois, Ben Hanscom, sorridente, dizia-lhes:*

*— Podíamos*

*— Podíamos inundar*

*— Podíamos inundar os*

## 2

*— ... Barrens se quiséssemos.*

Bill e Eddie olharam duvidosos para Ben e depois para as coisas que Ben trouxera com ele: algumas tábuas (retiradas do quintal do senhor McKibbon, mas não havia problema, porque o senhor McKibbon provavelmente surripiara-as a outra pessoa), uma marreta, uma pá.

*— Sei lá — disse Eddie, olhando para Bill. — Quando tentámos ontem, não correu muito bem. A corrente estava sempre a levar os nossos paus.*

*— Isto vai funcionar — declarou Ben. Também olhou para Bill em busca da decisão final.*

*— Bem, va-vamos t-tentar — disse Bill. — Ch-chamei o R-R-R-Richie Tozier hoje de ma-manhã. Ele v-vem m-mais t-tarde. Talvez ele e o Sta-a-anley queiram aju-judar.*

*— Stanley quê? — perguntou Ben.*

*— Uris — respondeu Eddie. Ainda olhava com cautela para Bill, que parecia diferente, mais calado, menos entusiasmado com a ideia da*

barragem. Bill estava pálido naquele dia. Distante.

— Stanley Uris? Acho que não conheço. Anda na nossa escola?

— É da nossa idade, mas acabou de fazer o quarto ano — disse Eddie.

— Começou a escola um ano mais tarde porque era muito doente em pequeno. Se achas que ontem levaste na corneta, devias alegrar-te por não seres o Stan. Há sempre alguém a cobrir o Stan de porrada.

— Ele é ju-ju-judeu — disse Bill. — Mu-muitos r-rapazes não g-gostam dele porque é judeu.

— Ai sim? — perguntou Ben, impressionado. — Judeu, hein? — Fez uma pausa e disse com cautela: — Isso é como ser turco ou é mais como ser egípcio?

— A-Acho que é mais como ser tu-turco — disse Bill. Pegou numa das tábuas que Ben levara e olhou para ela. Tinha um metro e oitenta de comprimento e noventa centímetros de largura. — O meu p-p-pai diz que a maior parte dos ju-judeus tem n-narizes grandes e muito din-dinheiro, mas o Stan-Stan-Stan...

— Mas o Stan tem nariz normal e anda sempre nas lonas — disse Eddie.

— Sim — concordou Bill, e esboçou um sorriso pela primeira vez naquele dia.

Ben sorriu.

Eddie sorriu.

Bill largou a tábua, pôs-se em pé e limpou o traseiro das calças de ganga. Foi até à margem do rio, e os dois outros rapazes juntaram-se a ele. Bill enfiou as mãos nos bolsos de trás e suspirou. Eddie tinha a certeza de que Bill ia dizer uma coisa séria. Olhou para Eddie e para Ben e depois para Eddie de novo, sem sorrir. Eddie sentiu medo de repente.

Mas tudo o que Bill disse naquele momento foi:

— Trouxeste a tua b-b-bomba, E-Eddie?

Eddie deu uma palmada no bolso.

— Estou preparado.

— E então, como correu a história do leite com chocolate? — perguntou Ben.

Eddie riu.

— Correu *muito bem!* — exclamou. Ele e Ben desataram a rir enquanto Bill os observava, a sorrir, mas intrigado. Eddie explicou-lhe o que acontecera e Bill assentiu, sorrindo de novo.

— A mã-ãe do E-E-Eddie tem m-m-medo de que e-ele se pa-partas e e-ela n-não receba o di-dinheiro de v-volta.

Eddie riu e fingiu que ia atirá-lo à água.

— Cuidado, cara de cu — disse Bill, parecendo mesmo Henry Bowers. — Torço-te tanto a cabeça que vais conseguir ver-te quando limpares o rego.

Ben caiu ao chão de tanto rir. Bill olhou para ele, sem deixar de sorrir, com as mãos nos bolsos de trás, a sorrir, sim, mas algo distante de novo, um pouco vago. Olhou para Eddie e inclinou a cabeça na direção de Ben.

— O putos é cha-chalado — disse ele.

— Pois é — concordou Eddie, mas sentiu que aquele divertimento era apenas um ritual. Algo preocupava Bill. Calculava que Bill diria alguma coisa quando estivesse pronto. A questão era: será que Eddie queria ouvir? — É atrasado mental.

— Cheché — disse Ben, ainda a rir.

— V-v-vais mo-mostrar-nos como c-construir uma represa ou fi-fi-ficar a-alapado o dia t-todo?

Ben levantou-se de novo. Olhou primeiro para o rio, que fluía a uma velocidade moderada. O Kenduskeag não era muito largo naquela parte dos Barrens, mas mesmo assim vencera-os no dia anterior. Nem Eddie nem Bill tinham conseguido perceber como controlar a corrente. Mas Ben estava a sorrir, o sorriso de alguém que contempla uma coisa nova... uma coisa que

vai ser divertida, mas não muito difícil. Eddie pensou: *Ele sabe fazê-lo, acho mesmo que sabe.*

— Certo — disse ele. — É melhor tirarem os sapatos, porque vão molhar os pezinhos.

A consciência maternal na cabeça de Eddie falou imediatamente, com voz tão dura e firme como a voz de um polícia de trânsito: *Não te atrevas a fazer isso, Eddie! Não te atrevas! Os pés molhados são uma das maneiras, uma das milhares de maneiras, de apanhar uma constipação, e as constipações acabam em pneumonia, portanto não faças isso!*

Bill e Ben tinham-se sentado na margem, a descalçar os ténis e as meias. Ben estava a enrolar as pernas das calças de ganga. Bill olhou para Eddie. Os seus olhos estavam claros e calorosos, solidários. Eddie teve de repente a certeza de que Grande Bill sabia exatamente o que ele tinha estado a pensar e sentiu vergonha.

— V-v-vens?

— Sim, claro — disse Eddie. Sentou-se na margem e descalçou os sapatos enquanto a mãe ralhava mais um pouco dentro da sua cabeça... mas a voz dela estava cada vez mais distante e com eco, ele ficou aliviado; parecia que alguém lhe enfiara um anzol forte na parte de trás da blusa e a estava a puxar para longe por um corredor comprido.

### 3

Foi um daqueles dias perfeitos de verão que, num mundo onde tudo estava certo e a seguir o rumo esperado, nunca se esqueceriam. Uma brisa leve mantinha afastada a maior parte dos mosquitos e das moscas. O céu era de azul intenso. As temperaturas andavam pelos vinte e poucos. Os pássaros cantavam e faziam as suas cenas de pássaros nos arbustos e nas árvores.

Eddie teve de usar a bomba uma vez, e depois o seu peito ficou mais leve e a sua garganta pareceu alargar-se como que por magia para o tamanho de uma via rápida. Passou o resto da manhã com a bomba esquecida no bolso de trás.

Ben Hanscom, que parecera tão tímido e inseguro no dia anterior, tornou-se um general confiante depois de se envolver por completo na construção da represa. Volta e meia, subia para a margem e ficava ali de pé com as mãos enlameadas nas ancas, a olhar para o trabalho em desenvolvimento e a murmurar. Às vezes passava a mão pelo cabelo, e às onze da manhã as madeixas já estavam todas de pé e espetadas de maneira cómica.

Eddie sentiu insegurança a princípio, depois uma sensação de alegria e, por fim, um sentimento completamente novo, que era ao mesmo tempo estranho, atemorizante e arrebatador. Era um sentimento tão alheio ao seu estado normal que ele só conseguiu identificá-lo naquela noite, deitado na cama, a olhar para o teto e a rever o dia mentalmente. Poder. Era esse o sentimento. Poder. Ia funcionar, por Deus, e ia funcionar melhor do que ele e Bill, e talvez o próprio Ben, tinham sonhado ser possível.

Também viu Bill a envolver-se, só um pouco de início, ainda a remoer o que quer que tivesse na cabeça, e então, pouco a pouco, a dedicar-se completamente. Uma ou duas vezes bateu no ombro carnudo de Ben e disse-lhe que ele era incrível. Ben corou de prazer de cada uma das vezes.

Ben pediu que Eddie e Bill colocassem uma das tábuas a atravessar o rio e que a segurassem enquanto ele usava a marreta para a enterrar.

— Pronto. Entrou, mas vais ter de a segurar, senão a corrente solta-a — disse ele a Eddie, então Eddie ficou no meio do riacho a segurar a tábua enquanto a água passava por cima dela e fazia as mãos dele parecerem estrelas-do-mar.



Ben e Bill colocaram uma segunda tábua meio metro abaixo da primeira. Ben usou a marreta de novo para a enterrar, e Bill segurou-a enquanto Ben começou a encher o espaço entre as duas com terra da margem do rio. A princípio, ela foi levada nas extremidades das tábuas em nuvens poeirentas, e Eddie achou que não ia funcionar, mas quando Ben começou a acrescentar pedras e lama do fundo do rio, as nuvens de sedimento que fugiam começaram a diminuir. Em menos de vinte minutos, criara um canal de terra castanha e pedras entre as duas tábuas no meio do riacho. Aos olhos de Eddie, parecia uma ilusão de ótica.

— Se tivéssemos cimento a sério... em vez de apenas... lama e pedras, eles teriam de mudar a cidade para o lado de Old Cape no meio da semana que vem — disse Ben, largando por fim a pá e sentando-se na margem até recuperar o fôlego. Bill e Eddie riram, e Ben sorriu-lhes. Quando sorria, via-se nas linhas do seu rosto o fantasma do homem bonito em que se viria a tornar. A água tinha começado a acumular-se atrás da primeira tábua.

Eddie perguntou o que fariam em relação à água que escapava pelos lados.

— Deixamo-la ir. Não tem importância.

— Não?

— Não.

— Porquê?

— Não sei explicar exatamente. Mas temos de deixar escapar alguma.

— Como sabes?

Ben encolheu os ombros. *Sei*, dizia o movimento, e Eddie ficou em silêncio.

Depois de descansar, Ben pegou na terceira tábua, a mais grossa das quatro ou cinco que ele carregara laboriosamente pela cidade até aos Barrens, e encostou-a com cuidado à segunda tábua, prendendo uma extremidade com firmeza no fundo do rio e apoiando a outra contra a tábua

que Bill segurava, criando o escoramento que tinha posto no desenho do dia anterior.

— Certo — disse ele, dando um passo para trás. Sorriu para os dois. — Devem poder soltar agora. A lama entre as duas tábuas vai aguentar a maior parte da pressão da água. O suporte vai segurar o resto.

— A água não vai derrubar tudo? — perguntou Eddie.

— Não. A água só vai enterrar mais isto.

— E se estiveres er-er-errado, nós m-m-matamos-te — disse Bill.

— Tudo bem — respondeu Ben calmamente.

Bill e Eddie recuaram. As duas tábuas que formavam a base da represa rangeram um pouco, inclinaram-se um pouco... e mais nada.

— *Caramba!* — gritou Eddie, animado.

— É b-bestial — elogiou Bill, sorrindo.

— É — disse Ben. — Vamos comer.

#### 4

Sentaram-se na margem do rio e comeram, sem falar muito, vendo a água acumular-se atrás da barragem e escorrer pelas extremidades das tábuas. Eddie reparou que já tinham provocado alguma diferença na geografia das margens do rio; a corrente desviada começava a abrir buracos nela. Enquanto observava, o novo curso do rio abriu a margem do outro lado o suficiente para provocar uma pequena avalanche.

Na parte do rio antes da represa, a água formava uma piscina circular, e num ponto transbordara sobre a margem. Riachos a refletir a luz corriam para a relva e para o mato. Eddie começou a perceber lentamente o que Ben soubera desde o início: a represa já estava construída. Os espaços entre as tábuas e as margens eram válvulas de escoamento. Ben não fora capaz de

explicar isso a Eddie porque não conhecia as palavras. Acima das tábuas, o Kenduskeag adquirira um aspeto inchado. O som suave de água rasa a bater em pedras e cascalho havia desaparecido; todas as pedras antes da represa estavam submersas. De vez em quando, mais relva e terra, invadida pelo riacho que se alargava, caíam na água com um chape.

Depois da represa, o curso de água estava quase vazio; pequenos fios corriam inquietos pelo meio, mas não passava disso. Pedras que tinham estado debaixo da água havia uma eternidade secavam ao sol. Eddie olhou para essas pedras com um ligeiro espanto... e com aquele outro sentimento estranho. Eles tinham feito aquilo. *Eles*. Viu um sapo a saltar e pensou que talvez o velho senhor Sapo estivesse a perguntar-se para onde fora a água. Soltou uma gargalhada.

Ben estava a guardar cuidadosamente as embalagens vazias na lancheira que levava. Tanto Eddie como Bill ficaram impressionados com o tamanho da refeição que Ben espalhou com eficiência profissional: duas sanduíches de manteiga de amendoim com geleia, uma sanduíche de mortadela, um ovo cozido (com direito a uma pitada de sal num bocado de papel vegetal), duas barrinhas de figo, três bolachas grandes com bocados de chocolate e um bolinho.

— O que disse a tua mãe ao ver o estado em que chegaste a casa? — perguntou Eddie.

— Hummmm? — Ben ergueu o olhar da piscina de água que se formava atrás da represa e arrotou baixinho atrás das costas da mão. — Ah! Bem, como sabia que ela ia às compras ontem à tarde, consegui chegar a casa antes. Tomei um banho e lavei o cabelo. Depois, deitei fora as calças de ganga e a camisola que vestira. Não sei se irá dar pela falta delas. Da camisola talvez não, tenho bastantes, mas acho que devia comprar umas calças novas antes que ela comece a mexer nas minhas gavetas.

A ideia de desperdiçar dinheiro numa coisa tão supérflua fez surgir uma expressão de tristeza momentânea no rosto de Ben.

— E das t-tuas n-n-nódoas n-n-negras?

— Disse que fiquei tão contente por ter entrado de férias que saí a correr e caí pelas escadas abaixo — respondeu Ben, e pareceu impressionado e um nadinha magoado quando Eddie e Bill começaram a rir. Bill, que estivera a mastigar um bocado do bolo de chocolate feito pela mãe, cuspiu um jato castanho de migalhas e teve um ataque de tosse. Eddie, ainda a uivar de riso, deu-lhe palmadas nas costas.

— Bem, eu quase caí pelas escadas — acrescentou Ben. — Mas porque o Victor Criss me empurrou, não porque ia a correr.

— Eu m-morreria de c-calor com uma ca-camisola daquelas — disse Bill enquanto comia o resto do bolo.

Ben hesitou. Por um momento, pareceu que não ia dizer nada.

— É melhor quando se é gordo — disse ele. — As camisolas, quero eu dizer.

— Por causa da barriga? — perguntou Eddie.

Bill resfolegou.

— Por causa das te-te-te...

— Sim, das tetas. E depois?

— Sim — disse Bill em tom pacífico. — E de-depois?

Houve um momento de silêncio constrangedor e Eddie disse:

— Vejam como a água está a ficar escura quando passa por aquele lado da represa.

— Ah, caramba! — Ben levantou-se. — A corrente está a levar o enchimento! Bolas, quem dera que tivéssemos cimento!

Os danos foram rapidamente reparados, mas até Eddie conseguia ver o que aconteceria sem alguém ali para deitar mais pazadas de enchimento

constantemente: a erosão acabaria por fazer com que a primeira tábua caísse em cima da segunda, e então tudo se desmoronaria.

— Podemos fortalecer os lados — disse Ben. — Não vai impedir a erosão, mas irá abrandá-la.

— Se usarmos areia e lama, não vai tudo com a água? — perguntou Eddie.

— Vamos usar bocados de pasto.

Bill assentiu, sorriu e fez um O juntando o polegar e o indicador da mão direita.

— V-V-Vamos. Eu ca-cavo e tu mo-mostras-me onde pôr i-isso, Grande Ben.

Atrás deles, uma voz estridente e animada gritou:

— Meu Deeeeeus, alguém construiu uma piscina nos Barrens, com limos e tudo!

Eddie virou-se e reparou na forma como Ben ficou tenso ao ouvir o som de uma voz estranha, como os seus lábios se apertaram. Acima deles, no caminho que Ben atravessara no dia anterior, estavam Richie Tozier e Stanley Uris.

Richie desceu aos saltos até ao rio, olhou para Ben com um certo interesse e beliscou a bochecha de Eddie.

— Não *faças* isso! Detesto quando fazes isso, Richie!

— Ah, tu adoras, Eds — disse Richie, e sorriu para ele. — E então? Tens dado umas boas casquinadas, por acaso?

Os cinco encerraram os trabalhos por volta das quatro da tarde. Sentaram-se num ponto bastante mais alto da margem (o local onde Bill,

Ben e Eddie tinham almoçado estava já submerso) e analisaram o resultado. Até Ben achava um pouco difícil acreditar naquilo. Sentiu um misto de triunfo, cansaço e inquietação, para não dizer medo. Deu por si a pensar no filme *Fantasia* e na forma como o Mickey soubera fazer as vassouras começarem a trabalhar... mas não fazê-las parar.

— Do caraças — disse Richie Tozier baixinho, e empurrou os óculos para cima no nariz.

Eddie olhou para ele, mas Richie não estava a fazer um dos seus números naquele momento; tinha uma expressão pensativa, praticamente solene.

No outro lado do rio, onde o terreno primeiro subia e depois se inclinava suavemente para baixo, tinham criado uma nova área alagada. Os arbustos estavam cobertos por trinta centímetros de água. Ainda sob os seus olhares, o pântano continuou a gerar novos pseudópodes para oeste. Atrás da represa, o Kenduskeag, raso e inocente ainda naquela manhã, tornara-se um corpo de água calma e inchada.

Às duas da tarde, a piscina cada vez maior atrás da represa engolira tanto da margem que os canais de escoamento tinham crescido até ao tamanho de rios. Todos exceto Ben tinham feito uma expedição de emergência à lixeira em busca de mais materiais. Ben ficou no local, a bloquear metodicamente fugas. Os aventureiros tinham regressado não só com tábuas, mas também com quatro pneus carecas, a porta enferrujada de um *Hudson Hornet* de 1949 e um bocado grande de chapa ondulada. Sob a liderança de Ben, tinham acrescentado duas alas à represa original, bloqueando a fuga da água de novo pelos lados, e, com as alas posicionadas num ângulo contra a corrente, a represa funcionou ainda melhor do que antes.

— Paraste o cabrão — disse Richie. — És um génio, meu.

Ben sorriu.

— Não foi nada de especial.

— Tenho cigarros *Winston* — disse Richie. — Quem quer um?

Tirou um maço branco e vermelho amarrotado do bolso das calças e passou-o. Eddie, pensando no mal que um cigarro faria à sua asma, recusou. Stan também recusou. Bill tirou um e, depois de pensar um momento, Ben também. Richie fez aparecer uma carteira de fósforos com as palavras ROITAN do lado de fora e acendeu primeiro o cigarro de Ben e depois o de Bill. Estava prestes a acender o próprio quando Bill soprou o fósforo.

— Muito obrigado, Denbrough, seu palhaço — disse Richie.

Bill sorriu a pedir desculpa.

— T-t-três no m-m-mesmo fo-fósforo d-dá azar — disse ele.

— Azar dos teus pais quando tu nasceste — disse Richie, e acendeu o seu cigarro com outro fósforo. Deitou-se e cruzou os braços debaixo da cabeça. O cigarro apontava para cima entre os seus dentes. — O *Winston* sabe bem, como um cigarro deve saber. — Virou a cabeça e piscou o olho a Eddie. — Não é, Eds?

Eddie viu que Ben estava a olhar para Richie com um misto de assombro e cautela. Eddie compreendia-o. Conhecia Richie Tozier há quatro anos e ainda não percebia qual era a dele. Sabia que Richie tirava boas notas nos testes, mas também sabia que tirava regularmente más em comportamento. O pai batia-lhe por causa disso, e a mãe só chorava de cada vez que Richie chegava a casa com uma nota de mau comportamento. Então Richie jurava que ia portar-se melhor, e talvez até portasse... durante dois ou três dias. O problema de Richie era não conseguir ficar parado mais de um minuto, nem ficar calado. Ali nos Barrens, isso não gerava muitos problemas, mas os Barrens não eram a Terra do Nunca, e eles não podiam ser os Meninos Perdidos durante mais do que algumas horas seguidas (a ideia de um Menino Perdido com uma bomba no bolso de trás das calças fez Eddie sorrir). O problema com os Barrens era que uma pessoa tinha

sempre de se ir embora. Lá fora, no mundo maior, as tretas de Richie metiam-no sempre em apuros: com adultos, o que era mau, e com tipos como Henry Bowers, o que era ainda pior.

A sua chegada naquele dia era um exemplo perfeito. Ben Hanscom tinha acabado de dizer olá quando Richie caíra de joelhos aos pés de Ben. Começou por fazer uma série de salamaleques exagerados, com os braços esticados, as mãos a baterem na margem lamacenta de cada vez que se curvava. Ao mesmo tempo, começou a falar com uma das suas Vozes.

Richie tinha uma dezena de Vozes diferentes. Contara a Eddie, durante uma tarde chuvosa em que estavam no quarto por cima da garagem da família Kaspbrak a ler livros da Luluzinha, que a sua ambição era tornar-se o maior ventríloquo do mundo. Seria mais famoso do que Edgar Bergen, disse ele, e apareceria no *Ed Sullivan Show* todas as semanas. Eddie admirava essa ambição, mas previa problemas com ela. Primeiro, todas as Vozes de Richie soavam como a de Richie Tozier. Isso não queria dizer que Richie não era capaz de ser engraçado de tempos a tempos; era. Quando se referia a fazer piadas verbais ou aos peidos sonoros, a terminologia de Richie era a mesma: para ele, era Soltar um Bom, e Soltava Bons das duas maneiras com frequência... mas em geral quando não devia. Segundo, quando Richie fazia ventriloquismo, os seus lábios mexiam-se. Não só um pouco e só nos sons de «p» e «b», mas muito, e em todos os sons. Terceiro, quando Richie dizia que ia projetar a voz, ela não costumava ir muito longe. A maior parte dos amigos dele era demasiado bondosa (ou divertia-se demasiado com o encanto de Richie, muitas vezes cansativo) para mencionar essas pequenas falhas.

Enquanto fazia salamaleques frenéticos em frente ao surpreendido e constrangido Ben Hanscom, Richie falava com a voz a que chamava Voz do Negro Jim.



— Deus tem piedade, é Monte de Feno Coulhoun! — gritou Richie. — Não cai em cima de mim, mestre Monte de Feno! Vai esmagar eu se cair Deus tem piedade, Deus tem piedade! Cento e quarenta quilo de carne mole, mais de dois metro de teta a teta, Monte de Feno deve cheirar a caca de pantera! Ia trazê-lo prò grupo, mestre Monte de Feno, claro! Ia mesmo trazê-lo! Só não cai em cima aqui dos minino!

— N-não te p-preocupes — disse Bill. — É s-s-só o Ri-Ri-Richie. Ele é m-m-maluco.

Richie levantou-se.

— Eu ouvi isso, Denbrough. É melhor deixares-me em paz, senão atiço-te o Monte de Feno.

— A m-melhor p-p-parte de ti esc-correu pela p-perna do teu p-p-pai — disse Bill.

— É verdade — disse Richie —, mas vê só a quantidade de material de primeira que sobrou. Como vais, Monte de Feno? Richie Tozier é o meu nome, fazer Vozes é o que adoro.

Estendeu a mão. Completamente confuso, Ben estendeu a sua. Richie afastou a mão. Ben pestanejou. Richie cedeu e apertou-lha.

— Chamo-me Ben Hanscom, caso estejas interessado — disse Ben.

— Já te vi na escola — disse Richie. Esticou a mão para indicar a poça de água. — Isto deve ter sido ideia tua. Estes gajos não conseguem acender um petardo com um lança-chamas.

— Fala por ti, Richie — disse Eddie.

— Ah, queres dizer que a ideia foi tua, Eds? Bolas, desculpa. — Ajoelhou-se diante de Ed e recomeçou os salamaleques.

— Levanta-te, estás a salpicar-me de lama! — gritou Eddie.

Richie levantou-se uma segunda vez e beliscou a bochecha de Eddie.

— Fofó, fofó, *fofo*! — exclamou Richie.

— Para, detesto isso!

— Confessa, Eds, quem construiu a barragem?

— O B-B-Ben ensinou-nos — disse Bill.

— Fixe. — Richie virou-se e viu Stan Uris atrás dele, com as mãos nos bolsos, a observar em silêncio o espetáculo de Richie. — Este aqui é Stan Uris, o *Man* — disse Richie a Ben. — O Stan é judeu. Além disso, matou Cristo. Pelo menos foi o que o Victor Criss me contou um dia. Ando atrás do Stan desde então. Concluí que se ele é assim tão velho, deve ter idade para nos comprar umas cervejas. Não é, Stan?

— Creio que isso deve ter sido o meu pai — disse Stan com uma voz baixa e agradável, fazendo todos desatarem às gargalhadas, até Ben. Eddie riu até ficar sem ar e as lágrimas lhe correrem pelo rosto.

— Soltaste um Bom! — gritou Richie, andando com as mãos acima da cabeça como um árbitro de futebol americano a assinalar que o ponto extra é válido. — Stan, o *Man*, Soltou um Bom! Vivemos um momento histórico! Aleluia! ALELUIA!

— Olá — disse Stan a Ben, parecendo não ligar a Richie.

— Olá — respondeu Ben. — Fomos da mesma turma no segundo ano. Eras o puto que...

— ... nunca abria a boca — concluiu Stan, sorrindo um pouco.

— Isso.

— O Stan não é capaz de dizer merda mesmo que a tenha na boca — disse Richie. — Coisa que costuma acontecer com FRE-quência, sim, senhor! SIM...

— Ca-Ca-Cala-te, Richie — disse Bill.

— Sim, mas primeiro tenho de contar mais uma coisa, por muito que me custe. Acho que vão perder a vossa represa. O vale vai ficar inundado, parceiros. Vamos tirar as mulheres e as crianças primeiro.

E sem se dar ao trabalho de dobrar as calças, nem mesmo de descalçar os ténis, Richie saltou para a água e começou a enfiar nacos de relva numa

das alas da represa, onde a persistente corrente estava de novo a levar o enchimento. Tinha fita adesiva enrolada numa das hastes dos óculos, e a ponta solta batia-lhe na bochecha enquanto trabucava. Bill chamou a atenção de Eddie, sorriu um pouco e encolheu os ombros. Era apenas Richie. Era capaz de enlouquecer uma pessoa... mas era divertido tê-lo por perto.

Trabalharam na represa durante a hora seguinte. Richie seguiu as ordens de Ben (que tinham voltado a ser hesitantes desde que havia mais dois rapazes para comandar) com perfeita boa vontade e executou-as a um ritmo frenético. Quando cada missão era terminada, ele voltava para junto de Ben a fim de receber novas ordens, fazendo continência e batendo os calcanhares molhados dos ténis. De vez em quando, começava a chatear os outros com uma das suas Vozes: o Comandante Alemão, Toodles (o Mordomo Inglês), o Senador do Sul (que lembrava um pouco Foghorn Leghorn e que, com o tempo, evoluiria para uma personagem chamada Buford Kissdrivel), o Locutor dos Noticiários Cinematográficos.

O trabalho não só progrediu, como avançou a passos largos. E agora, pouco antes das cinco, enquanto descansavam na margem do rio, parecia que o que Richie dissera era verdade: tinham conseguido parar o cabrão. A porta do carro, o bocado de chapa ondulada e os pneus velhos tinham-se convertido na segunda etapa da represa, e atrás havia um enorme monte de terra e pedras. Bill, Ben e Richie fumavam; Stan deitara-se de barriga para cima. Um estranho poderia pensar que estava apenas a olhar para o céu, mas Eddie sabia bem que não. Stan estava a olhar para as árvores do outro lado do rio, em busca de um pássaro ou dois que pudesse anotar no caderno naquela noite. O próprio Eddie sentara-se de pernas cruzadas, sentindo-se agradavelmente cansado e em paz consigo próprio. Naquele momento, os outros pareciam-lhe o melhor grupo de amigos que um rapaz podia desejar. Pareciam a combinação certa quando estavam juntos; encaixavam nas

extremidades uns dos outros. Não conseguia explicá-lo melhor, e como também não era necessária nenhuma explicação, decidiu deixar o assunto por ali.

Olhou para Ben, que segurava o cigarro meio fumado de forma desajeitada e cuspiu frequentemente, como se não gostasse muito do sabor. Viu Ben apagar o cigarro e cobri-lo com terra.

Ben ergueu o olhar, reparou que Eddie o observava e desviou o rosto, constrangido.

Eddie olhou para Bill e viu uma coisa no rosto dele da qual não gostou. Bill estava a olhar para o outro lado do rio, para o meio das árvores e das plantas, com olhos cinzentos e pensativos. Aquela expressão taciturna tinha voltado ao seu rosto. Eddie achou que Bill parecia quase assombrado.

Como se lhe lesse o pensamento, Bill olhou para ele. Eddie sorriu, mas Bill não sorriu em resposta. Apagou o cigarro e olhou para os outros. Até Richie se recolhera no silêncio dos seus pensamentos, algo que ocorria tão raramente como um eclipse lunar.

Eddie sabia que Bill raramente dizia alguma coisa importante se tudo não estivesse em silêncio, porque era muito difícil para ele falar. E de repente desejou ter alguma coisa para dizer ou que Richie começasse a fazer uma das Vozes. Teve a certeza repentina de que Bill abriria a boca e diria uma coisa terrível, uma coisa que mudaria tudo. Procurou automaticamente a bomba, tirou-a do bolso de trás e segurou-a na mão. Fê-lo sem pensar.

— P-posso contar-vos uma c-coisa? — perguntou Bill.

Todos olharam para ele. *Faz uma piada, Richie!*, pensou Eddie. *Faz uma piada, diz alguma coisa absurda, deixa-o constrangido, tanto faz, mas obriga-o a calar-se. Seja lá o que for, não quero ouvir, não quero que as coisas mudem, não quero ter medo.*

Na sua mente, uma voz tenebrosa e rouca sussurrou: *Faço-o por dez cêntimos.*

Eddie estremeceu e tentou ignorar aquela voz e a imagem repentina que ela evocava: a casa em Neibolt Street, com o jardim abandonado cheio de ervas daninhas e girassóis gigantes a balouçar de um dos lados.

— Claro, Grande Bill — disse Richie. — O que foi?

Bill abriu a boca (mais ansiedade da parte de Eddie), fechou-a (alívio abençoado para Eddie) e abriu-a de novo (ansiedade renovada).

— S-s-se vo-vo-vocês se r-rirem, n-nunca mais ando con-convosco — disse Bill. — É uma l-loucura, mas juro que n-não estou a inventar. Aconteceu me-esmo.

— Não vamos rir — disse Ben. Olhou para os outros. — Vamos?

Stan abanou a cabeça. Richie também.

Eddie queria dizer *Sim, vamos rir, Billy, vamos rir bué e dizer que és mesmo parvo, então porque não fechas já a matraca?* Mas claro que não podia dizer uma coisa daquelas. Afinal, tratava-se do Grande Bill. Abanou a cabeça com tristeza. Não, não iria rir-se. Nunca sentira menos vontade de rir na vida.

Estavam sentados acima da represa que Ben lhes ensinara a construir, passeando a vista entre o rosto de Bill e a piscina, cada vez maior, e o pântano que também estava cada vez maior atrás, para voltar à cara de Bill, ouvindo em silêncio. Ele contou-lhes o que acontecera quando abrisse o álbum de fotografias de George: que a fotografia da escola virara a cabeça e lhe piscara o olho, que o álbum sangrara quando ele o atirara para o outro lado do quarto. Foi um recital longo e doloroso e, quando terminou, Bill tinha o rosto vermelho e suava. Eddie nunca o ouvira gaguejar tanto.

Mas por fim a história foi contada. Bill olhou para eles, desafiador e receoso. Eddie viu uma expressão idêntica nos rostos de Ben, Richie e Stan. Era medo solene e respeitoso, sem o menor sinal de descrença. Sentiu

vontade naquele momento de se levantar e gritar: «Que história maluca! Não acreditas nessa história maluca, pois não, e mesmo que acredites, não acreditas que nós acreditamos, pois não? As fotografias não piscam o olho! Os livros não sangram! Estás completamente louco, Grande Bill!»

Mas não podia fazer isso, porque aquela expressão de medo solene também estava no seu próprio rosto. Não conseguia vê-la, mas sentia-a.

*Anda cá, puto*, sussurrou a voz rouca. *Eu chupo-te à borla. Anda cá!*

*Não*, respondeu Eddie com um gemido. *Vai-te embora, por favor, não quero pensar nisso.*

*Anda cá, puto.*

E Eddie via mais uma coisa. Não no rosto de Richie, pelo menos achava que não, mas no de Stan e no de Ben com certeza. Sabia o que era essa coisa; sabia-o porque aquela expressão também estava no seu rosto.

Reconhecimento.

*Chupo-te à borla.*

A casa no número 29 de Neibolt Street ficava perto do pátio de manobras. Era velha e estava entaipada, o alpendre a afundar-se gradualmente no chão, o relvado mais parecia um campo cheio de mato. Havia um triciclo velho, enferrujado e tombado escondido na erva alta, com uma roda torta a aparecer.

Mas à esquerda do alpendre havia um enorme vazio no relvado, e viam-se as janelas sujas da cave da casa. Numa dessas janelas Eddie Kaspbrak vira pela primeira vez o rosto do leproso, seis semanas antes.

Aos sábados, quando Eddie não conseguia encontrar ninguém com quem brincar, costumava ir para o pátio de manobras. Sem nenhum motivo

especial; gostava apenas de estar ali.

Ia de bicicleta até Witcham Street e virava para noroeste pela Route 2, onde ela atravessava a Witcham. A escola batista de Neibolt Street ficava na esquina da Route 2 e da Neibolt Street, um quilómetro e meio a seguir. Era um edifício de madeira velho mas limpo com uma cruz grande em cima e as palavras DEIXAI AS CRIANÇAS E NÃO AS IMPEÇAIS DE VIR TER COMIGO escritas sobre a porta principal em letras douradas de sessenta centímetros de altura. Às vezes, aos sábados, Eddie ouvia música e cantoria vindos de lá de dentro. Era música *gospel*, mas quem tocava o piano parecia mais Jerry Lee Lewis do que um pianista de igreja. A cantoria também não parecia muito religiosa aos ouvidos de Eddie, embora houvesse muitas menções à «bela Sião» e ser «lavado no sangue do cordeiro» e «temos um grande amigo em Jesus». As pessoas a cantar pareciam estar a divertir-se demasiado para o canto ser mesmo sagrado, na opinião de Eddie. Mas ele gostava do som à mesma, assim como gostava de ouvir Jerry Lee a cantar «Whole Lotta Shakin' Goin' On». Às vezes parava um pouco do outro lado da rua, encostava a bicicleta a uma árvore e fingia ler na relva, mas cantarolava a acompanhar a música.

Noutros sábados, a escola batista de Neibolt Street ficava fechada e silenciosa, e ele seguia para o pátio de manobras sem parar, até onde Neibolt Street terminava, num estacionamento com ervas daninhas a crescer nas rachas do asfalto. Apoiava a bicicleta à vedação de madeira e via passar os comboios. Havia muitos ao sábado. A mãe contara-lhe que, no passado, se podia apanhar um comboio de passageiros GS&WM onde fora na altura a estação de Neibolt Street, mas os comboios de passageiros tinham parado de circular quando a guerra da Coreia estava no começo.

— Se apanhasses um comboio para norte, ias para a estação de Brownsville — disse ela —, e de Brownsville podias apanhar um comboio que te faria atravessar o Canadá se quisesses, até ao Pacífico. O comboio

para sul levava-te até Portland e depois até Boston e, da estação sul, o país era teu. Mas os comboios de passageiros sofreram o mesmo destino que as linhas de elétrico. Ninguém quer apanhar um comboio quando pode entrar num *Ford* e arrancar. Talvez nunca andes num.

Mas os grandes comboios de mercadorias ainda passavam por Derry. Seguiam para sul carregados de papel, fibra de madeira e batatas, e para norte com produtos manufaturados para as cidades que as pessoas do Maine às vezes chamavam as Grandes do Norte: Bangor, Millinocket, Machias, Presque Isle, Houlton. Eddie gostava particularmente de ver os comboios que levavam carros para norte, com os seus *Fords* e *Chevies* cintilantes. *Um dia, vou ter um carro assim*, prometeu a si mesmo. *Assim ou até melhor. Talvez até um Cadillac!*

Havia seis vias férreas no total, que entravam na estação como fios de uma teia de aranha rumo ao centro: Bangor e Great Northern Lines do norte, Great Southern e Western Maine do oeste, Boston e Maine do sul e Southern Seacost do leste.

Um dia, dois anos antes, quando Eddie estivera junto à linha do leste a ver o comboio passar, um funcionário bêbedo atirou-lhe uma caixa de uma carruagem que seguia em velocidade lenta. Eddie baixou-se e recuou, embora a caixa tenha caído a três metros dele. Havia coisas lá dentro, coisas vivas que estalavam e se moviam.

— Última volta, rapaz! — gritara o funcionário bêbedo. Tirou uma garrafa castanha achatada de um dos bolsos do blusão de ganga, inclinou-a, bebeu e atirou-a para o chão, onde ela se estilhaçou. O homem apontou para a caixa. — Leva isso à tua mãe! Cortesia desta maldita linha da Southern Seacost que nos vai deixar apeados! — Inclinar-se para a frente para gritar essas últimas palavras enquanto o comboio se afastava, ganhando velocidade, e por um momento alarmante Eddie achou que ele cairia da carruagem.



Quando o comboio desapareceu, Eddie aproximou-se da caixa e inclinou-se com cautela. Tinha medo de se aproximar demasiado. As coisas lá dentro eram escorregadias e deslizavam. Se o homem tivesse gritado que eram para ele, Eddie teria deixado a caixa ali. Mas dissera-lhe para a levar à mãe e, tal como Ben, quando alguém dizia mãe, Eddie ficava em sentido.

Encontrou uma corda num dos armazéns vazios e amarrou a caixa à bagageira da bicicleta. A mãe olhara para dentro da caixa ainda com mais cautela do que Eddie e depois gritou... mas de prazer, e não de pavor. Havia quatro lagostas na caixa, cada uma com um quilo e as tenazes amarradas. Preparou-as para o jantar e ficou muito aborrecida quando Eddie não quis comer.

— O que achas que os Rockefeller estão a jantar esta noite em Bar Harbor? — perguntou ela com indignação. — O que achas que os ricos estão a jantar no Twenty-one e no Sardi's em Nova Iorque? Sanduíches de manteiga de amendoim e geleia? Estão a comer *lagosta*, Eddie, como nós! Agora vá, experimenta.

Mas Eddie não quis experimentar, ou pelo menos foi o que a mãe disse. Talvez fosse verdade, mas por dentro parecia mais a Eddie que não conseguia, em vez de não querer. Recordava a forma como elas tinham deslizado dentro da caixa, os sons que as suas tenazes haviam feito. Ela fartou-se de dizer que eram deliciosas e que ele estava a perder um pitéu, até que ele começou a sentir falta de ar e teve de usar a bomba. Só então ela o deixou em paz.

Eddie foi para o quarto ler. A mãe ligou à amiga Eleanor Dunton. Eleanor foi até lá, e as duas leram velhos exemplares da *Photoplay* e da *Screen Secrets*; riram das colunas de mexericos e entupiram-se de salada de lagosta. Quando Eddie acordou para ir à escola no dia seguinte, a mãe ainda estava na cama, a roncar e a dar peidos frequentes que pareciam longas notas musicais de uma corneta (estava a Soltar um Bom, teria dito Richie).

Não havia nada na tigela onde a salada de lagosta estivera, exceto alguns resquícios de maionese.

Aquele foi o último comboio Southern Seacost que Eddie viu, e quando voltou a encontrar o senhor Braddock, o chefe da estação de Derry, perguntou com hesitação o que tinha acontecido.

— A empresa faliu — respondeu o senhor Braddock. — Só isso. Não lê os jornais? Está a acontecer neste maldito país inteiro. Agora sai daqui. Isto não é sítio para um rapaz.

Depois disso, Eddie caminhava às vezes ao longo da linha 4, que fora a da Southern Seacost, e ouvia um revisor mental cantarolar nomes no seu pensamento, pronunciando-os com um adorável sotaque do leste. Aqueles nomes, aqueles nomes mágicos: Camdem, Rockland, Bar Harbor (pronunciado Baa Haabaa), Wiscasset, Bath, Portland, Ogunquit, as Berwick; seguia pela linha 4 para leste até ficar cansado e as ervas a crescerem entre as chulipas o deixarem triste. Uma vez, olhara para cima e vira gaivotas (provavelmente só gaivotas gordas da lixeira que não se ralavam se viam ou não o oceano, mas isso não lhe ocorrera na altura) a descrever círculos e a gritar, e o som das vozes delas também o fizera chorar um pouco.

Em tempos, houvera um portão na entrada do pátio de manobras, mas fora derrubado numa tempestade e ninguém se dera ao trabalho de o substituir. Eddie entrava e saía quando queria, embora o senhor Braddock o expulsasse sempre que o via (ou a qualquer outro miúdo, na verdade). Havia condutores de camiões que por vezes corriam atrás dos putos (mas não uma grande distância) porque achavam que estavam ali só para gamar alguma coisa, e às vezes os putos gamavam mesmo.

Mas em geral o local era tranquilo. Havia uma guarita, mas estava vazia, com os vidros das janelas partidos por pedras. Não havia segurança a tempo inteiro desde 1950, mais ou menos. O senhor Braddock expulsava os

miúdos durante o dia, e um guarda-noturno passava por lá num velho *Studebaker* com um holofote preso junto à janela quatro ou cinco vezes por noite, e isso era tudo.

Mas às vezes havia mendigos e vagabundos. Se havia alguma coisa no pátio de manobras que assustava Eddie, eram eles; homens com barbas por fazer e pele rachada e bolhas nas mãos e lábios feridos pelo frio. Andavam nos comboios durante algum tempo e passavam uns dias em Derry, depois apanhavam outro comboio e iam para outro lado. Às vezes, faltavam-lhes alguns dedos. Normalmente, estavam bêbedos e queriam saber se os putos tinham cigarros.

Um dia, um desses indivíduos rastejara de baixo do alpendre da casa no número 29 de Neibolt Street e oferecera-se para fazer um broche a Eddie por vinte e cinco cêntimos. Eddie recuara, com a pele gelada e a boca ressequida. Uma das narinas do mendigo estava carcomida. Via-se o canal vermelho e ferido.

— Não tenho vinte e cinco cêntimos — respondeu Eddie, recuando em direção à bicicleta.

— Faço por dez — disse o mendigo com voz rouca, andando na direção dele. Vestia calças velhas de flanela verde. Havia vômito amarelo a secar sobre as pernas. Abriu o fecho e enfiou a mão lá dentro. Estava a tentar sorrir. O nariz era vermelho e repugnante.

— Eu... também não tenho dez cêntimos — disse Eddie, e pensou de repente: *Oh, meu Deus, ele tem lepra! Se me tocar, eu também a apanho!* Perdeu o controlo e desatou a correr. Ouviu o mendigo atrás dele a arrastar os pés, com os velhos sapatos amarrados com um cordel a bater no relvado rebelde da casa vazia.

— Anda cá, puto! Chupo-te à borla! Anda cá!

Eddie saltara para a bicicleta já com pieira, sentindo a garganta a fechar-se até ser só um buraco de agulha. O seu peito ficara pesado. Pôs os pés nos

pedais e estava a ganhar velocidade quando uma das mãos do vagabundo bateu na bagageira da bicicleta e esta oscilou. Eddie olhou por cima do ombro e viu o homem a correr atrás do pneu traseiro (A GANHAR TERRENO!!), com os lábios repuxados sobre os cotos pretos que eram os seus dentes numa expressão que podia ser de desespero ou fúria.

Apesar das pedras sobre o peito, Eddie pedalara cada vez mais depressa, esperando que uma das mãos feridas do mendigo fosse fechar-se sobre o seu braço a qualquer momento, puxá-lo da *Raleigh* e tombá-lo na sarjeta, onde só Deus sabia o que lhe aconteceria. Não se atreveu a olhar para trás até ter passado pela escola batista de Neibolt Street e pelo cruzamento da Route 2. O mendigo tinha desaparecido.

Eddie guardou a história terrível dentro de si durante quase uma semana, e depois contou-a a Richie Tozier e Bill Denbrough um dia, quando estavam a ler banda desenhada por cima da garagem.

— Ele não tinha lepra, seu burro — disse Richie. — Tinha sífilis.

Eddie olhou para Bill para ver se Richie estava a brincar. Nunca tinha ouvido falar numa doença chamada «síflis». Parecia uma coisa que Richie era capaz de inventar.

— Existe uma coisa chamada síflis, Bill?

Bill assentiu com seriedade.

— Só que é s-s-sífilis, não síflis.

— O que é?

— É uma doença que se apanha a foder — disse Richie. — Sabes o que é foder, não sabes, Eds?

— Claro — disse Eddie.

Esperava não ter corado. Sabia que, quando se ficava mais velho, saíam coisas do pénis quando ele ficava duro. Vincent «Monco» Taliendo contara-lhe o resto um dia na escola. O que se fazia quando se fodia, segundo Monco, era esfregar a pila na barriga de uma rapariga até ela ficar dura (a

pila, não a barriga da rapariga). Depois esfregava-se mais até começar a «ter a sensação». Quando Eddie perguntou o que isso queria dizer, Monco limitara-se a abanar a cabeça de maneira misteriosa. Explicou que não era possível descrever, mas que uma pessoa sabia assim que a sentia. Disse que podiam praticar deitados na banheira a esfregar a pila com sabonete *Ivory* (Eddie experimentara isso, mas a única sensação que tivera fora vontade de urinar ao fim de algum tempo). Monco, prosseguiu: depois de se «ter a sensação», saía uma coisa do pénis. A maior parte das pessoas chamava-lhe esporra, disse Monco, mas o irmão mais velho dissera-lhe que a palavra científica verdadeira era meita. E quando se «tinha a sensação», era preciso segurar a pila e fazer pontaria depressa para lançar a meita para dentro do umbigo da rapariga assim que saísse. Entrava pela barriga dela e fazia aí um bebé.

«As raparigas *gostam* disso?», perguntara Eddie a Monco Taliendo. Estava um tanto perplexo.

«Acho que devem gostar», respondera Monco, parecendo intrigado.

— Ouve, Eds — disse Richie —, porque pode haver perguntas mais tarde. Algumas mulheres têm essa doença. Alguns homens também, mas são mais mulheres. Um tipo pode apanhá-la de uma mulher...

— Ou de outro t-t-tipo se forem ma-ma-maricas — acrescentou Bill.

— Certo. O importante é que se apanha a sífilis quando se vai para a cama com uma pessoa que já a tem.

— O que faz a doença? — perguntou Eddie.

— Faz-te apodrecer — respondeu Richie simplesmente.

Eddie olhou para ele apavorado.

— É mau, eu sei, mas é verdade — disse Richie. — O nariz é a primeira coisa a ir. Alguns tipos com sífilis perdem o nariz todo. Depois a pila.

— P-p-por favor — pediu Bill. — Acabei de c-c-comer.

— Ei, meu, isto é ciência — retorquiu Richie.

— Então qual é a diferença entre lepra e sífilis? — perguntou Eddie.

— Não apanhas lepra a foder — declarou Richie imediatamente, e teve um ataque de riso que deixou Bill e Eddie perplexos.

## 7

Depois daquele dia, a casa 29 de Neibolt Street adquirira uma espécie de brilho na imaginação de Eddie. Ao olhar para o jardim cheio de mato e para o alpendre inclinado e para as tábuas pregadas nas janelas, sentia um fascínio nada saudável tomar conta dele. E seis semanas antes parara a bicicleta na berma de gravilha da rua (o passeio terminava quatro casas antes) e atravessara o relvado em direção ao alpendre.

O coração batera com força no peito e a boca tinha de novo aquele gosto seco; ao ouvir a história de Bill sobre a terrível fotografia, soube que o que sentira ao aproximar-se da casa era mais ou menos o mesmo que Bill sentira ao entrar no quarto de George. Não se sentira no controlo de si mesmo. Sentira-se empurrado.

Não parecia que os seus pés estivessem a mover-se; em vez disso, a casa em si, taciturna e silenciosa, parecia aproximar-se de onde ele estava.

Ouvia ao longe um motor a *gasóleo* no pátio de manobras, isso e o ruído líquido-metálico dos acoplamentos. Estavam a deixar alguns vagões nas vias laterais e a enganchar outros para formar um comboio.

A sua mão segurou a bomba, mas, estranhamente, a asma não o atacou como no dia em que fugira do mendigo de nariz podre. Só havia aquela sensação de estar parado a ver a casa deslizar furtivamente na sua direção, como se num carril escondido.

Eddie olhou para baixo do alpendre. Não havia ali ninguém. Não era de admirar, na verdade. Estava-se na primavera, e os vagabundos costumavam

aparecer em Derry no outono, do fim de setembro até ao início de novembro. Durante essas seis semanas mais ou menos, um homem podia trabalhar à jorna numa das quintas mesmo se a sua aparência fosse apenas parcialmente decente. Havia batatas e maçãs para apanhar, vedações a reparar, tetos de celeiros e barracões que tinham de ser remendados antes da chegada de dezembro e do inverno.

Não havia nenhum vagabundo debaixo do alpendre, mas muitos vestígios de que tinham lá estado. Latas e garrafas vazias de cerveja, garrafas vazias de bebidas destiladas. Um cobertor imundo encostado aos tijolos como um cão morto. Havia bocados de jornal amarrotados e um sapato velho e cheiro a lixo. Havia camadas espessas de folhas velhas lá em baixo.

Sem querer avançar, mas incapaz de se impedir, Eddie rastejou para baixo do alpendre. Sentia os batimentos cardíacos na cabeça, criando pontos brancos de luz no seu campo de visão.

O fedor era pior ali em baixo, a bebida, a suor e ao perfume estagnado de folhas a apodrecer. As folhas mortas nem estalaram sob as suas mãos e joelhos. Elas e os velhos jornais limitaram-se a suspirar.

*Sou um vagabundo, pensou Eddie pouco coerente. Sou um vagabundo e viajo de comboio sem bilhete. É isso que faço. Não tenho dinheiro, não tenho casa, mas tenho a minha garrafa e um dólar e um sítio para dormir. Vou apanhar maçãs esta semana e batatas na próxima; quando o inverno gelar e isolar a terra como o dinheiro trancado num cofre de banco, meto-me numa carruagem da GS&WM a cheirar a beterraba, fico sentado num canto, cubro-me com um pouco de palha se houver, bebo a minha bebida e masco tabaco, e mais tarde ou mais cedo chego a Portland ou Beantown; se não for apanhado por um segurança idiota, meto-me numa carruagem da Alabama Star e sigo para sul, e quando lá chegar vou apanhar limões ou limas ou laranjas. E se for expulso, vou construir estradas para os*

*turistas passearem. Ah, já fiz isso antes, não fiz? Sou apenas um vagabundo velho e solitário, não tenho dinheiro, não tenho casa, mas tenho uma coisa; tenho uma doença que está a comer-me por dentro. A minha pele está a abrir-se, os meus dentes estão a cair, e sabem que mais? Consigo sentir-me a ficar estragado como uma maçã a apodrecer, consigo sentir isso a acontecer, a comer-me de dentro para fora, a comer, a comer, a comer-me.*

Eddie empurrou o cobertor duro para o lado, segurando-o com o polegar e o indicador, e fez uma careta ao sentir a sujidade. Uma das janelas baixas da cave estava diretamente atrás do cobertor, com uma vidraça partida e a outra opaca de sujidade. Inclinou-se para a frente, sentindo-se quase hipnotizado. Aproximou-se da janela, da escuridão da cave, inspirando aquele cheiro a idade, humidade e podridão seca, cada vez mais perto do negrume, e sem dúvida que o leproso o teria apanhado se a sua asma não tivesse escolhido aquele momento para atacar. Contraíu os pulmões com um peso que era indolor, mas apavorante; a sua respiração adquiriu imediatamente o odioso som sibilante.

Recuou, e foi então que o rosto surgiu. O seu aparecimento foi tão repentino, tão surpreendente (e ao mesmo tempo tão *esperado*), que Eddie não conseguiria ter gritado mesmo que não estivesse no meio de um ataque de asma. Os seus olhos saltaram das órbitas. A sua boca abriu-se. Não era o vagabundo com o nariz carcomido, mas havia semelhanças. Semelhanças terríveis. Por outro lado... aquela coisa não podia ser humana. Nada podia ser tão carcomido e continuar vivo.

A pele da testa estava rasgada. O osso branco, coberto por uma membrana de mucosa amarela, era visível como a lente de um holofote turvo. O nariz era uma ponte de cartilagem acima de dois canais vermelhos. Um olho era azul e alegre. O outro buraco estava preenchido por uma massa de tecido esponjoso preto-acastanhado. O lábio inferior do leproso



pendia como um bocado de fígado. Não tinha lábio superior nenhum; os dentes apareciam como num esgar de desprezo.

Estendeu uma das mãos pelo vidro partido. Estendeu a outra pelo vidro sujo à esquerda, estilhaçando-o. Eram mãos febris e ávidas, cobertas de feridas e tinham escaravelhos a rastejar de um lado para o outro.

Choraminguando e ofegando, Eddie recuou. Mal conseguia respirar. O seu coração era um motor em fuga no peito. O leproso parecia estar a usar os restos de um estranho fato prateado. Havia coisas a rastejarem nas suas madeixas de cabelo castanho.

— Que tal um broche, Eddie? — grasnou a aparição, sorrindo com o resto da boca. Cantarolou: — O Bobby leva dez cêntimos para chupar, basta falar, cobra quinze se demorar. — Piscou o olho. — Sou eu, Eddie, o Bob Gray. E agora que fomos devidamente apresentados...

Uma das mãos pousou no ombro direito de Eddie. Este soltou um grito agudo.

— Tudo bem — disse o leproso, e Eddie viu com um pavor que parecia de sonho que o outro estava a sair pela janela. O escudo ósseo por trás da testa descarnada partiu a tábua fina de madeira entre as duas vidraças. A mão dele enterrou-se na terra húmida cheia de folhas. Os ombros prateados do fato... da fantasia... fosse lá o que fosse... começaram a surgir pela abertura. Aquele olho azul intenso nunca deixou o rosto de Eddie. — Estou a chegar, Eddie, isso mesmo — disse ele com voz rouca. — Vais gostar de estar aqui em baixo connosco. Alguns dos teus amigos estão aqui.

A mão dele esticou-se de novo e, num canto da mente tomada por pânico e gritos, Eddie teve a certeza repentina e fria de que, se aquela coisa lhe tocasse na pele, ele também começaria a apodrecer. O pensamento acabou com a sua paralisia. Rastejou para trás sobre mãos e joelhos, depois virou-se e lançou-se para o outro canto do alpendre. A luz do sol, que entrava em raios estreitos e empoeirados pelas fendas entre as tábuas, riscou

o seu rosto de forma sincopada. A cabeça dele abriu caminho pelas teias de aranha, que lhe cobriram o cabelo. Olhou por cima do ombro e viu que o leproso tinha metade do corpo fora.

— Não adianta correres, Eddie — disse ele.

Eddie tinha chegado à extremidade do alpendre. Havia ali um contorno de treliça. O sol brilhava através dela, criando diamantes de luz nas bochechas e testa dele. Baixou a cabeça e bateu na treliça sem hesitar, arrancando-a com um grito de pregos ferrugentos. Havia uma roseira atrás, e Eddie passou por ela, levantando-se, e não sentiu os espinhos que provocaram cortes superficiais nos seus braços, cara e pescoço.

Virou-se e recuou sobre pernas trémulas, enquanto tirava a bomba do bolso e a usava. Aquilo não tinha realmente acontecido, tinha? Estava a pensar no vagabundo e a sua mente tinha... bem, tinha apenas

*(dado um espetáculo)*

mostrado um filme, um filme de terror, como um dos filmes das matinés de sábado com Frankenstein e o Lobisomem que eram exibidos às vezes no Bijou ou no Gem ou no Aladdin. Claro, era só isso. Apanhara um susto! Que idiota!

Teve até tempo de soltar uma gargalhada trémula pela vivacidade inesperada da sua imaginação antes de as mãos podres surgirem de baixo do alpendre, abrirem caminho pela roseira com ferocidade, puxando-a, rasgando-a, sujando as flores com gotas de sangue.

Eddie gritou.

O leproso estava a sair. Reparou que ele usava roupa de palhaço, uma roupa de palhaço com grandes botões de cor laranja à frente. Ele viu Eddie e sorriu. A sua meia boca abriu-se e a língua pendeu para fora. Eddie gritou de novo, mas ninguém podia ter ouvido o grito de um rapaz sem fôlego com o som do motor a gasóleo no pátio de manobras. A língua do leproso não só pendia da boca; tinha pelo menos noventa centímetros e desenrolava-se

como uma língua de sogra das festas infantis. Terminava numa ponta em flecha que se arrastava na terra. Escorria por ela uma espuma grossa, pegajosa e amarelada. Havia insetos a rastejar por cima.

A roseira, que exibira os primeiros toques de verde primaveril quando Eddie passara por ela, estava morta e preta.

— Broche — sussurrou o leproso, e pôs-se em pé.

Eddie correu até à bicicleta. Foi a mesma corrida de antes, só que agora tinha uma qualidade de pesadelo, no qual a pessoa só consegue mover-se com uma enorme lentidão, por muito que tente ir depressa... e nesses sonhos não se ouve ou sente sempre algo, uma Coisa, a aproximar-se? Não se sente sempre o hálito fétido da Coisa, como Eddie estava a sentir?

Por um momento, sentiu uma esperança louca: talvez fosse realmente um pesadelo. Talvez fosse acordar na própria cama, banhado em suor, a tremer, talvez até a chorar... mas vivo. Em segurança. Mas logo afastou o pensamento. O seu encanto era mortífero, o seu consolo fatal.

Não tentou montar logo a bicicleta; em vez disso, correu com ela, de cabeça baixa, empurrando o guiador. Sentia-se a afogar, não em água, mas dentro do seu próprio peito.

— Broche — sussurrou o leproso de novo. — Volta quando quiseres, Eddie. Traz os teus amigos.

Os dedos podres da Coisa pareceram tocar na nuca de Eddie, mas talvez tenha sido apenas um bocado da teia de aranha presa ao cabelo a roçar na pele trémula. Eddie saltou para a bicicleta e afastou-se a pedalar, sem ligar ao facto de a sua garganta estar de novo fechada, sem se importar nada com a asma, sem olhar para trás. Só olhou para trás quando estava a chegar a casa, e claro que não havia ali nada, salvo dois miúdos a dirigiram-se ao parque para jogar à bola.

Naquela noite, deitado muito direito na cama, com uma das mãos a segurar com força a bomba e a olhar para as sombras, ouviu o leproso

sussurrar: «Não adianta correres, Eddie.»

8

— Uau — fez Richie com respeito. Era a primeira coisa que algum deles dizia depois de Bill Denbrough terminar sua história.

— T-t-ens outro ci-ci-cigarro, R-R-Richie?

Richie deu-lhe o último do maço que tinha roubado quase vazio da gaveta da secretária do pai. Até o acendeu para Bill.

— Não sonhaste isso, Bill? — perguntou Stan de repente.

Bill abanou a cabeça.

— N-n-não foi um s-sonho.

— Real — disse Eddie em voz baixa.

Bill olhou para ele de repente.

— O q-q-quê?

— Eu disse real. — Eddie olhava para ele com uma espécie de ressentimento. — Aconteceu mesmo. Foi real.

E antes que pudesse impedir-se, antes mesmo de saber que o faria, Eddie viu-se a contar a história do leproso que saíra da cave do número 29 de Neibolt Street. A meio da história, começou a ofegar e teve de usar a bomba. E, no final, irrompeu num choro estridente, com o corpo magro a tremer.

Todos olharam para ele com desconforto, e a seguir Stan pousou-lhe uma mão nas costas. Bill deu-lhe um abraço desajeitado enquanto os outros olhavam para o outro lado, constrangidos.

— Está tu-tudo bem, E-Eddie. Está tu-tudo bem.

— Eu também o vi — disse Ben Hanscom de repente. A voz dele estava apática, rouca e assustada.

Eddie ergueu o olhar, o rosto ainda coberto de lágrimas, os olhos vermelhos e inchados.

— O quê?

— Eu vi o palhaço — disse Ben. — Só que não era bem como disseste, pelo menos quando o vi. Não era tão viscoso. Estava... estava seco. — Fez uma pausa, baixou a cabeça e olhou para as mãos, pousadas muito brancas nas suas coxas enormes. — Acho que ele era a múmia.

— Como nos filmes? — perguntou Eddie.

— Sim, mas não exatamente — disse Ben devagar. — Nos filmes, ela parece falsa. É assustadora, mas percebe-se que é fantasia, sabes? Todas aquelas ligaduras parecem demasiado direitas, sei lá. Mas aquele tipo... parecia-se com uma múmia a sério, acho. Se realmente encontrássemos uma numa sala dentro de uma pirâmide, quero dizer. Tirando a roupa.

— Q-q-q-que ro-oupa?

Ben olhou para Eddie.

— Um fato prateado com botões laranja enormes à frente.

O queixo de Eddie caiu. Ele fechou a boca e disse:

— Se estiveres a brincar, diz logo. Eu ainda... ainda sonho com aquele tipo sob o alpendre.

— Não é brincadeira — disse Ben, e começou a contar a sua história. Contou-a devagar, começando com o facto de se ter oferecido para ajudar a senhora Douglas a contar e guardar os livros e terminando com os seus próprios pesadelos. Falou devagar, sem olhar para os outros. Falou como se tivesse vergonha do seu comportamento. Só voltou a levantar a cabeça quando terminou a história.

— Deves ter sonhado — disse Richie por fim. Viu Ben fazer uma careta e apressou-se a acrescentar: — Não leves isto a peito, Grande Ben, mas deves saber que aqueles balões não podem flutuar contra o vento...

— As fotografias também não piscam o olho — disse Ben.

Richie olhou para Ben e para Bill, perturbado. Acusar Ben de sonhar acordado era uma coisa; acusar Bill era bem diferente. Bill era o líder deles, o rapaz que todos admiravam. Ninguém o dizia em voz alta; não era preciso. Mas Bill era o homem das ideias, o tipo que conseguia pensar em alguma coisa para fazer num dia chato, o tipo que se lembrava de jogos que os outros tinham esquecido. E, de uma forma estranha, todos sentiam uma coisa reconfortantemente adulta em Bill. Talvez fosse uma sensação de fiabilidade, de saberem que Bill assumiria a responsabilidade se fosse preciso. A verdade era que Richie acreditava na história de Bill, por mais doida que fosse. E talvez não quisesse acreditar na de Ben... nem na de Eddie, já agora.

— Nunca te aconteceu nada assim, hein? — perguntou Eddie a Richie.

Richie hesitou, começou a falar, abanou a cabeça, fez outra pausa e disse:

— A coisa mais assustadora que vi recentemente foi o Mark Prenderlist a mijar no McCarron Park. Tem a pila mais feia que já vi.

— E a ti, Stan? — perguntou Ben.

— Não — respondeu Stan rapidamente, e desviou os olhos. O seu rosto pequeno empalidecera e os lábios, de tão apertados, estavam brancos.

— A-a-aconteceu alguma c-c-coisa, S-St-Stan? — perguntou Bill.

— Não, já disse! — Stan levantou-se e foi até à margem com as mãos nos bolsos. Ficou a ver a água passar por cima da represa original e a acumular-se atrás da segunda.

— Vá lá, Stanley! — disse Richie com um tom de falsete. Era outra das suas Vozes: A Avó Resmungona. Quando falava com a Voz da Avó Resmungona, Richie coxeava com um punho sobre a lombar e ria muito. Mas ainda soava mais como Richie Tozier do que qualquer outra pessoa.

— Confessa, Stanley, fala à avó do palhaço maaaaau, e dou-te uma bolacha de chocolate. É só contares...

— *Cala-te!* — gritou Stan de repente, virando-se para Richie, que recuou um ou dois passos, atónito. — *Cala-te!*

— Sim, senhor — disse Richie, e sentou-se. Olhou para Stan Uris com desconfiança. Pontos vermelhos surgiram nas faces de Stan, mas ele ainda parecia mais assustado do que irritado.

— Está tudo bem — disse Eddie baixinho. — Esquece, Stan.

— Não foi um palhaço — disse Stanley. Os seus olhos dirigiram-se a cada um deles. Parecia lutar consigo mesmo.

— P-p-podes contar — disse Bill, também a falar baixinho. — N-nós c-c-contámos.

— Não foi um palhaço. Foi...

E foi nesse momento que o vozeirão rouco pelo uísque do senhor Nell os interrompeu, fazendo-os saltar como se tivessem levado um tiro:

— Oh, valha-me Deus! Vejam-me esta confusão! Cristo Santíssimo!

## CAPÍTULO 8

# O QUARTO DE GEORGIE E A CASA DE NEIBOLT STREET

### 1

*Richard Tozier desliga o rádio que estivera a tocar «Like a Virgin», de Madonna, na WZON (uma estação que, com frequência obsessiva, se apregoa como «o rock estéreo AM de Bangor!»), para na berma, desliga o motor do Mustang que alugou ao balcão da Avis no aeroporto internacional de Bangor e sai. Ouve a própria inspiração e expiração nos ouvidos. Avistou uma placa que fez a pele das suas costas ficar toda arrepiada.*

*Dirige-se à frente do carro e pousa uma das mãos no capô. Ouve os estalidos baixos do motor a arrefecer. Uma gralha grita rapidamente e cala-se. Há grilos. E no que diz respeito a banda sonora, ficamos por aqui.*

*Viu a placa, passa por ela, e de repente está em Derry de novo. Ao fim de vinte e cinco anos, Richie «Fala-Barato» Tozier voltou para casa. Ele...*

*Uma dor fulminante penetra nos seus olhos de repente e apaga-lhe os pensamentos. Solta um grito estrangulado e leva as mãos ao rosto. A única vez que sentiu algo remotamente parecido com aquele ardor foi quando*



*prende uma pestana sob a lente de contacto na faculdade, e isso foi num único olho. Aquela dor terrível é nos dois.*

*Antes de conseguir levantar as mãos para o rosto, a dor desaparece.*

*Baixa-as lentamente, pensativo, e olha para a Route 7. Abandonou a via rápida na saída Etna-Haven, querendo, por qualquer motivo que não percebe, não chegar pela via rápida, que ainda estava em construção na área de Derry quando ele e os pais limpavam das solas dos sapatos o pó daquela cidadezinha estranha e foram para o Midwest. Não, teria chegado mais depressa pela via rápida, mas isso teria sido errado.*

*Assim, conduziu ao longo da Route 9 pelo ninho de casas adormecidas que era Haven Village, depois virou a Route 7. E conforme avançou, o dia ficou cada vez mais claro.*

*Aquela placa. Era o mesmo tipo de placa que marcava os limites de mais de seiscentas cidades do Maine, mas como aquela lhe contraíra o coração!*

Município de

Penobscot

D

E

R

R

Y

Maine

*Atrás daquela, uma placa da Elks, uma placa do Rotary Club e, a completar a trindade, uma placa a proclamar o facto de que OS LEÕES DE DERRY RUGEM PELO FUNDO COMUM! Depois dessa, só há a Route 7 de novo, seguindo em linha reta entre áreas de pinheiros e abetos. Naquela luz*

*silenciosa do dia que se consolida, essas árvores parecem tão sonhadoras como fumo azul-acinzentado de cigarro preso no ar parado de um aposento fechado.*

*Derry, pensa ele. Derry, que Deus me ajude. Derry. Inacreditável.*

*Aqui está ele, na Route 7. Oito quilómetros à frente, se o tempo ou um tornado não tiver levado os anos que se passaram, está a quinta Rhulin, onde a mãe comprava ovos e a maior parte dos legumes e verduras. Três quilómetros depois disso, a Route 7 tornava-se Witcham Road, e é claro que Witcham Road acabava por se tornar Witcham Street, aleluia, ámen. E algures entre a quinta Rhulin e a cidade, ele passaria pela casa dos Bowers e pela dos Hanlon. Um quilómetro e meio depois da dos Hanlon, veria o primeiro brilho do Kenduskeag e o primeiro trecho de verde venenoso: a área baixa verdejante que era conhecida por algum motivo como Barrens.*

*Não sei se sou capaz de enfrentar aquilo tudo, pensa Richie. Quero dizer, sejamos francos, pessoal. Não sei se sou capaz.*

*Toda a noite anterior passara como um sonho para ele. Desde que continuasse a viajar, a deslocar-se, a percorrer quilómetros, o sonho prosseguia. Mas naquele momento deteve-se, ou melhor, a placa fê-lo deter-se, e ele despertou para uma verdade estranha: o sonho era a realidade. Derry é a realidade.*

*Pelos vistos, não consegue deixar de recordar. Pensa que as lembranças vão acabar por deixá-lo maluco, e morde o lábio e junta as palmas das mãos, aperta-as, como que para se impedir de desmoronar. Sente que vai desabar, e em breve. Parece haver uma parte louca dele que espera ansiosamente o que pode estar por vir, mas a maior parte só se pergunta como vai conseguir suportar os dias seguintes. Ele...*

*E eis que os seus pensamentos são interrompidos novamente.*

*Há um veado a andar na estrada. Consegue ouvir o som suave dos cascos no alcatrão.*

*A respiração de Richie é interrompida a meio da exalação, depois recomeça lentamente. Olha, boquiaberto, parte dele a pensar que nunca viu nada assim em Rodeo Drive. Não, precisou de regressar a casa para ver uma coisa assim.*

*É uma fêmea. Saiu do bosque à direita e faz uma pausa no meio da Route 7, com as pernas da frente de um lado da linha branca pontilhada e as pernas de trás do outro. Os olhos escuros observam Rich Tozier pacificamente. Ele lê interesse naqueles olhos, mas não medo.*

*Olha para ela maravilhado, pensando que é um presságio, um prenúncio ou uma merda dessas. E então, inesperadamente, a lembrança do senhor Nell surge na sua mente. Que susto lhes pregou naquele dia, ao aparecer logo a seguir às histórias de Bill, Ben e Eddie! Saltaram tanto que quase chegaram ao céu.*

*Ao olhar para o veado, Rich inspira e vê-se a falar com uma das Vozes... mas, pela primeira vez em vinte e cinco anos ou mais, é a voz do Chui Irlandês, uma que ele incorporou no repertório depois daquele dia memorável. Sai a rolar pelo silêncio da manhã como uma grande bola de bólingue; mais alta e maior do que Richie jamais acreditaria.*

*— Oh valha-me Deus! O que faz uma corça jeitosa como tu aqui neste ermo? Santo Deus! É melhor ires para casa antes que eu decida fazer queixa de ti ao padre O'Staggers.*

*Antes de os ecos terem morrido, antes de a primeira gralha em choque conseguir repreendê-lo pelo sacrilégio, a corça abana a cauda para ele como uma bandeira de tréguas e desaparece nos abetos cinzentos do lado esquerdo da estrada, deixando uma pequena pilha de cagalhotos fumegantes atrás para mostrar que, mesmo aos trinta e sete anos, Richie Tozier ainda é capaz de Soltar um Bom de vez em quando.*

*Richie começa a rir. De início, só uma risada baixa, mas o ridículo da situação surpreende-o: estar ali de pé à luz do amanhecer do Maine, a*

cinco mil e quinhentos quilómetros de casa, a gritar com uma corça com o sotaque do Chui Irlandês. As risadinhas transformam-se em risos, os risos em gargalhadas, as gargalhadas em uivos, e ele acaba por ter de se amparar no carro enquanto as lágrimas lhe escorrem pela cara e se pergunta rapidamente se vai mijar nas calças. De cada vez que começa a controlar-se, olha para a pilha de cagalhotos e recomeça tudo.

Ainda às gargalhadas, consegue por fim voltar para o banco do condutor e ligar o motor do Mustang. Um camião de fertilizantes químicos passa, produzindo uma rajada de vento. Depois de ele se afastar, Richie volta para a estrada e segue para Derry. Sente-se melhor, controlado... ou talvez seja apenas o facto de estar de novo em movimento, a percorrer quilómetros, e o sonho se ter reafirmado.

Recomeça a pensar no senhor Nell, no senhor Nell e naquele dia na represa. O senhor Nell perguntara-lhes quem inventara aquela gracinha. Consegue ver os cinco a olhar acabrunhados uns para os outros e lembra-se de como Ben acabou por dar um passo à frente, pálido e de olhar baixo, o rosto todo a tremer com o esforço de não balbuciar. O pobre rapaz devia ter achado que apanharia entre cinco a dez anos em Shawshank por fazer transbordar as sarjetas de Witcham Street, pensa Richie, mas assumira a culpa mesmo assim. E ao fazer isso, forçou o resto a avançar e a apoiá-lo. Era isso ou considerarem-se cruéis. Cobardes. Todas as coisas que os heróis da televisão não eram. E isso unira-os, para o bem ou para o mal. Pelos vistos, mantivera-os unidos durante os últimos vinte e sete anos. Às vezes, os acontecimentos são como peças de dominó. A primeira derruba a segunda, a segunda derruba a terceira, e não há como voltar atrás.

Richie pergunta a si mesmo quando é que se tornou demasiado tarde para voltar atrás. Quando ele e Stan apareceram e começaram a ajudar na construção da represa? Quando Bill contou que a fotografia do irmão virou a cabeça e piscou o olho? Talvez... mas, para Rich Tozier, parece que as

*peças de dominó só começaram mesmo a cair quando Ben Hanscom deu um passo à frente e disse: «Eu mostrei-lhes*

2

— ... como fazer aquilo. A culpa é minha.

O senhor Nell ficou a olhar para ele, com os lábios apertados, as mãos no cinto de couro preto. A seguir, olhou para a lagoa cada vez maior atrás da represa, depois para Ben de novo, com a expressão de quem não consegue acreditar no que está a ver. Era um irlandês corpulento, com o cabelo prematuramente branco, penteado em belas ondas sob o chapéu azul. Tinha olhos azul-claros, nariz vermelho. Havia pequenas redes de capilares rebentados nas faces. Era um homem de altura mediana, mas aos olhos dos cinco rapazes diante dele, parecia ter pelo menos dois metros e meio.

O senhor Nell abriu a boca para falar, mas antes que pudesse, Bill Denbrough pusera-se ao lado de Ben.

— A i-i-i-ideia f-f-f-foi m-m-mi-minha — conseguiu ele dizer. Inspirou profundamente e, enquanto o senhor Nell olhava para ele impassível, com o sol a reluzir no seu distintivo, Bill conseguiu gaguejar o resto do que precisava de dizer: não era culpa de Ben; Ben só tinha aparecido e ensinado a fazer melhor o que eles já estavam a fazer mal.

— Eu também — disse Eddie abruptamente, e foi para o outro lado de Ben.

— Que «eu também» é esse? — perguntou o senhor Nell. — É o teu nome ou a tua morada, rapazinho?

Eddie ficou vermelho até à raiz dos cabelos.

— Eu estava com o Bill antes de o Ben aparecer — disse ele. — Foi só isso que quis dizer.

Richie parou ao lado de Eddie. A ideia de que uma Voz ou duas podiam alegrar o senhor Nell um pouco, fazer com que tivesse pensamentos alegres, passou-lhe pela cabeça. Pensando melhor (e pensar melhor era uma coisa extremamente rara para Richie, além de ser uma coisa maravilhosa), talvez uma Voz ou duas só fossem piorar as coisas. O senhor Nell não parecia estar com o que Richie às vezes considerava um humor «risáceo». Na verdade, parecia que o riso era a última coisa na mente do senhor Nell. Então disse apenas «eu também participei» em voz baixa e obrigou-se a calar a boca.

— E eu — disse Stan, pondo-se ao lado de Bill.

Estavam os cinco diante do senhor Nell, lado a lado. Ben olhou para um lado e para o outro, mais do que surpreendido; sentia-se quase estupefacto pelo apoio deles. Por um momento, Richie pensou que o velho Monte de Feno desataria a chorar de gratidão.

— Valha-me Deus — disse o senhor Nell de novo e, apesar de soar bastante desgostoso, o seu rosto parecia prestes a rir. — Nunca vi um bando mais infeliz de putos. Se os vossos pais soubessem onde estão, acho que haveria alguns traseiros a ferver esta noite. Talvez ainda haja.

Richie não conseguiu conter-se; a sua boca simplesmente abriu-se e adquiriu vida própria, como acontecia com frequência.

— Como vão as coisas na velha pátria, senhor Nell? Ah, o senhor é um bálsamo para os meus olhos, não tenha dúvida, é um homem encantador, um alívio...

— Vou ser um alívio para o teu traseiro daqui a três segundos, amiguinho — disse o senhor Nell secamente.

Bill virou-se para ele e rosnou:

— Pelo a-a-amor de D-D-Deus, R-R-Richie, ca-ca-cala-te!

— Bom conselho, menino William Denbrough — disse o senhor Nell.  
— Aposto que o Zack não sabe que estás aqui nos Barrens a brincar entre as

poias flutuantes, pois não?

Bill baixou os olhos e abanou a cabeça. As suas bochechas ficaram muito vermelhas.

O senhor Nell olhou para Ben.

— Não me lembro do teu nome, filho.

— Ben Hanscom, senhor Nell — sussurrou Ben.

O senhor Nell assentiu e olhou para a represa de novo.

— Foi ideia tua?

— Como construí-la, foi.

O sussurro de Ben estava quase inaudível.

— Bom, és um grande engenheiro, rapaz, mas não sabes peva sobre os Barrens e sobre o sistema de drenagem de Derry, pois não?

Ben abanou a cabeça.

— O sistema tem duas partes — começou o senhor Nell a explicar num tom amável. — Uma parte transporta os detritos humanos sólidos. A merda, se não for ofensa para os vossos jovens ouvidos. A outra parte transporta águas residuais, ou seja, água da descarga de sanitas ou que desce pelos ralos dos lava-louças, máquinas de lavar e chuveiros; também é a água que desce pelas sarjetas até aos escoadouros.

»Não causaram problemas na remoção de detritos sólidos, graças a Deus; tudo isso é lançado ao Kenduskeag um pouco mais abaixo. Já deve haver algumas poias uns oitocentos metros abaixo a secar ao sol graças ao que vocês fizeram, mas podem ter a certeza de que não há merda colada ao teto de ninguém por causa disso.

»Mas no que toca às águas residuais... bem, não há bombas para as águas residuais. Isso tudo desce colina abaixo naquilo a que os engenheiros chamam escoamento por gravidade. E aposto que sabes onde terminam todos os escoamentos por gravidade, não sabes, rapaz?

— Ali em cima — disse Ben. Apontou para a área atrás da represa, que ficara basicamente submersa. Fez aquilo sem levantar o olhar. Grandes lágrimas começaram a descer devagar pelas suas faces. O senhor Nell fingiu não reparar.

— Isso mesmo, meu jovem e grande amigo. Todos os escoamentos por gravidade desaguam nos riachos que vão ter ao cimo dos Barrens. Na verdade, muitos dos riachos quase secos são apenas água residual, a sair de escoadouros que não consegues ver de tão enterrados que estão na vegetação. A merda vai para um lado e o resto vai para o outro, que Deus abençoe o cérebro inteligente dos homens, e já vos ocorreu que passaram o dia todo no meio do mijo e da água residual de Derry?

Eddie começou de repente a ofegar e teve de usar a bomba.

— O que vocês fizeram foi devolver a água a seis, sete ou oito coletores que servem a Witcham, a Jackson, a Kansas e quatro ou cinco outras pequenas ruas que passam entre elas. — O senhor Nell lançou um olhar seco a Bill Denbrough. — Um deles serve a tua casa, jovem Denbrough. Então é assim que estamos, com lava-louças entupidos, máquinas de lavar entupidas, com canos a vazar alegremente para as caves ...

Ben soltou um soluço seco. Os outros viraram-se para ele e afastaram o olhar. O senhor Nell colocou a manípula no ombro do rapaz. Era calejada e dura, mas, naquele momento, também afetuosa.

— Pronto, pronto. Não precisas de ficar assim, matulão. Talvez não seja muito grave, pelo menos ainda não. Talvez eu tenha exagerado um bocadinho para vos fazer perceber. Mandaram-me vir ver se alguma árvore tinha caído no rio. Acontece de tempos a tempos. Não é preciso nenhuma outra pessoa, além de nós os seis, sabermos que não foi isso. Temos coisas mais importantes com que nos preocupar na cidade hoje em dia do que com uma poça maior de água. Vou dizer no meu relatório que descobri onde foi a queda da árvore e que alguns rapazes apareceram e me ajudaram a afastá-



la do caminho da água. Não que eu faça tenção de vos mencionar pelo nome. Não vão ser intimidados por construírem uma represa nos Barrens.

Olhou para os cinco. Ben secava furiosamente os olhos com o lenço; Bill olhava pensativo para a represa; Eddie segurava a bomba numa mão; Stan estava perto de Richie, com uma das mãos no braço dele, pronto a apertá-lo com força se Richie desse algum sinal de ter qualquer coisa para dizer além de muito obrigado.

— Não vos aconselho a brincar num sítio sujo como este — prosseguiu o senhor Nell. — Deve haver uns sessenta tipos diferentes de doenças a multiplicarem-se por aqui. A lixeira fica de um lado, riachos cheios de mijo e água residual, catarro e restos de comida, insetos e plantas, lama... não devem brincar num sítio assim. A cidade tem quatro parques limpos para jogarem à bola o dia todo, e eu apanho-vos aqui. Valha-me Deus!

— N-N-Nós g-g-gostamos di-isto — disse Bill de repente, desafiador. — Q-quando bb-brincamos aqui, n-n-ninguém se me-e-ete con-connosco.

— O que disse ele? — perguntou o senhor Nell a Eddie.

— Ele disse que quando brincamos aqui, ninguém se mete connosco — traduziu Eddie. A sua voz estava aguda e baixa, mas também inconfundivelmente firme. — E tem razão. Quando miúdos como nós vão para o parque e dizem que querem jogar basebol, os outros dizem claro, querem ficar na segunda ou na terceira base?

Richie riu-se.

— O Eddie Soltou um Bom! E... conseguiste!

O senhor Nell virou a cabeça para ele.

Richie encolheu os ombros.

— Desculpe. Mas ele tem razão. E o Bill também. Gostamos disto aqui.

Richie achou que o senhor Nell se zangaria de novo, mas o agente de cabelo branco surpreendeu-o, surpreendeu todos, melhor dizendo, com um sorriso.

— Sim — disse ele. — Eu também gostava de vir para aqui quando era rapaz, gostava sim senhor. E não vou proibir-vos. Mas prestem atenção ao que vos vou dizer. — Apontou um dedo para eles, e todos o olharam com seriedade. — Se vierem brincar para aqui, venham em grupo como agora. Juntos. Entenderam?

Eles assentiram.

— Isso significa juntos *a toda a hora*. Nada de brincarem às escondidas e separarem-se. Todos sabem o que se passa nesta cidade. Mesmo assim, não vos proíbo de virem para aqui, principalmente porque viriam de qualquer forma. Mas para vosso bem, aqui ou em qualquer outro lugar, fiquem juntos. — Olhou para Bill. — Discordas de mim, jovem Bill Denbrough?

— N-N-Não, senhor — disse Bill. — V-Vamos ficar j-j-jun...

— Isso serve para mim — disse o senhor Nell. — Vamos apertar as mãos.

Bill estendeu a mão e o senhor Nell apertou-a.

Richie libertou-se de Stan e deu um passo à frente.

— Não tenha dúvida, senhor Nell, o senhor é um príncipe entre os homens! Um homem de primeira! De primeira! — Estendeu a mão, agarrou a manápula do irlandês e a apertou-a furiosamente, sorrindo o tempo todo. Aos olhos do perplexo senhor Nell, o rapaz parecia uma paródia terrível de Franklin D. Roosevelt.

— Obrigado, rapaz — disse o senhor Nell, recolhendo a mão. — É melhor trabalhares um pouco nisso. Por enquanto, tens um sotaque tão irlandês como o do Groucho Marx.

Os outros rapazes riram, mais por alívio. Mesmo a rir, Stan lançou um olhar de reprovação a Richie: «Vê se cresces, Richie!»

O senhor Nell apertou a mão a todos, sendo a de Ben a última.

— Não tens de ter vergonha de nada, além de uma má avaliação, rapaz. Quanto àquilo... viste como se fazia num livro?

Ben abanou a cabeça.

— Descobriste sozinho?

— Sim, senhor.

— Macacos me mordam! Vais fazer coisas grandiosas um dia, não tenho dúvida. Mas os Barrens não são sítio para elas. — Olhou em volta, pensativo. — Nenhuma coisa grandiosa vai ser feita aqui. É um lugar horrível. — Suspirou. — Derrubem a represa, rapazes. Derrubem-na. Acho que me vou sentar naquela sombra a descansar um pouco enquanto vocês terminam. — Olhou ironicamente para Richie ao exagerar o sotaque irlandês, como que a convidar outra explosão louca.

— Sim, senhor — disse Richie humildemente, e isso foi tudo.

O senhor Nell assentiu satisfeito, e os rapazes começaram a trabalhar, mais uma vez voltando-se para Ben, desta feita para que lhes mostrasse a forma mais rápida de destruir o que lhes ensinara a construir. Enquanto isso, o senhor Nell tirou uma garrafa castanha do blusão e bebeu um grande trago. Tossiu, exalou num grande suspiro e observou os rapazes com olhos húmidos e benevolentes.

— Pode saber-se o que tem na sua garrafa? — perguntou Richie do lugar onde estava, com água até aos joelhos.

— Richie, não consegues estar calado? — sibilou Eddie.

— Isto? — O senhor Nell olhou para Richie com alguma surpresa e depois para a garrafa. Não tinha etiqueta. — É o xarope para a tosse dos deuses, meu rapaz. Vamos ver se consegues trabalhar tão depressa como consegues mexer a boca.

Bill e Richie iam a andar por Witcham Street um pouco mais tarde. Bill empurrava *Silver*; depois de erigir e destruir a represa, já não tinha a energia necessária para andar na bicicleta. Os dois rapazes estavam sujos, desgrenhados e extremamente cansados.

Stan perguntara se queriam ir a casa dele jogar Monopólio ou Parcheesi ou alguma outra coisa, mas ninguém quis. Estava a fazer-se tarde. Ben, parecendo cansado e deprimido, disse que ia para casa ver se alguém tinha devolvido os seus livros da biblioteca. Tinha esperança disso, pois a biblioteca de Derry insistia em escrever a morada de quem requisitava o livro juntamente com o seu nome em cada cartão. Eddie disse que ia ver o *Rock Show* na televisão porque o Neil Sedaka ia aparecer, e ele queria ver se o cantor era negro. Stan disse a Eddie para não ser idiota, Neil Sedaka era branco, dava para perceber que ele era branco só a ouvi-lo. Eddie alegou que não dava para saber nada só a ouvi-lo; até ao ano anterior, tivera a certeza de que Chuck Berry era branco, mas quando ele apareceu em *Bandstand*, Eddie viu que era negro.

— A minha mãe ainda pensa que ele é branco, o que é bom — disse Eddie. — Se descobrir que é negro, nunca mais me vai deixar ouvir as músicas dele.

Stan apostou quatro revistas de BD que Neil Sedaka era branco, e os dois foram juntos para casa de Eddie a fim de resolver a questão.

E ali estavam Bill e Richie, a seguir numa direção que os levaria a casa de Bill ao fim de algum tempo, e nenhum falava muito. Richie deu por si a pensar na história de Bill sobre a fotografia que virara a cabeça e piscara o olho. E, apesar do cansaço, ocorreu-lhe uma ideia. Era uma loucura... mas também tinha o seu atrativo.

— Billy, meu rapaz — disse ele. — Vamos parar um pouco. Cinco minutos. Estou morto.

— Não d-d-dá — disse Bill, mas parou.

Deitou *Silver* cuidadosamente no relvado do Seminário Teológico, e os dois rapazes sentaram-se nos degraus largos de pedra que levavam ao velho edifício vitoriano.

— Que d-d-dia — comentou Bill com tristeza. Tinha olheiras roxas e o seu rosto parecia pálido e velho. — É melhor ligares para casa q-quando chegarmos à mi-minha. Para os teus p-pais não ficarem af-aflitos.

— Sim. Claro. Ouve, Bill...

Richie fez uma pausa por um momento, pensando na múmia de Ben, no leproso de Eddie e no que Stan quase lhes contara. Por um momento, uma coisa surgiu na sua mente, uma coisa sobre aquela estátua de Paul Bunyan no Centro Municipal. Mas isso fora apenas um *sonho*, pelo amor de Deus.

Afastou os pensamentos irrelevantes.

— Vamos para tua casa, o que achas? Dar uma olhadela ao quarto do Georgie. Quero ver aquela fotografia.

Bill olhou para Richie, chocado. Tentou falar, mas não conseguiu; ficou demasiado nervoso. Acabou por abanar a cabeça violentamente.

— Ouviste a história do Eddie. E do Ben — disse Richie. — Acreditas no que eles disseram?

— Não s-s-sei. Acho q-que d-d-devem ter vi-visto alguma c-coisa.

— Sim. Eu também. Todos os miúdos que foram mortos aqui teriam com certeza também histórias para contar. A única diferença entre o Ben e o Eddie e esses outros miúdos é que o Ben e o Eddie não foram apanhados.

Bill ergueu as sobrancelhas, mas não mostrou grande surpresa. Richie calculara que Bill chegaria à mesma conclusão sozinho. Não conseguia falar muito bem, mas não era burro.

— Pensa um pouco nisto, Grande Bill — disse Richie. — Um tipo pode vestir-se de palhaço para matar crianças. Não sei por que motivo iria querer fazer isso, mas ninguém sabe porque é que os malucos fazem as coisas que fazem, certo?

— Ce-e-erto.

— Certo. Não é muito diferente do Joker numa história do Batman. — Richie entusiasmava-se só de ouvir as suas ideias em voz alta. Perguntou-se se estava a tentar provar alguma coisa ou apenas a lançar uma cortina de fumo de palavras para poder ver aquele quarto, aquela fotografia. No final, não importava muito. No final, talvez só ver os olhos de Bill iluminarem-se de animação fosse o suficiente.

— M-m-mas onde se enc-encaixa a fo-fotografia nisso?

— O que *achas*, Billy?

Em voz baixa, sem olhar para Richie, Bill disse que achava que não tinha nada que ver com os homicídios.

— Acho que foi o f-f-fantasma do Ge-Ge-Georgie.

— Um fantasma numa fotografia?

Bill assentiu.

Richie pensou no assunto. A ideia de fantasmas não constituía qualquer problema para a sua mente infantil. Tinha a certeza de que existiam. Os pais eram metodistas, e Richie ia à igreja todos os domingos, e também às reuniões das quintas à noite da Juventude Metodista. Já sabia muita coisa da Bíblia, e sabia que a Bíblia aceitava todo o tipo de coisas estranhas. Segundo a Bíblia, o próprio Deus era pelo menos um terço Espírito, e isso era apenas o começo. Dava para perceber que a Bíblia acreditava em demónios, porque Jesus expulsara uns quantos do corpo de um homem. Havia também coisas bastante divertidas. Quando Jesus perguntou ao homem que os tivera como se chamava, os demónios responderam e disseram-lhe para se juntar à Legião Estrangeira. Ou coisa parecida. A Bíblia acreditava em bruxas, senão porque diria «Não deixarás viver a feiticeira»? Algumas das coisas na Bíblia até eram melhores do que banda de desenhada de terror. As pessoas eram fervidas em óleo ou penduradas como Judas Iscariotes; a história de quando o rei Acáz caiu da torre e todos

os cães lamberam o seu sangue; os assassínios em massa de bebés que se seguiram ao nascimento de Moisés e Jesus Cristo; tipos que saíam dos túmulos ou voavam; soldados que enfeitiçaram muros para os derrubar; profetas que viam o futuro e lutavam com monstros. Tudo isso estava na Bíblia, e cada palavra era verdade; pelo menos era o que dizia o reverendo Craig, e era o que diziam os pais de Richie, e era o que dizia Richie. Ele estava perfeitamente disposto a aceitar a possibilidade da explicação de Bill; era a lógica que o perturbava.

— Mas disseste que tiveste medo. Porque iria o fantasma do George querer assustar-te?

Bill limpou a boca com a mão. A mão tremia-lhe ligeiramente.

— E-ele deve estar z-z-zangado co-co-comigo. Por tê-tê-lo feito morrer. A c-c-culpa foi mi-minha. Man-mandei-o para a rua com o b-b-b...

— Não conseguiu articular a palavra, então balançou a mão no ar. Richie assentiu para mostrar que entendia o que Bill queria dizer... não para indicar que concordava.

— Acho que não — disse ele. — Se lhe tivesses espetado uma faca nas costas ou dado um tiro, seria diferente. Ou se, por exemplo, lhe tivesses dado uma arma carregada do teu pai, ele tivesse ido brincar e acabasse por dar um tiro nele mesmo. Mas não era uma arma, era só um barco. Não querias magoá-lo; na verdade — Richie ergueu um dedo e brandiu-o na direção de Bill parecendo um advogado —, só querias que o rapaz se divertisse um pouco, certo?

Bill pensou no que acontecera, pensou desesperadamente. Pela primeira vez em meses, o que Richie tinha acabado de dizer fê-lo sentir melhor em relação à morte de Georgie, mas havia uma parte dele que insistia com firmeza silenciosa que não *devia* sentir-se melhor. *Claro* que a culpa foi tua, insistia aquela parte dele; não completamente, talvez, mas pelo menos em parte.

*Se não foi, por que motivo há aquele lugar frio no sofá entre os teus pais? Se não foi, porque é que já ninguém fala à mesa do jantar? Agora são apenas garfos e facas a tinir até não aguentares mais e pedires l-l-licença, por favor.*

Era como se *ele* fosse o fantasma, uma presença que falava e se movia, mas não era ouvida nem vista, uma coisa sentida vagamente, mas ainda não aceite como real.

Não gostava da ideia de que tinha a culpa, mas a única alternativa na qual conseguia pensar para explicar o comportamento dos pais era bem pior: que todo o amor e atenção que lhe tinham dado antes eram resultado da presença de George e, sem George, não sobrava nada para ele... e tudo isso acontecera por acaso, sem motivo algum. E quando se encostava o ouvido a essa porta, ouviam-se os ventos da loucura lá dentro.

Assim, refletiu no que tinha feito, sentido e dito no dia em que Georgie morrera, parte dele a esperar que aquilo que Richie dissera fosse verdade, parte dele a esperar com a mesma intensidade que não fosse. Não fora um irmão mais velho santo, isso era certo. Houvera brigas, e muitas. Deviam ter brigado naquele dia, não?

Não. Não houvera briga nenhuma. Primeiro, porque o próprio Bill ainda se sentia demasiado fraco para armar uma boa briga com George. Estivera a dormir, a sonhar com alguma coisa, a sonhar com

*(uma tartaruga)*

um animalzinho engraçado, não conseguia lembrar-se de qual, e acordara com o som da chuva a diminuir lá fora e George a resmungar sozinho com tristeza na sala de jantar. Perguntou a George qual era o problema. George entrou no quarto e disse que estava a tentar fazer um barco de papel seguindo as instruções do seu livro de atividades, mas que saía sempre mal. Bill pediu a George para ir buscar o livro. E, sentado ao lado de Richie, nos degraus que levavam ao seminário, lembrou-se de como



os olhos de Georgie se iluminaram quando o barco de papel saiu bem, e como aquela expressão o fez sentir-se bem, como se George o achasse o máximo, o suprassumo da batata, o gajo que não parava até acertar. Que o fez sentir-se, em suma, um irmão mais velho.

O barco matara George, mas Richie tinha razão; não era a mesma coisa do que dar a George uma arma carregada para brincar. Bill não soubera o que iria acontecer. Não podia ter sabido.

Inspirou profundamente, tremendo, sentindo algo como uma pedra, uma coisa que ele nem sabia que estava lá, sair do seu peito. De repente, sentiu-se melhor, melhor em relação a tudo.

Abriu a boca para dizer isso a Richie e acabou por desfazer-se em lágrimas.

Alarmado, Richie pôs o braço sobre os ombros de Bill (depois de dar uma olhadela rápida em volta para ter a certeza de que ninguém que pudesse confundi-los com um casal de maricas estava a olhar).

— Estás bem — disse ele. — Está bem, Billy, certo? Vamos lá. Fecha a torneira.

— Eu não q-q-queria q-que ele mo-o-orresse! — soluçou Bill. — N-NÃO ESTAVA N-NA MI-MINHA C-C-CABEÇA!

— Caramba, Billy, eu sei que não — disse Richie. — Se quisesses acabar com ele, tinha-lo empurrado da escada, sei lá. — Richie bateu desajeitado no ombro de Bill e deu-lhe um breve abraço forte antes de soltá-lo. — Vá, para de chorar, está bem? Pareces um bebé.

Aos poucos, Bill parou. Ainda doía, mas aquela dor parecia mais limpa, como se ele se tivesse cortado e tirado uma coisa que estava a apodrecer dentro dele. E a sensação de alívio continuava lá.

— Eu n-não q-queria que ele m-m-morresse — repetiu Bill —, e s-se c-contares a alguém q-que eu ch-chorei, pa-parto-te o na-nariz.

— Não vou contar — disse Richie —, não te preocupes. Ele era teu irmão, caramba. Se o meu irmão morresse, eu também choraria baba e ranho.

— N-não tens um irm-mão.

— Pois, mas se tivesse.

— A sé-sério?

— Claro. — Richie fez uma pausa, observando Bill com cautela para tentar decidir se ele tinha superado a crise. Ainda estava a secar os olhos vermelhos com o lenço ranhoso, mas Richie achou que sim. — Só quis dizer que não sei por que motivo o George iria querer assombrar-te. Então quem sabe a fotografia tem alguma coisa que ver com... bem, com o outro. O palhaço.

— Se ca-calhar, o G-G-George n-n-não s-sabe. Se ca-calhar p-p-pensa...

Richie entendeu o que Bill estava a tentar dizer e afastou o pensamento com um gesto.

— Depois de bateres a bota, sabes tudo o que as pessoas pensaram sobre ti, Grande Bill. — Falou com o ar indulgente de um grande professor a corrigir as ideias insensatas de um saloio. — Está na Bíblia. Ela diz: «Sim, apesar de não conseguirmos ver muito no espelho agora, veremos através dele como se fosse uma janela depois da morte.» Está na Primeira Epístola aos Tessalonicenses ou na Segunda aos Babilónios, esqueço-me sempre. Significa...

— Eu per-percebi o q-que s-s-significa — disse Bill.

— Então o que dizes?

— Hã?

— Vamos ao quarto dele dar uma olhadela. Quem sabe conseguimos uma pista acerca de quem anda a matar os miúdos.

— Te-tenho m-m-medo.

— Também eu — disse Richie, a pensar que era apenas um disparate para fazer Bill mexer-se. Então uma coisa pesada revirou-se nas suas entranhas e ele descobriu que era verdade: estava borrado de medo.

#### 4

Os dois rapazes entraram na casa da família Denbrough como fantasmas.

O pai de Bill ainda estava no trabalho. Sharon Denbrough encontrava-se na cozinha, a ler um livro à mesa. O cheiro do jantar, bacalhau, chegava ao vestíbulo. Richie ligou para casa, para a mãe saber que ele não estava morto, apenas na casa de Bill.

— Está aí alguém? — gritou a senhora Denbrough quando Richie pousou o auscultador.

Os dois ficaram imóveis e entreolharam-se com culpa. E então, Bill gritou:

— E-Eu, mãe. E o R-R-R-R-R...

— Richie Tozier, minha senhora — gritou Richie.

— Olá, Richie — gritou a senhora Denbrough em resposta, com a voz desligada, quase ausente. — Queres ficar para jantar?

— Obrigado, minha senhora, mas a minha mãe vem buscar-me daqui a meia hora.

— Diz-lhe que mando cumprimentos, está bem?

— Com certeza, direi.

— A-anda — sussurrou Bill. — Chega de c-conversa.

Subiram a escada e seguiram pelo corredor até ao quarto de Bill. Estava arrumado ao estilo de um rapaz, o que queria dizer que teria dado à mãe do rapaz em questão apenas uma ligeira dor de cabeça ao vê-lo. As prateleiras

encontravam-se repletas de livros e banda desenhada. Havia mais banda desenhada, alguns modelos, brinquedos e uma pilha de discos de 45 rotações sobre a secretária, e ainda uma velha máquina de escrever *Underwood*. Os pais tinham-lha dado no Natal dois anos antes, e Bill às vezes escrevia histórias nela. Fazia-o com um pouco mais de frequência desde a morte de George. A ficção parecia acalmar a sua mente.

No chão, havia um gira-discos em frente à cama com uma pilha de roupa dobrada na tampa. Bill guardou a roupa nas gavetas da cómoda e tirou os discos da secretária. Procurou entre eles e separou uns seis. Colocou-os no prato do gira-discos e ligou o aparelho. Os Fleetwoods começaram a cantar «Come Softly Darling».

Richie tapou o nariz.

Bill sorriu apesar do coração galopante.

— E-Eles n-não g-g-gostam de *rock and r-roll* — explicou. — De-deram-me este nos a-anos. E dois d-discos do P-Pat B-B-Boone e do T-T-Tommy Sands. Guardo o L-L-Little R-Richard e o S-Screaming J-Jay Hawkins para quando eles cá não es-estão. Mas se ela ouvir a m-m-música, vai pe-pensar que estamos n-no m-meu quarto. An-anda.

O quarto de George ficava do outro lado do corredor. A porta estava fechada. Richie olhou para ela e passou a língua pelos lábios.

— Não a têm trancada? — sussurrou ele para Bill. De repente, viu-se a desejar que estivesse trancada. Estava com dificuldade em acreditar que aquilo fora ideia sua.

Bill, muito pálido, abanou a cabeça e rodou a maçaneta. Entrou e olhou para trás, para Richie. Ao fim de um momento, Richie seguiu-o. Bill fechou a porta, abafando o som dos Fleetwoods. Richie deu um salto ao ouvir o trinco fechar-se.

Olhou em volta, com medo e intensamente curioso ao mesmo tempo. A primeira coisa em que reparou foi na segura bafienta do ar. *Ninguém abre*

*uma janela aqui há muito tempo, pensou. Bolas, ninguém respira aqui há muito tempo. É essa a sensação.* Estremeceu um pouco ante a ideia e passou de novo a língua pelos lábios.

O seu olhar pousou na cama, e ele pensou em George a dormir debaixo de um edredão de terra no cemitério Mount Hope. A apodrecer. Não com as mãos unidas, porque era preciso ter duas para fazer o gesto das mãos unidas no peito, e George fora enterrado só com uma.

Um som baixo escapou da garganta de Richie. Bill virou-se e olhou para ele com curiosidade.

— Tens razão — disse Richie com voz rouca. — Isto mede medo. Não sei como agentas entrar sozinho.

— E-ele era m-meu irmão — disse Bill simplesmente. — Às v-vezes q-q-queiro, só isso.

Havia pósteres nas paredes, pósteres de criança. Um era do Tom Terrific, a personagem animada do programa do Captain Kangaroo. Tom estava a dar uma cambalhota e a segurar as mãos de Crabby Appleton, que era, claro, Podre até ao Carço. Outro era dos sobrinhos do Pato Donald, Huguinho, Zezinho e Luizinho, a dirigirem-se para o bosque com os bonés de escuteiro de pele de guaxinim. Um terceiro, que o próprio George tinha colorido, mostrava Mr. Do a mandar parar o trânsito para que um grupo de crianças que ia para a escola pudesse atravessar a estrada. MR. DO MANDA ESPERAR PELO GUARDA PARA ATRAVESSAR!, dizia a legenda.

*O puto não conseguia pintar dentro das linhas,* pensou Richie, depois estremeceu. O puto também nunca iria melhorar nisso. Richie olhou para a mesa ao lado da janela. A senhora Denbrough tinha colocado todos os boletins de notas de George ali, entreabertos. Ao olhar para eles, sabendo que jamais haveria outros, sabendo que George tinha morrido antes mesmo de conseguir pintar dentro das linhas, sabendo que a vida dele tinha terminado irrevogável e eternamente com apenas aqueles poucos boletins

do jardim infantil e do primeiro ano, Richie entendeu pela primeira vez toda a verdade idiota da morte. Foi como se um grande cofre de ferro tivesse caído no seu cérebro e ficado ali. *Eu podia morrer!*, gritou-lhe de repente a sua mente num tom de horror traído. *Qualquer pessoa podia! Qualquer pessoa podia!*

— Oh pá, caramba — disse com voz trémula. Não conseguiu dizer mais nada.

— Pois — respondeu Bill num quase sussurro. Sentou-se na cama de George. — Olha.

Richie seguiu o dedo ESTICADO DE BILL E VIU O ÁLBUM DE FOTOGRAFIAS CAÍDO NO CHÃO, FECHADO. AS MINHAS FOTOGRAFIAS, leu Richie. GEORGE ELMER DENBROUGH, 6 ANOS.

*Seis anos!*, gritou a sua mente nos mesmos tons de pura traição. *Seis anos para sempre! Qualquer pessoa podia! Merda! A porra de qualquer pessoa!*

— Estava a-a-aberto — comentou Bill. — A-Antes.

— Depois fechou-se — disse Richie com desconforto. Sentou-se na cama ao lado de Bill e olhou para o álbum. — Muitos livros fecham-se sozinhos.

— As p-p-páginas, talvez, mas n-não a c-c-capla. Ela f-fechou-se sozinha. — Olhou para Richie com ar solene, os olhos muito escuros no rosto pálido e cansado. — M-Mas ele q-quer que o a-abras de no-novo. É o que eu a-acho.

Richie levantou-se e aproximou-se lentamente do álbum de fotografias. Estava sob uma janela com cortinas finas. Ao olhar para fora, viu a macieira no quintal dos Denbrough. Um balouço oscilava lentamente para a frente e para trás, pendurado num ramo preto e retorcido.

Olhou de novo para o álbum de George.

Uma mancha seca acastanhada tingia as páginas no meio do livro. Podia ser *ketchup*. Claro; era fácil imaginar George a olhar para o álbum enquanto comia um cachorro ou um hambúrguer cheio de molho. Dá uma dentada e um pouco de *ketchup* cai no álbum. Os miúdos estavam sempre a fazer coisas daquelas. Podia ser *ketchup*. Mas Richie sabia que não era.

Tocou rapidamente no álbum e afastou a mão. Estava frio. Encontrava-se num sítio onde a forte luz do sol de verão, apenas levemente filtrada pelas cortinas leves, teria incidido o dia todo, mas estava frio.

*Bem, vou deixá-lo ali, pensou Richie. Não quero olhar para o álbum idiota dele de qualquer maneira, ver uma data de gente que nunca vi mais gorda. Acho que vou dizer ao Bill que mudei de ideias e que podemos ir para o quarto dele ler banda desenhada, depois vou para casa jantar e deito-me cedo porque estou bastante cansado, e quando acordar amanhã de manhã, vou ter a certeza de que era só ketchup. É isso que vou fazer. Sim, senhor.*

Então abriu o álbum com mãos que pareciam a mil quilómetros de distância do corpo, na ponta de longos braços de plástico, e olhou para os rostos e lugares no álbum de George, as tias, os tios, os bebés, as casas, os velhos *Fords* e *Studebakers*, as linhas telefónicas, as caixas de correio, as cercas, os sulcos na estrada com água lamacenta, a roda-gigante na feira de Esty, o Reservatório, as ruínas da Fundação Kitchener...

Os seus dedos viraram as páginas cada vez mais depressa, e de repente elas estavam em branco. Ele voltou para trás, sem querer, mas incapaz de se impedir. Aqui estava uma foto do centro de Derry, Main Street e Canal Street de cerca de 1930, e depois dela não havia nada.

— Não há aqui nenhuma foto do George na escola — disse Richie. Olhou para Bill com um misto de alívio e exasperação. — Que partida me querias pregar, Grande Bill?

— O q-q-quê?

— Essa foto antiga do centro é a última do álbum. Todas as outras páginas estão vazias.

Bill levantou-se da cama e foi até Richie. Olhou para a foto do centro de Derry como fora uns trinta anos antes, com carros e camiões antiquados, candeeiros de rua antigos com vários globos semelhantes as grandes uvas brancas, os peões junto ao canal apanhados a meio de um passo pelo clique do obturador. Virou a página e, como Richie dissera, não havia nada.

Não, espera... não era *exatamente* nada. Havia uma cantoneira, daquelas que se usavam para prender as fotografias.

— E-E-Estava aqui — disse ele, e bateu na cantoneira com um dedo. — O-Olha.

— Caramba! O que achas que lhe aconteceu?

— N-não s-s-sei.

Bill tinha tirado o álbum a Richie e segurava-o no colo. Voltou as páginas em busca da foto de George. Desistiu depois de um minuto, mas as páginas não. Viraram-se sozinhas, devagar mas com firmeza, com grandes e deliberados sussurros. Bill e Richie entreolharam-se, espantados, depois voltaram-se para o álbum.

Este chegou outra vez à última fotografia, e as páginas deixaram de passar. Ali estava o centro de Derry em tons sépia, a cidade como fora muito antes de Bill e Richie terem nascido.

— Ena! — disse Richie de repente, e tirou o álbum da mão de Bill. Não havia medo na voz dele, e o seu rosto revelava espanto. — Porra!

— O q-quê? O que fo-foi?

— Nós! É o que foi! Caramba, olha!

Bill segurou um lado do álbum. Inclinados sobre ele, partilhando-o, pareciam meninos de coro a ensaiar. Bill inspirou de repente, e Richie soube que ele também tinha visto.



Presos sob a superfície brilhante da velha fotografia a preto-e-branco, dois rapazes caminhavam por Main Street em direção ao local onde a Main e a Center se cruzavam, o local onde o canal passava a ser subterrâneo por pouco mais de dois quilómetros. Os dois rapazes viam-se claramente em frente ao muro baixo de betão na beira do canal. Um estava de calções. O outro com uma roupa que quase parecia de marinheiro. Usava um boné de *tweed* na cabeça. Estavam virados de perfil em direção à objetiva, a olhar para alguma coisa do outro lado da rua. O rapaz de calções era Richie Tozier, sem dúvida nenhuma. E o rapaz de roupa de marinheiro e boné de *tweed* era Bill Gago.

Olharam para si mesmos numa foto umas três vezes mais velha que eles, hipnotizados. O interior da boca de Richie ficou de repente seco como pó e liso como vidro. Alguns passos à frente dos rapazes na foto havia um homem a segurar a aba do chapéu, com o sobretudo imóvel para sempre a esvoaçar atrás dele devido a uma rajada súbita de vento. Havia *Fords Modelo T* nas ruas, um *Pierce-Arrow*, *Chevrolets* com estribos.

— N-N-N-Não ac-credito... — começou Bill, e foi então que a fotografia ganhou movimento.

O *Modelo T* que devia ter ficado eternamente no meio do cruzamento (ou pelo menos até os produtos químicos da velha foto se dissolverem por completo) passou por ele, com uma névoa de fumo a sair do escape. Seguiu na direção de Up-Mile Hill. Uma pequena mão branca saiu pela janela do condutor e indicou que viraria à esquerda. Entrou em Court Street e passou pela borda branca da foto, saindo do campo de visão.

O *Pierce-Arrow*, os *Chevrolets*, os *Packards*... todos começaram a circular, seguindo caminhos separados no cruzamento. Ao fim de vinte e oito anos, o sobretudo do homem finalmente terminou o movimento sob o vento. Ele enfiou o chapéu com mais firmeza na cabeça e seguiu em frente.

Os dois rapazes terminaram de se virar, ficando totalmente de frente, e passado um minuto Richie viu que estavam a olhar para um cão sarnento que atravessava Center Street. O rapaz de roupa de marinheiro, Bill, levou dois dedos aos cantos da boca e assobiou. Perplexo ao ponto de não conseguir mover-se ou pensar, Richie percebeu que *conseguia ouvir* o assobio, conseguia ouvir os motores irregulares como máquinas de costura dos carros. Os sons eram baixos, como sons ouvidos através de vidro grosso, mas estavam *lá*.

O cão olhou para os dois rapazes, depois continuou a andar. Os rapazes trocaram um olhar e desataram às gargalhadas. Iam para seguir caminho quando o Richie de calções agarrou no braço de Bill e apontou para o canal. Viraram-se naquela direção.

*Não, pensou Richie, não façam isso, não...*

Foram até ao muro baixo de betão, e de repente o palhaço espreitou detrás dele como um boneco horrível a sair de uma caixa, um palhaço com o rosto de George Denbrough, com o cabelo penteado para trás, a boca um sorriso medonho cheio de tinta manchada, buracos negros nos olhos. Uma das mãos segurava três balões num cordel. Ele esticou a outra para o rapaz com roupa de marinheiro e agarrou-lhe o pescoço.

— NA-NA-NÃO! — gritou Bill, e estendeu a mão para a foto.

Estendeu a mão para *dentro* da foto.

— *Para, Bill!* — gritou Richie, e agarrou-lha.

Quase foi demasiado tarde. Viu as pontas dos dedos de Bill entrarem pela superfície da fotografia naquele outro mundo. Viu as pontas dos dedos passarem do rosado quente de pele viva à mumificada cor creme equivalente a branco nas fotografias antigas. Ao mesmo tempo, ficaram pequenos e desligados. Era como a peculiar ilusão de ótica que se vê ao enfiar a mão num recipiente de vidro cheio de água: a parte da mão debaixo

da água parece estar a flutuar, desencarnada, a centímetros da parte que ainda está fora da água.

Uma série de cortes diagonais surgiu nos dedos de Bill no ponto em que deixavam de ser os dedos dele e passaram a ser dedos da fotografia; era como se ele tivesse enfiado as mãos nas pás de uma ventoinha em vez de numa fotografia.

Richie segurou-lhe o antebraço e deu um grande puxão. Os dois caíram. O álbum de George bateu no chão e fechou-se com um estalido seco. Bill enfiou os dedos na boca. Lágrimas de dor surgiram nos seus olhos. Richie conseguia ver sangue a escorrer pela palma até ao pulso.

— Deixa-me ver — pediu ele.

— D-Dói — respondeu Bill.

Estendeu a mão a Richie, com a palma para baixo. Tinha cortes paralelos no indicador, dedo médio e anelar. O mindinho mal tinha tocado na superfície da foto (se é que ela *tinha* uma superfície), e apesar de o dedo não ter sido cortado, Bill disse a Richie mais tarde que a unha tinha sido cortada, como que por uma tesoura de manicura.

— Meu Deus, Bill — disse Richie. Pensos rápidos. Era só nisso que conseguia pensar. Céus, tinham tido sorte. Se ele não tivesse puxado o braço de Bill naquele momento, os seus dedos podiam ter sido amputados em vez de estarem apenas com cortes feios. — Temos de tratar disso. A tua mãe pode...

— N-n-não te p-preocupes com a m-minha m-mãe — disse Bill. Pegou novamente no álbum, e gotas de sangue caíram no chão.

— Não abras isso outra vez! — gritou Richie, apertando freneticamente o ombro de Bill. — Meu Deus, Billy, quase perdeste os dedos!

Bill afastou-o. Virou as páginas, e havia uma determinação sombria no seu rosto que assustou Richie mais do que qualquer outra coisa. Os olhos de Bill tinham uma expressão alucinada. Os dedos feridos marcaram o álbum

de George com sangue novo. Ainda não parecia *ketchup*, mas quando tivesse tempo de secar, pareceria. Sem sombra de dúvida.

E ali estava de novo a fotografia do centro.

O *Modelo T* encontrava-se no meio do cruzamento. Os outros carros estavam imobilizados nos mesmos lugares de antes. O homem que seguia na direção do cruzamento segurava a aba do chapéu; o casaco mais uma vez voava no vento.

Os dois rapazes tinham-se evaporado.

Não havia rapaz nenhum nessa fotografia. Mas...

— Olha — sussurrou Richie, e apontou. Teve o cuidado de manter a ponta do dedo longe da foto. Um arco aparecia logo acima do muro de pedra do canal, a parte de cima de uma coisa redonda.

Uma coisa que parecia um balão.

## 5

Saíram do quarto de George mesmo a tempo. A mãe de Bill não passava de uma voz ao fundo da escada e uma sombra na parede.

— Estão a lutar, meninos? — perguntou ela. — Ouvi um barulho.

— Só um p-p-pouco, m-mãe. — Bill olhou para Richie. *Está calado*, dizia o olhar.

— Quero que parem. Pensei que o teto me ia cair na cabeça.

— Es-está bem.

Ouviram-na voltar para a frente da casa. Bill tinha enrolado o lenço na mão, que ainda sangrava. O lenço estava a ficar vermelho e a qualquer momento começaria a pingar. Os rapazes foram até à casa de banho, onde Bill colocou a mão debaixo da torneira até a hemorragia parar. Uma vez limpos, os cortes pareciam finos, mas muito fundos. Olhar para as

extremidades brancas e para a carne vermelha lá dentro deixou Richie maldisposto. Cobriu-os com pensos rápidos o mais depressa que conseguiu.

— D-d-dói como tu-tudo — disse Bill.

— Por que diabo foste enfiar a mão ali, seu paspalho?

Bill olhou com seriedade para os pensos rápidos nos dedos e depois para Richie.

— F-f-foi o p-palhaço — disse ele. — F-foi por causa do p-palhaço a fingir ser o G-G-George.

— Isso mesmo — disse Richie. — Assim como era o palhaço a fingir ser a múmia quando o Ben o viu. Como era o palhaço a fingir ser o vagabundo doente quando o Eddie o viu.

— O le-le-leproso.

— Sim.

— Mas é m-mesmo um p-p-palhaço?

— É um monstro — disse Richie com voz séria. — Uma espécie de monstro. Uma espécie de monstro aqui em Derry. E anda a matar crianças.

## 6

Um sábado, não muito tempo depois do incidente da represa nos Barrens, do senhor Nell e da fotografia que se mexia, Richie, Ben e Beverly Marsh ficaram cara a cara não com um monstro, mas dois, e pagaram por isso. Pelo menos, Richie pagou. Aqueles monstros eram assustadores, mas não realmente perigosos; perseguiram as vítimas nos ecrãs do Cinema Aladdin enquanto Richie, Ben e Bev assistiam no balcão.

Um dos monstros era um lobisomem, interpretado por Michael Landon. E estava ótimo porque, mesmo quando era lobisomem, mantinha o penteado rabo de pato. O outro era um corredor de carros morto,

interpretado por Gary Conway. Fora ressuscitado por um descendente de Victor Frankenstein, que deu todas as partes de que não precisava aos crocodilos que tinha na cave. O programa também incluía um documentário da Movie Tone que mostrava a mais recente moda em Paris e as últimas explosões dos foguetes *Vanguard* no cabo Canaveral; dois desenhos animados da Warner Brothers; um desenho animado do Popeye e um desenho animado do Chilly Willy (por algum motivo, o gorro do pinguim fazia sempre Richie desatar a rir); e TRAILERS DE PRÓXIMAS ESTREIAS. As próximas estreias incluía dois filmes que Richie imediatamente colocou na lista dos que queria ver: *Casei com Um Monstro Espacial* e *Fluido Mortal*.

Ben esteve muito calado durante a sessão. O velho Monte de Feno por um triz não fora visto mais cedo por Henry, Arroto e Victor, e Richie supôs que era isso que o perturbava. Mas Ben já tinha esquecido os calhordas (estavam sentados perto do ecrã no andar de baixo, a atirar caixas de pipocas uns nos outros e a gritar). Beverly era o motivo do seu silêncio. A proximidade dela era algo tão intenso que ele quase se sentia doente. O seu corpo ficava todo arrepiado e, se ela se mexia na cadeira, a sua pele ficava quente, como se com febre. Quando a mão de Beverly roçava na dele ao ir retirar uma pipoca, Ben tremia de exaltação. Pensaria mais tarde que aquelas três horas no escuro ao lado de Beverly tinham sido as mais longas e mais curtas da sua vida.

Richie, sem saber que Ben estava entregue aos devaneios do amor juvenil, sentia-se muito bem. Na opinião dele, a única coisa melhor do que uns filmes de *Francis, o Macho que Fala* eram filmes de terror num cinema cheio de miúdos, todos a gritar nas partes nojentas. Não estabeleceu nenhuma ligação entre o que acontecia nos dois filmes de baixo orçamento da American-International que estavam a ver e o que se passava na cidade... pelo menos, naquele momento.

Tinha visto o anúncio da Maratona Dupla de Terror na Matiné de Sábado no *News* na sexta de manhã e esquecera-se imediatamente de como dormira mal na noite anterior, e de como por fim se levantara para acender a luz do *closet*, coisa mesmo de bebês, claro, mas não conseguira pregar o olho até o fazer. No entanto, na manhã seguinte, as coisas pareceram ter regressado ao normal... bem, quase. Começou a pensar que talvez ele e Bill tivessem partilhado uma alucinação. Claro que os cortes nos dedos de Bill não eram uma alucinação, mas talvez tivessem sido cortes de papel feitos por algumas das folhas do álbum de George. O papel era bastante grosso. Era possível. Talvez. Além do mais, não havia nenhuma lei a dizer que ele tinha de passar os dez anos seguintes a pensar no assunto, havia? Não.

E assim, depois de uma experiência que poderia ter feito um adulto ir a correr para o psicólogo mais próximo, Richie Tozier levantou-se, comeu uma pilha enorme de panquecas ao pequeno-almoço, viu o anúncio aos dois filmes de terror na página no jornal, verificou o seu dinheiro, viu que não tinha muito (bem... «nenhum» podia ser uma palavra melhor) e começou a chatear o pai para lhe mandar fazer pequenos trabalhos.

O pai, que fora para a mesa com a bata de dentista já vestida, colocou a secção desportiva do jornal sobre a mesa e serviu-se de uma segunda chávena de café. Era um homem de aparência agradável com um rosto estreito. Usava óculos com armações de aço, estava a ficar careca no alto da cabeça e morreria de cancro na laringe em 1973. Olhou para o anúncio que Richie indicava.

— Filmes de terror — disse Wentworth Tozier.

— Sim — confirmou Richie, a sorrir.

— Sentes que tens de ir.

— Sim!

— Sentes que vais morrer com convulsões de desilusão se não fores ver esses dois filmes reais.

— Sim, sim, sinto! Sei que morreria! Agghhh! — Richie caiu da cadeira no chão, agarrado à garganta, com a língua de fora. Essa era a forma peculiar de Richie tentar cativar as pessoas.

— Meu Deus, Richie, paras com isso? — pediu a mãe, que estava ao fogão a estrelar uns ovos para ele colocar em cima das panquecas.

— Caramba, Rich — disse o pai quando Richie se sentou na cadeira. — Acho que me devo ter esquecido de te dar a semanada na segunda. É o único motivo que me ocorre para precisares de mais dinheiro na sexta.

— Bem...

— Acabou?

— Bem...

— É um assunto muito profundo para um rapaz com uma mente tão superficial — disse Wentworth Tozier. Colocou o cotovelo na mesa e pousou o queixo na palma da mão, observando o único filho com uma expressão de enorme fascínio. — Para onde foi ele?

Richie imediatamente começou a usar a Voz de Toodles, o Mordomo Inglês.

— Ora, gastei-o, não gastei, patrão? Em coisinhas aqui e ali. A minha contribuição para o esforço de guerra. Temos todos de fazer a nossa parte para vencer os malditos hunos, não? Não é nada fácil, certo? Que coisa...

— Que coisa de merda — terminou Went amavelmente, e pegou no doce de morango.

— Poupa-me a essas ordinarices à mesa do pequeno-almoço — disse Maggie Tozier ao marido ao levar os ovos de Richie para a mesa. E para Richie: — Não sei porque queres encher a cabeça com esse tipo de lixo.

— Ah, mãe — disse Richie. Estava arrasado por fora, exultante por dentro. Era capaz de ler o pai e a mãe como livros, livros bem gastos e amados, e tinha a certeza de que iria conseguir o que queria: tarefas e autorização para ir ao cinema no sábado à tarde.



Went inclinou-se para a frente na direção de Richie e sorriu largamente.

— Acho que estás precisamente onde eu quero — disse ele.

— Ai sim, pai? — perguntou Richie, e sorriu em resposta... um pouco apreensivo.

— Sim. Sabes o nosso relvado, Richie? Conheces o nosso relvado?

— Conheço sim, senhor — disse Richie, transformando-se de novo em Toodles, ou a tentar. — Um pouco maltratado, não é verdade?

— Exatamente — concordou Went. — E tu, Richie, vais remediar essa condição.

— Vou?

— Vais. Corta a relva, Richie.

— Certo, pai, claro — disse Richie, mas uma desconfiança acabara de surgir na sua mente. Talvez o pai não estivesse a falar só do relvado da frente.

O sorriso de Wentworth Tozier alargou-se para um sorriso predatório de tubarão.

— O relvado *todo*, ó produto idiota das minhas entranhas. Da frente. De trás. Dos lados. E quando terminares, ponho na tua mão dois papéis verdes com a cara do George Washington de um lado e uma foto da pirâmide com o olho da providência no cimo do outro.

— Não percebo, pai — disse Richie, mas achava que tinha percebido.

— Dois dólares.

— Dois dólares pelo *relvado todo*? — gritou Richie, genuinamente ofendido. — É o maior relvado do quarteirão! Caramba, pai!

Went suspirou e pegou no jornal. Richie conseguia ler o cabeçalho da primeira página: RAPAZ DESAPARECIDO DESENCADEIA NOVOS MEDOS. Pensou brevemente no álbum estranho de George Denbrough, mas isso fora com certeza uma alucinação... e mesmo que não tivesse sido, aquilo fora ontem, e hoje era um novo dia.

— Acho que não queres assim tanto ir ver aqueles filmes — disse Went por trás do jornal. Um momento depois, os seus olhos surgiram por cima, observando Richie. Avaliando-o com um pouco de arrogância, na verdade. Avaliando-o como um homem com quatro cartas iguais observa o seu adversário no póquer por cima das cartas nas mãos.

— Quando os gémeos Clark cortam tudo, dás dois dólares *a cada um!*

— É verdade — admitiu Went. — Mas pelo que sei, eles não querem ir ao cinema amanhã. Ou, se querem, devem ter dinheiro suficiente para a ocasião, porque não apareceram para verificar o estado da vegetação em volta do nosso domicílio, ultimamente. Tu, por outro lado, queres ir e encontras-te com falta de recursos para o fazer. Essa pressão que sentes na barriga pode dever-se às cinco panquecas e aos dois ovos que comeste ao pequeno-almoço, Richie, ou pode ser o cano que estou a encostar-te. E então?

Os olhos de Went voltaram para trás do jornal.

— Ele está a chantagear-me — disse Richie à mãe, que comia uma torrada sem nada. Estava de novo a tentar emagrecer. — Isto é chantagem, espero que o saibas.

— Sim, querido, sei — respondeu a mãe. — Tens ovo no queixo.

Richie limpou o ovo do queixo.

— Três dólares se eu terminar tudo antes de chegares a casa logo? — perguntou ele ao jornal.

Os olhos do pai apareceram brevemente.

— Dois e meio.

— Eh, pá — disse Richie. — Tu e o Jack Benny.

— O meu ídolo — confirmou Went por trás do jornal. — Decide-te, Richie. Quero ler os resultados.

— Combinado — cedeu Richie, e suspirou. Quando os pais o seguravam pelos tomates, sabiam realmente apertar. Era bastante «risáceo»,

se pensasse bem.

Enquanto cortava a relva, praticou as Vozes.

7

Terminou as partes da frente, de trás e dos lados por volta das três da tarde de sexta-feira e começou o sábado com dois dólares e cinquenta cêntimos no bolso das calças de ganga. Quase uma fortuna. Ligou a Bill, mas Bill disse-lhe mal-humorado que tinha de ir a Bangor a um terapeuta da fala.

Richie solidarizou-se com ele e acrescentou na sua melhor Voz de Bill Gago:

— D-d-dá ca-cabo deles G-g-grande B-Bill.

— N-Na p-peida, T-T-Tozier — respondeu Bill, e desligou.

Ligou a Eddie Kaspbrak a seguir, mas Eddie pareceu ainda mais deprimido do que Bill. A mãe tinha comprado um passe de autocarro de dia inteiro para cada um e iam visitar as tias de Eddie em Haven, Bangor e Hampden. As três eram gordas, como a senhora Kaspbrak, e solteiras.

— Todas me beliscam a bochecha e me dizem que cresci muito — disse Eddie.

— É porque sabem que és muito querido, Eds, como eu. Percebi como eras fofo a primeira vez que te vi.

— Às vezes és mesmo chato, Richie.

— Só um chato reconhece outro, Eds, e tu reconheces todos. Vais aos Barrens na próxima semana?

— Acho que sim, se vocês forem. Queres brincar às armas?

— Talvez. Mas... acho que eu e Grande Bill temos uma coisa para vos contar.

— O quê?

— A história é do Bill, acho. Vemo-nos depois. Aproveita as tuas tias.

— Muito engraçado.

O terceiro telefonema foi para Stan, o *Man*, mas Stan estava numa alhada com os pais porque tinha partido a janela panorâmica. Andara entretido com uma forma de tarte que fazia as vezes de disco voador e a forma batera no sítio errado. Pum. Tinha tarefas domésticas para todo o fim de semana e provavelmente para o seguinte também. Richie sentiu pena e perguntou a Stan se iria aos Barrens na semana seguinte. Stan disse que achava que sim, se o pai não decidisse pô-lo de castigo, ou coisa parecida.

— Bolas, Stan, foi só uma janela — disse Richie.

— Pois, mas era uma janela grande — respondeu Stan, e desligou.

Richie começou a sair da sala, mas pensou em Ben Hanscom. Folheou a lista telefónica e encontrou o número de uma Arlene Hanscom. Como era a única Hanscom do sexo feminino entre os quatro listados, deduziu que devia ser o número de Ben e ligou.

— Gostava de ir, mas já gastei a minha mesada — confessou Ben. Parecia deprimido e envergonhado com a admissão; na verdade, tinha gastado tudo em doces, refrigerantes, batatas fritas e tiras de carne seca.

Richie, que estava cheio de papel (e não gostava de ir ao cinema sozinho), disse:

— Tenho bastante dinheiro. Podes ficar a dever-me.

— Sim? A sério? Farias isso?

— Claro — disse Richie, intrigado. — Porque não?

— Está bem! — exclamou Ben alegremente. — Certo, vai ser ótimo! Dois filmes de terror! Disseste que um é com lobisomens?

— Sim.

— Pá, eu *adoro* filmes de lobisomens!

— Caramba, Monte de Feno, não mijes as calças.

Ben riu-se.

— Encontramo-nos em frente ao Aladdin, está bem?

— Combinado.

Richie desligou e olhou para o telefone, pensativo. De repente, ocorreu-lhe que Ben Hanscom era um tipo solitário. E isso fê-lo sentir-se um tanto heroico. Ia a assobiar quando subiu para ir buscar umas revistas de banda desenhada que queria ler antes do cinema.

## 8

O dia estava soalheiro e corria uma brisa fresca. Richie avançou a gingar por Center Street em direção ao Aladdin, estalando os dedos e cantando «Rockin' Robin» baixinho. Sentia-se bem. Ir ao cinema fazia-o sempre sentir-se bem: adorava aquele mundo mágico, aqueles sonhos mágicos. Sentia pena de quem tinha tarefas chatas num dia assim; Bill com a terapia da fala, Eddie com as tias, o pobre Stan, o *Man*, que passaria a tarde a esfregar os degraus do alpendre ou a varrer a garagem porque a forma da tarte que andara a atirar virara para a direita quando deveria virar para a esquerda.

Richie tinha o ioiô enfiado no bolso de trás, tirou-o e tentou fazer o dorminhoco. Ansiava dominar essa habilidade mas, até ao momento, nada. O estupor não fazia o que ele queria. Ou descia e voltava a subir logo de seguida, ou descia e ficava parado na ponta do cordel.

A meio de Center Street, viu uma rapariga de saia plissada bege e blusa branca sem mangas sentada num banco em frente à farmácia Shook's. Estava a comer um cone do que parecia ser gelado de pistácio. O cabelo era ruivo brilhante, e as madeixas mais pareciam de cobre e às vezes quase

louras, caindo sobre os ombros. Richie só conhecia uma rapariga com cabelo daquela cor. Era Beverly Marsh.

Richie gostava muito de Bev. Bem, gostava dela, mas não *daquela* forma. Admirava a sua aparência (e sabia que não estava sozinho; raparigas como Sally Mueller e Greta Bowie odiavam Beverly com todas as forças, ainda demasiado jovens para perceber que, podendo ter tudo o resto facilmente, ainda tinham de competir em questão de aparência com uma rapariga que morava naquelas espeluncas em Lower Main Street), mas gostava dela principalmente porque era rija e tinha um excelente sentido de humor. Além do mais, costumava ter tabaco. Em suma, gostava dela porque era um gajo fixe. Ainda assim, uma vez ou outra dera por si a perguntar-se qual seria a cor das suas cuecas por baixo da pequena coleção de saias desbotadas, e esse não era o tipo de coisa que se pensava sobre os outros gajos, pois não?

E Richie tinha de admitir que ela era um gajo muito giro.

Ao aproximar-se do banco onde ela estava sentada a comer o gelado, Richie fechou o cinto do sobretudo invisível, baixou um chapéu invisível e fingiu ser Humphrey Bogart. Acrescentando a Voz correta, *tornou-se* Humphrey Bogart, pelo menos para si próprio. Para os outros, parecia Richie Tozier com uma congestão nasal.

— Olá, querida — disse ele, deslizando até ao banco onde ela estava sentada a olhar para o trânsito. — Não faz sentido esperar aqui pelo autocarro. Os nazis impediram a nossa fuga. O último avião sai à meia-noite. Vai nele. Ele precisa de ti, querida. Eu também... mas hei de sobreviver.

— Olá, Richie — disse Bev.

Quando se virou, ele viu o hematoma roxo-enegrecido na bochecha direita, lembrando a sombra da asa de um corvo. Ficou mais uma vez admirado com a aparência dela... só lhe ocorreu naquele momento que

podia ser realmente bonita. Nunca tinha pensado até àquele momento que podia haver raparigas bonitas fora dos filmes, ou que ele pudesse conhecer uma. Talvez fosse o hematoma que lhe permitiu ver a possibilidade da beleza dela, um contraste essencial, uma falha específica que primeiro chamava a atenção para si e depois, de alguma forma, definia o resto: os olhos azul-acinzentados, os lábios naturalmente vermelhos, a pele clara e perfeita de criança. Tinha o nariz salpicado de sardas.

— Está a ver alguma coisa verde? — perguntou ela, erguendo a cabeça com orgulho.

— Tu, querida — disse Richie. — Ficaste esverdeada como alguns queijos. Mas quando te tirarmos de Casablanca, vais para o melhor hospital que o dinheiro puder pagar. Pomos-te branca de novo. Juro pela minha mãe.

— És um idiota, Richie. Não pareces nada o Humphrey Bogart.

No entanto, sorriu um pouco ao dizê-lo.

Richie sentou-se ao lado dela.

— Vais ao cinema?

— Não tenho dinheiro — disse ela. — Posso ver o teu ioiô?

Ele entregou-lho.

— Acho que o vou devolver — disse ele. — Devia fazer o dorminhoco, mas qual quê! Acho que está avariado.

Bev enfiou o dedo no laço do cordel e Richie empurrou os óculos para cima no nariz para poder ver melhor o que ela estava a fazer. Ela virou a mão com a palma para o céu e o ioiô *Duncan* preso no vale de carne formado pela mão curvada. Rolou o ioiô pelo dedo indicador. Ele caiu até à extremidade do cordel e fez o dorminhoco. Quando ela mexeu os dedos, ele imediatamente despertou e subiu pelo cordel até à palma da sua mão.

— Ah, caramba, olha só para isso! — exclamou Richie.

— Isto é coisa de putos — disse Bev. — Vê isto.

Soltou o ioiô de novo. Deixou-o dormir por um momento e depois fê-lo passear como um cão, e regressar de novo à mão.

— Ah, para — disse Richie. — Detesto exibicionistas.

— Que tal isto? — perguntou Bev, sorrindo docemente.

Moveu o ioiô para a frente e para trás, fazendo o *Duncan* vermelho de madeira parecer uma raquete com bola que Richie tivera em tempos. Ela terminou com duas Voltas ao Mundo (quase batendo numa idosa, que olhou para eles zangada). O ioiô terminou na palma da mão dela, com o cordel bem enrolado. Bev devolveu-o a Richie e sentou-se de novo no banco. Richie instalou-se ao lado dela, com o queixo caído em perfeita e sincera admiração. Bev olhou para ele e riu.

— Fecha a boca, que ainda te entra uma mosca.

Richie fechou a boca de repente.

— Além do mais, essa parte final foi sorte. Foi a primeira vez na vida que fiz duas Voltas ao Mundo seguidas sem falhar.

Havia miúdos a passarem por eles, rumo ao cinema. Peter Gordon passou com Marcia Fadden. Iam juntos, mas Richie achava que era por serem vizinhos na West Broadway e tão idiotas que precisavam do apoio e da atenção um do outro. Peter Gordon já estava a ficar com bastante acne, embora só tivesse doze anos. Às vezes andava com Bowers, Criss e Huggins, mas não era suficientemente corajoso para fazer nada sozinho.

Olhou para Richie e Bev sentados juntos no banco e cantarolou:

— Com quem será, com quem será, com que será que o Richie vai casar? Vai depender, vai depender, vai depender de a Bev querer. Ela aceitou, ela aceitou...

— ... depois tiveram um filho que os separou — concluiu Marcia, às gargalhadas.

— Senta-te nisto, querida — disse Bev, e mostrou-lhe o dedo do meio. Marcia desviou o olhar, repugnada, como se não conseguisse acreditar que



uma pessoa pudesse ser tão grosseira.

Gordon passou o braço em volta dela e falou por cima do ombro para Richie:

— Talvez nos vejamos mais tarde, quatro-olhos.

— Talvez vejas a cinta da tua mãe — respondeu Richie com presteza (embora a despropósito).

Beverly teve um ataque de riso. Apoiou-se no ombro de Richie por um momento, e Richie teve tempo suficiente para refletir que o toque dela e a sensação do peso leve não eram exatamente desagradáveis. Então, Bev endireitou-se de novo.

— Que par de idiotas — disse.

— Sim, acho que a Marcia Fadden mijá água de rosas — comentou Richie, e Beverly começou a rir de novo.

— *Chanel Número Cinco* — disse ela, com a voz abafada porque tinha as mãos sobre a boca.

— Podes crer — disse Richie, embora não fizesse a menor ideia do que era *Chanel Número Cinco*. — Bev?

— O quê?

— Ensinas-me a fazer o dorminhoco?

— Acho que sim. Nunca tentei ensinar a ninguém.

— Como aprendeste? Quem te ensinou?

Ela olhou para ele desgostosa.

— Ninguém me *ensinou*. Descobri sozinha. Como girar um bastão de majorete. Sou ótima nisso...

— Não és nada convencida — disse Richie, revirando os olhos.

— Bem, *sou*. Mas não tive aulas nem nada.

— Sabe mesmo fazer girar o bastão?

— Claro.

— Vais acabar por ser chefe de claque no secundário, hein?

Bev sorriu. Era um tipo de sorriso que Richie nunca vira antes: inteligente, cínico e triste, tudo ao mesmo tempo. Ele recuou um pouco ante aquele poder desconhecido, assim como recuara da foto do centro no álbum de Georgie quando ela começara a mover-se.

— Isso é para raparigas como a Marcia Fadden — disse ela. — Ela, a Sally Mueller e a Greta Bowie. Raparigas que mijam água de rosas. Os pais ajudam a comprar o equipamento desportivo e os uniformes. Elas entram. Eu nunca serei chefe de claque.

— Caramba, Bev, essa não é a atitude...

— Claro que é, se é verdade. — Encolheu os ombros. — Não ligo. Afinal, quem é que quer fazer mortais e mostrar as cuecas a milhões de pessoas? Olha, Richie. Olha para isto.

Durante os dez minutos seguintes, ensinou o dorminhoco a Richie. Perto do fim, Richie começou realmente a apanhar o jeito, embora só conseguisse fazê-lo chegar a meio do cordel depois de acordar.

— Não estás a mexer os dedos com força suficiente, só isso — disse ela.

Richie olhou para o relógio no Merrill Trust do outro lado da rua, levantou-se de um pulo e enfiou o ioiô no bolso.

— Bolas, tenho de ir, Bev. Vou encontrar-me com o velho Monte de Feno. Ele vai pensar que mudei de ideias.

— Quem é o Monte de Feno?

— Ah. O Ben Hanscom. Mas eu chamo-lhe Monte de Feno. Sabes, como Monte de Feno Calhoun, o lutador.

Bev franziu a testa.

— Isso não é muito simpático. Eu gosto do Ben.

— Não bater, patroa! — gritou Richie com a sua Voz de Escravo Negro, revirando os olhos e agitando as mãos. — Não bater, eu ser bom, patroa, juro...

— Richie — disse Bev num fio de voz.

Richie parou.

— Eu também gosto dele — admitiu. — Construimos uma represa nos Barrens há uns dias e...

— Vocês vão lá? Tu e o Ben brincam lá em baixo?

— Mais ou menos. Somos vários. O sítio é bacano. — Richie olhou para o relógio de novo. — Tenho mesmo de ir para o cinema. O Ben está à minha espera.

— Tudo bem.

Ele fez uma pausa, pensou e disse:

— Se não fores fazer nada, vem comigo.

— Já te disse. Não tenho dinheiro.

— Eu pago o teu bilhete. Tenho dois dólares.

Ela deitou o resto do gelado num caixote do lixo ali perto. Os seus olhos, daquele belo tom claro de azul-acinzentado, viraram-se para os dele. Tinham uma expressão divertida. Bev fingiu ajeitar o cabelo e perguntou:

— Céus, estás a convidar-me para sair?

Por um momento, Richie ficou confuso. Chegou a sentir um rubor a subir pelo rosto. Ele fizera o convite de uma forma perfeitamente natural, tal como com Ben... Mas não tinha dito a Ben que ele lhe pagaria depois? Sim. E não dissera nada disso a Bev.

Richie sentiu-se subitamente um nadinha estranho. Baixou os olhos, protegendo-se do seu olhar divertido e deu-se conta de que a saia dela se levantara um pouco quando ela se inclinou para a frente para deitar o cone no caixote. Conseguia ver-lhe os joelhos. Subiu o olhar, mas isso não ajudou; estava a olhar para os seios incipientes dela.

Richie, como de costume em momentos de confusão, refugiou-se no absurdo.

— Sim! Estou! — gritou ele, ajoelhando-se à frente dela e erguendo as mãos unidas. — Vem, por favor! Vem, por favor! Mato-me se disseres que

não, percebeste?

— Ah, Richie, és tão parvo! — exclamou ela, rindo de novo... mas não estava o seu rosto um pouco corado? Se sim, isso deixava-a ainda mais bonita. — Levanta-te antes que sejas preso.

Ele levantou-se e sentou-se de novo ao lado dela. Parecia que o seu equilíbrio regressara. Um pouco de tolice ajudava sempre quando se ficava tonto, acreditava ele.

— Queres ir?

— Claro — disse ela. — Muito obrigada. Pensa só! A minha primeira saída com um rapaz. Espera até eu escrever isso no meu diário esta noite. — Juntou as mãos entre os seios em crescimento, pestanejou rapidamente e riu.

— Gostava que não disseses essas coisas — observou Richie.

Ela suspirou.

— Não tens muito romance na alma.

— Não tenho mesmo.

Mas sentia-se contente consigo próprio. O mundo de repente pareceu-lhe muito claro e muito simpático. Deu por si a olhar para o lado, para ela, de tempos a tempos. Ela olhava para as montras, para os vestidos no Cornell-Hopley's, para as toalhas e tachos na montra do Discount Barn, e olhou furtivamente para o cabelo dela, para a linha do maxilar. Observou a forma como os seus braços nus saíam dos buracos redondos da blusa. Viu a alça da combinação por baixo. Todas essas coisas o encantaram. Não saberia dizer porquê, mas o que acontecera no quarto de George Denbrough nunca pareceu mais distante do que naquele momento. Estava na hora de ir, na hora de se encontrar com Ben, mas ia ficar ali mais um momento enquanto os olhos dela observavam as montras, porque era bom olhar para ela e estar com ela.

A miudagem estava a desembolsar os seus vinte e cinco cêntimos na bilheteira do Aladdin e a entrar no átrio. Ao olhar pelas portas de vidro, Richie viu um grupo em volta do balcão dos doces. A máquina das pipocas trabalhava a toda velocidade, expelindo jatos delas, com a tampa engordurada a subir e descer. Não viu Ben em lado nenhum. Perguntou a Beverly se o via. Ela abanou a cabeça.

— Se calhar, já entrou.

— Ele disse que não tinha dinheiro. E ali a Filha do Frankenstein nunca o deixaria entrar sem bilhete. — Richie apontou para a senhora Cole com o polegar, a porteira do Aladdin desde antes de os filmes serem falados. O seu cabelo, pintado de vermelho-vivo, era tão fino que se via o couro cabeludo por baixo. Tinha lábios enormes e moles que pintava com batom cor de ameixa. Manchas de *blush* cobriam as suas faces. As sobrancelhas eram desenhadas com lápis preto. A senhora Cole era uma democrata dos quatro costados: detestava todas as crianças por igual.

— Bolas, não quero entrar sem ele, mas o filme vai começar — disse Richie. — Onde raio se terá metido?

— Podes comprar o bilhete dele e deixá-lo na bilheteira — sugeriu Bev. — E então, quando ele chegar...

Mas, naquele momento, Ben dobrou a esquina da Center com a Macklin. Estava ofegante, e a barriga balançava debaixo da camisola. Viu Richie e levantou uma das mãos para acenar. Em seguida, avistou Bev e a mão parou a meio do aceno. Os seus olhos arregalaram-se momentaneamente. Terminou o aceno e caminhou devagar até onde eles estavam, sob o toldo do Aladdin.

— Olá, Richie — disse ele, e então olhou rapidamente para Bev. Era como se tivesse medo de que um olhar prolongado resultasse numa

queimadura. — Olá, Bev.

— Olá, Ben — disse ela, e um estranho silêncio instalou-se entre os dois. Não era propriamente constrangido; era, pensou Richie, quase *poderoso*. E sentiu uma pontada de ciúme, porque alguma coisa se passara entre ambos, e ele fora excluído do que quer que tivesse sido.

— Olá, Monte de Feno! — disse ele. — Pensei que me tinhas deixado pendurado. Esses filmes vão meter-te tanto medo que vais perder cinco quilos. Ah, podes crer, vais ficar com cabelo branco, rapaz. Quando saíres deste cinema, vais precisar que um arrumador te ajude a subir o corredor de tanto que estarás a tremer.

Richie foi na direção da bilheteira, e Ben tocou-lhe no braço. Começou a falar, olhou para Bev, que lhe sorria, e teve de começar tudo de novo.

— Eu estava aqui — disse ele —, mas subi a rua e dobrei a esquina quando aqueles tipos chegaram.

— Que tipos? — perguntou Richie, mas achava que já sabia a resposta.

— *Henry Bowers. Victor Criss. Arroto Huggins.* E mais meia dúzia.

Richie assobiou.

— Já devem ter entrado. Não estou a vê-los comprar doces.

— Acho que sim.

— Se eu fosse a eles, não me daria ao trabalho de pagar para ver dois filmes de terror — disse Richie. — Ficava em casa e olhava-me ao espelho. Poupava umas massas.

Bev riu com alegria, mas Ben limitou-se a sorrir ligeiramente. Talvez Henry Bowers tivesse começado por querer magoá-lo naquele dia da semana anterior, mas acabara a querer matá-lo. Ben tinha a certeza disso.

— Já sei o que iremos fazer — disse Richie. — Vamos para o balcão. Eles devem estar sentados na segunda ou na terceira fila com os pés nas cadeiras da frente.

— Tens a certeza? — perguntou Ben. Não sabia se Richie entendia até que ponto aqueles tipos eram terríveis... e Henry, claro, era o pior de todos.

Richie, que escapara por pouco ao que poderia ter sido uma grande tarefa às mãos de Henry e dos amigos idiotas três meses antes (conseguiu fugir deles na secção de brinquedos dos armazéns Freese's), entendia mais sobre Henry e o seu gangue do que Ben imaginava.

— Se eu não tivesse a certeza, não entraria — disse ele. — Quero ver esses filmes, Monte de Feno, mas não quero, sei lá, morrer por eles.

— Além do mais, se nos causarem problemas, mandamos o Foxy correr com eles — disse Bev. Foxy era o senhor Foxworth, o homem magro, pálido e de ar abatido que era gerente do Aladdin. Estava naquele momento a vender doces e pipocas, a entoar a sua litania de «Espera a tua vez, espera a tua vez, espera a tua vez». De *smoking* puído e camisa amarelada, parecia um cangalheiro em dificuldades financeiras.

Ben olhou com dúvida para Bev, depois para Foxy e para Richie.

— Não podes deixá-los mandar na tua vida, meu — disse Richie. — Não sabes isso?

— Acho que sei — disse Ben, e suspirou. Na verdade, não sabia nada disso... mas a presença de Beverly dera uma volta louca à equação. Se ela não tivesse ido, ele teria tentado persuadir Richie a ir ao cinema noutro dia. E se Richie tivesse insistido, Ben talvez se tivesse ido embora. Mas Bev estava ali. Não queria parecer covarde diante dela. E a ideia de estar com ela no balcão, no escuro (mesmo com Richie entre os dois, como provavelmente ficaria), representava uma atração poderosa.

— Vamos esperar que o filme comece antes de entrarmos — disse Richie. Sorriu e deu um soco no braço de Ben. — Merda, Monte de Feno, queres viver para sempre?

As sobrancelhas de Ben aproximaram-se uma da outra, e então ele resfolegou. Richie também começou a rir. Ao olhar para eles, Beverly riu-se

também.

Richie voltou a aproximar-se da bilheteira. Lábios de Fígado Cole olhou para ele de mau humor.

— Boa tarde, prezada senhora — disse ele na sua melhor Voz de Barão Butthole. — Preciso de três bilhetes para apreciar os seus adoráveis filmes americanos.

— Deixa-te de tretas e diz-me o que queres, rapaz! — exclamou Lábios de Fígado pelo buraco redondo no vidro, e alguma coisa na forma como as sobranceiras pintadas dela subiam e desciam perturbou tanto Richie que ele apenas empurrou uma nota amarrotada de um dólar pelo buraco e murmurou:

— Três, por favor.

Três bilhetes saíram pelo buraco. Richie pegou-lhes. Lábios de Fígado devolveu-lhe uma moeda de vinte e cinco centavos.

— Não te armes em espertinho, não atires embalagens de pipocas, não grites, não corras no átrio, não corras nos corredores.

— Não, minha senhora — disse Richie, afastando-se para onde estavam Ben e Bev. Disse aos dois: — Fico sempre reconfortado quando vejo uma velha daquelas, que adorava tanto crianças.

Ficaram lá fora um pouco mais, à espera do início do filme. Lábios de Fígado olhou para eles com desconfiança da cabina de vidro. Richie deleitou Bev com a história da represa nos Barrens, repetindo as falas do senhor Nell com a nova Voz do Bófia Irlandês. Em breve Beverly estava a rir e às gargalhadas. Até Ben sorria um pouco, apesar de os seus olhos oscilarem entre a porta do Aladdin e o rosto de Bev.



O balcão era bom. Durante o primeiro filme, *I Was a Teenage Frankenstein*, Richie viu Henry Bowers e os amigos idiotas. Estavam na segunda fila, como ele calculara. Eram cinco ou seis ao todo, alunos do quinto, sexto e sétimo ano, todos com as botas apoiadas nos bancos da frente. Foxy ia até lá mandá-los baixar os pés. Eles baixavam-nos. Foxy ia-se embora. As botas voltavam a subir imediatamente. Cinco ou dez minutos mais tarde, Foxy voltava, e a charada repetia-se. Foxy não tinha coragem de os expulsar, e eles sabiam.

Os filmes eram ótimos. O *Teenage Frankenstein* era nojento como devia ser. Mas o *I Was a Teenage Werewolf* era ainda mais assustador... talvez porque também parecia um pouco triste. O que acontecera não era culpa do adolescente. Havia um hipnotizador que dera cabo dele, mas só o conseguira fazer porque o adolescente que se transformara em lobisomem estava cheio de raiva e maus sentimentos. Richie deu por si a perguntar a si mesmo se haveria muitas pessoas no mundo a esconder aquele tipo de maus sentimentos. Henry Bowers tinha maus sentimentos para dar e vender, mas não se dava ao trabalho de os esconder.

Beverly, sentada entre os rapazes, comia pipocas das caixas deles, gritava, tapava os olhos, ria-se algumas vezes. Quando o lobisomem estava a observar a rapariga a exercitar-se no ginásio depois das aulas, ela encostou a cara ao braço de Ben, e Richie ouviu o arquejo de surpresa de Ben, mesmo com os gritos de duzentas crianças abaixo deles.

O lobisomem acabou por ser morto. Na última cena, um polícia disse a outro, com ar solene, que isso devia ser uma lição para as pessoas não brincarem com as coisas que estavam nas mãos de Deus. A cortina desceu e as luzes acenderam-se. Algumas pessoas aplaudiram. Richie sentia-se totalmente satisfeito, ainda que com uma leve dor de cabeça. Provavelmente teria de ir ao oculista em breve trocar as lentes dos óculos

mais uma vez. Acabaria por usar fundos de garrafa diante dos olhos quando chegasse ao secundário, pensou ele com tristeza.

Ben puxou-lhe pela manga.

— Eles viram-nos, Richie — disse com voz seca e consternada.

— Hã?

— O Bowers e o Criss. Olharam para aqui quando iam a sair. Viram-nos!

— Está bem, está bem — disse Richie. — Calma, Monte de Feno. Acaaalma-te. Vamos sair pela porta lateral. Não tens com que te preocupar.

Desceram a escada, com Richie à frente, Beverly no meio e Ben na retaguarda, a olharem por cima do ombro a cada dois passos.

— Esses tipos estão mesmo atrás de ti, Ben? — perguntou Beverly.

— Acho que sim — disse Ben. — Meti-me numa briga com o Henry Bowers no último dia de aulas.

— Ele deu-te uma tarefa?

— Não tanto como queria — respondeu Ben. — Acho que é por isso que ainda está furioso.

— O Hank também levou — murmurou Richie. — Foi o que ouvi. Acho que não ficou muito contente.

Abriu a porta e os três saíram para a viela entre o Aladdin e a Nan's Luncheonette. Um gato que estivera a vasculhar um caixote do lixo bufou e passou a correr pelo beco, bloqueado no final por algumas tábuas. O gato saltou e transpôs a cerca. A tampa de um caixote do lixo caiu. Bev deu um salto, agarrou no braço de Richie e riu com nervosismo.

— Acho que ainda estou assustada dos filmes — disse ela.

— Tu não...

— Olá, cada de cu — disse Henry Bowers atrás deles.

Assustados, os três viraram-se. Henry, Victor e Arroto estavam à entrada da viela. Havia mais dois tipos atrás deles.

— Ah, *merda*, eu sabia que isto ia acontecer — gemeu Ben.

Richie virou-se rapidamente para o Aladdin, mas a porta já se fechara atrás deles e não havia como a abrir por fora.

— Diz adeus, cara de cu — ordenou Henry, e de repente correu para Ben.

As coisas que aconteceram em seguida pareceram a Richie tanto no momento como depois algo saído de um filme; coisas assim simplesmente não aconteciam na vida real. Na vida real, os miúdos apanhavam tarefas, recolhiam os dentes e iam para casa.

Não foi assim daquela vez.

Beverly deu um passo à frente e para um dos lados, quase como se pretendesse ir ao encontro de Henry, talvez apertar-lhe a mão. Richie conseguia ouvir os protetores das botas dele a raspar o chão. Victor e Arroto vinham atrás. Os outros dois rapazes ficaram na entrada do beco, a guardá-lo.

— Deixa-o em paz! — gritou Beverly. — Mete-te com alguém do teu tamanho!

— Ele é do tamanho de um camião, puta — rosnou Henry, nada cavalheiro. — Sai da minha...

Richie esticou o pé. Não achou que tencionava fazê-lo. O pé moveu-se da mesma forma que as piadas perigosas para a sua saúde lhe saíam da boca, por vontade própria. Henry tropeçou nele e caiu para a frente. A superfície do beco estava escorregadia com lixo entornado dos caixotes transbordantes. Henry deslizou como se estivesse sobre gelo.

Começou a levantar-se, com a camisa suja de borras de café, lama e bocados de alface.

— *Ah, vocês vão MORRER!* — gritou ele.

Até àquele momento, Ben estivera apavorado. Então, alguma coisa estalou dentro dele. Soltou um rugido e pegou num dos caixotes. Apenas

por um momento, enquanto o segurava no ar, com lixo a espalhar-se por todo o lado, pareceu realmente Monte de Feno Calhoun. Tinha o rosto pálido e furioso. Atirou o caixote. Este bateu na lombar de Henry e derrubou-o de novo.

— Vamos embora daqui! — gritou Richie.

Correram em direção à entrada do beco. Victor Criss saltou para a frente deles. Urrando, Ben baixou a cabeça e bateu com ela na barriga de Victor.

— Uff! — grunhiu Victor, e caiu sentado.

Arroto agarrou no rabo de cavalo de Beverly e empurrou-a com força contra a parede de tijolo do Aladdin. Beverly fez ricochete na parede e correu pelo beco, esfregando o braço. Richie correu atrás dela e agarrou na tampa de um caixote. Arroto Huggins lançou na sua direção um punho quase do tamanho de um presunto. Richie ergueu a tampa de aço galvanizado. O punho de Arroto chocou contra ela. Houve um *bong!* alto, um som melodioso. Richie sentiu o choque subir pelo braço até ao ombro. Arroto gritou e começou aos saltos, agarrado à mão que começava a inchar.

— Acolá fica a tenda do meu pai — disse Richie como que em segredo, fazendo uma boa imitação de Tony Curtis em *O Filho de Ali Babá*, e correu atrás de Ben e Beverly.

Um dos rapazes à entrada do beco tinha apanhado Beverly. Ben lutava com ele. O outro rapaz começou a esmurrá-lo na base da coluna. Richie levantou o pé, que acertou no traseiro do rapaz dos socos. Este gritou de dor. Richie agarrou o braço de Beverly com uma das mãos e o de Ben com a outra.

— *Corram!* — gritou.

O rapaz com quem Ben estava a lutar soltou Beverly e deu um soco em Richie. A sua orelha explodiu com uma dor momentânea, depois ficou dormente e muito quente. Um som alto de assobio começou a soar na sua

cabeça. Parecia o barulho que se ouvia quando a enfermeira da escola lhes entregava uns auriculares para o teste de audição.

Correram por Center Street. Algumas pessoas viraram-se para os olhar. A grande barriga de Ben agitava-se para cima e para baixo. O rabo de cavalo de Bev balançava. Richie soltou Ben e segurou os óculos contra a testa com o polegar esquerdo, para não os perder. A sua cabeça ainda tinia, e ele acreditava que a orelha incharia, mas sentia-se maravilhosamente. Começou a rir. Beverly juntou-se a ele. Passado pouco tempo, Ben fez o mesmo.

Entraram em Court Street e caíram num banco em frente à esquadra da polícia. Naquele momento, parecia ser o único lugar de Derry onde poderiam estar a salvo. Beverly passou o braço pelo pescoço de Ben e de Richie e deu-lhes um abraço furioso.

— Foi bestial! — Os olhos dela brilharam. — Viram aqueles tipos? Viram?

— Eu vi muito bem — respondeu Ben, ofegante. — E nunca mais quero vê-los.

Isso gerou outra explosão de gargalhadas histéricas. Richie ainda esperava que o gangue de Henry dobrasse a esquina de Court Street e os atacasse de novo, independentemente da esquadra. Ainda assim, não conseguia parar de rir. Beverly estava certa. Fora bestial.

— O Clube dos Falhados Soltou um Bom! — gritou Richie com entusiasmo. — Ah, ah ah! — Pôs as mãos ao lado da boca e fez a Voz de Ben Bernie: — SIM, senhor, SIM, senhor, SIM, SENHOR, crianças!

Um polícia espreitou por uma janela aberta no primeiro andar e gritou:

— Saiam daqui, miúdos! Agora mesmo! Toca a andar!

Richie abriu a boca para dizer alguma coisa brilhante, possivelmente na sua novíssima Voz de Bófia Irlandês, e Ben bateu-lhe no pé.

— Cala-te, Richie — disse ele, e imediatamente teve dificuldade em acreditar que dissera uma coisa daquelas.

— Isso mesmo, Richie — disse Bev, olhando para ele com carinho. — Bip-bip.

— Está bem — disse Richie. — O que querem fazer? Procurar o Henry Bowers e perguntar-lhe se ele quer resolver as coisas com uma partida de Monopólio?

— Morde a língua — disse Bev.

— Hã? O que quer isso dizer?

— Esquece — disse Bev. — Algumas pessoas são demasiado *ignorantes*.

Com hesitação e corando furiosamente, Ben perguntou:

— Aquele gajo magoou-te o cabelo, Beverly?

Ela sorriu-lhe com ternura e, naquele momento, teve certeza de uma coisa de que apenas desconfiara: que fora Ben Hanscom quem lhe mandara o postal com o belo *haiku*.

— Não, não muito — disse ela.

— Vamos para os Barrens — propôs Richie.

E foi para onde foram... ou para onde fugiram. Richie pensaria depois que isso estabeleceu uma rotina para o resto do verão. Os Barrens tornaram-se o sítio deles. Beverly, como Ben no dia do primeiro encontro com os rapazes grandes, nunca fora lá abaixo. Ia entre Richie e Ben em fila indiana pelo carreiro. A sua saia balançava de forma sedutora e, ao olhar para ela, Ben apercebeu-se de ondas de sentimento poderosas como cólicas estomacais. Ela usava a pulseira no tornozelo, que brilhava ao sol da tarde.

Atravessaram a parte do Kenduskeag onde haviam feito a represa (o riacho dividia-se cerca de setenta metros adiante e voltava a ser um só duzentos metros depois, na direção da cidade) usando pedras abaixo do local onde ela estivera, encontraram outro caminho e acabaram por sair na

margem do ramal leste do rio, que era mais largo do que o outro. Cintilava ao sol da tarde. À esquerda, Ben conseguia ver dois dos cilindros de betão com tampa em cima. Abaixo deles, sobressaindo por cima do rio, havia tubos também de betão de onde jorros de água enlameada caíam diretamente para o Kenduskeag. *Uma pessoa caga na cidade e é aqui que tudo vem parar*, pensou Ben, lembrando-se da explicação do senhor Nell sobre o sistema de drenagem de Derry. Sentiu uma espécie de fúria impotente. No passado, devia ter havido peixes naquele rio. Agora, as hipóteses de pescar um bocado de papel higiénico usado seriam bastante maiores.

— Isto é tão bonito — disse Bev, suspirando.

— Sim, não é mau — concordou Richie. — As moscas desapareceram e corre uma brisa suficiente para afastar os mosquitos. — Olhou para ela, esperançado. — Tens tabaco?

— Não — respondeu ela. — Tinha dois cigarros, mas fumei-os ontem.

— Que pena — disse Richie.

Ouviram um apito e viram um comboio de mercadorias passar pelo outro lado dos Barrens, na direção do pátio de manobras. *Ena, se fosse um comboio de passageiros eles teriam uma bela vista*, pensou Richie. Primeiro as casas dos pobres em Old Cape, depois os pântanos de bambu do outro lado do Kenduskeag, e por fim, antes de sair dos Barrens, o buraco fumegante que era a lixeira da cidade.

Por apenas um momento, deu por si a pensar de novo na história de Eddie, do leproso sob a casa abandonada em Neibolt Street. Afastou a história da mente e virou-se para Ben.

— Qual foi a melhor parte para ti, Monte de Feno?

— Hã? — Ben virou-se para ele com ar culpado. Enquanto Bev olhava para o outro lado do Kenduskeag, perdida em pensamentos, ele estivera a admirar o seu perfil ... e o hematoma na cara.

— Dos *filmes*, pá. Qual foi a tua parte preferida?

— Gostei quando o doutor Frankenstein começou a atirar os corpos aos crocodilos debaixo da casa dele — disse Ben. — Foi a minha parte preferida.

— Isso foi nojento — comentou Beverly, e estremeceu. — Detesto coisas assim. Crocodilos, piranhas e tubarões.

— Sim? O que são piranhas? — perguntou Richie, imediatamente interessado.

— São uns peixinhos — disse Beverly. — Têm uns dentes muito pequenos e superafiados. E se entrares num rio que as tenha, elas comem-te até ao osso.

— Uau!

— Vi um filme uma vez, e os índios queriam atravessar um rio, mas a ponte tinha caído — disse ela. — Então meteram uma vaca na água presa a uma corda e atravessaram o rio enquanto as piranhas estavam a comer a vaca. Quando puxaram a corda, a vaca era só um esqueleto. Tive pesadelos durante uma semana.

— Caramba, gostava de ter uns peixes desses — disse Richie com alegria. — Punha-os na banheira do Henry Bowers.

Ben começou a rir.

— Acho que ele nem toma banho.

— Isso não sei, mas sei que é melhor termos cuidado com aqueles tipos — disse Beverly. Os dedos dela tocaram no hematoma do rosto. — O meu pai bateu-me de lado na cabeça anteontem porque parti uma pilha de pratos. Uma vez por semana já basta.

Houve um momento de silêncio que poderia ter sido constrangedor, mas não foi. Richie interrompeu-o dizendo que a sua parte preferida fora quando o lobisomem adolescente apanhara o hipnotizador mau. Falaram sobre os filmes, e também sobre outros filmes de terror que tinham visto, e sobre o



programa de televisão *Alfred Hitchcock Apresenta* durante mais de uma hora. Bev viu margaridas a crescer na margem e apanhou uma. Segurou-a primeiro sob o queixo de Richie e depois do de Ben para ver se eles gostavam de manteiga. Disse que ambos gostavam. Enquanto segurava a flor debaixo do queixo deles, cada um teve consciência do toque leve dela nos ombros e do cheiro a lavado do seu cabelo. O rosto dela ficou perto do de Ben só por um momento ou dois, mas naquela noite ele sonhou com os olhos dela nesse breve e infinito período de tempo.

A conversa estava a esgotar-se quando ouviram o som de pessoas a aproximarem-se pelo caminho. Viraram-se rapidamente na direção do som e Richie apercebeu-se de que o rio estava atrás deles. Não havia para onde fugir.

As vozes aproximaram-se. Eles levantaram-se, e Richie e Ben puseram-se um pouco à frente de Beverly sem sequer pensar.

Os arbustos no fim do caminho estremeceram e de repente Bill Denbrough surgiu. Vinha outro rapaz com ele, um que Richie conhecia mal. Chamava-se Bradley qualquer coisa, e era sopinha de massa. Devia ter ido a Bangor com Bill para a coisa da terapia da fala, pensou Richie.

— Grande Bill! — exclamou ele, e na Voz de Toodles: — Que bom vê-lo, senhor Denbrough, patrão.

Bill olhou para eles e sorriu, e uma certeza peculiar tomou conta de Richie quando Bill olhou para ele, para Ben e para Beverly, e depois de novo para Bradley qualquer coisa. Beverly fazia parte do grupo. Os olhos de Bill diziam isso. Bradley qualquer coisa não fazia. Poderia ficar um pouco naquele dia, poderia até voltar aos Barrens (ninguém lhe diria que não, sinto muito, o Clube dos Falhados está cheio, já temos o nosso sócio com problemas de fala), mas não fazia parte do grupo. Não fazia parte *deles*.

Esse pensamento levou a um medo repentino e irracional. Por um momento, ele sentiu-se como alguém se sentia quando de repente se dava conta de que tinha nadado para demasiado longe e perdera o pé. Teve um vislumbre intuitivo: *Estamos a ser atraídos para alguma coisa. A ser escolhidos. Nada disto é accidental. Já estamos todos aqui?*

Em seguida, a intuição transformou-se num fluxo incoerente de pensamentos, como um vidro a partir-se num chão de pedra. Além do mais, não importava. Bill estava ali, e Bill tomaria conta de tudo; Bill não deixaria as coisas descontrolarem-se. Ele era o mais alto, e sem dúvida o mais bonito. Richie só precisava olhar de lado para os olhos de Bev, fixos em Bill, e para mais longe, para os olhos de Ben, fixos com compreensão e tristeza no rosto de Bev, para saber disso. Bill também era o mais forte de todos, e não apenas fisicamente. Havia bastante mais do que isso, mas como Richie não conhecia a palavra *carisma* nem o significado completo da palavra *magnetismo*, só sentia que a força de Bill era profunda e podia manifestar-se de muitas formas, algumas provavelmente inesperadas. E Richie desconfiava que, se Beverly se apaixonasse por ele ou «ficasse caída por ele», ou lá como é que se dizia, Ben não sentiria ciúmes (*como sentiria, pensou Richie, se ela ficasse caída por mim*); aceitaria isso como uma coisa natural. E havia mais uma coisa: Bill era bom. Era burrice pensar uma coisa dessas (ele não a pensou exatamente; *sentiu-a*), mas ali estava. A bondade e a força pareciam irradiar de Bill. Era como um cavaleiro num filme antigo, um filme piroso mas que tinha o poder de fazer as pessoas chorar, gritar vivas e bater palmas no fim. Forte e bom. E cinco anos mais tarde, depois de as lembranças do que acontecera em Derry durante e depois daquele verão terem começado a desaparecer rapidamente, ocorreu a Richie Tozier, a meio da adolescência, que John Kennedy lhe fazia lembrar Bill Gago.

*Quem?*, responderia a sua mente.

Levantaria o olhar, ligeiramente intrigado, e abanaria a cabeça. *Um tipo que conheci*, pensaria, e deixaria de lado o desconforto com um empurrão dos óculos no nariz e voltando aos trabalhos de casa. *Um tipo que conheci há muito tempo*.

Bill Denbrough pousou as mãos nas ancas e sorriu com alegria.

— B-B-Bem, a-aquí e-e-estamos... o q-q-q-que vamos f-f-fazer?

— Tens tabaco? — perguntou Richie, esperançado.

## 11

Cinco dias depois, com junho a aproximar-se do fim, Bill disse a Richie que queria ir a Neibolt Street investigar o alpendre onde Eddie avistara o leproso.

Acabavam de chegar à casa de Richie, e Bill empurrava *Silver*. Dera boleia a Richie durante a maior parte do caminho, numa viagem excitante e veloz por Derry, mas teve o cuidado de o deixar descer a um quarteirão de casa. Se a mãe visse Bill com o filho atrás, teria um chelique.

A cesta de *Silver* estava cheia de revólveres de brincar, dois de Bill e três de Richie. Tinham passado a maior parte da tarde nos Barrens, a brincar com as armas. Beverly Marsh aparecera por volta das três com umas calças de ganga desbotadas e uma espingarda de ar comprimido *Daisy* muito velha; quando se puxava o gatilho envolto em fita adesiva, ela soltava um sopro que, para Richie, parecia alguém a sentar-se numa almofada. A especialidade de Beverly era trepar às árvores e disparar dali sobre pessoas desprevenidas. O hematoma na sua bochecha tinha passado a amarelo claro.

— O que disseste? — perguntou Richie. Estava chocado... mas também um nadinha intrigado.

— Q-q-quero dar uma o-olhadela debaixo daquele al-alpendre — respondeu Bill.

A voz era teimosa, mas ele não olhou para Richie. Havia um rubor intenso no seu rosto. Tinham chegado à frente da casa de Richie. Maggie Tozier estava no alpendre a ler um livro. Acenou-lhes.

— Olá, meninos! Querem chá gelado?

— Vamos já, mãe — disse Richie, e depois, para Bill: — Não vai haver lá nada. Ele deve ter visto um vagabundo e morreu de medo, pelo amor de Deus. Conheces o Eddie.

— Sim, c-conheço o E-E-Eddie. M-mas le-le-lembras-te da f-fotografia no á-álbum?

Richie mexeu os pés com desconforto. Bill levantou a mão direita. Os pensos rápidos tinham desaparecido, mas Richie conseguia ver os círculos das crostas nos três dedos.

— Sim, mas...

— Ou-ouve — disse Bill. Começou a falar muito devagar, sustentando o olhar de Richie. Mais uma vez, enumerou as semelhanças entre a história de Ben e a de Eddie... e estabeleceu uma ligação entre elas e o que tinham visto na foto que se mexera. Sugeriu de novo que o palhaço tinha assassinado os rapazes e raparigas encontrados mortos em Derry desde dezembro. — E t-talvez não só e-eles — concluiu Bill. — E t-t-todos os q-que de-desapareceram? E o E-E-Eddie C-C-Corcoran?

— O padrasto afugentou-o, gaita! — respondeu Richie.

— T-Talvez s-sim, t-talvez n-n-não — disse Bill. — Eu t-também o conhecia um p-pouco, e s-s-sei que o p-p-pai lhe b-b-batia. E t-também sei que ele p-p-passava n-noites fo-fora para fu-fugir d-dele.

— Nesse caso, talvez o palhaço o tenha apanhado enquanto ele estava a passar a noite fora — disse Richie, pensativo. — É isso?

Bill assentiu.

— O que queres então? Pedir-lhe um autógrafo?

— Se o pa-pa-a-lhaço matou os o-o-outros, então m-m-matou o G-Georgie — disse Bill. Encarou Richie com olhos que pareciam ardósia: duros, inflexíveis, imperdoáveis. — Q-queró m-m-matá-lo.

— Meu Deus — murmurou Richie, assustado. — Como vais fazer isso?

— O m-meu p-pai tem uma p-pistola — disse Bill. Um pouco de cuspo voou dos seus lábios, mas Richie nem reparou. — E-ele não s-sabe que eu sei, mas s-sei. Está na p-prateleira de cima do a-armário dele.

— Isso é ótimo se ele for um homem — disse Richie — e se conseguirmos encontrá-lo sentado numa pilha de ossos de crianças...

— Já servi o chá, meninos! — gritou a mãe de Richie. — É melhor virem buscá-lo!

— Já vamos, mãe! — gritou Richie de novo, esboçando um grande sorriso falso que desapareceu assim que se virou para Bill. — Porque eu não daria um tiro a um gajo só por ele estar a usar roupa de palhaço, Billy. És o meu melhor amigo, mas eu não faria isso e não te deixaria fazê-lo se pudesse impedir-te.

— E s-se re-realmente hou-houvesse uma p-pilha de o-o-ossos?

Richie passou a língua pelos lábios e não disse nada por um momento. Em seguida, perguntou a Bill:

— O que vais fazer se não for um homem, Billy? E se for algum tipo de monstro? E se existirem mesmo coisas assim? O Ben Hanscom disse que era a múmia, que os balões estavam a flutuar contra o vento e não faziam sombra. A fotografia no álbum do Georgie... ou nós imaginámos aquilo, ou foi magia, e tenho de admitir, pá, que acho que não imaginámos. Os teus dedos não imaginaram aquilo, pois não?

Bill abanou a cabeça.

— O que vamos fazer, Billy?

— Te-teremos de p-pensar no-noutra coisa.

— Ah, sim — disse Richie. — Estou mesmo a ver. Depois de lhe dares quatro ou cinco tiros e ele continuar a vir na nossa direção como o lobisomem adolescente do filme que vi com o Ben e a Bev, podes tentar usar uma fisga. E se isso não funcionar, atiro-lhe o meu pó dos espirros. E se ele continuar a vir depois disso, pedimos tempo de desconto e dizemos: «Espere aí. Isto não está a resultar, senhor Monstro. Olhe, tenho de ir pesquisar na biblioteca. Volto já. Com licença.» É isso que vais dizer, Grande Bill?

Olhou para o amigo e sentiu a cabeça a latejar cada vez mais. Parte dele queria que Bill insistisse na ideia de verificar a zona por baixo do alpendre daquela casa velha, mas outra parte queria *desesperadamente* que Bill desistisse da ideia. De alguma forma, aquilo era como entrar num daqueles filmes de terror das matinés de sábado no Aladdin, mas, de outra forma, de uma forma crucial, era bastante diferente. Porque não era seguro como um filme, onde se sabia que tudo acabaria bem e, mesmo que não acabasse, não era connosco que as coisas corriam mal. A foto no quarto de Georgie não fora como um filme. Julgara estar a esquecer-se daquilo, mas aparentemente enganara-se porque conseguia ver os cortes nos dedos de Billy. Se não tivesse puxado Bill...

Incrivelmente, Bill estava a sorrir. A *sorrir* mesmo.

— Q-querias q-que eu te levasse a v-ver a fo-fotografia — disse ele. — A-Agora q- quero le-levar-te a v-ver uma c-casa. O-Olho por olho.

— Tu és cegueta — disse Richie, e os dois desataram a rir.

— A-Amanhã de m-m-manhã — disse Bill, como se tudo estivesse decidido.

— E se for um monstro? — perguntou Richie, sustentando o olhar de Bill. — Se a arma do teu pai não o detiver, Grande Bill? Se ele continuar a aproximar-se?

— Ha-havemos de p-p-pensar em a-alguma c-coisa — disse Bill de novo. — Te-temos de p-pensar. — Inclinou a cabeça para trás e riu como um louco. Depois de um momento, Richie juntou-se a ele. Era impossível não o fazer.

Subiram o passeio até ao alpendre de Richie. Maggie tinha preparado copos enormes de chá gelado com raminhos de hortelã e um prato de bolachas de baunilha.

— Q-q-queres vir?

— Bem, não — disse Richie. — Mas vou.

Bill bateu nas costas dele com força, e isso pareceu tornar o medo suportável, embora Richie tenha tido uma certeza repentina (e não estava errado) de que o sono demoraria a chegar naquela noite.

— Parecia que estavam a ter uma conversa séria — disse a senhora Tozier, sentando-se com o livro numa mão e um copo de chá gelado na outra. Olhou para os rapazes com ar expectante.

— Ah, o Denbrough está com uma ideia maluca de que os Red Sox vão terminar na primeira divisão — disse Richie.

— E-Eu e o meu p-p-p-pai a-achamos que e-eles têm hi-hipótese de chegar ao te-terceiro lugar — disse Bill, e bebeu um gole de chá. — E-Está m-m-muito b-bom, senhora T-Tozier.

— Obrigada, Bill.

— O ano em que os Sox forem às finais será o ano em que deixarás de gaguejar, língua de trapos — disse Richie.

— *Richie!* — exclamou a senhora Tozier, chocada. Quase deixou cair o copo de chá gelado.

Mas tanto Richie como Bill Denbrough começaram a rir histericamente, sem parar. Ela olhou para o filho, para Bill e de novo para o filho, tomada de um espanto que era essencialmente perplexidade, mas também um medo

tão delicado e pungente que penetrou no seu coração e vibrou ali como um diapasão feito de gelo.

*Não compreendo nenhum deles, pensou. Para onde vão, o que fazem, o que querem... ou o que irão tornar-se. Às vezes, ah, às vezes têm olhos selvagens, e às vezes tenho medo por eles, e às vezes tenho medo deles...*

Deu por si a pensar, não pela primeira vez, que seria bom se ela e Went tivessem tido também uma menina, uma bonita menina loura a que ela poderia ter vestido saias e lacinhos a condizer e sapatos de couro preto aos domingos. Uma menina bonita que pediria para fazer *cupcakes* depois das aulas e que quereria bonecas em vez de livros sobre ventriloquismo e miniaturas de carros rápidos.

Uma menina que pudesse compreender.

## 12

— Trouxeste-a? — perguntou Richie, ansioso.

Levavam as bicicletas pela mão Kansas Street acima, ao lado dos Barrens, às dez da manhã seguinte. O céu estava cinzento. Havia chuva prevista para aquela tarde. Richie só conseguira adormecer depois de meia-noite e achava que Denbrough também parecia ter tido uma noite insone; o velho Grande Bill carregava uma mala *Samsonite* debaixo de cada olho.

— S-sim — respondeu Bill. Bateu no casaco verde que vestia.

— Deixa-me ver — pediu Richie, fascinado.

— Agora, não — declarou Bill, e depois sorriu. — A-Alguém pode ver. Mas o-o-olha o que t-trouxe tam-também. — Levou a mão às costas por baixo do casaco e tirou a fisga *Bullseye* do bolso de trás.

— Oh, merda, estamos em apuros — disse Richie, começando a rir. Bill fingiu estar magoado.



— A ideia f-f-foi t-tua, T-T-Tozier.

Bill recebera a fisga de alumínio personalizada no aniversário do ano anterior. Fora o compromisso de Zack entre a arma de calibre .22 que Bill queria e a recusa perentória da mãe em sequer pensar em dar uma arma de fogo a um rapaz da idade de Bill. O folheto com as instruções dizia que uma fisga podia ser uma boa arma de caça assim que se aprendia a usá-la. «Nas mãos certas, a sua fisga *Bullseye* é tão mortífera e eficiente como um arco de freixo ou uma arma de fogo», proclamava o folheto. Com tais virtudes devidamente exaltadas, o folheto prosseguia anunciando que uma fisga podia ser perigosa; o dono não devia apontar a ninguém uma das vinte bolinhas de metal que vinham com ela, tal como não devia apontar um revólver carregado.

Bill ainda não a manejava muito bem (e no fundo desconfiava que nunca manejaria), mas achava que o aviso do folheto era apropriado; o elástico grosso da fisga era forte, e quando acertava numa lata de alumínio, fazia um buraco enorme.

— Melhoraste com a fisga, Grande Bill? — perguntou Richie.

— Um p-p-pouco — disse Bill. Era verdade apenas em parte. Depois de muito estudar as imagens no folheto (que se chamavam figs, fig 1, fig 2 e assim por diante) e de treinar bastante no Parque Derry a ponto de cansar o braço, conseguira atingir o alvo de papel que também viera com a fisga talvez três em cada dez vezes. E uma vez acertara em cheio. Quase.

Richie puxou o elástico pela parte de trás, fê-lo vibrar e devolveu a fisga. Não disse nada, mas no seu íntimo duvidou que valesse o mesmo que a arma de Zack Denbrough no que tocava a matar monstros.

— Sim? Trouxeste a tua fisga, certo, grande coisa. Isso não é nada. Olha o que *eu* trouxe, Denbrough.

E de dentro do casaco tirou uma caixa com o desenho de um careca a dizer A-TCHIM! com as bochechas inchadas como as de Dizzy Gillespie. PÓ

DE ESPIRROS DO DR. WACKY, dizia a caixa. FORMIDÁVEL!

Os dois olharam-se durante bastante tempo e desmancharam-se a rir, batendo nas costas um do outro.

— E-e-estamos pr-preparados para q-qualquer coisa — disse Bill por fim, ainda a rir-se e a secar os olhos com a manga do casaco.

— Todos por todos e um por um, Bill Gago — disse Richie.

— Pen-pensei e-era o c-c-contrário — disse Bill. — Agora ouve. V-vamos g-guardar a t-tua bi-bi-bicicleta nos B-Barrens. O-onde d-deixo a *Silver* quando brincamos. V-virás na baga-bagageira no c-caso de termos de fu-fugir de-depressa.

Richie assentiu, não sentindo necessidade de discutir. A pequena bicicleta *Raleigh* (às vezes ele batia com os joelhos no guiador quando pedalava depressa) parecia um pigmeu ao lado da enormidade que era *Silver*. Sabia que Bill era mais forte e *Silver* mais rápida.

Chegaram à pequena ponte e Bill ajudou Richie a guardar a bicicleta lá em baixo. Em seguida, sentaram-se e, com o ocasional tremor do trânsito a passar por cima das suas cabeças, Bill abriu o casaco e pegou na arma do pai.

— T-tem m-muito c-c-cuidado — disse Bill, entregando-a depois de Richie assobiar a sua aprovação. — N-Não tem p-patilha de s-se-segurança.

— Está carregada? — perguntou Richie, impressionado. A pistola, uma *Walther PPK* que Zack Denbrough trouxera da guerra, parecia incrivelmente pesada.

— A-ainda n-não — disse Bill. Bateu no bolso. — T-t-tenho umas b-b-ba-balas a-aqui. Mas o meu p-p-pai di-diz que às v-vezes o-olhamos e então, s-se a a-a-a-arma a-acha q-que não estás a t-ter c-cuidado, c-c-carrega-se s-sozinha. P-para poder dis-disparar contra ti. — O rosto dele formou um sorriso estranho enquanto falava, um sorriso que dizia que, embora não acreditasse numa coisa tão idiota, também acreditava piamente.

Richie entendia. Havia uma mortalidade no objeto que ele nunca sentira na .22 do pai, nem na 30-30, nem na caçadeira (embora houvesse alguma coisa na caçadeira, não? Alguma coisa na forma como se inclinava, muda e lubrificada, a um canto do armário da garagem; como se dissesse, caso pudesse falar: «Eu podia ser má se quisesse; muito má, acredita»). Mas aquela pistola, aquela *Walther*... era como se tivesse sido feita com o propósito claro de disparar sobre pessoas. Com um arrepio, Richie percebeu que era esse o motivo do seu fabrico. Que outra coisa se podia fazer com uma pistola? Usá-la para acender os cigarros?

Virou o cano na sua direção, tendo o cuidado de manter as mãos longe do gatilho. Uma olhadela para o olho preto sem pálpebra da *Walther* fê-lo entender perfeitamente o sorriso peculiar de Bill. Lembrou-se de o pai dizer: *Se te lembrares de que não existem armas descarregadas, não vais ter problemas com armas de fogo durante o resto da vida, Richie*. Devolveu a pistola a Bill, feliz por se livrar dela.

Bill guardou-a de novo dentro do casaco. De repente, a casa em Neibolt Street pareceu menos assustadora a Richie... mas a possibilidade de poder derramar-se sangue pareceu bastante mais forte.

Olhou para Bill, talvez tencionando pedir-lhe de novo que reconsiderasse, mas viu a cara do amigo e leu a sua expressão.

— Pronto? — limitou-se a perguntar.

Para não variar, quando Bill por fim levantou o segundo pé do chão, Richie teve a certeza de que iriam cair e rachar o crânio no cimento duro. A bicicleta enorme bamboleou loucamente de um lado para o outro. As cartas presas nos raios pararam de dar tiros individuais e começaram a disparar

como uma metralhadora. O bambolear bêbedo da bicicleta ficou mais pronunciado. Richie fechou os olhos e esperou o inevitável.

— *Hai-oh, Silver, vamoos!* — gritou então Bill.

A bicicleta ganhou velocidade e o balanço enjoativo de um lado para o outro parou. Richie deixou de apertar a cintura de Bill e agarrou-se à frente da bagageira acima da roda de trás. Bill atravessou Kansas Street inclinado, disparou pelas ruas laterais em ritmo ainda mais rápido e seguiu para a Witcham como se a descer estratos geológicos. Abandonaram Strapham Street e entraram na Witcham a uma velocidade assombrosa. Bill quase fez *Silver* deitar-se e gritou «*Hai-oh, Silver!*» de novo.

— Vá, Grande Bill — gritou Richie, tão apavorado que estava praticamente a sujar as calças, mas ao mesmo tempo a rir que nem um louco. — Põe-te em *pé* nela!

Bill ajustou a ação à palavra, pôs-se em pé e inclinou-se por cima do guiador, pedalando a ritmo alucinado. Ao olhar para as costas de Bill, que eram incrivelmente largas para um rapaz de onze, quase doze anos, vendo-as mover-se por baixo do casaco, com os ombros a inclinarem-se primeiro para um lado e depois para o outro enquanto ele mudava o peso entre os pedais, Richie teve de repente a certeza de que eles eram invencíveis... que viveriam para todo o sempre. Bem... talvez não eles, mas Bill, sim. Bill não fazia ideia de como era forte, de como era de alguma forma seguro e perfeito.

Deslizaram rapidamente, e as casas começaram a rarear e as ruas cruzaram a Witcham a intervalos mais longos.

— *Hai-oh, Silver!* — gritou Bill, e Richie gritou com a sua Voz de Negro Jim, alta e aguda:

— *Hai-oh, Silva, sinhô! Sabe mêmoo montar nos bicicleta! Meu Deus do céu! Silva VAMOOOS!*

Estavam a passar por campos verdes que pareciam achatados e sem profundidade sob o céu cinzento. Richie conseguia ver a velha estação de comboios ao longe. À direita, havia vários barracões de chapa ondulada. *Silver* passou por cima de uma via-férrea, depois de outra.

E ali estava Neibolt Street, a surgir à direita. PÁTIO DE MANOBRAS DE DERRY, dizia uma placa azul sob outra da rua. Estava enferrujada e torta. Abaixo dela havia uma placa maior, de fundo amarelo e letras pretas. Parecia um comentário sobre o próprio pátio de manobras: BECO SEM SAÍDA, dizia.

Bill entrou em Neibolt Street, aproximou-se do passeio e pousou o pé no chão.

— Agora vamos a p-pé.

Richie levantou-se, com um misto de alívio e pesar.

— Tudo bem.

Avançaram pelo passeio rachado e cheio de ervas daninhas. À frente, no pátio de manobras, uma locomotiva a gasóleo acelerou lentamente, parou e recomeçou. Uma ou duas vezes ouviram a melodia metálica dos acoplamentos.

— Estás com medo? — perguntou Richie a Bill.

Bill, empurrando *Silver* pelo guiador, olhou para Richie brevemente e assentiu.

— S-Sim. Tu?

— Sem dúvida.

Bill contou a Richie que interrogara o pai sobre Neibolt Street na noite anterior. O pai disse que muitos funcionários dos comboios tinham vivido ali até ao final da Segunda Guerra Mundial: engenheiros, maquinistas, sinaleiros, carregadores. A rua entrara em declínio juntamente com os comboios, e à medida que Bill e Richie avançavam por ela, as casas ficavam mais separadas, mais velhas, mais sujas. As últimas três ou quatro

dos dois lados estavam vazias e entaipadas, com os jardins cheios de erva. Uma placa de VENDE-SE balançava desamparada num dos alpendres. Para Richie, a placa parecia ter mil anos de idade. O passeio acabou, e andavam por um carreiro de terra batida em que cresciam algumas ervas daninhas sem muita convicção.

Bill parou e apontou.

— A-ali está — disse baixinho.

O número 29 de Neibolt Street fora em tempos uma casa elegante no estilo de Cape Cod. Talvez vivesse ali um engenheiro, pensou Richie, um solteirão que só usava calças de ganga e daquelas luvas com punhos rígidos e quatro ou cinco bonés, um tipo que iria a casa uma ou duas vezes por mês por períodos de três ou quatro dias e ouviria rádio enquanto cuidava do jardim; um tipo que comeria basicamente coisas fritas (e nada de legumes, apesar de os cultivar para os amigos) e que, em noites de vento, pensaria na Rapariga que Deixara para Trás.

A tinta vermelha tinha desbotado até ficar um cor-de-rosa deslavado que estava a descascar em bocados feios que pareciam feridas. As janelas eram olhos cegos entaipados. A maior parte das telhas tinha caído. Ervas daninhas cresciam de forma desenfreada dos dois lados da casa, e o relvado estava coberto com a primeira leva de dentes-de-leão da época. À esquerda, uma cerca alta, talvez no passado branca mas agora de um tom cinzento que era quase igual ao céu baixo, aparecia esporadicamente entre a vegetação densa. A meio caminho dessa cerca, Richie conseguia ver uma zona enorme de girassóis. Os mais altos pareciam superar o metro e meio. Tinham uma aparência inchada e feia que não lhe agradou. Uma brisa fê-los balançar e eles pareceram assentir juntos: «Os rapazes chegaram, que bom. Mais rapazes. Os nossos rapazes.» Richie estremeceu.

Enquanto Bill encostava *Silver* com cuidado a um ulmeiro, Richie observou a casa. Viu uma roda na relva alta perto do alpendre e indicou-a a

Bill. Bill assentiu; era o triciclo virado que Eddie mencionara.

Olharam para um lado e para o outro de Neibolt Street. O som do motor a gásóleo aumentou e diminuiu, depois recomeçou. Pareceu ficar a pairar no ar. A rua estava completamente deserta. Richie ouvia de vez em quando um carro a passar na Route 2, mas não conseguia vê-los.

O barulho do motor a gásóleo aumentou e diminuiu, aumentou e diminuiu.

Os enormes girassóis assentiram juntos com sabedoria. «Rapazes frescos. Bons rapazes. Os nossos rapazes.»

— E-e-estás p-pronto? — perguntou Bill, e Richie deu um salto.

— Sabes, estava a pensar que a última leva de livros que requisitei na biblioteca tem de ser entregue hoje — disse Richie. — Acho que devo...

— D-deixa-te de tre-tretas, R-R-Richie. E-estás pronto ou n-n-não?

— Acho que sim — respondeu Richie, sabendo que não estava nada pronto, que *nunca* estaria pronto para aquela situação.

Atravessaram o relvado cheio de vegetação até ao alpendre.

— O-olha a-a-ali — disse Bill.

Na extremidade do lado esquerdo, a grade de ripas entrelaçadas do alpendre estava forçada para fora na direção dos arbustos. Os dois rapazes conseguiam ver os pregos enferrujados que se tinham soltado. Havia ali roseiras velhas, e apesar de as rosas à direita e à esquerda do bocado solto da treliça estarem a florescer de forma aleatória, as que estavam à volta e em frente encontravam-se murchas e mortas.

Bill e Richie entreolharam-se com uma expressão soturna. Tudo o que Eddie dissera parecia verdade; sete semanas depois, as provas ainda ali permaneciam.

— Não queres mesmo ir lá abaixo, pois não? — perguntou Richie. Estava quase a implorar.

— N-n-não — disse Bill —, m-mas v-vou.

Com um aperto no coração, Richie viu que ele falava a sério. Aquela luz cinzenta estava de volta aos olhos de Bill, a brilhar com firmeza. Havia uma ansiedade pétrea nas linhas do rosto dele que o fazia parecer mais velho. Richie pensou: *Acho que ele pretende mesmo matar o monstro se ainda lá estiver. Matar e quem sabe cortar-lhe a cabeça, levá-la ao pai e dizer «Olha, foi isto que matou o Georgie, podes voltar a falar comigo à noite, quem sabe só contar-me como foi o teu dia, ou quem perdeu quando tiraram cara ou coroa para decidir quem ia pagar o pequeno-almoço.»*

— Bill — disse ele, mas Bill já ali não estava. Seguia em direção ao lado direito do alpendre, onde Eddie devia ter entrado a rastejar. Richie teve de correr e por um triz não tropeçou no triciclo no meio das ervas, a enferrujar aos poucos no chão.

Alcançou Bill quando ele se agachou e olhou para baixo do alpendre. Não havia cerca daquele lado; alguém, algum vagabundo, a arrancara muito antes para ter acesso ao abrigo ali em baixo, para fugir da neve de janeiro ou da chuva fria de novembro ou de uma tempestade de verão.

Agachou-se ao lado dele, com o coração a galopar. Não havia nada debaixo do alpendre, além de montes de folhas podres, jornais amarelados e sombras. Demasiadas sombras.

— Bill — repetiu ele.

— O q-q-quê?

Tinha de novo na mão a *Walther* do pai. Retirou o carregador e tirou quatro munições do bolso das calças. Enfiou uma de cada vez. Richie observou-o fascinado, depois olhou de novo para baixo do alpendre. Dessa vez, viu outra coisa. Vidro partido. Bocados reluzentes de vidro estilhaçado. A sua barriga contraiu-se dolorosamente. Não era burro, e percebeu que aquilo confirmava a história de Eddie. Estilhaços de vidro nas folhas podres debaixo do alpendre significavam que a janela tinha sido estilhaçada a partir de dentro. Da cave.



— O q-quê? — perguntou Bill de novo, olhando para Richie. O seu rosto estava sério e pálido. Ao olhar para aquele rosto determinado, Richie desistiu.

— Nada — disse ele.

— V-vens?

— Vou.

Rastejaram para baixo do alpendre.

O cheiro a folhas em decomposição era um cheiro do qual Richie costumava gostar, mas não havia nada de agradável no fedor ali em baixo. As folhas pareciam esponjosas sob as suas mãos e joelhos, e ele teve a impressão de que podiam ter meio metro de altura no mínimo. Perguntou-se de repente o que faria se uma mão ou uma garra surgisse no meio daquelas folhas e o agarrasse.

Bill estava a examinar a janela partida. Havia vidro por todo o lado. A vareta de madeira que ficara entre as vidraças estava partida ao meio sob os degraus do alpendre. A parte de cima da moldura da janela projetava-se como um osso partido.

— Alguma coisa bateu aqui com força — murmurou Richie.

Bill, a olhar para dentro, ou pelo menos a tentar, assentiu.

Richie empurrou-o com o cotovelo para também poder olhar. A cave era uma confusão escura de grades de madeira e caixas. O chão era de terra e, como as folhas, emanava um aroma húmido. Havia uma caldeira à esquerda, com canos redondos que iam até ao teto baixo. Atrás dela, ao fundo da cave, Richie conseguiu ver uma cabina grande com paredes de madeira. O seu primeiro pensamento foi que era uma baia, mas quem guardava cavalos numa cave? Depois percebeu que numa casa velha como aquela, a caldeira devia usar carvão em vez de óleo. Ninguém se dera ao trabalho de converter a caldeira porque ninguém queria a casa. Aquela coisa

com paredes era um depósito de carvão. Mais à direita, Richie conseguia ver um lanço de escadas a subir para o rés do chão.

Bill estava a sentar-se... a inclinar-se para a frente... e antes que Richie conseguisse acreditar no que ele estava a fazer, as pernas do amigo desapareceram na janela.

— Bill! Pelamordedeus! — sibilou ele. — O que estás a *fazer*? Sai daí!

Bill não respondeu. Deslizou pelo buraco, fazendo subir o casaco pelas costas e não raspou por pouco num vidro que lhe teria feito um lenho feio. Um segundo depois, Richie ouviu os ténis dele baterem na terra dura lá dentro.

— Merda de ideia — murmurou Richie freneticamente para si mesmo, olhando para o quadrado de escuridão no qual o amigo desaparecera. — Bill, perdeste a *cabeça*?

A voz de Bill veio lá de dentro:

— P-po-podes ficar aí em c-cima se q-quiseres, R-R-Richie. Mantém-te de sen-sentinela.

O que ele fez foi rolar sobre a barriga e enfiar as pernas pela janela da cave antes que o medo pudesse tomar conta dele, esperando não cortar as mãos nem a barriga nos vidros partidos.

Alguma coisa lhe agarrou as pernas. Richie gritou.

— S-s-sou s-s-só e-eu — sussurrou Bill, e um momento depois Richie estava de pé ao lado dele na cave, a ajeitar a camisa e o casaco. — Q-quem pen-pensaste que e-era?

— O homem do saco — disse Richie, e soltou uma gargalhada trémula.

— V-vais p-por a-ali e e-e-eu v-v-v...

— Foda-se isso — disse Richie. Conseguia ouvir o bater do coração na voz, fazendo-a parecer trémula e irregular, primeiro aguda e depois grave. — Vou ficar contigo, Grande Bill.

Seguiram primeiro em direção ao depósito de carvão, Bill um pouco à frente com a arma empunhada, Richie logo atrás, tentando olhar para todos os lados ao mesmo tempo. Bill parou ao lado de uma das paredes do depósito de carvão por um momento, depois deu um salto de repente, apontando a arma com as duas mãos. Richie fechou bem os olhos e preparou-se para a detonação. Ela não aconteceu. Abriu os olhos de novo com cuidado.

— C-carvão, mais na-nada — disse Bill, e riu com nervosismo.

Richie aproximou-se de Bill e olhou. Ainda havia um resto de carvão velho lá dentro, amontoado quase até ao teto no fundo do depósito e descendo até aos pés deles. Era preto como as asas de um corvo.

— Vamos... — começou Richie, e então a porta no alto da escada da cave abriu-se com força contra a parede, provocando um estrondo enorme e espalhando a luz mortiça do dia pela escada.

Os dois rapazes gritaram.

Richie ouviu rosnados. Eram bastante altos, os sons que um animal selvagem numa jaula poderia fazer. Viu sapatos a descer os degraus. Calças de ganga desbotadas acima deles, mãos a balançar...

Mas não eram mãos... eram patas. Enormes, deformadas.

— S-s-sobe para o c-c-carvão! — gritou Bill, mas Richie estava paralisado por saber de repente o que vinha atrás deles, o que ia matá-los naquela cave com fedor a terra húmida e vinho barato entornado nos cantos. Sabia, mas precisava de ver. — Há uma j-j-janela no ci-cimo do c-carvão!

As patas estavam cobertas de pelos castanhos densos que se encaracolavam como arame; os dedos tinham unhas irregulares nas pontas. A seguir, Richie viu um blusão de cetim. Era preto com viés laranja, as cores da Derry High School.

— V-v-vai! — gritou Bill, e deu um empurrão gigantesco em Richie. Este caiu esparramado no carvão. Algumas pontas afiadas magoaram-no,

fazendo-o acordar do transe. Mais carvão caiu sobre as suas mãos. O rosnado louco prosseguiu.

O pânico tomou conta da mente de Richie.

Mal se apercebendo do que estava a fazer, trepou pela montanha de carvão, progredindo, escorregando, subindo de novo, sempre aos gritos. A janela lá em cima estava manchada de preto e não deixava entrar luz nenhuma. Encontrava-se trancada. Richie pegou na tranca, que era daquelas que girava, e lançou todo o seu peso contra ela. A tranca nem se mexeu. O rosnado estava mais próximo.

A arma disparou abaixo dele, e o som foi ensurdecedor no espaço fechado. Fumo intenso e acre fez arder o nariz de Richie. Isso provocou um choque que o trouxe de volta à realidade, e percebeu que estava a tentar girar a tranca para o lado errado. Mudou a direção da força que estava a aplicar e a tranca cedeu com um gemido enferrujado. Pó de carvão cobriu as suas mãos como pimenta.

A arma soou de novo com um segundo estrondo ensurdecedor. Bill Denbrough gritou:

— MATASTE O MEU IRMÃO, CABRÃO!

Por um momento, a criatura que tinha descido a escada pareceu rir, pareceu falar. Era como se um cão cruel tivesse começado a latir de repente palavras desconexas e, por um momento, Richie pensou que a coisa do blusão da escola secundária tinha rosnado «Também te vou matar».

— *Richie!* — gritou Bill, e Richie ouviu carvão a deslizar à medida que Bill se esforçava por subir. Os roncos e rugidos prosseguiram. Ouviu-se madeira a partir. Houve uma mistura de latidos e uivos, sons de um pesadelo terrível.

Sem se importar com a possibilidade de o vidro se partir e lhe cortar as mãos às tiras, Richie deu um empurrão na janela. Já estava para lá de se importar com qualquer coisa. Ela não se partiu; abriu para fora com a

dobradiça de aço coberta de ferrugem. Mais pó de carvão voou, desta vez para o rosto de Richie. Ele saiu para o pátio lateral como uma enguia, sentindo o cheiro doce do ar fresco, sentindo a erva alta bater-lhe no rosto. Não reparou que estava a chover. Conseguia ver os caules altos dos enormes girassóis, verdes e aveludados.

A *Walther* foi disparada uma terceira vez, e a fera na cave gritou, um som primitivo de pura fúria. E então, Bill gritou:

— Ele ag-agarrou-me, Richie! Socorro! Ele ag-ag-agarrou-me!

Richie virou-se de gatas e viu o círculo apavorado do rosto do amigo no quadrado da janela da cave pela qual uma quantidade de carvão suficiente para todo o inverno fora atirada a cada mês de outubro.

Bill estava deitado no carvão. As suas mãos agitavam-se e procuravam em vão a moldura da janela, que estava fora do alcance. A camisa e o casaco tinham subido até ao peito. E ele deslizava para trás... não, estava a ser *puxado* para trás por alguma coisa que Richie mal conseguia ver. Era uma sombra enorme em movimento atrás de Bill. Uma sombra que rosnava e murmurava e parecia humana.

Richie não precisava de a ver. Vira-a no sábado anterior, no ecrã do cinema *Aladdin*. Era uma loucura, uma loucura total, mas mesmo assim nunca ocorreu a Richie duvidar da sua própria sanidade nem da sua conclusão.

O lobisomem adolescente tinha agarrado Bill Denbrough. Só que não era Michael Landon com muita maquilhagem e bastantes pelos falsos. Era real.

Como que para provar isso, Bill gritou de novo.

Richie esticou-se e agarrou nas mãos de Bill. A pistola *Walther* estava numa delas e, pela segunda vez naquele dia, Richie olhou para o seu olho negro... só que desta vez ela estava carregada.

Lutaram por Bill, Richie a puxar pelas mãos, o lobisomem pelos tornozelos.

— S-s-sai daqui, Richie! — gritou Bill. — S-sai...

O rosto do lobisomem saiu de repente da escuridão. A testa era baixa e saliente, coberta de pelos esparsos. Tinha as faces encovadas e peludas. Os olhos eram castanho-escuros, tomados de uma inteligência horrível. A boca abriu-se e ele começou a rosnar. Uma espuma branca escorreu pelos cantos do lábio inferior em dois fios que pingaram do queixo. O cabelo estava puxado para trás numa paródia hedionda de um penteado adolescente. Lançou a cabeça para trás e rugiu, sem tirar os olhos de Richie.

Bill esforçou-se por subir pelo carvão. Richie segurou-lhe os antebraços e puxou. Por um momento, julgou que venceria. Mas então o lobisomem voltou a agarrar as pernas de Bill e ele foi puxado para trás, de novo em direção às trevas. Era mais forte. Agarrara Bill e pretendia ficar com ele.

Sem pensar no que estava a fazer nem porquê, Richie ouviu a Voz do Bófia Irlandês a sair-lhe da boca, a voz do senhor Nell. Mas não era Richie Tozier a fazer uma imitação má; nem era exatamente o senhor Nell. Era a Voz de todos os bófias irlandeses que já tinham vivido, feito giros e brandido um cassetete ao testar portas de lojas fechadas depois da meia-noite:

— *Solta-o, rapazola, senão racho-te a mona! Juro por Deus! Solta-o senão vou servir o teu traseiro numa bandeja!*

A criatura na cave soltou um rugido de ira de furar os tímpanos... mas pareceu a Richie que havia uma outra emoção nesse grito. Talvez medo. Ou dor.

Deu outro puxão forte, e Bill saiu a voar pela janela e caiu na erva. Olhou para Richie com olhos sombrios e apavorados. A parte da frente do casaco estava manchada de preto devido ao pó de carvão.

— De-de-depressa! — ofegou Bill. Estava praticamente a gemer. Agarrou na camisa de Richie. — T-t-temos...

Richie conseguia ouvir o carvão a deslizar de novo. Um momento depois, a cara do lobisomem ocupou a janela da cave. Rosnou-lhes. As patas agarraram na erva.

Bill ainda tinha a *Walther*, nunca a largara. Segurou-a com as duas mãos, semicerrou os olhos e premiu o gatilho. Houve outro estrondo ensurdecedor. Richie viu um bocado do crânio do Lobisomem soltar-se e uma torrente de sangue escorrer pelo lado do seu rosto, molhando o pelo e a gola do blusão.

Rugindo, começou a sair pela janela.

Com movimentos lentos, sonhadores, Richie enfiou a mão dentro do casaco até ao bolso de trás das calças. Tirou o envelope com o desenho do homem a espirrar. Abriu-o enquanto a criatura ensanguentada que rugia saía pela janela à viva força, enterrando as garras na terra. Richie abriu o pacote e apertou-o.

— Volta para o teu lugar, rapazola! — ordenou ele com a Voz do Bófia Irlandês.

Uma nuvem branca voou para a cara do Lobisomem. Os rugidos pararam de repente. Olhou para Richie com surpresa quase cómica e fez um som engasgado. Os olhos, vermelhos e lacrimejantes, viraram-se na direção do rapaz e pareceram marcá-lo para todo o sempre.

E então, começou a espirrar.

Espirrou sem parar. Fios de saliva voavam do seu focinho. Bocados verde-enegrecidos de ranho jorraram-lhe das narinas. Um deles caiu na pele de Richie e queimou como ácido. Ele limpou-o com um grito de dor e nojo.

Ainda havia fúria naquele focinho, mas também havia dor. Era inconfundível. Bill podia tê-lo ferido com a pistola do pai, mas Richie

ferira-o mais... primeiro com a Voz do Bófia Irlandês, depois com o pó de espirros.

*Meu Deus, se eu também tivesse pó de comichão e quem sabe um aparelho de choque, poderia matá-lo*, pensou Richie, e então Bill agarrou-o pela gola do casaco e puxou-o para trás.

Ainda bem que ele fez isso. O lobisomem parou de espirrar tão depressa como começara e lançou-se a Richie. E foi rápido, incrivelmente rápido.

Richie podia ter ficado ali com o envelope vazio de pó de espirros do Dr. Wacky na mão, a olhar para o lobisomem entre o espantado e o drogado, reparando como o seu pelo era castanho, como o seu sangue era vermelho, que nada era a preto-e-branco na vida real. Podia ter ficado ali até as patas dele se fecharem em volta do seu pescoço e as suas longas unhas lhe arrancarem a garganta, mas Bill puxou-o de novo e fê-lo levantar-se.

Richie cambaleou atrás dele. Correram até à frente da casa, e Richie pensou: *Ele não vai atrever-se a perseguir-nos mais, estamos na rua, ele não vai atrever-se a perseguir-nos, não vai atrever-se, não vai atrever-se...*

Mas o lobisomem continuava na peugada deles. Richie conseguia ouvi-lo mesmo atrás de si, a murmurar, a rosnar e a babar-se.

Ali estava *Silver*, ainda encostada à árvore. Bill saltou para o selim e atirou a pistola do pai para a cesta da frente, onde já tinham carregado tantas armas de brinquedo. Richie lançou um olhar para trás ao correr para a bagageira e viu o lobisomem a atravessar o relvado na direção deles, a menos de seis metros de distância. Sangue e baba misturavam-se no blusão. Um osso branco brilhava no ferimento na têmpora direita. Havia manchas brancas de pó de espirro no nariz dele. E Richie viu duas outras coisas que pareceram completar o horror. Não havia fecho de correr no blusão da coisa; em vez disso, havia grandes botões fofos cor de laranja, como pompons. A outra coisa era pior. Foi a outra coisa que o fez achar que ia



desmaiar, ou apenas desistir e deixar que a coisa o matasse. Havia um nome bordado no blusão com linha dourada, o tipo de coisa que qualquer pessoa podia mandar fazer por um dólar no Machen se quisesse.

Bordadas no peito esquerdo ensanguentado do blusão do Lobisomem, manchadas, mas legíveis, estavam as palavras RICHIE TOZIER.

A coisa lançou-se sobre eles.

— *Vai, Bill!* — gritou Richie.

*Silver* começou a mover-se, mas devagar, demasiado devagar. Bill levava tanto tempo a ganhar embalagem...

O lobisomem atravessou o carreiro no momento em que Bill pedalou para o meio de Neibolt Street. Tinha sangue nas calças desbotadas e, ao olhar para trás por cima do ombro, tomado de um fascínio terrível e firme que parecia hipnose, Richie viu que as costuras das calças estavam a abrir-se em alguns pontos e tufo de pelos castanhos tinham aparecido.

A *Silver* balançava loucamente de um lado para o outro. Bill estava de pé, segurando o guiador da bicicleta por baixo, com a cabeça virada para o céu nublado e os tendões a destacarem-se no pescoço. E as cartas ainda estavam a fazer disparos individuais.

Uma pata raspou em Richie. Ele gritou muito aflito e encolheu-se. O lobisomem rosou e sorriu. Estava suficientemente perto para Richie conseguir ver as córneas amareladas dos seus olhos, sentir o fedor a carne doce e podre no seu hálito. Os dentes eram presas tortas.

Richie gritou de novo quando o monstro o atacou com a pata. Tinha a certeza de que ia arrancar-lhe a cabeça, mas a pata passou diante dele, falhando o alvo por uns três centímetros. A força do movimento fez o cabelo suado de Richie voar da testa.

— *Hai-oh, Silver vamoos!* — gritou Bill a plenos pulmões.

Chegara ao cimo de uma colina baixa. A inclinação não era muito grande, mas foi suficiente para dar impulso a *Silver*. As cartas ganharam

velocidade e começaram a zumbir. Bill pedalava loucamente. *Silver* parou de balançar e desceu a direito por Neibolt Street em direção à Route 2.

*Graças a Deus, graças a Deus, graças a Deus*, pensou Richie com incoerência. *Graças...*

O lobisomem rugiu de novo — *oh meu Deus, parece estar mesmo ao meu lado* — e Richie ficou sem ar quando a camisa e o casaco foram puxados contra a sua traqueia. Fez um som estrangulado e conseguiu agarrar a cintura de Bill imediatamente antes de ser arrancado da bicicleta. Bill foi puxado para trás, mas segurou-se ao guidador de *Silver*. Por um momento, Richie achou que a grande bicicleta simplesmente faria um mortal e lançaria os dois ao chão. Então o seu casaco, que estava pronto para deitar fora de qualquer forma, rasgou-se nas costas com um som alto que pareceu um grande peido. Richie conseguiu respirar de novo.

Virou a cabeça e olhou diretamente para aqueles olhos opacos e assassinos.

— *Bill!* — Tentara gritar, mas a palavra não tinha força, não tinha som.

Bill pareceu ouvi-lo mesmo assim. Pedalou com mais força, mais do que em qualquer outra ocasião da sua vida. As suas entranhas pareceram inflar, soltar-se. Conseguia sentir o gosto acobreado do sangue no fundo da garganta. Os seus globos oculares estavam salientes nas órbitas. A boca escancarada, a absorver o ar. E uma sensação louca e irresistível de euforia apoderou-se dele, uma coisa que era selvagem e livre e apenas dele. Um desejo. Pôs-se em pé nos pedais; seduziu-os; castigou-os.

*Silver* continuou a ganhar velocidade. Começava a sentir a rua, começava a voar. Bill conseguia senti-la ir.

— *Hai-oh, Silver!* — gritou ele de novo. — *Hai-oh, Silver, vamoos!*

Richie ouvia o baque de sapatos na estrada. Virou-se. A pata do lobisomem bateu-lhe acima dos olhos dele com força atordoante, e por um momento Richie achou que a parte de cima do seu crânio tinha sido

arrancada. As coisas de repente pareceram embotadas, pouco importantes. Os sons iam e vinham. As cores desapareceram do mundo. Ele virou-se de novo, agarrando-se desesperadamente a Bill. O sangue quente escorria para o seu olho direito e ardia.

A pata atacou de novo e, daquela vez, acertou no para-choques de trás. Richie sentiu a bicicleta balançar loucamente, prestes a virar-se por um momento, mas por fim a endireitar-se. Bill gritou outra vez *Hai-oh*, Silver, *vamooos!*, mas isso também soou distante, como um eco ouvido antes de desaparecer.

Richie fechou os olhos, agarrou-se a Bill e esperou pelo fim.

## 14

Bill também ouvira os passos e percebera que o palhaço ainda não tinha desistido, mas não se atreveu a virar-se para olhar. Saberria se o monstro os alcançasse e os lançasse ao chão. Era tudo o que precisava realmente de saber.

*Vamos, rapaz, pensou ele. Dá-me tudo! Tudo o que conseguires! Vamos, Silver! Vamos!*

Assim, mais uma vez Bill Denbrough viu-se a correr para vencer o diabo, só que agora o diabo era um palhaço sorridente horroroso, cujo rosto suava tinta branca oleosa, cuja boca se curvava num sorriso vermelho vampiresco e predador, cujos olhos eram moedas prateadas brilhantes. Um palhaço que, por algum motivo louco, usava um blusão da Derry High School por cima da roupa prateada com gola laranja e botões em forma de pompons cor de laranja.

*Vamos, rapaz, vamos... Silver, o que me dizes?*

Neibolt Street transformara-se numa mancha. *Silver* começava a zunir. Os passos estariam mesmo um pouco mais distantes? Ainda não ousava virar-se para olhar. Richie estava agarrado a ele com toda a força, estava a dificultar-lhe a respiração, e Bill queria mandar Richie afrouxar o aperto, mas também não se atrevia a perder fôlego com isso.

Um pouco à frente, como um belo sonho, estava o sinal de STOP que marcava o cruzamento de Neibolt Street com a Route 2. Carros passavam de um lado para o outro na Witcham. No seu estado de terror exausto, aquilo pareceu um milagre aos olhos de Bill.

Nesse momento, como teria de travar dali a pouco (ou fazer alguma coisa *muito* criativa), arriscou uma olhadela por cima do ombro.

O que viu fê-lo reverter os pedais de *Silver* com um movimento único e repentino. *Silver* derrapou, queimou borracha do pneu traseiro travado e a cabeça de Richie bateu dolorosamente no ombro direito de Bill.

A rua estava completamente vazia.

Mas uns vinte e cinco metros atrás deles, perto da primeira casa abandonada que formava uma espécie de cortejo fúnebre até ao pátio de manobras, viu um movimento laranja. Estava perto de uma sarjeta junto ao passeio.

— Ahhhh...

Quase demasiado tarde, Bill percebeu que Richie estava a cair de *Silver*. Tinha os olhos virados para cima, de forma que Bill só conseguia ver a parte de baixo das íris sob as pálpebras superiores. Os óculos remendados estavam tortos. O sangue escorria lentamente da sua testa.

Bill segurou-lhe o braço, os dois deslizaram para a direita, e *Silver* perdeu o equilíbrio. Caíram na rua num emaranhado de braços e pernas. Bill bateu com o cotovelo com força e urrou de dor. Richie pestanejou depois do grito.

— Vou mostrar a *usted* como conseguir este tesouro, *señor*, mas esse tal Dobbs é *mucho* perigoso — disse Richie num ofego rouco. Era a sua Voz de Pancho Vanilla, mas a sua qualidade flutuante e desconectada assustou muito Bill. Viu vários pelos castanhos presos no ferimento superficial na testa de Richie. Os pelos eram um tudo-nada encaracolados, como os pelos púbicos do pai. Fizeram-no sentir mais medo, e ele deu uma palmada forte de lado na cabeça de Richie.

— Aiii! — gritou Richie. Os seus olhos pestanejaram, depois arregalaram-se. — Por que raio me bateste, Grande Bill? Ainda me partes os óculos. Já não estão em boas condições, caso não tenhas reparado.

— Pe-pe-pensei que es-es-estavas a m-m-morrer, sei l-lá — respondeu Bill.

Richie sentou-se lentamente na rua e levou uma mão à cabeça. Gemeu.

— O que acont...

Então lembrou-se. Os seus olhos arregalaram-se com o choque e o pavor repentinos, e ele pôs-se de joelhos, ofegando desesperadamente.

— N-N-Não — disse Bill. — F-foi-se e-e-embora, R-R-Richie. Foi-se embora.

Richie viu a rua vazia, onde nada se movia, e de repente irrompeu em lágrimas. Bill olhou para ele um momento, depois abraçou-o. Richie agarrou-se o pescoço de Bill e retribuiu o abraço. Queria dizer alguma coisa inteligente, alguma coisa sobre como Bill devia ter tentado usar a fisga no Lobisomem, mas nada saiu. Nada além de soluços.

— N-Não, R-Richie — disse Bill. — N-n-n-não...

Então também ele começou a chorar, e os dois ficaram abraçados de joelhos na rua ao lado da bicicleta caída, e as lágrimas fizeram marcas claras nas respetivas caras, cobertas de pó de carvão.

## CAPÍTULO 9

### A LIMPEZA

#### 1

*Algures acima do estado de Nova Iorque, na tarde do dia 29 de maio de 1985, Beverly Rogan começa de novo a rir. Sufoca as gargalhadas com as duas mãos, com medo de que alguém pense que é maluca, mas não consegue parar.*

*Ríamo-nos muito naquela altura, pensa ela. É outra coisa, outra luz na escuridão. Sentíamos medo a toda a hora, mas não conseguíamos deixar de rir, tal como não consigo parar agora.*

*O tipo sentado ao lado dela no corredor é jovem, tem cabelo comprido e é bonito. Lançou-lhe vários olhares de apreciação desde que o avião levantou voo em Milwaukee às duas e meia da tarde (já há quase duas horas e meia, com uma paragem em Cleveland e outra em Filadélfia), mas respeitou o desejo evidente dela de não conversar; depois de duas interações triviais às quais ela respondeu com educação e nada mais, ele abriu o saco de viagem e tirou um romance de Robert Ludlum.*

*Fecha o livro, marca a página com o dedo e pergunta com alguma preocupação:*

*— Está tudo bem consigo?*

*Ela assente, tentando fazer uma cara séria, mas ri-se alto. Ele sorri, um tudo-nada intrigado, curioso.*

*— Não é nada — diz ela, mais uma vez a tentar ficar séria, mas não funciona; quanto mais tenta, mais o seu rosto se quer franzir numa gargalhada. Como antigamente. — É que de repente dei-me conta de que não sei em que companhia aérea estou. Só que tinha um p-p-pato grande de l-l-lado...*

*Mas o pensamento é de mais para ela. Dá gargalhadas estridentes. As pessoas voltam-se para olhá-la, algumas com a testa franzida.*

*— Republic — diz ele.*

*— Como?*

*— Está a voar a setecentos e sessenta quilómetros por hora por cortesia da Republic Airlines. Pode ver isso no folheto DAAV no bolso do banco da frente.*

*— DAAV?*

*Ele tira o folheto (que tem mesmo o logo da Republic na capa) do bolso do banco. Mostra onde estão as saídas de emergência, os coletes salvavidas, como usar as máscaras de oxigénio, como assumir a posição de aterragem de emergência.*

*— O folheto Diga Adeus À Vida — diz ele, e desta vez desatam ambos a rir.*

*Ele é mesmo bonito, pensa Beverly de repente. É um pensamento novo, nítido, o tipo de pensamento que se espera ter ao acordar, quando a nossa mente ainda não está cheia de pensamentos. Veste um pulôver e calças de ganga desbotadas. O cabelo louro escuro está preso com uma tira de couro, e isso fá-la pensar no rabo de cavalo que sempre usara em criança. Pensa: Aposto que ele tem um belo pau de universitário bem-educado. Suficientemente grande para dar prazer, não suficientemente grosso para ser arrogante.*

*Começa a rir de novo, totalmente incapaz de parar. Percebe que não tem sequer um lenço para limpar as lágrimas, e isso fá-la rir cada vez mais.*

*— É melhor controlar-se, senão a assistente de bordo ainda a atira do avião — diz ele solenemente.*

*Bev limita-se a abanar a cabeça e a rir; doem-lhe os flancos e o estômago.*

*Ele entrega-lhe um lenço branco limpo e ela usa-o. De alguma forma, isso ajuda-a a recuperar o controlo. Mas não para imediatamente. As gargalhadas vão diminuindo para uma série de soluços e arquejos. Volta e meia, pensa no pato pintado no avião e isso arranca-lhe nova série de risadas.*

*Devolve-lhe o lenço passado algum tempo.*

*— Obrigada.*

*— Céus, o que aconteceu à sua mão? — Segura-a por um momento, preocupado.*

*Ela olha para a mão e vê as unhas partidas, as que arrancou ao virar a cómoda para cima de Tom. A lembrança dói mais do que as unhas em si, e isso acaba de vez com as gargalhadas. Puxa a mão da dele, mas com delicadeza.*

*— Bati na porta do carro no aeroporto — diz ela, pensando em todas as vezes que mentiu sobre as coisas que Tom lhe fez e todas as vezes que mentiu sobre os hematomas que o pai lhe fez. Será que é a última vez, a última mentira? Que bom seria... quase bom de mais para acreditar. Pensa num médico a ir ver um doente canceroso em fase terminal e a dizer: O raio X mostra que o tumor está a diminuir. Não fazemos ideia do motivo, mas está a acontecer.*

*— Deve doer muito — diz ele.*

*— Tomei uma aspirina.*



*Abre a revista de bordo de novo, apesar de ele provavelmente saber que ela já a leu duas vezes.*

*— Para onde vai?*

*Ela fecha a revista, olha para ele, sorri.*

*— Você é muito simpático — diz ela —, mas não quero conversar. Tudo bem?*

*— Tudo bem — diz ele, sorrindo em resposta. — Mas se quiser beber em homenagem ao grande pato pintado no avião quando chegarmos a Boston, eu pago.*

*— Obrigada, mas tenho outro avião para apanhar.*

*— Caramba, o meu horóscopo estava completamente errado esta manhã — diz ele, e reabre o livro. — Mas quando se ri é irresistível. Um tipo poderia apaixonar-se.*

*Ela reabre a revista, mas vê-se a olhar para as unhas irregulares e não para o artigo sobre os prazeres de Nova Orleães. Há bolhas roxas de sangue debaixo de duas delas. Na sua mente, ouve Tom a gritar na escada: «Eu mato-te, puta! Puta de merda!» Treme de frio. Uma puta para Tom, uma puta para as costureiras que faziam merda antes de desfiles importantes e levavam uma descompostura de Beverly Rogan por isso, uma puta para o pai bem antes de Tom e das costureiras patéticas se tornarem parte da vida dela.*

*Uma puta.*

*Puta.*

*Puta de merda.*

*Fecha os olhos por um momento.*

*O pé, cortado pelo estilhaço de um frasco de perfume enquanto ela fugia do quarto, lateja mais do que os dedos. Kay deu-lhe um penso rápido, um par de sapatos e um cheque de mil dólares, que Beverly levantou logo às nove da manhã no First Bank of Chicago em Watertower Square.*

Sob os protestos de Kay, Beverly preencheu um cheque de mil dólares numa folha branca.

— Li uma vez que o banco tem de aceitar um cheque, independentemente de onde está escrito — disse a Kay. A sua voz parecia vir de outro lugar. De um rádio noutra aposento, talvez. — Uma pessoa levantou um cheque uma vez que estava escrito num projétil de artilharia. Li isso no Book of Lists, acho. — Fez uma pausa, depois riu pouco à vontade. Kay olhou para ela com seriedade, solenemente até. — Mas eu levantava-o, antes que o Tom pense em congelar as contas.

Apesar de não sentir cansaço (embora ciente de que naquela altura deve estar a funcionar à base da adrenalina e do café preto de Kay), a noite anterior parece algo que deve ter sonhado.

Consegue lembrar-se de ter sido seguida por três adolescentes que a chamaram e assobiaram, mas não se atreveram a aproximar-se. Lembra-se do alívio que tomou conta dela quando viu o brilho branco e fluorescente de um Seven-Eleven no passeio de um cruzamento. Entrou e deixou que o empregado cheio de borbulhas olhasse para a parte da frente da velha blusa e convenceu-o a emprestar-lhe quarenta cêntimos para o telefone público. Não foi difícil, considerando o que ele estava a ver.

Ligou primeiro para Kay McCall, pois sabia o número de cor. O telefone tocou umas dez vezes, e ela começou a recear que Kay estivesse em Nova Iorque.

— É melhor ser importante, seja quem for — murmurou a voz de Kay, ensonada, mesmo antes de Beverly desligar.

— É a Bev, Kay — disse ela. Depois hesitou, mas acabou por ser direta. — Preciso de ajuda.

Houve um momento de silêncio e Kay voltou a falar, parecendo já completamente desperta.

— Onde estás? O que aconteceu?

— Estou num Seven-Eleven na esquina da Streyland Avenue e outra rua. Eu... deixei o Tom.

— Que bom! Finalmente! Viva! — exclamou Kay, enfática e animada. — Vou já buscar-te! Aquele filho da puta! Aquele merdas! Vou buscar-te na porra do Mercedes! Vou contratar uma banda! Vou...

— Eu apanho um táxi — disse Bev, segurando as outras duas moedas de dez cêntimos na mão suada. Pelo espelho redondo do fundo da loja, via o empregado borbulhento a olhar para o seu traseiro com uma concentração profunda e sonhadora. — Mas vais ter de pagar quando eu chegar aí. Não tenho dinheiro. Nem um centavo.

— Dou-lhe cinco dólares de gorjeta! — gritou Kay. — É a melhor porra de notícia desde a demissão do Nixon! Vem para cá, rapariga. E... — Fez uma pausa e, quando falou de novo, a sua voz estava séria e tão cheia de ternura e amor que Beverly teve vontade de chorar. — Graças a Deus fizeste finalmente isso, Bev. Estou a falar a sério. Graças a Deus.

Kay McCall é uma ex-estilista que casou com um homem rico, se separou, ficou ainda mais rica e descobriu o feminismo em 1972, cerca de três anos antes de Beverly a conhecer. No momento culminante da sua controversa popularidade, foi acusada de ter abraçado o feminismo depois de usar leis arcaicas e chauvinistas para tirar do marido, m industrial, cada centavo que a lei permitia.

— Tretas! — exclamara Kay uma vez para Beverly. — As pessoas que dizem essas coisas nunca tiveram de ir para a cama com o Sam Chacowicz. Duas bombadas, um tremor e um esguicho: era esse o lema do velho Sammy. A única forma de ele demorar mais do que setenta segundos era quando o fazia na banheira. Não o enganei; só recebi a minha indemnização de forma retroativa.

Escreveu três livros: um sobre feminismo e a mulher trabalhadora, outro sobre feminismo e família e o terceiro sobre feminismo e

espiritualidade. Os primeiros dois revelaram-se bastante populares. Nos três anos desde o último, ela saiu um pouco de moda, e Beverly pensava que, para ela, isso era um alívio. Os seus investimentos tinham dado bons frutos («O feminismo e o capitalismo não se excluem mutuamente, graças a Deus», dissera ela uma vez a Bev) e era uma mulher rica com uma casa na cidade, uma no campo e dois ou três amantes suficientemente viris para a satisfazer, mas não o suficiente para lhe ganharem no ténis.

— Quando se tornam assim tão bons, largo-os imediatamente — disse ela, e apesar de a própria Kay achar que aquilo era piada, Beverly tinha as suas dúvidas.

Beverly chamou um táxi e, quando ele chegou, sentou-se atrás com a mala, feliz por estar longe dos olhos do empregado, e deu ao motorista o endereço de Kay.

A amiga estava à espera no passeio, com o casaco de vison por cima de uma camisa de dormir de flanela. Calçava umas mules cor-de-rosa felpudas com grandes pompons. Nada de pompons laranja, graças a Deus. Isso poderia ter feito Beverly desatar a correr pela rua aos gritos. O trajeto até casa de Kay fora estranho: havia coisas a voltar à mente dela, lembranças a surgirem tão claras e tão depressa que era assustador. A sensação era de que alguém tinha ligado uma escavadora na sua cabeça e começado a escavar num cemitério mental que ela nem sabia que existia. Só que eram nomes em vez de corpos que surgiam, nomes em que não pensava havia anos: Ben Hanscom, Richie Tozier, Greta Bowie, Henry Bowers, Eddie Kaspbrak... Bill Denbrough. Especialmente Bill, Bill Gago como lhe chamavam com aquela sinceridade das crianças a que às vezes se chama candura, às vezes crueldade. Ele parecera-lhe tão alto, tão perfeito (até abrir a boca e começar a falar, claro).

Nomes... sítios... coisas que tinham acontecido.

*Sentindo frio e calor alternadamente, lembrou-se das vozes do ralo... e do sangue. Ela gritara e o pai batera-lhe. O pai... Tom...*

*As lágrimas ameaçaram surgir... e então Kay estava a pagar e a dar uma gorjeta suficientemente boa ao motorista para ele exclamar surpreendido:*

*— Obrigado, minha senhora! Viva o luxo!*

*Kay levou-a para dentro de casa, meteu-a no chuveiro, deu-lhe um roupão quando ela saiu, fez café, examinou os ferimentos, aplicou mercurocromo no pé cortado e pôs-lhe um penso. Acrescentou uma dose generosa de brande na segunda chávena de café de Bev e obrigou-a a beber até à última gota. Em seguida, preparou um bife mal passado para cada uma com cogumelos frescos salteados a acompanhar.*

*— Muito bem — disse ela. — O que aconteceu? Ligamos para a polícia ou só te mandamos para Reno para tratares do divórcio o mais depressa possível?*

*— Não posso contar muita coisa — respondeu Beverly. — Pareceria demasiada maluquice. Mas a culpa foi minha, basicamente...*

*Kay bateu com a mão na mesa. O som no mogno envernizado pareceu o de um tiro de pistola de calibre baixo. Bev deu um salto.*

*— Não digas isso — repreendeu Kay. Tinha as faces vermelhas e os olhos castanhos flamejantes. — Há quanto tempo somos amigas? Nove anos? Dez? Se te ouvir dizer mais uma vez que a culpa foi tua, vomito. Estás a ouvir? Vomito, porra. A culpa não foi tua desta vez, nem da última vez, nem da vez anterior, nem em nenhuma. Não sabes que a maior parte dos teus amigos achava que mais tarde ou mais cedo ele te mandaria para o hospital ou talvez até te matasse?*

*Beverly olhava para ela de olhos arregalados.*

*— E isso teria sido culpa tua, pelo menos até determinado ponto, por ficares e permitires que acontecesse. Mas vieste-te embora. Agradeço a*

*Deus pelos pequenos favores. Mas não fiques aí sentada com as unhas meio arrancadas e o pé cortado e marcas de cinto nos ombros a dizer-me que a culpa foi tua.*

*— Ele não me bateu com o cinto — disse Bev.*

*A mentira foi automática... assim como a vergonha profunda que a fez corar.*

*— Se acabaste com o Tom, é melhor também parares com as mentiras — disse Kay baixinho, e olhou para Bev durante tanto tempo e com tanta ternura que Bev teve de baixar os olhos. Conseguia sentir o gosto das lágrimas salgadas no fundo da garganta. — Quem achaste que estavas a enganar? — perguntou Kay, ainda a falar baixinho. Esticou a mão por cima da mesa e segurou as de Bev. — Os óculos escuros, as blusas de gola alta e manga comprida... talvez tenhas enganado um comprador ou outro. Mas não se pode enganar os amigos, Bev, as pessoas que te amam.*

*E Beverly chorou, muito e por muito tempo, e Kay abraçou-a, e depois, pouco antes de ir para a cama, contou a Kay o que pôde: que um velho amigo de Derry, Maine, onde ela crescera, ligara e lembrara-a de uma promessa que ela fizera há muito tempo. Chegara a hora de cumprir a promessa, dissera ele. Ela iria? Ela respondera que sim. E então começara a discussão com Tom.*

*— Que promessa é essa? — perguntou Kay.*

*Beverly abanou a cabeça devagar.*

*— Não posso contar-te isso, Kay. Por mais que quisesses.*

*Kay pensou um pouco e assentiu.*

*— Certo. É justo. O que vais fazer em relação ao Tom quando voltares do Maine?*

*E Bev, que tinha começado a acreditar que nunca mais iria voltar de Derry, disse apenas:*

*— Venho cá primeiro e decidimos juntas. Parece-te bem?*

— *Muitíssimo bem — respondeu Kay. — Prometes?*

— *Assim que eu voltar — disse Bev com firmeza —, podes contar com isso. — E abraçou Kay com força.*

*Com o cheque de Kay levantado e os sapatos de Kay nos pés, apanhara um autocarro Greyhound para norte, para Milwaukee, com medo de que Tom tivesse ido para o aeroporto O'Hare em busca dela. Kay, que a levou ao banco e ao terminal rodoviário, tentou dissuadi-la.*

— *O'Hare está cheio de seguranças, querida — disse ela. — Não precisas de te preocupar com o Tom. Se ele se aproximar, basta gritares como uma louca.*

*Beverly abanou a cabeça.*

— *Quero evitá-lo a todo o custo. É a melhor maneira.*

*Kay olhou para ela com astúcia.*

— *Tens medo que ele te convença a não ires, não é?*

*Beverly pensou no grupo de sete crianças de pé no riacho, em Stanley e na garrafa de Coca-Cola partida a cintilar ao sol; pensou na dor aguda quando ele lhe cortou ligeiramente a palma da mão uma linha oblíqua; pensou neles a unir as mãos num círculo infantil, prometendo voltar se tudo começasse de novo... voltar e matar a coisa de vez.*

— *Não — disse ela. — Ele não conseguiria convencer-me a não fazer isto. Mas poderia magoar-me, mesmo com seguranças lá. Não o viste ontem, Kay.*

— *Vi o suficiente noutras ocasiões — retorqui Kay, erguendo as sobrancelhas. — O porco que caminha ereto como um homem.*

— *Ele estava louco — disse Bev. — Os seguranças talvez não conseguissem detê-lo. Assim é melhor. Acredita.*

— *Tudo bem — disse Kay com relutância, e Bev achou graça porque Kay parecia desapontada por não haver um grande confronto, uma grande rotura.*

— Levanta já o cheque — disse Beverly de novo —, antes que ele pense em congelar as contas. Irá fazê-lo, como sabes.

— Claro — disse Kay. — Se ele o fizer, vou visitar o filho da puta com um chicote.

— Mantém-te longe dele — disse Beverly com intensidade. — Ele é perigoso, Kay. Acredita. Parecia... — O meu pai, foi o que chegou a tremer nos lábios dela. Mas disse antes: — Parecia louco.

— Certo — disse Kay. — Fica descansada, querida. Vai lá cumprir a tua promessa. E pensa bem no que vai acontecer depois.

— Sim — disse Bev, mas era mentira.

Tinha demasiadas coisas em que pensar: no que acontecera no verão em que tinha onze anos, por exemplo. Em Richie Tozier, quando o ensinara a fazer o dorminhoco com o ioiô, por exemplo. Nas vozes no ralo, por exemplo. E numa coisa que tinha visto, uma coisa tão horrível que, mesmo naquele momento, abraçando Kay pela última vez ao lado do grande autocarro Greyhound prateado, a sua mente não a deixava ver.

Quando o avião com um pato pintado começa a longa descida para Boston, a sua mente regressa a isso... e a Stan Uris... e a um poema sem assinatura que chegou num postal... e às vozes... e aos poucos segundos em que ficou cara a cara com uma coisa que talvez fosse infinita.

Olha pela janela, olha para baixo e pensa que a maldade de Tom é uma coisa pequena e insignificante perto do mal que a espera em Derry. Se existe alguma compensação, é que Bill Denbrough vai estar lá... e houvera uma altura em que uma rapariga de onze anos chamada Beverly Marsh amara Bill Denbrough. Lembra-se do postal com o lindo poema escrito atrás e lembra-se de que já soube quem o escreveu. Já não se lembra, tal como não se lembra exatamente do que o poema dizia... mas acha que pode ter sido Bill. Sim, pode muito bem ter sido Bill Gago Denbrough.



*Pensa de repente em quando estava a preparar-se para dormir na noite depois de Richie e Ben a terem levado a ver os dois filmes de terror. Depois do seu primeiro encontro. Provocara bastante Richie por causa disso (naqueles dias, essa fora a sua defesa quando estava na rua), mas um lado seu ficara emocionado e excitado e um pouco assustado. Foi mesmo o seu primeiro encontro, apesar de haver dois rapazes em vez de um. Richie pagara-lhe o bilhete e tudo, como num encontro a sério. Depois, aqueles rapazes tinham ido atrás deles... e haviam passado o resto da tarde nos Barrens... e Bill Denbrough chegara com outro rapaz, ela não conseguia lembrar-se de quem, mas lembrava-se da forma como os olhos de Bill pousaram nos dela por um momento e o choque elétrico que sentira... o choque e um rubor que pareceu aquecer todo o seu corpo.*

*Lembra-se de pensar em todas aquelas coisas enquanto vestia a camisa de dormir e ia para a casa de banho lavar a cara e os dentes. Lembra-se de pensar que demoraria muito a adormecer naquela noite, porque havia tanta coisa em que pensar... e em que pensar de uma forma boa, porque eles pareciam rapazes bons, rapazes com quem se podia brincar e em quem se podia confiar um pouco. Isso seria bom. Isso seria... bem, o paraíso.*

*E, ao pensar nessas coisas, pegou na toalha e inclinou-se para o lavatório para abrir a água e a voz*

## 2

saiu a sussurrar do ralo:

— Ajuda-me...

Beverly recuou, assustada, e a luva de turco caiu no chão. Abanou um pouco a cabeça, como que para aclarar as ideias, e voltou a inclinar-se na direção do lavatório para olhar com curiosidade para o ralo. A casa de

banho ficava nas traseiras do apartamento de quatro assoalhadas. Ouvia baixinho uma série de *cowboys* na televisão. Quando acabasse, o pai provavelmente mudaria para um jogo de basebol, ou para o boxe, e acabaria a dormir na poltrona.

O papel de parede da casa de banho tinha um desenho horrível de sapos sobre nenúfares. Estava cheio de bolhas por cima do gesso irregular. Tinha manchas de água em alguns pontos, começara a descascar noutros. A banheira exibia manchas de ferrugem e o tampo da sanita estava rachado. Por cima do lavatório havia uma lâmpada de quarenta *watts* nua. Beverly conseguia lembrar-se vagamente de que já houvera ali um candeeiro, mas partira-se anos antes e nunca fora substituído. O chão estava coberto por um linóleo cujo padrão já se desvanecera, tirando numa pequena zona sob o lavatório.

Não era um aposento alegre, mas Beverly usava-o havia tanto tempo que já não reparava no seu aspeto.

O lavatório também tinha manchas de água. O ralo era um círculo simples com cerca de cinco centímetros de diâmetro. Já houvera uma cobertura cromada, que também tinha desaparecido tempos antes. Uma tampa de ralo em borracha presa a uma corrente envolvia despretensiosamente a torneira com a letra F. O ralo era escuro e, quando se inclinou sobre ele, reparou pela primeira vez que havia um cheiro leve e desagradável, meio a peixe, a sair dali. Torceu o nariz com um pouco de nojo.

— Ajuda-me...

Sufocou um grito. Era uma voz. Tinha pensado que podia ser um tremor nos canos... ou talvez apenas a sua imaginação... resquício daqueles filmes.

— Ajuda-me, Beverly...

Ondas alternadas de frio e calor percorreram o seu corpo. Tinha tirado o elástico do cabelo, que estava caído sobre os ombros numa cascata brilhante. Sentiu as raízes a eriçarem-se.

Sem saber que pretendia falar, inclinou-se de novo sobre o lavatório e sussurrou:

— Está aí alguém?

A voz do ralo fora de uma criança pequena que talvez tivesse acabado de aprender a falar. E apesar do arrepio nos braços, a sua mente procurou uma explicação racional. Era uma casa com apartamentos. A família Marsh morava no apartamento de trás, no rés de chão. Havia outros quatro apartamentos. Talvez houvesse uma criança a divertir-se a falar para o ralo. E algum efeito acústico...

— Está aí alguém? — perguntou ela ao ralo da casa de banho, mais alto desta vez. De repente ocorreu-lhe que, se o pai entrasse, acharia que ela estava louca.

Não houve resposta do ralo, mas o fedor pareceu acentuar-se. Isso fê-la pensar no pântano de bambu nos Barrens e na lixeira atrás; evocou imagens de fumos lentos e acres e de lama preta que tentava arrancar os sapatos dos pés.

Não havia crianças pequenas no edifício, essa era a questão. Os Tremont tinham um rapaz com cinco anos, uma menina com três anos e outra com seis meses, mas o senhor Tremont perdera o emprego na sapataria de Tracker Avenue, atrasaram-se a pagar a renda e, um dia, pouco tempo depois do início das férias, desapareceram no velho *Buick Power-Flite* enferrujado da família. No apartamento da frente do primeiro andar morava Skipper Bolton, mas tinha catorze anos.

— *Todos queremos conhecer-te, Beverly...*

Levou a mão à boca e os seus olhos arregalaram-se de pavor. Por um breve momento... por apenas um momento... acreditou ter visto alguma

coisa a *mover-se* lá dentro. Percebeu de repente que o seu cabelo estava caído por cima do ombro em duas grandes madeiras, e que pendiam perto, muito perto, do ralo. O instinto fê-la endireitar-se e afastar o cabelo dali.

Olhou em volta. A porta da casa de banho estava bem fechada. Ouvia o som ténue da televisão, Cheyenne Bodie a avisar o mau da fita para baixar a arma antes que alguém se ferisse. Estava sozinha. Tirando, é claro, aquela voz.

— Quem és tu? — perguntou ela para o lavatório, num sussurro.

— Matthew Clements — sussurrou a voz. — O palhaço trouxe-me aqui para os canos e eu morri, e em breve ele vai apanhar-te, Beverly, e ao Ben Hanscom, e ao Bill Denbrough, e ao Eddie...

Ela levou as mãos às faces e apertou-as. Os seus olhos arregalaram-se, arregalaram-se, arregalaram-se. Sentiu o corpo gelar. A voz parecia engasgada e velha, mas tomada de uma alegria corrupta.

— *Vais flutuar aqui com os teus amigos, Beverly, todos flutuamos aqui em baixo, diz ao Bill que o Georgie diz olá, diz ao Bill que o Georgie tem saudades dele, mas vai vê-lo em breve, diz que o Georgie vai estar no armário uma noite destas com uma corda de piano para lhe enfiar nos olhos, diz-lhe...*

A voz interrompeu-se com uma série de soluços engasgados e, de repente, uma bolha vermelha surgiu no ralo e rebentou, projetando gotas de sangue na porcelana manchada.

A voz engasgada falava rapidamente e, enquanto falava, mudava; era a voz jovem da criança que ela ouvira primeiro, era uma voz de rapariga adolescente, a seguir (tenebrosamente) transformou-se na voz de uma rapariga que Beverly conhecera... Veronica Grogan. Mas Veronica estava morta, fora encontrada morta numa sarjeta ...

— *Sou o Matthew... Sou a Betty... Sou a Veronica... Estamos aqui em baixo... aqui em baixo com o palhaço... e a criatura... e a múmia... e o*

*lobisomem... e contigo, Beverly, estamos aqui em baixo contigo, e flutuamos, mudamos...*

Um jorro de sangue saiu de repente do ralo, manchando o lavatório, o espelho e o papel de parede com o desenho de sapos e nenúfares. Beverly deu um grito repentino e agudo. Afastou-se do lavatório, bateu na porta, fez ricochete, abriu-a desajeitada e correu para a sala, onde o pai estava a levantar-se.

— Que diabo se passa contigo? — perguntou ele, franzindo as sobrancelhas. Os dois encontravam-se sozinhos naquela noite. A mãe de Bev estava a fazer o turno das três às onze no Green's Farm, o melhor restaurante de Derry.

— A casa de banho! — gritou ela histericamente. — A casa de banho, pai, na casa de banho...

— Estava alguém a espreitar-te, Beverly? Hã? — Ele esticou a mão e agarrou no braço dela com força, afundando os dedos na carne. Havia preocupação no seu rosto, mas era uma preocupação predatória, de certa forma mais assustadora do que reconfortante.

— Não... o lavatório... no lavatório... o... o... — Começou um choro histérico antes de conseguir dizer mais alguma coisa. O seu coração batia com tanta força no peito que ela achou que sufocaria.

Al Marsh empurrou-a para o lado com uma expressão de «Santo Deus, o que será agora» no rosto e foi até à casa de banho. Ficou lá tanto tempo que Beverly sentiu de novo medo.

E então, gritou:

— *Beverly! Anda cá, rapariga!*

Não havia possibilidade de não ir. Se os dois estivessem à beira de um precipício e ele a mandasse saltar — *imediatamente, rapariga* —, a sua obediência instintiva quase de certeza a levaria para o vazio antes que a sua mente racional pudesse intervir.

A porta da casa de banho encontrava-se aberta. Ali estava o seu pai, um homem grande que já começava a perder o cabelo ruivo que tinha passado para Beverly. Ainda estava de calças e camisa cinzentos (era zelador no Hospital de Derry) e olhava muito sério para Beverly. Não bebia, não fumava, não andava atrás de mulheres. «Tenho todas as mulheres de que preciso em casa», dizia ele volta e meia e, nessas ocasiões, um sorriso peculiar e dissimulado surgia no seu rosto. Não lho animava, fazia o oposto. Ver aquele sorriso era como ver a sombra de uma nuvem a atravessar rapidamente um campo pedregoso. «Elas tomam conta de mim, e quando precisam, eu tomo conta delas.»

— Que raio de tolice é esta? — perguntou quando ela entrou.

Beverly sentiu a garganta coberta de ardósia. O coração começou a galopar no peito. Achou que talvez fosse vomitar. Havia sangue no espelho, a escorrer. Havia manchas de sangue na lâmpada acima do lavatório; conseguia *cheirá-lo* a cozer sobre a lâmpada de quarenta *watts*. Escorria sangue pelas paredes do lavatório e caía em gotas gordas no chão de linóleo.

— Pai... — sussurrou ela com voz rouca.

Ele virou-se, desgostoso com ela (como acontecia com frequência), e começou a lavar tranquilamente as mãos no lavatório ensanguentado.

— Santo Deus, rapariga. Fala. Pregaste-me cá um susto! Explica-te, pelo amor de Deus.

O pai estava a lavar as mãos no lavatório, Bev via sangue a manchar o tecido cinzento das calças onde elas tocavam na porcelana, e se a testa dele tocasse no espelho (estava perto), iria parar à *sua* pele. Afogou um grito na garganta.

Al Marsh fechou a torneira, pegou numa toalha também com manchas de sangue e começou a secar as mãos. Ela viu, prestes a desmaiar, o sangue

espalhar-se pelos nós dos dedos grandes e pelas linhas das palmas das mãos. Conseguia ver sangue sob as unhas dele como marcas de culpa.

— Então? Estou à espera. — Atirou a toalha ensanguentada para o toalheiro.

Havia sangue... sangue por todo o lado... e o pai não o via.

— Pai... — Ela não fazia ideia do que diria depois, mas o pai interrompeu-a.

— Preocupo-me contigo — disse Al Marsh. — Acho que nunca irás crescer, Beverly. Andas a correr por aí, não fazes quase nada em casa, não sabes cozinhar, não sabe costurar. Metade do tempo estás com a cabeça nas nuvens, com o nariz enfiado num livro, e a outra metade estás doente ou com dor de cabeça. Preocupo-me.

O pai moveu a mão de repente e bateu-lhe dolorosamente no traseiro. Ela deu um grito, com os olhos fixos nos dele. Havia uma gotinha de sangue na sobrancelha hirsuta. *Se eu olhar para aquilo durante tempo suficiente enlouqueço, e nada disto vai ter importância*, pensou ela.

— Preocupo-me imenso — disse ele e bateu-lhe de novo, com mais força, no braço acima do cotovelo. O braço doeu e pareceu ficar dormente. Ela teria um hematoma grande e arroxeadado ali no dia seguinte. — Bastante mesmo. — E deu-lhe um soco na barriga.

Aliviou o soco no último segundo, e Beverly perdeu apenas parte do fôlego. Inclinou-se para a frente, ofegante, com lágrimas a surgir nos olhos. O pai olhou para ela impassível. Enfiou as mãos sujas de sangue nos bolsos das calças.

— Tens de crescer, Beverly — disse ele, e a sua voz era meiga e condescendente. — Não é verdade?

Ela assentiu. A sua cabeça latejava. Estava a chorar, mas em silêncio. Se soluçasse alto, se começasse com aquilo a que o pai chamava «essa lamúria de bebé», ele poderia começar a bater-lhe a sério. Al Marsh vivera toda a

vida em Derry e dizia às pessoas que perguntavam (e às vezes às que não perguntavam) que tencionava ser enterrado ali, com sorte aos cento e dez anos. «Não há motivo para eu não viver para sempre», dizia às vezes a Roger Aurlette, que lhe cortava o cabelo uma vez por mês. «Não tenho vícios.»

— Explica-te — disse ele —, e sê rápida.

— Havia... — Ela engoliu em seco, e doeu-lhe por não ter nenhuma humidade na garganta. — Havia uma aranha. Uma aranha grande, gorda e preta. Ela... ela saiu do ralo e eu... acho que voltou para lá.

— Ah! — Ele sorriu um pouco para ela, como se satisfeito com a explicação. — Era isso? Raios! Se me tivesses dito, Beverly, não te teria batido. Todas as raparigas têm medo de aranhas. Bolas! Porque não disseste?

Inclinou-se para o ralo, e ela teve de morder o lábio para não gritar um aviso... e uma outra voz falou dentro dela, uma voz terrível que não podia ser parte da si; sem dúvida era a voz do próprio demónio: *Deixa a coisa apanhá-lo, se quiser. Deixa-a puxá-lo para baixo. Já vai tarde.*

Obrigou-se a não ouvir essa voz, horrorizada. Permitir que um pensamento assim ficasse mesmo que um momento na sua cabeça iria com certeza condená-la ao inferno.

O pai olhou para o buraco do ralo. As suas mãos pousaram no sangue na orla do lavatório. Beverly lutou contra as náuseas. Doía-lhe a barriga onde o pai batera.

— Não vejo nada — disse ele. — Estas casas são velhas, Bev. Os canos são do tamanho de estradas, sabes? Quando eu era zelador na antiga escola secundária, encontrávamos ratos afogados nas sanitas de vez em quando. As raparigas ficavam loucas. — Riu com carinho ao lembrar-se dos achaques e caprichos das raparigas. — Em geral, quando o Kenduskeag



estava alto. Mas os animais nos canos diminuíram depois de instalarem o novo sistema de drenagem.

Abraçou-a.

— Olha, vai para a cama e não penses mais no assunto, está bem?

Ela sentiu o seu amor por ele. «Nunca te bati quando não merecias, Beverly», disse-lhe uma vez quando ela gritou que uma certa punição fora injusta. E isso devia ser verdade, porque ele era capaz de amar. Às vezes passava um dia inteiro com ela, a mostrar-lhe como fazer coisas ou apenas a contar-lhe histórias ou a andar pela cidade com ela, e quando ele era assim meigo, ela achava que o seu coração incharia de felicidade até a matar. Amava-o e tentava perceber que ele precisava de puni-la com frequência porque era (como ele dizia) a missão que Deus lhe dera. «As filhas», dizia Al Marsh, «precisam de mais punição do que os filhos.» Não tinha filhos, e Beverly achava que isso talvez fosse em parte culpa dela também.

— Está bem, pai — disse ela. — Vou deixar de pensar.

Foram juntos até ao pequeno quarto dela. O seu braço direito doía intensamente devido ao golpe recebido. Ela olhou por cima do ombro e viu o lavatório ensanguentado, o espelho ensanguentado, a parede ensanguentada, o chão ensanguentado. A toalha ensanguentada que o pai usara e pendurara casualmente no toalheiro. *Como posso entrar de novo ali para me lavar? Por favor, Deus, querido Deus, desculpa se tive um pensamento mau sobre o meu pai, e podes punir-me por isso se quiseres, mereço ser punida, faz-me cair e magoar-me ou faz-me apanhar uma gripe como no inverno passado, quando tossi tanto que vomitei, mas, por favor, meu Deus, faz com que o sangue tenha desaparecido de manhã, por favor, Deus, está bem? Está bem?*

O pai aconchegou-lhe a roupa como fazia sempre e beijou-lhe a testa. Ficou ali por um momento com a postura que ela sempre consideraria a «dele», talvez também a sua maneira de ser: um pouco inclinado para a

frente, com as mãos enfiadas nos bolsos até acima dos pulsos, os olhos azuis intensos no rosto triste de *basset hound* a olharem para ela de cima. Em anos posteriores, muito depois de ela ter deixado de pensar em Derry completamente, via um homem sentado no autocarro ou talvez de pé numa esquina com a marmitta na mão, formas, ah, formas de homem, às vezes vistas no fim do dia, às vezes vistas do outro lado de Watertown Square à luz do meio-dia num dia claro e ventoso de outono, formas de homens, regras de homens, desejos de homens; ou Tom, tão parecido com o pai quando despi a camisa e ficava com os ombros um pouco curvados em frente ao espelho da casa de banho para se barbear. Formas de homens.

— Às vezes preocupo-me contigo, Bev — disse ele, mas não havia perturbação nem fúria na voz. Tocou-lhe no cabelo com delicadeza, afastando-o da testa.

*A casa de banho está cheia de sangue, pai!*, quase gritou ela nesse momento. *Não viste? Está em toda a parte! Até a cozer na lâmpada por cima do lavatório! Não viste?*

Mas manteve-se em silêncio enquanto ele saía e fechava a porta, mergulhando o quarto nas trevas. Ainda estava acordada, ainda a olhar para a escuridão quando a mãe chegou às onze e meia e a televisão foi desligada. Ouviu os pais irem para o quarto e ouviu as molas da cama a ranger com regularidade enquanto eles faziam o ato sexual. Beverly tinha ouvido Greta Bowie contar a Sally Mueller que o ato sexual doía como fogo e que nenhuma rapariga boa queria fazê-lo («No fim, o homem mijá na tua passarinha», dissera Greta, e Sally gritara: «Que nojo, eu *nunca* deixaria um rapaz fazer-me isso!»). Se doía tanto como Greta dizia, então a mãe de Bev guardava a dor para si; Bev tinha ouvido a mãe gritar uma ou duas vezes em voz baixa, mas não parecera nada um grito de dor.

O ranger lento das molas aumentou para um ritmo tão rápido que era quase frenético, depois parou. Houve um período de silêncio, depois um

pouco de conversa baixa, depois o som dos passos da mãe quando foi à casa de banho. Beverly prendeu a respiração, à espera de ouvir se a mãe gritava ou não.

Não houve gritos, só o som de água a correr, seguido de som de salpicos. Depois a água correu pelo ralo com um som familiar. A mãe estava a lavar os dentes. Momentos depois, as molas na cama dos pais rangeram de novo quando a mãe regressou à cama.

Cinco minutos depois, o pai começou a risonar.

Um medo negro tomou conta do coração dela e fechou-lhe a garganta. Sentiu medo de se virar para o lado direito, a sua posição favorita para dormir, porque podia ver alguma coisa a olhar para ela da janela. Assim, ficou deitada de barriga para cima, muito hirta, a olhar para o teto. Algum tempo depois, se minutos ou horas não sabia, mergulhou num sono leve e agitado.

### 3

Beverly acordava sempre quando o despertador tocava no quarto dos pais. Tinha de ser rápida, porque o pai desligava o despertador assim que ele começava a tocar. Vestiu-se depressa enquanto o pai usava a casa de banho. Fez uma pequena pausa (como sempre) a fim de olhar para os seios no espelho e detetar se tinham aumentado durante a noite. Haviam começado a crescer no final do ano anterior. Doeram um pouco no início, mas já não. Eram muito pequenos, não passavam de botões, mas estavam ali. Era verdade; a infância terminaria e ela seria uma mulher.

Sorriu para o próprio reflexo e colocou a mão atrás da cabeça, levantando o cabelo e empinando o peito. Deu uma risada natural de

menina... e de repente lembrou-se do sangue a jorrar do ralo da casa de banho na noite anterior. As risadas pararam abruptamente.

Olhou para o braço e viu o hematoma que se formara ali durante a noite, uma nódoa feia entre o ombro e o cotovelo, uma mancha com muitos dedos descoloridos.

Ouviu o autoclismo.

Movendo-se rapidamente, sem querer que ele ficasse zangado com ela esta manhã (sem querer sequer que ele reparasse nela esta manhã), Beverly vestiu calças de ganga e a camisola da Derry High School. A seguir, como não podia adiar mais, saiu do quarto para a casa de banho. O pai passou por ela na sala a caminho do quarto para se vestir. O pijama azul balançava largo no corpo dele. Resmungou-lhe qualquer coisa que ela não percebeu.

— Está bem, pai — respondeu na mesma.

Ficou diante da porta fechada da casa de banho por um momento, tentando preparar a mente para o que poderia ver lá dentro. *Pelo menos é de dia*, pensou, e isso trouxe-lhe algum alento. Não muito, mas um pouco. Agarrou na maçaneta, girou-a e entrou.

#### 4

Foi uma manhã atarefada para Beverly. Fez o pequeno-almoço ao pai: sumo de laranja, ovos mexidos, a versão de Al Marsh de torradas (o pão quente, mas não realmente torrado). Ele sentou-se à mesa, escondido atrás do *News*, e comeu tudo.

— Onde está o *bacon*?

— Acabou-se, pai. Comemos o resto ontem.

— Faz-me um hambúrguer.

— Só há um bocadinho...

O jornal tremeu e desceu. O olhar azul caiu sobre ela com um peso.

— O que disseste? — perguntou baixinho.

— Eu disse é para já, pai.

Ele olhou para ela durante mais um momento. Em seguida, o jornal voltou a subir e Beverly correu até ao frigorífico para ir buscar a carne.

Fritou um hambúrguer depois de espalmar um pouco a carne picada que tinha sobrado no frigorífico para a fazer parecer mais. Ele comeu-o a ler a página de desporto, e Beverly fez-lhe o almoço, duas sanduíches de manteiga de amendoim com geleia, uma grande fatia de bolo que a mãe trouxera do Green's Farm na noite anterior, um termo de café quente com bastante açúcar.

— Diz à tua mãe que mando limpar a casa hoje — disse ele, pegando na marmitta. — Parece uma pocilga. Meu Deus! Passo o dia todo a limpar porcaria no hospital. Não preciso de voltar para uma pocilga. Não te esqueças, Beverly.

— Certo, pai. Fica descansado.

Ele deu-lhe um beijo na cara, um abraço desajeitado e saiu. Como sempre, Beverly foi até à janela do quarto e viu-o descer a rua. E, como sempre, teve uma sorrateira sensação de alívio quando ele virou a esquina... e odiou-se por isso.

Lavou a louça e levou o livro que estava a ler para os degraus das traseiras. Lars Theramenius, com o cabelo louro e comprido a brilhar com a sua serena luz interior, aproximou-se nos seus passinhos bamboleantes da casa ao lado para mostrar a Beverly o seu novo camião *Tonka* e os arranhões novos nos joelhos. Beverly emitiu exclamações de admiração pelas duas coisas. A mãe chamou-a pouco depois.

Trocaram os lençóis das duas camas, lavaram o chão e enceraram o linóleo da cozinha. A mãe limpou sozinha o chão da casa de banho, e Beverly ficou extremamente grata por isso. Elfrida Marsh era uma mulher

pequena com cabelo grisalho e uma expressão carrancuda. O rosto enrugado contava ao mundo que ela estava na terra há algum tempo e tencionava ficar mais um pouco... Também contava ao mundo que nada tinha sido fácil e que não esperava nenhuma mudança das condições da vida no futuro próximo.

— Limpas as janelas da sala, Bevvie? — pediu ela, voltando para a cozinha. Já vestira o uniforme de empregada de mesa. — Tenho de ir ao Saint Joe's em Bangor visitar a Cheryl Tarrent. Partiu a perna ontem à noite.

— Sim, limpo — disse Beverly. — O que aconteceu à senhora Tarrent? Caiu?

Cheryl Tarrent era a mulher com quem Elfrida trabalhava no restaurante.

— Ela e aquele inútil com quem casou tiveram um acidente de carro — disse a mãe de Beverly, carrancuda. — Ele tinha bebido. Agradece a Deus todas as noites por o teu pai não beber, Bevvie.

— Já costumo agradecer — disse Bev. Agradecia mesmo.

— Ela vai perder o emprego, acho, e ele não consegue manter nenhum. — Um tom de puro horror surgiu na voz de Elfrida. — Vão ter de viver da assistência social, acho.

Era a pior coisa em que Elfrida Marsh conseguia pensar. Perder um filho ou descobrir que tinha cancro não chegavam sequer perto. Uma pessoa podia ser pobre; podia passar a vida a fazer aquilo a que ela chamava «desenrascar-se». Mas no fundo do poço, abaixo até da sarjeta, estava o momento em que se tinha de viver da segurança social e beber o suor da testa dos outros como esmola. E essa era a perspetiva que Cheryl Tarrent enfrentava.

— Depois de lavares as janelas e despejares o lixo, podes ir brincar um pouco se quiseres. Hoje é noite de bólingue do teu pai, portanto não

precisas de lhe fazer jantar, mas quero que voltes antes de escurecer. Sabes porquê.

— Sim, mãe.

— Meu Deus, estás a crescer depressa — disse Elfrida. Olhou por um momento para as protuberâncias na camisola de Beverly. O olhar dela era terno, mas sem compaixão. — Não sei o que vou fazer quando te casares e tiveres a tua casa.

— Vou ficar aqui para sempre — disse Beverly, sorrindo.

A mãe abraçou-a rapidamente e beijou-lhe o canto da boca com lábios quentes e secos.

— Eu sei que não será assim — disse ela. — Mas amo-te, Bevvie.

— Também te amo, mãe.

— Vê se não deixas nenhuma marca nas janelas quando terminares — disse ela, pegando na mala e indo até à porta. — Se deixares, vais ouvir das boas do teu pai.

— Terei cuidado. — Quando a mãe abriu a porta para sair, Beverly perguntou num tom que esperava ser casual: — Viste alguma coisa estranha na casa de banho, mãe?

Elfrida olhou para ela com a testa ligeiramente franzida.

— Estranha?

— Bem... Vi uma aranha lá ontem. Saiu do ralo. O pai não te contou?

— Irritaste o teu pai ontem, Bevvie?

— Não! Hã-hã! Disse-lhe que uma aranha saiu do ralo e me assustou, e ele disse que às vezes encontravam ratos afogados nas sanitas da velha escola secundária. Por causa dos esgotos. Ele não te falou da aranha que vi?

— Não.

— Ah. Bem, não importa. Só queria saber se a tinhas visto.

— Não vi aranha nenhuma. Quem me dera que tivéssemos dinheiro para substituir o linóleo da casa de banho. — Olhou para o céu, que estava azul e

sem nuvens. — Dizem que matar uma aranha atrai chuva. Não a mataste, pois não?

— Não — disse Beverly. — Não matei.

A mãe olhou para ela com os lábios tão apertados que quase não apareciam.

— Tens a certeza de que o teu pai não se zangou contigo ontem à noite?

— Não!

— Bevvie, ele costuma tocar-te?

— O quê? — Beverly olhou para a mãe com total perplexidade. Meu Deus, o pai tocava-lhe todos os dias. — Não percebo o que...

— Esquece — respondeu Elfrida. — Não te esqueças do lixo. E se as janelas ficarem manchadas, não vais precisar do teu pai para ouvir das boas.

— Não vou

*(ele costuma tocar-te)*

esquecer-me.

— E volta antes de escurecer.

— Está descansada.

*(ele)*

*(preocupa-se muito)*

Elfrida saiu. Beverly foi para o quarto de novo e viu-a dobrar a esquina e desaparecer de vista, como tinha feito com o pai. E então, quando teve a certeza de que a mãe estava a caminho da paragem do autocarro, pegou no balde, no limpa-vidros e em alguns panos. Foi para a sala e começou a limpar as janelas. O apartamento parecia demasiado silencioso. Sempre que o soalho rangia ou uma porta batia, ela dava um salto. Quando o autoclismo do apartamento dos Bolton soou lá em cima, sufocou um grito.

E continuou a olhar para a porta fechada da casa de banho.

Por fim, foi até lá, abriu-a e olhou lá para dentro. A mãe tinha feito a limpeza de manhã, e a maior parte do sangue acumulado debaixo do



lavatório tinha desaparecido. Tal como o sangue na beira do lavatório. Mas ainda havia manchas castanhas a secar no próprio lavatório, no espelho e no papel de parede.

Beverly olhou para o seu reflexo pálido e deu-se conta com um medo repentino e supersticioso de que o sangue no espelho fazia o rosto dela parecer estar a sangrar. Pensou de novo: *O que vou fazer com isto? Será que enlouqueci? Estarei a imaginar coisas?*

De repente, o ralo emitiu uma risada que pareceu um arrote.

Beverly gritou e bateu com a porta, e cinco minutos depois, as suas mãos ainda tremiam tanto que quase deixou cair o limpa-vidros enquanto lavava as janelas da sala.

## 5

Eram umas três da tarde quando Beverly Marsh, com a casa trancada e a chave de reserva bem guardada no bolso das calças de ganga, entrou por acaso em Richard's Alley, uma passagem estreita que ligava as ruas Main e Center, e se deparou com Ben Hanscom, Eddie Kaspbrak e um rapaz chamado Bradley Donovan a brincarem a atirar moedas.

— Olá, Bev! — disse Eddie. — Tiveste pesadelo por causa dos filmes?

— Não — respondeu Beverly, agachando-se para ver o jogo. — Como soubeste do cinema?

— O Monte de Feno contou-me — respondeu Eddie, apontando para Ben com o polegar. Ben estava muito vermelho por qualquer motivo que Beverly não conseguia entender.

— Que filmex? — perguntou Bradley, e Beverly reconheceu-o: tinha ido aos Barrens uma semana antes com Bill Denbrough. Frequentavam sessões de terapia da fala em Bangor. Beverly tinha-o tirado da cabeça. Se

lhe perguntassem, talvez dissesse que ele parecia menos importante do que Ben e Eddie, menos *presente*.

— Dois filmes de monstros — respondeu ela, e andou agachada até ficar entre Ben e Eddie. — É a tua vez?

— É — disse Ben. Olhou para ela rapidamente e afastou o olhar.

— Quem está a ganhar?

— O Eddie — disse Ben. — O Eddie é muito bom.

Ela olhou para Eddie, que poliu as unhas solenemente na frente da camisa e riu.

— Posso jogar?

— Por mim, tudo bem — disse Eddie. — Tens uma moeda de um cêntimo?

Ela procurou no bolso e encontrou três.

— Caramba, como te atreves a sair de casa com essa fortuna? — perguntou Eddie. — Eu teria medo.

Ben e Bradley Donovan riram-se.

— As raparigas também podem ser corajosas — disse Beverly com seriedade, e um momento depois todos estavam a rir.

Bradley jogou primeiro, depois Ben e Beverly. Como estava a ganhar, Eddie foi o último. Lançaram as moedas de um centavo na direção da parede traseira da Center Street Drug Store. Às vezes a moeda parava antes, às vezes batia na parede e fazia ricochete. No final de cada rodada, o jogador com a moeda mais próxima da parede ficava com as quatro moedas. Cinco minutos depois, Beverly tinha vinte e quatro cêntimos. Só perdera uma vez.

— As raparigax são batoteirax! — exclamou Bradley com nojo, e levantou-se para se ir embora. O seu bom humor desaparecera e olhou para Beverly com raiva e humilhação. — As raparigash não deviam poder...

Ben levantou-se de um pulo. Era incrível ver Ben saltar.

— Retira o que disseste!

Bradley olhou para Ben boquiaberto.

— O quê?

— Retira! Ela não fez batota!

Bradley olhou para Ben, para Eddie e para Beverly, que ainda estava de joelhos. Em seguida, olhou para Ben de novo.

— Querex um lábio gordo para combinar com o rextto de ti, idiota?

— Claro — disse Ben, e um sorriso de repente surgiu no seu rosto. Alguma coisa nele fez Bradley dar um passo admirado e desconfortável para trás. Talvez o que viu naquele sorriso tenha sido o simples facto de, depois de enfrentar Henry Bowers e sair vivo e em vantagem não apenas uma vez, mas duas, Ben Hanscom não se ir deixar aterrorizar pelo magricela do Bradley Donovan (que tinha verrugas nas mãos além de ser sopinha de massa).

— Xim, e depoix vocêx vêm todox para xima de mim — disse Bradley, dando outro passo para trás. A voz dele adquiriu um certo tremor, e as lágrimas surgiram nos seus olhos. — Todox uns baboteirox!

— É só retirares o que disseste sobre ela — disse Ben.

— Esquece, Ben — disse Beverly. Estendeu um punhado de moedas a Bradley. — Leva o que é teu. Eu não estava a jogar para ganhar dinheiro.

Lágrimas de humilhação desceram pelo rosto de Bradley. Ele tirou as moedas da mão de Beverly e correu para o lado de Center Street. Os outros ficaram a olhar para ele, boquiabertos. Já perto da segurança, Bradley virou-se e gritou:

— Não passax de uma puta! Batoteira! Batoteira! A tua mãe é uma puta!

Beverly sufocou um grito. Ben correu pela viela na direção de Bradley e conseguiu apenas tropeçar numa caixa vazia e cair. Bradley desaparecera, e

Ben sabia que não conseguiria alcançá-lo. Virou-se para Beverly para ver se ela estava bem. Aquela palavra chocara-o tanto como a ela.

Ela viu a preocupação no rosto dele. Abriu a boca para dizer que estava bem, que ele não precisava de se preocupar, que paus e pedras partem os ossos, mas os insultos não fazem mal... e aquela pergunta estranha que a mãe fizera

(*ele costuma tocar-te*)

voltou-lhe à mente. Pergunta estranha, sim. Simples, mas sem sentido, cheia de matizes ominosos, turva como café velho. Em vez de dizer que os insultos nunca iriam fazer-lhe mal, começou a chorar.

Eddie olhou para ela com desconforto, tirou a bomba do bolso das calças e inspirou. Em seguida, baixou-se e começou a recolher as moedas espalhadas. Exibia uma expressão inquieta e cuidadosa.

Ben aproximou-se dela instintivamente, querendo abraçar e confortar, depois parou. Ela era demasiado bonita. Frente a tanta beleza, sentia-se impotente.

— Anima-te — disse ele, sabendo que devia parecer idiota, mas incapaz de pensar em alguma coisa mais útil. Tocou nos ombros dela ao de leve (ela cobrira o rosto com as mãos para esconder os olhos molhados e as bochechas vermelhas), mas baixou logo os braços como se ela estivesse demasiado quente para ser tocada. Encontrava-se tão vermelho que parecia à beira de uma apoplexia. — Anima-te, Beverly.

Ela baixou as mãos e gritou com voz aguda e furiosa:

— A minha mãe não é puta! Ela... ela é *empregada de mesa!*

Aquilo foi recebido com um silêncio absoluto. Ben olhou para ela de queixo caído. Eddie levantou a vista da superfície de paralelepípedos da viela, com as mãos cheias de moedas. E de repente os três estavam a rir histericamente.

— *Empregada de mesa!* — exclamou Eddie, às gargalhadas. Só tinha uma vaga ideia do que era uma puta, mas alguma coisa naquela comparação pareceu deliciosa mesmo assim. — É isso que ela é!

— Sim, é isso! — soluçou Beverly, rindo e chorando ao mesmo tempo.

Ben ria-se tanto que não conseguia aguentar-se em pé. Sentou-se pesadamente num caixote do lixo. O seu peso enfiou a tampa dentro do caixote e tombou-o para o chão de lado. Eddie apontou para ele e rugiu de riso. Beverly ajudou-o a levantar-se.

Uma janela abriu-se acima deles e uma mulher gritou:

— Saiam daqui, miúdos! Há gente que trabalha à noite, sabem? Desapareçam!

Sem pensar, os três deram as mãos, com Beverly no meio, e correram para Center Street. Ainda estavam a rir.

## 6

Juntaram o dinheiro e descobriram que tinham quarenta cêntimos, o suficiente para dois *frapés* de gelado. Como o velho senhor Keene era um rabugento e não deixava crianças com menos de doze anos comerem na bancada (alegava que as máquinas de *flippers* na sala das traseiras podiam corrompê-los), levaram os *frapés* em dois copos descartáveis enormes até ao Bassey Park e sentaram-se a bebê-los. Ben escolhera café, Eddie morango. Beverly estava sentada entre os dois rapazes, a sorver um pouco de cada copo através de uma palhinha como uma abelha nas flores. Sentia-se de novo bem pela primeira vez desde que o ralo cuspira sangue na noite anterior. Desanimada e exausta, mas bem, em paz consigo própria. Por enquanto, pelo menos.

— Não percebo qual foi o problema do Bradley — disse Eddie por fim, num tom de desculpa constrangido. — Ele nunca se comportou assim antes.

— Tu defendestes-me — disse Beverly, e beijou Ben de repente na cara. — Obrigada.

Ben ficou vermelho de novo.

— Não fizeste batota — murmurou ele, e engoliu abruptamente metade do *frapé* de café em três goladas monstruosas. Aquilo foi seguido por um arroteo alto como um tiro.

— Ainda tens mais ar aí, rapaz? — perguntou Eddie, e Beverly riu impotente, com as mãos na barriga.

— Chega — riu ela. — Dói-me a barriga. Por favor, parem.

Ben sorria. Nessa noite, antes de dormir, repetiria na mente várias vezes seguidas o momento em que ela o beijara.

— Estás mesmo bem? — perguntou ele.

Bev assentiu.

— Não foi *ele*. Não foi sequer o que ele disse sobre a minha mãe. Foi uma coisa que aconteceu ontem à noite. — Ela hesitou, olhando de Ben para Eddie e depois para Ben de novo. — Eu... eu tenho de contar a alguém. Ou mostrar a alguém. Ou qualquer coisa. Acho que chorei porque tenho medo de estar a ficar chanfrada.

— De que estás a falar, chanfrada? — perguntou uma voz diferente.

Era Stanley Uris. Como sempre, parecia pequeno, magro e sobrenaturalmente limpo, demasiado limpo para um rapaz que tinha acabado de fazer onze anos. De camisa branca enfiada dentro das calças de ganga limpas, o cabelo penteado, as pontas das botas *Keds* a brilhar, parecia ser o adulto mais pequeno do mundo. Mas então sorriu, e a ilusão desapareceu.

*Ela não vai dizer o que ia dizer, pensou Eddie, porque ele não estava lá quando o Bradley chamou aquilo à mãe.*

Mas após um momento de hesitação, Beverly contou. Porque, de alguma forma, Stanley era diferente de Bradley. Ele estava *presente* de uma maneira que Bradley não estivera.

*O Stanley é um de nós*, pensou Beverly, e perguntou-se por que motivo isso fazia os seus braços cobrirem-se de pele de galinha. *Não estou a fazer-lhes bem nenhum ao contar-lhes*, pensou ela. *Nem a eles, nem a mim*.

Mas era tarde de mais. Já estava a falar. Stan sentou-se com eles, com o rosto imóvel e sério. Eddie ofereceu-lhe o resto do *frapé* de morango, e Stan apenas abanou a cabeça, sem tirar os olhos do rosto de Beverly. Nenhum dos rapazes falou.

Ela contou-lhes o episódio das vozes. Que reconhecera a voz de Ronnie Grogan. Sabia que Ronnie estava morta, mas era a voz dela, mesmo assim. Falou-lhes do sangue, e de que o pai não o vira nem sentira, e que a mãe também não o vira de manhã.

Quando terminou, olhou para os rostos deles, com medo do que poderia ver lá... mas não viu descrença. Pavor, mas não descrença.

— Vamos lá ver — disse Ben, por fim.

## 7

Entraram pela porta das traseiras, não só porque era de lá que Bev tinha a chave, mas porque ela disse que o pai a mataria se a senhora Bolton a visse a entrar em casa com três rapazes quando os pais estavam fora.

— Porquê? — perguntou Eddie.

— Não perceberias, tolinho — disse Stan. — Não faças barulho.

Eddie começou a responder, olhou de novo para o rosto branco e tenso de Stan e decidiu ficar calado.

A porta levava à cozinha, que estava cheia de sol do fim da tarde e de silêncio estival. A louça do pequeno-almoço brilhava no escorredor. Os quatro ficaram reunidos ao lado da mesa da cozinha e, quando uma porta se fechou com estrondo no andar de cima, deram um salto e riram com nervosismo.

— Onde é? — perguntou Ben. Sussurrava.

Com o coração a latejar nas têmporas, Beverly levou-os pelo pequeno corredor com o quarto dos pais de um lado e a porta fechada da casa de banho ao fundo. Abriu-a, entrou rapidamente e puxou a corrente por cima do lavatório, tapando o ralo com a borracha. Ato contínuo, deu um passo para trás, para ficar entre Ben e Eddie de novo. O sangue tinha secado e transformara-se em manchas castanhas no espelho, lavatório e papel de parede. Ela olhou para o sangue porque de repente era mais fácil olhar para isso do que para eles.

Com uma voz baixa que ela mal conseguiu reconhecer como sua, perguntou:

— Veem? *Algun* de vocês vê? Está ali?

Ben deu um passo à frente, e mais uma vez ela ficou admirada com a delicadeza com que ele se movia para um rapaz tão gordo. Tocou numa das manchas de sangue; depois noutra; depois numa que tinha escorrido pelo espelho.

— Aqui. Aqui. Aqui. — A voz dele estava apática e autoritária.

— Caramba! Parece que alguém matou um porco aqui dentro — disse Stan, de repente impressionado.

— Tudo isso saiu do ralo? — perguntou Eddie. A visão de sangue deixava-o enjoado. A sua respiração estava a ficar superficial. Pegou na bomba.

Beverly teve de fazer um esforço para se impedir de recomeçar a chorar. Não queria fazer isso; tinha medo de que, se chorasse, eles a considerassem



apenas mais uma rapariga. Mas teve de se agarrar à maçaneta quando o alívio tomou conta dela numa onda de força assustadora. Até àquele momento, não percebera o quanto tivera a certeza de que estava a enlouquecer, a ter alucinações, alguma coisa.

— E os teus pais não viram nada... — comentou Ben impressionado. Tocou numa mancha de sangue que tinha secado no lavatório, depois puxou a mão e limpou-a à fralda da camisa. — Caramba.

— Não sei como vou conseguir voltar aqui — disse Beverly. — Para tomar banho, para lavar os dentes, para... vocês sabem.

— Bem, porque não limpamos a casa de banho? — perguntou Stanley de repente.

Beverly olhou para ele.

— Limpar?

— Claro. Talvez não consigamos tirar tudo do papel de parede, porque ele parece estar nas últimas, mas podíamos limpar o resto. Não tens uns panos?

— Debaixo do lava-louça — disse Beverly. — Mas a minha mãe vai querer saber onde eles foram parar se os usarmos.

— Tenho cinquenta cêntimos — disse Stan baixinho. Os seus olhos nunca se desviaram do sangue que se tinha espalhado na área em volta do lavatório. — Limpamos isto o melhor que pudermos, depois levamos os panos à lavandaria por onde passámos no caminho. Lavamo-los e secamo-los, e eles estarão de volta ao sítio antes de os teus pais voltarem.

— A minha mãe diz que não se consegue tirar o sangue de um pano — objetou Eddie. — Diz que se impregna, sei lá.

Ben deu uma risada histérica.

— Não importa se o sangue sai do pano ou não — disse ele. — Eles não conseguem vê-lo.

Ninguém precisou de perguntar a quem se referia o «eles».

— Tudo bem — disse Beverly. — Vamos tentar.

## 8

Durante a meia hora seguinte, os quatro limpavam como elfos laboriosos e, à medida que o sangue desaparecia das paredes, do espelho e do lavatório de porcelana, Beverly sentia o seu coração ficar cada vez mais leve. Ben e Eddie trataram do lavatório e do espelho enquanto ela esfregava o chão. Stan trabalhou no papel de parede com cuidado redobrado, usando um pano quase seco. No final, conseguiram tirar praticamente tudo. Ben terminou a trocar a lâmpada por cima do lavatório e a substituí-la por uma da caixa de lâmpadas na despensa. Havia muitas: Elfrida Marsh tinha comprado uma reserva para dois anos no Derry Lions durante os saldos anuais de lâmpadas no outono anterior.

Usaram o balde e o pano de Elfrida, o seu *Ajax* e muita água quente. Trocaram a água com frequência porque nenhum deles gostava de enfiar lá a mão depois de ficar cor-de-rosa.

Por fim, Stan recuou, observou a casa de banho com o olhar crítico de um rapaz para quem a limpeza e a arrumação não estavam apenas entranhadas, mas eram inatas, e anunciou:

— É o melhor que podemos fazer, acho.

Ainda havia leves marcas de sangue no papel de parede à esquerda do lavatório, onde ele estava tão fino que Stanley não se atrevera a fazer nada além de lhe encostar o pano ao de leve. No entanto, mesmo ali o sangue perdera a sua força ameaçadora; não passava de uma mancha em tom pastel sem significado.

— Obrigada — disse Beverly a todos. Não conseguia lembrar-se de outro agradecimento tão sincero e profundo. — Obrigada a todos.

— Tudo bem — murmurou Ben. Estava a corar de novo, escusado será dizer.

— De nada — disse Eddie.

— Vamos lavar estes panos — declarou Stanley. O seu rosto estava composto, sério. E mais tarde Beverly pensaria que talvez só Stan se desse conta de que tinham dado outro passo em direção a um confronto impensável.

## 9

Levaram uma dose do *Tide* em pó da senhora Marsh num frasco vazio de maionese. Bev encontrou um saco de papel para colocar os panos ensanguentados, e os quatro seguiram para a Kleen-Kloze Washateria na esquina da Main com a Cony Street. Dois quarteirões à frente, conseguiam ver o canal a brilhar azul no sol da tarde.

Na Kleen-Kloze estava apenas uma mulher com a farda branca de enfermeira à espera que a máquina de secar parasse. Olhou para as quatro crianças com desconfiança e voltou para o exemplar de *Amar não é Pecado*.

— Água fria — disse Ben em voz baixa. — A minha mãe diz que o sangue se lava com água fria.

Enfiaram os panos na máquina enquanto Stan trocava as duas moedas de vinte e cinco cêntimos por quatro de dez e duas de cinco. Voltou e viu Bev deitar o *Tide* sobre os panos e fechar a porta da máquina. Em seguida, colocou duas moedas de dez no buraco das moedas e girou o botão para iniciar o ciclo.

Beverly tinha usado quase todas as moedas de um cêntimo que ganhara no jogo para ajudar a comprar os *frapés*, mas descobriu quatro

sobreviventes no fundo do bolso esquerdo das calças de ganga. Tirou-as e ofereceu-as a Stan, que arvorou uma expressão constrangida.

— Caramba — disse ele —, convido uma rapariga a ir à lavandaria e ela já quer dividir a conta.

Beverly riu um bocadinho.

— Tens a certeza?

— Tenho — disse Stan no seu tom seco. — Quero dizer, estou de coração destroçado por abdicar desses quatro cêntimos, Beverly, mas tenho a certeza.

Foram os quatro até à fila de cadeiras de plástico encostadas à parede de cimento da lavandaria e ficaram ali sentados, sem falar. A máquina *Maytag* com os panos dentro tremia e balançava. A espuma batia na porta redonda de vidro grosso. A princípio, a espuma estava avermelhada. Olhar para ela deixou Beverly um pouco enjoada, mas percebeu que era difícil desviar o olhar. A espuma sangrenta exercia uma espécie distorcida de fascínio. A mulher com farda de enfermeira olhava para eles com cada vez mais frequência por cima do livro. Talvez tivesse receado que fossem demasiado barulhentos; agora, o silêncio deles parecia enervá-la. Quando a sua máquina de secar parou, ela tirou a roupa, dobrou-a, enfiou-a num saco de plástico azul e saiu, lançando-lhes um olhar intrigado enquanto saía.

Assim que ela desapareceu, Ben disse abruptamente, num tom meio áspero:

— Não estás sozinha.

— O quê? — perguntou Beverly.

— Não estás sozinha — repetiu Ben. — Sabes...

Parou e olhou para Eddie, que assentiu. Olhou para Stan, que pareceu infeliz... mas que, ao fim de um momento, encolheu os ombros e assentiu também.

— Do que estás a falar? — perguntou Beverly. Sentia-se farta de ouvir pessoas a dizerem-lhe coisas inexplicáveis naquele dia. Agarrou no antebraço de Ben. — Se sabes alguma coisa sobre isto, conta-me!

— Queres falar? — perguntou Ben a Eddie.

Eddie abanou a cabeça. Tirou a bomba do bolso e inspirou profundamente.

Falando devagar, escolhendo as palavras, Ben contou a Beverly como encontrara Bill Denbrough e Eddie Kaspbrak nos Barrens no último dia de aulas, quase uma semana antes, por mais difícil que fosse de acreditar. Contou-lhe como tinham construído a represa no dia seguinte. Contou a história de Bill sobre como a foto da escola do irmão mais novo tinha virado a cabeça e piscado o olho. Contou a sua própria história da múmia que se tinha passeado pelo canal gelado no meio do inverno com balões que flutuavam contra o vento. Beverly ouviu com horror crescente. Conseguia sentir os seus olhos a arregalarem-se, as mãos e os pés a ficarem gelados.

Ben parou e olhou para Eddie. Eddie inspirou de novo na bomba e contou a história do leproso, falando tão depressa como Ben tinha falado devagar, as palavras a tropeçarem umas nas outras na urgência de fugirem dali. Terminou com um arremedo de soluço, mas daquela vez não chorou.

— E tu? — perguntou ela, olhando para Stan Uris.

— Eu...

Houve um silêncio repentino, que os assustou da mesma forma que uma explosão teria feito.

— A lavagem acabou — disse Stan.

Viram-no levantar-se, pequeno, económico, gracioso, e abrir a máquina. Tirou os panos amontoados e examinou-os.

— Ficou uma mancha pequena — disse ele —, mas não está mal. Parece sumo de arando.

Mostrou-lhes, e todos assentiram com seriedade, como se olhassem para documentos importantes. Beverly sentiu um alívio similar ao que experimentara quando a casa de banho ficara de novo limpa. Conseguia suportar a mancha de tom pastel no papel de parede velho e a mancha avermelhada nos panos de limpeza da mãe. Tinham *feito* alguma coisa sobre o assunto, isso parecia ser o fundamental. Talvez não tivesse funcionado a cem por cento, mas percebeu que funcionava suficientemente bem para tranquilizar o seu coração, e bolas, isso bastava para Beverly, a filha de Al Marsh.

Stan enfiou-os numa das máquinas de secar em forma de barril e meteu duas moedas de cinco. A máquina começou a girar, e Stan voltou para o seu lugar entre Eddie e Ben.

Por momentos, ficaram de novo em silêncio, a ver os panos girarem e caírem, girarem e caírem. O ruído da máquina era tranquilizador, quase soporífero. Uma mulher passou pela porta escancarada a empurrar um carrinho de compras. Olhou para eles e seguiu em frente.

— Eu vi uma coisa — disse Stan de repente. — Não queria falar sobre isso porque queria pensar que foi um sonho, sei lá. Quem sabe até uma convulsão, como tem aquele rapaz, o filho dos Stavier. Algum de vocês o conhece?

Ben e Bev abanaram a cabeça.

— O que tem epilepsia? — perguntou Eddie.

— Sim, esse mesmo. Foi igualmente mau. Preferia pensar que tinha uma coisa daquelas a pensar que vi mesmo uma coisa... verdadeira.

— O que foi? — perguntou Beverly, mas não estava certa de querer saber. Não era como ouvir histórias de terror em volta de uma fogueira enquanto se comia salsichas em pão torrado e se assavam *marshmallows* nas chamas até ficarem pretos e encarquilhados. Estavam sentados numa lavandaria abafada e ela conseguia ver grandes bolas de algodão debaixo das

máquinas (caganitas de fantasmas, dizia o pai dela), conseguia ver pó a flutuar nos raios de sol que entravam pela montra suja da lavanderia, conseguia ver as revistas velhas com as capas arrancadas. Eram coisas normais. Boas, normais e chatas. Mas ela tinha medo. Muito medo. Porque sentia que nenhuma daquelas coisas era inventada, monstros inventados: a múmia de Ben, o leproso de Eddie... qualquer um dos dois, ou até os dois, poderiam aparecer quando o sol se pusesse. Ou o irmão de Bill Denbrough, com um braço só e implacável, a passear pelos canos pretos debaixo da cidade com moedas de prata no lugar de olhos.

Mas quando Stan não respondeu imediatamente, ela perguntou de novo:

— O que foi?

— Eu estava naquele parque onde fica o Reservatório... — começou Stan, a falar com cuidado.

— Meu Deus, não gosto desse sítio! — exclamou Eddie. — Se há uma casa assombrada em Derry, é essa.

— *O quê?* — perguntou Stan num tom de voz agudo. — O que disseste?

— Não *sabes* nada sobre aquele sítio? — perguntou Eddie. — A minha mãe não me deixava sequer aproximar ainda antes de os miúdos começarem a morrer. Ela... ela toma muito bem conta de mim. — Esboçou um sorriso desconfortável e segurou a bomba com mais força no colo. — Sabem, alguns miúdos afogaram-se lá. Três ou quatro. Eles... Stan? Stan, estás bem?

O rosto de Stan Uris ficara cinzento. A sua boca trabalhava sem emitir som. Os seus olhos reviraram-se até os outros só conseguirem ver as curvas inferiores das íris. Uma das mãos agarrou fracamente o ar e caiu sobre a coxa.

Eddie fez a única coisa em que conseguiu pensar. Inclinou-se, pôs um braço fino em volta dos ombros caídos de Stan, enfiou-lhe a bomba na boca

e disparou um jato longo.

Stan começou a tossir, a sufocar e engasgar-se. Sentou-se muito direito, com os olhos focados de novo. Tossiu nas mãos em concha. Por fim, soltou um arrote e recostou-se na cadeira.

— O que era isso? — conseguiu ele dizer.

— O meu medicamento para a asma — disse Eddie, num tom apologético.

— Meu Deus, sabe a merda de cão morto.

Todos se riram daquilo, mas foi um riso nervoso. Os outros olhavam inquietos para Stan. Uma ligeira cor tinha voltado às suas bochechas.

— É mesmo mau, sim — disse Eddie com uma pontinha de orgulho.

— Pois, mas é *kosher*? — perguntou Stan, e todos riram de novo, embora nenhum deles (incluindo Stan) soubesse bem o que «kosher» queria dizer.

Stan parou de rir primeiro e olhou para Eddie com atenção.

— Conta-me o que sabes sobre o reservatório — pediu.

Eddie começou, mas tanto Ben como Bev contribuíram. O reservatório de Derry ficava em Kansas Street, dois quilómetros e meio a oeste do centro, perto da extremidade sul dos Barrens. A certa altura, perto do fim do século XIX, fornecera toda a água de Derry e armazenava seis milhões e meio de litros. Como a galeria circular sob o teto do reservatório oferecia uma vista espetacular da cidade e da área circundante, fora um local popular até 1930, mais ano, menos ano. Famílias inteiras iam ao pequeno Memorial Park nas tardes de sábado ou domingo quando o tempo estava bom, subiam os cento e sessenta degraus dentro até à galeria e admiravam a vista. Com frequência, as pessoas estendiam uma toalha de piquenique lá em cima.

As escadas ficavam entre o exterior do reservatório, que era branco, e o depósito interior, um enorme cilindro de aço inoxidável com trinta e dois metros de altura. Subiam até ao cimo numa espiral estreita.



Pouco abaixo do nível da galeria, uma porta grossa de madeira na parte interior do reservatório levava a uma plataforma sobre a água, um lago negro que chapinhava delicadamente nas paredes e era iluminado por lâmpadas de magnésio presas em suportes refletores. A água tinha exatamente trinta metros de profundidade quando o cilindro estava cheio.

— De onde vinha a água? — perguntou Ben.

Bev, Eddie e Stan entreolharam-se. Nenhum deles sabia.

— E as crianças que se afogaram?

Pouco sabiam sobre isso. Parecia que naqueles tempos («velhos tempos» foi como Ben lhes chamou solenemente na sua parte da história) a porta que levava à plataforma sobre a água estava sempre destrancada. Uma noite, duas crianças... ou talvez apenas uma... ou quem sabe três... encontraram a porta de baixo também destrancada. Subiram por causa de uma aposta. Saíram por engano na plataforma acima da água em vez de na galeria. No escuro, caíram pela beira antes mesmo de saberem onde estavam.

— Ouvei isto da boca de um miúdo chamado Vic Crumly, que disse tê-lo ouvido do pai — explicou Beverly —, portanto talvez seja verdade. O pai do Vic disse que, uma vez na água não tinham salvação, porque não havia nada a que pudessem agarrar-se. A plataforma ficava demasiado alta. Disse que deviam ter nadado enquanto gritavam a pedir ajuda, provavelmente a noite toda. Só que ninguém os ouviu, e ficaram cada vez mais e mais cansados até...

Bev calou-se, sentindo o horror penetrar na sua mente. Conseguia imaginar os miúdos, de verdade ou inventados, a nadar de um lado para o outro como cachorrinhos encharcados. A afundarem-se, a subirem e a cuspirem água. A chapinharem mais e a nadarem menos à medida que o pânico aumentava. Com ténis molhados a agitarem-se na água. Dedos a procurarem inutilmente qualquer apoio nas paredes lisas de aço. Conseguia

sentir o gosto da água que eles deviam ter engolido. Conseguia ouvir o tom angustiado e o eco dos gritos. Quanto tempo? Quinze minutos? Meia hora? Quanto tempo até os gritos pararem e eles passarem a flutuar com a cara para baixo, peixes estranhos que o guarda encontraria de manhã?

— Meu Deus — disse Stan secamente.

— Ouvi dizer que uma mulher também perdeu o bebê — disse Eddie de repente. — Foi quando fecharam o sítio de vez. Pelo menos, foi o que me disseram. Deixavam mesmo as pessoas subirem, isso eu sei. Mas uma vez uma mulher subiu com o bebê. Não sei que idade ele tinha. Só sei que a plataforma ficava por cima da água. E a mulher foi até à beira e tinha, sabem, o bebê ao colo, e deixou-o cair ou ele contorceu-se. Ouvi dizer que um homem tentou salvá-lo. Armou-se em herói, sabem? Atirou-se à água, mas o bebê tinha desaparecido. Talvez tivesse um casaco, sei lá. Quando as roupas ficam molhadas, puxam as pessoas para baixo.

Eddie levou de repente a mão ao bolso e tirou um pequeno frasco castanho. Abriu-o, tirou dois comprimidos brancos e engoliu-os sem água.

— O que eram? — perguntou Beverly.

— Aspirinas. Dói-me a cabeça. — Olhou para ela na defensiva, mas Beverly não fez comentários.

Ben concluiu o relato. Depois do incidente do bebê (ele próprio ouvira dizer que era uma criança, em bom rigor, uma menina de três anos), a câmara municipal votara o encerramento do reservatório, tanto em baixo como em cima, e proibira visitas e piqueniques na galeria. Estivera trancada desde então. Ah, o guarda ia e vinha, e os homens da manutenção visitavam-no de vez em quando, e ocasionalmente havia visitas guiadas. Os cidadãos interessados podiam seguir uma senhora da Sociedade Histórica escada acima até à galeria, onde talvez se impressionassem com a vista e fizessem disparar as suas *Kodaks* para mostrar fotografias aos amigos. Mas a porta da plataforma estava sempre fechada.

— Ainda está cheia de água? — perguntou Stan.

— Acho que sim — respondeu Ben. — Já vi carros de bombeiro a abastecerem-se lá durante a época de incêndios na mata. Fixam uma mangueira ao cano em baixo.

Stanley olhava outra vez para a máquina de secar, a ver os panos girarem e caírem. Estavam separados, e alguns flutuavam como paraquedas.

— O que viste lá? — perguntou Bev com delicadeza.

Por um momento, pareceu que ele não ia responder. Mas então inspirou fundo e disse uma coisa que a princípio pareceu completamente despropositada.

— Deram-lhe o nome Memorial Park em homenagem ao vigésimo terceiro regimento de infantaria do Maine na Guerra Civil. Chamavam-lhes Derry Blues. Havia uma estátua, mas ela caiu durante uma tempestade, nos anos quarenta. Como não tinham dinheiro para reparar a estátua, puseram um bebedouro de pássaros no lugar. Um grande bebedouro de pássaros feito de pedra.

Todos estavam a olhar para ele. Stan engoliu em seco. Houve um clique audível na sua garganta.

— Eu observo pássaros, sabem? Tenho um álbum, um binóculo *Zeiss-Ikon* e tudo. — Olhou para Eddie. — Tens mais aspirinas?

Eddie entregou-lhe o frasco. Stan tirou duas, hesitou, depois tirou mais uma. Devolveu o frasco e engoliu os comprimidos, um atrás do outro, com uma careta. E prosseguiu com a sua história.

O encontro de Stan ocorrera numa noite chuvosa de abril, dois meses antes. Ele vestira o seu impermeável, guardara o livro sobre pássaros e o

binóculo numa bolsa à prova de água com um cordel em cima e dirigira-se ao Memorial Park. Ele e o pai costumavam ir juntos, mas o pai tivera de «trabalhar até mais tarde» naquela noite e ligara de propósito à hora de jantar para falar com Stan.

Um dos clientes na agência, também observador de pássaros, tinha visto o que acreditava ser um cardeal macho (*Fringillidae Richmondena*) no bebedouro de pássaros no Memorial Park, contou ele a Stan. Gostavam de comer, de beber e de tomar banho ao anoitecer. Era muito raro ver um cardeal tão ao norte de Massachusetts. Será que Stan gostaria de ir lá ver se conseguia observá-lo? Sabia que o tempo estava mau, mas...

Stan concordara. A mãe fê-lo prometer que não tirava o capuz, mas Stan não o teria feito, mesmo que ela não pedisse. Era um rapaz metuculoso. Nunca havia discussões para ele calçar as galochas ou vestir as calças da neve no inverno.

Percorreu a pé os dois quilómetros e meio até ao Memorial Park sob uma chuva tão fina e hesitante que não era sequer um chuvisco; era mais uma neblina constante e suspensa. O ar estava quieto, mas ao mesmo tempo excitante. Apesar das últimas pilhas de neve debaixo de arbustos e no meio das árvores (para Stan, pareciam pilhas de fronhas sujas abandonadas), havia no ar um cheiro de vegetação nova a crescer. Ao olhar para os ramos dos ulmeiros, bordos e carvalhos contra o céu branco-acinzentado, Stan pensou que as suas silhuetas pareciam misteriosamente mais grossas. Iriam rebentar dali a uma semana ou duas com folhas de um verde delicado, quase transparente.

*O ar cheira a verde esta tarde*, pensou ele, e sorriu.

Caminhou rapidamente, porque a luz desapareceria dali a uma hora ou menos. Era tão exigente com a observação de pássaros como com roupas e hábitos de estudo e, a não ser que houvesse luz suficiente para ter a certeza

absoluta, nunca se permitiria considerar o cardeal como um pássaro avistado se não soubesse no seu íntimo que o tinha visto mesmo.

Atravessou o Memorial Park na diagonal. O reservatório era uma forma branca à esquerda. Stan mal olhou para ele. Não tinha interesse nenhum no reservatório.

O Memorial Park formava um retângulo inclinado. A relva (branca e morta nessa altura do ano) estava sempre bem aparada no verão, e viam-se canteiros circulares de flores. Mas não havia um parque infantil. Era considerado um parque para adultos.

Na extremidade, havia um trecho plano antes de uma descida íngreme até Kansas Street e os Barrens a seguir. O bebedouro de pássaros que o pai mencionou ficava na zona plana. Era um prato raso de pedra sobre um pedestal baixo demasiado grande para a função humilde que desempenhava. O pai de Stan dissera-lhe que, antes de o dinheiro se acabar, tinham feito questão de voltar a pôr ali a estátua do soldado.

— Gosto mais do bebedouro de pássaros, pai — disse Stan.

O senhor Uris despenteou-o.

— Eu também, filho — disse ele. — Mais bebedouros e menos balas, é esse o meu lema.

No alto daquele pedestal, uma frase fora entalhada na pedra. Stanley leu-a, mas não a compreendeu; a única coisa que entendia de latim eram as classificações de género dos pássaros no livro.

*Apparebat eidolon senex.*

PLÍNIO

dizia a inscrição.

Stan sentou-se num banco, tirou o livro de pássaros do saco e abriu-o na imagem do cardeal mais uma vez, analisando-a, familiarizando-se com os

pormenores reconhecíveis. Um cardeal macho seria difícil de confundir por outro motivo: era vermelho como um carro de bombeiros, mesmo não sendo grande, mas Stan era uma criatura de hábitos e convenções; essas coisas reconfortavam-no e fortaleciam a sua sensação de fazer parte do mundo. Assim, estudou a fotografia durante mais uns três minutos antes de fechar o livro (a humidade no ar fazia os cantos virarem-se) e guardou-o de novo no saco. Pegou no binóculo e levou-os aos olhos. Não havia necessidade de ajustar o foco, porque da última vez que usara o binóculo estivera sentado no mesmo banco a olhar para o mesmo bebedouro.

Rapaz meticuloso, rapaz paciente. Não se mexeu. Não se levantou para começar a andar nem virou o binóculo noutras direções para ver o que mais havia para observar. Ficou quieto, com as lentes apontadas para o bebedouro, e a névoa acumulou-se em gotas grossas na capa amarela.

Não se sentia aborrecido. Estava a olhar para o equivalente a um centro de convenções de aves. Quatro pardais castanhos ficaram ali bastante tempo, mergulhando os bicos na água, lançando gotas casualmente por cima dos ombros, para as costas. Um gaio-azul surgiu como um polícia a interromper uma luta. O gaio era do tamanho de uma casa no binóculo de Stan, com gritos irritados absurdamente agudos em comparação (depois de se olhar pelo binóculo sem parar durante um tempo, os pássaros ampliados que se viam começavam a parecer não estranhos, mas de dimensões perfeitamente corretas). Os pardais levantaram voo. O gaio, agora no comando, bamboleou-se, banhou-se, aborreceu-se e foi-se embora. Os pardais voltaram, depois levantaram voo quando dois pintarroxos se aproximaram para tomar banho e (talvez) discutir assuntos de importância para os pássaros de peito afundado. O pai de Stan rira da sugestão hesitante de Stan de que talvez os pássaros conversassem, e ele tinha a certeza de que o pai estava certo quando dizia que os pássaros não eram suficientemente inteligentes para conversar, que o seu cérebro era demasiado pequeno, mas

pareciam mesmo estar a conversar. Um novo pássaro juntou-se a eles. Era vermelho, por sinal. Stan focou rapidamente o binóculo. Seria ...? Não. Era um tanagrídeo escarlata, um pássaro bom, mas não o cardeal que ele esperava. Um pica-pau que era visitante frequente do bebedouro de pássaros do Memorial Park juntou-se a ele. Stan reconheceu-o pela asa direita magoada. Como sempre, especulou sobre como teria aquilo acontecido. Um encontro perigoso com um gato parecia a explicação mais provável. Outros pássaros chegaram e partiram. Stan viu um estorninho, desajeitado e feio como um vagão, um azulão e outro pica-pau. Acabou por ser recompensado com um novo pássaro; não o cardeal, mas um chupim que parecia enorme e estúpido nas lentes do binóculo. Baixou-os sobre o peito e tirou de novo o livro do saco, na esperança de o chupim não levantar voo antes de ele poder confirmar que era isso mesmo. Teria alguma coisa para levar para casa, para mostrar ao pai, pelo menos. E estava na altura de regressar. A luz começava a desaparecer rapidamente. Sentia-se frio e molhado. Olhou para o livro, depois de novo pelo binóculo. O pássaro ainda estava lá, não a banhar-se, mas apenas de pé na beira com aparência idiota. Era quase de certeza um chupim. Sem marcas distintas, pelo menos nenhuma que ele conseguisse ver àquela distância, e à luz fraca era difícil ter cem por cento de certeza, mas talvez tivesse tempo e luz suficiente para mais uma verificação. Olhou para a fotografia no livro, observando com a testa franzida de concentração, depois pegou de novo no binóculo. Tinha acabado de os apontar para o bebedouro quando um bum! seco assustou o chupim, se é que era um chupim, fazendo-o levantar voo. Stan tentou acompanhá-lo com o binóculo, sabendo que as hipóteses de o encontrar de novo eram escassas. Perdeu-o e silvou irritado. Bem, se ele tinha aparecido uma vez, talvez voltasse. E, afinal, era apenas um chupim

*(provavelmente um chupim)*

não uma águia-dourada nem uma alca-gigante.

Stan guardou o binóculo no estojo e arrumou o livro de pássaros. Em seguida, pôs-se em pé e olhou em volta, para ver se conseguia descobrir o que causara aquele barulho alto e repentino. Não parecera uma arma nem um escape de carro. Parecia mais uma porta a ser aberta num filme de terror sobre castelos e calabouços... com os efeitos sonoros e tudo.

Não viu a ponta de um corno.

Começou a andar na direção da descida para Kansas Street. O reservatório estava à sua direita, um cilindro branco, como um fantasma na névoa e na escuridão crescente. Dir-se-ia que... flutuava.

Flutuar? Que pensamento estranho. Calculava que tinha vindo da sua própria cabeça (de onde mais viria um pensamento?), mas não parecia ser um pensamento dele.

Olhou para o reservatório com mais atenção e seguiu na direção dele sem sequer pensar no que estava a fazer. Abriam-se janelas a intervalos regulares no edifício, subindo numa espiral que fez Stan pensar no poste de barbearia em frente ao estabelecimento do senhor Aurlette, onde ele e o pai cortavam o cabelo. As tábuas brancas como osso avolumavam-se acima de cada uma das janelas escuras, lembrando sobancelhas sobre olhos. *Queria saber como fizeram aquilo*, pensou Stan (não com tanto interesse como Ben Hanscom teria tido, mas com algum), e foi então que viu que havia um espaço de escuridão bastante maior no sopé do reservatório, um retângulo.

Parou, franzindo a testa, e pensou que era um sítio estranho para uma janela: ficava completamente fora de simetria em relação às outras. Percebeu então que não era uma janela. Era uma porta.

*O barulho que ouvi*, pensou. *Foi aquela porta a escancarar-se.*

Olhou em volta. Começava a anoitecer. O céu branco passava para um roxo embotado e escuro, e a névoa estava a ficar mais densa e a tornar-se chuva consistente que caíria durante a maior parte da noite. Escuridão, névoa e nenhum vento.



Mas... se a porta não se abria com o vento, será que alguém a empurrara? Porquê? E parecia uma porta bastante pesada para produzir semelhante estrondo. Calculou que uma pessoa bastante grande... talvez...

Com curiosidade, Stan aproximou-se a fim de ver melhor.

A porta era maior do que ele julgara, com um metro e oitenta de altura e sessenta centímetros de largura, com tábuas presas por tiras de metal. Stan fechou-a até meio. Apesar do tamanho, deslocou-se suavemente nas dobradiças. O movimento também foi silencioso, não houve um único rangido. Ele movera-a para ver que danos fizera às tábuas por se ter escancarado daquela forma. Não havia dano nenhum; nem mesmo uma marquinha. Que estrambólico, como diria Richie.

*Bem, não foi a porta que ouviste, só isso, pensou ele. Talvez fosse um avião a jato da Loring a voar sobre Derry ou coisa do género. A porta já devia estar aberta...*

O seu pé bateu em alguma coisa. Stan olhou para baixo e viu que era um cadeado... ou melhor, eram os *restos* de um cadeado. Fora rebentado. Na verdade, parecia que alguém enchera o buraco do cadeado com pólvora e lhe encostara um fósforo. Flores de metal, mortalmente afiadas, destacavam-se no cadeado. Stan distinguia na perfeição as camadas de aço no interior. O ferrolho grosso estava pendurado torto por um parafuso que fora quase todo arrancado da madeira. Os outros três parafusos estavam na relva molhada. Tinham sido torcidos como *pretzels*.

Franzindo a testa, Stan voltou a abrir a porta e espreitou lá para dentro.

Uma escada estreita levava ao andar de cima, seguindo em espiral até desaparecer de vista. A parede externa da escada era de madeira, sustentada por gigantescas vigas fixas com cavilhas em vez de pregos. Aos olhos de Stan, algumas das cavilhas pareciam mais grossas do que o seu braço.

A parede interna era de aço, com rebites gigantescos que pareciam bolhas.

— Está aqui alguém? — perguntou Stan.

Não houve resposta.

Ele hesitou, depois entrou para poder ver um pouco melhor pela garganta estreita da escada. Nada. E era a Cidade Arrepiante ali dentro. Como Richie *também* diria. Virou-se para sair... e ouviu música.

Estava baixa, mas ainda imediatamente reconhecível.

Música de realejo.

Inclinou a cabeça e escutou, o franzir da testa a começar a diminuir um pouco. Música de realejo, realmente, a música das feiras e dos parques de diversões. Despertou nele lembranças que eram tão alegres como efémeras: pipocas, algodão-doce, dónutes a fritar em óleo quente, o barulho das correntes de diversões como a montanha-russa e as chávenas rodopiantes.

A testa franzida tornou-se um sorriso hesitante. Stan subiu um degrau, depois mais dois, com a cabeça ainda inclinada. Fez outra pausa. Era como se pensar em parques de diversões pudesse realmente conjurar um; ele *sentia* mesmo o cheiro a pipocas, algodão-doce, dónutes... e mais! Pimentos, cachorros-quentes, fumo de tabaco e serradura. Havia o odor acre de vinagre branco, daquele que se põe nas batatas fritas por um buraquinho na tampa. Sentia o aroma da mostarda, amarela e picante, que se espalha no cachorro-quente com um pauzinho.

Aquilo era assombroso... incrível... irresistível.

Deu outro passo, e foi quando ouviu o movimento de passos arrastados e ansiosos acima dele, a descer a escada. Inclinou a cabeça de novo. A música do realejo ficou de repente mais alta, como se para abafar o som dos passos. Conseguia reconhecer a melodia, era «Camptown Races».

Passos, sim; mas não eram exatamente passos arrastados. Na verdade, pareciam... molhados, não? O som era como pessoas a andar de galochas cheias de água.

*Camptown ladies sing dis song, doodah doodah*  
(Scuich-cuich)  
*Camptown Racetrack nine miles long, doodah doodah*  
(Scuich-cuich, já mais perto)  
*Ride around all night*  
*Ride around all day...*

Havia sombras na parede acima dele.

O pavor desceu pela garganta de Stan de uma vez; era como engolir uma coisa quente e horrível, um remédio desagradável que de repente estimulava a pessoa como eletricidade. Foram as sombras que provocaram isso.

Viu-as apenas por um momento. Teve essa pequena janela de tempo para observar que eram duas, que estavam curvadas e eram de alguma forma pouco naturais. Só teve aquele momento porque a luz ali dentro estava a desaparecer, a desaparecer demasiado depressa e, quando ele se virou, a pesada porta do reservatório fechou-se atrás dele.

Stanley correu escada abaixo (de alguma forma tinha subido mais de dez degraus, embora só conseguisse lembrar-se de subir dois ou três no máximo) com muito medo. Estava demasiado escuro para ver alguma coisa. Conseguia ouvir a própria respiração, conseguia ouvir o realejo a tocar algures lá em cima

*(o que faz um realejo lá em cima no escuro? quem está a tocá-lo?)*

e conseguia ouvir os passos molhados. A aproximarem-se dele. A ficarem mais próximos.

Bateu na porta com as mãos abertas, com força suficiente para despertar pontadas de dor até aos cotovelos. Abrira-se com tanta facilidade antes... e agora, nem se mexia.

Não... isso não era bem verdade. A princípio, mexera-se só um pouco, o suficiente para ele ver uma tira vertical de luz cinzenta provocadora à sua esquerda. Depois desapareceu. Como se alguém estivesse do outro lado a empurrar a porta.

Ofegante, apavorado, Stan empurrou a porta com toda a força. Sentiu o metal das chapas a cravar-se nas suas mãos. Nada.

Virou-se e encostou as costas e as mãos abertas à porta. Conseguia sentir suor, oleoso e quente, a escorrer-lhe pela testa. A música do realejo tinha ficado ainda mais alta. Espalhou-se e ecoou pela escada em espiral. Não havia nada alegre nela. Tinha mudado. Transformara-se num canto fúnebre. Gritava como vento e água e, na sua mente, Stan viu uma feira no fim de outono, com vento e chuva a atingir o terreno deserto, estandartes a voar, tendas a inflar, a cair, a rolar como morcegos de lona. Viu diversões vazias contra o céu como andaimes; o vento batia e assobiava nos ângulos bizarros dos suportes. Stan entendeu de repente que a morte estava naquele sítio com ele, que a morte vinha atrás de si saída do escuro e que ele não podia correr.

Uma torrente repentina de água correu escada abaixo. Os cheiros já não eram de pipocas, dónutes e algodão-doce, mas de podridão molhada, o fedor a porco morto que explodia numa fúria de larvas num lugar escondido do sol.

— *Quem está aqui?* — gritou ele com voz alta e trémula.

Respondeu-lhe uma voz baixa e borbulhante que parecia engasgada em lama e água velha.

— Os mortos, Stanley. Somos os mortos. Afundámo-nos, mas agora flutuamos... e tu também vais flutuar.

Sentia a água em volta dos pés. Encolheu-se contra a porta numa agonia de medo. Eles estavam muito próximos. Conseguia sentir a sua proximidade. Conseguia *cheirá-los*. Alguma coisa estava a espetar-se na

sua anca enquanto ele empurrava a porta sem parar num esforço maquinal e inútil para escapar.

— Estamos mortos, mas às vezes fazemos palhaçadas por aí, Stanley. Às vezes nós...

Era o seu livro dos pássaros.

Sem pensar, Stan pegou nele. Estava preso no saco e não queria sair. Um *deles* estava em baixo; conseguia senti-lo a arrastar os pés molhados pela pequena zona de pedra por onde ele tinha entrado. Esticaria a mão a qualquer momento, e ele sentiria o toque da carne fria.

Deu um puxão forte, e o livro dos pássaros ficou nas suas mãos. Segurou-o à frente do corpo como um escudo insignificante, sem pensar no que estava a fazer, mas de repente certo de que aquilo era o *correto*.

— Pintarroxos! — gritou para a escuridão e, por um momento, a coisa a aproximar-se (estava sem dúvida a menos de cinco passos) hesitou; ele teve quase certeza de que sim. E por um momento não sentira a porta ceder um pouco, com ele encolhido a empurrá-la?

Mas já não estava encolhido. Estava de pé, ereto, na escuridão. Quando acontecera isso? Não havia tempo para pensar. Stan passou a língua pelos lábios e começou a entoar:

— Pintarroxos! Garças! Mergulhões! Tanagrídeos! Melros! Pica-paus! Estorninhos! Carriças! Peli...

A porta abriu-se com um guincho de protesto, e Stan deu um passo gigantesco para trás, para o ar enevoadado. Caiu estatelado na erva morta. Tinha dobrado o livro de pássaros praticamente ao meio, e mais tarde veria as marcas claras dos seus dedos afundadas na capa, como se ela fosse feita de plasticina em vez de cartão prensado.

Não tentou levantar-se, mas começou a fincar os calcanhares na terra, fazendo deslizar o traseiro pela erva escorregadia. Os seus lábios estavam repuxados sobre os dentes. Dentro do retângulo escuro, conseguia ver dois

pares de pernas abaixo da linha diagonal de sombra provocada pela porta, que estava entreaberta. Conseguia ver umas calças de ganga que tinham apodrecido até ficarem preto-arroxeadas. Fiapos laranja estavam presos nas costuras, e a água pingava das bainhas e formava poças em volta de sapatos que tinham apodrecido quase completamente, deixando à mostra dedos roxos e inchados.

As mãos pendiam junto aos flancos, demasiado longas, demasiado brancas e pálidas. Preso em cada dedo havia um pequeno pompom cor de laranja.

Segurando o livro de pássaros dobrado diante do corpo, o seu rosto molhado da chuva leve, de suor e de lágrimas, Stan sussurrou num tom monótono e rouco:

— Gaviões... papagaios...colibris... albatrozes... quivis...

Uma daquelas mãos virou-se e exibiu uma palma da qual a água interminável havia erodido todas as linhas, deixando uma coisa tão lisa como a mão de um manequim de loja.

Um dedo esticou-se... depois enrolou-se de novo. E o pompom balançou e tornou a balançar.

A coisa estava a chamá-lo.

Stan Uris, que morreria numa banheira com cruzes abertas nos braços vinte e sete anos depois, pôs-se de joelhos, depois em pé, e correu. Atravessou Kansas Street sem olhar para nenhum dos lados e fez uma pausa, ofegando, no outro passeio, para olhar para trás.

Do ângulo de onde estava, não conseguia ver a porta na base do reservatório; só o reservatório em si, grosso, mas mesmo assim gracioso, erguido na obscuridade.

— Estavam mortos — sussurrou Stan para si mesmo, chocado.

Virou-se de repente e correu para casa.

A máquina de secar tinha parado. E Stan também.

Os outros três limitaram-se a fitá-lo durante um longo momento. A pele dele estava tão cinzenta como a noite de abril que acabara de descrever.

— Uau — disse Ben ao fim de algum tempo. Soltou a respiração num suspiro irregular e sibilante.

— É verdade — disse Stan em voz baixa. — Juro por Deus.

— Acredito em ti — disse Beverly. — Depois do que aconteceu na minha casa, acreditaria em *qualquer coisa*.

Levantou-se de repente, não tombando a cadeira por um triz, e dirigiu-se à máquina de secar. Começou a tirar os panos um a um e a dobrá-los. Encontrava-se de costas para eles, mas Ben desconfiava de que estava a chorar. Queria ir até junto dela, mas faltava-lhe coragem.

— Temos de contar isto ao Bill — disse Eddie. — Ele vai saber o que fazer.

— Fazer? — disse Stan, virando-se para o olhar. — O que queres dizer com fazer?

Eddie olhou para ele pouco à vontade.

— Bem...

— Não quero fazer nada — disse Stan. Olhava para Eddie com tanta firmeza e intensidade que Eddie se remexeu na cadeira. — Quero *esquecer* esta história. É só o que quero fazer.

— Não é assim tão fácil — disse Beverly baixinho, virando-se. Ben acertara: a luz do sol quente que entrava inclinada pelas janelas sujas da lavandaria refletia as linhas brilhantes das lágrimas no rosto dela. — Não somos só nós. Eu ouvi a Ronnie Grogan. E o menino que ouvi primeiro... acho que devia ser o filho dos Clement. O que desapareceu do triciclo.

— *E então?* — perguntou Stan em tom de desafio.

— E se aquilo apanhar mais? — perguntou ela. — E se apanhar mais crianças?

Os olhos dele, de um castanho-escuro, prenderam-se aos azuis dela, respondendo à pergunta sem falar: *E então?*

Mas Beverly não baixou o olhar nem o virou para outro lado, e Stan acabou por baixar os olhos... talvez só porque ela ainda estava a chorar, mas talvez porque a preocupação dela a tornava mais forte de alguma forma.

— O Eddie tem razão — disse ela. — Devíamos contar ao Bill. Depois talvez ao chefe da polícia...

— Certo — disse Stan. Se estava a tentar parecer desdenhoso, não conseguiu. A voz saiu apenas cansada. — Rapazes mortos no reservatório. Sangue que só as crianças conseguem ver, adultos não. Palhaços a andar no canal. Balões que voam contra o vento. Múmias. Leprosos debaixo de alpendres. O chefe Borton vai partir o coco a rir... e depois vai enfiar-nos no manicómio.

— Se fôssemos todos falar até ele — disse Ben, agitado. — Se fôssemos todos juntos...

— Claro — disse Stan. — Certo. Conta-me mais, Monte de Feno. Escreve um livro. — Levantou-se e foi até à janela, com as mãos nos bolsos, com um ar zangado, aborrecido e assustado. Olhou para fora por um momento, com ombros tensos e defensivos por baixo da camisa engomada. Sem se virar para eles, repetiu: — Escreve um maldito *livro!*

— Não — disse Ben baixinho —, é o Bill que vai escrever os livros.

Stan recuou admirado, e os outros olharam para ele. Havia uma expressão de choque no rosto de Ben Hanscom, como se ele tivesse de repente, e de forma inesperada, dando uma bofetada em si mesmo.

Bev dobrou os últimos panos.

— Pássaros — disse Eddie.



— O quê? — perguntaram Bev e Ben juntos.

Eddie estava a olhar para Stan.

— Escapaste a gritar-lhes nomes de pássaros?

— Talvez — disse Stan com relutância. — Ou quem sabe a porta estava presa e soltou-se de repente?

— Sem te encostares a ela? — perguntou Bev.

Stan encolheu os ombros. Não foi um gesto mal-humorado; traduzia apenas ignorância.

— Acho que foram os nomes de pássaros que lhes gritaste — continuou Eddie. — Mas porquê? Nos filmes, as pessoas mostram uma cruz...

— ... ou dizem uma oração... — acrescentou Ben.

— ... ou o salmo vinte e três — interveio Beverly.

— Eu conheço o salmo vinte e três — disse Stan com irritação —, mas não teria muitas hipóteses com a cena do crucifixo. Sou judeu, lembram-se?

Eles desviaram o olhar com constrangimento, ou por ele ter nascido assim, ou por se terem esquecido.

— Pássaros — disse Eddie de novo. — Jesus! — Olhou para Stan com culpa de novo, mas Stan estava a olhar mal-humorado para o outro lado da rua, para os escritórios da Bangor Hydro.

— O Bill saberá o que fazer — disse Ben de repente, como se finalmente concordasse com Bev e Eddie. — Aposto qualquer coisa. Aposto dinheiro.

— Olhem — disse Stan, olhando para eles com sinceridade. — Tudo bem. Podemos contar ao Bill se quiserem. Mas é aí que as coisas acabam para mim. Podem chamar-me medricas, não me importo. Não sou medricas, acho que não. Mas aquelas coisas no reservatório...

— Se não tivesses medo de uma coisa daquelas, terias de ser maluco, Stan — disse Beverly baixinho.

— Sim, tive *medo*, mas esse não é o problema — disse Stan com irritação. — Não é sequer disso que estou a falar. Não veem...

Estavam a olhar para Stan com expectativa, com olhos perturbados e levemente esperançosos, mas Stan descobriu que não conseguia explicar como se sentia. As palavras tinham-se acabado. Havia um tijolo de sensações dentro dele, quase a sufocá-lo, e não conseguia tirá-lo da garganta. Por mais organizado que fosse, por mais seguro que fosse, ainda era apenas um rapaz de onze anos acabado de sair do quarto ano.

Queria dizer-lhes que havia coisas piores do que sentir medo. Podia sentir-se medo de coisas como estar prestes a ser atropelado por um carro quando se andava de bicicleta ou, antes da vacina Salk, apanhar pólio. Podia sentir-se medo daquele maluco do Krutchev ou de morrer afogado se se batesse com a cabeça ao mergulhar. Podia ter-se medo de todas essas coisas e ainda assim continuar a funcionar.

Mas aquelas coisas no reservatório...

Queria dizer-lhes que aqueles rapazes mortos que desceram pela escada em espiral fizeram uma coisa pior do que assustá-lo: *ofenderam-no*.

Ofenderam, sim. Era a única palavra em que conseguia pensar, e se a usasse os amigos ririam. Gostavam de si, sabia isso, mas ririam de qualquer modo. No entanto, havia coisas que não deviam *existir*. Ofendiam o sentido de ordem de qualquer pessoa sã, ofendiam a ideia central de que Deus tinha dado um empurrão à Terra para que ela se inclinasse um pouco e o crepúsculo só durasse cerca de doze minutos na linha do equador e demorasse uma hora ou mais onde os esquimós faziam as suas casas de cubos de gelo, que Ele fizera isso e dissera: «Certo, se conseguirem entender a inclinação, conseguem entender qualquer coisa que queiram. Porque até a luz tem peso, e quando a nota de um apito de comboio muda de tom, é o efeito Doppler e, quando um avião rompe a barreira do som, aquele estrondo não é o aplauso dos anjos nem a flatulência dos demónios,

mas só o ar a voltar ao lugar. Fiz-vos a inclinação e sentei-me a meio do auditório para assistir ao espetáculo. Não tenho mais nada a dizer, a não ser que dois e dois são quatro, as luzes no céu são estrelas, se houver sangue os adultos conseguem vê-lo, assim como as crianças, e os rapazes mortos ficam mortos.» Pode viver-se com medo, acho, teria dito Stan se conseguisse. Talvez não para sempre, mas durante um longo, longo tempo. É com a *ofensa* que talvez não se consiga viver, porque ela abre uma fenda no nosso pensamento e, se olharmos para dentro dela, vemos que há coisas vivas ali, e elas têm olhinhos amarelos que não pestanejam, e há um fedor naquela escuridão e, ao fim de um tempo, achamos que talvez haja um outro universo lá dentro, um universo em que uma lua quadrada sobe no céu e as estrelas riem com vozes frias e alguns dos triângulos têm quatro lados, e alguns têm cinco, e alguns têm cinco elevado a cinco. Nesse universo, podem crescer rosas que cantam. Tudo leva a tudo, teria ele dito aos amigos se pudesse. Vão à vossa igreja e ouçam as histórias sobre Jesus a andar sobre a água, mas se eu visse um tipo a fazer isso, gritaria até ficar rouco. Porque não me pareceria um milagre. Pareceria uma *ofensa*.

Uma vez que não era capaz de dizer nenhuma dessas coisas, apenas reiterou:

— Ter medo não é o problema. Só não quero envolver-me numa coisa que me vai mandar direitinho para o manicómio.

— Vais pelo menos connosco falar com ele? — perguntou Bev. — Ouvir o que ele diz?

— Claro — disse Stan, e riu. — Talvez seja boa ideia levar o meu livro dos pássaros.

Todos riram então, e as coisas ficaram um pouco mais fáceis.

Beverly separou-se deles em frente ao Kleen-Kloze e levou os panos para casa sozinha. O apartamento ainda estava deserto. Guardou os panos debaixo do lava-louça e fechou o armário. Endireitou-se e olhou na direção da casa de banho.

*Não vou lá, pensou. Vou ver o Bandstand na televisão. Ver se consigo aprender aquele passo de dança.*

Assim, foi para a sala e ligou a televisão; cinco minutos depois desligou-a, quando Dick Clark estava a mostrar a quantidade de óleo que apenas um toalhete impregnado em *Stri-Dex* conseguia retirar do rosto de um adolescente comum («Se acham que conseguem lavar-se com apenas sabão e água», disse Dick, segurando o toalhete sujo diante da câmara, para que todos os adolescentes dos Estados Unidos pudessem vê-lo bem, «deviam olhar para isto.»).

Foi ao armário da cozinha em cima do lavatório, onde o pai guardava as ferramentas. Entre elas havia uma fita métrica de enrolar, daquelas com uma língua grande cheia de centímetros. Segurou o objeto com a mão fria e foi até à casa de banho.

Estava imaculada e silenciosa. Algures bem longe, ao que parecia, ouvia a senhora Doyon a gritar ao filho Jim que saísse da estrada imediatamente.

Foi ao lavatório da casa de banho e espreitou para o olho escuro do ralo.

Ficou ali algum tempo, com as pernas frias como mármore dentro das calças de ganga, os mamilos a parecerem afiados e duros o bastante para cortar papel, os lábios secos. Esperou pelas vozes.

Não ouviu vozes nenhuma.

Deixou escapar um pequeno suspiro trémulo, e começou a introduzir a fita métrica dentro do ralo. Desceu com facilidade, como uma espada na garganta de um faquir. Quinze centímetros, vinte centímetros, vinte e cinco. Parou ao chegar à curva do cano debaixo do lavatório, supôs Beverly. Ela agitou-a, empurrando com delicadeza ao mesmo tempo, e a fita acabou por

descer mais pelo ralo. Quarenta centímetros, depois sessenta, depois noventa.

Viu a fita amarela a sair do estojo de aço cromado, gasto de lado até ficar preto pela mão grande do pai. Na mente, ela via-a deslizar pelo cano escuro, arrastando alguma sujidade, arrancando lascas de ferrugem. *Lá em baixo, onde o Sol nunca brilha e a noite nunca tem fim*, pensou ela.

Imaginou a extremidade da fita, com a pequena ponta de aço do tamanho de uma unha, a deslizar cada vez mais na escuridão, e parte da sua mente gritou: *O que estás a fazer?* Ela não ignorou essa voz... mas pareceu incapaz de lhe dar atenção. Viu a ponta da fita a descer a direito, até à cave. Viu-a a bater no cano do esgoto... e quando viu isso, a fita prendeu de novo.

Voltou a mexer-lhe, e a fita, suficientemente fina para ser flexível, fez um som assustador e baixo que lhe recordou vagamente o som de um serrote quando o curvava sobre as pernas.

Conseguiu visualizar a ponta a bater no fundo desse cano mais largo, que devia ter uma superfície de cerâmica. Conseguiu vê-la a dobrar-se ... e acabou por conseguir empurrá-la mais um pouco.

Chegou ao metro e oitenta. Dois metros e dez. Dois metros e setenta...

E de repente a fita começou a correr pela sua mão sozinha, como se alguma coisa lá em baixo estivesse a puxar a ponta. Não apenas a puxar; a *correr* com ela. Olhou para a fita que se desenrolava com os olhos arregalados, a boca redonda numa expressão de medo. Medo, sim, mas não surpresa. Não soubera já? Não *soubera* que alguma coisa assim ia acontecer?

A fita chegou ao fim. Cinco metros e meio.

Uma risada baixa subiu pelo ralo, seguida de um sussurro baixo que era quase reprovador:

— *Beverly, Beverly, Beverly... não podes lutar contra nós... vais morrer se tentares... morrer se tentares... morrer se tentares... Beverly... Beverly... Beverly... ly-ly-ly...*

Alguma coisa estalou dentro do estojo e a fita de repente começou a voltar depressa para dentro da caixa, com os números e as marcas a passarem rapidamente. Perto do fim, do último metro e meio, o amarelo transformou-se num vermelho-escuro húmido; ela gritou e largou o estojo, como se a fita se tivesse de repente transformado numa cobra viva.

Sangue fresco pingou na porcelana branca e limpa do lavatório e pelo olho arregalado do ralo. Ela inclinou-se, chorando, o medo um peso gelado na barriga, e pegou na fita. Apertou-a entre o polegar e o indicador da mão direita e, segurando-a na frente do corpo, levou-a para a cozinha. A cada passo que dava, o sangue pingava da fita para o linóleo gasto do corredor e da cozinha.

Controlou-se pensando no que o pai lhe diria, no que lhe faria, se descobrisse que ela enchera a sua fita métrica de sangue. Claro que ele não conseguiria ver o sangue, mas ajudava pensar assim.

Pegou num dos panos limpos, ainda morno como pão quente, recém-saído da máquina de secar, e voltou para a casa de banho. Antes de começar a limpar, colocou a tampa de borracha no ralo para fechar aquele olho. O sangue estava fresco e foi fácil de limpar. Ela seguiu o seu próprio trilho, limpando gotas do tamanho de moedas no linóleo, depois lavou o pano, torceu-o e colocou-o de parte.

Pegou num segundo pano e usou-o para limpar a fita métrica do pai. O sangue era denso, viscoso. Em dois pontos havia coágulos, pretos e esponjosos.

Apesar de o sangue só se estender a pouco mais de um metro e meio, ela limpou a fita toda e tirou todos os vestígios de sujidade do cano. Depois disso, guardou a fita no armário e levou os dois panos sujos para as

traseiras. A senhora Doyon estava de novo a gritar com Jim. A sua voz era límpida, quase como um sino naquele fim de tarde ainda quente.

No quintal, que era praticamente só de terra, ervas daninhas e varais, havia um incinerador enferrujado. Beverly atirou os panos lá para dentro e sentou-se nos degraus das traseiras. As lágrimas vieram de repente, com violência surpreendente, e desta vez não tentou contê-las.

Envolveu os joelhos com os braços, apoiou a cabeça nestes e chorou enquanto a senhora Doyon gritava a Jim para sair da estrada, perguntando-lhe se queria ser atropelado e morrer?

DERRY:  
O SEGUNDO INTERLÚDIO

*«Quaeque ipsa miserrima vidi,  
Et quorum pars magna fui.»*

— VIRGÍLIO

«Ninguém se põe com merdas com o infinito.»

— MEAN STREETS



*14 de fevereiro de 1985*

Dia dos Namorados

Registaram-se mais dois desaparecimentos na semana passada, duas crianças. Precisamente quando começava a descontraí-me. O primeiro foi um rapaz de dezasseis anos chamado Dennis Torrio, o outro uma rapariga de apenas cinco anos que estava a andar de trenó nas traseiras da casa em West Broadway. A mãe histérica encontrou o trenó, um daqueles discos voadores de plástico azuis, e mais nada. Caíra um nevão na noite anterior, uns dez centímetros. Não havia nenhuma pegada além das dela, disse o chefe Rademacher quando lhe telefonei. Acho que ele está a ficar extremamente irritado comigo. Não é nada que vá fazer-me perder o sono; tenho coisas piores com que me entreter, certo?

Perguntei-lhe se podia ver as fotografias da polícia. Ele disse que não.

Perguntei se as pegadas dela levavam na direção de uma sarjeta ou de uma vala. Isso foi seguido de um longo período de silêncio.

— Começo a perguntar-me se você não devia ir ao médico, Hanlon — disse Rademacher, passado um bocado. — Daqueles que estudam a cabeça. A rapariga foi levada pelo pai. Não lê o jornal?

— O jovem Torrio foi levado pelo pai? — perguntei.

Outra longa pausa.

— Largue isto, Hanlon — disse ele. — Esqueça.

Desligou.

Claro que eu lia os jornais. Não sou eu quem os coloca na sala de leitura da biblioteca todas as manhãs? A menina, Laurie Ann Winterbarger, estava

sob a guarda da mãe depois de um divórcio difícil na primavera de 1982. A teoria da polícia é que Horst Winterbarger, que em princípio faz manutenção a máquinas agrícolas na Florida, conduziu até ao Maine para raptar a filha. A polícia também acha que ele estacionou o carro ao lado da casa e chamou a filha, que foi até ele, e por isso não há pegadas além das dela. Os polícias não têm muito a dizer sobre o facto de a menina não ver o pai desde os dois anos. Parte do ressentimento que acompanhou o divórcio dos Winterbarger veio das alegações da senhora Winterbarger, segundo as quais, em pelo menos duas ocasiões, Horst Winterbarger molestara sexualmente a criança. Ela pediu ao tribunal para recusar direitos de visita a Winterbarger, um pedido que foi aceite apesar de ele negar com veemência. Rademacher alega que a decisão do tribunal, que afastou Winterbarger completamente da única filha, pode tê-lo impelido a raptá-la. Isso pelo menos era ligeiramente plausível, mas perguntemo-nos: a pequena Laurie Ann tê-lo-ia reconhecido depois de três anos e corrido para ele quando a chamou? Rademacher diz que sim, apesar de ela ter apenas dois anos da última vez que viu o pai. Eu acho que não. E a mãe diz que Laurie Ann fora ensinada a não se aproximar nem falar com estranhos, uma lição que a maioria das crianças de Derry aprende cedo e aprende bem. Rademacher diz que pôs a Polícia Estadual da Florida à procura de Winterbarger e que a sua responsabilidade termina aí.

«Assuntos de regulação do poder paternal são mais terreno de advogados do que da polícia», declarou o idiota pomposo e gordo ao *News* de Derry, na última sexta-feira.

Mas o filho dos Torrio... a história dele é outra. Tinha uma vida maravilhosa em casa. Jogava futebol nos Derry Tigers. Estava no quadro de honra da escola. Fez um curso de sobrevivência no verão de 1984 e passou com distinção. Não tinha histórico de consumo de drogas. Namorava com

uma rapariga por quem parecia estar apaixonado. Tinha tudo para uma boa vida. Tudo para querer ficar em Derry, pelo menos por mais dois anos.

Mesmo assim, desapareceu do mapa.

O que lhe aconteceu? Teve uma vontade repentina de se ir embora? Um condutor bêbedo talvez o tenha atropelado, matado e enterrado? Ou será que ainda está em Derry, no lado escuro de Derry, na companhia de gente como Betty Ripsom, Patrick Hockstetter e Eddie Corcoran e todos os outros? Será?

*(mais tarde)*

Estou a fazer tudo de novo. A repetir as mesmas coisas, a não fazer nada construtivo, apenas a enervar-me ao ponto de quase gritar. Dou um salto sempre que a escada de ferro para chegar às prateleiras altas estala. Dou saltos por causa de sombras. Pergunto-me como reagiria se estivesse a arrumar livros lá em cima, a empurrar o meu carrinho com rodas de borracha, e a mão do palhaço surgisse entre duas filas de livros, a mão a tatear...

Tive de novo um desejo praticamente irresistível de começar a ligar-lhes esta tarde. A determinado momento, cheguei a marcar o 404, o indicativo de Atlanta, com o número do Stanley Uris à minha frente. Depois fiquei com o telefone encostado à orelha, perguntando-me se queria ligar para eles porque tinha a certeza, cem por cento de certeza, ou apenas porque estou tão apavorado que não consigo ficar sozinho; porque preciso de falar com alguém que saiba (ou *ficará* a saber) que tenho medo.

Por um momento, pareceu-me ouvir o Richie a dizer «Distintivos? DISTINTIVOS? Não precisamos de porra de distintivos, *señor!*» com a Voz de Pancho Vanilla, tão claramente como se ele estivesse ao meu lado... e desliguei o telefone. Porque quando queremos tanto ver alguém como eu

queria ver o Richie naquele momento, ou qualquer um deles, não podemos confiar nas nossas motivações. Mentimos melhor quando mentimos a nós próprios. O facto é que ainda não tenho cem por cento de certeza. Se outro corpo aparecer, ligarei... mas, por enquanto, devo supor que até um imbecil pomposo como o Rademacher pode estar certo. Ela *podia* ter-se lembrado do pai; podia ter fotografias dele. E acho que um adulto bastante persuasivo poderia convencer uma criança a entrar no carro, independentemente do que ensinaram à criança.

Há outro medo que me assombra. Rademacher sugeriu que eu podia estar a enlouquecer. Não acredito nisso, mas se lhes ligar, eles podem pensar que estou louco. Pior do que isso, e se não se lembrarem de mim? *Mike Hanlon? Quem? Não me lembro de Mike Hanlon nenhum. Não me lembro de ti. Que promessa?*

Sinto que surgirá uma hora certa para lhes ligar... e quando essa hora chegar, vou *saber* que é a certa. Os circuitos deles vão abrir-se ao mesmo tempo. É como se houvesse duas enormes rodas a entrar numa espécie de convergência poderosa uma com a outra, eu e o resto de Derry numa e todos os meus amigos de infância na outra.

Quando a hora chegar, eles vão ouvir a voz da Tartaruga.

Então, vou esperar e, mais tarde ou mais cedo, saberei. Não acredito que seja já uma questão de lhes ligar ou não.

É apenas uma questão de quando.

*20 de fevereiro de 1985*

O incêndio no Black Spot.

«Um exemplo perfeito de como a Câmara do Comércio vai tentar reescrever a história, Mike», ter-me-ia dito o velho Albert Carson, provavelmente a rir-se. «Vão tentar, e às vezes quase conseguem... mas as pessoas velhas lembram-se de como as coisas realmente aconteceram.

Lembram-se sempre. E às vezes contam-nos, se lhes pedirmos com jeitinho.»

Há pessoas que vivem em Derry há vinte anos e não sabem que já existiu uma caserna «especial» para soldados rasos na velha base aérea de Derry, uma caserna que ficava a pelo menos oitocentos metros do resto da base. E, em meados de fevereiro, com a temperatura a dezassete graus negativos e ventos uivantes de sessenta e cinco quilómetros por hora nas pistas e a baixar a sensação térmica para uma coisa incrível, aqueles oitocentos metros a mais tornavam-se uma coisa que poderia fazer uma pessoa gelar, ou talvez até morrer.

As outras sete casernas tinham aquecimento a óleo, janelas reforçadas contra tempestades e isolamento térmico. Eram quentes e aconchegantes. A caserna «especial», que abrigava os vinte e sete homens da Companhia E, era aquecida por uma caldeira velha a lenha. A lenha tinha de ser apanhada por eles. O único isolamento térmico era a barreira de ramos de pinheiros e abetos que os homens colocavam do lado de fora. Um dos homens forneceu um conjunto completo de janelas reforçadas contra tempestades, mas os vinte e sete ocupantes da caserna «especial» foram mandados para Bangor naquele dia para ajudar num trabalho da base local e, quando voltaram à noite, cansados e com frio, todas as janelas tinham sido partidas. Todas.

Isso aconteceu em 1930, quando metade da força aérea americana ainda era composta por biplanos. Em Washington, Billy Mitchell fora julgado por um tribunal militar e despromovido a pilotar uma secretária porque a sua insistência impertinente em tentar construir uma força aérea mais moderna acabara por irritar os mais velhos, que decidiram puni-lo exemplarmente. Pouco tempo depois, ele pediu a demissão.

Assim, voava-se muito pouco na base de Derry, apesar das suas três pistas (uma delas alcatroada). As operações militares consistiam, na maior parte, em trabalhos inventados.

Um dos soldados da Companhia E que voltaram a Derry depois do seu tempo de serviço terminar em 1937 foi o meu pai. Ele contou-me a seguinte história:

— Um dia, na primavera de 1930, cerca de seis meses antes do incêndio no Black Spot, eu estava a voltar com quatro amigos de uma folga de três dias que passáramos em Boston.

Quando entrámos pelo portão, havia um tipo grande logo a seguir ao posto de controlo, apoiado a uma pá e a tirar as cuecas do rabo. Um sargento de algum sítio do sul, com cabelo ruivo cor de cenoura, dentes horríveis, borbulhas. Não passava de um macaco sem os pelos no corpo, se é que me entendes. Havia muitos assim no exército durante a Depressão.

Então chegámos nós, quatro jovens a voltar da folga, todos ainda felizes, e conseguíamos ver nos olhos dele que estava à procura de alguma coisa para nos chatear. Fizemos continência como se ele fosse o próprio general Black Jack Pershing. Acho que podíamos ter ficado bem, mas estava um dia bonito de final de abril, com o sol a brilhar, e eu tinha de abrir a boca. «Boa tarde para si, sargento Wilson», disse eu, e ele caiu em cima de mim com os dois pés.

«Dei-lhe autorização para falar comigo?», perguntou.

«Não, senhor», respondi.

Ele olha para o resto de nós, Trevor Dawson, Carl Roone e Henry Whitsun, que morreu no incêndio naquele outono, e diz-lhes: «Este preto espertalhão está a chatear-me. Se não quiserem juntar-se a ele numa tarde de trabalhos forçados, vão para a caserna, guardem o equipamento e vão apresentar-se ao oficial de dia. Entendido?»

Bom, eles começaram a afastar-se, e o Wilson gritou: «Toca a mexer, seus cabrões! Quero ver as solas dos vossos sapatos!»

Então, aceleraram, e o Wilson levou-me até um dos armazéns de equipamento e deu-me uma pá. Levou-me para o campo grande que ficava

onde fica hoje o terminal de autocarros da Northeast Airlines. Olhou para mim meio a sorrir, apontou para o chão e perguntou: «Estás a ver aquele buraco ali, preto?»

Não havia buraco nenhum, mas achei melhor concordar com o que ele dizia, portanto olhei para o chão, para onde ele estava a apontar, e disse que sim. Ele deu-me um soco no nariz e tombou-me, e fiquei ali no chão, com sangue a escorrer para a minha última camisa limpa.

«Não o vês porque um preto estúpido e linguarudo o encheu!», gritou-me ele, e tinha duas bolas vermelhas nas bochechas. Mas sorria, e dava para perceber que estava a divertir-se. «O que vais fazer, senhor Boa Tarde Para Si, é tirar a terra do meu buraco. Toca a mexer!»

Assim, cavei durante mais de duas horas, e em pouco tempo estava mergulhado no buraco até ao queixo. O último meio metro era de argila e, quando terminei, tinha água pelos tornozelos e os meus sapatos estavam encharcados.

«Sai daí, Hanlon», disse o sargento Wilson. Estava sentado na relva, a fumar um cigarro. Não ofereceu ajuda. Eu tinha terra e lama dos pés à cabeça, já para não falar no sangue a secar na camisa. Ele levantou-se e aproximou-se. Apontou para o buraco.

«O que vês aí, preto?», perguntou ele.

«O seu buraco, sargento Wilson», respondi.

«Ah, bem, decidi que já não o quero», diz ele. «Não quero um buraco feito por um preto. Põe a minha terra de novo aí dentro, soldado Hanlon.»

Assim, enchi o buraco, e quando terminei, o Sol começava a pôr-se e estava a arrefecer. Ele aproximou-se e olhou para o buraco depois de eu acabar de achatar a terra.

«Agora, o que vês, preto?», perguntou ele.

«Um monte de terra, senhor», respondi, e ele bateu-me de novo. Meu Deus, Mikey, estive prestes a saltar e a abrir-lhe a cabeça com a pá. Mas se

tivesse feito isso, nunca mais veria o céu, a não ser atrás das grades. Mesmo assim, ainda houve momentos em que quase achei que teria valido a pena. Mas de alguma forma consegui controlar-me.

«Isso não é um monte de terra, seu preto cretino!», gritou-me ele, com cuspo a voar da boca. «É O MEU BURACO, e é melhor tirares a terra dele neste preciso instante! Toca a mexer!»

Assim, tirei a terra do buraco e voltei a enchê-lo, e ele perguntou-me porque tapei o buraco quando se preparava para cagar dentro dele. Então abri o buraco de novo, e ele baixou as calças e pôs o traseiro branco e mirrado por cima do buraco e sorriu-me enquanto fazia aquilo e perguntou: «Como estás, Hanlon?»

«Estou ótimo, senhor», respondi, porque decidi que não ia desistir até desmaiar ou cair morto. Estava furioso.

«Bem, tenciono tratar disso», disse ele. «Para começar, é melhor tapares esse buraco, soldado Hanlon. E quero ver animação. Estás a ficar lento.»

Assim, tapei de novo o buraco e percebi pelo sorriso que ele estava apenas a aquecer. Mas naquele momento um dos seus amigos aproximou-se a correr pelo campo com um candeeiro a gás e disse-lhe que houvera uma inspeção de surpresa e que Wilson estava em sarilhos por tê-la perdido. Os meus amigos encobriram-me e eu estava bem, mas os amigos do Wilson, se era isso que ele lhes chamava, não se tinham dado a esse trabalho.

Ele deixou-me ir então, e esperei para ver se o seu nome apareceria na lista de punições do dia seguinte, mas tal não aconteceu. Acho que deve ter dito que faltou à inspeção porque estava a ensinar a um preto respondão quem era o dono de todos os buracos da base de Derry, os que já tinham sido cavados e os que não. Devem ter-lhe dado uma medalha em vez de batatas para descascar. E assim eram as coisas na Companhia. E aqui em Derry.



Foi por volta de 1958 que o meu pai me contou a história, e acho que ele tinha uns cinquenta anos, embora a minha mãe só tivesse quarenta e poucos. Perguntei-lhe porque tinha voltado se as coisas em Derry eram assim.

— Bem, eu só tinha dezasseis anos quando me alistei, Mikey — disse ele. — Menti acerca da idade para entrar. Também não foi ideia minha. A minha mãe mandou-me fazê-lo. Eu era grande, e esse foi o único motivo por que acreditaram, acho. Nasci e cresci em Burgaw, na Carolina do Norte, e só víamos carne na mesa depois de o tabaco ser vendido ou no inverno, às vezes, se o meu pai caçasse um guaxinim ou uma sarigueia. A única coisa boa que recordo de Burgaw era a tarte de sarigueia com bolo de milho, uma delícia.

Quando o meu pai morreu num acidente com uma máquina agrícola, a minha mãe disse que ia levar o Philly Loubird até Corinth, onde tinha familiares. Philly Loubird era o benjamim da família.

— Estás a falar do meu tio Phil? — perguntei, sorrindo ao pensar que alguém lhe chamara Philly Loubird. Era advogado em Tucson, Arizona, e estava na Câmara Municipal havia seis anos. Quando eu era miúdo, achava que o tio Phil era rico. Para um negro em 1958, acho que era mesmo. Ganhava vinte mil dólares por ano.

— É mesmo dele que estou a falar — disse o meu pai. — Mas naquela altura ele era apenas um miúdo de doze anos que usava chapéu à marinheiro de papel de arroz, jardineiras remendadas e que não tinha sapatos. Era o mais novo, depois de mim. Todos os outros se tinham ido embora: dois mortos, dois casados, um na prisão. Esse era o Howard. Nunca prestou.

«Vais para o exército», disse-me a tua avó Shirley. «Não sei se começam a pagar imediatamente ou não, mas quando pagarem, envias-me uma parte todos os meses. Detesto mandar-te para longe, filho, mas se não cuidares de mim e do Philly, não sei o que nos vai acontecer.» Deu-me a

minha certidão de nascimento, para mostrar no gabinete de recrutamento, e vi que ela alterara o ano para eu ter dezoito anos.

Então, fui ao tribunal onde ficava o gabinete de recrutamento e perguntei como me podia alistar. O militar mostrou-me os papéis e a linha onde eu tinha de pôr o dedo. «Eu sei escrever o meu nome», declarei, e ele riu como se não acreditasse.

«Então escreve lá, preto», disse ele.

«Espere um momento», respondi. «Quero fazer umas perguntas.»

«Pergunta lá», disse ele. «Posso responder a qualquer coisa que queiras perguntar.»

«Servem carne duas vezes por semana no exército?», perguntei. «A minha mãe disse que sim, mas ela está decidida a fazer-me alistar.»

«Não, não servem carne duas vezes por semana.»

«Ah, foi o que pensei», respondi, pensando que o homem parecia um merdas, mas pelo menos era um merdas sincero.

E então, ele disse «Servem carne todas as noites», o que me fez questionar como pudera pensar que era sincero.

«Deve achar que sou idiota», respondi.

«Acertaste, rapaz.»

«Bem, se me alistar, quero mandar o meu pagamento à minha mãe e ao Philly Loubird», disse.

«Preenches isto», disse ele, e indicando o formulário. «O que mais te preocupa?»

«Bem, posso estudar para oficial?»

Lançou a cabeça para trás quando eu disse aquilo e riu até eu achar que se ia engasgar com a própria saliva. Em seguida, disse: «Filho, o dia em que houver oficiais pretos neste exército será o dia em que veremos Jesus Cristo a dançar o *charleston*. Agora assina ou não assines. A minha paciência acabou. Além do mais, estás a empestar o ambiente.»

Assinei e vi-o agrafar o tal formulário à minha folha de alistamento, depois fez-me repetir o juramento e tornei-me soldado. Pensei que iam mandar-me para Nova Jérсия, onde o exército estava a construir pontes por não ter nenhuma guerra em que lutar. Mas acabei por vir para Derry, Maine, e para a Companhia E.

Suspirou e mexeu-se na cadeira, um homem grande com cabelo branco encaracolado rente à cabeça. Naquela altura, tínhamos uma das maiores quintas em Derry, e provavelmente a melhor banca de beira de estrada com produtos frescos a sul de Bangor. Trabalhávamos os três no duro, e o meu pai tinha de contratar gente na altura das colheitas. As coisas corriam-nos bem.

— Voltei porque vira o sul e vira o norte, e havia o mesmo ódio nos dois lugares. Não foi o sargento Wilson que me convenceu disso. Ele não passava de um saloio da Geórgia, e levava o sul consigo onde quer que fosse. Não precisava de estar a sul da linha Mason-Dixon para odiar negros. Simplesmente *odiava*. Não, foi o incêndio no Black Spot que me convenceu disso. Sabes, Mikey, de certa forma...

Olhou para a minha mãe, que estava a tricotar. Ela não erguera o olhar, mas eu sabia que estava a ouvir com atenção, e o meu pai também sabia, acho.

— De certa forma, foi o incêndio que fez de mim um homem. Sessenta pessoas morreram naquele incêndio, dezoito delas da Companhia E. Já não havia companhia quando o incêndio acabou. O Henry Whitsun... o Stork Anson... o Alan Snopes... o Everett McCaslin... o Horton Sartoris... todos os meus amigos, todos mortos naquele incêndio. E o fogo não foi provocado pelo velho sargento Wilson nem pelos amigos dele. Foi provocado pela Liga da Decência Branca do Maine, secção de Derry. Alguns dos rapazes que estudam na tua escola são filhos dos que riscaram

os fósforos que incendiaram o Black Spot. E não estou a falar dos rapazes pobres.

— Porquê, pai? Porque fizeram isso?

— Bem, em parte foi culpa de Derry — respondeu o meu pai, franzindo a testa. Acendeu o cachimbo devagar e apagou o fósforo. — Não sei porque aconteceu aqui; não consigo explicar, mas ao mesmo tempo, não fico *admirado*.

»A Liga da Decência Branca era a versão nortista do Ku Klux Klan, sabes? Usavam os mesmos lençóis brancos, queimavam as mesmas cruces, escreviam as mesmas mensagens de ódio aos negros que achavam estar a passar dos limites ou a ocupar empregos que eram de brancos. Às vezes colocavam cargas de dinamite nas igrejas em que os pastores falavam da igualdade dos negros. A maior parte dos livros de história fala mais do KKK do que da Liga da Decência Branca, e muitas pessoas nem sabem que ela existia. Acho que pode ser porque a maior parte dos livros de história foi escrita por pessoas do Norte, e elas têm vergonha.

»Era mais popular nas cidades grandes e nas zonas industriais. Nova Iorque, Nova Jérnia, Detroit, Baltimore, Boston, Portsmouth, todas tinham a sua filial. Tentaram organizá-la no Maine, mas Derry foi o único sítio em que obtiveram êxito. Ah, durante algum tempo houve uma filial forte em Lewiston, por volta da mesma altura do incêndio no Black Spot, mas eles não estavam preocupados com negros que violavam brancas ou ocupavam empregos que deviam ser de brancos porque não havia negros por lá. Em Lewiston estavam preocupados com vagabundos e mendigos e com o risco daquilo a que chamavam «exército de mantidos» se juntar àquilo a que chamavam «ralé comunista», ou seja, qualquer homem desempregado. A Liga da Decência costumava expulsar essa gente da cidade assim que chegava. Às vezes, enfiavam-lhes urtigas dentro das calças. Outras vezes, pegavam-lhes fogo às camisas.

»Bem, a Legião praticamente acabou aqui depois do incêndio do Black Spot. As coisas descontrolaram-se, sabes? Como às vezes parece acontecer nesta cidade.

Fez uma pausa e puxou uma baforada.

— É como se a Liga da Decência Branca fosse apenas mais uma semente, Mikey, e tivesse encontrado aqui uma terra fértil. Era um clube de ricos. E depois do incêndio, todos eles tiraram os lençóis, encobriram-se mutuamente e a coisa foi arquivada. — Havia uma espécie de desprezo na voz dele que fez a minha mãe erguer o olhar com a testa franzida. — Afinal, quem morreu? Dezoito pretos do exército, catorze ou quinze pretos da cidade, quatro membros de uma banda de jazz preta... e uma data de gente que gostava de pretos. Que importava?

— Will — disse a minha mãe baixinho. — Já chega.

— Não — intervim. — Quero saber!

— Está quase na hora de ires para a cama, Mikey — disse ele, fazendo-me uma festa no cabelo com a mão grande e forte. — Só quero contar mais uma coisa, e acho que não vais perceber, porque eu também não sei se percebo. O que aconteceu naquela noite no Black Spot, por pior que tenha sido... Não acho que tenha acontecido porque éramos negros. Nem porque o Spot ficava perto de West Broadway, onde os brancos ricos de Derry moravam e ainda moram hoje. Não acho que a Liga da Decência Branca tenha crescido tão bem aqui porque os seus membros odiavam os negros e os vagabundos com mais intensidade em Derry do que em Portland ou Lewiston ou Brunswick. É por causa do solo. Parece que coisas más, coisas cruéis, se dão bem no solo desta cidade. Pensei nisso várias vezes ao longo dos anos. Não sei porque é assim... mas é.

»Mas também há aqui gente boa, e havia gente boa naquela altura. Quando os funerais tiveram lugar, milhares de pessoas compareceram, e foram aos dos negros assim como aos dos brancos. O comércio fechou

durante cerca de uma semana. Os hospitais trataram os feridos de graça. Distribuíram-se cestos de comida e cartas de condolências sinceras. E houve mãos solidárias prontas a ajudar. Conheci o meu amigo Dewey Conroy naquela altura, e sabes que ele é tão branco como gelado de baunilha, mas sinto que é como um irmão. Morreria pelo Dewey se ele me pedisse e, apesar de nenhum homem conhecer de verdade o coração de outro, acho que ele também morreria por mim se fosse necessário.

»O exército acabou por dispensar os que restaram após aquele incêndio, como se tivesse vergonha... e acho que tinha. Acabei em Fort Hood e fiquei lá seis anos. Conheci aí a tua mãe e casámos em Galveston, na casa dos pais dela. Mas durante todos aqueles anos, Derry nunca me saiu da cabeça. E depois da guerra, trouxe a tua mãe para cá. E tivemos-te. E aqui estamos, a menos de cinco quilómetros de onde ficava o Black Spot em 1930. E acho que está na hora de ires para a cama, rapazinho.

— Quero saber do incêndio! — exclamei. — Conta-me, pai!

E ele olhou para mim com aquela testa franzida que me fazia sempre calar... talvez porque não fazia essa expressão com frequência. Na maior parte do tempo, era um homem sorridente.

— Não é história para um menino — disse ele. — Fica para outra vez, Mikey. Quando tivermos ambos envelhecido mais uns anitos.

Acabámos por envelhecer mais quatro anos até eu ouvir a história do que aconteceu no Black Spot naquela noite, e o tempo do meu pai estava quase a esgotar-se. Contou-me na cama do hospital onde estava deitado, drogado, a entrar e a sair da realidade enquanto o cancro crescia dentro dos seus intestinos e o consumia.

*26 de fevereiro de 1985*

Li o que escrevi por último neste caderno e surpreendi-me ao começar a chorar por causa do meu pai, que está morto há vinte e três anos. Consigo

lembrar-me do sofrimento que a sua perda causou. Durou uns dois anos. Depois, quando terminei o secundário em sessenta e cinco e a minha mãe olhou para mim e disse: «O teu pai teria ficado tão orgulhoso de ti!», chorámos nos braços um do outro e pensei que era o fim, que tínhamos terminado o processo de enterrá-lo com aquelas lágrimas. Mas quem sabe quanto tempo dura o sofrimento? Não é possível que, mesmo trinta ou quarenta anos depois da morte de um filho, irmão ou irmã, uma pessoa possa estar meio acordada e pensar naquela pessoa com o mesmo vazio perdido, aquele sentimento de lugares que talvez nunca sejam preenchidos... talvez nem mesmo na morte?

Ele saiu do exército em 1937 com pensão por invalidez. Naquela altura, o exército do meu pai tinha ficado mais voltado para a guerra; qualquer pessoa atenta, contou-me ele uma vez, podia ver na época que em breve as armas saíam dos depósitos. Tinha subido até ao posto de sargento e perdera a maior parte do pé esquerdo quando um recruta tão assustado que quase cagava carços de pêsego puxou o pino de uma granada de mão e a deixou cair em vez de a atirar. A granada rolou até ao meu pai e explodiu com um som que, no dizer dele, parecia uma tosse no meio da noite.

Boa parte do armamento que aqueles soldados de antigamente tinham para treinar era defeituosa ou tinha ficado tanto tempo esquecida em paióis que já não funcionava. Havia balas que não disparavam e espingardas que às vezes explodiam nas mãos quando as balas disparavam. A marinha tinha torpedos que não iam para onde eram apontados e não explodiam quando iam. A força aérea tinha aviões cujas asas caíam se pousavam com demasiado impacto, e em Pensacola em 1939, li que um oficial do aprovisionamento descobriu uma frota de camiões do governo que não funcionava porque as baratas tinham comido os tubos e as correias.

Assim, a vida do meu pai foi salva (incluindo, é claro, aquela parte do seu corpo que geraria este vosso humilde criado, Michael Hanlon) por uma

combinação de inutilidade burocrática e equipamento defeituoso. A granada explodiu com metade da potência, e ele perdeu apenas metade de um pé em vez de tudo do peito para baixo.

Por causa do dinheiro do acidente, pôde casar com a minha mãe um ano antes do planeado. Não vieram para Derry imediatamente; mudaram-se para Houston, onde trabalharam na indústria bélica até 1945. O meu pai era capataz numa fábrica de detonadores para bombas e a minha mãe trabalhava numa fábrica de munições. Mas como ele me contou naquela noite em que eu tinha onze anos, a ideia de Derry nunca lhe saiu da cabeça. E pergunto-me se aquela coisa cega não podia já estar em ação nessa altura, atraindo-o para eu poder ocupar o meu lugar naquele círculo dos Barrens naquela noite de agosto. Se a engrenagem do universo funcionar como deve, o bem compensa sempre o mal, mas o bem também pode ser terrível.

O meu pai assinava o *News* de Derry. Estava atento aos anúncios de terras para venda. Tinham economizado bastante dinheiro. Por fim, encontrou um terreno com boas perspectivas... pelo menos no papel. Os dois viajaram do Texas num autocarro Trailways, visitaram o terreno e compraram-no no mesmo dia. O banco First Merchants of Penobscot County concedeu-lhe uma hipoteca de dez anos, e eles instalaram-se aqui.

— Tivemos alguns problemas no início — disse o meu pai noutra ocasião. — Havia pessoas que não queriam negros na zona. Sabíamos que seria assim, pois eu não me esquecera do Black Spot, e preparámo-nos para esperar que passasse. Alguns miúdos aproximavam-se e atiravam pedras ou latas de cerveja. Devo ter trocado umas vinte janelas naquele primeiro ano. E alguns nem eram miúdos. Um dia, quando me levantei, havia uma suástica pintada na parede do galinheiro e todas as galinhas estavam mortas. Alguém envenenara a ração. Foram as últimas galinhas que tentei criar.

»Mas o xerife do município (não havia chefe de polícia naquela altura, Derry não era suficientemente grande para isso) começou a trabalhar no



assunto e esforçou-se bastante. É isso que quero dizer, Mikey, quando digo que o bem está aqui tanto como o mal. Não fazia diferença para aquele Sullivan que a minha pele fosse castanha e o meu cabelo encaracolado. Ele veio várias vezes, conversou com as pessoas e acabou por descobrir quem fora. E quem achas que foi? Vou dar-te três possibilidades de adivinhar, e as primeiras duas não contam!

— Não sei — respondi.

O meu pai riu até às lágrimas. Tirou um lenço branco do bolso e secou-as.

— Ah, foi o Butch Bowers! O pai do rapaz que dizes que é o maior brutamontes da escola. O pai é um cagalhão e o filho um peido.

— Há uns rapazes na escola que dizem que o pai do Henry é maluco — observei. Acho que na altura andava no quarto ano, suficientemente avançado para já ter sido agredido por Henry Bowers mais de uma vez... e agora que penso no assunto, a maior parte dos termos pejorativos para «negro» que ouvi saíram primeiro dos lábios do Henry Bowers, entre o primeiro e o quarto ano.

— Bem, a ideia de que o Butch Bowers é maluco não deve estar muito longe da verdade. Diziam que ele nunca mais foi o mesmo depois de voltar do Pacífico. Foi fuzileiro naval na guerra. O xerife prendeu-o e o Butch fartou-se de gritar que era uma cilada e que eram todos uns amantes de pretos. Oh, ele ia processar toda a gente. Acho que fez uma lista que ia daqui até Witcham Street. Duvido que tivesse um único par de cuecas sem buracos, mas ia processar-me, ia processar o xerife Sullivan, a cidade de Derry, o município de Penobscot e Deus sabe quem mais.

»Quanto ao que aconteceu depois... bem, não posso jurar que seja verdade, mas foi assim que o ouvi pelo Dewey Conroy. O Dewey contou-me que o xerife foi ver o Butch à prisão em Bangor e lhe disse: «Está na hora de te calares e ouvires, Butch. Aquele negro não quer apresentar

queixa, nem te quer mandar para Shawshank. Só quer o valor das galinhas dele. Acha que duzentos dólares bastam.»

»O Butch mandou o xerife enfiar os duzentos dólares onde o Sol não brilha, e o xerife Sullivan disse-lhe: «Há uma mina de calcário em Shawshank, e dizem-me que depois de se trabalhar lá uns dois anos, a língua se torna verde como gelado de lima. Podes escolher. Dois anos a partir calcário ou duzentos dólares. O que achas?»

«Nenhum júri no Maine me irá condenar por matar as galinhas de um preto», respondeu Butch.

«Eu sei», comentou Sullivan.

«Então, por que diabo estamos a falar?», perguntou Butch.

«É melhor acordares, Butch. Não te vão prender por causa das galinhas, mas vão prender-te pela suástica que pintaste na porta depois de as matares.»

»Bem, o Dewey disse que o queixo do Butch praticamente caiu, e o Sullivan foi-se embora para o deixar pensar no assunto. Três dias depois, o Butch disse ao irmão, o que morreu congelado dois anos depois quando foi caçar bêbedo, para vender o *Mercury* novo, que ele tinha comprado com o dinheiro do exército e que adorava. Assim, recebi os meus duzentos dólares e o Butch jurou que ia acabar comigo. Andou por aí a dizer isso aos amigos. Acabei por encontrá-lo uma tarde. Ele tinha comprado um *Ford* de antes da guerra para substituir o *Merc*, e eu ia na minha *pick-up*. Barrei-lhe o caminho em Witcham Street, perto do pátio de manobras, e saí armado com a minha *Winchester*.

«Se houver algum incêndio para os meus lados, vais ter um negro furioso atrás de ti com esta arma, chefe», disse-lhe eu.

«Não podes falar comigo assim, preto», disse ele, e estava quase a balbuciar, entre o furioso e o apavorado. «Não podes falar com nenhum branco assim, não um escarumba como tu.»

Bem, eu estava cansado daquilo tudo, Mikey. E sabia que, se não o assustasse de vez naquele momento, nunca ficaria livre dele. Não havia ninguém por perto. Enfiei uma das mãos naquele *Ford* e agarrei-o pelo cabelo. Apoiei a coronha da arma à fivela do cinto e encostei o cano ao queixo dele. Disse-lhe: «Da próxima vez que me chamares preto ou escarumba, o teu cérebro vai escorrer do tejadilho do carro. E acredita, Butch. Qualquer incêndio que me atingir, venho atrás de ti. Posso ir também atrás da tua mulher e do teu putto, e do inútil do teu irmão. Estou farto.»

»Nesse momento, ele começou *mesmo* a chorar, e nunca vi uma coisa tão feia na minha vida. «Ao que as coisas chegaram», disse ele. «Um pre... um esc... um homem pode encostar uma arma à cabeça de um trabalhador em plena luz do dia no meio da rua.»

»«Sim, o mundo deve estar a tornar-se o próprio inferno quando uma coisa assim pode acontecer», concordei. «Mas isso não importa. O que importa é: temos um acordo ou queres ver se consegues aprender a respirar pela testa?»

»Ele concordou que tínhamos um acordo, e foi a última vez que tive problemas com o Butch Bowers, com exceção, talvez, de quando o teu cão, *Mr. Chips*, morreu. Não tenho provas de que foi coisa do Bowers. O *Chippy* pode ter só comido veneno.

»Desde aquele dia, fomos deixados em paz para seguir a nossa vida e, quando olho para trás, não há muita coisa de que me arrependa. Temos uma boa vida aqui, e se há noites em que sonho com aquele incêndio, bem, ninguém consegue viver uma vida normal sem ter alguns pesadelos.

*28 de fevereiro de 1985*

Há já vários dias que me sentei para escrever a história do incêndio no Black Spot como o meu pai ma contou, mas ainda não cheguei lá. Acho que

é no livro *O Senhor dos Anéis* que uma das personagens diz que «um caminho leva a outro caminho»; que podemos começar um percurso tão fantástico como o que vai dos degraus da nossa casa ao passeio e de lá podemos seguir... bem, para qualquer lado. É a mesma coisa com histórias. Uma leva a outra, a outra e a outra; talvez elas sigam na direção que pretendíamos, e, daí, talvez não. Talvez no final seja a voz que conta a história que importa mais do que as próprias histórias.

Sei, de ciência certa, que é da voz dele que me lembro; a voz do meu pai, baixa e lenta, e a forma como às vezes dava risadas ou gargalhadas estridentes. As pausas para acender o cachimbo ou se assoar ou ir buscar uma lata de cerveja ao frigorífico. Aquela voz, que para mim é como a voz de todas as vozes, a voz de todos os anos, a verdadeira voz deste lugar. Uma voz que não está em nenhuma das entrevistas de Ives e em nenhuma das pobres histórias desta cidade... nem em nenhuma das minhas cassetes.

A voz do meu pai.

São dez da noite, a biblioteca fechou há uma hora e uma tempestade está a começar. Ouço o granizo a bater aqui nas janelas e no corredor de vidro que leva à biblioteca infantil. Consigo ouvir também outros sons: estalidos baixos e baques fora do círculo de luz em que estou sentado, a escrever nas folhas amarelas pautadas de um bloco. São só os sons de um edifício velho, digo a mim mesmo... mas fico na dúvida. Assim como fico na dúvida se algures lá fora, na tempestade, há hoje um palhaço a vender balões.

Bem... não importa. Acho que finalmente encontrei o caminho da última história do meu pai. Ouvi-a no quarto de hospital, seis semanas antes de ele morrer.

Fui vê-lo com a minha mãe todas as tardes depois das aulas, e sozinho todas as noites. A minha mãe tinha de ficar a tratar da casa, mas insistia que

eu fosse. Eu ia de bicicleta. Ela não me deixava apanhar boleia, nem mesmo quatro anos após o fim dos homicídios.

Foram seis semanas difíceis para um rapaz de apenas quinze anos. Eu amava o meu pai, mas passei a odiar aquelas visitas noturnas e vê-lo murchar e encolher, ver as marcas da dor espalharem-se e intensificarem-se no rosto dele. Às vezes ele chorava, embora tentasse não o fazer. E, ao voltar para casa, já estava a escurecer e eu pensava no verão de 1958; tinha medo de olhar para trás, porque o palhaço podia lá estar ... ou o lobisomem... ou a múmia de Ben... ou o meu pássaro. Mas, independente da forma que a Coisa assumisse, receava sobretudo que ela aparecesse com o rosto do meu pai destruído pelo cancro. Portanto, pedalava o mais depressa que conseguia, apesar da força dos batimentos rápidos do meu coração, e chegava a casa ruborizado, com o cabelo suado e sem fôlego.

— Porque pedalas tão depressa, Mikey? Vais acabar por adoecer — dizia a minha mãe.

— Queria voltar a tempo de te ajudar em casa — respondia eu.

Ela dava-me um abraço, um beijo e dizia-me que eu era bom rapaz.

Com o passar do tempo, as coisas chegaram a um ponto em que eu mal conseguia pensar em temas de conversa com o meu pai. Enquanto pedalava até à cidade, procurava assuntos, com medo do momento em que ficaríamos sem ter o que dizer. A morte lenta dele assustava-me e enfurecia-me, mas também me *envergonhava*; eu achava na altura e continuo a achar que, quando um homem ou uma mulher morre, o processo devia ser rápido. O cancro estava a fazer mais do que matá-lo. Estava a degradá-lo, a diminuí-lo.

Nunca falávamos do cancro, e em alguns daqueles silêncios eu pensava que *devíamos* falar, que não haveria mais nada e ficaríamos presos a isso como crianças sem lugar para se sentarem na dança das cadeiras quando a música para, e eu ficava quase desesperado a tentar pensar em alguma coisa

(qualquer coisa!) para dizer, para que não precisássemos de reconhecer a coisa que estava a destruir o meu pai. O meu pai, que uma vez agarrou Butch Bowers pelo cabelo e enfiou a espingarda debaixo do queixo dele para ser deixado em paz. Seríamos forçados a falar disso, e se fôssemos, eu choraria. Não conseguiria evitar. E aos quinze anos, acho que a ideia de chorar em frente ao meu pai me assustava e me perturbava mais do que qualquer outra coisa.

Foi durante uma dessas pausas intermináveis e apavorantes que lhe perguntei de novo pelo incêndio no Black Spot. Ele estava bastante medicado naquela noite porque as dores eram fortes, e resvalava entre a consciência e a inconsciência, às vezes a falar claramente, outras vezes a falar naquela língua exótica e entaramelada dos ensonados. Às vezes sabia que ele estava a falar comigo, mas noutras ocasiões parecia confundir-me com o irmão, Phil. Perguntei-lhe pelo Black Spot sem motivo particular; foi só uma coisa que me surgiu na cabeça e resolvi aproveitá-la.

Os olhos focaram-se e ele sorriu um pouco.

— Nunca te esqueceste disso, pois não, Mikey?

— Não, senhor — respondi, e apesar de não ter pensado no assunto durante três anos ou mais, acrescentei o que ele às vezes dizia: — Nunca me saiu da cabeça.

— Bem, vou contar-te — disse ele. — Quinze anos é idade suficiente, acho, e a tua mãe não está aqui para me impedir. Além do mais, precisas de saber. Acho que uma coisa assim só podia ter acontecido em Derry, e também precisas de saber isso. Para poderes ter cuidado. As condições para essas coisas acontecerem pareceram sempre certas aqui. Tens cuidado, não tens, Mikey?

— Sim, senhor — confirmei.

— Ótimo — disse ele, e recostou a cabeça na almofada. — Isso é bom.

Pensei que ia dormir de novo, pois os seus olhos tinham-se fechado, mas começou a falar.

— Quando eu estava na base militar aqui em 1929, 1930 — começou ele —, havia um clube de oficiais lá em cima na colina, onde fica o Community College. Era mesmo atrás do PX, onde era possível comprar um maço de *Lucky Strike Greens* por sete cêntimos. O clube de oficiais não passava de um grande barracão de chapa ondulada, mas tinham-no arranjado bem por dentro, com tapetes no chão, mesas ao longo das paredes, uma *jukebox*, e podia beber-se refrigerantes ao fim de semana... se fosses branco, claro. Havia bandas a tocar quase todos os sábados à noite, e era um ótimo local para se ir. Só vendiam refrigerantes no bar, por estarmos na altura da Lei Seca, mas diziam que se podiam comprar bebidas mais fortes se quiséssemos ... e se tivéssemos uma estrelinha verde no cartão de identidade militar. Era como um sinal secreto. Em geral, só cerveja caseira, mas ao fim de semana às vezes conseguia-se coisas mais fortes. Desde que se fosse branco.

»Nós, os rapazes da Companhia E, não tínhamos autorização para nos aproximar de lá, escusado será dizer. Então íamos à cidade. Naqueles tempos, Derry ainda era uma cidadezinha madeireira, e havia oito a dez bares, a maioria numa parte da cidade chamada Quarteirão do Inferno. Não eram *speakeasies*, bares clandestinos; esse era um nome demasiado grandioso para eles. Chamavam-lhes «porcos cegos», e eram mesmo isso, porque a maioria dos clientes agia como porcos quando lá se encontrava, e estava praticamente cega quando era expulsa. O xerife sabia e os polícias sabiam, mas eram lugares que passavam a noite cheios, tal como nos bons tempos da década de 1890. Imagino que havia mãos untadas, mas talvez não tantas e não com tanto dinheiro como seria de imaginar; em Derry, as pessoas têm o hábito de olhar para o outro lado. Alguns serviam bebidas fortes, além de cerveja, e, pelo que ouvi, o que se podia conseguir na cidade

era dez vezes melhor do que o uísque rasca e o gim caseiro que havia no clube de oficiais brancos nas noites de sexta e sábado. A bebida dos bares da cidade vinha do Canadá em camiões de madeira, e a maioria das garrafas continha o que o rótulo dizia. As bebidas boas custavam bom dinheiro, mas também havia muito álcool para queimar que provocava ressacas, mas não matava, e se alguém ficasse *mesmo* cego, a cegueira não durava. Em algumas noites, era preciso baixar a cabeça quando as garrafas começavam a voar. Havia o Nan's, o Paradise, o Wally's Spa, o Silver Dollar e um bar, o Powderhorn, onde às vezes se arranjava uma prostituta. Ah, arranjavam-se mulheres em qualquer bar, não havia necessidade de uma pessoa se esforçar muito (havia muitas que queriam descobrir se o gosto do pão escuro era diferente), mas para rapazes como eu, o Trevor Dawson e o Carl Roone, os meus amigos da altura, a ideia de pagar a uma prostituta, uma prostituta branca, era uma coisa a ponderar com cuidado.

Como vos disse, ele estava muito medicado naquela noite. Acho que, de contrário, nunca teria dito nada daquilo ao filho de quinze anos.

— Bem, não demorou muito para que um representante da Câmara Municipal aparecesse a querer falar com o major Fuller. Disse que se tratava de «alguns problemas entre as pessoas da cidade e os soldados», de «preocupações do eleitorado» e de «questões de decência pública», mas o que desejava mesmo que Fuller soubesse era claro como água. Não queriam soldados negros nos bares, a incomodar as brancas e a consumir bebidas ilegais num local onde apenas os brancos deviam estar a consumir bebidas ilegais.

»Tudo aquilo era ridículo, claro. A fina flor da feminilidade branca que tanto os preocupava era um bando de galdérias, e quanto a incomodar os homens... Bem, só posso dizer que nunca vi um membro da Câmara Municipal de Derry no Silver Dollar nem no Powderhorn. Os homens que bebiam naquelas pocilgas eram lenhadores com enormes casacos aos



quadrados vermelhos e pretos, cicatrizes e crostas nas mãos, alguns sem um dedo ou um olho, todos quase sem dentes, todos com cheiro a madeira, serradura e resina. Usavam calças verdes de flanela e botas verdes de borracha e espalhavam neve pelo chão até o deixar preto. Tinham um odor forte, Mikey, andavam com força e falavam com força. Eram fortes. Fui ao Wally's Spa uma noite e vi um tipo rasgar a manga da camisa ao fazer braço de ferro com outro. A camisa não se rasgou simplesmente. Deves pensar que é isso que quero dizer, mas não é. A manga da camisa do tipo praticamente explodiu; *saltou* do braço em fiapos. E todos gritaram e aplaudiram; alguém bateu nas minhas costas e disse: «Chama-se àquilo peido de braço de ferro, cara preta.»

»Isto para dizer que se os homens que iam àqueles bares nas noites de sexta e sábado emborcar uísque e foder mulheres, em vez de buracos na madeira untados de banha, se aqueles homens não nos quisessem lá, tinham-nos atirado para o meio da rua. Mas a verdade, Mikey, era que eles pareciam não nos ligar nenhuma.

»Um deles chamou-me à parte uma noite... tinha um metro e oitenta, bastante alto para aquele tempo, estava a cair de bêbedo e cheirava a um cesto de pêssegos podres. Se tivesse tirado a roupa, acho que ela ficaria de pé sozinha. Olhou para mim e disse: «Homem, vou perguntar-lhe uma coisa. Você é negro?»

«Isso mesmo», respondi.

«*Comment ça va!*», exclamou num francês do vale do rio Saint John que parece dialeto *cajun*, e esboçou um sorriso tão grande que vi todos os seus quatro dentes. «Eu sabia que era, sabia! Ei! Vi num livro uma vez! Tinha os mesmos...», e como não conseguiu pensar em como dizer o que tinha em mente, esticou a mão e tocou na minha boca.

«Lábios grossos», completei.

«Sim, sim!», diz ele, rindo como uma criança. «Lábios groooossos! *Lèvres épais!* Lábios groooossos! Vou pagar-lhe uma cerveja!»

«Pode pagar», respondi, sem querer irritá-lo.

»Ele riu-se disso também e bateu-me nas costas, por pouco não me fazendo cair, e foi até ao balcão de madeira, onde devia haver uns setenta homens e umas quinze mulheres todos à molhada. «Preciso de duas cervejas antes de deitar abaixo esta pocilga!», gritou ele para o empregado, que era um tipo grande de nariz partido chamado Romeo Dupree. «Uma para mim e outra *pour l'homme avec les lèvres épais!*» E todos desataram a rir disso, mas não de uma forma cruel, Mikey.

»Ele pegou nas cervejas, deu-me a minha e disse: «Como se chama? Não quero tratá-lo por Lábios Groooossos. Não soa bem.»

«William Hanlon», respondi.

«À sua saúde, Weelyum Anlon», disse ele.

«Não, à sua!», respondi. «Você é o primeiro branco a pagar-me uma bebida.» E era verdade.

»Assim, bebemos as cervejas, depois bebemos mais duas, e ele perguntou: «Tem a certeza de que é negro? Tirando os lábios *épais*, parece um branco com pele castanha.»

O meu pai desatou às gargalhas depois de contar isso, e eu também ri. Riu-se tanto que a barriga lhe começou a doer, e pôs as mãos sobre ela com uma careta, olhando para cima e mordendo o lábio inferior.

— Queres que chame a enfermeira, pai? — perguntei alarmado.

— Não... não. Já fico bem. O pior disto, Mikey, é que já nem me posso rir quando tenho vontade. E são bem raras as vezes.

Fiquei em silêncio por alguns momentos, e percebo que foi a única vez que estivemos perto de falar sobre o que estava a matá-lo. Talvez tivesse sido melhor, melhor para nós os dois, se tivéssemos falado mais.

Ele bebeu um gole de água e prosseguiu.

— Enfim, não eram as poucas mulheres que iam aos porcos e não eram os lenhadores que formavam a clientela principal que queriam que deixássemos de ir lá. Eram os cinco velhos da Câmara Municipal que estavam ofendidos, eles e os dez que existiam por trás deles, a velha guarda de Derry, sabes? Nenhum deles tinha posto os pés dentro do Paradise ou do Wally's Spa, bebiam no *country club* que ficava em Derry Heights na altura, mas queriam ter a certeza de que nenhuma das mulheres da escória que frequentava os bares nem os lenhadores eram contaminados pelos negros da Companhia E.

»Então o major Fuller disse: «Nunca os quis aqui. Estou sempre a pensar que foi um erro e que eles vão voltar para o sul ou quem sabe para Nova Jérсия.»

«Isso não é problema meu», respondeu o velho. Acho que se chamava Mueller...

— O pai da Sally Mueller? — perguntei, sobressaltado.

Sally Mueller andava na minha turma no secundário. O meu pai esboçou um sorriso torto e amargo.

— Não, devia ser o tio dela. Na altura, o pai da Sally Mueller estava na faculdade, noutra cidade. Mas se estivesse em Derry teria ido apoiar o irmão. E se estás a perguntar-te quanto desta parte da história é verdade, só posso dizer-te que a conversa me foi repetida pelo Trevor Dawson, que andava a esfregar o chão no clube de oficiais e ouviu tudo.

«Para onde o governo decide mandar os pretos é problema seu, não meu», disse Mueller ao major Fuller. «O meu problema é o sítio para onde estão a deixá-los ir à sexta e ao sábado à noite. Se eles continuarem a andar na farra pela cidade, vai haver problemas. Como sabe, aqui na cidade temos a Legião.»

«Bem, estou numa situação complicada, senhor Mueller», disse o major. «Não os posso deixar beber no clube de oficiais. Não só é contra o

regulamento que os negros bebam com os brancos, mas o clube é para oficiais, precisamente, e todos os negros são simples soldados.»

«Isso também não é problema meu. Apenas acredito que o senhor vai tratar do assunto. A patente acarreta responsabilidades.» E foi-se embora.

»Bem, o Fuller resolveu o problema. A base aérea de Derry ocupava uma área enorme na altura, apesar de não haver lá muita coisa. Uns quarenta hectares, somando tudo. A norte, terminava atrás da West Broadway, onde fora plantada uma zona verde. O Black Spot ficava no sítio onde está o Memorial Park.

»No início de 1930, quando tudo aquilo aconteceu, era só um velho armazém, mas o major Fuller reuniu a Companhia E, disse que seria o «nosso» clube. Agiu como se fosse o Pai Natal e talvez até se tenha sentido assim ao dar um espaço a um grupo de soldados negros, mesmo não passando de um armazém. Depois acrescentou, como se não fosse nada, que os bares da cidade eram locais proibidos para nós.

»Houve muito ressentimento, mas o que podíamos fazer? Não tínhamos poder nenhum. Foi um tipo novo, um soldado chamado Dick Hallorann, cozinheiro, quem sugeriu que poderíamos arranjar o espaço e pô-lo bonito, se quiséssemos.

»Foi o que fizemos. E conseguimos fazer um bom trabalho, no fim de contas. Da primeira vez que lá fomos, ficámos bastante deprimidos. Era escuro e malcheiroso, cheio de ferramentas velhas e caixas de papéis bolorentos. Só tinha duas janelinhas e não havia eletricidade. O chão era de terra. O Carl Boone riu-se com amargura, lembro-me, e disse: «Aquele velho major é um príncipe, não é? Deu-nos o nosso próprio clube. Claro!»

»E o George Brannock, que também morreu no incêndio daquele outono, disse: «Sim, é um raio de um buraco negro, podes crer.» E daí o nome Black Spot.

»Mas o Hallorann motivou-nos... o Hallorann, o Carl e eu. No entanto, acho que Deus vai perdoar-nos pelo que fizemos, porque Ele sabe que não tínhamos ideia do que ia acontecer.

»Ao fim de algum tempo, o resto da malta apareceu para dar uma ajuda. Com a maior parte de Derry proibida para nós, não havia muito mais para fazer. Martelámos, pregámos e limpámos. O Trev Dawson era um bom carpinteiro e mostrou-nos como abrir mais janelas, e o Alan Snopes arranjou algures vidraças de cores diferentes, uma mistura entre vidro de carrossel e de vitral.

«Onde arranjaste isso?», perguntei-lhe. O Alan era o mais velho de nós; tinha uns quarenta e dois anos, era suficientemente velho para quase todos o tratarmos por Pai Snopes.

»Ele enfiou um *Camel* na boca e piscou-me o olho. «Requisições noturnas», respondeu ele, e mais não disse.

»Às tantas, o local começou a ficar bonito, e no meio do verão já estávamos a usá-lo. O Trev Dawson e alguns outros dividiram a parte de trás e montaram uma pequena cozinha, só uma grelha e duas fritadeiras, para podermos comer um hambúrguer com batatas fritas se quiséssemos. Havia um bar num dos lados, mas só com refrigerantes e bebidas como Virgin Marys, um Bloody Mary sem álcool. Raios, sabíamos o nosso lugar. Não nos tinham ensinado? Se quiséssemos embebedar-nos, tínhamos de o fazer às escondidas.

»O chão ainda era de terra, mas para impedir que levantasse pó embebíamos-lo com álcool. O Trev e o Pai Snopes arranjaram cabos elétricos, mais requisições, imagino. Em julho, podíamos ir lá qualquer noite de sábado, sentar-nos, beber um refrigerante e comer um hambúrguer ou um cachorro-quente com salada de couve. Era agradável. O espaço nunca foi terminado, ainda estávamos a trabalhar nele quando o fogo o destruiu. Passou a ser uma espécie de passatempo... ou uma forma de

desprezar o Fuller e o Mueller e a Câmara Municipal. Mas acho que soubemos que o local era nosso quando o Ev McCaslin e eu um dia pendurámos uma placa que dizia THE BLACK SPOT, e logo abaixo COMPANHIA E & CONVIDADOS. Como se fosse um clube exclusivo, sabes?

»O espaço ficou tão bom que os rapazes brancos começaram a queixar-se e, num abrir e fechar de olhos, o clube de oficiais estava mais bonito do que nunca. Acrescentaram uma sala especial e um pequeno café. Parecia que queriam competir. Mas era uma competição em que não queríamos participar.

O meu pai sorriu-me da cama de hospital.

— Éramos jovens, tirando o Snopesy, mas não éramos tolos. Sabíamos que os brancos nos deixavam competir com eles, mas, se comesse a parecer que íamos ganhar, apareceria alguém para nos partir as pernas, a fim de não já conseguirmos correr. Tínhamos o que queríamos e isso bastava. Mas então... aconteceu uma coisa. — Ficou em silêncio com a testa franzida.

— O quê, pai?

— Descobrimos que, entre nós, tínhamos uma banda de *jazz* bastante razoável — disse ele lentamente. — O Martin Devereaux, que era cabo, tocava bateria. O Ace Stevenson tocava corneta. O Pai Snopes tocava piano. Não era ótimo, mas não era mau. Havia outro tipo que tocava clarinete, e o George Brannock tocava saxofone. Outros participavam de vez em quando, a tocar guitarra, gaita ou berimbau ou mesmo um pente com papel vegetal por cima.

»Isso não aconteceu tudo de uma vez, como compreendes, mas no fim de agosto, havia um grupo bem animado de *jazz* a tocar nas noites de sexta e sábado no Black Spot. O grupo foi ficando cada vez melhor com a chegada do outono e, apesar de nunca se tornarem ótimos, não quero que

tenhas essa ideia, tocavam de uma maneira diferente... mais animada... que...

Agitou a mão magra sobre o lençol.

— Eram destemidos — sugeri, sorrindo.

— Isso mesmo! — exclamou ele, devolvendo o sorriso. — Percebeste! Tocavam um Dixieland de forma destemida. E, de repente, as pessoas da cidade começaram a aparecer no *nosso* clube. Até alguns dos soldados brancos da base. Chegou ao ponto de o local estar à cunha todos os fins de semana. E isso não aconteceu de repente. A princípio, os rostos brancos pareciam pontinhos de sal num frasco de pimenta, mas mais e mais vieram com o correr do tempo.

»Foi quando os brancos apareceram que nos esquecemos de ter cuidado. Traziam a suas bebidas em sacos de papel pardos, a maioria de excelente qualidade, que fazia as bebidas dos bares na cidade parecerem refrigerantes. Estou a falar de bebidas de *country club*, Mikey. Bebidas de gente rica. *Chivas. Glenfiddich*. O tipo de champanhe que serviam aos passageiros de primeira classe nos transatlânticos. «Champers», era como alguns lhe chamavam. Devíamos ter arranjado uma forma de acabar com aquilo, mas não sabíamos como. Eles eram a *cidade*! Porra, eram *brancos*!

»E, como disse, éramos jovens e sentíamos orgulho do que tínhamos feito. E subestimámos o quanto as coisas podiam piorar. Todos sabíamos que o Mueller e os amigos deviam ter conhecimento do que se passava, mas acho que nenhum de nós percebia que a situação estava a deixá-los loucos, e quero dizer isso mesmo: *loucos*. Estavam nas suas velhas casas vitorianas na West Broadway, a menos de quatrocentos metros de onde nos encontrávamos a ouvir *blues* como «Aunt Hagar's Blues» e «Diggin My Potatoes». Isso era mau. Saber que os jovens deles também lá estavam, a confraternizar com os negros, deve ter sido bem pior. Porque não eram só os lenhadores e a ralé feminina que lá iam quando setembro se tornou

outubro. Passou a ser um sítio da moda. Os jovens iam beber e dançar ao som da banda de *jazz* sem nome até que chegava a uma da manhã e fechávamos as portas. E as pessoas não iam só de Derry. Iam de Bangor e Newport e Haven e Cleaves Mill e Old Town e das redondezas. Viam-se estudantes da Universidade do Maine em Orono a dançar com as namoradas e, quando a banda aprendeu a tocar uma versão *ragtime* de «The Maine Stein Song», quase fizeram saltar o telhado. Claro que era um clube de soldados, pelo menos tecnicamente, e não aberto a civis sem convite. Mas na verdade, Mikey, abríamos a porta às sete e deixávamo-la aberta até à uma. No meio de outubro, chegou um ponto em que, se fossemos para a pista de dança, tocávamos em seis pessoas ao mesmo tempo. Não havia espaço para dançar, então ficávamos ali de pé a contorcer-nos... mas se alguém se importava, nunca ouvi queixas. À meia-noite, era como o vagão vazio de um comboio de mercadorias a balançar na linha a grande velocidade.

Fez uma pausa, bebeu outro gole de água e prosseguiu. Os seus olhos mostravam um brilho especial.

— Bem, bem. O Fuller teria posto um ponto final naquilo mais tarde ou mais cedo. Se tivesse sido mais cedo, muito menos gente teria morrido. Tudo o que ele precisava de fazer era enviar a polícia militar e mandar confiscar as garrafas de bebida que as pessoas tinham levado. Isso teria sido o suficiente, precisamente o que ele queria, na verdade. Teria fechado o local de vez. Alguns teriam de ir a tribunal militar e alguns seriam presos em Rye, e o resto seria transferido. Mas Fuller foi lento. Acho que tinha medo da mesma coisa que alguns de nós: enfurecer as pessoas da cidade. Mueller não tinha voltado a visitá-lo, e acho que o major Fuller devia estar com medo de ir à cidade falar com ele. Armava-se em forte, o Fuller, mas tinha a espinha dorsal de uma alforreca.



»Então, em vez de intervir de forma autoritária, o que teria poupado a vida a pelo menos todos os que morreram queimados naquela noite, deixou que a Liga da Decência se encarregasse do assunto. Apareceram com os seus lençóis brancos no início de novembro e fizeram um churrasco.

Ficou em silêncio de novo, sem beber água desta vez, só a olhar mal-humorado para o canto do quarto enquanto um sino baixo soava lá fora e uma enfermeira passava pela porta aberta, com as solas dos sapatos a chiar no linóleo. Eu conseguia ouvir uma televisão algures, e um rádio. Lembrome de que conseguia ouvir o vento a soprar, fustigar aquele lado do edifício. E apesar de ser agosto, o vento emitia um som frio. Não queria saber da série *Cain's Hundred* na televisão, nem dos Four Seasons a cantar «Walk Like a Man» no rádio.

— Alguns chegaram pela zona verde entre a base e a West Broadway — recomeçou ele por fim. — Devem ter-se reunido na casa de alguém por lá, talvez na cave, para vestir os lençóis e preparar as tochas que usaram.

»Soube que os outros entraram diretamente na base por Ridgeline Road, que era o acesso principal na altura. Ouvi, não vou dizer onde, que chegaram num automóvel *Packard* novinho em folha, vestidos com os lençóis brancos e com os chapéus brancos em bico no colo e as tochas no chão. As tochas eram tacos de basebol com grandes pedaços de estopa presos na parte mais grossa com elásticos vermelhos, daqueles que as senhoras usam para vedar os frascos de doce. Havia uma guarita onde a Ridgeline Road bifurcava e levava à base, e o oficial responsável deixou o *Packard* entrar sem o mandar parar.

»Era sábado e o sítio estava à pinha, animadíssimo. Devia haver ali umas duzentas pessoas, talvez trezentas. E então chegaram aqueles brancos, seis ou oito no *Packard* verde, e mais a chegarem pelas árvores que ficavam entre a base e as casas elegantes da West Broadway. Não eram jovens, pelo menos a maioria, e às vezes pergunto-me quantos casos de angina e úlceras

rebetadas terão havido no dia seguinte. Espero que muitos. Cabrões imundos e assassinos.

»O *Packard* estacionou na colina e fez sinais de luzes duas vezes. Quatro homens saíram e juntaram-se ao resto. Alguns tinham latas de quatro litros de gasolina, das que se compravam nas bombas na altura. Todos levavam tochas. Um ficou ao volante do *Packard*. O Mueller tinha um *Packard*, sabes? Tinha mesmo. Verde.

»Reuniram-se atrás do Black Spot e encharcaram as tochas com gasolina. Talvez só quisessem assustar-nos. Ouvi o contrário, mas também ouvi isso. Prefiro acreditar que a intenção era essa, porque ainda hoje não tenho maldade suficiente para acreditar no pior.

»Talvez a gasolina tenha escorrido até à base de algumas tochas e, quando eles as acenderam, os que estavam com elas entraram em pânico e largaram-nas à pressa para se livrarem delas. Seja como for, aquela noite negra de novembro ficou de repente iluminada por tochas. Alguns seguravam-nas alto e balançavam-nas, com pedaços ardentes de estopa a cair. Alguns estavam a rir-se. Mas, como digo, alguns atiraram-nas pelas janelas das traseiras, para a nossa cozinha. Passado minuto e meio, o local estava em chamas.

»Os homens lá fora usavam todos os capuzes bicudos. Alguns cantavam: «Saíam, pretos! Saíam, pretos! Saíam, pretos!» Talvez alguns estivessem a cantar para nos assustar, mas prefiro acreditar que a maioria estava a tentar avisar-nos, assim como prefiro acreditar que talvez as tochas tenham ido parar à cozinha por acidente.

»De qualquer forma, não importava por aí além. A banda tocava mais alto do que um apito de fábrica. Toda a gente estava a dançar e a divertir-se. Ninguém lá dentro se apercebeu de que havia alguma coisa errada até o Gerry McCrew, que era ajudante de cozinheiro naquela noite, abrir a porta da cozinha e quase ser queimado vivo. As chamas saltaram três metros e

queimaram-lhe o blusão. Queimaram-lhe também praticamente todo o cabelo.

»Eu estava sentado a meio da parede leste com o Trev Dawson e o Dick Hallorann na altura, e a princípio achei que o fogão a gás tinha explodido. Assim que me levantei fui derrubado pelas pessoas que corriam para a porta. Umas vinte passaram por cima de mim, e acho que foi a única vez durante o acontecimento que senti medo a sério. Conseguia ouvir as pessoas a gritar e a dizer umas às outras que tinham de sair, que o local estava a arder. Mas de cada vez que tentava levantar-me, tombavam-me de novo. Alguém pousou o sapato na minha nuca e vi estrelas. O meu nariz foi esmagado no chão, inspirei terra e comecei a tossir e espirrar ao mesmo tempo. Outra pessoa pisou a minha lombar. Senti um salto de mulher enfiar-se entre as minhas nádegas, e filho, nunca mais quero um clister daqueles. Se os fundilhos das minhas calças se tivessem rasgado, eu estaria a sangrar até hoje.

»Parece engraçado agora, mas não morri naquela correria por uma unha negra. Fui empurrado, pisado, maltratado, esmagado e pontapeado em tantas partes que não conseguia andar no dia seguinte. Gritei, mas nenhuma daquelas pessoas de pé me ouviu ou prestou atenção.

»Foi o Trev quem me salvou. Vi a mão grande e castanha dele à minha frente e agarrei-a como um homem a afogar-se se agarra a uma boia. Agarrei-a e ele puxou-me e comecei a levantar-me. O pé de alguém atingiu-me o pescoço aqui de lado...

Ele massajou a zona onde o maxilar sobe em direção à orelha, e eu assenti.

— ... e doeu tanto que acho que desmaiei por um minuto. Mas não larguei a mão do Trev, e ele não soltou a minha. Pus-me em pé, finalmente, quando a parede que colocáramos entre o salão e a cozinha caiu. Fez o barulho que uma poça de gasolina faz quando lhe pegamos fogo. Vi-a

tombar num monte de faíscas e vi pessoas a correr para lhe escaparem quando caiu. Algumas conseguiram. Outras, não. Um dos nossos rapazes, acho que deve ter sido o Hort Sartoris, ficou preso debaixo dela e, por um segundo, vi a mão dele debaixo dos carvões em brasa, a abrir e a fechar. Havia uma rapariga branca, com pouco mais de vinte anos, com a parte de trás do vestido em chamas. Viera com um universitário, e ouvi-a a gritar-lhe, implorando-lhe que a ajudasse. Ele deu duas palmadas nas chamas e fugiu a correr com o resto. Ela ficou aos gritos enquanto o vestido ardia.

»Onde antes era a cozinha parecia um inferno. As chamas eram tão intensas que não se conseguia olhar para elas. O calor era o de um forno, Mikey, a assar-nos. Sentíamos a pele a ficar brilhante. Sentíamos os pelos do nariz a ficar queimados.

«Temos de sair daqui!», gritou o Trev, e começou a arrastar-me junto à parede. «Anda!»

»Então o Dick Hallorann impediu-o. Não devia ter mais de dezanove anos, e os seus olhos estavam do tamanho de bolas de bilhar, mas ele manteve a calma melhor do que nós. Salvou-nos a vida. «Por aí não!», gritou ele. «Por *aqui!*» E apontou na direção do palco... na direção do fogo.

«És maluco!», gritou o Trevor. Tinha uma voz grave e alta, mas conseguíamos ouvi-lo no meio do fogo e dos gritos. «Morre se quiseres, mas eu e o Willy vamos sair!»

»Ainda estava a agarrar-me a mão e começou a puxar-me para a porta de novo, apesar de haver tantas pessoas em volta que eu não conseguia ver nada. Eu teria ido com ele. Estava tão em choque que não sabia que lado era o direito e que lado era o esquerdo. Só sabia que não queria assar como um peru humano.

»O Dick agarrou o Trev pelo cabelo com o máximo de força que conseguiu e, quando o Trev se virou, o Dick deu-lhe uma bofetada. Lembro-me de ver a cabeça do Trev bater na parede e de pensar que o Dick

tinha enlouquecido. Em seguida, ele gritou junto à cara do Trev: «Se fores por ali, vais morrer! Eles bloquearam aquela porta, preto!»

«Não sabes isso!», gritou-lhe Trev, e ouviu-se um estrondo violento como uma bomba, só que era o calor a fazer explodir a bateria do Marty Devereaux. O fogo estava a espalhar-se pelas vigas acima e o óleo no chão começava a incendiar-se.

«Sei, sim!», gritou Dick em resposta. «Sei!»

»Agarrou na minha outra mão, e por um minuto senti-me como a corda puxada por duas forças antagónicas. Mas o Trev olhou bem para a porta e seguiu o caminho indicado pelo Dick, que nos levou até uma janela e agarrou numa cadeira para a partir, mas antes de a lançar, o calor fez a janela explodir. Agarrou no Trev Dawson pelo fundilho das calças e levantou-o. «Sobe!», gritou ele. «Sobe, filho da mãe!» E o Trev subiu e passou de cabeça pela janela.

»Içou-me em seguida, e lá fui eu. Agarrei-me aos lados da janela e impeli-me. No dia seguinte, tinha as palmas das mãos cobertas de bolhas: aquela madeira já estava a fumejar. Caí de cabeça e, se o Trev não me tivesse agarrado, podia ter partido o pescoço.

»Virámo-nos e vimos o que parecia ser o pior pesadelo do mundo, Mikey. Aquela janela era um quadrado amarelo e ardente de luz. As chamas subiam pelo telhado de metal em vários pontos. Conseguíamos ouvir as pessoas a gritar lá dentro.

»Vi duas mãos castanhas a agitarem-se diante do fogo, as mãos do Dick. O Trev Dawson entrelaçou os dedos das mãos, pus o pé neles para me içar, enfiei o braço pela janela e agarrei o Dick. Quando sustive o peso dele, a minha barriga bateu na parede, e foi como encostar a barriga a um fogão que está a começar a aquecer a sério. O rosto do Dick apareceu e, por alguns segundos, pensei que não íamos conseguir puxá-lo. Ele tinha

inspirado fumo e estava prestes a desmaiar. Tinha os lábios rachados. As costas da camisa fumegavam.

»E então estive prestes a soltá-lo, porque consegui sentir o cheiro das pessoas a arder lá dentro. Ouvi pessoas dizerem que o cheiro é como o de entrecosto na churrasqueira, mas não é assim. É mais parecido com o que acontece às vezes depois de castrarem cavalos. Fazem uma fogueira enorme e atiram toda aquela merda para ela e, quando o fogo fica bem quente, ouvimos os tomates do cavalo a rebentarem como castanhas, e é esse o cheiro de pessoas a serem assadas dentro da roupa. Senti esse cheiro e soube que não poderia suportá-lo por muito tempo, então dei um puxão forte e o Dick saiu pela janela. Tinha perdido um dos sapatos.

»Caí das mãos do Trev e aterrei. O Dick caiu em cima de mim, e estou aqui para contar que a cabeça daquele preto era dura. Fiquei quase sem fôlego e continuei deitado no chão alguns segundos, a rolar e a segurar a barriga.

»Em pouco tempo, consegui pôr-me de joelhos e depois em pé. E vi vários vultos correr na direção da zona verde. A princípio, pensei que eram fantasmas, mas então vi os sapatos deles. Naquela altura, já estava tão claro em volta do Black Spot que parecia pleno dia. Vi sapatos e percebi que eram homens de lençóis. Um deles tinha ficado um pouco para trás e vi...

Ele parou de falar e passou a língua pelos lábios.

— O que o viste, pai? — perguntei.

— Esquece — disse ele. — Dá-me a minha água, Mikey.

Assim fiz. Ele bebeu-a quase toda e teve um acesso de tosse. Uma enfermeira que passava olhou para dentro e perguntou:

— Precisa de alguma coisa, senhor Hanlon?

— De uns intestinos novos — respondeu o meu pai. — Tem uns por aí, Rhoda?

Ela esboçou um sorriso nervoso e indeciso e seguiu em frente. O meu pai entregou-me o copo e coloquei-o de volta na mesa.

— Demora mais tempo a contar do que a lembrar — disse ele. — Enches-me o copo antes de te ires embora?

— Claro, pai.

— Esta história vai dar-te pesadelos, Mikey?

Abri a boca para mentir, mas pensei melhor. E acho que, se tivesse mentido, ele teria parado logo. Já estava nas últimas, mas ainda sabia o que dizia.

— Acho que sim — respondi.

— Não é grave — disse ele. — Nos pesadelos, podemos pensar no pior. É para isso que servem, acho.

Estendeu a mão. Segurei-a, e ficámos de mãos dadas enquanto ele terminava.

— Olhei em volta a tempo de ver o Trev e o Dick irem para a frente do edifício, e corri atrás deles, ainda a tentar recuperar o fôlego. Havia umas quarenta ou cinquenta pessoas ali, algumas a chorar, algumas a vomitar, algumas a gritar, algumas a fazer tudo isso ao mesmo tempo, ao que parecia. Outras encontravam-se deitadas na relva, desmaiadas por causa do fumo. A porta estava fechada, e ouvimos pessoas a gritar do outro lado, a gritar para que as deixassem sair, pelo amor de Deus, que estavam a arder.

»Era a única porta, tirando a que havia na cozinha, que levava à zona dos caixotes do lixo. Para entrar, empurrava-se a porta. Para sair, tínhamos de a puxar.

»Algumas pessoas tinham saído, mas então o resto começou a amontoar-se em volta da porta e a empurrar. A porta travou. Quem estava atrás continuava a empurrar para a frente para fugir do fogo, e toda a gente ficou presa. Quem estava à frente foi esmagado. Não era possível abrirem

aquela porta com todo o peso de quem estava atrás. Ficaram ali, presos, e o fogo continuava.

Foi graças ao Trev Dawson que morreram apenas oitenta em vez de cem ou duzentos, e o que ele ganhou pelo seu esforço não foi uma medalha, mas dois anos na prisão de Rye. Naquele exato momento, um grande caminhão de carga parou ali, e quem estava ao volante era o meu velho amigo sargento Wilson, o homem que era dono de todos os buracos da base.

»Ele saiu e começou a gritar ordens que não faziam muito sentido e que as pessoas também não conseguiam ouvir. Trev agarrou-me o braço e corremos até ele. Eu tinha-me perdido do Dick Hallorann e só o vi no dia seguinte.

«Meu sargento, preciso de usar o seu caminhão!», gritou Trev na frente dele.

«Sai da minha frente, preto», disse Wilson e empurrou-o. Em seguida, começou a gritar toda aquela merda confusa de novo. Ninguém lhe prestava atenção, e ele não continuou por muito tempo, porque o Trevor Dawson saltou como um palhaço de mola numa caixa e deu-lhe um soco.

»O Trev era capaz de bater com muita força, e qualquer outro homem teria ficado no chão, mas aquele desgraçado tinha a cabeça dura. Levantou-se com sangue a escorrer da boca e do nariz e disse: «Vou matar-te por isso.» Bem, o Trev deu-lhe um soco na barriga com toda a força e, quando ele se dobrou, juntei as minhas mãos e bati-lhe na nuca com o máximo de força que consegui. Foi covarde bater num homem por trás daquela forma, mas momentos desesperados exigem medidas desesperadas. E eu estaria a mentir, Mikey, se dissesse que bater naquele filho da puta imundo não me deu um pouco de prazer.

»Ele caiu como um boi atingido por um machado. O Trev correu para o caminhão, ligou o motor e manobrou-o de forma a ficar de frente para o Black



Spot, mas à esquerda da porta. Meteu a primeira, carregou no acelerador e lá foi ele!

«Cuidado!», gritei às pessoas em volta. «*Cuidado com o camião!*»

»Elas dispersaram como aves e, por milagre, o Trev não atropelou ninguém. Bateu na parede do edifício a uns cinquenta quilómetros por hora e feriu-se no rosto ao bater com força no volante. Vi o sangue voar-lhe do nariz quando abanou a cabeça para aclarar as ideias. Meteu a marcha-atrás, recuou cinquenta metros e avançou de novo. BAM! O Black Spot não passava de chapas de metal ondulado, e aquela segunda pancada funcionou. Toda a parede daquele forno caiu e as chamas saíram. Não sei como podia ainda *qualquer coisa* estar viva lá dentro, mas estava. As pessoas são bastante mais fortes do que pensas, Mikey, e se não acreditas, olha para mim, agarrado ao mundo apenas pelas unhas. Aquele lugar era uma fornalha abrasadora, era um inferno de chamas e fumo, mas as pessoas saíram de lá a correr numa torrente regular. Havia tantas que o Trev nem se atreveu a recuar de novo com o camião com receio de atropelar alguém. Assim, saiu da cabina e voltou a correr para junto de mim, deixando-o onde estava.

»Ficámos ali a ver o fim. Nem cinco minutos se tinham passado, mas parecia uma eternidade. Os últimos dez ou quinze que saíram estavam a arder. As pessoas agarraram neles e começaram a rolá-los no chão, tentando apagar as chamas. Ao olhar para dentro, víamos outras pessoas a tentar sair, e sabíamos que nunca conseguiriam.

»O Trev segurou-me a mão e eu segurei a dele com o dobro de força. Ficámos de mãos dadas como tu e eu agora, Mikey, ele com o nariz partido e sangue a escorrer pelo rosto e com os olhos inchados, e observámos as pessoas. *Elas* foram os verdadeiros fantasmas que vimos naquela noite, nada além de brasas com forma de homens e mulheres naquele incêndio, a virem na direção da abertura que o Trev abriu com o camião do sargento

Wilson. Algumas tinham os braços esticados, como se esperassem que alguém as salvasse. Outras simplesmente caminhavam, mas não pareciam chegar a lado nenhum. Tinham as roupas em chamas e os rostos a derreter. E, uma após a outra, caíram e deixámos de as ver.

»A última foi uma mulher. O vestido dela desaparecera com as chamas e estava em combinação. Ardia como uma vela. Pareceu olhar diretamente para mim no final, e vi que as suas pálpebras estavam a arder.

»Assim que ela caiu, tudo acabou. O local transformou-se numa coluna de fogo. Quando os carros de bombeiros e mais dois do quartel de Main Street chegaram, o fogo já estava a apagar-se. Esse foi o incêndio do Black Spot, Mikey.

Bebeu o resto da água e entregou-me o copo, para que eu o enchesse no bebedouro do corredor.

— Acho que vais fazer chichi na cama hoje, Mikey.

Beijei-lhe o rosto e saí para o corredor para encher o copo. Quando voltei, começava a ficar de novo inconsciente, com olhos vidrados e contemplativos. Depois de pousar o copo na mesa de cabeceira, ele murmurou um obrigado que mal consegui entender. Olhei para o *Westclox* na mesa de cabeceira e vi que eram quase oito da noite. Horas de voltar para casa.

Inclinei-me para lhe dar um beijo... mas acabei por me ouvir a sussurrar:

— O que viste?

Os olhos dele, que estavam a fechar-se, mal se viraram na direção do som da minha voz. Talvez soubesse que era eu, ou talvez tenha acreditado estar a ouvir a voz dos seus próprios pensamentos.

— Hã?

— A coisa que viste — sussurrei. Não queria ouvir, mas *precisava* de ouvir. Sentia calor e frio, os meus olhos ardiam, as mãos gelavam. Mas

tinha de ouvir. Assim como acho que a mulher de Lot teve de se virar e ver a destruição de Sodoma.

— Foi um pássaro — disse ele. — Por cima dos últimos homens que corriam. Um falcão, talvez. Mas era grande. Nunca contei a ninguém. Tinham-me internado. Aquele pássaro devia ter uns dezoito metros de envergadura. Era do tamanho de um *Mitsubishi A6M Zero*. Mas vi... vi os olhos dele... e acho... que ele me viu...

A sua cabeça pendeu para o lado, na direção da janela, onde a escuridão se aproximava.

— Desceu e agarrou no último homem. Pegou-lhe pelo lençol, sim... e ouvi as asas daquele pássaro... O som era como fogo... e ele pairou... e pensei: os pássaros não conseguem pairar... mas aquele conseguia, porque... porque...

Ficou em silêncio.

— Porquê, pai? — sussurrei. — Porque conseguia ele pairar?

— Não pairava — disse ele.

Fiquei em silêncio, achando que tinha adormecido. Nunca sentira tanto medo na vida... porque, quatro anos antes, eu vira aquele pássaro. De alguma forma, de alguma maneira inimaginável, quase tinha esquecido aquele pesadelo. Foi o meu pai quem o trouxe de volta.

— Ele não pairava — disse. — Flutuava. Flutuava. Tinha um monte de balões amarrado em cada asa e flutuava.

O meu pai adormeceu.

*1 de março de 1985*

Voltou. Agora sei. Vou esperar, mas sei-o no mais fundo do meu ser. Não sei se consigo suportar. Em criança, consegui lidar com a situação, mas com as crianças é diferente. De uma forma essencial, é diferente.

Escrevi aquilo tudo ontem à noite numa espécie de frenesi. De qualquer modo, não teria podido voltar para casa. Derry está coberta por uma camada espessa de gelo e, apesar de o sol ter aparecido esta manhã, nada se move.

Escrevi até bastante depois das três da manhã, empunhando a caneta cada vez mais depressa, tentando deitar tudo cá para fora. Esquecera-me de ter visto o pássaro gigante quando tinha onze anos. Foi a história do meu pai que mo recordou ... e nunca mais o esqueci. Nem um único pormenor. De certo modo forma, acho que foi a última prenda que me deu. Uma prenda terrível, poder-se-ia dizer, mas maravilhosa à sua maneira.

Dormi ali onde estava, com a cabeça nos braços, o caderno e a caneta sobre a mesa à minha frente. Acordei hoje de manhã com o traseiro dormente e as costas doridas, mas a sentir-me livre, de algum modo... livre daquela velha história.

E então, vi que tivera companhia à noite enquanto dormia.

As marcas, a secarem e a tornarem-se leves impressões de lama, iam da porta da frente da biblioteca (que tranquei; tranco sempre) até à mesa onde dormi.

Não havia marcas a sair da biblioteca.

Fosse o que fosse, veio até mim à noite, deixou o seu talismã... e simplesmente desapareceu.

Preso ao meu candeeiro de leitura havia um único balão. Cheio de hélio, a flutuar ao sol matinal que entrava por uma das janelas altas.

Nele havia uma imagem do meu rosto, sem os olhos, com sangue a escorrer das órbitas, um grito a distorcer a boca na superfície fina de borracha.

Olhei para aquilo e gritei. O grito ecoou pela biblioteca e regressou, vibrando na escada circular de ferro que leva às estantes.

O balão rebentou com um estrondo.

## TERCEIRA PARTE

### ADULTOS

«A descida  
feita de desespero  
e sem resultados  
desperta uma nova percepção:  
que é o reverso  
do desespero.

Àquilo que não pudemos realizar, aquilo  
que o amor é negado,  
àquilo que perdemos na expectativa  
segue-se uma descida,  
interminável e indestrutível.»<sup>1</sup>

— WILLIAM CARLOS WILLIAMS, *PATERSON*

«Não te faz querer ir para casa agora?  
Não te faz querer ir para casa?  
Todos os filhos de Deus se cansam de vagabundear,  
Não te faz querer ir para casa?

Não te faz querer ir para casa?»<sup>2</sup>

— JOE SOUTH

---

1 «The descent/made up of despairs/and without accomplishment/realizes a new awakening:/ which is a reversal of despair. For what we cannot accomplish, what/is denied to love,/what we have lost in the anticipation—/a descent follows, endless and indestructible.»

2 «Don't it make you wanta go home, now?/Don't it make you wanta go home?/All God's children get weary when they roam,/Don't it make you wanta go home?/Don't it make you wanta go home?»

## CAPÍTULO 10

# O REENCONTRO

### 1

#### *Bill Denbrough apanha um táxi*

O telefone tocava, fazendo-o acordar e sair de um sono demasiado profundo para ter sonhos. Tateou em busca do aparelho sem abrir os olhos, sem despertar completamente. Se tivesse parado de tocar naquele momento, ele teria adormecido de imediato sem dificuldade; teria adormecido com a mesma simplicidade e facilidade com que em tempos descera pelas colinas cobertas de neve do McCarron Park no seu trenó. Uma pessoa corria a par do trenó, lançava-se para cima dele e descia com a sensação de viajar à velocidade do som. Não se podia fazer isso em adulto; magoava demasiado os testículos.

Os seus dedos passearam pelo disco do telefone, escorregaram, subiram de novo. Teve uma leve premonição de que seria Mike Hanlon, Mike Hanlon a ligar de Derry, a dizer-lhe que tinha de voltar, a dizer-lhe que tinha de se lembrar, a dizer-lhe que tinham feito uma promessa, que Stan Uris cortara as palmas das mãos deles com o estilhaço de uma garrafa de *Coca-Cola* e que tinham prometido...

Só que tudo isso já acontecera.

Bill tinha chegado no dia anterior pouco antes das seis. Se fora o último telefonema da lista de Mike, os outros deviam já ter dado entrada no hotel a horas variadas; alguns talvez tivessem até passado ali a maior parte do dia. Ele não vira ninguém nem sentia pressa de ver. Limitara-se a fazer o *check-in*, subira para o quarto, pedira comida que, depois de chegar, descobriu que não conseguia comer, deitou-se na cama e dormiu sem sonhar até àquele momento.

Abriu um olho e procurou o telefone. O auscultador caiu da mesa, e ele bateu enquanto abria o outro olho. Sentia a cabeça totalmente vazia, totalmente desligada como se funcionasse a pilhas.

Acabou por conseguir agarrar o auscultador. Soergueu-se num cotovelo e levou-o ao ouvido.

— Estou?

— Bill?

Era a voz de Mike Hanlon. Nisso, pelo menos, acertara. Na semana anterior, nem se lembrava de Mike, e agora uma única palavra bastava para identificá-lo. Era maravilhoso... embora de uma maneira sinistra.

— Olá, Mike.

— Acordei-te, não foi?

— Sim, acordaste. Não faz mal. — Na parede acima da televisão havia um quadro horrível de pescadores de lagostas com impermeáveis e chapéus amarelos a puxar as armadilhas. Ao olhar, Bill lembrou-se de onde estava: no Derry Town House, em Upper Main Street. Oitocentos metros acima e do outro lado da rua ficava o Bassey Park... a Ponte dos Beijos... o canal.

— Que horas são, Mike?

— Um quarto para as dez.

— De que dia?

— Dia trinta.

Mike pareceu achar aquilo engraçado.



— Sim. Tudo bem.

— Organizei um pequeno reencontro — disse Mike. Havia timidez na sua voz.

— Sim? — Bill tirou as pernas de cima da cama. — Vieram todos?

— Todos menos o Stan Uris — disse Mike. Havia alguma coisa na voz dele que Bill não conseguiu interpretar. — A Bev foi a última. Chegou ontem à noite, bastante tarde.

— Porque dizes última, Mike? O Stan pode chegar hoje.

— Bill, o Stan está morto.

— O quê? Como? O avião dele...?

— Nada disso — respondeu Mike. — Olha, se não te fizer diferença, acho que é melhor esperar até nos juntarmos. Seria melhor se eu pudesse contar a toda a gente ao mesmo tempo.

— Tem relação com isto?

— Sim, acho que tem. — Mike fez uma breve pausa. — Tenho a certeza de que tem.

Bill sentiu o peso familiar do medo envolver de novo o seu coração. Seria algo ao qual uma pessoa podia habituar-se tão depressa? Ou era alguma coisa que tinha carregado consigo, sem a sentir nem pensar nela, como acontecia com o facto inevitável da sua própria morte?

Esticou a mão para pegar num cigarro, acendeu-o e apagou o fósforo com a primeira baforada.

— Ninguém se encontrou ontem?

— Não, acho que não.

— E ainda não viste nenhum de nós.

— Não, só falei convosco pelo telefone.

— Tudo bem — disse ele. — Onde vai ser o reencontro?

— Lembras-te de onde era a velha fundição?

— Em Pasture Road, claro.

— Estás atrasado, amigo. Agora chama-se Mall Road. Temos lá o terceiro maior centro comercial do estado. «Quarenta e Oito Lojas Diferentes Sob o Mesmo Teto, Para Sua Comodidade.»

— Soa bastante a-a-americano.

— Bill?

— O quê?

— Estás bem?

— Estou. — Mas o seu coração batia demasiado depressa, a ponta do cigarro tremia um nadinha. Ele tinha gaguejado. Mike ouvira.

Houve um momento de silêncio.

— Depois do centro comercial há um restaurante chamado Jade of the Orient — prosseguiu Mike. — Têm salas privadas para grupos. Reservei uma ontem. Podemos ficar com ela a tarde toda, se quisermos.

— Achas que vai demorar tanto?

— Não sei.

— Um taxista vai saber chegar lá?

— Claro.

— Tudo bem — disse Bill. Escreveu o nome do restaurante no bloco ao lado do telefone. — Porquê lá?

— Porque é novo, acho eu — disse Mike lentamente. — Pareceu-me... sei lá...

— Terreno neutro? — sugeriu Bill.

— Sim. Acho que é isso.

— A comida é boa?

— Não sei — disse Mike. — Como está o teu apetite?

Bill expeliu fumo e soltou uma risada que era em parte tosse.

— Não está grande coisa, amigo.

— Pois — disse Mike. — Compreendo.

— Meio-dia?

— A atirar para a uma, creio. Vamos deixar a Beverly dormir um pouco mais.

Bill apagou o cigarro.

— Ela está casada?

Mike hesitou de novo.

— Saberemos tudo mais tarde — disse ele.

— É como quando vamos a uma reunião do secundário dez anos depois, hein? — perguntou Bill. — Descobrimos quem está gordo, quem ficou careca, quem tem f-filhos.

— Quem me dera que fosse assim — disse Mike.

— Sim, a mim também, Mikey. A mim também.

Desligou o telefone, tomou um longo duche e pediu um pequeno-almoço que não queria e que só provou. Não; o seu apetite não andava mesmo nada bem.

Bill ligou para a empresa de táxis Big Yellow Cab e pediu que o fossem buscar às 12h45, achando que quinze minutos seriam suficientes para chegar a Pasture Road (era totalmente incapaz de pensar nela como Mall Road, mesmo quando viu o centro comercial), mas subestimou o trânsito à hora do almoço... e até que ponto Derry tinha crescido.

Em 1958, era uma vila grande, não mais do que isso. Havia umas trinta mil pessoas dentro dos limites municipais de Derry e talvez mais sete mil nas cidadezinhas das redondezas. Tinha-se tornado uma cidade. Uma cidade pequena pelos padrões de Londres e Nova Iorque, mas bastante grande pelos padrões do Maine, onde Portland, a maior cidade do estado, mal passava de trezentas mil pessoas.

À medida que o táxi descia lentamente a Main Street (*estamos sobre o canal*, pensou Bill; *não consigo vê-lo, mas está ali em baixo, a correr no*

*escuro*) e virava para a Center, o seu primeiro pensamento foi bastante previsível: o quanto tudo tinha mudado. Mas o pensamento previsível veio acompanhado de um profundo horror que jamais teria esperado. Lembrava-se da infância ali como uma época nervosa e cheia de temores... não só por causa do verão de 1958, quando os sete tinham enfrentado o terror, mas também por causa da morte de George, pelo sono profundo no qual os pais pareceram ter caído depois disso, pelas provocações constantes devido à gaguez, por Bowers, Huggins e Criss sempre atrás deles depois do confronto nos Barrens

*(Bowers, Huggins e Criss, meu Deus! Bowers, Huggins e Criss, meu Deus!)*

e pela simples sensação de que Derry era fria, de que Derry era dura, de que Derry se estava nas tintas se qualquer um deles vivia ou morria, e muito menos se triunfaria sobre o palhaço Pennywise. O povo de Derry vivera com Pennywise em todos os seus disfarces durante muito tempo... e talvez, de alguma forma louca, tivesse até passado a compreendê-lo. A gostar dele, a precisar dele. *A amá-lo?* Talvez. Sim, talvez isso também.

Então a que se devia aquele horror?

É possível que as mudanças não passassem de simples *banalidades*. Ou porque, aos olhos dele, Derry parecia ter perdido a sua fisionomia fundamental.

O cinema Bijou já não existia e fora substituído por um parque de estacionamento (RESERVADO, dizia a placa acima da rampa; INFRATORES SUJEITOS A REBOQUE). A sapataria Shoeboat e o restaurante Bailley's Lunch, que ficavam ao lado, também já não existiam. Tinham sido substituídos por uma agência do Northern National Bank. Um placard digital diante da estrutura amorfa de betão mostrava a hora e a temperatura, esta última tanto em Fahrenheit como em Celsius. A Center Street Drug, covil do senhor Keene e local onde Bill conseguira o medicamento para a asma de Eddie

naquele dia, também já não existia. Richard's Alley convertera-se num híbrido estranho chamado «minicentro comercial». Ao olhar para lá quando o táxi parou no sinal vermelho, Bill avistou uma loja de discos, uma loja de alimentos naturais e outra de brinquedos e jogos com uma liquidação de *Dungeons and Dragons*.

O táxi arrancou e parou.

— Vai demorar — disse o motorista. — Gostava que todos esses malditos bancos tivessem as horas de almoço desencontradas. Desculpe o vocabulário, se for religioso.

— Não há problema — disse Bill. O céu estava nublado, e naquele momento algumas gotas de chuva bateram no para-brisas do táxi. O rádio murmurou qualquer coisa sobre um paciente que fugira de um hospício e que era muito perigoso, depois começou a falar sobre os Red Sox. Aguaceiros primeiro, depois céu limpo. Quando Barry Manilow começou a gemer sobre Mandy, que vinha e se entregava sem pedir nada em troca, o taxista desligou o rádio.

— Quando surgiram eles? — perguntou Bill.

— O quê? Os bancos?

— Sim.

— Ah, no final dos anos sessenta, início dos setenta, pelo menos a maioria — disse o taxista. Era um homem grande com um pescoço largo. Usava um casaco de xadrez vermelho e preto de caçador. Um boné laranja fluorescente cobria-lhe a cabeça; tinha manchas de óleo de motor. — Havia um fundo para a renovação urbanística. Distribuição de receitas, chamam-lhe. E assim, distribuíram-nas deitando tudo abaixo. E os bancos chegaram. Acho que eram os únicos com capacidade financeira para isso. Diz muita coisa, não é? Renovação urbana, chamam-lhe. Renovação, uma merda, digo eu. Desculpe o vocabulário se for religioso. Houve muitas conversas acerca de como iam revitalizar o centro da cidade. Sim senhor, bonita

revitalização. Deitaram abaixo a maior parte das lojas antigas e construíram uma data de bancos e parques de estacionamento. E continua sem se conseguir encontrar a porra de um lugar para estacionar. Deviam pendurar os gajos da Câmara Municipal todos pela pila. Tirando a senhora Pollock. Ela devia ser pendurada pelas mamas. Pensando bem, parece que não as tem. É lisa como a porra de uma tábua. Desculpe o vocabulário se for religioso.

— Por acaso, sou — disse Bill, sorrindo.

— Então saia do meu táxi e vá para a porra da igreja — disse o taxista, e os dois desataram às gargalhadas.

— Vive aqui há muito tempo? — perguntou Bill.

— A vida toda. Nasci no Hospital de Derry e vão enterrar-me no cemitério Mount Hope.

— Parece-me um bom projeto — disse Bill.

— Sim, pois — disse o condutor. Pigarreou, abriu a janela e cuspiu uma bola de catarro grande e verde-amarelada para a chuva. A sua atitude, contraditória mas atrativa, quase mordaz, era de sombrio bom humor. — O gajo que apanhar aquela porra não vai precisar de comprar pastilhas elásticas esta semana. Desculpe o vocabulário se for religioso.

— Nem tudo mudou — disse Bill. A fila deprimente de bancos e parques de estacionamento estava a ficar para trás à medida que subiam a Center. Acima da colina e depois do First National, começaram a ganhar velocidade. — O Aladdin ainda está no mesmo sítio.

— Sim — concordou o taxista. — Mas foi por um triz. Os cabrões também tentaram deitá-lo abaixo.

— Para fazer outro banco? — perguntou Bill.

Um lado dele descobria, divertido, que o outro lado estava horrorizado com a ideia. Não podia acreditar que qualquer pessoa no seu juízo perfeito iria querer derrubar aquela majestosa cúpula do prazer com o seu cintilante

candelabro de vidro, a escadaria dupla que subia em curva até ao balcão e a monumental cortina, que não se abria apenas quando o filme começava, mas que subia em dobras mágicas, pregas e drapeados, tudo iluminado em tons fabulosos de vermelho, azul, amarelo e verde enquanto as roldanas ao lado do palco rangiam e estalavam. *O Aladdin não*, gritou aquela parte chocada dele. *Como puderam pensar em deitar abaixo o Aladdin para construir um banco?*

— Ah, sim, um banco — disse o taxista. — Acertou na porra do alvo, desculpe o vocabulário se for religioso. Era o First Merchants of Penobscot County que estava de olho no Aladdin. Queriam destruí-lo e erigir aquilo a que chamavam «centro de serviços bancários». Já tinham os papéis todos da Câmara, e o Aladdin estava condenado. Então algumas pessoas formaram uma comissão, gente que vivia aqui há muito tempo, e fizeram um abaixo-assinado, manifestaram-se nas ruas, gritaram e acabaram por conseguir uma reunião com a Câmara. O Hanlon correu com aqueles palhaços. — O taxista parecia extremamente animado.

— Hanlon? — perguntou Bill, surpreendido. — O *Mike Hanlon*?

— Isso mesmo — disse o motorista. Virou-se rapidamente para olhar para Bill, revelando um rosto redondo e ressequido, óculos de tartaruga com velhas manchas de tinta branca. — O bibliotecário. Um negro. Conhece-o?

— Conhecia — respondeu Bill, lembrando-se de como conhecera Mike em julho de 1958. Fora de novo culpa de Bowers, Huggins e Criss ... claro. Bowers, Huggins e Criss

*(meu Deus)*

em cada esquina, a desempenharem os seus papéis, tentáculos involuntários a aproximar os sete, cada vez com mais força.

— Brincávamos juntos quando éramos miúdos. Antes de me ir embora.

— Ora aí tem — disse o taxista. — Esta porra de mundo é muito pequeno, desculpe o...

— ... vocabulário se for religioso — concluiu Bill por ele.

— Aí tem — repetiu o taxista com tranquilidade, e seguiram em silêncio por algum tempo até ele dizer: — Mudou muito, Derry, mas sim, muita coisa ainda está na mesma. O Town House, onde o apanhei. O reservatório no Memorial Park. Lembra-se desse sítio? Quando éramos crianças, achávamos que estava assombrado.

— Lembro, sim — disse Bill.

— Olhe, ali está o hospital. Reconhece-o?

Estavam a passar pelo Hospital de Derry à direita. Atrás dele, o Penobscot corria em direção ao seu ponto de encontro com o Kenduskeag. Sob o céu chuvoso da primavera, o rio tinha um tom azul-acinzentado. O hospital de que Bill se lembrava, um edifício branco com duas alas e três andares, ainda ali continuava, mas encontrava-se cercado, diminuído por um complexo de edifícios, talvez uns dez. Conseguia ver um parque de estacionamento à esquerda, e parecia haver mais de quinhentos carros ali estacionados.

— Meu Deus, não é um hospital, é a porra de um complexo universitário! — exclamou Bill.

O taxista riu-se.

— Como não sou religioso, vou desculpar o seu vocabulário. Verdade, é quase tão grande como o Eastern Maine em Bangor. Tem laboratórios para as radiações, um centro de terapia e seiscentos quartos e lavandaria própria e só Deus sabe que mais. O velho hospital ainda está lá, mas só alberga a parte administrativa.

Bill teve uma estranha sensação de desdobramento, o tipo de sensação que se lembrava de ter tido da primeira vez que vira um filme em 3D: a tentar juntar duas imagens que não coincidiam com exatidão. Podia-se enganar os olhos e o cérebro para que executassem o truque, lembrava-se ele, mas era provável que se acabasse com uma enorme dor de cabeça... e



conseguia sentir uma a surgir naquele momento. A nova Derry, certamente, mas a velha Derry ainda estava ali, como o edifício de madeira do hospital. A velha Derry estava praticamente toda sepultada sob edifícios novos... mas os seus olhos eram arrastados de forma impotente para ela... procuravam-na.

— O pátio de manobras também deve ter desaparecido, não? — perguntou Bill.

O taxista riu de novo, satisfeito.

— Para alguém que se mudou em criança, o senhor tem boa memória. — Bill pensou: *Devia ter-me visto na semana passada, meu amigo de vocabulário esmerado.* — Ainda lá está, mas não passa de ruínas e trilhos enferrujados. Os comboios de mercadorias já lá não param. Um tipo qualquer queria comprar o terreno e montar um centro de diversões, com minigolfe, redes para bater bolas de basebol, campo de golfe, *karting*, salão de jogos e não sei mais o quê, mas há alguma confusão a respeito quem é o proprietário do terreno. Acho que ele vai acabar por consegui-lo, porque é um tipo persistente, mas está tudo nas mãos do tribunal.

— E o canal — murmurou Bill quando saíram da Outer Center Street e entraram na Pasture Road, que, como Mike dissera, tinha uma placa verde a dizer MALL ROAD. — O canal ainda aqui está.

— Sim — disse o taxista. — Creio que esse vai cá estar sempre.

O Derry Mall estava à esquerda de Bill e, quando passaram, ele teve de novo aquela estranha sensação de desdobramento. Na sua infância, aquilo tudo fora um campo comprido e amplo cheio de mato e enormes girassóis que marcava o lado nordeste dos Barrens. Atrás, a oeste, ficava o bairro de Old Cape, para pessoas de baixos rendimentos. Lembrava-se de explorar aquele campo, com cuidado para não cair no buraco aberto da fundição Kitchener, que fora pelos ares no domingo de Páscoa de 1906. O campo estivera cheio de relíquias, e tinham-nas desenterrado com o interesse

solene de arqueólogos a explorar ruínas egípcias: tijolos, conchas, ferros com parafusos enferrujados, vidros, garrafas cheias de gosma não identificada que cheiravam como o pior dos venenos. Uma coisa má tinha também acontecido perto dali, no fosso de gravilha perto da lixeira, mas ainda não conseguia lembrar-se. Só se lembrava de um nome, Patrick Humboldt, e que tinha alguma coisa que ver com um frigorífico. E qualquer coisa relacionada com um pássaro que tinha perseguido Mike Hanlon. O que...?

Abanou a cabeça. Fragmentos. Pedacos de palha ao vento. Só isso.

O campo já não existia, nem os restos da fundição. Bill lembrou-se de repente da grande chaminé. Coberta de azulejos, escurecida pela fuligem nos três últimos metros, jazera no meio da erva alta como um cano gigantesco. Tinham conseguido subi-la e andado lá em cima, com os braços esticados como se estivessem na corda bamba, a rir...

Sacudiu a cabeça para afastar a miragem do centro comercial, um aglomerado feio de edifícios com cartazes que diziam SEARS, J. C. PENNEY, WOOLWORTH'S, CVS, YORK'S STEAK HOUSE, WALDENBOOKS e dezenas de outras lojas. Havia estradas alcatroadas a entrar e a sair de parque de estacionamento. O centro comercial não desapareceu porque não era miragem. A fundição Kitchener já não existia, e o campo que crescera em volta das suas ruínas também não. O centro comercial era a realidade, não as lembranças.

Mas, de alguma forma, não acreditava nisso.

— Aqui está — disse o taxista. Entrou no parque de estacionamento de um edifício que parecia um grande pagode de plástico. — Um pouco atrasado, mas mais vale tarde que nunca, certo?

— Sem dúvida — respondeu Bill. Deu-lhe uma nota de cinco. — Fique com o troco.

— Maravilha! — exclamou o motorista. — Se precisar de alguém que o conduza, ligue para a Big Yellow e pergunte pelo Dave. Sou eu.

— Vou pedir o tipo religioso — disse Bill, sorrindo. — O que já reservou o túmulo no Mount Hope.

— Isso mesmo — disse Dave, rindo. — Tenha um bom dia.

— O senhor também, Dave.

Ficou sob a chuva miudinha por um momento e viu o táxi afastar-se. Deu-se conta de que pretendia fazer mais uma pergunta ao taxista, mas que se esquecera, talvez de propósito.

Quisera perguntar a Dave se ele *gostava* de viver em Derry.

Abruptamente, Bill Denbrough virou-se e entrou no Jade of the Orient. Mike Hanlon estava na antessala, sentado numa cadeira de vime com um encosto enorme. Levantou-se, e Bill sentiu uma irrealidade profunda tomar conta dele, *entrar* nele. Aquela sensação de desdobramento voltara, mas estava muito, muito pior.

Lembrava-se de um rapaz com um metro e sessenta, magro e ágil. À sua frente estava um homem com um metro e setenta e cinco. Era esquelético. As roupas pareciam penduradas nele. E as rugas no rosto diziam que tinha quarenta e muitos anos, e não apenas trinta e oito.

O choque de Bill deve ter ficado evidente na sua expressão, porque Mike disse baixinho:

— Sei como estou.

Bill corou.

— Não é assim tão mau, Mike, é só que me lembro de ti em criança. Mais nada.

— Ai sim?

— Pareces um pouco cansado.

— *Estou* um pouco cansado — disse Mike —, mas vou sobreviver, acho. — Então sorriu, e o sorriso iluminou o seu rosto. Nele, Bill viu o

rapaz que conhecera vinte e sete anos antes. Assim como o velho hospital de madeira tinha sido sufocado por vidro moderno e cimento, o rapaz que Bill conhecera fora sufocado pelos inevitáveis acessórios da vida adulta. Havia rugas na testa, linhas nos cantos da boca que iam quase até ao queixo, e o cabelo estava a ficar grisalho nas têmporas. Mas, tal como o velho hospital, que estava cercado, mas continuava lá, visível, o rapaz que Bill conhecera também continuava.

Mike estendeu a mão.

— Bem-vindo a Derry mais uma vez, Grande Bill.

Bill ignorou a mão e abraçou Mike. Mike abraçou-o com força, e Bill conseguiu sentir o cabelo dele, duro e encaracolado, no seu ombro e no pescoço.

— Seja lá o que houver de errado, Mike, vamos tratar disso — garantiu Bill. Ouviu o som rouco de lágrimas na sua garganta e não se importou. — Vencemo-lo uma vez e somos capazes de v-vencê-lo de n-n-novo.

Mike afastou-se dele e segurou-o com os braços esticados; apesar de ainda estar a sorrir, havia demasiado brilho nos seus olhos. Pegou no lenço e limpou-os.

— Claro, Bill — disse ele. — Podes crer.

— Cavalheiros, podem acompanhar-me? — perguntou a empregada.

Era uma mulher oriental sorridente com um delicado quimono rosa, com um dragão de cauda enrolada. Tinha o cabelo escuro apanhado com pentes de marfim.

— Eu sei o caminho, Rose — disse Mike.

— Muito bem, senhor Hanlon. — Sorriu a ambos. — São bastante amigos, creio.

— Acho que somos — disse Mike. — Por aqui, Bill.

Levou-o por um corredor escuro, passando pelo salão principal em direção a uma porta com uma cortina de contas.

— Os outros...? — perguntou Bill.

— Todos aqui — disse Mike. — Todos os que puderam vir.

Bill hesitou por um momento do lado de fora, tomado de um medo repentino. Não era o desconhecido que o assustava, nem o sobrenatural; era o simples conhecimento de que estava uns quarenta centímetros mais alto do que era em 1958 e sem a maior parte do cabelo. Sentiu-se de repente desconfortável, quase apavorado com a ideia de ver todos de novo, com os rostos infantis quase desaparecidos, sepultados sob a mudança, como o velho hospital. Com bancos construídos na mente onde antes haviam existido palácios mágicos.

*Crescemos, pensou ele. Não pensámos que isso fosse acontecer, pelo menos naquela altura, no nosso caso. Mas aconteceu, e se eu entrar ali, vai ser real. Somos todos adultos.*

Olhou para Mike, repentinamente confuso e tímido.

— Como estão eles? — ouviu-se perguntar com voz trémula. — Mike... como estão eles?

— Entra e descobre — respondeu Mike com delicadeza, e levou Bill para a sala particular.

## 2

### *Bill Denbrough dá uma espreitadela*

Talvez fosse apenas a penumbra da sala que provocasse a ilusão, que durou um brevíssimo momento, mas Bill perguntou-se depois se não seria uma espécie de mensagem dirigida exclusivamente a ele: que o destino também podia ser meigo.

Naquele breve momento, pareceu que *nenhum* deles tinha crescido, que os seus amigos se tinham armado em Peter Pan e ainda eram todos crianças.

Richie Tozier estava tão inclinado na cadeira que tocava na parede e dizia qualquer coisa a Beverly Marsh, que tinha a mão sobre a boca para esconder uma risada; Richie exibia um sorriso espertalhão que era perfeitamente familiar. Ali estava Eddie Kaspbrak, sentado à esquerda de Beverly, e diante dele na mesa, ao lado do seu copo de água, encontrava-se um recipiente plástico com uma espécie de gatilho em cima. O modelo era um pouco mais moderno, mas o objetivo era obviamente o mesmo: uma bomba. Do outro lado da mesa, a observar o trio com uma expressão de ansiedade, diversão e concentração, estava Ben Hanscom.

Bill sentiu vontade de levar a mão à cabeça e percebeu, tristemente divertido, que, naquele segundo, estivera prestes a passar a mão na careca para ver se o cabelo tinha voltado por magia; aquele cabelo ruivo e fino que ele começara a perder no início da faculdade.

Aquilo rebentou a bolha. Viu que Richie não tinha óculos e pensou: *Deve usar lentes de contacto, é o tipo de coisa que faria. Ele detestava aqueles óculos. As t-shirts e calças de bombazina que costumava usar tinham sido substituídas por um fato que não fora comprado no pronto a vestir. Bill estimava estar a olhar para um fato de novecentos dólares feito por um alfaiate.*

Beverly Marsh (se é que o nome dela ainda *era* Marsh) transformara-se numa mulher deslumbrante. Em vez do rabo de cavalo habitual, o cabelo dela, que era quase exatamente do mesmo tom que o dele tinha antes, caía sobre os ombros da blusa branca lisa *Ship 'n Shore* numa torrente de cor discreta. Na luz ténue, brilhava como um amontoado de brasas. À luz do dia, mesmo num dia nublado como aquele, Bill imaginava que pegaria fogo. E deu por si a perguntar como seria enfiar as mãos naquele cabelo. *A história mais velha do mundo*, pensou ele com ironia. *Amo a minha mulher, mas ah, tu, miúda!*

Eddie (estranho, mas verdadeiro) tinha crescido e parecia-se bastante com Anthony Perkins. O seu rosto exibia rugas prematuras (apesar de nos trejeitos parecer mais jovem do que Richie e Ben), e faziam-no mais velho os óculos sem aro que usava — óculos que se imaginaria num advogado britânico a aproximar-se do banco dos réus ou a mexer num dossiê. Tinha o cabelo curto, num penteado antiquado que fora conhecido como Ivy League no final dos anos cinquenta e começo dos sessenta. Usava um casaco axadrezado berrante que parecia tirado da área de liquidação de uma loja de roupa de homem prestes a fechar... mas o relógio no pulso era *Patek Philippe*, e o anel no mindinho da mão direita tinha um rubi. A pedra era grande e ostentosa de mais para não ser verdadeira.

Ben era quem tinha realmente mudado, e, ao olhar para ele de novo, Bill sentiu a irrealidade tomar conta dele. O rosto era o mesmo, e o cabelo, embora grisalho e mais comprido, estava penteado da mesma forma pouco comum, com risco do lado direito. Mas Ben emagrecera. Estava sentado confortavelmente na cadeira, com o colete de couro simples aberto e exibindo uma camisa azul de cambraia por baixo. Usava umas *Levi's* de corte direito, botas de *cowboy* e um cinto largo com fivela de prata gasta. As roupas assentavam bem num corpo magro e de ancas estreitas. Usava uma pulseira grossa num pulso, não de ouro, mas de cobre. *Ele emagreceu*, pensou Bill. *É uma sombra de quem era antes, podemos dizer... O velho Ben emagreceu. Os milagres não acabam.*

Houve um momento de silêncio entre os seis que desafiou qualquer descrição. Foi um dos momentos mais estranhos que Bill viveu na vida. Stan não estava lá, mas havia um sétimo elemento mesmo assim. Ali, naquele reservado, Bill sentiu a presença com tanta intensidade que era quase personificada, mas não sob a forma de um esqueleto de túnica branca com uma foice no ombro. Era a zona vazia no mapa que ficava entre 1958 e 1985, uma área a que um explorador poderia chamar o Grande

Desconhecido. Bill perguntou-se o que haveria ali, exatamente. Beverly Marsh de saia curta que deixava à mostra a maior parte das pernas compridas e enérgicas, uma Beverly Marsh de botas brancas sem salto, com o cabelo de risco ao meio e esticado? Richie Tozier com um cartaz que dizia FIM À GUERRA de um lado e TIREM A POLÍCIA DO CAMPUS do outro? Ben Hanscom de capacete amarelo com um autocolante da bandeira à frente, a orientar uma escavadora debaixo de um guarda-sol de lona, sem camisa, mostrando uma barriga cada vez menos protuberante por cima das calças? A sétima criatura seria negra? Sem relação com H. Rap Brown nem Grandmaster Flash, não; este tipo usava camisas brancas e calças castanhas *J. C. Penney*, sentava-se num cubículo de biblioteca na Universidade do Maine e escrevia trabalhos sobre a origem das notas de rodapé e as possíveis vantagens dos números de ISBN na catalogação de livros enquanto manifestantes desfilavam do lado de fora e Phil Ochs cantava «Richard Nixon, procura outro país» e homens morriam com a barriga rebentada em aldeias cujos nomes não conseguiam pronunciar; ficava ali sentado debruçado sobre o seu trabalho (Bill via-o), que estava sob um raio de luz branca de inverno, com o rosto sóbrio e absorto, sabendo que ser bibliotecário era chegar o mais perto que qualquer ser humano poderia chegar de se sentar no assento mais alto do motor da eternidade. Era ele o sétimo? Ou era um jovem de pé diante do espelho, a olhar para a forma como a testa crescia, a olhar para o pente cheio de cabelos ruivos que caíam, a olhar para uma pilha de cadernos da faculdade sobre a mesa refletida no espelho, cadernos com o primeiro rascunho completo e confuso de um romance chamado *Joanna*, que seria publicado um ano depois?

Algum dos itens anteriores, todos os itens anteriores, nenhum dos itens anteriores.

Não importava, na verdade. O sétimo estava presente, e naquele momento todos o sentiram... e talvez tenham entendido melhor o poder



maligno da coisa que os trouxera de volta. *A Coisa está viva*, pensou Bill, sentindo frio por baixo da roupa. *Olho de salamandra, rabo de dragão, mão de Glória... fosse o que a Coisa fosse, ela está aqui de novo, em Derry. A Coisa.*

E sentiu de repente que a Coisa era o sétimo; que a Coisa e o tempo eram intercambiáveis, que a Coisa usava os rostos de todos eles, assim como dos milhares de outros que tinha aterrorizado e matado... e a ideia de que a Coisa pudesse ser *eles* era a mais assustadora de todas. *Quanto de nós ficou aqui?*, pensou ele com terror crescente e repentino. *Quanto de nós nunca saiu dos canos e esgotos onde a Coisa vivia... e onde se alimentava? Foi por isso que esquecemos? Porque parte de cada um de nós nunca teve futuro, nunca cresceu, nunca saiu de Derry? É por isso?*

Não viu respostas nos rostos deles... apenas as suas próprias perguntas refletidas.

Pensamentos formam-se e desaparecem em questão de segundos ou milissegundos; criam os seus próprios intervalos de tempo, e tudo aquilo passou pela mente de Bill Denbrough no espaço de não mais de cinco segundos.

E então, Richie Tozier, recostado contra a parede, sorriu de novo e disse:

— Caramba, olhem para isto! O Bill Denbrough optou pelo visual da cúpula cromada! Há quanto tempo enceras a cabeça, Grande Bill?

E Bill, que não fazia a menor ideia do que poderia sair, abriu a boca e ouviu-se dizer:

— Vai-te foder a mais o cavalo em que vieste montado, Fala-Barato.

Houve um momento de silêncio e a seguir a sala encheu-se de gargalhadas. Bill aproximou-se e começou a apertar mãos e, apesar de haver alguma coisa de horrível na forma como se sentia, havia também algo reconfortante: a sensação de ter voltado para casa de vez.

*Ben Hanscom Emagrece*

Mike Hanlon pediu bebidas e, como que para compensar o silêncio anterior, todos começaram a falar ao mesmo tempo. Beverly Marsh era Beverly Rogan, afinal. Contou que em Chicago casara com um homem maravilhoso que revolucionara a sua vida e que, por alguma magia benigna, conseguira transformar o simples jeito para a costura da mulher numa empresa de moda bem-sucedida. Eddie Kaspbrak era dono de uma empresa de limusinas em Nova Iorque.

— Tanto quanto sei, a minha mulher pode estar na cama com o Al Pacino — disse ele, sorrindo docemente, e provocando a hilaridade geral.

Todos conheciam as carreiras de Ben e Bill, mas este teve a sensação peculiar de que, até há muito pouco tempo, não tinham associado pessoalmente os seus nomes (o de Ben como arquiteto e o seu como escritor) às pessoas que haviam conhecido. Beverly tinha exemplares de *Joanna* e *Os Rápidos Negros* na mala e pediu-lhe que os autografasse. Bill fez-lhe a vontade e reparou que os livros estavam em perfeitas condições, como se tivessem sido comprados na loja do aeroporto à saída do avião.

Da mesma forma, Richie disse a Ben o quanto admirava o centro de comunicações da BBC em Londres... mas havia uma luz nos seus olhos que denotava intriga, como se não conseguisse associar aquele edifício ao homem... ou ao rapaz gordo e sério que lhe mostrara como inundar metade dos Barrens com tábuas velhas e uma porta de carro enferrujada.

Richie era DJ na Califórnia. Contou-lhes que era conhecido como «O Homem das Mil Vozes», e Bill resmungou:

— Meu Deus, Richie, as tuas Vozes eram sempre tão más.

— A lisonja não te leva a lado nenhum, meu menino — respondeu Richie com altivez.

Quando Beverly lhe perguntou se usava lentes de contacto, Richie disse em voz baixa:

— Aproxima-te, miúda. Olha-me nos olhos. — Beverly olhou e exclamou com prazer quando Richie inclinou a cabeça um pouco e ela conseguiu ver a parte de baixo das lentes gelatinosas *Hydromist* que ele usava.

— A biblioteca continua na mesma? — perguntou Ben a Mike Hanlon.

Mike pegou na carteira e mostrou uma foto da biblioteca tirada de cima. Fê-lo com o ar orgulhoso de um homem a mostrar fotos dos filhos quando alguém lhe perguntava pela família.

— Um tipo tirou esta fotografia de um avião — disse ele enquanto a fotografia foi passando de mão em mão. — Estou a tentar convencer a Câmara ou algum doador particular a dar-nos fundos suficientes para a ampliar e fazer um mural na biblioteca infantil. Até agora, nada. Mas é uma boa fotografia, não é?

Todos concordaram que era. Ben ficou mais tempo com ela na mão, a olhar fixamente. Por fim, bateu com o dedo no corredor de vidro que unia os dois edifícios.

— Reconheces isto de outro lado, Mike?

Mike sorriu.

— É o teu centro de comunicações — disse ele, e os seis desataram a rir.

As bebidas chegaram e sentaram-se.

Aquele silêncio, repentino, constrangido e desconcertante instalou-se de novo. Entreolharam-se.

— E então? — perguntou Beverly na sua voz doce e levemente rouca. — A que bebemos?

— A nós — respondeu Richie de repente. E não sorria. Captou o olhar de Bill e, com um ímpeto fulgurante que mal conseguiu suportar, este lembrou-se de estar com Richie no meio de Neibolt Street, depois de a coisa

que talvez tivesse sido um palhaço e que talvez tivesse sido um lobisomem ter desaparecido, os dois abraçados e a chorar. Quando pegou no copo, a sua mão tremia, e um pouco da bebida entornou-se no guardanapo.

Richie levantou-se lentamente e, um a um, os outros imitaram-no: primeiro Bill, depois Ben e Eddie, Beverly e, por fim, Mike Hanlon.

— A nós — disse Richie, e como a mão de Bill, a sua voz tremeu um pouco. — Ao Clube dos Falhados de 1958.

— Aos Falhados — disse Beverly, algo divertida.

— Aos Falhados — disse Eddie. O seu rosto estava pálido e envelhecido por trás dos óculos sem aro.

— Aos Falhados — concordou Ben. Um sorriso leve e doloroso surgiu nos cantos dos seus lábios.

— Aos Falhados — disse Mike Hanlon baixinho.

— Aos Falhados — concluiu Bill.

Brindaram. Beberam.

Aquele silêncio voltou, e desta vez Richie não o interrompeu. Desta vez, o silêncio pareceu necessário.

Voltaram a sentar-se.

— Então desembucha, Mike — pediu Bill. — Conta-nos o que está a acontecer aqui e o que podemos fazer.

— Vamos comer primeiro — disse Mike. — E conversar depois.

Então comeram... e comeram bem e durante bastante tempo. Como aquela velha piada dos condenados à morte, pensou Bill, mas o seu apetite estava melhor naquele dia do que nos últimos tempos... aliás, desde que era criança, sentiu-se tentado a pensar. A comida não era deliciosa, mas não era nada má, e era abundante. Os seis começaram a partilhar pratos — entrecosto, *moo goo gai pan*, asas de frango delicadamente assadas, crepes, castanhas envoltas em bacon, tiras de carne em espetadas.

Começaram com uma entrada *pu-pu*, e Richie exibiu-se de modo infantil a grelhar um pouco de tudo na chama no meio do prato que dividia com Beverly, inclusive meio crepe e alguns feijões vermelhos.

— Tenho um fraco por *flambé* — disse ele a Ben. — Até comeria merda se fosse flambeada.

— E provavelmente comeste — observou Bill.

Beverly riu-se tanto com aquilo que teve de cuspir um pouco de comida no guardanapo.

— Ah, Deus, acho que vou chamar o gregório — disse Richie numa imitação estranhamente precisa de Don Pardo, e Beverly riu ainda mais, até ficar vermelha.

— Para, Richie — ordenou ela. — Estou a avisar-te.

— Aviso recebido — disse Richie. — Bom apetite, querida.

Rose levou-lhes pessoalmente a sobremesa: um enorme *baked Alaska* que flambeou na cabeceira da mesa, onde Mike estava.

— Mais *flambé* à vista — disse Richie, com a voz de um homem que morreu e foi para o céu. — Deve ser a melhor refeição que já comi na vida.

— Mas é claro — disse Rose com modéstia.

— Se eu apagar isso com um sopro, o meu desejo realiza-se? — perguntou ele.

— No Jade of the Orient, todos os desejos se realizam, senhor.

O sorriso de Richie vacilou de repente.

— Aprovo a ideia — disse ele —, mas sabe, duvido sinceramente da sua veracidade.

O *baked Alaska* quase foi demolido. Quando Bill se recostou na cadeira, com a barriga a forçar a cintura das calças, reparou nos copos sobre a mesa. Parecia haver centenas deles. Sorriu um pouco, dando-se conta de que tinha bebido dois martínis antes do almoço e Deus sabia quantas garrafas de cerveja *Kirin* com a comida. Os outros tinham bebido da mesma forma. No

estado em que se encontravam, teriam provavelmente gostado de bocados de madeira fritos. E, no entanto, não se sentia bêbedo.

— Não comia assim desde que era miúdo — disse Ben. Todos olharam para ele, e um leve tom rosado cobriu o seu rosto. — A sério. Deve ter sido a maior refeição que comi desde o segundo ano do secundário.

— Fizeste dieta? — perguntou Eddie.

— Sim — respondeu Ben. — Fiz. A Dieta da Liberdade de Ben Hanscom.

— O que aconteceu? — inquiriu Richie.

— Não querem saber essa história antiga... — Ben mexeu-se com desconforto.

— Não posso falar por todos — disse Bill —, mas eu quero. Vá lá, Ben. Conta. O que transformou o Monte de Feno Calhoun no modelo de revista que estamos a ver?

Richie deu uma risada.

— Monte de Feno, pois. Tinha-me esquecido disso.

— Não é bem uma história — disse Ben. — Não há história, na verdade. Depois do verão, depois de cinquenta e oito, ficámos em Derry mais dois anos. Então a minha mãe perdeu o emprego e acabámos por nos mudar para o Nebraska, porque ela tinha uma irmã lá que se ofereceu para nos receber até a minha mãe conseguir organizar-se. Não foi muito agradável. A irmã dela, a minha tia Jean, era uma vaca sovina que passava a vida a dizer-nos qual o nosso lugar no mundo, que tínhamos sorte de a minha mãe ter uma irmã que podia ser caridosa connosco, que tínhamos sorte de não depender da assistência social, essas coisas. Eu era tão gordo que a enojava. Ela não conseguia parar de falar nisso. «Ben, devias fazer mais exercício físico. Ben, vais ter um ataque cardíaco antes dos quarenta se não perderes peso. Ben, com tantas crianças a passar fome no mundo, devias ter vergonha.»

Fez uma pausa e bebeu um gole de água.

— O problema era que ela também mencionava as crianças a passar fome se eu não limpasse o prato.

Richie riu-se e assentiu.

— Enfim, o país estava a sair de uma recessão e a minha mãe levou quase um ano a encontrar um trabalho estável. Quando saímos da casa de tia Jean em La Vista e fomos para uma nossa em Omaha, eu tinha mais quarenta quilos do que quando vocês me conheceram. Acho que engordei para contrariar a minha tia Jean.

Eddie assobiou.

— Isso faria com que tivesses uns...

— Uns noventa e cinco quilos — disse Ben com seriedade. — Andava na East Side High School em Omaha, e as aulas de educação física eram... ah, péssimas. Os outros rapazes chamavam-me Barril. Acho que já dá para terem uma ideia.

»A provocação prolongou-se por uns sete meses, e então, um dia, quando estávamos a mudar de roupa no balneário depois da aula, dois ou três tipos começaram a... bater-me na barriga. Diziam que estavam a «amassar a gordura». Em pouco tempo, mais dois ou três juntaram-se a eles. Depois, mais quatro ou cinco. Em breve eram todos, a correr atrás de mim no balneário e pelo corredor, a baterem-me na barriga, no rabo, nas costas, nas pernas. Senti medo e comecei a gritar. Isso fê-los todos rir como loucos.

Olhou para baixo e arrumou os talheres cuidadosamente.

— Sabem, essa foi a última vez que me recordo de ter pensado no Henry Bowers até o Mike me ligar há dois dias. O rapaz que começou tudo vivia numa quinta e tinha umas mãos enormes, e enquanto eles corriam atrás de mim, lembro-me de pensar que o Henry tinha voltado. Acho... não, *tenho a certeza* de que foi aí que entrei em pânico.

»Eles perseguiram-me pelo corredor, pelos armários onde os atletas guardavam as coisas. Eu estava nu e vermelho como uma lagosta. Tinha perdido qualquer sentido de dignidade e... e de mim mesmo, acho que posso dizer. De onde estava. Gritei a pedir ajuda. E eles corriam atrás de mim a gritar «amassar a gordura! amassar a gordura! amassar a gordura!» Havia um banco...

— Ben, não te sintas obrigado a contar isso — interrompeu Beverly de repente. O rosto dela estava pálido e cinzento. Brincava com o copo e quase entornou a água.

— Deixa-o terminar — disse Bill.

Ben olhou para ele por um momento e assentiu.

— Havia um banco no fim do corredor. Caí por cima dele e bati com a cabeça. Eles cercaram-me durante um ou dois minutos, e então uma voz disse: «Pronto. Já chega. Podem ir trocar de roupa.»

»Era o treinador, ali à porta, com as calças de fato de treino azuis com a risca branca de lado e a *t-shirt* branca. Não sei há quanto tempo estava ali. Todos olharam para ele, alguns a sorrir, alguns com ar de culpa, alguns com expressão meio vazia. Foram-se embora. E eu desatei a chorar.

»O treinador ficou ali à porta do corredor que dava para o ginásio, a olhar para mim, a olhar para o rapaz gordo nu com a pele vermelha, a ver o rapaz gordo a chorar no chão.

»E disse por fim: «Benny, porque não calas a porra da boca?»

»Fiquei tão chocado ao ouvir um professor usar aquela palavra que me calei. Olhei para ele, e ele aproximou-se e sentou-se no banco por cima do qual eu caíra. Inclinou-se por cima de mim, e o apito em volta do seu pescoço balançou e bateu-me na testa. Por um segundo, pensei que fosse beijar-me, sei lá, e encolhi-me para me afastar. Mas o que ele fez foi agarrar-me numa mama e apertar. Depois, recolheu a mão e esfregou-a nas calças como se tivesse tocado em alguma coisa suja.



«Achas que te vou consolar?», perguntou ele. «Não vou. Tu enojas esses rapazes e também me enojas. Temos motivos diferentes, mas isso é por eles serem crianças e eu não. Eles não sabem porque os enoja. Eu sei. É porque te vejo enterrar o bom corpo que Deus te deu numa pilha enorme de banhas. Vejo tanta moleza interior que me dá vontade de vomitar. Agora ouve, Benny, porque é a única vez que te vou dizer isto. Tenho uma equipa de futebol americano para treinar, e de basquete, e atletismo, e no meio disso tenho a equipa de natação. Então só vou dizer isto uma vez. És gordo aqui.» E bateu-me na testa, onde o apito me tinha tocado. «É onde toda a gente é gorda. Se puseres a dieta o que tens entre as orelhas, vais perder peso. Mas tipos como tu nunca perdem.»

— Que *estupor!* — exclamou Beverly com indignação.

— Pois — disse Ben, sorrindo. — Mas ele não *sabia* que era um estupor; era demasiado estúpido. Devia ter visto o Jack Webb naquele filme *The D.I.* umas sessenta vezes e achava mesmo que estava a fazer-me um favor. Afinal, estava mesmo. Porque pensei numa coisa naquele momento. Pensei...

Desviou o olhar e franziu a testa, e Bill teve a estranha sensação de que sabia o que Ben ia dizer antes mesmo de ele falar.

— Disse que a última vez que me lembro de pensar no Henry Bowers foi quando os outros rapazes estavam a correr atrás de mim e a bater-me. Mas quando o treinador estava a levantar-se para se ir embora foi a última vez que pensei no que fizemos no verão de cinquenta e oito. Pensei...

Hesitou de novo, olhou para cada um deles e pareceu procurar alguma coisa nos seus rostos. Prosseguiu com cautela.

— Pensei e como éramos bons juntos. Pensei no que fizemos e em como o fizemos, e de repente percebi que, se o treinador tivesse de encarar uma coisa daquelas, o seu cabelo teria ficado todo branco de um momento

para o outro e o coração teria parado como um relógio velho. Não era justo, claro, mas ele não fora justo comigo. O que aconteceu foi muito simples...

— Ficaste furioso — disse Bill.

Ben sorriu.

— Sim, com efeito — disse ele. — Chamei: «Treinador!»

»Ele virou-se e olhou para mim. «Disse que treina a equipa de atletismo?», perguntei.

«Isso mesmo», respondeu ele. «Não que isso te importe.»

«Ouça-me, seu filho da mãe burro e teimoso», disse eu. O queixo dele caiu e os olhos quase saltaram das órbitas. «Vou entrar na equipa de atletismo em março. O que acha disso?»

«Acho melhor fechares a boca antes que ela te meta em sarilhos», respondeu ele.

«Vou correr mais depressa do que todos os seus atletas», continuei. «Vou correr mais depressa do que o seu melhor. E então, quero a porra de um pedido de desculpas da sua parte.»

»Ele fechou os punhos e, por um minuto, pensei que ia voltar e bater-me. Mas acabou por abrir as mãos. «Continua a falar, gordo» disse ele baixinho. «A tua boca é rápida. Mas no dia em que conseguires correr mais depressa do que o meu melhor atleta, peço a demissão e volto a apanhar milho.» Então foi-se embora.

— E emagreceste? — perguntou Richie.

— Emagreci — disse Ben. — Mas o treinador estava errado. Não começou na minha cabeça. Começou com a minha mãe. Fui para casa naquela noite e disse-lhe que queria perder peso. Tivemos uma discussão enorme, que acabou com os dois a chorar. Ela começou com a mesma ladainha: que eu não era bem *gordo*, só tinha *ossos grandes*, e um rapaz grande que ia ser um homem grande tinha de comer bem para se manter. Era... uma questão de segurança para ela, acho. Assustava-a ter de criar um

filho sozinha. Não tinha estudos nem um verdadeiro ofício, só disposição para trabalhar no duro. E quando podia dar-me um segundo prato de comida... ou quando podia olhar para mim do outro lado da mesa e ver que eu estava bem e robusto...

— Sentia que estava a vencer a batalha — completou Mike.

— Exato. — Ben bebeu o resto da cerveja e limpou um bigode de espuma do lábio superior com a palma da mão. — Isto para dizer que a maior luta não foi com a minha cabeça. Foi com ela. Não quis aceitar, demorou meses. Não me arranjava a roupa nem comprava nova. Eu tinha começado a correr, corria para todo o lado, e às vezes o meu coração batia tanto que pensava que ia desmaiar. As primeiras corridas de mais de um quilómetro terminaram comigo a vomitar e a desmaiar. Depois, durante algum tempo só vomitei. E depois de mais algum tempo, tinha de segurar as calças enquanto corria.

Comecei a entregar jornais e corria com o saco pendurado ao pescoço, a bater-me no peito, enquanto segurava as calças. As minhas camisas começaram a parecer velas de barco. E nas noites em que eu ia para casa e só comia metade do que tinha no prato, a minha mãe começava a chorar e dizia que eu estava a passar fome, a matar-me, que já a não amava, que não ligava ao quanto ela se esforçava a trabalhar para mim.

— Meu Deus — murmurou Richie, acendendo um cigarro. — Não sei como aguentaste, Ben.

— Mantive a cara do treinador na mente — respondeu Ben. — Continuei a lembrar-me da forma como ele olhou para mim depois de me agarrar na mama no corredor do balneário masculino. Foi assim que consegui. Comprei umas calças de ganga novas e umas roupas com o dinheiro da entrega de jornais, e o senhor do apartamento do primeiro andar usou o furador para fazer buracos novos no meu cinto. Uns cinco, se bem me lembro. Acho que devo ter-me lembrado da outra vez em que precisei

de comprar calças de ganga novas, quando o Henry me empurrou nos Barrens naquele dia e as calças se rasgaram todas.

— Sim — disse Eddie, sorrindo. — E sugeriste-me o leite com chocolate. Lembras-te disso?

Ben assentiu.

— Se lembrei — prosseguiu ele —, foi só por um instante. Apareceu e desapareceu. Na mesma altura, comecei a ter aulas de saúde e nutrição na escola, e descobri que podia comer praticamente todas as coisas verdes e cruas que quisesse sem ganhar peso. Um dia, a minha mãe serviu uma salada com alface e espinafres, cubos de maçã e um resto de fiambre. Nunca fui fã de comida de coelho, mas repeti três vezes e fartei-me de lhe dizer que estava uma delícia.

»Isso ajudou a resolver o problema. Ela não ligava muito ao *que* eu comia, desde que comesse *muito*. Entupiu-me de saladas. Comi-as durante os três anos seguintes. Havia vezes em que tinha de me olhar no espelho para ter a certeza de que não estava a transformar-me em coelho.

— O que aconteceu ao treinador? — perguntou Eddie. — Foste para a equipa de atletismo? — Tocou na bomba, como se a ideia de correr o tivesse feito lembrar-se dela.

— Ah, fui sim — disse Ben. — Para correr os duzentos e os quatrocentos metros. Naquela altura, eu já tinha perdido trinta quilos e crescido cinco centímetros, portanto o que restou estava mais bem distribuído. No primeiro dia de testes ganhei os duzentos metros e os quatrocentos com facilidade. Então fui ter com o treinador, que estava tão danado que teria sido capaz de roer pregos e cuspir agrafos e disse: «Parece que está na altura de sair de cena e começar a apanhar milho. Quando regressa ao Kansas?»

»Ele não disse nada de início, deu-me apenas um soco que me mandou ao chão. Depois, mandou-me sair do campo. Disse que não queria um

estupor de boca grande como eu na equipa de atletismo.

«Eu não ia querer fazer parte dela nem que o presidente Kennedy me mandasse», respondi, limpando sangue do canto da boca. «E como foi o senhor quem me motivou, não lhe vou guardar ressentimento... mas, da próxima vez que se sentar diante de uma pratada de milho cozido, pense em mim.»

»Ele disse-me que, se eu não me fosse embora naquele momento, me dava uma tarefa. — Ben sorria um pouco... mas não havia nada de agradável naquele sorriso, e certamente nada de nostálgico. — Foram as palavras dele. Estava toda a gente a olhar para nós, incluindo os rapazes que venci. Pareciam constrangidos. Então limitei-me a dizer: «Vamos fazer o seguinte, treinador. Vou deixar passar isto porque o senhor é um pobre fracassado, mas demasiado velho para aprender. Mas se me voltar a tocar, farei tudo para que perca o emprego. Não sei se consigo, mas posso tentar. Perdi peso para poder ter dignidade e paz. São coisas por que vale a pena lutar.»

— Tudo isso soa maravilhoso, Ben... mas o escritor em mim duvida que alguma criança fale realmente assim — comentou Bill.

Ben assentiu, ainda a esboçar aquele sorriso peculiar.

— Duvido que fale, se não passou pelas coisas que passámos — respondeu ele. — Mas falei... e falava a sério.

Bill pensou sobre isso e assentiu.

— Certo.

— O treinador ficou a olhar para mim com as mãos nas ancas — prosseguiu Ben. — Abriu a boca e voltou a fechá-la. Ninguém disse nada. Afastei-me, e foi a última vez que interagi com o treinador Woodleigh. Quando o meu diretor de turma me entregou o horário do ano seguinte, vi que alguém tinha escrito a palavra dispensado ao lado de educação física, e que ele rubricara ao lado.

— Venceste-o! — exclamou Richie, e agitou as mãos unidas acima da cabeça. — Bravo, Ben!

Ben encolheu os ombros.

— Acho que aquilo que fiz foi vencer uma parte de mim. O treinador fez-me começar, acho... mas foi pensar em vocês que me fez mesmo acreditar que era capaz. E consegui.

Ben encolheu os ombros de uma maneira encantadora, mas Bill julgou ter visto gotas de suor na testa dele.

— Fim das confissões. Mas uma cerveja caía bem. Falar dá sede.

Mike fez sinal à empregada.

Os seis acabaram por pedir outra rodada e conversaram de assuntos mais leves até as bebidas chegarem. Bill olhou para a cerveja e observou a forma como as bolhas subiam no copo. Achou graça e ficou ao mesmo tempo perplexo ao dar-se conta de que estava à espera que outra pessoa começasse a história sobre os anos anteriores — que Beverly lhes falasse do homem maravilhoso com quem casara (mesmo se fosse chato, como a maioria dos homens maravilhosos era), ou que Richie Tozier começasse a relatar episódios engraçados no estúdio, ou que Eddie Kaspbrak contasse como Teddy Kennedy era na verdade, quanto é que Robert Redford dava de gorjeta... ou talvez emitisse alguma opinião esclarecedora a explicar por que motivo Ben conseguira livrar-se do peso extra enquanto ele ainda precisava da bomba.

*A verdade é que o Mike vai começar a falar a qualquer momento, e não sei se quero ouvir o que ele tem a dizer, pensou Bill. A verdade é que o meu coração está a bater demasiado depressa e as minhas mãos estão demasiado frias. A verdade é que tenho vinte e cinco anos mais do que devia ter para que todo este medo se justifique. Temos todos. Então, alguém diga alguma coisa. Vamos conversar sobre carreiras e cônjuges e como é olhar para os velhos amigos e perceber que também levámos alguns socos*

*no nariz dados pelo tempo. Vamos conversar sobre sexo, basebol, o preço da gasolina, o futuro das nações do Pacto de Varsóvia. Qualquer coisa, menos o que nos trouxe aqui. Então, alguém diga alguma coisa.*

Alguém disse. Foi Eddie Kaspbrak. Mas não foi como Teddy Kennedy era na realidade e nem sobre quanto Robert Redford dava de gorjeta, nem por que motivo achava necessário continuar a usar aquilo a que Richie chamara antigamente «chupa-bofes do Eddie». Perguntou a Mike quando morrera Stan Uris.

— Anteontem à noite. Quando fiz os telefonemas.

— Teve que ver com... com o motivo de estarmos aqui?

— Eu podia fugir à pergunta e dizer que, como ele não deixou qualquer bilhete, não é possível ter a certeza — respondeu Mike —, mas como aconteceu quase imediatamente depois do meu telefonema, acho que posso dizer que sim.

— Ele matou-se, não foi? — perguntou Beverly devagar. — Meu Deus... pobre Stan.

Os outros estavam a olhar para Mike, que terminou a bebida.

— Matou-se, sim. Aparentemente, foi para a casa de banho pouco depois de eu ligar, encheu a banheira e cortou os pulsos.

Bill olhou para a mesa, que de repente pareceu rodeada de rostos chocados e pálidos; não de corpos, apenas aqueles rostos, como círculos brancos. Como balões brancos, balões da lua, presos ali por uma velha promessa que devia ter prescrito muito tempo antes.

— Como soubeste? — perguntou Richie. — Saiu nos jornais daqui?

— Não. Há algum tempo que assino os jornais das cidades mais próximas de todos vocês. Mantive-vos debaixo de olho.

— Espião. — Richie tinha uma expressão azeda estampada no rosto. — Obrigado, Mike.

— Era o meu trabalho — disse Mike simplesmente.

— Pobre Stan — repetiu Beverly. Parecia perplexa, incapaz de aceitar a notícia. — Mas ele era tão corajoso na altura. Tão... determinado.

— As pessoas mudam — disse Eddie.

— Mudam? — perguntou Bill. — O Stan era... — Moveu as mãos na toalha de mesa enquanto procurava as palavras certas. — Ele era uma pessoa ordenada. O tipo de pessoa que precisa de separar os livros por ficção e não ficção nas prateleiras... e depois, organiza cada parte por ordem alfabética. Lembro-me de uma coisa que ele disse uma vez. Não recordo onde estávamos nem o que fazíamos, pelo menos ainda não, mas acho que foi perto do final dos acontecimentos. Ele disse que conseguia suportar ter medo, mas detestava estar sujo. Para mim, isso pareceu a essência do Stan. Talvez o telefonema do Mike tenha sido demasiado. Viu apenas com duas opções: ficar vivo e sujar-se ou morrer limpo. Talvez as pessoas não mudem tanto como pensamos. Talvez apenas... talvez apenas enrijeçam.

Houve um momento de silêncio.

— Muito bem, Mike — disse Richie. — O que está a acontecer em Derry? Conta lá.

— Posso contar uma parte — disse Mike. — Posso contar, por exemplo, o que está a acontecer, e posso contar-vos algumas coisas sobre vocês. Mas não posso contar tudo o que aconteceu no verão de cinquenta e oito e não acredito que vá ser preciso. Vão acabar por se lembrar sozinhos. E acho que, se vos contasse demasiado antes de estarem mentalmente preparados para recordar, o que aconteceu ao Stan...

— Poderia acontecer-nos? — perguntou Ben baixinho.

Mike assentiu.

— Sim. É exatamente disso que tenho medo.

— Então conta-nos o que podes, Mike — sugeriu Bill.

— Está bem — disse ele. — Vou contar.



*Os Falhados Ouvem a História*

— As mortes recomeçaram — anunciou Mike num tom inexpressivo. Olhou em volta da mesa e fixou os olhos nos de Bill.

— O primeiro dos «novos homicídios», se me permitem esta definição um tanto macabra, começou na ponte de Main Street e terminou debaixo dela. A vítima foi um homossexual um tanto infantil chamado Adrian Mellon. Sofria de asma.

A mão de Eddie moveu-se e tocou na bomba.

— Aconteceu no verão passado, no dia vinte e um de julho, na última noite do Festival do Canal, que era uma espécie de comemoração, um... um...

— Um ritual de Derry — terminou Bill em voz baixa.

Os seus dedos longos massajavam lentamente as têmporas, e era não difícil adivinhar que estava a pensar no irmão, George... George, que quase de certeza fora o primeiro da série precedente.

— Um ritual — disse Mike baixinho. — Sim.

Contou rapidamente a história do que acontecera a Adrian Mellon, vendo sem prazer algum os olhos deles ficarem cada vez maiores. Contou o que o *News* publicara e o que não publicara... incluindo o testemunho de Don Hagarty e de Christopher Unwin sobre um certo palhaço que estivera debaixo da ponte como o monstro na velha fábula, um palhaço que parecia um cruzamento de Ronald McDonald e Bozo, segundo Hagarty.

— Era ele — disse Ben, com voz enojada e rouca. — Era o cabrão do Pennywise.

— Há mais uma coisa — disse Mike, olhando para Bill. — Um dos agentes da polícia, o que realmente tirou o Adrian Mellon do canal, chamava-se Harold Gardener.

— Ah, meu Deus — murmurou Bill, com voz fraca e lacrimosa.

— Bill? — Beverly olhou para ele e pousou-lhe a mão no braço. A sua voz revelava uma preocupação assustada. — Bill, o que foi?

— O Harold tinha uns cinco anos naquela altura — disse Bill. Os seus olhos perplexos procuraram confirmação no rosto de Mike.

— Sim.

— O que foi, Bill? — perguntou Richie.

— O Ha-Ha-Harold Gardener era f-filho do Dave Gardener — disse Bill. — O Dave vivia na nossa rua quando o George m-morreu. Foi ele quem chegou primeiro junto do G-G... do meu irmão e o levou para casa, enrolado numa c-colcha.

Ficaram sentados em silêncio, sem dizer nada. Beverly cobriu brevemente os olhos com a mão.

— Tudo encaixa demasiado bem, não é? — perguntou Mike por fim.

— Sim — disse Bill em voz baixa. — Encaixa mesmo.

— Fiquei de olho em vocês ao longo dos anos, como disse — prosseguiu Mike —, mas só quando isto aconteceu comecei a entender porque o fazia, que tinha um propósito real e concreto. Ainda assim, contive-me e esperei para ver como as coisas se desenrolavam. Senti que tinha de ter a certeza absoluta antes... de perturbar as vossas vidas. Não noventa por cento, nem mesmo noventa e cinco. Só servia cem por cento.

»Em dezembro do ano passado, um rapaz de dezoito anos chamado Steven Johnson foi encontrado morto no Memorial Park. Como o Adrian Mellon, tinha sido mutilado pouco antes ou logo depois da morte, mas parecia que podia ter morrido de puro medo.

— Violado? — perguntou Eddie.

— Não. Só mutilado.

— Quantos, no total? — perguntou Eddie, embora não parecesse querer saber.

— Muitos — disse Mike.

— Quantos? — repetiu Bill.

— Nove. Até agora.

— Não pode ser! — gritou Beverly. — Eu teria lido sobre isso no jornal... visto no noticiário! Quando aquele polícia maluco matou todas aquelas mulheres em Castle Rock, Maine... e aquelas crianças foram assassinadas em Atlanta...

— Pois, isso — disse Mike. — Pensei bastante sobre o assunto. É o mais parecido com o que está a acontecer aqui, e a Bev tem razão: essas histórias chegaram a todo o país. Em alguns aspetos, a comparação com o de Atlanta é o que mais me assusta nisto tudo. O homicídio de nove crianças... devíamos ter aqui correspondentes televisivos, médiuns falsos e jornalistas da *Atlantic Monthly* e da *Rolling Stone*... todo o circo da comunicação social, em resumo.

— Mas não foi o que aconteceu — disse Bill.

— Não — respondeu Mike —, não foi. Ah, houve um artigo no suplemento de domingo no *Telegram* de Portland e outro no *Boston Globe* depois dos dois últimos. Um programa de televisão de Boston chamado *Good Day!* fez um segmento em fevereiro sobre homicídios não resolvidos, e um dos especialistas mencionou os homicídios de Derry, mas só de passagem... e não deu indicação nenhuma de saber que houve uma série semelhante de homicídios em 1957 e 1958 e outra em 1929 e 1930.

»Há alguns motivos compreensíveis, claro. Atlanta, Nova Iorque, Chicago, Detroit... todas são grandes cidades com muita comunicação social, e em lugares assim, quando alguma coisa acontece, chama a atenção. Não há uma única estação de rádio ou de televisão em Derry, a não ser que contemos com a pequena rádio FM gerida pela escola secundária local. Para a comunicação social, só Bangor interessa.

— Há o *News* de Derry — disse Eddie, e todos riram.

— Mas sabemos que, tendo em conta a forma como funciona o mundo de hoje, estas justificações não bastam. A rede de comunicações existe, e a certa altura a história devia ter alcançado o país. Mas não alcançou. E acho que o motivo é simples: a Coisa não quer que alcance.

— A Coisa — repetiu Bill, quase para si mesmo.

— A Coisa — concordou Mike. — Se temos de lhe dar um nome, que seja o mesmo de antes. Sabem, comecei a pensar que a Coisa está aqui há tanto tempo... seja lá o que ela for... que se tornou parte de Derry, tão parte da cidade como o reservatório, o Canal, o Bassey Park e a biblioteca. Mas a Coisa não é um ponto geográfico, entendem? Talvez tenha sido assim a certa altura, mas agora a Coisa está... dentro. De alguma forma, a Coisa entrou. É a única maneira de eu conseguir entender todos os acontecimentos terríveis que aqui tiveram lugar, os explicáveis e também os completamente inexplicáveis. Houve um incêndio num clube de negros chamado Black Spot em 1930. Um ano antes, um bando de foras da lei da Depressão foi abatido a tiro em Canal Street a meio da tarde.

— O gangue dos Bradley — disse Bill. — O FBI deitou-lhes a unha, certo?

— É o que as histórias dizem, mas não é bem verdade. Tanto quanto consegui apurar (e daria qualquer coisa para acreditar que não foi assim, porque amo esta cidade), o gangue dos Bradley, os seus sete elementos, foi de facto abatido a tiro pelos bons cidadãos de Derry. Um dia destes contovos.

»Em 1906 a fundição Kitchener explodiu durante uma caça aos ovos de Páscoa. Houve uma série horrível de mutilações a animais naquele mesmo ano que acabou por ser atribuída a Andrew Rhulin, o tio-avô do homem que dirige as quintas Rhulin. Ao que tudo indica, foi morto pelos três polícias que deviam tê-lo prendido. Nenhum deles foi levado a julgamento.

Mike Hanlon tirou um caderno do bolso, folheou-o e continuou a falar sem levantar os olhos.

— Em 1877 houve quatro linchamentos dentro dos limites municipais. Um dos enforcados foi o pregador laico da igreja metodista, que aparentemente afogou os quatro filhos na banheira como se eles fossem gatinhos e depois deu um tiro na cabeça da mulher. Colocou a arma na mão dela para que parecesse suicídio, mas ninguém acreditou. Um ano antes, quatro lenhadores foram encontrados mortos numa cabana nas margens do Kenduskeag, literalmente feitos em pedaços. O desaparecimento de crianças, de famílias inteiras, está registado em velhos diários privados... mas não em documentos públicos. Há muito mais, mas acho que já ficaram com uma ideia.

— Pela minha parte, sim — disse Ben. — Passa-se alguma coisa aqui, mas é uma coisa privada.

Mike fechou o caderno, guardou-o e olhou para eles com sobriedade.

— Se eu fosse corretor de seguros em vez de bibliotecário talvez vos fizesse um gráfico. Mostraria uma taxa anormalmente alta de todos os crimes violentos que conhecemos, sem excluir violação, incesto, invasão de propriedade privada, roubos de carros, maus tratos infantis, violência doméstica, agressão.

»Existe uma cidade de tamanho médio no Texas onde a taxa de crimes violentos é bastante abaixo do que se esperaria numa cidade daquele tamanho e com a mistura racial que lá existe. A placidez extraordinária das pessoas que lá vivem foi atribuída a alguma coisa na água... algum tipo de tranquilizante natural. O extremo oposto acontece aqui. Derry é um local violento num ano qualquer. Mas a cada vinte e sete anos, apesar de o ciclo nunca ter sido perfeitamente exato, há uma escalada dessa violência... e isso nunca chegou ao noticiário nacional.

— Estás a dizer que há um cancro ativo aqui — disse Beverly.

— Nada disso. Um cancro não tratado é invariavelmente mortífero. Derry não morreu; pelo contrário, prosperou... de uma forma nada espetacular e nada digna dos noticiários, claro. É apenas uma cidade pequena razoavelmente próspera num estado relativamente despovoado onde coisas más acontecem com demasiada frequência ... e onde coisas violentas acontecem de vinte e cinco em vinte e cinco anos, mais ou menos.

— Sem exceções? — perguntou Ben.

Mike assentiu.

— Nenhuma. Mil setecentos e quinze e dezasseis, 1740 até mais ou menos 1743 (deve ter sido um período bastante mau), 1769 e 1770, e assim por diante. Até ao presente. Tenho a sensação de que está a ficar cada vez pior, talvez por haver mais gente em Derry no final de cada ciclo, ou talvez por algum outro motivo. E em 1958, o ciclo parece ter chegado a um fim prematuro. Pelo qual fomos responsáveis.

Bill Denbrough inclinou-se para a frente, com os olhos de repente a brilhar.

— Tens a certeza disso? *A certeza?*

— Sim — respondeu Mike. — Todos os outros ciclos tiveram o seu pico por volta de setembro e terminaram de maneira grandiosa. A vida já tinha retomado o seu ritmo mais ou menos normal por volta do Natal... no máximo na Páscoa. Por outras palavras, existiram períodos maus de catorze a vinte meses a cada vinte e sete anos. Mas o período mau que começou quando o teu irmão morreu em outubro de cinquenta e sete terminou abruptamente em agosto de cinquenta e oito.

— Porquê? — perguntou Eddie com ansiedade. A sua respiração estava mais superficial; Bill lembrou-se daquele silvo alto enquanto Eddie inspirava e soube que, em breve, ele estaria a recorrer ao chupa-bofes. — O que fizemos?

A pergunta ficou no ar. Mike pareceu refletir sobre ela... e acabou por abanar a cabeça.

— Vocês hão de lembrar-se — disse ele. — Com o tempo, hão de lembrar-se.

— E se não nos lembrarmos? — perguntou Ben.

— Nesse caso, que Deus nos ajude.

— Nove crianças mortas este ano — comentou Richie. — Meu Deus.

— Lisa Albrecht e Steven Johnson no final de oitenta e quatro — disse Mike. — Em fevereiro, um rapaz chamado Dennis Torrio desapareceu. Um miúdo do secundário. O corpo dele foi encontrado em meados de março, nos Barrens. Mutilado. A pouca distância estava isto.

Tirou uma fotografia do mesmo bolso onde tinha enfiado o caderno. Passou-a de mão em mão pela mesa. Beverly e Eddie olharam intrigados, mas Richie Tozier reagiu violentamente. Largou-a como se estivesse quente.

— Meu Deus! Meu Deus, Mike! — Levantou o rosto com olhos arregalados e em choque. Um momento depois, passou a foto a Bill.

Bill olhou para ela e sentiu o mundo oscilar em tons de cinzento à sua volta. Por um momento, teve a certeza de que desmaiaria. Ouviu um gemido e soube que tinha sido ele mesmo a produzi-lo. Largou a foto.

— O que é? — ouviu Beverly perguntar. — O que significa, Bill?

— É a fotografia do meu irmão — respondeu Bill ao fim de algum tempo. — É o Ge-Georgie. A fotografia do álbum dele. A que se mexeu. A que piscou o olho.

Passaram a foto de mão em mão de novo, com Bill sentado imóvel como uma estátua na cabeceira da mesa, a olhar para o vazio. Era a fotografia de uma fotografia. A imagem mostrava uma foto pousada num fundo branco, lábios sorridentes abertos a deixarem ver dois buracos onde

nunca tinham crescido dentes novos (*a não ser que cresçam no caixão*, pensou Bill e estremeceu). Na margem lia-se: AMIGOS DA ESCOLA 1957-58.

— Foi encontrada este ano? — perguntou Beverly de novo. Mike assentiu e ela virou-se para Bill. — Quando a viste pela última vez, Bill?

Ele humedeceu os lábios e tentou falar. Nada saiu. Tentou de novo e ouviu as palavras ecoarem na mente, ciente da gaguez que voltava, a lutar contra ela, a lutar contra o terror.

— Não vejo essa fotografia desde 1958. Naquela primavera, no ano em que o George morreu. Quando tentei mostrá-la ao Richie, ela tinha desaparecido.

Houve um arquejo explosivo que fez todos olharem em volta. Eddie estava a pousar a bomba na mesa com um ar meio constrangido.

— Eddie Kaspbrak levanta voo! — exclamou Richie. De repente, fantasmagórica, a voz do Locutor dos Noticiários Cinematográficos saiu da sua boca: — Hoje, em Derry, uma cidade inteira prepara-se para ver o desfile dos asmáticos, e a estrela do cortejo é Grande Ed, o Cabeça de Ranho, conhecido em toda a Nova Inglaterra como...

Parou de repente e levou uma das mãos ao rosto, como se para cobrir os olhos, e Bill pensou: *Não, não, não é isso. Não para cobrir os olhos, mas para empurrar os óculos para cima. Os óculos que já nem usa. Ah, meu Deus, o que está a acontecer aqui?*

— Eddie, desculpa — disse Richie. — Isto foi cruel. Não sei em que raio estava a pensar. — Olhou em volta, perplexo.

Mike Hanlon quebrou o silêncio.

— Prometi a mim mesmo depois de o corpo do Steven Johnson ser descoberto que, se alguma outra coisa acontecesse, se houvesse mais um caso óbvio, faria os telefonemas que acabei por levar mais de dois meses a fazer. Era como se estivesse hipnotizado pelos acontecimentos, pela *consciência* dos acontecimentos, pela *vontade* que estava na sua base. A



fotografia do George foi encontrada ao lado de um tronco caído a menos de três metros do corpo do jovem Torrio. Não estava escondida; antes pelo contrário. Era como se o assassino quisesse que ela fosse encontrada. E tenho a certeza de que queria.

— Como conseguiste a fotografia da polícia, Mike? — perguntou Ben.  
— É uma fotografia da polícia, não é?

— Sim. Há um tipo na esquadra que não se importa de ganhar umas massas a mais. Pago-lhe vinte dólares por mês, que é tudo o que posso pagar. É o meu informador.

O corpo de Dawn Roy foi encontrado quatro dias depois do de Torrio. No McCarron Park. Tinha treze anos. Decapitada.

Vinte e três de abril deste ano. Adam Terrault. Dezasseis anos. Dado como desaparecido depois de não voltar do ensaio da banda. Encontrado no dia seguinte ao lado do caminho que passa pela zona verde atrás da West Broadway. Também decapitado.

Seis de maio. Frederick Cowan. Dois anos e meio. Encontrado na casa de banho do primeiro andar, afogado na sanita.

— Oh, Mike! — exclamou Beverly.

— Sim, é mau — ripostou ele, quase zangado. — Achas que não sei?

— A polícia está convencida de que não pode ter sido... bem, um acidente? — perguntou Bev.

Mike abanou a cabeça.

— A mãe estava a estender a roupa no quintal. Ouviu sons de luta, ouviu o filho gritar. Correu o mais depressa que conseguiu. Ao subir a escada, disse que ouviu o barulho do autoclismo várias vezes. Isso e uma pessoa às gargalhadas. Disse que não parecia um som humano.

— E não viu nada? — perguntou Eddie.

— O filho — disse Mike com simplicidade. — Tinha a coluna partida e o crânio fraturado. A porta de vidro da cabina de duche estava partida.

Havia sangue por todo o lado. A mãe está no Instituto de Saúde Mental de Bangor. O meu... o meu informador diz que ela enlouqueceu.

— Não admira, porra — disse Richie, com voz rouca. — Alguém tem um cigarro?

Beverly deu-lhe um. Richie acendeu-o com mãos muito trémulas.

— A ideia da polícia é que o assassino entrou pela porta da frente enquanto a mãe estava a estender a roupa no quintal. Quando ela subiu a correr a escada, ele terá saltado da janela da casa de banho para o quintal do qual ela acabara de sair e fugiu sem ser visto. Mas a janela é uma daquelas pequenas. Um rapaz de sete anos teria de se espremer para passar. E a distância para o pátio de pedra queda era de sete metros e meio. O Rademacher não gosta de falar dessas coisas, e ninguém na imprensa (certamente ninguém no *News*) fez pressão para saber mais sobre o assunto.

Mike bebeu um gole de água e passou outra fotografia de mão em mão. Não era uma fotografia da polícia; era outra fotografia escolar. Mostrava um rapaz sorridente de treze anos. Usava a sua melhor roupa e tinha as mãos limpas e cruzadas no colo... mas havia um brilho malicioso nos seus olhos. Era negro.

— Jeffrey Holly — disse Mike. — Dia treze de maio. Uma semana depois da morte do pequeno Cowan. Ventre aberto. Encontrado no Bassey Park, perto do canal.

»Nove dias depois, no dia vinte e dois de maio, um rapaz do quinto ano chamado John Feury foi encontrado morto em Neibolt Street...

Eddie deu um grito agudo e trémulo. Estendeu a mão para a bomba e fê-la cair ao chão. Rolou até Bill, que se baixou e a apanhou. O rosto de Eddie tinha ficado de um tom amarelo doentio. A sua respiração silvava friamente na garganta.

— Arranjem-lhe alguma coisa para beber! — rugiu Ben. — Arranjem-lhe alguma...

Mas Eddie estava a abanar a cabeça. Deu uma bombada. O peito subiu e desceu enquanto ele absorveu a lufada de ar. Deu outra bombada e recostou-se, de olhos semicerrados e ofegante.

— Eu fico bem — disse ele, com dificuldade. — Deem-me só um minuto.

— Eddie, tens a certeza? — perguntou Beverly. — Talvez devesse deitar-te...

— Eu fico bem — repetiu ele de mau humor. — Foi só... o choque. Isso. O choque. Tinha-me esquecido de Neibolt Street.

Ninguém respondeu; não era preciso. Bill pensou: *Pensamos que chegámos ao limite da nossa capacidade, e então o Mike fornece outro nome, e outro, como um mágico negro com um chapéu cheio de truques malignos, e caímos estatelados de novo.*

Era demasiado para encarar de uma só vez, aquele relato de violência inexplicável, de alguma forma direcionada às seis pessoas ali presentes. Ou pelo menos era o que a fotografia de George parecia sugerir.

— As duas pernas de John Feury tinham desaparecido — continuou Mike baixinho —, mas o médico-legista diz que foram arrancadas depois de ele morrer. O seu coração falhou. Parece ter morrido de medo. Foi encontrado pelo carteiro, que viu uma mão a sair de baixo do alpendre ...

— Foi no número vinte e nove, não foi? — perguntou Richie, e Bill olhou para ele rapidamente. Richie devolveu o olhar, assentiu e olhou para Mike. — No número vinte e nove de Neibolt Street.

— Ah, sim — disse Mike com aquela voz calma. — Foi no número vinte e nove. — Bebeu mais água. — Estás mesmo bem, Eddie?

Eddie assentiu. A respiração parecia menos ruidosa.

— O Rademacher fez uma detenção no dia depois da descoberta do corpo de Feury — disse Mike. — Houve um editorial de primeira página no *News* no mesmo dia a exigir a demissão dele, aliás.

— Depois de oito homicídios? — disse Ben. — Bastante radical da parte deles, não achas?

Beverly quis saber quem fora preso.

— Um tipo que vive numa barraca na Route 7, já a chegar a Newport — respondeu Mike. — Meio eremita. Aquece-se com restos de madeira que recolhe, fez o telhado com telhas e tampões de pneus que encontrou por aí. Chama-se Harold Earl. Não deve sequer ver a cor a duzentos dólares ao longo de um ano inteiro. Alguém que passou de carro viu-o à porta de casa, a olhar para o céu, no dia em que o corpo do John Feury foi descoberto. Tinha a roupa coberta de sangue.

— Nesse caso, talvez... — começou Rich, esperançoso.

— Estavam três veados mortos na cabana — disse Mike. — Fora caçar a Haven. O sangue na roupa era de veado. Rademacher perguntou-lhe se matara o John Feury, e parece que o Earl respondeu: «Ah, sim, matei muita gente. A maioria durante a guerra.» Também disse que tinha visto coisas na floresta à noite. Luzes azuis às vezes, a flutuarem a centímetros do chão. Luzes de cadáver, foi como lhes chamou. E também o Abominável Homem das Neves. Mandaram-no para o Instituto de Saúde Mental de Bangor. Segundo o relatório médico, o fígado dele já quase não existe. Tinha andado a beber diluente...

— Ah, meu Deus — disse Beverly.

— ... e tem tendência para alucinações. Mantêm-no lá e, até há três dias, o Rademacher insistia que o Earl era o suspeito mais provável. Mandou oito homens escavar o terreno em volta da barraca dele em busca de cabeças desaparecidas, de abajures feitos de pele humana e Deus sabe mais o quê.

Mike fez uma pausa com a cabeça baixa e depois prosseguiu. A sua voz estava ligeiramente rouca.

— Adiei e tornei a adiar. Mas quando vi este último, fiz os telefonemas. Quem me dera tê-los feito antes.

— Vamos ver — disse Ben abruptamente.

— A vítima foi outro aluno do quinto ano — disse Mike. — Colega do pequeno Feury. Encontraram-no junto a Kansas Street, perto de onde o Bill escondia a bicicleta quando íamos para os Barrens. Chamava-se Jerry Bellwood. Também tinha sido destroçado. O que... restou dele foi encontrado ao pé de um muro de contenção construído ao longo da maior parte de Kansas Street há uns vinte anos para deter a erosão do solo. A polícia fotografou a parte do muro onde o Bellwood foi encontrado menos de meia hora depois da remoção do corpo. Vejam.

Passou a fotografia a Rich Tozier, que olhou para ela e a passou a Beverly. Ela lançou-lhe uma olhadela, fez uma careta e entregou-a a Eddie, que olhou bastante tempo antes de a dar a Ben. Ben passou a foto a Bill sem quase olhar.

Havia algo escrito no muro. Dizia

VENHAM PARA CASA VENHAM PARA CASA VENHAM PARA CASA

Bill olhou para Mike com uma expressão sombria. Até àquele momento sentira-se perplexo e assustado; agora experimentava o primeiro despertar da fúria. Isso alegrou-o. Não era muito bom sentir fúria, mas era melhor do que o choque, melhor do que o medo infeliz.

— Está escrito com o que penso que está?

— Sim — disse Mike. — Com o sangue do Jerry Bellwood.

Mike recolheu as fotografias. Achava que Bill talvez lhe pedisse a de George, mas não o fez. Guardou-as de novo no bolso do casaco e, quando já não estavam visíveis, todos, incluindo ele próprio, experimentaram uma sensação de alívio.

— Nove crianças — disse Beverly baixinho. — Não consigo acreditar. Quero dizer... acredito, mas não acredito. Nove crianças e nada? *Absolutamente* nada?

— Não é bem assim — respondeu Mike. — As pessoas estão zangadas, têm medo... ou é o que parece. É impossível saber quem se sente assim a sério e quem está a fingir.

— *A fingir?*

— Beverly, lembras-te, quando éramos crianças, do homem que dobrou o jornal e entrou em casa enquanto lhe gritavas a pedir ajuda?

Por um momento, uma coisa pareceu saltar nos olhos dela; mostrou-se simultaneamente apavorada e consciente. Depois, apenas intrigada.

— Não... quando foi isso, Mike?

— Não importa. Vai voltar com o tempo. O que posso dizer é que tudo está como devia em Derry. Perante esta onda de homicídios pavorosos, as pessoas estão a fazer todas as coisas que esperaríamos que fizessem, e muitas dessas coisas são as mesmas que se fizeram quando as crianças estavam a desaparecer e a ser assassinadas em cinquenta e oito. A Comissão Salvem as Nossas Crianças está a reunir-se de novo, só que desta vez na escola primária e não na secundária. Há dezasseis detetives da procuradoria do estado na cidade, além de um contingente de agentes do FBI. Não sei quantos e, embora o Rademacher fale muito, acho que também não sabe. O recolher obrigatório voltou...

— Ah, sim. O recolher obrigatório. — Ben estava a esfregar o pescoço lentamente. — Funcionou às mil maravilhas em cinquenta e oito, que me lembre.

— ... e há Grupos de Mães Acompanhantes que se certificam de que todas as crianças em idade escolar, desde as mais pequenas até às de oito anos, não vão sozinhas para casa. Só nas três últimas semanas, o *News* recebeu mais de duas mil cartas a exigir soluções. E, claro, a debandada recomeçou. Às vezes penso que é a única maneira de saber *realmente* quem é sincero no que toca a querer o fim dos crimes e quem não é. As pessoas sinceras sentem medo e vão-se embora.

— As pessoas estão mesmo a ir-se embora? — perguntou Richie.

— Acontece sempre que o ciclo se reinicia. É impossível saber quantas pessoas se vão embora porque o ciclo não recai em ano de recenseamento desde 1850. Mas é um número razoável. Fogem como crianças que acabaram de descobrir que, afinal, a casa era mesmo assombrada.

— Venham para casa, venham para casa, venham para casa — disse Beverly baixinho. Quando levantou o rosto, foi para Bill que olhou, não Mike. — A Coisa *queria* que voltássemos. Porquê?

— *Pode* querer que todos estejamos aqui — disse Mike de forma um tanto enigmática. — Claro. É *possível*. Pode querer vingança. Afinal, nós detivemo-la uma vez.

— Vingança... ou apenas pôr as coisas em ordem — sugeriu Bill.

Mike assentiu.

— Nas vossas vidas também há coisas que não estão em ordem. Nenhum de vocês saiu de Derry ileso... sem que a marca da Coisa. Todos esqueceram o que aconteceu aqui, e as vossas lembranças daquele verão ainda são fragmentos. E há o facto curioso de todos serem ricos.

— Ah, para com isso! — disse Richie. — Isso não é...

— Calma, calma — disse Mike, levantando as mãos e sorrindo. — Não estou a acusar-vos de nada, só a tentar colocar os factos na mesa. São ricos pelos padrões de um bibliotecário de cidade pequena que ganha onze mil dólares limpos por ano, está bem?

Richie encolheu os ombros no fato caro com desconforto. Ben parecia profundamente absorto em rasgar tiras finas do guardanapo. Ninguém estava a olhar diretamente para Mike, exceto Bill.

— Nenhum de vocês é multimilionário, sem dúvida — disse Mike —, mas estão bem na vida, até para os padrões da classe média alta americana. Somos todos amigos, portanto podem confessar: quem de vocês declarou menos de noventa mil dólares no IRS de oitenta e quatro, levante a mão.

Olharam uns para os outros furtivamente, constrangidos como os americanos parecem sempre ficar com o êxito obtido, como se o dinheiro fosse ovos cozidos e a prosperidade os gases que inevitavelmente se seguem a uma dose exagerada deles. Bill sentiu as faces quentes e não conseguiu impedir o sangue de subir e deixar o seu rosto vermelho. Recebera mais dez mil do que o valor que Mike mencionara só por concluir a primeira versão do argumento de *Sótão*. Tinham-lhe prometido mais vinte mil dólares por cada uma das duas vezes que o reescrevesse, se fosse necessário. Havia também os direitos de autor... e o substancial adiantamento de um contrato para dois livros que acabara de assinar... Quanto declarara no IRS de 1984, pensando bem? Uns oitocentos mil dólares, não? O bastante, pelo menos, para parecer quase monstruoso à luz do rendimento de Mike Hanlon de onze mil dólares por ano.

*Então é isso que te pagam para manteres o farol aceso, Mike, pensou Bill. Meu Deus, devias ter pedido aumento a certa altura do campeonato!*

— Bill Denbrough, escritor de sucesso numa sociedade em que os escritores são poucos e menos ainda os que podem viver da profissão — disse Mike. — Beverly Rogan, criadora de moda, um campo com muitos interessados, mas com poucos escolhidos. Na verdade, é a estilista mais procurada da região central do país neste momento.

— Ah, não é por *mim* — interrompeu Beverly. Soltou uma risada nervosa e acendeu um cigarro na beata do anterior. — É pelo Tom. O êxito



é dele. Sem ele, eu ainda estaria a forrar saias e a coser bainhas. Não tenho o menor jeito para negócios, até o Tom diz isso. É só... vocês sabem, pelo Tom. E sorte.

Puxou uma baforada no cigarro e depois apagou-o.

— Parece-me que a dama protesta de mais — disse Richie com malícia.

Ela virou-se rapidamente na cadeira e lançou-lhe um olhar duro, com as faces bem vermelhas.

— O que queres isso dizer, Richie Tozier?

— Não bate nos minino, Miss Scarlett! — gritou Richie com a voz alta, aguda e caricatural do Escravo Negro. Naquele momento, Bill conseguiu ver com clareza sinistra o rapaz que conhecera; não era apenas uma presença existente sob o exterior adulto de Rich Tozier, mas uma criatura quase mais real do que o próprio homem. — Não bate! Vou buscar outro sumo de hortelã, Miss Scarlett! Pode ir beber nos alpendre pois faz fresco! Não bate nos minino!

— És impossível, Richie — repreendeu Beverly friamente. — Está na hora de cresceres.

Richie olhou para ela com o sorriso a transformar-se lentamente em incerteza.

— Até voltar para cá — respondeu ele —, pensei que tinha crescido.

— Richie, talvez sejas o DJ mais bem-sucedido dos Estados Unidos — disse Mike. — Não há dúvida de que tens Los Angeles na palma da mão. Além disso, contas com dois programas de difusão nacional, um que divulga as quarenta músicas mais tocadas, o outro um programa cómico...

— É melhor teres cuidado, tolo — disse Richie com a voz rouca de Mr. T, mas estava vermelho. — Ainda te ponho as costas no lugar da barriga. Reorganizo-te o cérebro com o punho. Eu...

— Eddie — prosseguiu Mike, ignorando Richie —, tens um próspero serviço de limusinas numa cidade em que se esbarra com um carro preto e

comprido a cada esquina. Duas empresas de limusinas por semana abrem falência na Big Apple, mas tu estás a ir bem. Ben, deves ser o jovem arquiteto mais bem-sucedido no mundo.

Ben abriu a boca, provavelmente para protestar, mas fechou-a ato contínuo.

Mike sorriu-lhes e abriu as mãos.

— Longe de mim deixar alguém constrangido, mas quero todas as cartas na mesa. Há pessoas que são bem-sucedidas ainda jovens e há pessoas que são bem-sucedidas em profissões altamente especializadas. Se não houvesse pessoas que contrariassem o padrão de forma positiva, acho que toda a gente desistiria. Se fosse apenas um ou dois de vocês, poderíamos ver isso como coincidência. Mas não é apenas um ou dois. São todos vocês, e isso inclui o Stan Uris, que era o jovem contabilista mais bem-sucedido de Atlanta... logo, de todo o sul. A minha conclusão é de que o vosso êxito advém do que aconteceu aqui há vinte e sete anos. Se tivessem sido expostos a amianto naquela altura e tivessem desenvolvido cancro do pulmão, a correlação não seria menos clara e persuasiva. Alguém discorda?

Olhou para os amigos. Ninguém respondeu.

— Todos menos tu — disse Bill. — O que te aconteceu, Mikey?

— Não é óbvio? — Ele sorriu. — Fiquei aqui.

— Mantiveste o farol aceso — disse Ben. Bill virou-se e olhou para ele assustado, mas Ben estava a olhar fixamente para Mike e não viu. — Isso não me faz sentir bem, Mike. Na verdade, faz-me sentir péssimo.

— Ámen — disse Beverly.

Mike abanou a cabeça com paciência.

— Não precisam de sentir culpa de nada, nenhum de vocês. Acham que foi minha escolha ficar aqui e que foi escolha vossa irem-se embora? Caramba, éramos *crianças*. Por um motivo ou outro, os vossos pais

mudaram-se, e vocês faziam parte da bagagem que eles levaram. Os meus pais ficaram. E será que foi mesmo decisão deles, de *qualquer um* deles? Acho que não. Como foi decidido quem iria e quem ficaria? Por sorte? Destino? Pela Coisa? Não sei. Mas não fomos nós. Então, parem.

— Não... tens ressentimentos? — perguntou Eddie timidamente.

— Tenho andado demasiado ocupado para ter ressentimentos — disse Mike. — Passei muito tempo a observar e a esperar... já estava à espera e a observar antes mesmo de me dar conta disso, acho, mas nos últimos cinco anos entrei naquilo a que podem chamar alerta vermelho. Na viragem do ano, comecei a escrever um diário. E quando um homem escreve, pensa melhor... ou talvez apenas mais especificamente. E um dos temas sobre o qual passei algum tempo a escrever e a refletir é a natureza da Coisa. A Coisa muda; sabemos isso. Acho que a Coisa também manipula e deixa a sua marca nas pessoas porque faz parte da sua natureza, da mesma forma que sentimos o fedor de uma doninha no corpo mesmo depois de um longo banho se ela soltar o fedor muito perto de nós. Da mesma forma que o gafanhoto cospe fluidos na nossa mão se o agarrarmos.

Mike desabotoou a camisa lentamente e abriu-a bem. Todos conseguiram ver as cicatrizes rosadas na pele lisa e castanha do peito entre os mamilos.

— Tal como as garras deixam marcas — disse ele.

— O lobisomem — disse Richie, num gemido. — Meu Deus, Grande Bill, o lobisomem! Quando voltámos a Neibolt Street!

— O quê? — perguntou Bill. Parecia um homem arrancado de um sonho. — O quê, Richie?

— Não te *lembras*?

— Não... e tu?

— Eu... eu quase me lembro... — Parecendo confuso e com medo, Richie calou-se.

— Estás a dizer que esta coisa não é má? — perguntou Eddie abruptamente a Mike. Olhava para as cicatrizes como se estivesse hipnotizado. — Que faz apenas parte da... da ordem natural?

— Não faz parte de uma ordem natural que entendemos ou aceitemos — respondeu Mike, abotoando a camisa —, e não vejo motivo para operar sobre uma base diferente da que entendemos com clareza: que a Coisa mata, mata crianças, e isso é errado. O Bill percebeu isso antes de qualquer um de nós. Lembras-te, Bill?

— Lembro-me de que queria matar a Coisa — disse Bill, e pela primeira vez (e sempre depois disso), ouviu o substantivo ganhar estatuto de nome próprio na sua voz. — Mas não tinha uma visão global do assunto, se é que me entendem. Só queria matar a Coisa porque a Coisa matou o George.

— E ainda queres matar?

Bill refletiu. Olhou para as mãos abertas sobre a mesa e lembrou-se de George com o impermeável amarelo, o capuz sobre a cabeça, o barco de papel com a camada fina e lustrosa de parafina na mão. Olhou para Mike.

— M-M-Mais do que nunca — declarou.

Mike assentiu como se fosse exatamente o que esperara.

— A Coisa deixou a sua marca em nós. Impôs-nos a sua vontade, assim como a toda a cidade, dia após dia, mesmo durante os longos períodos em que dorme, hiberna ou seja lá o que faz nos intervalos... dos períodos mais movimentados.

Mike levantou um dedo.

— Mas se ela nos impôs a sua vontade, a certa altura, de alguma forma, nós também *lhe impusemos a nossa vontade*. Detivemos a Coisa antes de ela terminar. Sei que detivemos. Será que a enfraquecemos, que a magoámos? Será que, na verdade, quase a matámos? Acho que sim. Acho

que estivemos tão perto de matar a Coisa que nos fomos embora a achar que tínhamos conseguido.

— Mas também não te lembras dessa parte, pois não? — perguntou Ben.

— Não. Consigo lembrar-me de tudo até ao dia quinze de agosto de 1958 na perfeição. Mas daí até quatro de setembro, mais ou menos, quando as aulas recomeçaram, tudo é um vazio total. Não está enevoado nem obscuro; simplesmente desapareceu. Com uma exceção: lembro-me de o Bill a gritar sobre qualquer coisa chamada fogos-fátuos.

O braço de Bill agitou-se de forma convulsiva. Bateu numa das garrafas vazias de cerveja, que se estilhaçou no chão como uma bomba.

— Cortaste-te? — perguntou Beverly, que se soerguera.

— Não — disse ele com voz seca e áspera. Os braços estavam arrepiaados. Parecia que o seu crânio tinha de alguma forma crescido; conseguia senti-lo

*(os fogos-fátuos)*

a empurrar a pele esticada do rosto em palpitações incessantes.

— Vou apanhar a...

— Não, fica sentada. — Queria olhar para ela, mas não conseguia. Não era capaz de tirar os olhos de Mike.

— Lembras-te dos fogos-fátuos, Bill? — perguntou Mike baixinho.

— Não — respondeu ele. A boca parecia anestesiada como quando ia ao dentista.

— Hás de lembrar.

— Espero sinceramente que não.

— Hás de lembrar de qualquer maneira — disse Mike. — Mas, por enquanto... não. Nem eu. Alguém se lembra?

Um a um, abanaram as cabeças.

— Mas fizemos *alguma coisa* — disse Mike baixinho. — A certa altura, conseguimos usar uma espécie de vontade coletiva. A certa altura, adquirimos uma compreensão especial, fosse consciente ou inconsciente. — Agitou-se com desconforto. — Céus, quem me dera que o Stan aqui estivesse. Tenho a sensação de que o Stan, com a sua mente organizada, poderia ter alguma ideia.

— Talvez tivesse — sugeriu Beverly. — Talvez seja por isso que se matou. Talvez tenha entendido que, se houvesse magia, ela não funcionaria com adultos.

— Mas acho que podia funcionar — disse Mike. — Porque há uma coisa que nós os seis temos em comum. Pergunto-me se algum de vocês se deu conta do que é.

Foi a vez de Bill abrir a boca e voltar a fechá-la.

— Força — incitou Mike. — Sabes o que é. Consigo vê-lo no teu rosto.

— Não sei *bem* se sei — respondeu Bill —, mas acho que nenhum de nós tem filhos. É i-isso?

Houve um momento de silêncio chocado.

— Sim — disse Mike. — É isso.

— Deus do céu! — exclamou Eddie com indignação. — Que diabo tem isso que ver com o preço do feijão no Peru? O que vos deu a ideia de que toda a gente no mundo tem de ter filhos? Isso é uma loucura!

— Tu e a tua mulher têm filhos? — perguntou Mike.

— Se nos tens acompanhando como disseste, sabes muito bem que não temos. Mas continuo a dizer quer isso não significa nada.

— *Tentaram* ter filhos?

— Não usamos métodos contraceptivos, se é a isso que te referes. — Eddie falou com uma estranha e comovente dignidade, mas o seu rosto estava vermelho. — Acontece que a minha mulher é um pouco... Ah, porra.

Tem demasiado peso. Fomos a uma médica que nos disse que talvez nunca tivesse filhos se não perdesse peso. Isso faz de nós criminosos?

— Calma aí, Eds — disse Richie com voz tranquilizadora, e inclinou-se na direção dele.

— Não me chames Eds e não te atrevas a beliscar-me a cara! — gritou ele, virando-se para Richie. — Sabes que detesto isso! *Sempre* detestei!

Richie recuou, a pestanejar.

— Beverly? — perguntou Mike. — Tu e o Tom?

— Sem filhos — disse ela. — E também sem métodos contraceptivos. O Tom quer filhos... e eu também, claro — acrescentou de forma apressada, olhando para eles. Bill pensou que os olhos dela pareciam demasiado brilhantes, quase os olhos de uma atriz a desempenhar muito bem o seu papel. — Apenas não aconteceu ainda.

— Fizeram exames? — perguntou-lhe Ben.

— Ah, sim, claro — disse ela, e soltou uma pequena gargalhada sufocada.

E num daqueles rasgos de compreensão que às vezes ocorrem a pessoas dotadas de curiosidade e intuição, Bill percebeu de repente muitas coisas sobre Beverly e o marido Tom, também conhecido como o Melhor Homem do Mundo. Beverly fora fazer exames de fertilidade. O seu palpite era que o Melhor Homem do Mundo se recusara sequer a considerar a possibilidade de que podia haver alguma coisa errada com o esperma produzido nos Testículos Sagrados.

— E tu e tua mulher, Grande Bill? — perguntou Richie. — Têm tentado?

Todos olharam para ele com curiosidade... porque a sua mulher era uma pessoa que conheciam. Audra não era nem de longe a atriz mais conhecida e amada do mundo, mas fazia parte do seleto grupo de celebridades que usara o talento como moeda de troca na segunda metade do século xx. Saíra

uma fotografia dela na revista *People* quando cortara o cabelo e, durante uma época particularmente entediante em Nova Iorque (a peça que planeava fazer no circuito fora da Broadway fora cancelada), ela participara durante uma semana no *Hollywood Squares*, com a objeção veemente de seu agente. Era uma estranha cujo adorável rosto era conhecido deles. Pareceu-lhe que Beverly estava particularmente curiosa.

— Temos tentado de forma intermitente, ao longo dos últimos seis anos — respondeu Bill. — Parámos há oito meses por causa do filme que estamos a fazer. Chama-se *Sótão*.

— Temos um programa de entretenimento todos os dias das cinco e um quarto às cinco e meia da tarde — disse Richie. — Chama-se *Ver Estrelas*. Fizeram uma peça sobre esse maldito filme a semana passada. Do estilo Marido e Mulher Trabalham Alegremente Juntos. Disseram o vosso nome, mas nunca fiz a ligação. Engraçado, não é?

— Muito — comentou Bill. — De qualquer forma, a Audra disse que seria azar ficar grávida durante a pré-produção e ter dez semanas de trabalho árduo com enjoos matinais ao mesmo tempo. Mas queremos filhos, sim. E fartámo-nos de tentar.

— Fizeram exames de fertilidade? — perguntou Ben.

— Sim. Há quatro anos, em Nova Iorque. Os médicos descobriram um pequeno tumor benigno no útero da Audra e disseram que foi sorte, porque, apesar de não a impedir de engravidar, poderia ter provocado gravidez extrauterina. Mas tanto ela quanto eu somos férteis.

— Ainda não *prova* nada — repetiu Eddie com teimosia.

— Mas é sugestivo — murmurou Ben.

— Não houve nenhum pequeno acidente contigo, Ben? — perguntou Bill. Ficou chocado e ao mesmo tempo achou engraçado o facto de a sua boca quase ter dito Ben Monte de Feno.



— Nunca casei, sempre tive cuidado e não nunca fui alvo de um processo de paternidade — disse Ben. — Fora isso, acho que não tenho como saber.

— Querem ouvir uma história engraçada? — perguntou Richie.

Sorria, mas não havia sombra de sorriso nos seus olhos.

— Claro — disse Bill. — Sempre foste bom com as coisas engraçadas, Richie.

— A tua cara e o meu traseiro, rapazinho — disse Richie com a voz do Bófia Irlandês.

Era uma *excelente* Voz de Bófia Irlandês. *Melhoraste bastante*, Richie, pensou Bill. *Em puto, não conseguias fazer o Bófia Irlandês por mais que te esforçasses. Exceto uma vez... ou duas vezes... quando*

*(os fogos-fátuos)*

*foi isso?*

— A tua cara e o meu traseiro. Continua a lembrar-te da comparação, rapazinho.

De repente Ben Hanscom tapou o nariz e gritou numa voz trémula arrapazada:

— *Bip-bip*, Richie! *Bip-bip!* *Bip-bip!*

Ao fim de um momento, Eddie, a rir, tapou o nariz e juntou-se a ele. Beverly fez o mesmo.

— Está bem! Está bem! — gritou Richie, também a rir. — Está bem, desisto! Pelo amor de Deus!

— Eh, pá — disse Eddie. Recostou-se na cadeira a rir tanto que estava praticamente a chorar. — Apanhámos-te desta vez, Fala-Barato. Boa, Ben.

Ben sorria, mas parecia um pouco perplexo.

— *Bip-bip* — disse Bev, e riu. — Tinha-me esquecido disso. Estávamos sempre fazer-te bipes, Richie.

— Nunca apreciaram o verdadeiro talento, só isso — disse Richie confortavelmente. Como nos velhos tempos, podiam fazê-lo perder o equilíbrio, mas ele era como um daqueles bonecos insufláveis com areia na base: voltava a endireitar-se quase de imediato. — Esse foi um dos teus pequenos contributos para o Clube dos Falhados, não foi, Monte de Feno?

— Sim, acho que foi.

— Que homem! — exclamou Richie com voz trémula e impressionada, e começou a fazer salamaleques por cima da mesa, enfiando o nariz na chávena de chá de cada vez que se inclinava. — Que homem! Ah, caramba, que homem!

— *Bip-bip*, Richie — disse Ben solenemente, e desatou às gargalhadas num tom de barítono intenso completamente diferente da voz trémula da infância. — Continuas o mesmo papa-léguas de sempre.

— Querem ouvir a história ou não? — perguntou Richie. — Não é nada de especial. Podem bipar se quiserem. Eu aguento. Quero dizer, estão a olhar para um tipo que já entrevistou o Ozzy Osbourne.

— Conta — pediu Bill.

Olhou para Mike e viu que ele parecia mais contente, ou pelo menos mais descansado, desde que o almoço começara. Seria por ver o vínculo mútuo inconsciente que estava a produzir-se, o regresso tranquilo aos antigos papéis que quase nunca acontecia quando velhos amigos se reencontravam? Palpitava-lhe que sim. E pensou: *Se existem certas condições prévias para a fé na magia que possibilitam o uso dessa magia, então talvez essas condições prévias arranjem inevitavelmente forma de se manifestar*. Não era um pensamento muito reconfortante. Fê-lo sentir-se um homem preso à ogiva de um míssil guiado.

*Bip-bip* mesmo.

— Bem — disse Richie —, eu podia tornar esta história longa e triste ou podia dar-vos a versão aos quadrinhos, mas vou escolher o meio-termo.

Um ano depois de me mudar para a Califórnia, conheci uma rapariga e apaixonámo-nos. Fomos viver juntos. Ela tomava a pílula de início, mas passava o tempo todo enjoada. Falou em colocar um DIU, mas não me agradou muito. Começavam a aparecer nos jornais as primeiras histórias de que aquilo não era completamente seguro.

»Tínhamos falado muito sobre filhos e decidido que não os queríamos, mesmo se oficializássemos a relação. Era irresponsável pôr filhos num mundo tão mau, perigoso, sobrepovoado... e blá-blá-blá, vamos pôr uma bomba na casa de banho dos homens do Bank of America, voltar para cama, fumar um charro e falar sobre as diferenças entre o maoismo e o trotskismo, se é que me entendem.

»Ou talvez eu esteja a ser demasiado duro com os dois. Merda, éramos jovens e razoavelmente idealistas. Em consequência disso, mandei cortar os cabos, como diz a malta de Beverly Hills com a sua elegância infalivelmente ordinária. A cirurgia ocorreu bem e não sofri efeitos secundários. Pode acontecer, sabem? Tive um amigo cujos tomates incharam até ficarem do tamanho dos pneus de um *Cadillac* de cinquenta e nove. Ainda pensei em dar-lhe uns suspensórios e uns barris de aniversário, uma espécie de indumentária de marca, mas encolheram antes disso.

— Reconhecemos aí o teu tato habitual — comentou Bill, e Beverly começou a rir de novo.

Richie esboçou um sorriso largo e sincero.

— Obrigado, Bill, pelas palavras de apoio. A palavra «porra» foi usada duzentas e seis vezes no teu último livro. Eu contei.

— *Bip-bip*, Fala-Barato — disse Bill solenemente, e todos riram. Parecia-lhe quase impossível acreditar que tinham estado a falar de crianças assassinadas menos de dez minutos antes.

— Continua, Richie — disse Ben. — Está a fazer-se tarde.

— A Sandy e eu vivemos juntos durante dois anos e meio — prosseguiu Richie. — Estivemos muito perto de nos casar duas vezes. Tendo em conta como as coisas correram, ao manter o relacionamento simples acho que evitámos muitas dores de cabeça e toda aquela papelada dos bens conjugais. Ela recebeu uma proposta de sociedade numa firma de advogados em Washington na mesma altura em que recebi a proposta de ir para a KLAD como DJ de fim de semana. Não era muito, mas era um pé na porta de entrada. Ela disse-me que era a sua grande oportunidade e que eu devia ser o porco chauvinista mais insensível dos Estados Unidos por bater o pé e que, além do mais, estava farta da Califórnia. Disse-lhe que *também* tinha uma oportunidade. Então tivemos grande discussão, insultámo-nos e, no fim, a Sandy saiu de casa.

»Um ano depois disso, decidi tentar reverter a vasectomia. Não tinha nenhum motivo específico para isso, e sabia pelo que lera que as possibilidades eram poucas, mas pensei em tentar mesmo assim.

— Andavas com alguém na altura? — perguntou Bill.

— Não. Essa é a parte curiosa — disse Richie, franzindo a testa. — Apenas acordei um dia com um... sei lá, um desejo de mandá-la reverter.

— Devias estar louco — disse Eddie. — Anestesia geral em vez de local? Cirurgia? Talvez uma semana no hospital depois?

— Sim, o médico disse-me isso tudo — respondeu Richie. — E respondi-lhe que queria fazê-la mesmo assim. Não sei porquê. O médico perguntou-me se eu entendia que o pós-operatório seria doloroso e que o resultado era uma mera questão de sorte. Eu disse que sim. Ele concordou, e perguntei quando. Para mim: quanto antes, melhor. Então ele mandou-me aguentar os cavalos, filho, aguenta os cavalos, o primeiro passo é obter uma amostra de esperma para ver se a operação é necessária. Eu disse: «Vá lá, fiz o exame depois da vasectomia. Resultou.» Ele respondeu que às vezes os vasos se reconectavam espontaneamente. «Caramba!», exclamei.

«Nunca ninguém me disse isso.» Ele acrescentou que as hipóteses eram poucas, infinitesimais, até, mas como a operação era muito séria, tinha de verificar. Assim, fui à casa de banho com um catálogo de *lingerie* da *Frederick's of Hollywood* e vim-me para um copinho...

— *Bip-bip*, Richie — interrompeu Beverly.

— Sim, tens razão — disse Richie. — A parte sobre o catálogo é mentira. Nunca há nada tão bom num consultório médico. Enfim, o médico ligou-me três dias depois e perguntou o que eu queria primeiro, a boa ou a má notícia.

«Dê-me a boa notícia primeiro», pedi.

«A boa notícia é que a operação não vai ser necessária», disse ele. «A má notícia é que qualquer pessoa com quem foi para a cama nos últimos dois ou três anos pode aparecer com um processo de paternidade a qualquer momento.»

«Está a dizer o que acho que está a dizer?», perguntei.

«Estou a dizer que não anda a disparar pólvora seca há algum tempo», disse ele. «Há milhões de coisinhas a mexer-se na sua amostra de esperma. Os seus dias de se divertir sem proteção e sem perguntar nada estão temporariamente cancelados, Richard.»

»Agradei e desliguei. Depois, liguei à Sandy em Washington.

«Rich», diz ela. A voz de Richie tornou-se de repente a de Sandy, que ninguém ali conhecia. Não era uma imitação nem uma voz parecida, não exatamente. Era mais uma pintura auditiva. «Que bom ouvir-te! Casei-me!»

«Sim, bela notícia», respondi. «Devias ter-me dito. Tinha-te mandado um liquidificador.»

»Ela diz: «O mesmo Richie de sempre, cheio de piadas.»

»E respondi: «Claro, o mesmo Richie de sempre, cheio de piadas. A propósito, Sandy, por acaso não tiveste um filho depois de saíres de Los Angeles, pois não? Ou fizeste um aborto?»

«Isso não é engraçado, Rich», disse ela, e tive a sensação de que estava prestes a desligar-me na cara. Então, contei-lhe o que acontecera. Ela começou a rir, mas desta vez com gosto. Ria-se como eu me ria convosco, como se alguém lhe tivesse contado a maior piada do mundo. Quando começou a acalmar-se, perguntei-lhe onde estava a graça. «É maravilhoso», disse ela. «Desta vez, a vítima da piada és tu. Depois de tantos anos, a piada é finalmente sobre o *Discos Tozier*. Quantos bastardos geraste desde que vim para leste, Rich?»

«Deduzo que isso signifique que ainda não experimentaste as alegrias da maternidade?», perguntei.

«Serei mãe em julho», respondeu ela. «Mais alguma pergunta?»

«Sim. Quando mudaste de ideias sobre a imoralidade de pôr filhos num mundo tão horrível?»

«Quando finalmente conheci um homem que não era um merdas», respondeu ela, e desligou.

Bill começou a rir. Riu até as lágrimas lhe rolarem pela cara.

— Pois — disse Richie. — Acho que ela desligou depressa para poder ter a última palavra, mas podia ter ficado em linha o dia todo que teria sido igual. Sei quando fui vencido. Voltei ao médico uma semana depois e perguntei-lhe se podia ser um pouco mais claro quanto às probabilidades de esse tipo de regeneração espontânea acontecer. Ele disse que tinha falado com alguns colegas sobre o assunto. Acontece que, entre 1980 e 1982, a filial californiana da Associação Americana de Médicos registou vinte e três ocorrências de regeneração espontânea. Seis foram cirurgias malfeitas. Outras seis foram mentira, tipos a tentarem arrancar uma indemnização do médico. Então... onze casos verdadeiros em três anos.

— Onze entre quantos? — perguntou Beverly.

— Vinte e oito mil, seiscentos e dezoito — disse Richie calmamente.

Silêncio na mesa.

— Ganhei a lotaria — disse Richie —, mas ainda não tenho um filho para o provar. Isso faz-te dar umas boas casquinadas, Eds?

— Mesmo assim não *prova*... — começou Eddie com teimosia.

— Não — disse Bill —, não prova nada. Mas sugere uma ligação. A questão é o que fazemos agora. Já pensaste nisso, Mike?

— Pensei, claro — disse Mike —, mas era impossível decidir qualquer coisa antes de vocês se reunirem e conversarmos como deve ser. Não podia prever como este reencontro seria até ter tido lugar.

Fez uma longa pausa e olhou para eles com ar pensativo.

— Tenho uma ideia — disse ele —, mas antes de vos dizer qual é, acho que precisamos de concordar se temos ou não coisas a fazer aqui. Queremos tentar repetir o que fizemos antes? Queremos tentar matar a Coisa de novo? Ou só dividimos a conta por seis e voltamos ao que estávamos a fazer antes?

— Parece que... — começou Beverly, mas Mike abanou a cabeça. Ainda não tinha terminado.

— Têm de entender que as nossas hipóteses de êxito são impossíveis de prever. Sei que não são boas, assim como sei que seriam um pouco melhores se o Stan também cá estivesse. Ainda não seriam boas, mas seriam melhores. Sem o Stan, o círculo que fizemos naquele dia está incompleto. E, com o círculo incompleto, não podemos realmente destruir a Coisa, nem mesmo mandá-la para longe uns tempos como fizemos antes. Acho que a Coisa vai matar-nos, um a um a um, e provavelmente de formas horrendas. Quando crianças, formámos um círculo completo de alguma forma que não entendo até hoje. Acho que, se concordarmos em seguir em frente, teremos de tentar formar um círculo menor. Não sei se é possível. Talvez seja possível pensar que o formámos, só para descobrir, quando for demasiado tarde... bem... que é demasiado tarde.

Mike olhou para eles de novo, com olhos encovados e cansados no rosto escuro.

— Portanto, acho que precisamos de votar. Ficar e tentar de novo ou ir para casa. Essas são as escolhas. Trouxe-vos aqui com o poder de uma velha promessa que não sabia se sequer recordariam, mas não posso manter-vos aqui por causa dessa promessa. Os resultados seriam ainda piores.

Olhou para Bill, e naquele momento Bill entendeu o que viria depois. Temia isso, mas não podia impedi-lo, e então, com a mesma sensação de alívio que um suicida sentisse ao tirar as mãos do volante de um carro a alta velocidade e apenas as usa para tapar os olhos, aceitou-o. Mike levava-os até ali, Mike tinha preparado tudo para eles... e estava a transferir a liderança. Queria que ela voltasse para a pessoa que a tinha em 1958.

— O que dizes, Grande Bill? Faz a pergunta.

— Antes disso, t-toda a gente *compreende* a pergunta? — quis ele saber.  
— Ias dizer alguma coisa, Bev.

Ela abanou a cabeça.

— Muito bem; a-acho que a pergunta é: ficamos e lutamos, ou esquecemos esta cegada toda? Quem é a favor de ficar?

Ninguém da mesa se moveu durante talvez cinco segundos, e Bill lembrou-se de leilões a que assistira em que o preço de um item subia para a estratosfera de repente e os que não queriam licitar mais ficavam praticamente como estátuas; as pessoas tinham medo de se coçar ou afastar uma mosca do nariz, com medo de que o leiloeiro achasse que era uma licitação de mais cinco mil ou vinte e cinco mil.

Pensou em Georgie, Georgie que nunca fizera mal a ninguém, que só quisera sair de casa depois de ficar fechado uma semana inteira, Georgie com as faces vermelhas, o barco de papel na mão, a fechar as molas do



impermeável amarelo com a outra, Georgie a agradecer-lhe... e a inclinar-se e a beijar o rosto febril de Bill. *Obrigado, Bill. É um belo barco.*

Sentiu a antiga fúria crescer dentro de si, mas estava mais velho e a sua perspectiva era mais ampla. Não era apenas Georgie. Uma série horrenda de nomes desfilou pela sua cabeça: Betty Ripsom, encontrada congelada no chão, Cheryl Lamonica, tirada do Kenduskeag, Matthew Clements, arrancado do triciclo, Veronica Grogan, de nove anos e encontrada num esgoto, Steven Johnson, Lisa Albrecht, todos os outros, e só Deus sabia quantos mais dos desaparecidos.

Levantou lentamente a mão.

— Vamos matar a Coisa. Vamos matá-la de vez.

Por um momento, a sua mão permaneceu no ar sozinha, como a mão do único rapaz da sala que sabe a resposta certa, o que todos os outros odeiam. E então Richie suspirou, levantou a mão e disse:

— Que se lixe. Não pode ser pior do que entrevistar o Ozzy Osbourne.

Beverly levantou a mão. O seu rosto tinha recuperado a cor, mas em manchas assimétricas espalhadas pelas faces. Parecia ao mesmo tempo bastante animada e morta de medo.

Mike levantou a mão.

Ben levantou a mão.

Eddie Kaspbrak estava na cadeira a parecer querer fundir-se nela e desaparecer. O seu rosto, magro e com aparência delicada, parecia terrivelmente apavorado quando olhou primeiro para a direita, depois para a esquerda e por fim para Bill. Por um momento, Bill teve a certeza de que Eddie simplesmente empurraria a cadeira, se levantaria e sairia da sala sem olhar para trás. Porém, ele levantou a mão e agarrou a bomba com força com a outra.

— Muito bem, Eds — disse Richie. — Vamos dar umas boas casquinadas desta vez, aposto.

— *Bip-bip*, Richie — respondeu Eddie com voz trémula.

6

*Os Falhados Comem a Sobremesa*

— Então qual é a tua ideia, Mike? — perguntou Bill. O ambiente tinha sido desanuviado por Rose, a empregada, que entrara com um prato de biscoitos da sorte. Olhou para as seis pessoas com a mão no ar com uma falta de curiosidade cuidadosamente educada. Todos as baixaram rapidamente, e ninguém disse nada até Rose sair de novo.

— É bastante simples — respondeu Mike —, mas também pode ser bastante perigosa.

— Desembucha — incitou Richie.

— Acho que devemos separar-nos durante o resto do dia. Cada um deve voltar para o lugar em Derry de que se lembra melhor... sem ser os Barrens, claro. Acho que nenhum de nós devia lá ir, pelo menos ainda não. Encarem isso como um passeio turístico, se quiserem.

— Com que propósito, Mike? — perguntou Ben.

— Não sei bem. Têm de entender que estou a seguir a intuição...

— Mas tem uma batida boa e pode-se dançar a compasso — observou Richie.

Os outros sorriram. Mike, não. Limitou-se a assentir.

— É uma boa forma de o expressar. Seguir a intuição é como sentir uma batida e segui-la com o corpo. Usar a intuição é difícil para os adultos, e esse é o motivo principal de eu achar que pode ser a coisa certa. As crianças, afinal, funcionam à base da intuição oitenta por cento do tempo, pelo menos até aos catorze anos.

— Referes-te a de ligarmo-nos de novo à situação — disse Eddie.

— Acho que sim. De qualquer modo, é uma ideia. Se não se lembrarem de sítios específicos para onde irem, sigam os pés e vejam onde vão parar. Encontramo-nos logo ao fim do dia na biblioteca para falar sobre o que aconteceu.

— Se *alguma* coisa acontecer — disse Ben.

— Ah, palpita-me que vão acontecer algumas coisas.

— Que tipo de coisas? — perguntou Bill.

Mike abanou a cabeça.

— Não faço ideia. Mas creio que o que acontecer pode ser desagradável. É até possível um de nós não aparecer na biblioteca esta noite. Claro que não tenho motivos para dizer isso... salvo a intuição, outra vez.

As suas palavras foram recebidas com silêncio.

— Porquê sozinhos? — perguntou Beverly por fim. — Se temos de fazer isto em grupo, porque queres que comecemos sozinhos, Mike? Principalmente se o risco for mesmo alto como achas que é?

— Julgo que posso responder a isso — interveio Bill.

— Força, Bill — disse Mike.

— Isto *começou* para cada um de nós quando estávamos sozinhos — disse Bill a Beverly. — Não me lembro de tudo, ainda não, mas lembro-me disso. A fotografia que se mexeu no quarto do George. A múmia do Ben. O leproso que o Eddie viu debaixo do alpendre de Neibolt Street. O Mike a encontrar sangue na erva perto do canal em Bassey Park. E o pássaro... havia qualquer coisa com um pássaro, não havia, Mike?

Mike assentiu carrancudo.

— Um pássaro grande.

— Sim, mas não simpático como o da Rua Sésamo. — Richie riu-se loucamente. — A resposta de Derry a James Brown Solta um Bom! Ah, caramba, digam lá se não somos abençoados?

— *Bip-bip*, Richie — disse Mike, e Richie parou.

— Para ti foi a voz no cano e o sangue que saiu do ralo — disse Bill a Beverly. — E para o Richie... — Mas neste ponto interrompeu-se, intrigado.

— Devo ser a exceção que prova a regra, Grande Bill — disse Richie. — A primeira vez que tive contacto com qualquer coisa estranha naquele verão, e estou a falar de estranho a sério, foi no quarto do George, contigo. Quando voltámos para tua casa naquele dia e olhámos para o álbum de fotografias dele. A fotografia de Center Street perto do canal começou a ter movimento. Lembras-te?

— Sim — disse Bill. — Mas tens a certeza de que não houve nada antes, Richie? Nada mesmo?

— Eu... — Alguma coisa brilhou nos olhos de Richie. Falou lentamente: — Bem, houve um dia em que o Henry e os amigos correram atrás de mim. Foi antes do fim das aulas, e fugi deles na secção de brinquedos do Freese's. Passei pelo Centro Municipal e sentei-me num banco do parque durante algum tempo, e pensei ter visto... mas foi só um *sonho*.

— O quê? — perguntou Beverly.

— Nada — disse Richie quase bruscamente. — Um sonho. A sério. — Olhou para Mike. — Mas não me importo de dar um passeio. Sempre ajuda a passar a tarde. Uma visita à velha cidade natal.

— Então estamos de acordo? — perguntou Bill.

Assentiram.

— E vamos encontrar-nos na biblioteca às... a que horas sugeres, Mike?

— Às sete. Toquem à campainha se chegarem depois disso. A biblioteca fecha às sete aos dias de semana até começarem as férias de verão das crianças.

— Às sete, então — disse Bill, e passou os olhos pelos outros, sisudo. — E tenham cuidado. Devem lembrar-se de que nenhum de nós sabe bem o que está a fa-fa-fazer. Considerem isto uma missão de reconhecimento. Se virem alguma coisa, não lutem. Fugam.

— Sou um amante, não um guerreiro — disse Richie com uma voz sonhadora à Michael Jackson.

— Bem, se vamos fazer isto, é melhor irmos andando — disse Ben. Um pequeno sorriso levantava o canto dos seus lábios. Era mais amargo do que divertido. — Embora não faça a menor ideia de onde possa ir, se os Barrens estão excluídos. Era o melhor de tudo para mim, ir para lá com vocês. — Os seus olhos deslocaram-se até Beverly, ficaram ali por um momento, afastaram-se. — Não consigo pensar noutra lugar que signifique tanto para mim. Acho que vou caminhar por aí umas horas, olhar para os edifícios e molhar os pés.

— Hás de encontrar para onde ir, Monte de Feno — disse Richie. — Podes visitar algum dos sítios onde compravas comida e encher o depósito.

Ben riu-se.

— A minha capacidade diminuiu muito desde os onze anos. Estou tão cheio que talvez tenham de tirar-me daqui a rebolar.

— Bem, estou pronto — anunciou Eddie.

— Esperem um segundo! — gritou Beverly quando começaram a levantar-se. — Os biscoitos da sorte! Não se esqueçam deles!

— Pois — disse Richie. — Já consigo ver o meu. VAI SER COMIDO POR UM MONSTRO ENORME. TENHA UM ÓTIMO DIA.

Riram-se, e Mike passou a tigela de biscoitos a Richie, que tirou um e a passou a outro.

Bill reparou que ninguém abriu o biscoito até todos terem o seu; cada um ficou no seu lugar com o pequeno biscoito sobre a mesa ou na mão, e

quando Beverly ainda a sorrir pegou no dela, Bill sentiu um grito a subir na garganta: *Não! Não, não façam isso, pousem-nos, não os abram!*

Mas era demasiado tarde. Beverly já tinha aberto o dela, Ben estava a fazer o mesmo, Eddie cortava o seu com a ponta do garfo, e pouco antes de o sorriso de Beverly se transformar numa careta de horror, Bill teve tempo de pensar: *Sabíamos, de alguma forma sabíamos, porque ninguém se limitou a morder o biscoito da sorte. Seria a coisa normal a fazer, mas ninguém o fez. De alguma forma, uma parte de nós ainda se lembra... de tudo.*

E para ele, essa certeza insensata foi a percepção mais horripilante de todas; expressava com mais eloquência do que Mike a certeza e a profundidade do efeito da Coisa em cada um deles... e como o efeito da Coisa contiguava a agir sobre eles.

O sangue jorrou do biscoito da sorte de Beverly como se de uma artéria cortada. Escorreu pela mão dela e para a toalha branca, manchando-a de vermelho intenso, que foi absorvido e se espalhou formando dedos rosados.

Eddie Kaspbrak deu um grito estrangulado e afastou-se da mesa com uma confusão enojada tão repentina que a cadeira quase tombou. Um inseto enorme, com a carapaça quitinosa de um castanho-amarelado feio, saía do biscoito da sorte como se de um casulo. Os seus olhos de obsidiana olhavam cegamente para a frente. Quando se dirigiu ao prato do pão de Eddie, migalhas de biscoito caíram das suas costas num pequeno jorro que Bill ouviu claramente e que voltou para assombrar os seus sonhos quando dormiu um pouco ao fim daquela tarde. Depois de se libertar completamente, esfregou as pernas finas de trás uma na outra, o que gerou um zumbido seco e agudo, e Bill percebeu que era uma espécie de grilo com uma mutação terrível. Chegou à beira do prato e caiu na toalha de costas para baixo.

— Meu Deus! — disse Richie com voz engasgada. — Meu Deus Grande Bill é um olho meu bom Deus é um olho a porra de um olho...

Bill virou a cabeça e viu Richie a olhar fixamente para o biscoito da sorte, com lábios repuxados sobre os dentes numa espécie de careta enojada. Um bocado do biscoito tinha caído na toalha, deixando à mostra um buraco pelo qual um olho humano espreitava com intensidade vidrada. Havia migalhas espalhadas na íris castanha e coladas na esclera.

Ben Hanscom atirou o dele. Não foi um gesto calculado, mas a reação sobressaltada de uma pessoa totalmente surpreendida por algo tenebroso. Quando o seu biscoito da sorte rolou pela mesa, Bill viu dois dentes dentro do espaço oco, com raízes escuras e sangue coagulado. Batiam um no outro como sementes numa abóbora oca.

Olhou de novo para Beverly e notou que ela estava a ganhar fôlego para gritar. Os olhos dela encontravam-se fixos na coisa que tinha saído do biscoito de Eddie, a coisa que esperneava com as pernas lentas enquanto jazia sobre a toalha de mesa.

Bill começou a mover-se. Não estava a pensar, só a reagir. *Intuição*, pensou ele loucamente ao saltar da cadeira e pousar a mão na boca de Beverly antes que ela pudesse soltar o grito. *Aqui estou eu, a agir com base na intuição. O Mike devia estar orgulhoso de mim.*

O que saiu da boca de Beverly não foi um grito, mas um «mmmmf» estrangulado.

Eddie estava a fazer aqueles ruídos sibilantes de que Bill se lembrava tão bem. Não havia qualquer problema, uma boa aspiradela na bomba deixaria Eddie como novo. «Firme como um tripé», teria dito Freddie Firestone, e Bill perguntou-se, não pela primeira vez, por que motivo uma pessoa tinha pensamentos tão estranhos num momento assim.

Olhou para os outros com intensidade, e o que saiu foi outra coisa daquele verão, uma coisa que parecia impossivelmente arcaica e

perfeitamente certa:

— Caluda! Toda a gente! Nem um pio! *Caluda!*

Rich passou a mão pela boca. O rosto de Mike tinha ficado acinzentado, mas ele concordou. Todos se afastaram da mesa. Bill não tinha aberto o seu biscoito da sorte, mas conseguia vê-lo a mover-se lentamente, inflando e murchando, inflando e murchando, inflando e murchando, enquanto o seu brinde tentava sair.

— *Mmmmmph!* — fez Beverly debaixo da mão dele, com a respiração a fazer-lhe cócegas na palma.

— Caluda, Bev. — Ele afastou a mão.

O rosto dela parecia ser ocupado só pelos olhos. A boca tremeu.

— Bill... Bill, viste...

Os olhos dela voltaram para o grilo e permaneceram nele. O grilo parecia estar a morrer. Os olhos rugosos fixaram-se nela, e Beverly começou a gemer.

— P-P-Para com isso — disse ele em tom sombrio. — Vai para junto da mesa.

— Não consigo, Billy, não consigo aproximar-me daquela co...

— Consegues! *Tens* de o fa-fazer! — Ouviu passos, leves e rápidos, no curto corredor do outro lado da cortina de contas. Olhou em volta, para os outros. — Pessoal! Aproximem-se da mesa! Conversem! Ajam com naturalidade!

Beverly olhou para ele a implorar, e Bill balançou a cabeça. Sentou-se e puxou a cadeira para a frente, tentando não olhar para o biscoito da sorte no prato. Tinha inchado para um tamanho inimaginável, uma bolha a encher-se de pus. E ainda pulsava lentamente. *Eu podia ter mordido aquilo*, pensou ele.

Eddie deu outra bombada para a garganta, lançando uma névoa nos pulmões com um som agudo e estridente.



— Então, quem achas que vai ganhar o campeonato? — perguntou Bill a Mike, sorrindo loucamente.

Rose entrou pela cortina naquele momento, com o rosto educadamente inquiridor. Pelo canto do olho, Bill viu que Bev se tinha aproximado da mesa. *Linda menina*, pensou.

— Parece-me que os Chicago Bears têm boas possibilidades — respondeu Mike.

— Está tudo bem? — perguntou Rose.

— T-tudo ótimo — confirmou Bill. Apontou para Eddie com o polegar. — O nosso amigo teve um ataque de asma. Já tomou o medicamento e está melhor.

Rose olhou para Eddie com preocupação.

— Tou melhor — disse Eddie a custo.

— Querem que eu levante a mesa?

— Daqui a bocadinho — disse Mike, e esboçou um sorriso grande e falso.

— Estava bom? — Os olhos dela percorreram a mesa de novo, com uma camada de dúvida sobre um poço profundo de serenidade. Não viu o grilo, o olho, os dentes nem a forma como o biscoito de Bill parecia estar a respirar. O seu olhar passou também sobre a mancha de sangue na toalha de mesa sem passar cartão.

— Estava tudo muito bom — disse Beverly, e sorriu.

Foi um sorriso mais natural do que os de Bill e Mike. Pareceu tranquilizar Rose, convencê-la de que, se alguma coisa corra mal ali dentro, não era culpa do serviço nem da cozinha. *A rapariga tem uma coragem do caraças*, pensou Bill.

— Tiveram sorte com os biscoitos? — perguntou Rose.

— Bem — disse Richie —, quanto aos outros não sei, mas o meu era um regalo para a vista.

Bill ouviu um estalido ínfimo. Olhou para o prato e viu uma perna assomar cegamente do biscoito da sorte. A perna arranhou o prato.

*Eu podia ter mordido aquilo*, pensou ele de novo, mas manteve o sorriso.

— Muito boa — confirmou.

Richie olhava para o prato de Bill. Uma enorme mosca preta-acinzentada estava a nascer rapidamente do biscoito despedaçado. Zumbiu de forma ténue. Gosma amarela escorreu do biscoito e acumulou-se na toalha. Havia um cheiro agora, o fedor denso e pungente de um ferimento infetado.

— Bem, se não posso ajudar em nada neste momento...

— Neste momento, não — disse Ben. — Mas foi uma refeição maravilhosa. Muito... muito original.

— Vou deixá-los, então — disse ela, e fez uma vénia, saindo pela cortina de contas. As contas ainda estavam a balançar e a bater umas nas outras quando todos se afastaram da mesa de novo.

— O que é? — perguntou Ben baixinho, olhando para a coisa no prato de Bill.

— Uma mosca — disse Bill. — Uma mosca mutante. Cortesia de um escritor chamado George Langlahan, creio. Escreveu um conto chamado «A Mosca». Fizeram um filme baseado nele, um filme não muito bom. Mas a história assustou-me bastante. A Coisa voltou a usar os seus velhos truques. Esta treta da mosca anda muito na minha cabeça porque estou a pensar num romance. Andei a pensar em chamar-lhe *Insetos da Estrada*. Sei que o nome é um p-pouco idiota, mas sabem...

— Com licença — disse Beverly com voz distante. — Acho que tenho de vomitar.

Desapareceu antes que qualquer um dos homens pudesse levantar-se.

Bill abriu o guardanapo e lançou-o por cima da mosca, que era do tamanho de um pardal bebé. Nada assim tão grande podia ter saído de uma coisa tão pequena como um biscoito da sorte chinês... mas saíra. Zumbiu duas vezes debaixo do guardanapo e ficou em silêncio.

— Meu Deus — murmurou Eddie.

— Vamos sair daqui, porra — disse Mike. — Podemos encontrar-nos com a Beverly na entrada.

Beverly vinha a sair da casa de banho quando se reuniram em frente à caixa registadora. Estava pálida, mas recomposta. Mike pagou a conta, beijou o rosto de Rose e todos saíram para a tarde chuvosa.

— Isto fez alguém mudar de ideias? — perguntou Mike.

— Acho que a mim não fez — respondeu Ben.

— Não — declarou Eddie.

— Que ideias? — inquiriu Richie.

Bill abanou a cabeça e olhou para Beverly.

— Eu fico — disse ela. — Bill, o que querias dizer com aquilo de a Coisa ter voltado a usar os seus velhos truques?

— Tenho andado a pensar em escrever uma história sobre insetos — disse ele. — Aquela história de Langlahan entranhou-se no meu pensamento. Portanto, vi uma mosca. O teu era sangue, Beverly. Porque andavas a pensar em sangue?

— Acho que por causa do sangue no ralo — respondeu Beverly imediatamente. — O sangue que saiu do ralo da casa de banho na minha antiga casa, quando eu tinha onze anos. — Mas era mesmo isso? Ela achava que não. Porque o que passara imediatamente pela sua cabeça quando o sangue jorrara através dos seus dedos num jato quente foi a pegada ensanguentada que ela deixara depois de pisar o frasco de perfume partido.

Tom. E

*(Bevvie, às vezes preocupo-me muito)*

o pai.

— Também tiveste um inseto — disse Bill a Eddie. — Porquê?

— Não apenas um inseto — disse Eddie. — Um *grilo*. Temos grilos na cave. Uma casa de duzentos mil dólares e não conseguimos livrar-nos dos grilos. Dão connosco em doidos. Duas noites antes de o Mike ligar, tive um pesadelo horrível. Sonhei que acordei e a minha cama estava cheia de grilos. Tentei disparar neles com a minha bomba, mas quando eu a apertava, ela só emitia uns estalidos, e pouco antes de acordar percebi que ela também estava cheia de grilos.

— A Rose não viu nada — disse Ben. Olhou para Beverly. — Como os teus pais nunca viram o sangue que saiu do ralo, mesmo estando em toda a parte.

— Sim — confirmou ela.

Ficaram a olhar uns para os outros sob a chuva fina de primavera.

Mike olhou para o relógio.

— Vai passar um autocarro daqui a vinte minutos — disse ele —, ou posso levar quatro no carro se nos apertarmos. Ou posso chamar alguns táxis. O que preferirem.

— Acho que vou a pé — declarou Bill. — Não sei para onde vou, mas um pouco de ar fresco parece-me boa ideia.

— Vou chamar um táxi — disse Ben.

— Divido-o contigo se me deixares no centro — sugeriu Richie.

— Sim. Para onde vais?

Richie encolheu os ombros.

— Ainda não sei.

Os outros decidiram esperar pelo autocarro.

— Logo às sete — lembrou Mike. — E tenham cuidado.

Concordaram em ter cuidado, embora Bill não soubesse como se podia fazer uma promessa daquelas quando lidavam com uma enorme quantidade

de fatores desconhecidos.

Preparava-se para dizer isso, mas olhou para os rostos dos outros e viu que eles já sabiam.

Bill afastou-se então a pé e ergueu uma das mãos para se despedir. Era agradável sentir o ar enevoado no rosto. A caminhada para a cidade seria longa, mas não fazia mal. Ele tinha muito em que pensar. Ainda bem que o reencontro terminara e a ação estava a começar.

## CAPÍTULO 11

# PASSEIOS

### 1

#### *Ben Hanscom inicia a retirada*

Richie Tozier saiu do táxi na intersecção tripla de Kansas Street, Center Street e Main Street, e Ben saiu no cimo de Up-Mile Hill. O taxista era o tal «tipo religioso» de Bill, mas nem Richie nem Ben o sabiam. Dave mergulhara num silêncio taciturno. Ben podia ter saído com Richie, mas parecia melhor cada um começar sozinho.

Ficou na esquina de Kansas Street com Daltrey Close, a ver o táxi afastar-se, com as mãos nos bolsos, e tentou esquecer o final horrível daquele almoço. Não conseguiu; os seus pensamentos continuaram a voltar para a mosca preto-acinzentada a sair do biscoito da sorte no prato de Bill, com asas estriadas coladas nas costas. Esforçava-se por afastar da mente essa imagem desagradável, achava que tinha conseguido, mas descobria cinco minutos depois que estava de novo a pensar naquilo.

*Estou a tentar justificá-lo de alguma forma,* pensou, falando não no sentido moral, mas sim no matemático. Os prédios são construídos a partir da observação de certas leis da natureza; todas as leis da natureza podem ser

expressas por equações; as equações têm de ser justificadas. Onde estava a justificação para o que tinha acontecido menos de meia hora antes?

*Esquece*, disse de si para si, não pela primeira vez. *Não és capaz de justificá-lo, portanto esquece.*

Excelente conselho; o problema era que não conseguia segui-lo. Lembrava-se de que, no dia seguinte a ter visto a múmia no canal congelado, a sua vida decorrera de forma normal. Soubera que aquilo, o que quer que tivesse sido, estivera prestes a apanhá-lo, mas a vida prosseguira: fora à escola, fizera um teste de aritmética, fora até à biblioteca depois das aulas e comera com o apetite de sempre. Tinha simplesmente incorporado na sua vida a coisa que vira no canal, e se quase fora morto por ela... bem, as crianças passavam a vida a ser mortas. Atravessavam as ruas a correr sem olhar, punham-se a brincar no lago e de repente percebiam que tinham passado para a parte funda com os barcos insufláveis e tinham de remar de volta, caíam das barras de traseiro no chão e das árvores de cabeça.

Ali parado sob a chuva miudinha em frente à Trustworthy Hardware Store, que fora uma casa de penhores em 1958 (Fрати Brothers, recordou Ben, com a montra sempre cheia de pistolas, espingardas, navalhas e guitarras penduradas pelo braço como animais exóticos), ocorreu-lhe que as crianças eram melhores em quase morrer, e também eram melhores em incorporar o inexplicável nas suas vidas. Acreditavam implicitamente no mundo invisível. Milagres bons e maus deviam ser levados em consideração, sim, com certeza, mas não faziam o mundo parar. Um aumento repentino de beleza ou de terror às dez da manhã não excluía um ou dois cachorros-quentes com queijo ao meio-dia.

Mas quando se crescia, tudo mudava. Já não se ficava acordado na cama, certo de que havia algo escondido no armário ou a arranhar a janela... e quando uma coisa acontecia, algo para lá de qualquer explicação racional, os circuitos ficavam sobrecarregados. Os axónios e dendritos

aqueciam. Começava o *break dance*, o corpo agitava-se num *shake*, *rattle and roll*, os nervos enredavam-se num *hop* e *bop* e *funky*, baralhando a imaginação. Não se podia incorporar o que tinha acontecido na experiência de vida. Não se podia digerir isso. A mente continuava a voltar à situação, tocando-lhe ao de leve como um gatinho com um novelo de lã... até que, claro, se enlouquecia ou se chegava a um ponto em que era impossível continuar a funcionar.

*E se isso acontecer*, pensou Ben, *a Coisa apanhou-me. Apanhou-nos. É simples.*

Começou a subir Kansas Street, sem ter consciência de se dirigir a algum sítio em particular. E pensou de repente: *O que fizemos ao dólar de prata?*

Continuava sem se conseguir lembrar.

*O dólar de prata, Ben... a Beverly salvou a tua vida com ele. A tua... talvez a de todos os outros... e principalmente a do Bill. A Coisa quase me tinha rasgado a barriga quando a Beverly fez... o quê? O que fez ela? E como pôde funcionar? Ela fez recuar a Coisa e todos a ajudámos. Mas como?*

Uma palavra surgiu-lhe de repente, uma palavra que não significava nada, mas que deixou a sua pele arrepiada: *Chüd.*

Olhou para o passeio e, por um momento, viu a forma de uma tartaruga desenhada ali a giz; o mundo pareceu dançar diante dos seus olhos. Fechou-os com força e, quando os abriu, viu que não era uma tartaruga; só a grelha de do jogo da macaca meio apagada pela chuva.

*Chüd.*

O que significava?

— Não sei — disse ele em voz alta e, quando olhou rapidamente em volta para ver se alguém o tinha ouvido falar sozinho, percebeu que virara de Kansas Street para Costello Avenue. Ao almoço, dissera que o único



sítio em Derry onde se sentira feliz em criança fora nos Barrens... mas não era bem verdade, pois não? Houvera outro sítio. Acidentalmente ou sem perceber, ele fora para esse outro sítio: a Biblioteca Pública de Derry.

Deteve-se em frente à porta por um ou dois minutos, com as mãos ainda nos bolsos. O local não tinha mudado; admirou as suas linhas naquele momento tanto como admirara em criança. Como tantos edifícios de pedra que tinham sido bem projetados, conseguia confundir com as suas contradições o olho observador: a solidez de pedra era contrabalançada pela delicadeza dos arcos e das colunas finas; parecia ao mesmo tempo sólido como um cofre, mas também delicado e simples (bem, era tão delicado como as construções urbanas podem ser, principalmente as erigidas na viragem do século xx, e as janelas, com finas barras de ferro em xis, eram graciosas e arredondadas). Essas contradições salvavam a biblioteca da fealdade, e ele não ficou completamente surpreendido ao ser invadido por uma onda de amor pelo local.

Pouca coisa tinha mudado em Costello Avenue. Ao olhar em volta, conseguiu ver a Derry Community House, e perguntou-se se o mercado ainda existiria no ponto onde a avenida, que era semicircular, voltava a juntar-se a Kansas Street.

Atravessou o relvado da biblioteca, sem reparar que as botas estavam a ficar molhadas, para dar uma olhadela à passarela de vidro entre a biblioteca dos adultos e a infantil. Também não tinha mudado, e dali, junto aos ramos curvos de um salgueiro-chorão, conseguia ver as pessoas a irem de uma para a outra. O velho prazer tomou conta dele, e pela primeira vez esqueceu-se do que acontecera no fim do almoço de reencontro. Lembrava-se de ter ido àquele mesmo local em criança, mas no inverno, atravessando a área com neve quase até às ancas e ficando depois ali durante quinze minutos. Fora depois do crepúsculo, recordou, e tinham sido de novo os contrastes que o haviam atraído e mantido ali, com as pontas dos dedos a

ficarem entorpecidas e a neve a derreter dentro das galochas verdes, enquanto o mundo se punha roxo com as sombras do início do inverno, o céu da cor de cinza a leste e de brasas a oeste. Faria frio no local onde ele estava, talvez uns dez graus negativos, e mais frio do que isso se o vento estivesse a soprar dos Barrens congelados, como acontecia com frequência.

Mas ali, a menos de quarenta metros de onde ele se encontrava, as pessoas caminhavam de um lado para o outro em mangas de camisa. Ali, a menos de quarenta metros, havia uma galeria de luz branca projetada pelas lâmpadas fluorescentes no teto. As crianças passavam a rir, namorados adolescentes davam as mãos (e quando a bibliotecária os via, mandava-os parar). Era algo mágico, com uma magia que ele, na sua tenra idade, não soubera atribuir a coisas tão mundanas como a luz elétrica e o aquecimento a óleo. A magia era aquele cilindro brilhante de luz e vida a ligar aqueles dois edifícios escuros como um cordão umbilical; a magia era observar as pessoas a passarem por ele, atravessando o campo sombrio cheio de neve, a salvo da escuridão e do frio. Isso tornava-as adoráveis e divinas.

E chegava o momento em que ele acabava por se ir embora (como fazia agora) e contornava o prédio até à porta da frente (como fazia agora), mas parava sempre e olhava para trás mais uma vez (como fazia agora) antes que a esquina de pedra da biblioteca dos adultos cortasse o campo de visão para aquele delicado cordão umbilical.

Melancolicamente divertido pela dor da nostalgia que lhe oprimia o coração, Ben subiu os degraus até à porta da biblioteca dos adultos e fez uma pausa na galeria estreita a seguir às colunas, sempre alta e fresca mesmo quando o dia estava quente. Ato contínuo, abriu a porta de ferro com a ranhura para devolução de livros e entrou silenciosamente.

Assim que se encontrou sob a luz ténue dos globos de vidro, a violência da lembrança deixou-o tonto por um momento. Não era uma força física, como um golpe no queixo ou uma bofetada. Era mais parecida com aquela

sensação estranha de que o tempo se dobra sobre si mesmo, aquilo a que as pessoas chamam, por falta de palavra melhor, *déjà-vu*. Ben já tivera antes a sensação, mas ela nunca o atingira com tamanha violência, ao ponto de o deixar desorientado; por um momento ou dois depois de entrar, sentiu-se literalmente perdido no tempo, sem saber ao certo quantos anos tinha. Trinta e oito ou onze?

Ali reinava a mesma calma, interrompida apenas por um sussurro ocasional, o baque surdo de uma bibliotecária a carimbar livros ou avisos de prazo ultrapassado, o movimento de páginas de jornal ou de revistas a serem viradas. Adorou a qualidade da luz naquele momento, tanto como antigamente. Entrava inclinada pelas janelas altas, cinzenta como as asas de um pombo naquela tarde chuvosa, uma luz que era de alguma forma sonolenta e entorpecedora.

Caminhou pelo aposento amplo com chão de linóleo com retângulos vermelhos e pretos quase completamente desaparecidos, tentando, como sempre tentara antigamente, silenciar o barulho dos passos. A biblioteca dos adultos tinha uma cúpula no meio, e todos os sons eram amplificados.

Viu que as escadas de ferro circulares que levavam às estantes ainda estavam no sítio, uma de cada lado da receção em forma de ferradura, mas também viu que um pequeno elevador de metal fora acrescentado em algum momento nos vinte e cinco anos desde que ele e a mãe se tinham mudado. Foi um alívio, de certo modo, pois diminuiu um pouco a sensação sufocante de *déjà-vu*.

Sentiu-se um invasor ao atravessar o aposento amplo, um espião de outro país. Estava sempre à espera de que a bibliotecária levantasse a cabeça, olhasse para ele e o desafiasse com voz clara e sonora que destruiria a concentração de todos os leitores e dirigiria todos os olhares para ele: «Você! Sim, você! O que está a fazer aqui? Não tem nada que estar aqui!

Você é de Fora! Você é do Antes! Volte para onde veio! Volte já, antes que eu chame a polícia!»

Ela realmente levantou a cabeça, uma rapariga jovem, bonita, e, por um momento absurdo, pareceu a Ben que a fantasia se tornaria mesmo realidade, e o coração subiu-lhe à garganta quando os olhos azul-claros tocaram os dele. Em seguida, afastaram-se com indiferença, e Ben descobriu que conseguia andar de novo. Se era um espião, não tinha sido descoberto.

Passou sob a espiral de uma das escadas estreitas, íngremes e quase suicidas de ferro forjado no caminho para o corredor que levava à biblioteca infantil e achou graça ao perceber (só depois de já o ter feito) que seguira outro padrão de comportamento da infância. Tinha levantado o olhar como sempre fazia na infância na esperança de ver uma rapariga de saias a descer a escada. Conseguia lembrar-se (agora conseguia) de olhar lá para cima sem motivo nenhum um dia quando tinha oito ou nove anos e ver debaixo da saia de uma rapariga bonita do secundário, de ver as cuecas cor-de-rosa. Assim como o brilho repentino do sol na pulseira no tornozelo de Beverly Marsh disparara uma flecha de uma coisa mais primitiva do que simplesmente amor ou afeto no seu coração no último dia de aulas em 1958, a visão da roupa interior da rapariga do secundário também o afetara; conseguia lembrar-se de estar sentado à mesa na biblioteca infantil a pensar na visão inesperada uns bons vinte minutos, com a cara e a testa vermelhas, um livro sobre a história dos comboios aberto sem ser lido à frente, com o pénis duro como um ramo nas calças, um ramo que enfiara as raízes na sua barriga. Alimentara a fantasia de ser casado com ela, viver numa casinha nos arredores da cidade, permitindo-se prazeres que ainda não entendia.

A sensação desvanecera-se tão depressa como chegara, mas ele nunca mais passara debaixo da escada sem olhar para cima. Nunca mais vira nada tão interessante ou perturbador (uma vez, uma mulher gorda a descer com

cuidado redobrado, mas ele afastou o olhar daquilo rapidamente, sentindo-se envergonhado, como quem comete um ato ilícito), mas o hábito persistiu e ele repetiu-o agora, em adulto.

Caminhou lentamente pela passagem de vidro, reparando noutras mudanças: autocolantes amarelos que diziam A OPEP ADORA QUE DESPERDICE ENERGIA, POUPE UM WATT! tinham sido colados por cima dos interruptores. Os quadros emoldurados na parede oposta quando ele entrou naquele mundo menor de mesas de madeira clara e pequenas cadeiras, esse mundo onde o bebedouro só tinha um metro e vinte de altura, não eram de Dwight Eisenhower e Richard Nixon, mas de Ronald Reagan e George Bush. Reagan, lembrava-se Ben, fora o apresentador de *GE Theater* no ano em que ele terminara o quinto ano, e George Bush ainda não tinha chegado aos trinta anos na altura.

Mas...

Aquela sensação de *déjà-vu* apoderou-se de novo dele. Ficou impotente, e desta vez sentiu o horror entorpecido de um homem que finalmente percebe, depois de meia hora a esbracejar, que a margem não está a aproximar-se e que vai afogar-se.

Era a hora da história, e, no canto, um grupo de dez crianças estava sentado solenemente nas cadeirinhas em semicírculo, a ouvir.

— Quem está a passar na minha ponte? — leu a bibliotecária com a voz baixa e grunhida da bruxa da história, e Ben pensou: *Quando ela levantar a cabeça, vou ver que é a senhora Davies, sim, é a senhora Davies, e ela não vai estar nem um dia mais velha...*

Mas quando ela levantou a cabeça, viu uma mulher bastante mais jovem do que a senhora Davies fora na altura.

Algumas das crianças taparam a boca com a mão e riram, mas outras só a observaram, com os olhos a refletir o eterno fascínio da história: será que a bruxa seria vencida... ou se alimentaria?

— Sou eu, o cabritinho, a passar na sua ponte — prosseguiu a bibliotecária, e Ben, pálido, continuou a andar.

*Como pode ser a mesma história? Exatamente a mesma história? Devo acreditar que é apenas uma coincidência? Porque não acredito... raios, não acredito!*

Inclinou-se sobre o bebedouro, e teve de curvar-se tanto que se sentiu como Richie a fazer um dos seus salamaleques.

*Devia falar com alguém, pensou ele em pânico. Com o Mike... o Bill... alguém. Há mesmo alguma coisa a juntar o passado com o presente aqui, ou estou apenas a efabular? Porque se não estiver, não sei se é bem isto que quero. Eu...*

Olhou para a receção e o seu coração pareceu parar no peito por um momento, antes de recomeçar a bater a velocidade redobrada. O póster era simples, direto... e familiar. Dizia apenas:

LEMBREM-SE DO RECOLHER OBRIGATÓRIO

19H00

POLÍCIA DE DERRY

Naquele instante, tudo pareceu ficar claro. Surgiu num clarão repentino de luz, e ele deu-se conta de que a votação feita à refeição era inútil. Não havia forma de retroceder, nunca houvera. Estavam num caminho tão predeterminado como o instinto que o fizera olhar para cima ao passar sob a escada em caracol que levava às estantes. Havia um eco ali em Derry, um eco mortífero, e só podiam esperar que esse eco fosse alterado o suficiente a favor deles para conseguirem escapar com vida.

— Caramba — murmurou, e passou a mão pela ara com força.

— Posso ajudá-lo? — perguntou uma voz vinda de trás do seu cotovelo, e ele deu um salto. Era uma rapariga de uns dezassete anos, talvez, com

cabelo louro-escuro afastado com travessões do rosto belo de estudante. Assistente de biblioteca, claro; em 1958 também havia isso, raparigas e rapazes do secundário que guardavam livros, mostravam às crianças como usar o arquivo, discutiam as recensões e os trabalhos da escola, ajudavam estudantes perdidos com as notas de rodapé e as bibliografias. O salário era miserável, mas sempre havia adolescentes dispostos a fazer o trabalho. Era um trabalho agradável.

Logo em seguida, ao interpretar o olhar agradável, porém interrogador da rapariga, lembrou-se de que já não pertencia ao local. Era um gigante numa terra de pequenos. Um intruso. Na biblioteca dos adultos, sentira desconforto pela possibilidade de ser observado ou de falarem com ele, mas ali, isso era uma espécie de alívio. Primeiro, porque provava que ele ainda era adulto, e o facto de a rapariga não ter sutiã por baixo da camisa fina também provocou mais alívio do que excitação. Se fosse necessária uma prova de que estavam em 1985 e não em 1958, as marcas claras dos mamilos no algodão da *t-shirt* deixavam isso claro.

— Não, obrigado — disse ele, e sem nenhum motivo que pudesse entender, ouviu-se a acrescentar: — Estava à procura do meu filho.

— Ah? Como se chama ele? Talvez o tenha visto. — Sorriu ao dizer aquilo. — Conheço a maioria das crianças.

— Chama-se Ben Hanscom — disse ele. — Mas não estou a vê-lo aqui.

— Diga-me como ele é e dou-lhe o seu recado, se quiser.

— Bem — disse Ben, desconfortável e começando a desejar não ter iniciado aquela conversa. — Ele é gorducho e parece-se um pouco comigo. Mas não é nada de especial, menina. Se o vir, diga-lhe apenas que o pai passou aqui a caminho de casa.

— Fique descansado — disse ela.

Sorriu, mas o sorriso não chegou aos olhos, e Ben percebeu de repente que ela não fora falar com ele apenas por educação e desejo de ajudar. Era a

bibliotecária assistente na biblioteca infantil de uma cidade em que nove crianças haviam sido mortas num período de oito meses. Ver um desconhecido naquele mundo em miniatura para onde os adultos raramente vão exceto para levar ou buscar os filhos causa alguma desconfiança, como seria de esperar.

— Obrigado — agradeceu ele, esboçando um sorriso que esperou ser tranquilizador e saiu rapidamente.

Percorreu o corredor até à biblioteca dos adultos e foi até à receção devido a um impulso que não entendeu... mas claro que deviam seguir os impulsos naquela tarde, não era? Seguir os impulsos e ver onde conduziriam.

O nome na placa na receção identificava a bela e jovem bibliotecária como Carole Danner. Atrás dela, Ben conseguiu ver uma porta com painel de vidro fosco. Nela lia-se MICHAEL HANLON — BIBLIOTECÁRIO-CHEFE.

— Posso ajudá-lo? — perguntou a senhora Danner.

— Acho que sim — respondeu Ben. — Espero que sim. Gostaria de fazer um cartão da biblioteca.

— Muito bem — disse ela, e pegou num formulário. — Mora em Derry?

— De momento, não.

— Morada de casa, então?

— Rural Star Route, número dois, Hemingford Home, Nebraska. — Fez uma pequena pausa, achando um pouco de graça no olhar dela, e disse o código postal: — Cinco nove três quatro um.

— Isto é alguma piada, senhor Hanscom?

— Nada disso.

— Então vai mudar-se para Derry?

— Não tenho planos, não.



— É uma grande distância a percorrer para vir levantar livros, não é? Não há bibliotecas no Nebraska?

— É uma questão sentimental — respondeu Ben. Julgara que contar isso a uma desconhecida seria constrangedor, mas percebeu que não era. — Cresci em Derry, sabe? É a primeira vez que aqui regresso desde criança. Tenho andado a passear para ver o que mudou ou não. E de repente ocorreu-se que passei uns dez anos da minha vida aqui, entre os três e os treze anos, e não tenho nenhuma recordação da época. Nem sequer um postal. Tinha uns dólares de prata, mas perdi um e dei os outros a um amigo. Acho que o que quero é uma lembrança da minha infância. É tarde, mas não dizem que mais vale tarde que nunca?

Carole Danner sorriu, e o sorriso transformou o rosto bonito num rosto lindo.

— Acho isso muito comovente — disse ela. — Se quiser dar uma volta por aí, o cartão estará pronto dentro de dez ou quinze minutos.

Ben sorriu.

— Calculo que seja preciso pagar alguma coisa — disse ele. — Uma vez que sou de fora e isso.

— Tinha cartão quando era criança?

— Claro que tinha. — Ben sorriu. — Tirando os meus amigos, acho que aquele cartão da biblioteca era a coisa mais importante...

— Ben, importas-te de vir até aqui? — disse uma voz de repente, cortando o silêncio da biblioteca como um bisturi.

Ele virou-se com um sobressalto de culpa, como as pessoas fazem quando alguém grita na biblioteca. Não viu ninguém que conhecia... e percebeu um momento depois que ninguém tinha levantado o olhar nem mostrado sinal de surpresa ou irritação. Os idosos continuavam a ler os exemplares do *News* de Derry, do *Boston Globe*, da *National Geographic*, da *Time*, da *Newsweek*, do *U. S. News & World Report*. Duas raparigas do

secundário ainda tinham as cabeças unidas por cima de uma pilha de papéis e fichas. Várias pessoas continuavam a procurar livros nas prateleiras da FICÇÃO CONTEMPORÂNEA — EMPRÉSTIMOS DE 7 DIAS. Um ancião com um boné ridículo e um cachimbo apagado preso entre os dentes continuou a folhear um livro com desenhos de Luis de Vargas.

Voltou-se para a jovem, que o olhava intrigada.

— Algum problema?

— Não — disse Ben, sorrindo. — Pensei ter ouvido uma coisa. Acho que estou mais perturbado pelo fuso horário do que pensei. O que estava a dizer?

— Bem, na verdade era o *senhor* que estava a falar. Mas eu ia acrescentar que, se tinha cartão quando era residente, o seu nome ainda deve estar nos arquivos — disse ela. — Guardamos tudo em microfichas agora. Uma grande mudança de quando era criança, acho.

— Sim — disse ele. — Muitas coisas mudaram em Derry... mas muitas coisas também parecem ter permanecido iguais.

— De qualquer modo, posso procurar o seu nome e fazer a renovação do cartão. Sem custos.

— Isso é ótimo — disse Ben, e antes que pudesse acrescentar um agradecimento, a voz destruiu o silêncio sagrado da biblioteca de novo, mais alta, ameaçadoramente alegre.

— *Anda cá, Ben! Anda, seu merdas gordo! Esta é a Tua Vida, Ben Hanscom!*

Ben aclarou a garganta.

— Agradeço — disse ele.

— Ora essa. — Ela inclinou a cabeça. — O dia aqueceu lá fora?

— Um pouco — disse ele. — Porquê?

— O senhor está...

— Foi o Ben Hanscom! — gritou a voz. Estava a vir de cima, das estantes. — O Ben Hanscom matou as crianças! Apanhem-no! Apanhem-no!

— ... a transpirar — concluiu ela.

— Estou? — perguntou ele de forma idiota.

— Vou preparar o seu cartão imediatamente — disse ela.

— Obrigado.

Ela dirigiu-se à velha máquina de escrever *Royal* no canto da mesa.

Ben afastou-se lentamente, com o coração a bater disparado. Sim, estava a transpirar; conseguia sentir o suor a escorrer pela testa, pelas axilas, molhando os pelos do peito. Ergueu o olhar e viu Pennywise, o Palhaço, de pé no alto da escada da esquerda, a olhar para ele. O seu rosto estava pintado de branco. A boca sangrava batom num sorriso assassino. Havia órbitas vazias onde os olhos deviam estar. Tinha balões numa das mãos e um livro na outra.

*Não é um palhaço, pensou Ben. É a Coisa. Estou no meio da Biblioteca Pública de Derry no final de uma tarde de 1985, sou um adulto e estou perante o meu maior pesadelo de infância. Encontro-me perante a Coisa.*

— Anda cá, Ben — chamou Pennywise. — Não vou magoar-te. Tenho um livro para ti! Um livro... e um balão! Aproxima-te!

Ben abriu a boca para responder: «Estás doido se achas que vou aí acima.» Mas de repente deu-se conta de que, se fizesse isso, toda a gente olharia para ele, toda a gente pensaria *Quem é este maluco?*

— Ah, sei que não podes responder — disse Pennywise, e riu. — Mas quase te enganei por um segundo, não foi? «Desculpe, tem o *Prince Albert* em lata? Tem? Então é melhor deixá-lo sair!» «Desculpe, o seu contador está a andar? Sim? Então é melhor ir apanhá-lo!»

O palhaço lá em cima lançou a cabeça para trás e soltou várias gargalhadas estridentes. O som cresceu e ecoou na cúpula como um bando

de morcegos em voo, e Ben só conseguiu impedir-se de colocar as mãos em cima das orelhas graças a uma enorme força de vontade.

— Anda cá, Ben — disse Pennywise. — Vamos conversar. Terreno neutro. O que me dizes?

*Não vou até aí, pensou Ben. Quando finalmente me aproximar de ti, não vais querer ver-me, acho. Vamos matar-te.*

O palhaço deu gargalhadas agudas de novo.

— Matar-me? *Matar-me?* — E, de repente, de uma forma horrível, a voz era de Richie Tozier, não exatamente a voz dele, mas Richie Tozier a fazer a Voz de Escravo Negro: — Não mata eu, patrão, ser bom rapaz, não mata este minino, Monte de Feno! — E riu-se alto de novo.

Trémulo e pálido, Ben atravessou o centro ecoante da biblioteca dos adultos. Sentia que ia vomitar em breve. Parou diante de uma estante de livros e agarrou num ao acaso com a mão a tremer muito. Os dedos frios viraram as páginas.

— Esta é a tua oportunidade, Monte de Feno! — gritou a voz atrás e acima dele. — Sai da cidade. Sai antes de escurecer. Vou atrás de ti hoje... de ti e dos outros. Estás demasiado velho para me deter, Ben. Vocês estão *todos* demasiado velhos. Demasiado velhos para fazer qualquer coisa além de provocar a própria morte. Vai-te embora, Ben. Queres ver isto esta noite?

Ele virou-se lentamente, ainda a segurar o livro nas mãos geladas. Não queria olhar, mas era como se houvesse uma mão invisível por baixo do seu queixo, a virar-lhe a cabeça cada vez mais para cima.

O palhaço evaporara-se. No cimo da escada da esquerda estava Drácula, mas não era um Drácula de filme; não era Bela Lugosi nem Christopher Lee nem Frank Langella nem Francis Lederer nem Reggie Nalder. Era um velho com o rosto semelhante a uma raiz retorcida, mortalmente pálido, os olhos vermelho-arroxeados, da cor de coágulos de sangue. Abriu a boca e revelou duas filas de lâminas de barbear, dispostas em ângulos nas gengivas; era

como olhar para um mortífero labirinto de espelhos em que um único passo em falso podia fazer uma pessoa ser cortada ao meio.

— CRUUUUUNCH! — gritou o monstro, e fechou o maxilar.

O sangue jorrou da sua boca num jato vermelho-enegrecido. Pedacos de lábios cortados caíram na seda branca da camisa e deslizaram pela frente, deixando rastos de sangue atrás.

— O que viu o Stan Uris antes de morrer? — gritou-lhe o vampiro no cimo da escada, a rir pelo buraco ensanguentado da boca. — Foi um *Prince Albert* numa lata? Foi Davy Crockett, o rei do Oeste Selvagem? O que viu ele, Ben? Também queres ver? O que viu ele? O que viu ele?

Em seguida, aquelas gargalhadas de novo, e Ben soube que acabaria por gritar também, sim, não havia como impedir o grito, ele estava condenado a surgir. O sangue gotejava do alto da escadaria numa chuva horrenda. Uma gota caiu na mão deformada pela artrite de um idoso a ler o *Wall Street Journal*. Escorreu entre os nós dos seus dedos, sem ser visto nem sentido.

Ben inspirou, com a certeza de que o grito viria a seguir, impensável no silêncio daquela tarde de primavera, tão chocante como uma facada... ou uma boca cheia de lâminas.

Em vez disso, o que saiu num turbilhão trémulo e irregular, falado em vez de gritado, dito baixo como uma oração, foram as seguintes palavras:

— Transformámo-los em projéteis, claro. Transformámos os dólares de prata em projéteis de prata.

O cavalheiro de boné que examinava os desenhos de Vargas ergueu o olhar rapidamente:

— Disparate — disse ele.

As pessoas realmente levantaram os olhos; alguém sibilou «Chiu!» ao homem num tom irritado.

— Desculpe — disse Ben, com voz baixa e trémula. Estava vagamente ciente de que tinha o rosto coberto de suor e a camisa colada ao corpo. —

Estava a pensar em voz alta...

— Disparate — repetiu o cavalheiro idoso, em voz mais alta. — Não se podem fazer balas de prata a partir de dólares de prata. É um erro comum. Tirado de literatura barata. O problema é a gravidade específica...

De repente, a senhora Danner surgiu ao lado dele.

— Senhor Brockhill, não pode fazer barulho — disse ela com gentileza. — As pessoas estão a ler...

— O homem está doente — disse ele abruptamente, e voltou a atenção para o livro. — Dê-lhe uma aspirina, Carole.

Carole Danner olhou para Ben e o seu rosto contraiu-se de preocupação.

— Está doente, senhor Hanscom? Sei que é muito indelicado dizê-lo, mas está com um péssimo aspeto.

— Eu... almocei comida chinesa. Acho que não me caiu bem.

— Se quiser deitar-se, há um divã no escritório do senhor Hanlon. Podia...

— Não. Obrigado, mas não. — O que ele queria não era deitar-se, mas sair imediatamente da Biblioteca Pública de Derry. Olhou para cima. O palhaço tinha desaparecido. O vampiro tinha desaparecido. Mas preso ao corrimão de ferro da escada havia um balão. Na sua superfície, estavam as palavras: TEM UM BOM DIA! ESTA NOITE MORRES!

— Já tenho o seu cartão da biblioteca — disse ela, colocando a mão hesitante no braço dele. — Ainda o quer?

— Sim, obrigado — respondeu Ben. Inspirou profundamente. — Peço desculpa por isto.

— Só espero que não seja uma intoxicação alimentar — observou ela.

— Não funcionaria — disse o senhor Brockhill sem erguer o olhar do livro e sem tirar o cachimbo apagado do canto da boca. — Coisa de literatura barata. A bala iria cair.

E falando de novo sem saber de antemão que falaria, Ben disse:

— Projéteis, não balas. Percebemos imediatamente que não conseguiríamos fazer balas. Éramos apenas crianças. Foi ideia minha...

— Chiu! — fez de novo alguém.

Brockhill lançou um olhar sobressaltado a Ben, pareceu prestes a falar, mas voltou a atenção para os desenhos.

Na receção, Carole Danner entregou-lhe um cartãozinho laranja com BIBLIOTECA PÚBLICA DE DERRY impresso em cima. Perplexo, Ben deu-se conta de que era o primeiro cartão de biblioteca de adulto que tinha na vida. O que tivera em criança era amarelo canário.

— Tem a certeza de que não quer deitar-se, senhor Hanscom?

— Já me sinto um pouco melhor, obrigado.

— Tem a certeza?

Ele conseguiu esboçar um sorriso.

— Tenho.

— Parece mesmo um nadinha melhor — disse Carole, mas falou em tom de dúvida, como se compreendendo que era a coisa certa a dizer, embora sem acreditar nela.

Em seguida, colocou um livro debaixo do aparelho de microfilme que usavam atualmente para registar empréstimos de livros, e Ben sentiu um divertimento quase histórico. *É o livro que tirei da prateleira quando o palhaço começou com a Voz de Escravo Negro*, pensou ele. *Ela achou que eu o queria levar. Requisitei o meu primeiro livro na Biblioteca Pública de Derry em vinte e cinco anos e nem sei que livro é. Além do mais, não me importo. Só quero sair daqui, está bem? Isso basta.*

— Obrigado — disse ele, e colocou o livro debaixo do braço.

— De nada, senhor Hanscom. Tem a certeza de que não quer uma aspirina?

— A certeza absoluta — disse ele, e hesitou. — Por acaso não sabe o que aconteceu à senhora Starrett, pois não? Barbara Starrett? Ela era a chefe

da biblioteca infantil.

— Morreu — respondeu Carole Danner. — Há três anos. Teve um AVC, pelo que sei. Foi uma pena. Ela era relativamente jovem... tinha cinquenta e oito ou cinquenta e nove, acho. O senhor Hanlon encerrou a biblioteca naquele dia.

— Oh — fez Ben, e sentiu um vazio abrir-se no coração. Era isso que acontecia quando se voltava ao passado. A cobertura do bolo era doce, mas o recheio era amargo. As pessoas esqueciam-se de nós ou morriam ou perdiam o cabelo e os dentes. Em alguns casos, descobríamos que tinham perdido a sanidade. Ah, era tão bom estar vivo. Caramba.

— Sinto muito — disse Carole. — Gostava dela, não é?

— Todas as crianças gostavam da senhora Starrett — comentou Ben, e ficou alarmado ao perceber que estava à beira das lágrimas.

— O senhor...?

*Se ela me perguntar mais uma vez se estou bem, acho que vou mesmo chorar. Ou gritar. Ou alguma coisa.*

Ele olhou para o relógio.

— Tenho mesmo de ir. Obrigado pela simpatia.

— Tenha um bom dia, senhor Hanscom.

*Claro. Porque esta noite morro.*

Acenou-lhe e seguiu para a porta. O senhor Brockhill olhou para ele uma vez, com atenção e desconfiança.

Ben olhou para o alto da escada da esquerda. O balão ainda pairava ali, preso pelo cordel ao corrimão de ferro. Mas o texto nele dizia:

EU MATEI A BARBARA STARRETT!

PENNYWISE, O PALHAÇO



Afastou o olhar, sentindo a pulsação na garganta começar a aumentar de novo. Saiu e foi surpreendido pela luz do sol. As nuvens estavam a desenredar-se e um sol quente de fim de maio surgira, deixando a relva impossivelmente verde e viva. Ben sentiu o coração mais leve. Parecia-lhe ter deixado um peso insuportável para trás na biblioteca... e então, olhou para o livro que tinha retirado inadvertidamente e os seus dentes fecharam-se com uma dor repentina e intensa. Era *Bulldozer*, de Stephen W. Meader, um dos livros que ele requisitara no dia que mergulhara nos Barrens para fugir a Henry Bowers e amigos.

E por falar em Henry, a marca da bota dele ainda estava escarrapachada na capa do livro.

Com mãos trémulas, virou o livro. A biblioteca passara ao sistema de microfilme, tinha *visto* isso, mas ainda havia uma bolsa de papel na parte de trás do livro com um cartão dentro. Havia um nome em cada linha do cartão, seguido de um carimbo com a data de devolução. Ao olhar para o cartão, Ben viu isto:

NOME — DATA DE DEVOLUÇÃO

Charles N. Brown — 14 de maio de 1958

David Hartwell — 1 de junho de 1958

Joseph Brennan — 17 de junho de 1958

E, na última linha do, a sua assinatura infantil, escrita com movimentos pesados de lápis:

Benjamin Hanscom 9 de julho de 1958

Carimbada no cartão, carimbada na folha de guarda, carimbada no contorno das páginas, carimbada repetidamente com tinta vermelha

manchada que parecia sangue, havia uma palavra: CANCELADO.

— Ah, meu Deus — murmurou Ben. Não sabia o que mais dizer; isso pareceu-lhe cobrir toda a situação. — Ah, meu Deus, meu Deus.

Ficou parado sob a vibrante luz do sol, perguntando-se de repente o que estaria a acontecer aos outros.

## 2

### *Eddie Kaspbrak Toma Um Atalho*

Eddie desceu do autocarro na esquina de Kansas Street com Kossuth Lane. Kossuth era uma descida de quatrocentos metros que acabava abruptamente em terra e nos Barrens. Não fazia ideia do motivo por que escolhera aquele sítio para descer do autocarro; Kossuth Lane não significava nada para ele, e não conhecera ninguém naquela parte de Kansas Street. No entanto, parecia o sítio certo. Era tudo o que sabia, mas, naquela altura, isso parecia ser o suficiente. Beverly descera do autocarro com um aceno numa das paragens de Lower Main Street. Mike tinha voltado para a biblioteca de carro.

Ao ver o pequeno e um tanto absurdo autocarro *Mercedes* afastar-se, perguntou-se exatamente o que estava a fazer ali, parado numa esquina obscura numa cidade obscura a uns oitocentos quilómetros de distância de Myra, que sem dúvida estava a chorar de preocupação por causa dele. Por um breve instante, sentiu tonturas quase dolorosas, tocou no bolso do casaco e lembrou-se de que tinha deixado o *Dramamine* no Town House com o resto dos medicamentos. Mas tinha aspirina. Eddie não sairia *sans* aspirina tal como não sairia *sans* calças. Engoliu duas a seco e começou a andar por Kansas Street, pensando vagamente em ir até à biblioteca ou talvez atravessar Costello Avenue. O tempo começava a clarear, e achou

que podia até ir a pé até West Broadway e admirar as velhas casas vitorianas, nos dois únicos quarteirões residenciais realmente bonitos de Derry. Fizera isso às vezes em criança: andava pela West Broadway de forma casual, como se estivesse a caminho de outro lado. Havia a casa dos Mueller, perto da esquina da Witcham com a West Broadway, uma moradia vermelha com torreões de cada lado e uma sebe à frente. Os Mueller tinham um jardineiro que olhava sempre para Eddie com desconfiança até ele seguir caminho.

Havia a casa dos Bowie, que ficava quatro casas depois da dos Mueller, do mesmo lado. Ele achava que esse era um dos motivos de Greta Bowie e Sally Mueller terem sido tão amigas desde a primária. Tinha telhado verde e também torreões... mas enquanto os torreões na casa dos Mueller eram direitos em cima, os da casa dos Bowie estavam repletos de coisas em forma de cone que Eddie achava parecidas com chapéus de festas. No verão, avistava-se sempre mobiliário de jardim no relvado lateral: uma mesa com um guarda-sol amarelo em cima, cadeiras de vime, uma rede de corda esticada entre duas árvores. Também havia sempre um jogo de *croquet* na parte de trás. Eddie sabia isso apesar de nunca ter sido convidado para a casa de Greta para jogar *croquet*. Ao passar por ali como quem não quer a coisa (como se estivesse a ir para outro sítio), às vezes ouvia o estalido das bolas, risadas, gemidos quando a bola de alguém «era desviada». Uma vez, vira a própria Greta, com uma limonada numa das mãos e o martelo de *croquet* na outra, magra e bonita muito além das palavras de todos os poetas (até os ombros queimados do sol pareciam maravilhosos aos olhos de Eddie Kaspbrak, que tivera nove anos na altura), a ir atrás da bola, que tinha «sido desviada»; fizera ricochete numa árvore e acabara por tornar Greta visível para Eddie.

Ele apaixonou-se um pouco por ela naquele dia, com o cabelo louro brilhante pelos ombros do vestido rodado azul-claro. Greta olhou em volta

e, por um momento, ele pensou que o tinha visto, mas não foi o que aconteceu, porque quando ele levantou a mão num cumprimento tímido, ela não levantou a dela em resposta. Só bateu na bola, fazendo-a regressar ao relvado das traseiras e indo a correr atrás dela. Ele continuara a andar sem ressentimento pela saudação não correspondida (acreditava piamente que ela não devia tê-lo visto) e pelo facto de nunca ter sido convidado para ir a um dos jogos de *croquet* de sábado à tarde. Porque haveria uma rapariga bonita como Greta Bowie querer convidar um rapaz como ele? Era magro, asmático e tinha cara de rato afogado.

*Sim, pensou ele, andando sem destino por Kansas Street, eu devia ter ido a West Broadway admirar de novo aquelas casas... a dos Mueller, a dos Bowie, a do Dr. Hale, a dos Tracker...*

Os seus pensamentos foram abruptamente interrompidos após o último nome porque (falai no diabo!) ali estava ele, diante da transportadora dos irmãos Tracker.

— Ainda aqui está — disse Eddie em voz alta, e riu. — Caramba!

A casa na West Broadway que pertencia a Phil e Tony Tracker, dois solteirões convictos, devia ser a mais bonita das grandes mansões daquela rua, uma casa branca imaculada de meados do período vitoriano, com relvados verdes e grandes canteiros de flores que cresciam desenfreadamente (de uma forma organizada, é claro) durante toda a primavera e verão. O caminho de acesso para carros era pavimentado todos os outonos, de forma que permanecia negro como um espelho escuro. As telhas inclinadas nas várias partes do telhado estavam sempre pintadas num tom de verde que combinava perfeitamente com o relvado, e as pessoas às vezes paravam para tirar fotos às janelas muito antigas e características.

— Dois homens que se dão ao trabalho de manter a casa tão imaculada só podem ser maricas — dissera a mãe de Eddie uma vez com certa irritação, e Eddie não se atrevera a pedir esclarecimentos.

A transportadora era o oposto exato da casa dos Tracker em West Broadway. Era uma estrutura baixa de tijolos; os tijolos eram velhos e ameaçavam desfazer-se em alguns pontos, e o tom laranja sujo começara a desbotar para um preto-fuligem na base do edifício. As janelas estavam uniformemente imundas, tirando um ponto circular numa das vidraças mais baixas do escritório do gerente. Aquela janela era mantida impecavelmente limpa pelos rapazes antes de Eddie e pelos outros que vieram depois, porque o gerente tinha um calendário da *Playboy* sobre a secretária. Nenhum rapaz ia jogar basebol no terreno das traseiras sem antes parar para limpar o vidro com a luva e examinar a *pinup* do mês.

A transportadora era rodeada por uma área de gravilha em três dos lados. Camiões de transporte de longa distância, todos pintados com as palavras IRMÃOS TRACKER. DERRY-NEWTON-PROVIDENCE-HARTFORD-NOVA IORQUE, costumavam ficar ali parados numa profusão desordenada. Umhas vezes eram camiões inteiros, outras apenas cabinhas ou reboques, silenciosamente apoiados nas rodas de trás e nos suportes.

Os irmãos não estacionavam os camiões no terreno das traseiras porque eram ambos grandes fãs de basebol e gostavam que os miúdos fossem jogar para lá. Phil Tracker também conduzia os camiões, portanto os rapazes raramente o viam, mas Tony Tracker, um homem com braços enormes e uma barriga a condizer, tratava dos livros e da contabilidade, e Eddie (que nunca jogava — a mãe tê-lo-ia matado se soubesse que ele jogava basebol, corria e enchia os delicados pulmões de pó, arriscando-se a partir as pernas, a ter concussões e só Deus sabia o que mais) habituou-se a vê-lo. Fazia parte do verão, e a sua voz constituía um elemento do jogo para Eddie como a de Mel Allen passaria a constituir mais tarde: Tony Tracker, grande, mas de alguma forma fantasmagórico, com a camisa branca a reluzir à medida que o sol descia e os pirilampos começavam a surgir no ar com luz própria, a gritar para o campo: «Tens de ficar debaixo da booola antes de a

apanhares, Ruivo!... Tiraste os olhos da booola, Meio Quilo! Não consegues bater na maldita coisa se não estás a olhar para ela!... Desliza, Pé de Cavalo! Se enfiarés as solas dos teus *Keds* na cara do gajo da segunda base, ele nunca te fará sair!»

Nunca os chamava pelo nome, recordou Eddie. Era sempre ei, Ruivo, ei, Louro, ei, Quatro-olhos, ei, Meio Quilo. Nunca era bola, era sempre booola. Nunca era taco, Tony chamava-lhe de «vara de freixo», como, por exemplo, «Nunca vai acertar nessa booola se não agarrares bem a vara de freixo, Casco de Cavalo.»

Sorrindo, Eddie aproximou-se mais... e o sorriso desapareceu. O edifício comprido de tijolos onde os pedidos eram processados, os camiões reparados e a mercadoria ficava armazenada por períodos curtos estava escuro e silencioso. Ervas daninhas cresciam no meio da gravilha, e não havia camiões em nenhum dos lados do pátio... apenas um reboque enferrujado.

Ao chegar ainda mais perto, viu que na janela havia uma placa de VENDE-SE de uma imobiliária.

*A transportadora fechou*, pensou ele, e ficou admirado pela tristeza que o pensamento gerou... como se alguém tivesse morrido. Ficou contente por não ter ido até West Broadway. Se a transportadora fechara, a transportadora dos Irmãos Tracker, que parecera eterna, o que poderia ter acontecido àquele lado da rua que ele gostava tanto de percorrer em criança? Deu-se conta com desconforto que não queria saber. Não queria ver Greta Bowie com o cabelo a ficar grisalho, com as ancas e as pernas mais grossas de tanto estar sentada, de tanto comer e beber; era melhor (e mais seguro) manter-se longe.

*Era o que todos devíamos ter feito, ficado longe. Não temos nada que estar aqui. Voltar à cidade onde crescemos é como fazer uma postura maluca de ioga, colocar o pé na própria boca e de alguma forma*

*engolirmo-nos a nós próprios para que não sobre nada; não pode ser feito e qualquer pessoa sã deveria ficar feliz por isso... o que terá acontecido ao Tony e ao Phil Tracker?*

Um ataque cardíaco no caso de Tony, se calhar; o homem carregava uns trinta e cinco quilos de carne extra no corpo. Era preciso prestar atenção ao que o coração poderia andar a tramar. Os poetas podiam romancear os corações destroçados e Barry Manilow podia cantar sobre isso, e por Eddie, tudo bem (ele e Myra tinham todos os discos de Barry Manilow), mas preferia fazer um bom eletrocardiograma todos os anos. Claro, o coração de Tony provavelmente desistira de funcionar. E Phil? Talvez um azar na estrada. Eddie, que também ganhava a vida ao volante (pelo menos, no passado; atualmente, só conduzia as celebridades e passava o resto do tempo a conduzir uma secretária), conhecia o azar na estrada. O velho Phil talvez tivesse perdido o controlo do camião algures em New Hampshire ou Hainesville Woods, no norte do Maine, com a estrada gelada, ou talvez os travões tenham falhado numa colina a sul de Derry, a caminho de Haven enquanto conduzia sob a chuvinha primaveril. Essas coisas ou qualquer outra sobre as quais se cantava naquelas canções *country* sobre camionistas que usavam chapéus *Stetson* e só pensavam em traição. Conduzir a secretária às vezes era solitário, mas Eddie já se sentara no banco do condutor mais de uma vez, com a bomba sobre o tabliê refletida no parabrisas (e uma data de comprimidos no porta-luvas), e sabia que a verdadeira solidão era um borrão vermelho: a cor das luzes de trás do carro à nossa frente refletida no pavimento molhado sob chuva forte.

— Ah, merda, o tempo passa — disse Eddie Kaspbrak numa espécie de sussurro suspirado, e nem percebeu que tinha falado em voz alta.

Sentindo-se enternecido e triste ao mesmo tempo, num estado que lhe era mais comum do que gostaria de acreditar, Eddie contornou o edifício, com os sapatos *Gucci* a esmagar a gravilha, para ver o terreno onde os jogos

de basebol eram disputados quando era criança. Quando parecia que noventa por cento do mundo era composto de crianças.

O terreno não tinha mudado muito, mas uma olhadela bastou para convencê-lo sem sombra de dúvida de que os jogos tinham acabado, uma tradição que simplesmente morrera em algum momento sem motivo aparente.

Em 1958, o campo em forma de diamante era definido não por linhas de calcário, mas por sulcos feitos por pés. Os rapazes que ali jogavam basebol não tinham bases a sério (rapazes que eram todos mais velhos do que os Falhados, embora Eddie se lembrasse naquele momento de que Stan Uris às vezes jogava; tinha uma tacada razoável, mas conseguia correr depressa no campo e tinha os reflexos de um anjo), mas havia sempre quatro pedaços de lona suja debaixo da plataforma de carga atrás do edifício comprido de tijolo, para serem cerimoniosamente retirados quando havia rapazes suficientes no local para jogar, e cerimoniosamente devolvidos quando as sombras da noite impediam a continuação da brincadeira.

Eddie não conseguia ver sinal das marcas do campo de basebol. Havia muitas ervas no meio da gravilha. Garrafas partidas de refrigerantes e cerveja brilhavam, aqui e ali; antigamente, aqueles cacos eram religiosamente retirados. A única coisa que estava igual era a vedação de arame ao fundo do campo, com três metros e meio de altura e enferrujada como sangue seco. Fragmentava o céu em mil e um losangos.

*Isto era território de home-run*, pensou Eddie, perplexo, com as mãos nos bolsos, no local onde houvera uma base vinte e sete anos antes. *Por cima da cerca e para dentro dos Barrens. Costumavam chamar-lhe O Automático.* Riu com gosto e olhou em volta com nervosismo, como se um fantasma tivesse rido em vez de um tipo com umas calças de sessenta dólares, um tipo tão sólido como... bem, tão sólido como... como...



*Para com isso, Eds, pareceu sussurrar a voz de Richie. És tudo menos resistente, e nos últimos anos as casquinadas foram diminuindo e ficando cada vez mais espaçadas. Certo?*

— Sim, certo — disse Eddie em voz baixa, e pontapeou meia dúzia de pedras soltas.

Na verdade, só tinha visto duas bolas passarem por cima da vedação e irem para o terreno atrás da transportadora, as duas batidas pelo mesmo rapaz: Arroto Huggins. Arroto revelara-se quase comicamente grande, já com um metro e oitenta aos doze anos, e pesava talvez uns setenta e cinco quilos. Recebera a alcunha porque conseguia dar arrotos de duração e volume impressionantes. Nos melhores, parecia um cruzamento entre um rã-touro e uma cigarra. Às vezes, batia com a mão rapidamente sobre a boca aberta enquanto arrotava, emitindo um som que parecia um grito índio, mas rouco.

Arroto fora grande e não muito gordo, lembrou Eddie, mas era como se Deus nunca pretendesse realmente que um rapaz de doze anos tivesse um tamanho tão avantajado; se não tivesse morrido naquele verão, poderia ter chegado aos dois metros ou mais, e talvez pudesse ter aprendido a controlar o corpo demasiado grande num mundo de pessoas menores. Talvez pudesse até ter aprendido a mover-se com desenvoltura. Mas, aos doze anos, fora desajeitado e cruel, não atrasado, mas quase a parecê-lo, porque todos os seus movimentos corpo pareciam incrivelmente desastrados e mal calculados. Não tinha nada dos ritmos naturais de Stanley; era como se o corpo de Arroto não conversasse com o cérebro e existisse no seu próprio cosmos de trovões lentos. Eddie conseguia lembrar-se da noite em que uma bola lenta fora lançada diretamente para a posição de Arroto na extremidade do campo. Arroto nem precisara de se mover. Ficou a olhar para cima, levantou a luva num gesto sem objetivo, e, em vez de cair na sua luva, a bola acertara-lhe no alto da cabeça, produzindo um som oco. Foi como se a

bola tivesse sido largada do terceiro andar sobre o tejadilho de um *Ford*. Ressaltou um bom metro e vinte e caiu direitinha na luva de Arroto. Um rapaz infeliz chamado Owen Phillips rira do som oco. Arroto aproximara-se dele e dera-lhe um pontapé no traseiro com tanta força que Phillips fora a correr para casa aos berros com um buraco nas calças. Mais ninguém rira... pelo menos não por fora. Eddie achava que, se Richie Tozier tivesse estado lá, não teria conseguido conter-se, e Arroto provavelmente tê-lo-ia mandado para o hospital.

Arroto também era lento como batedor; era fácil ganhar-lhe e, se ele batesse para o chão, até os jogadores mais desajeitados não tinham dificuldade em eliminá-lo. Mas quando ele acertava uma, ela ia muito, muito longe. As duas bolas que Eddie vira Arroto lançar por cima da vedação tinham sido incríveis. A primeira nunca fora recuperada, embora mais de dez rapazes tivessem andado pelo declive que descia para os Barrens à procura dela.

A segunda, no entanto, fora recuperada. Pertencia a outro rapaz do sexto ano (Eddie não conseguia lembrar-se do nome dele, só que todos os rapazes lhe chamavam Fungão porque estava sempre constipado) e fora usada durante a maior parte da primavera e começo do verão de 1958. Como resultado, já não era a criação esférica branca perfeita com costuras vermelhas que tinha sido ao sair da caixa; estava gasta, manchada de relva e com vários cortes pelas centenas de viagens e quedas na gravilha. A costura começara a desfazer-se num sítio, e Eddie, que ia apanhar as bolas que caíam fora do campo quando não andava mal da asma (apreciando cada «Obrigado, miúdo!» casual quando devolvia a bola ao campo), sabia que em pouco tempo alguém apareceria com um rolo de fita isoladora preta para repará-la, para que durasse mais uma semana ou duas.

Porém, antes da chegada desse dia, um rapaz do sétimo ano com o nome improvável de Stringer Dedham lançou aquilo a que chamava bola com

«mudança de velocidade» para Arroto Huggins. Arroto calculou o momento perfeitamente (as mais lentas eram mesmo a velocidade dele) e acertou na velha *Spalding* de Fungão com tanta força que a capa se soltou e voou até poucos metros da segunda base como uma traça branca. A bola em si continuara a subir e subir no belo céu crepuscular, desfazendo-se e desfazendo-se enquanto subia, com os rapazes a virarem-se para acompanhar o progresso com perplexidade, e seguiu por cima da vedação, ainda a subir, e Eddie lembrava-se de que Stringer Dedham dissera «Poooo-rra!» em voz baixa e impressionada enquanto a bola seguia para o céu. Todos tinham visto a bola a desfazer-se e, antes mesmo de ela cair, seis rapazes já estavam a subir a vedação, e Eddie lembrava-se de Tony Tracker rir como louco e gritar:

— Essa podia ter saído do Yankee Stadium! Estão a ouvir? Essa podia ter saído da *porra do Yankee Stadium!*

Fora Peter Gordon quem encontrara a bola, não longe do riacho onde o Clube dos Falhados faria a represa menos de três semanas depois. O que sobrou não tinha sequer sete centímetros de diâmetro; era uma espécie de milagre absurdo o centro não se ter partido.

Por consentimento tácito, os rapazes levaram os restos da bola de Fungão a Tony Tracker, que a examinou sem dizer nada, rodeado por rapazes igualmente silenciosos. Visto de longe, aquele círculo de rapazes em volta do homem alto com a barriga proeminente poderia ter parecido uma cerimónia quase religiosa: a veneração de um objeto sagrado. Arroto Huggins nem correria pelas bases. Ficara apenas no meio dos outros como um rapaz que não sabia ao certo onde estava. O que Tony Tracker lhe entregou naquele dia era mais pequeno do que uma bola de ténis.

Eddie, perdido nestas lembranças, caminhou desde o local onde ficava a primeira base, passou pelo montículo do lançador (só que nunca fora um montículo, mas sim uma depressão sem gravilha) e andou até à defesa entre

a segunda e a terceira bases. Fez uma pausa curta, surpreendido pelo silêncio, e dirigiu-se à vedação de arame. Estava mais enferrujada do que nunca, e coberta por uma espécie de hera feia, mas ainda ali se encontrava. Ao olhar pela cerca, conseguiu ver que o chão descia num declive verde agressivo.

Os Barrens pareciam mais uma selva do que nunca, e pela primeira vez deu por si a interrogar-se por que motivo uma zona de vegetação tão densa e virulenta se chamava Barrens: o local era muitas coisas, mas estéril não era uma delas. Porque não Mato? Ou Selva?

Barrens.

O som da palavra era ominoso, quase sinistro, mas o que ele conjurava na mente não eram emaranhados de arbustos e árvores tão densos que tinham de lutar para encontrar espaço ao sol; evocava imagens de dunas de areia a deslocarem-se infinitamente, ou áreas cinzentas de rocha ou deserto. Paisagem estéril. Mike dissera antes que eles eram todos estéreis, e parecia verdade. Sete pessoas e nem um único filho. Mesmo naquela época de planeamento familiar, era contra todas as estatísticas.

Olhou para a vedação enferrujada com elos em formato de losangos e ouviu o ruído distante dos carros em Kansas Street e o som de água mais abaixo. Conseguia ver brilhos dela ao sol de primavera, como vidros a cintilar. Os bambus ainda estavam lá em baixo, com uma aparência branca doentia, semelhantes a fungos no meio do verde. Atrás, na área pantanosa à margem do Kenduskeag, diziam haver lama movediça.

*Passei os momentos mais felizes da minha infância nessa imundície,* pensou ele, e estremeceu.

Estava prestes a virar-se quando uma coisa chamou a sua atenção: um cilindro de cimento com uma pesada tampa de aço em cima. Buracos de Morlocks, fora como Ben lhes chamara, rindo com a boca, mas não com os olhos. Se uma pessoa se aproximasse, dava mais ou menos pela cintura (se

se fosse uma criança), e viam-se as palavras DEPARTAMENTO DE OBRAS PÚBLICAS DE DERRY em alto-relevo num semicírculo no metal. E ouvia-se um zumbido vindo de dentro. Algum tipo de máquina.

Buracos de Morlocks.

*Foi para ali que fomos. Em agosto. No final. Entrámos num dos buracos de Morlocks do Ben, nos esgotos, mas ao fim de algum tempo já não eram esgotos. Eram... eram... o quê?*

*O Patrick Hockstetter estava lá em baixo. Antes de a Coisa o levar, a Beverly viu-o a fazer uma coisa má. Fê-la rir, mas saiba que era má. Alguma coisa relacionada com Henry Bowers, não foi? Sim, acho que sim. E...*

Virou-se de repente e começou a voltar para a transportadora abandonada, sem querer olhar mais para os Barrens, sem gostar dos pensamentos que aquilo despertava. Queria estar em casa com Myra. Não queria estar ali. Ele...

— Apanha, miúdo!

Virou-se em direção ao som da voz, e uma espécie de bola passou por cima da vedação e seguiu na direção dele. Eddie esticou a mão e apanhou-a. No reflexo, sem pensar, o movimento foi quase elegante.

Olhou para o que estava a segurar e tudo dentro de seu corpo ficou frio e solto. Aquilo já tinha sido uma bola de basebol. Agora, não passava de uma esfera de cordel enrolado, porque a cobertura tinha caído. Via o cordel a desenrolar-se. Seguia por cima da cerca como uma teia de aranha e desaparecia nos Barrens.

*Oh meu Deus, pensou ele. Oh meu Deus, a Coisa está aqui, a Coisa está aqui comigo agora...*

— Anda brincar, Eddie — disse a voz do outro lado da vedação.

Eddie percebeu com um horror apavorante que era a voz de Arroto Huggins, que tinha sido assassinado nos túneis sob Derry em agosto de

1958. E ali estava o Arroto em pessoa, a subir o declive do outro lado da vedação.

Usava o uniforme de basebol dos New York Yankees coberto de folhas de outono e manchado de verde. Era Arroto, mas também era o leproso, uma criatura despertada horrivelmente depois de anos num túmulo molhado. A carne do rosto pendia em pedaços pútridos. Um dos olhos era um buraco vazio. Havia coisas a remexer-se no seu cabelo. Calçava uma luva de basebol coberta de limos numa das mãos. Enfiou os dedos apodrecidos da mão direita pelos buracos em forma de losangos da cerca e, quando os fechou, Eddie ouviu um som húmido terrível que julgou que o levaria à loucura.

— Essa podia ter saído do Yankee Stadium — disse Arroto, e sorriu. Um sapo, horrivelmente branco e a contorcer-se, caiu da sua boca no chão. — Estás a ouvir? Essa podia ter saído da porra do Yankee Stadium! E a propósito, Eddie, queres um broche? Faço-o por dez cêntimos. Porra, faço-o de borla.

O rosto de Arroto mudou. O nariz gelatinoso caiu e revelou dois canais vermelhos em carne viva que Eddie já vira em sonhos. O cabelo engrossou e afastou-se das têmporas, ficando branco como uma teia de aranha. A pele podre da testa abriu-se, deixando à mostra osso branco coberto de substância semelhante a muco, como a lente suja de uma lanterna. Arroto tinha desaparecido; a coisa que estivera sob o alpendre do número 29 de Neibolt Street estava ali.

— O Bobby chupa-me por dez cêntimos — cantarolou ele, começando a subir a vedação. Deixou bocados de carne nos orifícios em forma de losango formados pelo arame. A vedação tremeu e estalou com o peso dele. Quando ele tocava na hera que subia pela cerca, ficava preta. — Fá-lo a qualquer hora. Quinze cêntimos se demorar.

Eddie tentou gritar. Nada saiu além de um guincho seco e sem sentido. Os seus pulmões pareciam as ocarinas mais secas do mundo. Olhou para a bola na mão, e de repente viu sangue começar a sair do cordel enrolado. Pingou para a gravilha e salpicou-lhe os sapatos.

Atirou-a para o chão e deu dois passos cambaleantes para trás, com os olhos arregalados, e esfregou as mãos na frente da camisa. O leproso tinha chegado ao cimo da vedação. A sua cabeça recortava-se contra o céu, uma silhueta de pesadelo como uma abóbora inchada da Noite das Bruxas. A língua desenrolou-se para fora com um metro e vinte, talvez metro e meio. Retorceu-se pela vedação abaixo como uma cobra a sair da boca sorridente do leproso.

Estava ali num segundo... e desapareceu no seguinte.

Não se pode dizer que se tenha desvanecido como um fantasma num filme; apenas deixou de existir. Mas Eddie ouviu um som que confirmou a sua solidez essencial: um estalido, como uma rolha a sair de uma garrafa de champanhe. Era o som do ar a preencher o espaço onde antes o leproso estivera.

Virou-se e começou a correr, mas, antes de percorrer três metros, quatro formas rígidas saíram a voar das sombras sob o cais de carga da transportadora abandonada. Primeiro, pensou que fossem morcegos, gritou e cobriu a cabeça... Mas viu que eram quadrados de lona, os quadrados que tinham servido de base quando os rapazes grandes jogavam ali.

Giraram e rodopiaram no ar parado; ele teve de se baixar para evitar um deles. Cada um pousou nos lugares de sempre ao mesmo tempo, levantando nuvens de pó. A base principal, a primeira, a segunda e a terceira.

Ofegante, Eddie passou a correr pela base principal, com os lábios repuxados e o rosto branco como queijo fresco.

PAC! O som de um taco a bater numa bola fantasma. E então...

Eddie parou ao perder a força nas pernas e um gemido escapou dos seus lábios. O chão estava a elevar-se em linha reta da base do lançador até à primeira, como se uma toupeira gigante estivesse a fazer rapidamente um túnel abaixo da superfície. A gravilha rolou para os dois lados. A forma debaixo da terra chegou à base, e a lona voou no ar. Subiu com tanta força e rapidez que emitiu um estalo, o mesmo que um engraxador faz quando está animado e estala a flanela. O chão começou a subir entre a primeira e a segunda base, cada vez mais depressa. A segunda base voou com um estalido similar e mal tinha pousado no chão quando a forma chegou à terceira base e começou a voltar para a principal.

A base do lançador também voou, mas, antes de cair, a coisa saía do chão como um brinquedo de festa de criança, e a coisa era Tony Tracker, com um crânio no lugar da cara com alguns pedaços de carne ainda lá presos, a camisa em tiras brancas e podres de linho. Saiu da terra na base do lançador da cintura para cima, balançando-se para a frente e para trás como uma minhoca grotesca.

— Podes segurar a vara de freixo como quiseres — disse Tony Tracker com voz arenosa e áspera. Dentes expostos sorriam com familiaridade lunática. — Não importa, Fole. Vamos apanhar-te. A ti e aos teus amigos. Vamos arrasaaaar!

Eddie gritou e cambaleou para trás. Havia uma mão no seu ombro. Encolheu-se para se afastar dela. A mão apertou-o por um momento, mas acabou por ceder. Ele virou-se. Era Greta Bowie. Estava morta. Metade do rosto dela evaporara-se; vermes rastejavam na carne vermelha que tinha restado. Segurava um balão verde numa das mãos.

— Acidente de carro — disse a metade reconhecível da boca, e sorriu. O sorriso provocou um indescritível som de rasgo, e Eddie conseguiu ver tendões a moverem-se como correias terríveis. — Eu tinha dezoito anos, Eddie. Estava bêbeda e cheia de *Seconal*. Os teus amigos estão aqui, Eddie.



Eddie afastou-se com as mãos erguidas diante do rosto. Ela foi na direção dele. O sangue tinha salpicado e secado nas suas pernas dela. Calçava *mocassins*.

E nesse momento, atrás dela, viu o maior horror do mundo: Patrick Hockstetter cambaleava na direção dele pelo campo. Também usava um uniforme dos New York Yankees.

Eddie correu. Greta segurou-o de novo, rasgando-lhe a camisa e derramando algum líquido horrível nas suas costas, pela parte de trás da gola. Tony Tracker estava a sair do buraco de toupeira humana. Patrick Hockstetter cambaleava e arrastava-se. Eddie correu, sem saber onde estava a encontrar fôlego para isso, mas correndo mesmo assim. Enquanto corria, viu as palavras a flutuarem à sua frente, as palavras que tinham sido escritas no balão verde que Greta Bowie segurara:

MEDICAMENTOS PARA ASMA PROVOCAM CANCRO DO PULMÃO!

CUMPRIMENTOS DA CENTER STREET DRUGSTORE

Eddie desatou a correr. Correu e correu, e, a certa altura, caiu quase desmaiado perto de McCarron Park. Algumas crianças viram-no e mantiveram-se à distância porque ele lhes parecia um vagabundo, e podia ter alguma doença estranha, e, tanto quanto sabiam, podia até ser o assassino, e falaram em denunciá-lo à polícia, mas acabaram por não o fazer.

Beverly desceu distraidamente Main Street a partir do Derry Town House, onde fora para vestir umas calças de ganga e uma túnica amarela. Não pensava para onde estava a ir. Pensava antes nisto:

*Teus cabelos  
Brasas d'inverno  
Onde meu coração arde*

Tinha escondido aquilo na gaveta de baixo, sob as cuecas. A mãe talvez o tivesse visto, mas não fazia mal. O importante era que o pai nunca abria aquela gaveta. Se tivesse visto o postal, poderia ter olhado para ela com aquela expressão animada, quase simpática e completamente paralisante e perguntado de uma forma cordial: «Andaste a fazer alguma coisa que não devias, Bev? Andaste a fazer alguma coisa com algum rapaz?» E se ela dissesse que sim ou se dissesse que não, haveria um movimento rápido, tão rápido e tão forte que nem doeria a princípio; demorava alguns segundos para o vácuo se dissipar e a dor preencher o sítio onde ele estivera. E então, a voz dele de novo, simpática: «Preocupo-me *muito* contigo, Beverly. Preocupo-me *demasiado*. Tens de crescer, não é verdade?»

O pai podia ainda viver ali em Derry. Estivera ali da última vez que tivera notícias dele, mas isso tinha sido... há quanto tempo? Dez anos? Muito antes de ela casar com Tom, em todo o caso. Recebera um postal dele, não um postal simples como aquele no qual o poema fora escrito, mas um com a imagem da horrível estátua de plástico de Paul Bunyan que se erguia diante do Centro Municipal. A estátua fora erigida durante a década de cinquenta e constituíra um dos marcos da infância dela, mas o postal do pai não despertara nostalgia nenhuma nem lembranças; podia muito bem ser um postal com o Gateway Arch de Saint Louis ou a Ponte Golden Gate em São Francisco.

«Espero que estejas bem e te portes bem», dizia o postal. «Espero que me mandes alguma coisa se puderes, porque não tenho muito. Amo-te, Bevvie. Pai.»

Amara-a, e de certa forma ela achava que isso tinha tudo que ver com o motivo por que se apaixonara tão desesperadamente por Bill Denbrough naquele longo verão de 1958 — porque, de todos os rapazes, Bill era o que projetava a autoridade que ela associava ao pai... mas era um tipo diferente de autoridade, de certa maneira. Era autoridade que ouvia. Nem nos seus olhos nem no seu comportamento reconhecera a premissa paterna, segundo a qual a existência da autoridade era justificada apenas pela *preocupação* ... como se as pessoas fossem animais de estimação, para serem mimadas e também punidas.

Fosse qual fosse o motivo, no final da primeira reunião deles como grupo completo em julho daquele ano, da reunião que Bill liderara de forma tão completa e sem esforço, ela já estava louca e completamente apaixonada por ele. Chamar-lhe amor pré-adolescente era como dizer que um *Rolls-Royce* era um veículo de quatro rodas, semelhante a uma carroça de feno. Ela não se ria nem ficava vermelha quando o via, nem escrevia o nome dele com giz em árvores nem nas paredes da Ponte dos Beijos. Apenas vivia sempre com o rosto dele no coração, como uma espécie de dor doce e perene. Teria morrido por ele.

Supunha ser natural querer acreditar que tinha sido Bill quem lhe mandara o poema de amor... embora nunca tenha chegado ao ponto de se convencer a si mesma disso. Não, ela soubera quem tinha escrito o poema. E, mais tarde, em algum momento, o autor não lhe admitira isso? Sim, Ben contara-lhe (apesar de não conseguir lembrar-se, por nada no mundo, nem quando nem em que circunstâncias ele o dissera em voz alta) e, apesar de o amor dele por ela ter sido quase tão bem escondido como o amor que ela sentira por Bill,

*(mas disseste-lhe Bevvie disseste-lhe que o amavas)*

era óbvio para qualquer pessoa que olhasse com atenção (e que fosse meiga). Percebia-se pela forma como ele guardava sempre um espaço cuidadoso entre eles, pela inspiração dele quando ela lhe tocava no braço ou na mão, pela forma como se vestia quando sabia que se encontraria com ela. O querido, doce e gordo Ben.

De alguma forma, aquele difícil triângulo pré-adolescente acabara. *Como* terminara era uma das coisas de que ainda não conseguia lembrar-se. Achava que Ben tinha confessado a autoria e o envio do pequeno poema de amor. Achava ter dito a Bill que o amava, que o amaria para sempre. E, de alguma forma, essas duas informações tinham ajudado a salvar a vida de todos... Seria possível? Não conseguia lembrar-se. Essas recordações (ou melhor, recordações de recordações) eram como ilhas que não eram realmente ilhas, mas apenas bocados de um coral que por acaso surgira acima da superfície, não separados, mas formando uma única peça. No entanto, sempre que ela tentava mergulhar e ver o resto, uma imagem enlouquecedora interferia: os estorninhos que voltavam a cada primavera para Nova Inglaterra, cobrindo as linhas telefónicas, árvores e telhados, lutando por espaço e ocupando o ar frio de fim de março com os seus mexericos barulhentos. Essa imagem voltou à sua mente repetidas vezes, estranha e perturbadora, como uma sinal forte que esconde o sinal que realmente se quer captar.

Percebeu de repente, chocada, que estava diante da Kleen-Kloze Washateria, para onde ela, Stan Uris, Ben e Eddie tinham levado os panos naquele dia no fim de junho, panos manchados de sangue que só eles conseguiam ver. As janelas mostravam-se opacas devido a sabão, e havia um cartaz escrito à mão com as palavras PROPRIETÁRIO VENDE colado à porta. Ao olhar por entre as partes ensaboadas, ela conseguiu ver um

apartamento vazio com quadrados mais claros nas paredes sujas e amareladas a marcar o local onde tinham estado as máquinas.

*Estou a caminho de casa*, pensou ela com tristeza, mas prosseguiu mesmo assim.

O bairro não tinha mudado muito. Algumas árvores já lá não estavam, provavelmente ulmeiros vítimas de alguma praga. As casas pareciam maltratadas; havia mais janelas partidas do que quando ela era criança. Algumas das vidraças partidas tinham sido substituídas por cartão. Outras, não.

E ali estava ela, em frente ao número 127 de Lower Main Street. Ainda ali se encontrava. O branco descascado do qual ela se lembrava tinha-se tornado castanho chocolate descascado a certa altura durante os anos passados, mas o local ainda era inconfundível. Ali estava a janela do que fora a cozinha; ali estava a janela do seu quarto.

*(Jim Doyon, sai da estrada! Sai imediatamente, ou queres ser atropelado e morrer?)*

Bev estremeceu e cruzou os braços sobre os seios, acomodando os cotovelos nas palmas das mãos.

*O pai pode ainda viver aqui; ah, pode mesmo. Não se mudaria a não ser que fosse obrigado. Vai até lá, Beverly. Olha para as caixas de correio. Três caixas para três apartamentos, como antigamente. E se houver uma a dizer MARSH, podes tocar à campainha e em breve vais ouvir chinelos a serem arrastados pelo corredor, a porta vai abrir-se e podes olhar para ele, o homem cujo esperma te fez ruiva, canhota e te deu a capacidade de desenhar... lembras-te de como ele desenhava? Conseguia desenhar qualquer coisa que quisesse. Se lhe apetecesse, claro. Não lhe apetecia com frequência. Acho que tinha muitas coisas com que se preocupar. Mas quando lhe dava na veneta, passavas horas sentada a vê-lo desenhar gatos, cães, cavalos e vacas com um MUU a sair da boca em balõesinhos. Rias-te e*

*ele ria-se, e ele dizia «Agora tu, Bevvie» e, quando seguravas a caneta, ele guiava a tua mão e vias a vaca ou o gato ou o homem sorridente a surgir sob os teus dedos enquanto sentias o cheiro da loção pós-barba Mennen Skin Bracer e o calor da pele dele. Vai até lá, Beverly. Toca à campainha. Ele virá e estará velho, as rugas no seu rosto serão fundas, e os dentes, os que tiverem restado, vão estar amarelados; vai olhar para ti e dizer «Ora, é a Bevvie, a Bevvie veio a casa ver o velho pai, entra, Bevvie, estou tão contente por te ver, estou contente porque me preocupo contigo, Bevvie, porque me preocupo MUITO.»*

Subiu lentamente o caminho, e as ervas a crescerem entre as placas rachadas de betão roçaram as pernas das calças de ganga. Olhou com atenção para as janelas do rés do chão, mas tinham cortinas. Observou para as caixas de correio. Segundo andar, STARKWEATHER. Primeiro andar, BURKE. Rés do chão (ela susteve a respiração), MARSH.

*Mas não vou tocar à campainha. Não quero vê-lo. Não vou tocar à campainha.*

Por fim, uma decisão firme! A decisão que abria as portas para uma vida cheia e útil de decisões firmes! Voltou pelo caminho! Para o centro da cidade! Até ao Derry Town House! Fez a mala! Apanhou um táxi! Um avião! Correu com Tom! Viveu com sucesso! Morreu feliz!

Tocou à campainha.

Ouviu o toque familiar na sala de estar, o toque que sempre parecera aos seus ouvidos um nome chinês: *Ching-Chong!* Silêncio. Ninguém. Oscilou de um pé para o outro, sentindo uma súbita necessidade de urinar.

*Não está ninguém em casa, pensou ela, aliviada. Posso ir-me já embora.*

Em vez de ir, tocou de novo: *Ching-Chong!* Nada. Pensou no poema encantador de Ben e tentou lembrar-se exatamente de quando e como ele confessara a sua autoria, e por que motivo, por um breve segundo, isso gerou uma associação ao seu primeiro ciclo menstrual. Tinha começado a

menstruar aos onze anos? Com certeza que não, embora os seios tivessem começado a crescer dolorosamente no meio do inverno. Porquê...? E então, intrometendo-se, uma imagem mental de milhares de estorninhos em linhas telefónicas e telhados, todos a palrar para o céu branco de primavera.

*Vou-me embora. Já toquei duas vezes; isso basta.*

Mas tocou de novo.

*Ching-Chong!*

Então ouviu alguém aproximar-se, e o som foi exatamente como imaginara: o sussurro cansado de chinelos velhos. Olhou em volta desesperadamente e esteve quase, quase a desatar a correr. Conseguiria descer o caminho de betão e dobrar a esquina, deixando o pai a pensar que fora apenas uma brincadeira de criança? «Desculpe, tem o *Prince Albert* em lata?»

Exalou de repente e teve de contrair a garganta, porque o que queria sair era uma gargalhada de alívio. Não era o pai. À porta e a olhar para ela encontrava-se uma mulher que parecia andar perto dos oitenta anos. O cabelo era comprido e bonito, quase todo branco, mas com madeixas de puro ouro. Por trás dos óculos sem aros estavam olhos azuis como as águas dos fiordes de onde os seus antepassados talvez tivessem vindo. Usava um vestido roxo de seda. Estava velho, mas ainda era elegante. O rosto cheio de rugas tinha uma expressão bondosa.

— Sim, menina?

— Desculpe — disse Beverly. A vontade de rir passara com a mesma rapidez que surgira. Reparou que a senhora usava um camafeu ao pescoço. Devia ser de marfim, rodeado por uma tira de ouro tão fina que era praticamente invisível. — Devo ter tocado à campainha errada. — *Ou tocado à campainha errada de propósito*, sussurrou a sua mente. — Procuro os Marsh.

— Marsh? — Ela enrugou a testa delicadamente.

— Sim, sabe...

— Não há aqui ninguém chamado Marsh — disse a idosa.

— Mas...

— A não ser... não está a falar do Alvin Marsh, está?

— Sim! — exclamou Beverly. — O meu pai!

A mão da idosa foi até ao camafeu e tocou nele. Olhou com mais atenção para Beverly, fazendo-a sentir-se ridiculamente jovem, como se devesse ter uma caixa de bolachas de escuteiras nas mãos, ou talvez umas bandeirinhas dos Derry High School Tigers. E então a mulher sorriu... um sorriso amável, mas que tinha o seu quê de triste.

— A menina desapareceu mesmo. Não queria ser eu a dar-lhe a notícia, uma desconhecida, mas o seu pai morreu há cinco anos.

— Mas... na campanha...

Ela olhou de novo e emitiu um som baixo e perplexo que não era bem uma gargalhada. Na sua agitação, na certeza subconsciente de que o pai ainda estaria ali, confundira KERSH COM MARSH.

— É a senhora Kersh? — perguntou. Estava estarecida com a notícia, mas também se sentia idiota pelo erro. A senhora pensaria que ela devia ser semianalfabeta.

— Senhora Kersh — concordou ela.

— A senhora... conheceu o meu pai?

— Muito pouco o conheci — respondeu a senhora Kersh.

Soava um pouco como Yoda em *O Império Contra-Ataca*, e Beverly sentiu vontade de rir de novo. Em que outro momento experimentara as mesmas mudanças bruscas de emoção? A verdade era que não conseguia lembrar-se ... mas teve o terrível pressentimento de que se lembraria em breve.

— Alugou este apartamento antes de mim. Vimo-nos durante alguns dias, eu a vir e ele a ir. Mudou-se para Roward Lane. Sabe onde é?



— Sim — disse Beverly.

Roward Lane começava na Lower Main Street a quatro quarteirões dali, onde os apartamentos eram menores e mais miseráveis.

— Via-o às vezes no mercado de Costello Avenue — disse a senhora Kersh —, e na Washateria antes de fechar. Trocávamos cumprimentos de tempos a tempos. Nós... menina, está muito pálida. Sinto muito. Entre e faça-lhe um chá.

— Não, não quero incomodá-la — murmurou Beverly, mas na verdade sentia-se pálida, como gás quase transparente. Um chá saberia bem, e uma cadeira para se sentar e bebê-lo.

— Não é incómodo nenhum — disse a senhora Kersh calorosamente. — É o mínimo que posso fazer por lhe ter dado uma notícia tão desagradável.

Antes de poder protestar, Beverly viu-se a ser levada pelo corredor escuro para o interior do seu antigo apartamento, que parecia mais pequeno, mas seguro. Seguro, achava ela, porque tudo estava diferente. Em vez da mesa de fórmica cor-de-rosa com três cadeiras, havia uma pequena mesa redonda, não muito maior do que uma mesa de canto, com flores de seda numa jarra de cerâmica. Em vez do velho frigorífico *Kelvinator* com o motor redondo por cima (o pai passava a vida a lutar com ele para o manter a funcionar), havia um *Frigidaire* cor de cobre. O fogão era pequeno, mas de aspeto eficiente. Havia um micro-ondas *Amana RadarRange* por cima. Cortinas azuis cobriam as janelas, e ela conseguia ver vasos com flores do lado de fora. O piso, de linóleo quando ela era criança, fora arrancado e exibia a madeira original. Várias aplicações de cera tinham-no deixado brilhante.

A senhora Kersh olhou para ela do fogão, onde estava pousar uma chaleira.

— Cresceu aqui?

— Sim — disse Beverly. — Mas está diferente... tão bem cuidado e arrumado... maravilhoso!

— É muito amável — disse a senhora Kersh, e o seu sorriso fê-la mais nova. Era radioso. — Tenho algum dinheiro, sabe? Não muito, mas vivo bem com a minha reforma. Vivi na Suécia em criança. Vim para este país em 1920, com catorze anos e sem dinheiro, que é a melhor maneira de aprender o valor dele, não acha?

— Acho — disse Bev.

— No hospital trabalhei — disse a senhora Kersh. — Muitos anos, desde 1925 trabalhei ali. Cheguei ao cargo de zeladora-chefe. Todas as chaves eu tinha. O meu marido investiu bem o nosso dinheiro. Agora, cheguei a este porto seguro. Dê uma vista de olhos, menina, enquanto a água ferve!

— Não, não posso...

— Por favor... ainda me sinto culpada. Dê uma olhadela se quiser!

E assim, ela deu uma volta pela casa. O quarto dos pais era o quarto da senhora Kersh, e a diferença era enorme. O quarto parecia mais iluminado e arejado. Uma grande arca de cedro, com as iniciais R.G. entalhadas, espalhava o seu delicado aroma no ar. Uma enorme colcha de retalhos cobria a cama. Nela, distinguia-se o desenho de mulheres a buscar água, rapazes a conduzir gado, homens a fazer montes de feno. Uma colcha linda.

O quarto de Bev tinha-se tornado uma sala de costura. Havia uma máquina *Singer* preta sobre uma mesa de ferro debaixo de dois eficientes candeeiros *Tensor*. Numa parede estava pendurada uma imagem de Jesus, na outra, uma fotografia de John F. Kennedy. Havia uma bonita cristaleira sob a foto de JFK. Estava cheia de livros em vez de louça, mas não parecia pior por isso.

Por último, foi à casa de banho.

Tinha sido remodelada em tons rosados discretos, nada berrantes. Todas as louças eram novas, mas mesmo assim ela aproximou-se do lavatório sentindo que o velho pesadelo a tinha agarrado de novo; olharia para aquele olho preto e sem pálpebra, os sussurros começariam e o sangue...

Inclinou-se para o lavatório, teve um vislumbre do seu rosto pálido e olhos escuros no espelho acima e fitou aquele olho, esperando as vozes, as gargalhadas, os grunhidos, o sangue.

Não soube quanto tempo ficou ali inclinada, à espera das visões e dos sons de vinte e sete anos antes; foi a voz da senhora Kersh que a trouxe de volta.

— Chá, menina!

Endireitou-se, a semi-hipnose interrompida, e saiu da casa de banho. Se houvera magia negra nalgum ponto daquele cano, já não existia... ou estava a dormir.

— Oh, não era preciso!

A senhora Kersh olhou para ela animada, com um ligeiro sorriso.

— Ora, menina, se soubesse como é raro eu ter visitas, não diria isso. Faço mais do que isto ao homem da Bangor Hydro que vem ler o contador! Estou a engordá-lo!

Havia chávenas e pires delicados sobre a mesa redonda da cozinha, brancas com rebordos azuis. Um prato com bolinhos e bolachas. Ao lado dos doces, um bule de peltre libertava vapor e uma fragrância agradável. Bev pensou que só faltavam as pequenas sanduíches em pão de forma com a côdea aparada: *sandwichesdatia* era como pensava nelas, sempre uma única palavra. Os três tipos principais de sanduíches da tia eram de queijo creme com azeitonas, agrião e de salada de ovo.

— Sente-se — disse a senhora Kersh. — Sente-se, menina, e eu sirvo o chá.

— Não sou menina — respondeu Beverly, e levantou a mão para mostrar a aliança.

A senhora Kersh sorriu e agitou a mão. *Disparate*, dizia o gesto.

— Chamo menina a todas as raparigas jovens e bonitas — disse ela. — É uma questão de hábito. Não se ofenda.

— Não — disse Beverly. — Nem pensar. — Mas, por algum motivo, sentiu um leve desconforto: havia alguma coisa no sorriso da idosa que parecia um pouco... quê? Desagradável? Falso? Sagaz? Mas isso era ridículo, não era?

— Adorei o que fez ao apartamento.

— Sim? — disse a senhora Kersh, e serviu o chá.

A aparência era escura, lamacenta. Beverly não sabia se queria bebê-lo... e, de repente, não sabia se ainda queria estar ali.

*Dizia mesmo Marsh sob a campainha*, sussurrou de repente a sua mente, e ela sentiu medo.

A senhora Kersh passou-lhe a chávena de chá.

— Obrigada — disse Beverly. A aparência podia ser lamacenta, mas o aroma era maravilhoso. Provou-o. Era bom. *Deixa de ter medo de sombras*, ordenou a si mesma. — Aquela arca de cedro é uma peça maravilhosa.

— É uma relíquia! — disse a senhora Kersh, e riu.

Beverly reparou que a beleza da idosa só tinha um defeito, bastante comum ali no norte. Os seus dentes eram maus. Fortes, sim, mas feios, amarelados, e os dois incisivos da frente estavam encavalitados. Os caninos pareciam muito longos, semelhantes a presas.

*Eram brancos... Quando ela foi abrir a porta, sorriu e pensaste que eram realmente muito brancos.*

De repente, o seu medo aumentou. De repente, quis, *precisava* de estar longe dali.

— Muito velha, ah, sim! — exclamou a senhora Kersh, e bebeu a chávena de chá de um trago, com um sorvo repentino e chocante.

Sorriu para Beverly, um sorriso tenso, e Beverly viu que os olhos da mulher também tinham mudado. As córneas estavam amarelas, antigas, cobertas de linhas vermelhas irregulares. O cabelo ficara mais fino; a trança parecia maltratada, já não prateada com madeixas douradas, mas grisalha e sem vida.

— Muito velha — repetiu a senhora Kersh por cima da chávena vazia, olhando maliciosamente para Beverly com os olhos amarelados. Os dentes encavalitados apareceram naquele sorriso repelente, predador. — De casa veio comigo. O RG entalhado? Reparou?

— Reparei. — A voz veio de longe, e uma parte do seu cérebro gritou: *Se ela não souber que reparaste na mudança, talvez ainda estejas em segurança, se ela não souber, não perceber...*

— O meu pai — disse ela, e Beverly viu que o vestido também mudara. Adquirira uma tonalidade preta escabrosa e desbotada. O camafeu era uma caveira, com o maxilar aberto numa expressão doentia. — Chamava-se Robert Gray, mais conhecido por Bob Gray, mais conhecido como Pennywise, o Palhaço Dançarino. Embora esse também não fosse o seu nome. Mas ele adorava piadas, o meu pai.

Riu-se de novo. Alguns dos dentes tinham ficado tão pretos como o vestido. As rugas na pele estavam mais profundas. A pele rosada e leitosa tinha adquirido um tom amarelo doentio. Os dedos eram garras. Sorriu para Beverly.

— Coma qualquer coisa, minha querida.

A sua voz tinha subido meia oitava, mas a oitava falhava naquele registo, e a voz soava como a porta de uma cripta a balançar com as dobradiças cobertas de terra preta.

— Não, obrigada — ouviu-se dizer Beverly numa voz aguda de criança desejosa de sair dali. As palavras não pareceram originar no seu cérebro; na verdade, saíram da boca e tiveram de viajar até os ouvidos para ela ficar ciente do que havia dito.

— Não? — perguntou a bruxa, e sorriu.

As suas garras arranharam o prato e, com as duas mãos, começou a enfiar na boca bolachas finas de melão e delicadas fatias de bolo com cobertura. Os dentes horríveis subiam e desciam, subiam e desciam; as unhas, longas e sujas, enterravam-se nos doces; as migalhas caíam pelo queixo ossudo. O hálito dela tinha o cheiro a velhos cadáveres rebentados pelos gases da sua própria decomposição. A gargalhada era um riso fúnebre. O cabelo estava mais fino. O couro cabeludo a descamar aparecia em alguns pontos.

— Ah, ele adorava piadas, o meu pai! Isto é uma piada, menina, se gosta de piadas: o meu pai pariu-me, em vez da minha mãe. Cagou-me pelo cu! Eh! Eh! Eh!

— Tenho de me ir embora — ouviu-se Beverly dizer com aquela mesma voz aguda e ferida, a voz de uma menina que fizeram passar vergonha na sua primeira festa.

Não tinha força nas pernas. Estava vagamente ciente de que não era chá na sua chávena, mas merda, merda líquida, um pequeno brinde dos esgotos sob a cidade. Tinha bebido *um pouco* daquilo, apenas um gole, *meu Deus, meu Deus, por favor, por favor...*

A mulher estava a encolher diante dela, a emagrecer; era uma anciã com rosto de maçã murcha sentada do outro lado da mesa, a rir com voz alta e aguda e a balançar-se para a frente e para trás.

— Ah, o meu pai e eu somos um só — disse ela —, só eu, só ele, e, querida, se for esperta, vai correr, correr de novo para onde veio, e depressa,

porque ficar vai ser pior do que a sua morte. Ninguém que morre em Derry morre a sério. Já sabia isso antes; agora acredite.

Em câmara lenta, Beverly uniu as pernas. Como se de fora, viu-se ficar em pé e recuar da mesa e da bruxa num tormento de horror e descrença, descrença porque percebeu pela primeira vez que a mesinha da sala de jantar não era de carvalho escuro, mas de chocolate. Enquanto olhava, a bruxa, ainda a rir, com os olhos amarelados e velhos desviados maliciosamente para o canto da sala, partiu um bocado dela e enfiou-o avidamente no buraco preto que era a sua boca.

Bev viu que as chávenas eram de casca branca, cuidadosamente enfeitadas com cobertura azul. As imagens de Jesus e John Kennedy eram criações de fios de açúcar quase transparentes, e quando olhou para elas, Jesus deitou a língua de fora e Kennedy deu-lhe uma piscadela de olho sedutora.

— Estamos todos à tua espera! — gritou a bruxa, e as suas unhas arranharam a superfície da mesa de chocolate, fazendo marcas profundas. — Ah sim! Ah sim!

O candeeiro do teto tinha globos de rebuçado. Os rodapés eram tiras de caramelo. Olhou para baixo e viu que os seus sapatos estavam a deixar marcas no soalho, que não era de madeira, mas feito de barras de chocolate. O cheiro a doces era sufocante.

*Meu Deus é Hänsel e Gretel é a bruxa que sempre me meteu mais medo porque comia as crianças...*

— *Tu e os teus amigos!* — gritou a bruxa, a rir. — *Tu e os teus amigos! Na gaiola! Na gaiola até o forno estar quente!*

Riu loucamente, e Beverly correu para a porta, mas correu como que em câmara lenta. As gargalhadas da bruxa giravam em volta da sua cabeça, como uma nuvem de morcegos. Beverly gritou. O corredor tresandava a açúcar, chocolate e caramelo e a enjoativos morangos sintéticos. A

maçaneta, imitação de cristal quando ela entrara, era um monstruoso diamante de açúcar.

— *Preocupo-me contigo, Bevvie... preocupo-me muito!*

Ela virou-se, com madeixas de cabelo ruivo a voar em volta do rosto, e viu o pai a cambalear na direção dela pelo corredor, usando o vestido preto da bruxa e o camafeu da caveira; o rosto do pai estava coberto de carne mole e semilíquida, com olhos pretos como obsidianas, as mãos a abrir e a fechar, a boca a sorrir com famélico fervor.

— *Eu batia-te porque queria te foder, Bevvie, era só o que queria fazer, queria foder-te, queria comer-te, queria comer a tua rata, queria chupar o teu clitóris, humm, Bevvie, aaaahhhhh, que delícia, queria meter-te na gaiola... e aquecer o forno... e sentir a tua cona... a tua cona gordinha... e quando estivesse suficientemente gordinha para comer... comer... comer...*

Gritando, ela agarrou na maçaneta pegajosa e saiu para um alpendre decorado com praliné e chão de caramelo. Ao longe, distantes, parecendo dançar na sua visão, viu carros a circular e uma mulher a empurrar um carrinho com compras do Costello's.

*Tenho de sair daqui, pensou, quase incoerente. Aquilo ali fora é a realidade, se eu conseguir chegar ao passeio...*

— Não serve de nada correr, Bevvie — disse o pai  
(o meu pai)

a rir. — Esperámos muito tempo por isto. Vai ser *divertido*. Vai ser uma DELÍCIA para TODOS.

Olhou para trás de novo, e o pai morto não usava o vestido preto da bruxa, mas a roupa de palhaço com os grandes botões laranja. Tinha na cabeça um gorro de pele ao estilo de 1958, popularizado por Fess Parker no filme da Disney sobre Davy Crockett. Numa das mãos, segurava alguns balões. Na outra, segurava a perna de uma criança como uma coxa de frango. Escrita em cada balão estava a legenda A COISA VEIO DO ESPAÇO.



— Diz aos teus amigos que sou o último de uma raça em extinção — declarou a Coisa, esboçando o sorriso encovado enquanto cambaleava e se arrastava pelos degraus do alpendre atrás dela. — O único sobrevivente de um planeta moribundo. Vim roubar todas as mulheres... violar todos os homens... e aprender a dançar o Peppermint Twist!

Começou a fazer uma dança louca, com os balões numa das mãos e a perna cortada e ensanguentada na outra. A roupa de palhaço agitava-se, mas Beverly não sentia vento nenhum. As suas pernas tropeçaram uma na outra e ela caiu no passeio, esticando as mãos para aguentar o impacto, que subiu até aos ombros. A mulher que empurrava o carrinho de compras fez uma pausa e olhou para trás com dúvida, depois continuou um pouco mais depressa.

O palhaço continuou na direção dela e deitou fora a perna decepada. Aterrou no relvado com um baque indescritível. Beverly ficou deitada no chão por um instante, com a certeza de que em algum momento acordaria em breve, aquilo não podia ser real, tinha de ser um sonho...

Compreendeu que isso não era verdade um momento antes de os dedos tortos e longos como garras do palhaço lhe tocarem. A Coisa era real; a Coisa podia matá-la. Como tinha matado as crianças.

— *Os estorninhos sabem o teu nome verdadeiro!* — gritou ela para a Coisa de repente.

A Coisa encolheu-se, e pareceu a Beverly que, por um momento, o sorriso nos lábios (dentro do grande sorriso vermelho pintado em volta da boca) se converteu numa careta de ódio e dor... e talvez também de medo. Podia ser apenas a sua imaginação, e ela não fazia ideia do motivo de ter dito uma coisa tão louca, mas, com isso, ganhou um instante.

Levantou-se e desatou a correr. Ouvia-se um chiar de travões, e uma voz rouca, furiosa e assustada gritou:

— Porque não vê para onde vai, sua idiota?

Teve uma visão desfocada da carrinha de padaria que quase a atropelara quando correu para a estrada como uma criança atrás de uma bola, e pouco depois estava no passeio oposto, ofegante, com uma dor forte no flanco esquerdo. A carrinha prosseguiu pela Lower Main.

O palhaço tinha desaparecido. A perna tinha desaparecido. A casa ainda ali se encontrava, mas viu que estava em ruínas e desabitada, com as janelas entaipadas e os degraus do alpendre rachados e partidos.

*Estive mesmo lá dentro ou sonhei tudo?*

Mas as suas calças de ganga estavam sujas, a túnica amarela manchada de pó.

E tinha chocolate nos dedos.

Esfregou-os nas pernas das calças e afastou-se depressa, com o rosto quente, as costas geladas, os olhos a parecerem pulsar ao ritmo rápido do coração.

*Não podemos vencer a Coisa. Seja lá o que for, não podemos vencê-la. A Coisa até quer que tentemos. Quer ajustar contas. Não pode estar feliz com um empate, acho. Devíamos sair daqui... simplesmente ir-nos embora.*

Alguma coisa roçou no seu tornozelo, tão leve como a pata de um gato.

Ela encolheu-se com um gritinho. Olhou para baixo e fez uma careta, com uma das mãos sobre a boca.

Era um balão, amarelo como a sua túnica. Escritas a azul estavam as palavras ISSO MESMO, COELHO.

Viu-o seguir a balançar pela rua, levado pela brisa agradável do final da primavera.

*Bem, houve o dia em que o Henry e os amigos me perseguiram, antes do último dia de aulas...*

Richie estava a andar pela Outer Canal Street, depois do Bassey Park. Deteve-se, com as mãos enfiadas nos bolsos, e olhou para a Ponte dos Beijos, mas sem a ver realmente.

*Fugi deles na secção de brinquedos do Freese's...*

Andava sem destino desde o fim louco do almoço de reencontro, tentando fazer as pazes com as coisas horríveis que tinham estado nos biscoitos da sorte... ou que tinham parecido estar nos biscoitos. Achava que provavelmente nada saíra deles. Fora uma alucinação coletiva gerada pelas coisas assustadoras sobre as quais tinham estado a falar. A melhor prova dessa hipótese era que Rose não vira nada. Claro que os pais de Beverly também nunca tinham visto o sangue que saiu do ralo da casa de banho, mas não era a mesma coisa.

*Não? Porque não?*

— Porque agora somos adultos — murmurou ele, e descobriu que o pensamento não tinha poder nem lógica nenhuma; podia muito bem ser o refrão disparatado de uma canção para saltar à corda.

Retomou o seu caminho.

*Passei pelo Centro Municipal e sentei-me num banco de jardim durante algum tempo, e pensei ter visto...*

Parou de novo e franziu a testa.

Visto o quê?

*... mas foi apenas um sonho.*

Foi? Foi mesmo?

Olhou para a esquerda e viu o grande edifício de vidro, tijolo e aço que parecera tão moderno no final dos anos 1950, mas que se revelava antigo e foleiro.

*E aqui estou eu, pensou ele. De volta ao maldito Centro Municipal. Cena daquela outra alucinação. Ou sonho. Ou o que quer que tenha sido.*

Os outros viam-no como o Palhaço da Turma, o Exibicionista Maluco, e ele voltara facilmente a esse papel. *Ah, voltámos todos facilmente aos nossos antigos papéis, não reparaste?* Mas haveria alguma coisa de muito estranho nisso? Achava que era comum verem-se as mesmas coisas em cada reunião de turma de dez ou vinte anos: o palhaço da turma que descobrira a vocação para o sacerdócio voltaria quase automaticamente depois de dois copos a ser o brincalhão de antes; o Crânio de Literatura que acabara como vendedor num *stand* da General Motors de repente começaria a falar sobre John Irving ou John Cheever; o gajo que tocara com os Moondogs aos sábados à noite e se tornara professor de matemática em Cornell de repente via-se no palco com uma banda, com uma *Fender* pendurada ao ombro, a cantar «Gloria» ou «Surfin' Bird» com ferocidade alegre e embriagada. O que dissera Springsteen? «Não há recuos, não há rendição...» Mas era mais fácil acreditar nas músicas antigas a tocar no gira-discos depois de uns dois copos ou de um boa dose de erva.

Mas a alucinação estava na reversão, acreditava Richie, não na vida atual. Talvez a criança fosse o pai do homem, mas pais e filhos costumam ter interesses bastante diferentes e só uma semelhança passageira. Eles...

*Mas dizes adultos, e agora parece um disparate; parece muito blá-blá-blá. Porquê, Richie? Porquê?*

*Porque Derry está mais estranha do que nunca. Porque não deixamos as coisas como estão?*

Porque as coisas não eram tão simples. Por isso.

Em criança, ele fora o palhaço, um comediante às vezes ordinário, às vezes divertido, porque era uma forma de sobreviver sem ser morto por rapazes como Henry Bowers ou ficar absolutamente louco de tédio e solidão. Percebia que boa parte do problema estivera na sua própria cabeça,

que costumava andar a uma velocidade dez a vinte vezes maior do que a dos colegas. Tinham-no achado estranho, esquisito ou até suicida, dependendo da ocorrência, mas talvez tenha sido um simples caso de hiperatividade mental, se é que pode ser simples o facto de se estar em constante hiperatividade mental.

De qualquer forma, era o tipo de coisa que se passava a controlar depois de algum tempo. Passava-se a controlar ou encontravam-se formas de a canalizar, com personagens como Kinky Briefcase ou Buford Kissdrivel, por exemplo. Richie descobrira isso nos meses depois ter ido parar à estação de rádio da faculdade, praticamente por impulso, e encontrara tudo o que sempre quisera durante a sua primeira semana atrás do microfone. Não fora muito bom de início; estivera demasiado excitado para ser bom. Mas compreendera o seu potencial de não ser apenas bom no trabalho, mas excelente, e saber isso bastou para que ficasse no sétimo céu, numa nuvem de euforia. Ao mesmo tempo, começara a entender o grande princípio que movia o universo, pelo menos a parte do universo relacionada com carreiras e êxito: encontrava-se o maluco que andava às voltas dentro de nós a dar-nos cabo da vida. Encurralávamo-lo num canto e agarrávamo-lo. Mas não o matávamos. Ah, não. Matar era demasiado bom para *aquele* estupor. Enfiávamos-lhe um arreio no pescoço e começávamos a arar. O maluco trabalhava como um demónio assim que o controlávamos. E proporcionava algumas casquinadas de tempos a tempos. Era só isso. E bastava.

Ele fora engraçado, fora mesmo, uma gargalhada por minuto, mas no final superara os pesadelos que viviam no lado obscuro de tantas gargalhadas. Ou achava que superara. Até àquele dia, quando a palavra *adulto* deixara de repente de fazer sentido aos seus ouvidos. E aqui estava outra coisa com que lidar, ou pelo menos sobre a qual pensar; aqui estava a enorme e completamente idiota estátua de Paul Bunyan em frente ao Centro Municipal.

*Devo ser a exceção que confirma a regra, Grande Bill.*

*Tens a certeza de que não havia nada, Richie? Nada mesmo?*

*No Centro Municipal... Pensei ter visto...*

Uma dor aguda perfurou os seus olhos pela segunda vez naquele dia e ele cobriu-os com as mãos, com um gemido assustado a sair da boca. A seguir tornou a desaparecer, tão rapidamente como surgira. Mas também sentira o cheiro a alguma coisa, não? Alguma coisa que não estava realmente ali, mas alguma coisa que *estivera* ali, alguma coisa que o fez pensar em

*(estou aqui contigo Richie agarra na minha mão podes constipar-te)*

Mike Hanlon. Foi *fumo* que fizera os seus olhos arderem e lacrimejarem. Vinte e sete anos antes, eles tinham inspirado aquele fumo; no final, só estivera Mike e ele, e tinham visto...

Mas desapareceu.

Aproximou-se um passo da estátua de plástico de Paul Bunyan, tão espantado pela sua vulgaridade alegre como se sentira impressionado pelo seu tamanho em criança. O mítico Paul tinha seis metros de altura, e a base acrescentava quase dois metros. Sorria para o tráfego de carros e peões em Outer Canal Street desde a orla do relvado do Centro Municipal. O Centro Municipal tinha sido construído em 1954-55 para uma equipa de basquete que nunca chegara a materializar-se. A Câmara Municipal de Derry aprovara o dinheiro para a estátua um ano depois, em 1956. Fora um debate acalorado tanto nas reuniões públicas da Câmara como nas cartas ao editor do *News* de Derry. Muitos pensaram que seria uma estátua linda, que acabaria por se tornar uma atração turística importante. Outros acharam a ideia de um Paul Bunyan de plástico horrível, de mau gosto e bastante vulgar. Richie lembrava-se de que a professora de arte do secundário escrevera uma carta ao *News* a dizer que, se uma monstruosidade daquelas

fosse realmente erigida em Derry, ela iria fazê-la explodir. Sorrindo, Richie perguntou-se se o contrato *daquela* professora teria sido renovado.

A controvérsia, que Richie reconhecia como típica de vila grande/cidade pequena, uma tempestade num copo de água, durou seis meses, e claro que foi completamente desprovida de sentido; a estátua fora comprada e, mesmo que a Câmara tivesse feito uma coisa tão aberrante (principalmente para Nova Inglaterra) como decidir não usar um item que fora pago, onde é que ela poderia ter sido *guardada*? Assim, a estátua, não esculpida, mas moldada em plástico no Ohio, fora colocada no sítio, ainda coberta com uma lona suficientemente grande para servir de vela a um clíper. A cerimónia de descerramento realizara-se a 13 de maio de 1957, no centésimo quinquagésimo aniversário do município. Uma fação deu voz a previsíveis gemidos de ira; a outra, a igualmente previsíveis gemidos de entusiasmo.

Quando Paul foi exibido naquele dia, usava calças de ganga com suspensórios e camisa axadrezada vermelha e branca. A barba estava esplendidamente preta, esplendidamente farta, esplendidamente lenhadora. Tinha um machado de plástico, sem dúvida o Godzilla de todos os machados de plástico, apoiado num ombro, e sorria sem parar para o céu do norte, que no dia da exibição estivera azul como a pele do célebre companheiro de Paul (*Babe* não estava presente na inauguração; o custo estimado de acrescentar um boi azul à cena era proibitivo).

As crianças que assistiram à cerimónia (havia centenas, e o Richie Tozier de dez anos, na companhia do pai, era uma delas) ficaram encantadas com o gigante de plástico. Pais levantaram crianças até ao pedestal quadrado onde Paul estava, tiraram fotografias e viram com um misto de apreensão e divertimento as crianças treparem e gatinharem, a rir, pelas enormes botas pretas de Paul (correção: enormes botas pretas *de plástico*).

Fora em março do ano seguinte que Richie, exausto e apavorado, acabara sentado num dos bancos em frente à estátua depois de fugir à tangente dos senhores Bowers, Criss e Huggins numa perseguição que começara na escola primária e atravessara a maior parte do centro. Conseguira por fim livrar-se dos rapazes no departamento de brinquedos dos armazéns Freese's.

A filial do Freese's em Derry era pobre quando comparada com a grande loja do centro de Bangor, mas naquela altura Richie não passara cartão a coisas do género. Vira aquilo como um porto seguro no meio da tempestade. Henry Bowers estivera logo atrás dele, e Richie sentira-se já exausto. Entrara pela porta giratória dos armazéns como último recurso. Henry, que aparentemente não entendia a física de um dispositivo daqueles, quase perdera as pontas dos dedos a tentar segurar Richie quando ele entrou na loja.

Ao correr escada abaixo, com a fralda da camisa a voar atrás de si, ouvira a porta giratória dar uma série de estalidos tão altos como os tiros na televisão e compreendeu que os Três Estarolas ainda estavam atrás dele. Ia a rir-se quando desceu as escadas para a cave, mas era apenas um tique nervoso; estava tão apavorado como um coelho preso numa armadilha. Os rapazes tencionavam mesmo dar-lhe uma tarefa desta vez (ele não fazia ideia de que, dali a umas dez semanas, acreditaria que os três, particularmente Henry, fossem capazes de qualquer coisa menos homicídio, e certamente teria ficado gelado de choque se soubesse da apocalíptica guerra de pedras em julho, quando até essa última cláusula restritiva desapareceria da sua mente). E todo o episódio fora genuinamente idiota.

Richie e os outros rapazes da turma de quinto ano iam a entrar no ginásio em fila. Uma turma de sexto ano, com Henry entre eles como um boi entre vacas, ia a sair. Apesar de ainda estar no quinto ano, Henry fazia educação física com os rapazes mais velhos. As tubagens no teto estavam



de novo a pingar, e o senhor Fazio ainda não tinha colocado a placa que dizia CUIDADO! PISO ESCORREGADIO! Henry escorregara numa poça e caíra de cu.

Antes de poder impedi-la, a boca traidora de Richie proferira:

— Boa, pés de banana!

Houvera uma explosão de gargalhadas tanto dos colegas de Henry como dos de Richie, mas não houvera um sorriso no rosto de Henry quando ele se levantara, apenas um rubor cor de tijolo.

— Trato de ti mais tarde, quatro-olhos — dissera ele, e afastara-se.

Os risos esmoreceram imediatamente. Os rapazes no corredor olharam para Richie como se ele já estivesse morto. Henry não parou para observar as reações; simplesmente afastou-se, com a cabeça baixa, os cotovelos vermelhos da queda, uma área grande e molhada no traseiro das calças. Ao olhar para o ponto molhado, Richie sentiu a boca suicida e espertinha abrir-se de novo... mas desta vez fechou-a tão depressa que quase amputou a ponta da língua com o baixar dos dentes.

*Ah, mas ele vai esquecer, disse a si mesmo com desconforto enquanto mudava de roupa no vestiário. Claro que vai. O velho Henry não tem assim tantos circuitos de memória a funcionar. De cada vez que caga deve ter de ler as instruções no manual, ah, ah.*

Ah, ah.

— Estás morto, Fala-Barato — disse Vince «Monco» Taliendo, puxando os calções para cobrir um pénis do tamanho e do formato de um amendoim anémico. Disse-o com um certo respeito triste. — Mas não te preocupes. Eu levo flores.

— Corta as orelhas e leva couves-flor — respondeu Richie, e toda a gente riu. Até o velho «Monco» Taliendo riu, porque não, podiam todos permitir-se dar umas gargalhadas. O quê, eu preocupar-me? Todos estariam em casa a ver Jimmy Dodd e os Mouseketeers no *Mickey Mouse Club* ou

Frankie Lymon a cantar «I'm Not a Juvenile Delinquent» no *American Bandstand* enquanto Richie corria pela secção de *lingerie* e pela de artigos para o lar a caminho da secção de brinquedos com suor a escorrer pelas costas até ao rego do cu e os tomates apavorados tão encolhidos que pareciam estar pendurados no umbigo. Claro, eles podiam rir. Ah-ah-ah-ah.

Henry não tinha a memória curta. Richie saía pela porta do jardim infantil da escola só por causa das tosses, mas Henry tinha colocado Arroto Huggins ali, *também* por causa das tosses. Ah-ah-ah-ah.

Richie viu Arroto primeiro, caso contrário não teria havido fuga. Arroto estava a olhar na direção do Derry Park, com um cigarro apagado numa das mãos e a tirar as calças do traseiro distraidamente com a outra. Com o coração a galopar, Richie atravessara silenciosamente o parque infantil e estava quase em Charter Street quando Arroto virou a cabeça e o viu. Gritou para chamar Henry e Victor, e a partir daí começara a perseguição.

Quando Richie chegou à secção de brinquedos, deparou-se com um cenário deprimente e deserto. Não havia sequer um vendedor no local, um adulto bem-vindo para pôr fim às coisas antes que elas se descontrolassem completamente. Conseguia ouvir os três dinossauros do apocalipse a aproximarem-se. E simplesmente já não conseguia correr. Cada respiração produzia uma dor aguda no seu flanco esquerdo.

O seu olhar pousou numa porta que dizia SAÍDA DE EMERGÊNCIA APENAS! ALARME AUTOMÁTICO! A esperança cresceu no seu peito.

Richie correu por um corredor cheio de caixas surpresa do Pato Donald, tanques do Exército dos Estados Unidos feitos no Japão, pistolas de fulminantes do Mascarilha, robôs de corda. Chegou à porta e empurrou a barra com o máximo de força que conseguiu. A porta abriu-se e permitiu a entrada do ar frio de março. O alarme disparou com um som estridente. Richie deu imediatamente meia-volta e pôs-se de gatas no corredor seguinte. Já estava no chão antes mesmo de a porta voltar a fechar-se.

Henry, Arroto e Victor entraram disparados na secção de brinquedos quando a porta se fechou e o alarme parou. Correram para ela, com Henry à frente, uma expressão firme e determinada.

Um vendedor apareceu finalmente a correr. Usava um avental azul de náilon por cima de um casaco axadrezado de fealdade insuportável. Os aros dos óculos eram tão cor-de-rosa como os olhos de um coelho branco. Richie achou que ele se parecia com Wally Cox a fazer o papel de Mr. Peepers e teve de encostar a boca traidora à parte gorda do antebraço para impedir-se de soltar uma série de gargalhadas exaustas.

— Rapazes! — exclamou Mr. Peepers. — Não podem sair por aí! É uma saída de emergência! Vocês! Ei! Rapazes!

Victor olhou para ele com um pouco de nervosismo, mas Henry e Arroto nem se viraram, e Victor seguiu-os. O alarme tocou de novo, por mais tempo desta vez, quando saíram para o beco. Antes de ele parar de soar, Richie já estava de pé a correr em direção à secção de *lingerie*.

— Vão ser proibidos de entrar na loja! — gritou-lhe o vendedor.

Richie olhou para trás por cima do ombro e gritou com a voz da Avó Resmungona:

— Já alguém lhe disse que é igual a Mister Peepers, meu jovem?

E assim, conseguira fugir. Assim, acabara a quilómetro e meio do Freese's, em frente ao Centro Municipal... e longe do perigo, esperava ele fervorosamente. Pelo menos, por enquanto. Estava exausto. Sentou-se num banco à esquerda da estátua de Paul Bunyan, querendo apenas um pouco de paz enquanto descansava. Dali a pouco, iria levantar-se e seguir para casa, mas de momento sabia muito bem estar sentado ao sol da tarde. O dia tinha começado escuro, frio e chuvoso, mas era possível acreditar que a primavera estava mesmo a chegar.

Noutro ponto do relvado, conseguiu ver o cartaz do Centro Municipal, que, naquele dia de março, exibia esta mensagem em grandes letras azuis

translúcidas:

EI, JOVENS!

DIA 28 DE MARÇO!

O ROCK-AND-ROLL DE ARNIE «WOO-WOO» GINSBERG!

JERRY LEE LEWIS

THE PENGUINS

FRANKIE LYMON AND THE TEENAGERS

GENE VINCENT AND THE BLUE CAPS

FREDDY «BOOM-BOOM» CANNON

UMA NOITE DE ENTRETENIMENTO SAUDÁVEL!!

Era um concerto a que Richie gostaria mesmo de assistir, mas sabia que não havia a mínima hipótese. A ideia que a mãe tinha de entretenimento saudável não incluía Jerry Lee Lewis a dizer aos jovens dos Estados Unidos que temos galinhas no celeiro, celeiro de quem, que celeiro, o meu celeiro. Não, também não incluía Freddy Cannon, cuja amiga de Tallahassee tinha um chassis de primeira. Estava disposta a admitir que já gritara por Frank Sinatra (a quem chamava Frank Arrogante) em adolescente, mas, tal como a mãe de Bill Denbrough, detestava *rock and roll*. Chuck Berry apavorava-a, e declarava que Richard Penniman, mais conhecido pelo público adolescente e pré-adolescente como Little Richard, a deixava com vontade de «regurgitar como uma galinha».

Era uma expressão cujo significado Richard nunca perguntara.

O pai era neutro a respeito do *rock and roll* e talvez pudesse ser convencido, mas Richie sabia bem que os desejos da mãe prevaleceriam no tocante a esse assunto, pelo menos até ele ter dezasseis ou dezassete anos. E, até lá, a mãe estava firmemente convencida de que a febre do *rock and roll* já teria passado à história.

Richie achava que Danny and the Juniors estavam mais certos sobre o assunto do que a mãe — o *rock and roll* nunca morreria. Adorava *rock*, apesar de as suas fontes serem apenas duas: o *American Bandstand* no Channel 7 à tarde e a WMEX de Boston à noite, quando o ar arrefecia e a voz rouca e entusiasmada de Arnie Ginsberg surgia em ondas, como a voz de um fantasma invocado numa sessão espírita. A batida fazia mais do que deixá-lo feliz. Fazia-o sentir-se maior, mais forte, mais presente. Quando Frankie Ford cantava «Sea Cruise» ou Eddie Cochran cantava «Summertime Blues», Richie sentia-se realmente transportado de alegria. Havia uma força naquelas músicas, uma força que parecia pertencer a todos os rapazes magricelas, rapazes gordos, rapazes feios, rapazes tímidos, os Falhados do mundo, em resumo. Nelas, sentia uma voltagem louca e hilariante que tinha o poder de matar e exaltar. Idolatrava Fats Domino (que fazia até Ben Hanscom parecer magro e belo) e Buddy Holly, que, como Richie, usava óculos, e Screaming Jay Hawkins, que saía de um caixão nos concertos (ou pelo menos fora o que lhe contaram), e os Dovells, que dançavam tão bem como se fossem negros.

Bom, *quase* tão bem.

Um dia teria todo o *rock and roll* que quisesse, pois tinha confiança de que ainda estaria se ouviria quando a mãe finalmente cedesse, mas não seria no dia 28 de março de 1958... nem em 1959... nem...

O seu olhar afastara-se do cartaz e então... bem... devia ter adormecido. Era a única explicação que fazia sentido. O que acontecera a seguir só podia acontecer em sonhos.

E ali estava ele de novo, um Richie Tozier que tinha finalmente todo o *rock and roll* que sempre quisera... e que descobrira com alegria que ainda não lhe bastava. Os seus olhos foram para o cartaz do Centro Municipal e viram que, graças um acaso horrendo, as mesmas letras azuis diziam:

14 DE JUNHO  
FEBRE HEAVY METAL!!  
JUDAS PRIEST  
IRON MAIDEN  
COMPRE BILHETES AQUI  
OU EM QUALQUER PONTO DE VENDA TICKETRON

*A certa altura, descartaram aquilo do «entretenimento saudável», mas, pelo que consigo perceber, é a única diferença, pensou Richie.*

E ouviu Danny and the Juniors, baixos e distantes, como vozes ouvidas no final de um longo corredor, a saírem de um rádio barato: *Rock and roll will never die, I'll dig it to the end... It'll go down in history, just you watch my friend...*

Richie voltou a olhar para Paul Bunyan, patrono de Derry. Derry que surgira, de acordo com as histórias, porque era ali que os troncos eram recolhidos quando desciam rio abaixo. Houvera uma época em que, na primavera, tanto o Penobscot como o Kenduskeag ficavam cobertos de troncos de um lado a outro, as cascas pretas a brilharem ao sol da primavera. Alguém que com pés velozes podia ir a pé do Wally's Spa no Quarteirão do Inferno até ao Ramper's em Brewster (o Ramper's era uma tasca de reputação tão má que costumava ser conhecida como Balde de Sangue) sem molhar as botas acima da terceira volta dos atacadores. Pelo menos, era o que se dizia na infância de Richie, e ele achava que havia um pouco de Paul Bunyan nessas histórias.

*O velho Paul, pensou ele, olhando para a estátua de plástico. O que andaste a fazer desde que me fui embora? Fizeste algum rio novo ao voltares para casa derreado e a arrastar o machado atrás de ti? Fizeste algum lago por queres uma banheira suficientemente grande para*

*poderes sentar-te com água até ao pescoço? Assustaste mais alguma criança como me assustaste naquele dia?*

Ah, e de repente lembrou-se de tudo, da mesma maneira que às vezes nos lembramos de uma palavra que temos na ponta da língua.

Estivera ali sentado ao sol ameno de março, a dormir um pouco, a pensar em ir para casa e ver a meia hora final de *Bandstand*, e de repente sentira um sopro quente de ar no rosto que lhe levantara o cabelo da testa. Olhou para cima, e a cara enorme de plástico de Paul Bunyan estava mesmo à sua frente, maior do que um rosto num ecrã de cinema, a ocupar tudo. A lufada de ar fora causada pelo movimento de Paul ao curvar-se... apesar de já não se parecer exatamente com Paul. A testa estava baixa e muito inclinada; tufo de cabelo saíam de um nariz tão vermelho como o de um bebedolas; os olhos estavam injetados e um era meio vesgo.

O machado já não se encontrava sobre o seu ombro. Paul estava apoiado no cabo, e a parte romba da cabeça tinha feito uma fenda no betão do passeio. Ainda sorria, mas não havia nada de alegre na sua expressão. Por entre gigantescos dentes amarelos saía um fedor a animais a apodrecer na vegetação quente.

— Vou comer-te — disse o gigante, com voz grave e retumbante. Era o som de rochedos a bater uns nos outros durante um terremoto. — A menos que devolvas a minha galinha, a minha harpa e os meus sacos de ouro, vou comer-te inteiro!

O hálito daquelas palavras fez a camisa de Richie voar como uma vela num furacão. Encolheu-se no banco, com os olhos a saltar e o cabelo espetado para todos os lados como os espinhos de um porco-espinho, envolto num aroma de carniça.

O gigante começou a rir. Pousou as mãos no cabo do machado como Ted Williams poderia ter agarrado no seu taco de basebol favorito (ou vara de freixo, se preferirem) e puxou-o do buraco que tinha provocado no

passeio. O machado começou a subir no ar. Emitiu um sussurro letal. Richie de repente entendeu que o gigante pretendia abri-lo ao meio.

Mas sentia que não conseguia mexer-se; apoderara-se dele uma espécie de apatia letárgica. Que importância tinha isso? Estava a dormir, a sonhar. A qualquer momento, algum condutor buzinará a uma criança a atravessar a rua e ele acordaria.

— Isso mesmo — gritou o gigante —, vais acordar no *inferno*! — E, no último instante, quando o machado chegou ao ponto mais alto e ficou lá, Richie entendeu que não era um sonho... e, se fosse, era um sonho que podia matar.

Tentando gritar, mas sem emitir qualquer som, rolou do banco para a área de gravilha que rodeava o que tinha sido uma estátua e era agora só uma base com dois enormes parafusos de aço espetados onde haviam estado os pés. O som do machado em movimento descendente encheu o mundo com o seu sussurro insistente; o sorriso do gigante tinha-se transformado na careta de um assassino. Os lábios estavam tão repuxados sobre os dentes que as gengivas de plástico, horrivelmente vermelhas, brilhavam.

A lâmina do machado atingiu o banco em que Richie estivera apenas um instante antes. A ponta estava tão afiada que quase não houve som, mas o banco foi partido em dois. As metades afastaram-se uma da outra, e a madeira dentro da superfície pintada de verde era de um branco intenso e doentio.

Richie estava deitado de barriga para cima. Ainda a tentar gritar, empurrou-se para trás com os calcanhares. A gravilha entrou-lhe pela gola da camisa, pelo cós das calças. E ali estava Paul, acima dele, a observá-lo com olhos do tamanho de tampas de esgoto; ali estava Paul, a olhar para um miúdo encolhido na gravilha.

O gigante deu um passo na sua direção. Richie sentiu o chão estremecer quando a bota preta desceu. Voou gravilha, formando uma nuvem.



Richie rolou para ficar de bruços e conseguiu levantar-se. As suas pernas já estavam a tentar correr antes de ele se equilibrar, e o resultado foi cair de barriga no chão novamente. Ouviu o ar abandonar-lhe os pulmões. O cabelo caiu nos olhos. Conseguia ver o trânsito a circular em Canal e Main Street como todos os dias, como se nada estivesse a acontecer, como se ninguém em nenhum daqueles carros conseguisse ver ou se importasse que Paul Bunyan tivesse ganhado vida e descido do pedestal para matar com um machado do tamanho de uma rulote.

A luz do sol foi obstruída. Richie jazia num bocado de sombra com forma de homem.

Pôs-se de joelhos, quase caiu de lado, conseguiu levantar-se e correu o mais depressa possível, com os joelhos a subir até ao peito e os cotovelos a moverem-se como pistões. Atrás de si, ouviu o sussurro terrível e persistente a aumentar de novo, um som que não parecia ser um som, mas pressão na pele e nos tímpanos: *suiippppp!*

A terra tremeu. Os dentes de cima e de baixo de Richie entrechocaram como pratos de louça num terramoto. Não teve de olhar para saber que o machado de Paul se cravara no passeio, a centímetros dos seus pés.

Loucamente, em pensamento, ouviu os Dovells: «*Oh the kids in Bristol are sharp as a pistol When they do the Bristol Stomp...*»

Saiu da sombra do gigante para a luz do sol e, quando fez isso, começou a rir com a mesma gargalhada exausta que saíra dele quando descera para a cave do Freese's. Ofegante, de novo com a dor aguda no flanco, arriscou finalmente um olhar por cima do ombro.

Ali estava a estátua de Paul Bunyan no seu pedestal, onde sempre estivera, com o machado no ombro, a cabeça inclinada para o céu, os lábios abertos no eterno sorriso otimista do herói mítico. O banco que fora cortado ao meio estava inteiro e intacto, muito obrigado. A gravilha onde Tall Paul («*He's-a my all*»), cantava loucamente Annette Funicello na cabeça de

Richie) tinha colocado o enorme pé estava alisada e imaculada, exceto no sítio onde Richie tinha caído quando estava

*(a fugir do gigante)*

a sonhar. Não havia pegadas, nem marcas de machado no betão. Não havia nada além de um rapaz que tinha sido perseguido por outros rapazes, rapazes maiores, e tivera um sonho pequeno (mas intensíssimo) sobre um colosso homicida... o Henry Bowers em tamanho gigante, se preferirem.

— Merda — disse Richie com voz baixa e trémula, e deixou escapar uma gargalhada insegura.

Ficou ali mais um pouco, à espera para ver se a estátua se movia de novo, talvez piscasse o olho, talvez mudasse o machado de um ombro para o outro, talvez descesse para ir atrás dele outra vez. Mas é claro que nenhuma dessas coisas aconteceu.

Claro.

O quê, eu preocupar-me? Ah-ah-ah-ah.

Uma sesta. Um sonho. Apenas isso.

Mas, como Abraham Lincoln ou Sócrates ou alguém assim observara uma vez, tudo tem um limite. Estava na hora de ir para casa acalmar-se.

E apesar de ser mais rápido cortar caminho pelo terreno do Centro Municipal, decidiu não fazer isso. Não queria voltar a aproximar-se daquela famigerada estátua. Assim, dera a volta maior, e, quando chegara a noite, já tinha praticamente esquecido o incidente.

Até agora.

*Aqui está um homem, pensou, aqui está um homem com um casaco verde-musgo comprado numa das melhores lojas de Rodeo Drive; aqui está um homem com sapatos Bass Weejuns nos pés e cuecas Calvin Klein a tapar-lhe o traseiro; aqui está um homem com lentes de contacto hidrófilas nos olhos; aqui está um homem a recordar o sonho de um rapaz que achava que uma camisa e um par de sapatos à rockabilly era o cúmulo da*

*elegância; aqui está um adulto, a olhar para a mesma velha estátua, e ei, Paul, Tall Paul, aqui estou para dizer que continuas o mesmo em todos os aspetos, não envelheceste sequer a porra de um dia.*

A velha explicação ainda parecia verdadeira na sua mente: um sonho.

Achava que conseguiria acreditar em monstros se precisasse; os monstros não eram nada de especial. Não tinha estado em estúdios de rádio a ler notícias sobre gente como Idi Amin Dada e Jim Jones e o tipo que fizera explodir aquela gente toda no McDonald's ali ao fundo da rua? Caramba, os monstros eram coisa de todos os dias! Quem precisava de um bilhete de cinema de cinco dólares quando se podia ler sobre monstros no jornal por trinta e cinco cêntimos ou ouvir sobre eles na rádio de graça? E ele achava que, se era capaz de acreditar em monstros como Jim Jones, também podia acreditar na variedade proposta por Mike Hanlon, pelo menos por enquanto. A Coisa tinha até o seu próprio encanto, porque a Coisa vinha de *Fora* e ninguém tinha de ser responsável por ela. Conseguia acreditar num monstro que tinha tantas caras como existem máscaras de borracha numa loja de brinquedos (*se vais comprar uma, é melhor comprares logo uma data delas, pensou, à dúzia é mais barato, não é verdade, malta?*), pelo menos em teoria... mas uma estátua de plástico de nove metros que desce do pedestal e tenta cortar-nos com o seu machado de plástico? Era um pouco exagerado. Como Abraham Lincoln ou Sócrates ou alguém *também* tinha dito, eu como peixe e como carne, mas há algumas merdas que não como. Não era...

Aquela dor perfurante e aguda atingiu de novo os seus olhos, sem aviso, provocando um grito consternado. Foi a pior de todas, mais profunda e de maior duração, e deixou-o apavorado. Colocou as mãos nos olhos e tocou instintivamente nas pálpebras inferiores com as pontas dos dedos, com a intenção de tirar as lentes de contacto. *Pode ser algum tipo de infeção*, pensou vagamente. *Mas, meu Deus, como dói!*

Baixou as pálpebras e estava pronto para dar a piscadela treinada que as faria cair (e passaria os quinze minutos seguintes a procurá-las com humilhação míope na gravilha em volta do banco, mas quem se importava, parecia ter unhas enfiadas nos olhos) quando a dor desapareceu. Não diminuiu; simplesmente foi-se. Num momento estava ali e no momento seguinte, não. Os seus olhos lacrimejaram um tudo-nada e pararam.

Baixou as mãos devagar, com o coração a bater acelerado, pronto para expulsar as lentes dos olhos assim que a dor recomeçasse. Não recomeçou. E, de repente, viu-se a pensar no único filme de terror que lhe metera medo em criança, possivelmente porque suportara muitas provocações por causa dos óculos e passara tanto tempo a pensar nos olhos. O filme era *As Criaturas de Tollenberg*, com Forrest Tucker. Não era muito bom. Os outros rapazes tinham rido histericamente da história, mas Richie não. Richie ficara gelado, pálido e mudo, pela primeira vez sem uma única Voz para comandar, quando o olho gelatinoso com tentáculos saiu da neblina fabricada de um velho estúdio de filmagens inglês, a balançar os tentáculos fibrosos à sua frente. Aquele olho vira muito mal, a materialização de cem medos e inquietações não de todo compreendias. Numa noite não muito tempo depois, sonhara que se via ao espelho e enfiava lentamente um alfinete grande na íris preta do olho, sentindo uma elasticidade entorpecida e aquosa enquanto a parte de baixo do olho se enchia de sangue. Lembrava-se (agora lembrava-se) de acordar e descobrir que tinha molhado a cama. O que melhor indicara o quanto o sonho tinha sido horrendo fora ele não sentir vergonha do acidente noturno, mas alívio; aceitara a mancha molhada e quente e abençoara a realidade da sua vista.

— Foda-se isto — disse Richie Tozier, com uma voz baixa pouco firme, e começou a levantar-se.

Estava decidido a voltar para o Derry Town House e dormir uma sesta. Se aquela era a rua das Lembranças, preferia a via rápida em Los Angeles

na hora de ponta. A dor nos olhos não devia passar de um sinal de exaustão e consequência da diferença de fusos horários, além do stresse de encontrar o passado todo de uma vez, numa tarde. Bastava de choques; bastava de explorações. Não gostava da forma como a sua mente saltava de um assunto para o outro. Como era aquela música de Peter Gabriel? «Shock the Monkey». Bem, o seu macaco já tinha levado choques suficientes. Estava na hora de dormir e talvez distanciar-se um pouco das coisas.

Quando se levantou, os seus olhos dirigiram-se de novo para o cartaz em frente ao Centro Municipal. De repente, toda a força abandonou as suas pernas e ele voltou a sentar-se. Com força.

RICHIE TOZIER, O HOMEM DAS 1000 VOZES  
VOLTA A DERRY, A TERRA DAS 1000 DANÇAS  
EM HONRA DO REGRESSO DO FALA-BARATO  
O CENTRO MUNICIPAL TEM ORGULHO EM APRESENTAR  
O ESPETÁCULO DE ROCK «BANDA DO SEPULCRO» DE RICHIE TOZIER  
BUDDY HOLLY RICHIE VALENS THE BIG BOPPER  
FRANKIE LYMON GENE VINCENT MARVIN GAYE  
BANDA DA CASA  
JIMI HENDRIX NA GUITARRA  
JOHN LENNON NA GUITARRA RITMO  
PHIL LYNOTT NO BAIXO  
KEITH MOON NA BATERIA  
VOCALISTA CONVIDADO ESPECIAL: JIM MORRISON  
BEM-VINDO A CASA, RICHIE!  
TAMBÉM ESTÁS MORTO!

Parecia que alguém lhe tinha sugado todo o fôlego... e então ouviu de novo aquele som, aquele som que era meio pressão na pele e nos tímpanos,

aquele sussurro homicida, *Suiiippppp!* Rolou do banco para a gravilha, a pensar *Então é isto que querem dizer com déjà-vu, agora já sabes, nunca mais vais ter de perguntar...*

Bateu com o ombro e rolou, olhando para a estátua de Paul Bunyan. Só que já não era Paul Bunyan. O palhaço estava ali no lugar dele, resplandecente e evidente, fantástico e plástico, seis metros de cores intensas, com o rosto pintado acima de uma cósmica gola de rufos. Pompons cor de laranja feitos de plástico, cada um do tamanho de uma bola de vólei, alinhavam-se na frente do fato prateado. Em vez de um machado, segurava um gigantesco molho de balões de plástico. Gravadas em cada um havia duas legendas: AINDA É ROCK AND ROLL PARA MIM E O CONCERTO DE ROCK «BANDA DO SEPULCRO» DE RICHIE TOZIER.

Arrastou-se para trás, usando os calcanhares e as palmas das mãos. Entrou-lhe gravilha pela parte de trás das calças. Ouviu uma costura desfazer-se debaixo da manga do casaco. Rolou, pôs-se em pé, cambaleou, olhou para trás. O palhaço olhou para ele. Os seus olhos rolavam húmidos nas órbitas.

— Assustei-te, pá? — perguntou ele com voz de trovão.

E Richie ouviu a sua boca dizer de forma independente do cérebro paralisado:

— Emoções baratos de banco de trás do carro, Bozo. Só isso.

O palhaço sorriu e assentiu, como se não esperasse outra coisa. Lábios pintados de vermelho-sangue abriram-se e exibiram dentes como presas, cada um com a ponta afiada.

— Eu podia apanhar-te agora, se quisesse — disse ele. — Mas isto vai ser muito mais divertido.

— Divertido para mim também — ouviu Richie a sua boca dizer. — O mais divertido de tudo vai ser quando te formos arrancar a cabeça, pá.

O sorriso do palhaço alargou-se cada vez mais. Ergueu uma mão, coberta por uma luva branca, e Richie sentiu o vento do movimento soprar o cabelo da sua testa como tinha acontecido vinte e sete anos antes. O indicador do palhaço apontou para ele. Era grande como uma viga.

*Grande como uma vig...* pensou Richie, e a dor atacou de novo. Pareciam estacas enferrujadas espetadas na parte gelatinosa do olho. Gritou e cobriu o rosto com as mãos.

— Antes de tirares o cisco do olho alheio, trata da viga que há no teu — entoou o palhaço, com palavras que ressoavam e vibravam, e Richie mais uma vez foi envolvido pelo doce fedor do hálito de carniça.

Ergueu o olhar e deu alguns passos apressados para trás. O palhaço estava a inclinar-se, com as mãos enluvadas sobre os joelhos.

— Queres brincar mais, Richie? Que tal eu apontar para a tua pila e dar-te cancro da próstata? Também posso apontar para a tua cabeça e dar-te um belo tumor cerebral, embora algumas pessoas dissessem que eu só estaria a acrescentar mais uma coisa à podridão que já aí existe. Posso apontar para a tua boca, e a tua língua idiota vai transformar-se em pus a escorrer. Posso fazer isso tudo, Richie. Queres ver?

Os olhos dele estavam a abrir-se mais, cada vez mais e, naquelas pupilas pretas, cada uma do tamanho de uma bola de *softball*, Richie viu a escuridão louca que devia existir nos limites do universo; viu uma felicidade asquerosa que o levaria à loucura. Naquele momento, entendeu que a Coisa era capaz de fazer tudo aquilo e muito mais.

Mesmo assim, ouviu a sua boca, mas desta vez não era a sua voz, nem nenhuma das suas Vozes, do passado ou do presente; era uma Voz que ele nunca tinha ouvido. Mais tarde, contaria aos outros com hesitação que era uma voz de negro velho, alta e orgulhosa, a gozar consigo própria e estridente.

— Desampara-me a loja, cabrão branquelas! — gritou ele, e de repente estava a rir de novo. — Não me venhas com tretas! Tenho jeito, tenho peito e um bacamarte de respeito! Tenho tempo de sobra para fazer o que der na mona, e se vieres com palhaçadas, levas porrada! Estás a ouvir, ó branquelas de merda?

Richie achou que o palhaço se encolheu, mas não ficou à espera para ter a certeza. Correu, com os cotovelos a darem impulso, o casaco a voar atrás do corpo, sem ligar a um pai, que tinha parado para o filhinho admirar Paul, estivesse a olhar para ele com desconfiança, como se tivesse enlouquecido. *Na verdade, malta, pensou Richie, tenho a sensação de que enlouqueci. Ah, Deus, se tenho. E esta deve ter sido a pior imitação de Grandmaster Flash da história, mas por algum motivo funcionou, por algum motivo...*

Mas, de repente, a voz do palhaço trovejou atrás dele. O pai da criança não ouviu, mas o rosto do menino franziu-se, e ele começou a chorar. O pai pegou no filho e abraçou-o, perplexo. Apesar do terror que sentia, Richie observou esse pequeno espetáculo de perto. A voz do palhaço estava talvez furiosamente alegre, talvez apenas furiosa:

— Temos aqui o olho, Richie... Estás a ouvir? O que rasteja. Se não queres voar, não queres cantar, vem para baixo da cidade dar um grande olá ao globo ocular! Vem ver quando quiseres. Assim que quiseres. Estás a ouvir, Richie? Traz o teu ioiô. Diz à Beverly para usar uma saia rodada com quatro ou cinco combinações por baixo. Diz-lhe para usar a aliança do marido ao pescoço! Diz ao Eddie para usar os sapatos bicolores! Vamos tocar bop, Richie. Vamos tocar TOOODAS AS MÚSICAS!

Ao chegar ao passeio, Richie atreveu-se a olhar por cima do ombro, e o que viu não foi nada reconfortante. Paul Bunyan continuava ausente, mas o palhaço também. Onde antes estivera havia agora uma estátua de plástico de seis metros de Buddy Holly. Usava um crachá numa das lapelas estreitas



do casaco axadrezado. CONCERTO DE ROCK «BANDA DO SEPULCRO» DE RICHIE TOZIER, dizia o crachá.

Um aro dos óculos de Buddy Holly tinha sido remendado com fita adesiva.

O menino ainda chorava histericamente; o pai dirigia-se apressado para o centro com o filho choroso nos braços. Desviou-se de Richie.

Richie começou a andar,

*(pés não me falhem)*

tentando não pensar

*(vamos tocar tooodas as músicas)*

no que tinha acabado de acontecer. Só queria pensar no copo enorme de uísque que beberia no bar do Derry Town House antes de ir dormir aquela sesta.

A ideia de uma bebida, só uma bebida comum, fê-lo sentir-se melhor. Olhou por cima do ombro mais uma vez, e o facto de Paul Bunyan estar de volta, a sorrir para o céu, com o machado de plástico por cima do ombro, fê-lo sentir-se ainda melhor. Começou a andar mais depressa, aumentando a distância entre si e a estátua. Tinha até começado a pensar na possibilidade de alucinações quando a dor lhe atingiu de novo os olhos, profunda e agonizante, fazendo-o dar um grito rouco. Uma rapariga bonita que caminhava à sua frente, a observar distraidamente as nuvens, olhou para ele, hesitou e aproximou-se a correr.

— O senhor está bem?

— São as minhas lentes de contacto — disse ele com esforço. — As minhas malditas len... ah meu Deus isto dói!

Desta vez, levantou os dedos tão depressa que quase os espetou nos olhos. Baixou as pálpebras inferiores e pensou: *Não vou conseguir pestanejar para as tirar, é isso que vai acontecer, não vou conseguir tirá-*

*las e vou continuar a sentir dores e mais dores e mais dores até ficar cego ficar cego ficar ce...*

Mas uma piscadela fez o que uma piscadela fazia sempre. O mundo nítido e definido, onde as cores permaneciam dentro das linhas e onde os rostos que se viam eram claros e óbvios, simplesmente desapareceu. Tiras largas de manchas pastel substituíram-no. E apesar de ele e da rapariga do secundário, que estava solícita e preocupada, terem procurado no passeio durante quase quinze minutos, nenhum dos dois conseguiu encontrar lente alguma.

No mais fundo da sua mente, Richie teve a impressão de ouvir o palhaço a rir.

## 5

### *Bill Denbrough vê um fantasma*

Bill não viu Pennywise naquela tarde, mas viu um fantasma. Um fantasma a sério. Foi aquilo em que acreditou no momento, e nenhum evento subsequente o fez mudar de ideias.

Percorrera Witcham Street e fez uma pausa perto da sarjeta onde George encontrara o seu fim naquele dia chuvoso de outubro em 1957. Agachou-se e olhou lá para dentro, uma abertura nas pedras da berma. O seu coração batia com força, mas ele olhou mesmo assim.

— Sai daí, vamos — disse em voz baixa, e teve a ideia não muito louca de que a sua voz flutuava por corredores escuros e molhados, não a esmorecer mas a propagar-se continuamente, alimentando-se dos próprios ecos, fazendo ricochete em paredes de pedra cobertas de limos e em máquinas há muito avariadas. Sentiu-a flutuar sobre águas paradas e sujas e

talvez sair suavemente por cem diferentes ralos noutras partes da cidade ao mesmo tempo.

— Sai, senão vamos aí b-buscar-te.

Agachado com as mãos entre as coxas como um apanhador entre lançamentos, esperou corajosamente por uma resposta. Não a obteve.

Estava prestes a levantar-se quando uma sombra caiu sobre ele.

Bill ergueu o olhar rapidamente, preparado para o que desse e viesse... mas não passava de um menino de onze ou doze anos. Usava uns calções desbotados de escuteiro que lhe deixavam expostos os joelhos cobertos de crostas. Nunca mão tinha um gelado e na outra um *skate* de fibra de vidro que parecia tão escavacado como os joelhos. O gelado era laranja fluorescente. O *skate* era verde fluorescente.

— O senhor costuma falar para as sarjetas? — perguntou o rapaz.

— Só em Derry — respondeu Bill.

Olharam um para o outro por um momento com solenidade e desataram a rir ao mesmo tempo.

— Quero fazer-te uma p-pergunta idiota — começou Bill.

— Tudo bem — disse o rapaz.

— Já ouviste alguma coisa numa destas sarjetas?

O rapaz olhou para Bill como se ele estivesse louco.

— T-Tudo bem — disse Bill —, esquece que perguntei.

Afastou-se e tinha dado talvez uns doze passos (ia a subir, pensando vagamente que iria dar uma olhadela à sua antiga casa) quando o rapaz o chamou:

— Senhor?

Bill virou-se. Tinha o casaco pendurado no dedo e por cima do ombro, o colarinho aberto e o nó da gravata largo. O rapaz observava-o com atenção, como se já arrependido da decisão de falar. Em seguida, encolheu os ombros, como se dissesse «que se lixe»?

— Já.

— Já?

— Já.

— O que diziam?

— Não sei. Era uma língua estrangeira. Ouvi-a sair de uma daquelas estações de bombeamento nos Barrens. Aquelas que parecem canos a sair do chão...

— Sei o que queres dizer. Foi uma criança que ouviste?

— A princípio era uma criança, mas depois parecia um homem. — O rapaz fez uma pausa. — Tive medo. Corri para casa e contei ao meu pai. Ele disse que devia ser um eco que vinha pelos canos da casa de alguém.

— Acreditas nisso?

O rapaz esboçou um sorriso encantador.

— Li no livro *Ripley's Believe it or Not!*<sup>1</sup> que um homem ouvia música nos dentes. Música de rádio. As obturações funcionavam como pequenos rádios. Acho que, se acreditei nisso, posso acreditar em qualquer coisa.

— Hum. Mas acreditaste?

O rapaz abanou a cabeça com relutância.

— Voltaste a ouvir as vozes?

— Uma vez, quando estava a tomar banho de imersão — disse o rapaz. — Era uma voz de rapariga. Chorava, sem dizer nada. Tive medo de tirar a tampa do ralo quando acabei porque achei que, sei lá, podia afogá-la.

Bill assentiu de novo.

O rapaz fitava-o abertamente, com os olhos a brilhar fascinados.

— O senhor conhece essas vozes?

— Já as ouvi — disse Bill. — Há muito, muito tempo. Conhecias alguma das c-crianças que foram mortas aqui?

O brilho desapareceu dos olhos do rapaz; foi substituído por cautela e desconforto.

— O meu pai diz que não devo falar com desconhecidos. Diz que qualquer pessoa pode ser o assassino. — Deu um passo adicional para longe de Bill, indo para a sombra de um ulmeiro no qual Bill batera com a bicicleta vinte e sete anos antes. Dera uma grande queda e entortara o guiador.

— Eu não, rapaz — disse ele. — Passei os últimos quatro meses em Inglaterra. Cheguei ontem a Derry.

— Mesmo assim, não tenho de falar consigo — respondeu o rapaz.

— Isso mesmo — concordou Bill. — Estamos num país l-l-livre.

O miúdo hesitou.

— Eu costumava brincar com o Johnny Feury de vez em quando. Ele era fixe. Chorei — concluiu o rapaz num tom casual, e comeu o resto do gelado. Em seguida, pôs a língua de fora, temporariamente laranja, e lambeu o braço.

— Mantém-te afastado das sarjetas e das tampas de esgoto — disse Bill baixinho. — Fica longe de sítios vazios e desertos. Não vás ao pátio de manobras. Mas mais do que tudo, fica longe das sarjetas e das tampas de esgoto.

O brilho tinha voltado aos olhos do rapaz, e ele não disse nada durante bastante tempo.

— Quer ouvir uma coisa engraçada? — perguntou então.

— Claro.

— Conhece aquele filme em que o tubarão comia todas as pessoas?

— Toda a gente conhece. *T-T-Tubarão*.

— Bom, eu tenho um amigo, sabe? Chama-se Tommy Vicananza, e não é muito inteligente. Serradura na cabeça, sabe o que quero dizer?

— Sim.

— Ele acha que viu aquele tubarão no canal. Estava sozinho no Bassey Park há duas semanas e disse que viu uma barbatana dorsal com dois

metros e meio de altura, só a *barbatana* tinha esse tamanho todo, percebe? Disse: «Foi aquilo que matou o Johnny e os outros rapazes. Foi o Tubarão, eu sei porque vi.» E eu respondi: «Aquele canal é tão poluído que nada poderia lá viver. E achas que viste lá o Tubarão. Tens serradura na cabeça, Tommy.» O Tommy disse que ele saiu da água como no fim do filme e tentou mordê-lo, e ele escapou mesmo a tempo. Muito engraçado, não é?

— Muito engraçado — concordou Bill.

— Serradura na cabeça, certo?

Bill hesitou.

— Fica longe do canal também. Percebeste?

— Quer dizer que *acredita*?

Bill hesitou. Tinha vontade de encolher os ombros, mas acabou por assentir.

O rapaz exalou com um som baixo. E baixou a cabeça, como se com vergonha.

— Sim. Às vezes, acho que também devo ter serradura na cabeça.

— Sei o que queres dizer. — Bill aproximou-se do rapaz, que olhou para ele com ar solene, mas não se afastou desta vez. — Estás a dar cabo dos joelhos nesse *skate*, filho.

O rapaz olhou para os joelhos esfolados e sorriu.

— Sim, acho que sim. Volta e meia, caio.

— Posso experimentar? — perguntou Bill de repente.

O rapaz olhou para ele, boquiaberto a princípio, depois a rir.

— Seria engraçado — respondeu ele. — Nunca vi um adulto num *skate*.

— Dou-te uma moeda — disse Bill.

— O meu pai disse...

— Nunca aceites dinheiro nem d-doces de desconhecidos. Bom conselho. Mas vou dar-te a m-moeda na mesma. O que me dizes? Só até à esquina da J-Jackson Street.

— Esqueça a moeda — disse o rapaz. Desatou a rir de novo, um som alegre e descomplicado. Um som fresco. — Não preciso da sua moeda. Tenho dois dólares. Estou praticamente rico. Mas tenho de ver isso. Só não me culpe se partir alguma coisa.

— Não te preocupes — disse Bill. — Tenho seguro.

Girou uma das rodinhas gastas do *skate* com o dedo, gostando da velocidade com a qual ela girava. Parecia que havia um milhão de esferas de aço lá dentro. Era um bom som. Ressuscitava qualquer coisa muito antiga no seu coração. Um desejo quente como a vontade, encantador como o amor. Sorriu.

— O que acha? — perguntou o rapaz.

— Acho que v-vou matar-me — respondeu Bill, e o rapaz riu.

Bill pousou o *skate* no passeio e um pé sobre ele. Empurrou-o para a frente e para trás para testar. O rapaz observava-o. Em pensamento, Bill viu-se a rolar pela Witcham Street na direção da Jackson no *skate* verde-abacate do rapaz, com a parte de trás do casaco inflada, a careca a brilhar ao sol, os joelhos dobrados naquela postura frágil adotada pelos novatos do esqui no primeiro dia nas pistas. Era uma postura que dizia que, na sua cabeça, já estavam a cair. Apostava que o rapaz não andava de *skate* assim. Apostava que o rapaz andava

*(para vencer o diabo)*

como se não houvesse amanhã.

Aquela sensação agradável morreu-lhe no peito. Viu claramente o *skate* a fugir-lhe de baixo dos pés, a deslizar sozinho pela rua, um verde fluorescente improvável, uma cor que só uma criança poderia adorar. Viu-se a cair de cu, talvez de costas. A imagem passou lentamente para um quarto individual no Hospital de Derry, como o quarto em que tinham ido visitar Eddie depois de ele partir o braço. Bill Denbrough num gesso de corpo inteiro, com uma perna pendurada. Um médico entra, olha para a prancheta,

olha para ele e diz: «Cometeu dois erros, senhor Denbrough. O primeiro foi o uso erróneo de um *skate*. O segundo foi esquecer-se de que tem quase quarenta anos.»

Ele dobrou-se, pegou no *skate* e devolveu-o ao rapaz.

— Acho que não — disse.

— Caguinchas — disse o rapaz, não com maus modos.

— Toca a todos — comentou Bill.

O rapaz riu.

— Olhe, tenho de voltar para casa.

— Cuidado com isso — advertiu Bill.

— É difícil ter cuidado num *skate* — respondeu o rapaz, olhando para Bill como se fosse ele quem tivesse serradura na cabeça.

— Certo — disse Bill. — Tudo bem, entendido. Mas fica longe de sarjetas e tampas de esgotos. E mantém-te perto dos teus amigos.

O rapaz assentiu.

— Estou perto de casa.

*O meu irmão também estava*, pensou Bill.

— Vai acabar em breve, de qualquer modo — disse Bill ao rapaz.

— Vai? — perguntou ele.

— Acho que sim.

— Está bem. Até breve... caguinchas!

O rapaz colocou um pé no *skate* e deu impulso com o outro. Quando começou a deslizar, pôs o segundo pé em cima e desceu a voar a rua a uma velocidade que Bill considerou suicida. Mas deslizou como ele calculara: com uma graça preguiçosa e desenvolta. Bill sentiu amor pelo rapaz, e euforia, e um desejo de *ser* o rapaz, juntamente com um medo quase sufocante. O rapaz andava de *skate* como se não existissem coisas como morte ou envelhecer. Parecia eterno e invencível de calções cáqui de



escuteiros e ténis coçados, com os tornozelos sem meias e bastante sujos, o cabelo a voar atrás dele.

*Cuidado, miúdo, não vais conseguir virar a esquina!*, pensou Bill alarmado, mas o rapaz inclinou as ancas para a esquerda como um dançarino de *break*, os dedos dos pés a giraram no *skate* de fibra de vidro, e dobrou a esquina para Jackson Street simplesmente partindo do princípio de que ninguém se atravessaria à sua frente.

*Rapaz, pensou Bill, nem sempre será assim.*

Foi até à sua antiga casa, mas não parou; apenas abrandou o passo. Havia pessoas no relvado: uma mãe numa espreguiçadeira, com um bebé a dormir nos braços, a vigiar duas crianças, talvez de dez e de oito anos, que jogavam *badminton* na relva ainda molhada da chuva de antes. O mais novo, um rapaz, conseguiu bater na pena por cima da rede.

— Boa, Sean! — gritou a mulher.

A casa tinha a mesma cor verde-escura, e ainda havia a mesma claraboia em cima da porta, mas os canteiros da sua mãe já não existiam. Também não existiam, pelo que ele podia ver, as barras e traves para trepar que o pai tinha montado com canos no quintal. Lembrava-se do dia em que George caíra lá de cima e lascara o dente. Os gritos dele, caramba!

Viu essas coisas (as que estavam lá e as que não estavam) e pensou em aproximar-se da mulher com o bebé a dormir nos braços. Pensou em dizer: «Olá, chamo-me Bill Denbrough. Já vivi aqui.» E a mulher responderia: «Que bom.» O que mais poderia haver? Poderia perguntar se o rosto que entalhara numa das vigas do sótão, o rosto a que ele e Georgie às vezes lançavam dardos, ainda lá estava. Poderia perguntar se os filhos dela às vezes dormiam no alpendre com rede das traseiras, quando as noites de verão eram quentes, a falar baixinho enquanto observavam a dança dos relâmpagos no horizonte. Calculava que poderia perguntar algumas dessas coisas, mas tinha a certeza de que gaguejaria muito se tentasse ser

simpático... E será que queria mesmo saber as respostas a todas aquelas perguntas? Depois de Georgie morrer, a casa tornara-se fria, e o motivo por que ele voltara a Derry não se encontrava ali.

Assim, foi até à esquina e virou à direita sem olhar para trás.

Assim que chegou a Kansas Street, voltou para o centro. Parou por um momento na vedação perto do passeio e olhou para os Barrens. A vedação era a mesma, de madeira caiada a desbotar, e os Barrens pareciam iguais... mais selvagens, quando muito. As únicas diferenças que conseguia ver eram que a fumarada suja que assinalava sempre a lixeira tinha desaparecido (a lixeira fora substituída por uma estação moderna de tratamento de resíduos) e um longo viaduto passava no meio da densa vegetação: a extensão da via rápida. O resto continuava tão parecido que era como se ele o tivesse visto no verão anterior: ervas e arbustos a descer para a área pantanosa à esquerda e para as copas densas de árvores à direita. Conseguia ver os caules daquilo a que tinham chamado bambu, caules prateados, quase brancos, com uns quatro metros de altura. Lembrou-se que Richie tentara uma vez fumar um bocado, alegando que era o que os músicos de *jazz* fumavam e que dava moca; ficara apenas enjoado.

Bill conseguia ouvir água a correr em muitos riachos, conseguia ver o sol refletido na ampla extensão do Kenduskeag. E o cheiro era igual, mesmo sem a lixeira. O perfume pesado de coisas a crescer no auge da primavera não disfarçava o fedor de lixo e dejetos humanos. Era ténue, mas inconfundível. Um cheiro a decomposição; um aroma do submundo.

*Foi ali que acabou antes, e é onde vai acabar desta vez,* pensou Bill com um estremeamento. *Ali... debaixo da cidade.*

Demorou-se mais um pouco, convencido de que devia ver alguma coisa, alguma manifestação do mal contra o qual iria combater. Não havia nada. Ouviu água a correr, um som cheio de vida, primaveril, que lhe recordou a represa que tinham construído lá em baixo. Viu árvores e arbustos a ondular

na brisa leve. Não havia mais nada. Nenhum sinal. Continuou a andar enquanto tirava um resquício de cal das mãos.

Seguiu em direção ao centro, meio a recordar, meio a sonhar, e em breve apareceu outra criança; desta vez, uma rapariga de dez anos, com calças de bombazina de cintura subida e blusa vermelha desbotada. Brincava com uma bola numa mão e segurava uma boneca pelo cabelo louro com a outra.

— Ei! — fez Bill.

Ela ergueu o olhar.

— O quê?

— Qual é a melhor loja de Derry?

Ela pensou um pouco.

— Para mim ou para qualquer pessoa?

— Para ti — respondeu Bill.

— Secondhand Rose, Secondhand Clothes — disse ela, sem a menor hesitação.

— Como? — perguntou Bill.

— Como o quê?

— Isso é o nome da loja?

— Claro — disse ela, olhando para Bill como se ele pudesse estar doente. — Secondhand Rose, Secondhand Clothes. A minha mãe diz que é loja de tralha, mas eu gosto. Tem coisas velhas. Como discos de que nunca ouvimos falar. E postais. Cheira a sótão. Agora tenho de ir para casa. Adeus.

Continuou a andar sem olhar para trás, lançando a bola ao ar e agarrando na boneca pelo cabelo.

— Ei! — gritou ele de novo.

Ela olhou para trás com curiosidade.

— Hã?

— A loja! Onde é?

Ela olhou por cima do ombro e disse:

— No caminho para onde vai. Fica ao fundo de Up-Mile Hill.

Bill teve aquela sensação do passado a dobrar-se sobre si mesmo, a dobrar-se sobre ele. Não pretendia perguntar nada à menina; a pergunta saía da sua boca como uma rolha a voar do gargalo de uma garrafa de champanhe.

Desceu Up-Mile Hill em direção ao centro. Os armazéns e matadouros dos quais se lembrava da infância (prédios sombrios de tijolo com janelas sujas das quais saíam aromas fortíssimos a carne) já praticamente não existiam, embora os matadouros Armour e Star Beef ainda ali estivessem. Mas o Hemphill já não existia, e havia um banco *drive-in* e uma padaria onde tinham estado a Eagle Beef e a Kosher Meats. E no sítio do anexo dos Irmãos Tracker havia uma placa pintada com letras antiquadas a anunciar, como dissera a rapariga da boneca, SECONDHAND ROSE, SECONDHAND CLOTHES. Os tijolos vermelhos tinham sido pintados de um amarelo que talvez tivesse sido forte dez ou doze anos antes, mas agora estava velho, de um tom a que Audra chamava amarelo-mijo.

Bill avançou lentamente na direção da loja, com aquela sensação de *déjà-vu* a tomar de novo conta dele. Mais tarde, contou aos outros que sabia que fantasma veria antes mesmo de ver.

A montra da Secondhand Rose, Secondhand Clothes estava mais do que suja; estava encardida. Não era um antiquário de Downeast, com belas camas entalhadas e vitrinas e serviços de copos da época da Depressão iluminados por pequenos projetores escondidos; aquilo era o que a mãe chamava com total desdém «uma casa de penhores ianque». Os objetos estavam espalhados em profusão confusa, empilhados aleatoriamente aqui, ali, por toda a parte. Vestidos pendurados em cabides. Guitarras penduradas pelo braço como criminosos. Havia uma caixa de discos de 45 rotações; 10 CÊNTIMOS CADA, dizia um cartaz. DOZE POR UM DÓLAR. ANDREWS SISTERS,

PERRY COMO, JIMMY ROGERS, OUTROS. Havia roupa de criança e sapatos horrendos com um cartão à frente a dizer USADOS, MAS BONS! \$ 1,00 O PAR. Havia duas televisões que pareciam queimadas. Uma terceira mostrava imagens difusas de *The Brady Brunch* para a rua. Em cima de um rádio grande com uma caixa imunda de plástico branco e um botão de sintonização tão grande como um despertador encontrava-se uma caixa de livros de bolso velhos, quase todos com a capa arrancada (2 POR 25 CÊNTIMOS, 10 POR UM DÓLAR, MAIS DENTRO, ALGUNS «QUENTES»). Flores de plástico em jarras sujas decoravam uma mesa de jantar lascada e coberta de pó.

Bill viu todas aquelas coisas como um pano de fundo caótico para a coisa em que os seus olhos se fixaram imediatamente. Olhou sem acreditar. O seu corpo cobriu-se com pele de galinha, da cabeça aos pés. A testa ficou quente, as mãos frias e, por um momento, pareceu que todas as portas dentro dele se escancarariam e se lembraria de tudo.

*Silver* estava no lado direito da montra.

Continuava sem o descanso e tinha ferrugem nos para-choques da frente e de trás, mas a buzina ainda estava no guiador, com o bolbo de borracha estalado e velho. A buzina em si, que Bill sempre mantivera brilhante, estava fosca e cheia de amolgadelas. A bagageira em que Richie tantas vezes se sentara ainda continuava sobre o para-choques traseiro, mas estava torta, pendurada por um único parafuso. Em algum momento, alguém cobrira o selim com um tecido a imitar pele de tigre, que estava gasto e rasgado ao ponto de as riscas serem quase invisíveis.

*Silver.*

Bill levantou a mão distraída para limpar as lágrimas que lhe corriam lentamente pelo rosto. Depois de se ter limpado melhor com o lenço, entrou.

A atmosfera da Secondhand Rose, Secondhand Clothes cheirava a bafio. Como a rapariga dissera, era um cheiro a sótão, mas não agradável como o de alguns sótãos. Não era o cheiro de óleo de linhaça passado com amor nas superfícies de mesas velhas, ou de peluches e veludos antigos. Aqui, o cheiro era de lombadas de livros podres, almofadas sujas de vinil que quase tinham cozido no sol intenso de verões passados, de pó, de caganitas de rato.

Na televisão da montra, a família Brady cantava e gritava. A competir com ela de algum sítio nas traseiras vinha a voz radiofónica de um DJ que se identificava como «o vosso amigo Bobby Russell», prometendo o novo álbum de Prince ao ouvinte que soubesse dizer o nome do ator que fizera o papel de Wally em *Leave It to Beaver*. Bill sabia, era um rapaz chamado Tony Dow, mas não queria o novo disco do Prince. O rádio estava numa prateleira alta no meio de um várias fotografias do século XIX. Abaixo, encontrava-se sentado o proprietário, um homem de uns quarenta anos com calças de ganga de marca e uma *t-shirt* de rede. Tinha o cabelo penteado para trás com gel e era cadavérico. Apoiara os pés na secretária, que estava cheia de livros de contabilidade e era dominada por uma caixa registadora antiga. Lia um livro de capa mole que Bill achava nunca ter sido nomeado para o Pulitzer. Chamava-se *Garanhões dos Andaimos*. No chão em frente à mesa havia um poste de barbearia, com a tira em espiral a girar até à eternidade. O seu fio elétrico puído seguia pelo chão até uma tomada, como uma cobra exausta. O cartaz à frente dele dizia: UMA ESPÉCIE EM EXTINÇÃO! \$ 250.

Quando o sino acima da porta tocou, o homem atrás da secretária marcou a página do livro com a parte de cima de uma carteira de fósforos e levantou a cabeça.

— Posso ajudar?

— Pode — disse Bill, e abriu a boca para perguntar pela bicicleta na montra.

Mas, antes que conseguisse falar, a sua mente encheu-se de repente de uma única frase insistente, palavras que afastaram todos os outros pensamentos:

*Castiga, exausto, o poste tosco e reto, e insiste, infausto, que viu o espectro.*

*O quê, em nome de Deus?*

*(castiga)*

— Procura alguma coisa em especial? — perguntou o proprietário. O seu tom era cortês, mas observava Bill com atenção.

*Está a olhar para mim, pensou Bill, divertido apesar da aflição, como se achasse que estive a fumar aquela coisa que dá moca aos músicos de jazz.*

— Sim, estava i-i-interessado em...

*(o poste tosco e reto)*

— ... naquele p-p-poste...

— Está a falar do poste de barbearia? — Os olhos do proprietário revelavam algo que Bill, mesmo no seu atual estado de confusão, recordava e detestava desde a infância: a ansiedade de um homem ou mulher que tem de ouvir um gago, a vontade de intervir rapidamente e concluir o pensamento, fazendo o pobre coitado calar-se. *Mas eu não gaguejo! Superei isso! eu não gaguejo, porra! eu...*

*(e insiste, infausto)*

Tinha as palavras tão claras na mente que parecia haver lá outra pessoa a pronunciá-las, como se fosse um homem possuído por demónios nos tempos bíblicos, um homem invadido por alguma presença exterior. Mas reconheceu a voz e soube que era a sua. Sentiu o suor surgir quente no rosto.

— Podia fazer-lhe...

(*viu o espectro*)

... um desconto no poste — dizia o proprietário. — Para dizer a verdade, duzentos e cinquenta é muito. Posso fazer-lhe cento e setenta e cinco, que tal? É a única antiguidade aqui digna desse nome.

(*poste*)

— POSTE — repetiu Bill, prestes a gritar, e o proprietário recuou um pouco. — Não é no *poste* que estou interessado.

— O senhor sente-se bem? — perguntou o proprietário.

O tom solícito desmentia a expressão de cautela nos olhos, e Bill viu a mão esquerda sair de cima da mesa. Sabia, com um brilho de algo que era, na realidade, raciocínio indutivo e não intuição, que havia uma gaveta aberta abaixo do seu campo de visão, e que o proprietário tinha quase de certeza pousado a mão em algum tipo de pistola. Talvez receasse um assalto, talvez tivesse apenas medo. Afinal, a sua homossexualidade era evidente, e aquela era a cidade onde uns delinquentes juvenis tinham dado um banho mortífero a Adrian Mellon.

(*castiga, exausto, o poste tosco e reto, e insiste, infausto, que viu o espectro*)

Aquilo afastava todos os outros pensamentos; era como estar louco. De onde saíra?

(*castiga*)

Uma e outra vez.

Com um esforço súbito, Bill atacou o pensamento. Fê-lo forçando a mente a traduzir a frase estranha para francês. Fora assim que vencera a gaguez em adolescente. Quando as palavras entravam na sua consciência, ele mudava-as... e de repente sentia o aperto da gaguez abrandar.

Percebeu que o proprietário dissera alguma coisa.

— D-d-desculpe?



— Disse que, se vai ter um ataque, tenha-o na rua. Não preciso dessas merdas aqui.

Bill respirou fundo.

— Vamos r-recomeçar — disse ele. — Finja que acabei de entrar.

— Certo — disse o proprietário, concordando — Acabou de entrar. E agora?

— A b-bicicleta na montra — disse Bill. — Quanto quer por ela?

— Aceito vinte dólares. — Parecia mais tranquilo, mas a mão esquerda ainda não tinha reaparecido. — Acho que foi uma *Schwinn* em tempos, mas agora é um híbrido. — O seu olhar avaliou Bill. — É uma bicicleta grande. O senhor poderia andar nela.

— Acho que os meus dias de andar de bicicleta já eram — respondeu Bill, pensando no *skate* verde do rapaz.

O proprietário encolheu os ombros. A mão esquerda finalmente voltou a subir.

— Tem algum filho?

— S-sim.

— De quantos anos?

— O-O-onze.

— É uma bicicleta grande para um rapaz de onze anos.

— Aceita cheques de viagem?

— Desde que não seja de mais de dez dólares acima do valor da compra.

— Posso dar-lhe um de vinte — disse Bill. — Deixa-me fazer um telefonema?

— Se for local...

— É, sim.

— Esteja à vontade.

Bill ligou para a Biblioteca Pública de Derry. Mike atendeu.

— Onde estás, Bill? — perguntou ele, e imediatamente: — Sentes-te bem?

— Sim. Viste algum dos outros?

— Não. Vamos vê-los esta noite. — Houve uma breve pausa. — É o que presumo. O que posso fazer por ti, Grande Bill?

— Estou a comprar uma bicicleta — disse Bill calmamente. — Queria saber se posso levá-la até tua casa. Tens uma garagem ou algum sítio onde eu a possa guardar?

Silêncio.

— Mike? Estás...

— Estou aqui — disse Mike. — É a *Silver*?

Bill olhou para o proprietário. Voltara a ler o livro... ou talvez só estivesse a olhar e a ouvir atentamente.

— É — disse ele.

— Onde estás?

— A loja chama-se Secondhand Rose, Secondhand Clothes.

— Tudo bem — disse Mike. — A minha morada é Palmer Lane, sessenta e um. Sobes a Main...

— Eu encontro-a.

— Tudo bem, vou lá ter contigo. Queres jantar?

— Seria bom. Consegues sair do trabalho?

— Não há problema. A Carole substitui-me. — Mike hesitou de novo. — Disse que apareceu aqui um tipo uma hora antes de eu voltar e saiu a parecer um fantasma. Pedi-lhe que o descrevesse. Era o Ben.

— Tens a certeza?

— Tenho. E a bicicleta. Também é parte disso, não é?

— Não me admiraria — respondeu Bill, mantendo o olhar no proprietário, que ainda parecia continuar absorto no livro.

— Vejo-te lá em casa — disse Mike. — Número sessenta e um. Não te esqueças.

— No esqueço. Obrigado, Mike.

— Deus te abençoe, Grande Bill.

Bill desligou. O proprietário fechou imediatamente o livro.

— Arranjou sítio onde guardá-la, amigo?

— Arranjei. — Bill tirou do bolso os cheques de viagem e assinou um de vinte dólares.

O proprietário examinou as duas assinaturas com uma atenção que, em circunstâncias mentais menos distraídas, Bill teria achado um tanto insultuosa. Por fim, preencheu um recibo de venda e guardou o cheque de viagem na velha caixa registadora. Levantou-se, colocou as mãos na zona lombar e alongou as costas, depois foi até à frente da loja. Contornou as pilhas de tralha e mercadoria com uma delicadeza natural que Bill achou fascinante.

Levantou a bicicleta, fê-la girar e levou-a para o interior da loja. Bill segurou o guiador para ajudar e, quando tocou nele, outro tremor percorreu-o. *Silver*. De novo. Era *Silver* nas suas mãos e

*(castiga, exausto, o poste tosco e reto, e insiste, infausto, que viu o espectro)*

teve de obrigar o pensamento a ir-se embora porque lhe dava vontade de desmaiar e provocava uma sensação estranha.

— O pneu de trás está um pouco vazio — disse o proprietário (na verdade, estava achatado como uma panqueca). O da frente estava cheio, mas tão careca que aparecia em alguns pontos se via a tela.

— Não há problema — disse Bill.

— Consegue levá-la daqui?

*(eu costumava levá-la muito bem; agora, não sei)*

— Acho que sim — disse Bill. — Obrigado.

— Claro. E se quiser conversar sobre aquele poste de barbearia, pode voltar.

O proprietário abriu-lhe a porta. Bill saiu a andar com a bicicleta, virou à esquerda e começou a seguir na direção da Main Street. Divertidas e curiosas, as pessoas olharam para o homem careca que empurrava a enorme bicicleta com o pneu de trás vazio e a buzina acima da cesta enferrujada, mas Bill mal reparou. Estava maravilhado com o facto de as mãos adultas ainda caberem bem nos apoios de borracha, estava a lembrar-se de que sempre quisera amarrar tiras finas de plástico de cores diferentes nos buracos de cada pega, para que voassem ao vento. Nunca chegara a fazer isso.

Parou na esquina da Center e da Main, em frente à loja Mr. Paperback. Encostou a bicicleta à parede tempo suficiente para despir o casaco. Empurrar uma bicicleta com um pneu vazio era trabalhoso, e a tarde estava quente. Atirou o casaco para a cesta e seguiu em frente.

*A corrente está enferrujada, pensou ele. O dono não cuidou muito bem (desta coisa) dela.*

Parou por um momento, franzindo a testa, tentando lembrar-se do que *tinha* acontecido a *Silver*. Vendera-a? Dera-a? Perdera-a, talvez? Não conseguia lembrar-se. Em vez disso, aquela frase idiota

*(o poste tosco e reto, e insiste)*

ressurgiu, tão estranha e deslocada como uma espreguiçadeira num campo de batalha, um gira-discos numa lareira, uma fila de lápis a sair de um passeio de cimento.

Bill abanou a cabeça. A frase partiu-se e dispersou como fumo. Empurrou *Silver* até à casa de Mike.

*Mike Hanlon Estabelece uma Ligação*

Mas primeiro fez o jantar: hambúrgueres com cogumelos e cebola salteados, e salada de espinafres. Já tinham tratado de *Silver* e estavam mais do que prontos para atacar a refeição.

A casa era pequena e bonita, ao estilo de Cape Cod, branca com pormenores verdes. Mike estava a chegar quando Bill entrou com *Silver* em Palmer Lane. Vinha ao volante de um velho *Ford* com estribos enferrujados e vidro traseiro rachado, e Bill recordou o que o amigo observara tão tranquilamente: os seis membros do Clube dos Falhados que tinham saído de Derry tinham deixado de ser Falhados. Mike ficara para trás e continuava atrás.

Enfiou *Silver* na garagem de Mike, que tinha chão de terra batida e estava tão arranjada como o resto da casa. Havia ferramentas penduradas em ganchos, e as luzes, protegidas por cones de lata, pareciam as que iluminavam as mesas de bilhar. Bill encostou a bicicleta à parede. Os dois olharam para ela sem falar, com as mãos nos bolsos.

— É mesmo a *Silver* — disse Mike por fim. — Pensei que podias estar enganado. Mas é ela. O que tencionas fazer-lhe?

— Não faço puto de ideia. Tens uma bomba para os pneus?

— Tenho. Acho que também possuo um *kit* para remendar pneus. Não têm câmara de ar, certo?

— Nunca tiveram. — Bill inclinou-se para estudar o pneu furado. — Sim. Sem câmara.

— Estás a preparar-te para andar de novo nela?

— C-claro que não — ripostou Bill. — Só não gosto de a ver assim, com o pneu f-f-furado.

— Como queiras, Grande Bill. Tu mandas.

Bill ergueu o olhar rapidamente ao ouvir aquilo, mas Mike tinha ido para o fundo da garagem e estava a tirar da parede uma bomba para encher pneus. De um dos armários retirou uma caixa de lata para remendar pneus e entregou-a a Bill. Este observou-a com curiosidade. Parecia algo da sua infância: uma pequena lata do mesmo tamanho e formato das que tinham os homens que enrolavam os próprios cigarros, só que a parte de cima era colorida e áspera; era usada para esfregar a borracha em volta do buraco antes de fazer o remendo. A caixa parecia nova, e ainda tinha o autocolante de preço da Woolco que indicava \$ 7,23. Achava que, quando era criança, uma caixa daquelas custava coisa de \$ 1,25.

— Não tinhas isso aí por acaso — disse Bill. Não era uma pergunta.

— Não — concordou Mike. — Comprei-a a semana passada. No centro comercial, por acaso.

— Tens uma bicicleta?

— Não — disse Mike, olhando-o nos olhos.

— E compraste isso sem motivo.

— Foi um impulso — admitiu Mike, ainda a olhar para Bill. — Acordei a pensar que podia ser útil. O pensamento não me largou durante todo o dia. Então... comprei-a. E aqui estás tu para a usar.

— Aqui estou eu para a usar — concordou Bill. — Mas como dizem nas novelas, o que significa isto tudo, querido?

— Pergunta aos outros — disse Mike. — Esta noite.

— Achas que irão todos?

— Não sei, Grande Bill. — Fez uma pausa e acrescentou: — Acho que há uma possibilidade de nem todos irem. Um ou dois podem decidir sair da cidade. Ou... — Encolheu os ombros.

— O que faremos se isso acontecer?

— Não sei. — Mike apontou para a caixa. — Paguei sete dólares por essa cena. Vais usá-la ou ficar a olhar?

Bill tirou o casaco da cesta e pendurou-o com cuidado num gancho desocupado. Em seguida, virou *Silver* de cabeça para baixo, apoiada sobre o selim, e começou a girar lentamente o pneu de trás. Não gostou da forma enferrujada como o eixo gemeu, e lembrou-se do clique quase silencioso das esferas de aço no *skate* do rapaz. *Um pouco de óleo três em um resolveria o assunto*, pensou ele. *Também não faria mal pôr óleo na corrente. Está enferrujada como tudo... E cartas de baralho. Ela precisa de cartas de baralho nos raios. Aposto que o Mike tem cartas. Das boas, com cobertura de celuloide que as deixa tão rígidas e escorregadias que a primeira vez que as tentamos baralhar se espalham pelo chão. Cartas de baralho, claro, e molas de roupa para prendê-las...*

Interrompeu-se, subitamente gelado.

*No que estás a pensar, pelo amor de Deus?*

— Há algum problema, Bill? — perguntou Mike baixinho.

— Nada. — Os seus dedos tocaram numa coisa pequena, redonda e dura. Enfiou as unhas por baixo e puxou. Do pneu saiu uma tacha. — Aqui está a c-c-culpada — disse, e a frase surgiu na sua mente de novo, estranha, espontânea e poderosa: *Castiga, exausto, o poste tosco e reto, e insiste, infausto, que viu o espectro*. Mas desta vez a voz, a sua voz, foi seguida da voz da mãe a dizer: *Tenta de novo, Billy. Quase conseguiste*. E Andy Devine como o parceiro de Guy Madison, Jingles, a gritar: *Ei, Wild Bill, espera por mim!*

Estremeceu.

*(o poste)*

Abanou a cabeça. *Nem sequer agora consigo dizer aquilo sem gaguejar*, pensou, e por apenas um momento sentiu que estava prestes a compreender tudo. Mas então, desapareceu.

Abriu a caixa do remendo e começou a trabalhar. Demorou a acertar. Mike encostou-se à parede numa faixa de sol do fim da tarde, com as

mangas da camisa enroladas e o nó da gravata largo, a assobiar uma melodia que Bill acabou por identificar como «She Blinded Me with Science».

Enquanto esperava que a base secasse, Bill aplicou óleo na corrente de Silver (*só para ter alguma coisa para fazer*, disse com os seus botões), na roda dentada e nos raios. Não melhorou a aparência da bicicleta, mas quando girou as rodas, notou que o gemido tinha desaparecido, o que o satisfez. *Silver* nunca teria ganhado nenhum concurso de beleza, de qualquer maneira. A virtude dela era deslizar como um raio.

Por aquela altura, cinco e meia da tarde, quase se tinha esquecido de que Mike se encontrava ali; estava completamente absorto nos gestos pequenos, porém satisfatórios, da reparação. Prendeu a ponta da bomba à válvula do pneu de trás e viu o pneu inflar, calculando a olho a pressão certa. Ficou satisfeito ao ver que o remendo se aguentava.

Quando achou que tinha acertado, soltou a bomba e estava prestes a virar *Silver* quando ouviu o som rápido de cartas atrás de si. Virou-se, não tombando a bicicleta por uma unha negra.

Mike estava ali com um baralho de cartas de fundo azul numa das mãos.

— Queres?

Bill soltou um suspiro longo e trémulo.

— Também tens molas, calculo?

Mike tirou quatro do bolso da camisa e ofereceu-as a Bill.

— Tinha-las aí por acaso?

— Mais ou menos — respondeu Mike.

Bill pegou nas cartas e tentou baralhá-las, mas as suas mãos tremeram e as cartas voaram. Foram para todo o lado... mas só duas caíram viradas para cima. Bill olhou para elas e depois para Mike. O olhar deste pousara nas cartas espalhadas. Os seus lábios estavam repuxados, revelando os dentes.



As duas cartas viradas para cima eram ambas o ás de espadas.

— Isso é impossível — disse Mike. — Acabei de abrir o baralho. Olha. — Apontou para o caixote do lixo ao lado da porta, e Bill viu o papel celofane. — Como é que um baralho de cartas pode ter dois ases de espadas?

Bill inclinou-se e pegou-lhes.

— Como é possível espalhar um baralho de cartas pelo chão e só duas caírem viradas para cima? — perguntou ele. — É uma pergunta ainda melhor do que...

Virou os ases, olhou e mostrou-os a Mike. Um deles tinha o fundo azul, o outro, vermelho.

— Meu Deus, Mikey, em que nos meteste?

— O que vais fazer com elas? — perguntou Mike, aturdido.

— Ora, vou usá-las — respondeu Bill e de repente começou a rir. — É isso que devo fazer, não é? Se há condições prévias para o uso de magia, essas condições vão inevitavelmente verificar-se. Certo?

Mike não respondeu. Viu Bill ir até à roda de trás de *Silver* e prender as cartas. As suas mãos ainda estavam a tremer e foi preciso algum tempo, mas acabou por conseguir, respirou fundo, susteve a respiração e girou a roda de trás. As cartas fizeram um som alto de metralhadora ao bater nos raios no silêncio da garagem.

— Anda — disse Mike baixinho. — Anda, Grande Bill. Vou fazer o jantar.

Tinham comido os hambúrgueres e estavam sentados a fumar e a ver o crepúsculo no quintal de Mike. Bill pegou na carteira, encontrou o cartão de visita de alguém e escreveu nele a frase que o assombrava desde que vira *Silver* na montra da Secondhand Rose, Secondhand Clothes. Mostrou-a a Mike, que leu com atenção, com lábios repuxados.

— Significa alguma coisa para ti? — perguntou Bill.

— «Castiga, exausto, o poste tosco e reto, e insiste, infausto, que viu o espectro.» — Assentiu. — Sim, sei o que é.

— Bem, então conta-me. Ou vais vir com mais conversa da t-treta sobre eu ter de descobrir sozinho?

— Não — disse Mike —, neste caso, acho que não há problema em dizer-to. A frase é antiga, um trava-línguas que se tornou um exercício de dicção para quem ceceia e gagueja. A tua mãe passava a vida a tentar fazer-te dizer isso naquele verão. No verão de 1958. Andavas por aí a murmurá-la baixinho.

— Andava? — perguntou Bill e, devagar, respondendo a própria pergunta: — É verdade.

— Devias querer muito agradecer-lhe.

Bill, que de repente sentiu vontade de chorar, limitou-se a assentir. Não se atreveu a falar.

— Nunca conseguiste — disse Mike. — Lembro-me disso. Tentaste bastante, mas gaguejavas sempre no meio.

— Mas *consegui* dizer — respondeu Bill. — Pelo menos uma vez.

— Quando?

Bill bateu com os punhos na mesa com tanta força que se magoou.

— Não me lembro! — gritou. E então, muito devagar, repetiu: — Não me lembro.

---

<sup>1</sup> *Ripley's Believe It or Not!* foi de início uma coluna publicada em centenas de jornais em todo o mundo, e apresentava factos tão inusitados e inacreditáveis que o leitor podia pôr em causa as suas alegações. (*N. das T.*)

## CAPÍTULO 12

# TRÊS CONVIDADOS INESPERADOS

### 1

Um dia depois de Mike Hanlon ter feito os telefonemas, Henry Bowers começou a ouvir vozes. Vozes a falarem com ele o dia todo. A princípio, Henry pensou que vinham da lua. Já avançada a tarde, ao olhar para cima do local onde arrancava ervas no jardim, conseguiu ver a lua no céu diurno, pálida e pequena. Uma lua fantasmagórica.

Na verdade, era por isso que acreditava que era a lua que estava a falar com ele. Só uma lua fantasmagórica falaria com vozes de fantasma, as vozes dos velhos amigos e as vozes dos miúdos que brincavam nos Barrens tanto tempo antes. Essas e outra voz... uma que ele não se atrevia a nomear.

Victor Criss foi o primeiro a falar da lua. *Estão a voltar, Henry. Todos eles, pá. Estão a voltar para Derry.*

Depois, Arroto Huggins falou-lhe da lua, talvez do lado escuro dela. *És o único Henry. O único que resta de nós. Tens de apanhá-los por mim e pelo Vic. Nenhum pirralho pode humilhar-nos assim. Bati uma bola uma vez no campo dos irmãos Tracker, e o Tony Tracker disse que a bola era digna do estádio dos Yankees.*

Continuou a trabalhar com a enxada enquanto contemplava a lua fantasma no céu. Ao fim de algum tempo, Fogarty aproximou-se, bateu-lhe na nuca e atirou-o de cara para o chão.

— Está a arrancar as ervilhas juntamente com as ervas, idiota.

Henry levantou-se e tirou terra da cara e do cabelo. Ali estava Fogarty, um homem grande com casaco branco e calças brancas, a barriga inchada e protuberante. Era ilegal os guardas (chamados «conselheiros» ali em Juniper Hill) andarem com cassetetes, então vários deles (Fogarty, Adler e Koontz eram os piores) tinham rolos de moedas nos bolsos. Batiam quase sempre no mesmo sítio, mesmo na base da nuca. Não havia regras contra moedas. As moedas não eram consideradas armas mortíferas em Juniper Hill, uma instituição para doentes mentais que ficava nos arredores de Augusta, perto do limite municipal de Sidney.

— Lamento, senhor Fogarty — disse Henry, e esboçou um sorriso largo que mostrava uma fila irregular de dentes amarelos. Pareciam as tábuas numa cerca em volta de uma casa assombrada. Henry começara a perder os dentes quando tinha catorze anos.

— Sim, lamentas — disse Fogarty. — Vai lamentar muito mais se eu te apanhar a fazer isso de novo, Henry.

— Sim, senhor Fogarty.

Fogarty afastou-se, deixando marcas grandes e castanhas na terra da horta ocidental com os seus sapatos pretos. Como Fogarty estava de costas, Henry aproveitou o momento para olhar em volta discretamente. Tinham-nos mandado para ali assim que as nuvens se dissiparam, todos da Ala Azul, que era onde iam os doentes que já tinham sido perigosos, mas agora eram considerados apenas moderadamente perigosos. Na verdade, todos os pacientes de Juniper Hill eram considerados moderadamente perigosos; tratava-se de uma instituição para criminosos loucos. Henry Bowers encontrava-se ali porque fora condenado por matar o pai no fim do outono

de 1958. Tinha sido um ano famoso por julgamentos de homicídio; quando se tratava de julgamentos de homicídio, 1958 ganhara aos pontos.

Mas, claro, não era só o *pai* que achavam que ele tinha matado; se tivesse sido só o pai, Henry não teria passado vinte anos ali no hospital em Augusta, quase sempre imobilizado por meios químicos ou físicos. Não, não só o pai; as autoridades achavam que ele tinha matado toda a gente, ou pelo menos a maioria.

Após o veredicto, o *News* publicara um editorial de primeira página intitulado «O Fim da Longa Noite de Derry». Nele, recapitulara os pontos importantes: o cinto na cómoda de Henry que pertencera ao desaparecido Patrick Hockstetter; o amontoado de livros escolares, alguns com o nome do desaparecido Arroto Huggins e outros do desaparecido Victor Criss, os dois amigos do jovem Bowers, no armário de Henry; o mais condenatório, as cuecas escondidas num canto do colchão de Henry, cuecas identificadas pela marca da lavanderia como tendo pertencido a Veronica Grogan, falecida.

Henry Bowers, declarou o *News*, fora o monstro que aterrorizara Derry na primavera e no verão de 1958.

Mas o *News* proclamou o fim da longa noite de Derry na primeira página da edição de 6 de dezembro, e até um idiota como Henry sabia que em Derry a noite *nunca* acabava.

Tinham-no massacrado com perguntas, rodeando-o, apontando-lhe o dedo. O chefe de polícia batera-lhe na cara duas vezes, e um detetive chamado Lottman dera-lhe um soco na barriga, ordenando-lhe que confessasse, e depressa.

— Há pessoas lá fora que não estão contentes, Henry — dissera esse Lottman. — Não há linchamentos em Derry há muito tempo, mas isso não quer dizer que não possa haver um.

Por certo teriam continuado naquilo enquanto fosse necessário, não porque algum deles acreditasse mesmo que o povo de Derry fosse invadir a esquadra, levar Henry e enforcá-lo numa macieira, mas porque estavam desesperados para virar a página do sangue e horror daquele verão; *teriam* continuado, mas Henry não deixou. Queriam que ele confessasse tudo, compreendeu ao fim de algum tempo. Não se importou. Depois do horror no esgoto, depois do que acontecera a Arroto e Victor, não parecia importar-se com nada. Sim, disse ele, tinha matado o pai. Isso era verdade. Sim, tinha matado Victor Criss e Arroto Huggins. Isso também era verdade, pelo menos na medida em que os levava para os túneis onde tinham sido mortos. Sim, tinha matado Patrick. Sim, Veronica. Sim um, sim todos. Não era verdade, mas não importava. A culpa precisava de ser atribuída. Talvez por isso o tinham deixado viver. E se ele se recusasse...

Entendia a questão do cinto de Patrick. Ganhara-lho num jogo de cartas em abril, mas como não lhe servira enfiara-o na cómoda. Também entendia a questão dos livros; diabo, os três estavam sempre juntos e marimbavam-se para os livros das aulas de recuperação, tal como se tinham marimbado para os do ano letivo, o que quer dizer que se importavam com eles tanto como um pica-pau se importa com sapateado. Devia haver a mesma quantidade de livros seus nos armários deles, e os polícias deviam sabê-lo.

Quanto às cuecas... Não, não sabia como é que as cuecas de Veronica Grogan tinham ido parar ao seu colchão.

Mas achava que sabia quem (*ou o quê*) tratara disso.

Era melhor não falar dessas coisas.

Era melhor calar a boca.

Assim, mandaram-no para Augusta e, finalmente, em 1979, transferiram-no para Juniper Hill. Só teve problemas ali uma vez, e foi porque de início ninguém percebeu. Um tipo tentou apagar a luz de presença de Henry. A luz era um Pato Donald com o chapelho de

marinheiro. Donald era a proteção depois de o Sol se pôr. Sem a luz, podiam entrar *coisas*. As trancas na porta e a rede de arame não as detinham. Entravam como névoa. *Coisas*. Falavam e riam... e às vezes deitavam-lhes a mão. *Coisas* peludas, *coisas* escorregadias, *coisas* com olhos. O tipo de coisas que tinham *realmente* matado Vic e Arroto quando os três tinham ido atrás dos miúdos nos túneis sob Derry em agosto de 1958.

Ao olhar em volta, viu os outros pacientes da Ala Azul. Ali estava George DeVille, que matara a mulher e quatro filhos numa noite de inverno em 1962. George tinha a cabeça baixa, com o cabelo branco a voar na brisa, ranho a escorrer alegremente do nariz, o enorme crucifixo de madeira a balançar e a dançar enquanto arrancava as ervas com a enxada. Ali estava Jimmy Donlin, e tudo o que diziam nos jornais sobre Jimmy era que ele tinha matado a mãe em Portland no verão de 1965, mas o que não diziam era que Jimmy fizera uma tentativa arrojada de se livrar do cadáver: quando a polícia o encontrara, tinha devorado mais da metade, incluindo o cérebro. «Deixou-me mais inteligente», confidenciara Jimmy a Henry uma noite depois do apagar das luzes.

Na fila atrás de Jimmy, a trabalhar freneticamente e a cantar o mesmo verso sem parar, como sempre, estava o pequeno francês Benny Beaulieu. Benny fora incendiário e piromaníaco. Naquele momento, enquanto trabalhava, cantava um verso dos Doors sem parar: «*Try to set the night on fire, try to set the night on fire, try to set the night on fire, try to...*»

Aquilo irritava ao fim de algum tempo.

Atrás de Benny estava Franklin D’Cruz, que violara mais de cinquenta mulheres antes de ser apanhado com as calças pelos joelhos no Terrace Park, em Bangor. As idades das vítimas iam de três a oitenta e um anos. Frank D’Cruz não era muito exigente. Atrás dele, bastante mais atrás, estava Arlen Weston, que passava tanto tempo a olhar com uma expressão

sonhadora para a enxada como a usá-la. Fogarty, Adler e John Koontz tinham tentado usar o truque do rolo de moedas com Weston para convencê-lo de que podia mexer-se um pouco mais depressa; um dia, Koontz batera-lhe com um pouco de força a mais, porque saíra sangue não só do nariz de Arlen Weston, mas também das orelhas, e, naquela noite, ele teve uma convulsão. Não das grandes; foi pequena. Mas, desde então, Arlen retirava-se cada vez mais para as suas trevas interiores, e era um caso perdido, quase completamente desligado do mundo. Atrás de Arlen estava...

— É melhor acelerares, senão dou-te mais uma ajudinha, Henry! — gritou Fogarty.

Henry voltou ao trabalho. Não queria ter convulsões. Não queria acabar como Arlen Weston.

Em pouco tempo, as vozes recomeçaram. Mas, desta vez, eram as vozes dos outros, as vozes dos miúdos que o tinham metido naquela situação, a sussurrar da lua fantasma.

*Não conseguiste sequer apanhar um gordo, Bowers, sussurrou um deles. Agora sou rico e tu andas a arrancar ervas às ervilhas. Bem feito, idiota!*

*B-B-Bowers, não c-c-consequias sequer a-apanhar uma c-c-constipação! Leste a-algum b-b-bom l-livro desde que a-aqui che-chegaste? E-escrevi muitos! Estou r-r-rico e t-tu estás em J-JJuniper Hill! Bem feito, idiota estúpido!*

— Calem-se — sussurrou Henry para as vozes fantasmagóricas, usando a enxada mais depressa, tornando a arrancar as ervilhas com as ervas daninhas. O suor escorria-lhe pelas faces como lágrimas. — Podíamos ter-vos apanhado. *Podíamos mesmo.*

*Conseguimos que fosses preso, seu paspalho, disse outra voz, a rir. Correste atrás de mim e não conseguiste apanhar-me, e também fiquei rico!*



*Boa, pés de banana!*

— Calem-se — murmurou Henry, apressando o trabalho. — Calem-se!

*Querias enfiar-te nas minhas cuecas, Henry?*, disse outra voz com provocação. *Azar! Deixei-os todos comerem-me, não passava de uma vadia, mas também estou rica e estamos todos juntos, e estamos a fazê-lo de novo, mas tu não conseguirias, mesmo se eu deixasse, porque não consegues levantá-lo, portanto bem feito, Henry, muito BEM FEITO...*

Trabalhou como louco, fazendo voar ervas daninhas, terra e ervilhas para todo o lado; as vozes da lua fantasma eram mais audíveis, ecoando e voando na sua cabeça. Fogarty começou a correr na direção dele, a gritar, mas Henry não conseguiu ouvir. Por causa das vozes.

*Não conseguiste sequer apanhar um preto como eu, não foi?*, perguntou outra voz fantasma zombeteira. *Demos cabo de vocês naquela guerra de pedras! Acabámos convosco! Bem feito, idiota! Bem feito!*

De repente, todas as vozes começaram a falar ao mesmo tempo, a rir dele, a chamar-lhe pés de banana, a perguntar se ele gostara dos tratamentos de choque que lhe tinham dado quando fora para a Ala Vermelha, a perguntar se ele gostava de J-J-Juniper Hill, a perguntar e a rir, a rir e a perguntar, e Henry largou a enxada e começou a gritar para a lua fantasma no céu azul, e primeiro gritou com fúria, depois a *própria lua* modificou-se e transformou-se na cara do palhaço, o rosto de um branco leitoso podre e cheio de marcas, os olhos como buracos negros, o sorriso vermelho-sangue aberto e tão obscuro e astuto que era insuportável, e então Henry começou a gritar não de fúria, mas de terror mortal, e a voz do palhaço falou-lhe da lua fantasma, e o que ela disse foi: *Tens de voltar, Henry. Tens de voltar e acabar o serviço. Tens de voltar para Derry e matá-los a todos. Por mim. Por...*

E Fogarty, que estava ali perto e a gritar com Henry havia uns dois minutos (enquanto os outros reclusos ficavam nos seus lugares, a segurar as

enxadas como falos cómicos, com expressões não exatamente interessadas, mas, sim, quase *pensativas*, como se entendessem que aquilo fazia tudo parte do mistério que os tinha colocado ali, que o ataque repentino de gritos histéricos de Henry Bowers na horta ocidental era interessante de uma forma mais do que técnica), cansou-se de gritar e deu um golpe realmente forte com as moedas, e Henry caiu estatelado, com a voz do palhaço a segui-lo por aquele redemoinho horrível de escuridão, cantarolando sem parar: *Mata-os a todos, Henry, mata-os a todos, mata-os a todos, mata-os a todos.*

## 2

Henry Bowers encontrava-se acordado na cama.

A Lua estava baixa, e sentia uma enorme gratidão por isso. À noite, a Lua ficava menos fantasmagórica, mais real, e se tivesse de ver aquela horrível cara de palhaço no céu, sobre colinas, campos e bosques, palpitava-lhe que morreria de pavor.

Deitou-se de lado e ficou a olhar para a luz de presença com atenção. A do Pato Donald tinha-se fundido. Fora substituída por uma do Mickey e da Minnie a dançar polca. Esta foi substituída por uma do Ferrão da *Rua Sésamo*, e no ano anterior a do Ferrão fora substituída por uma do Urso Fozzie. Henry media os anos de prisão com luzes de presença fundidas, não com colheres de café.

Precisamente às 2h04 da manhã do dia 30 de maio, a sua luz apagou-se. Um gemido escapou-lhe da boca; apenas isso. Koontz estava à porta da Ala Azul naquela noite. Koontz, que era o pior do grupo. Pior até do que Fogarty, que lhe batera com tanta força à tarde que Henry mal conseguia virar a cabeça.

A dormir à volta dele estavam os outros reclusos da Ala Azul. Benny Beaulieu dormia amarrado. Fora autorizado a ver uma reposição de *Emergency* na sala de televisão depois de terminarem o trabalho e, por volta das seis da tarde, começara a masturbar-se constantemente e sem parar, entoando aos gritos:

— *Try to set the night on fire! Try to set the night on fire! Try to set the night on fire!*

Fora sedado, e mantivera-se calmo durara umas quatro horas, mas recomeçara por volta das onze da noite, quando o efeito do *Elavil* passara, movendo a mão com tanta força em volta do pénis que começara a sangrar através dos dedos, sempre a gritar «*Try to set the night on fire!*» Então, tinham-no sedado de novo e amarrado. Naquele momento, dormia, com o pequeno rosto enrugado tão sério como o de Aristóteles na penumbra.

Chegavam a Henry de todos os lados roncos baixos e altos, resmungos e um peido ocasional. Conseguia ouvir a respiração de Jimmy Donlin; inconfundível, embora Jimmy dormisse a cinco camas de distância. Era um silvo rápido e baixo que, por algum motivo, o fazia sempre pensar numa máquina de costura. A seguir à porta, no corredor, ouvia o som baixo da televisão de Koontz. Sabia que este estaria a ver os filmes da madrugada no Channel 38, a beber *Texas Driver* e a comer. Koontz tinha uma apetência por sanduíches com manteiga de amendoim e cebola. Quando Henry soubera disso, estremeçera e pensara: *E dizem que todos os malucos estão presos.*

Desta vez, a voz não veio da Lua.

Desta vez, veio de baixo da cama.

Henry reconheceu-a imediatamente. Era de Victor Criss, cuja cabeça fora arrancada algures sob Derry vinte e sete anos antes. Fora arrancada pelo monstro de Frankenstein. Henry vira isso acontecer, depois vira os olhos do monstro moverem-se e sentira em si o olhar amarelo aquoso. Sim,

o monstro de Frankenstein matara Victor e depois matara Arroto, mas ali estava Vic de novo, como a reposição quase fantasmagórica de uma série a preto-e-branco dos maravilhosos anos cinquenta, quando o presidente era careca e os *Buicks* tinham orifícios de ventilação de lado no capô.

E agora que acontecera, agora que a voz viera, Henry percebeu que estava calmo e sem medo. Para não dizer aliviado.

— Henry — disse Victor.

— Vic! — exclamou Henry. — O que estás a fazer aí em baixo?

Benny Beaulieu roncou e resmungou no sono. As inspirações e expirações nasais de máquina de costura de Jimmy fizeram uma pausa momentânea. No corredor, o volume da pequena *Sony* de Koontz estava baixo, e Henry Bowers pressentia-o, com a cabeça inclinada, uma das mãos no botão de volume da televisão, os dedos da outra a tocarem no cilindro que lhe enchia o bolso: o rolo de moedas.

— Não precisas de falar alto, Henry — disse Vic. — Consigo ouvir-te se pensares. E eles não conseguem ouvir-me.

*O que queres, Vic?*, perguntou Henry.

Não houve resposta durante bastante tempo. Henry pensou que talvez se Vic tivesse ido embora.

Do lado de fora, o volume da televisão de Koontz aumentou de novo. Houve um som de arranhar debaixo da cama; as molas rangeram um pouco quando uma sombra escura saiu de lá. Vic olhou para ele e sorriu. Henry retribuiu o sorriso com desconforto. O velho Vic parecia-se um pouco com o monstro de Frankenstein. Envolvia-lhe o pescoço uma cicatriz que lembrava a tatuagem de um nó corrediço, talvez porque lhe tinham voltado a coser a cabeça. Os olhos eram de um estranho cinzento-esverdeado, e as córneas pareciam flutuar numa substância viscosa.

Vic ainda tinha doze anos.

— Quero a mesma coisa que tu — disse Vic. — Quero vingar-me deles.

*Vingar-me deles*, repetiu Henry Bowers com ar sonhador.

— Mas tens de sair daqui para o fazer — disse Vic. — Tens de voltar para Derry. Preciso de ti, Henry. Todos precisamos de ti.

*Eles não podem magoar-Te*, disse Henry, percebendo que estava a falar com mais do que Vic.

— Não podem magoar-Me, se acreditarem apenas parcialmente — disse Vic. — Mas houve alguns sinais perturbadores, Henry. Também achávamos que eles não seriam capazes de nos vencer naquela altura. Mas o gordo escapou-te nos Barrens. O gordo, o chico-esperto e a cabra escaparam-nos naquela tarde depois do cinema. E a luta de pedras, quando salvaram o preto...

*Não me fales nisso!*, gritou Henry a Vic, e por momentos a sua voz traduziu toda a dureza perentória que o tornara líder. Mas encolheu-se, temendo que Vic o magoasse. Sem dúvida, Vic poderia fazer o que quisesse, visto ser um fantasma, mas limitou-se a sorrir.

— Posso tratar deles se só acreditarem parcialmente — disse —, mas tu estás vivo, Henry. Podes apanhá-los mesmo que eles acreditem, que só acreditem um pouco ou não acreditem nada. Podes apanhá-los um a um ou todos de uma vez. Podes vingar-te.

*Vingar-me*, repetiu Henry. Então olhou para Vic de novo com ar de dúvida. *Mas não posso sair daqui, Vic. Há grades nas janelas e o Koontz está hoje à porta. O Koontz é o pior. Talvez amanhã à noite...*

— Não te preocupes com o Koontz — disse Vic, levantando-se. Henry viu que ele ainda vestia as calças de ganga daquele dia, e que elas ainda tinham manchas de gosma de esgoto seca. — Eu trato dele.

Estendeu a mão.

Depois de um momento, Henry apertou-a. Ele e Vic dirigiram-se à porta da Ala Azul e ao som da televisão. Estavam quase lá quando Jimmy Donlin, que tinha comido o cérebro da mãe, acordou. Os seus olhos arregalaram-se

quando viu o visitante noturno de Henry. Era a sua mãe. A combinação aparecia só um bocadinho, como sempre aparecia. A parte de cima da cabeça fora removida. Os olhos dela, horrivelmente vermelhos, rolaram na direção dele, e quando sorriu, Jimmy viu as manchas de batom nos dentes amarelos e grandes, como sempre vira.

— Não, mãe! Não, mãe! Não, mãe! — começou a gritar.

A televisão desligou-se imediatamente e, ainda antes de os outros começarem a despertar, Koontz abriu a porta.

— Muito bem, idiota, prepara-te para apanhares na mona. Estou *farto*.

Entrou. Primeiro, viu Bowers, de pé, barrigudo e um pouco ridículo na bata, com a pele flácida pálida na luz que entrava do corredor. Em seguida, olhou para a esquerda e gritou. Ao lado de Bowers havia uma coisa com roupa de palhaço. Tinha uns dois metros e meio de altura. A roupa era prateada e tinha pompons cor de laranja à frente. Calçava uns sapatos demasiado grandes e engraçados nos pés. Mas a cabeça não era de homem nem de palhaço; era a cabeça de um *dobermann*, o único animal à face da Terra que John Koontz temia verdadeiramente. Os seus olhos eram vermelhos. O focinho macio franziu-se para relevar dentes enormes.

Um cilindro de moedas caiu nos dedos inertes de Koontz e rolou pelo chão até ao canto. Na tarde do dia seguinte, Benny Beaulieu, que durante tudo aquilo nunca acordara, iria encontrá-lo e escondê-lo no seu armário. As moedas serviram para comprar cigarros enrolados à mão durante um mês.

Koontz inspirou para gritar de novo quando o palhaço avançou na direção dele.

— Está na hora do circo! — gritou o palhaço com voz rosnada, e as mãos com luvas brancas pousaram sobre os ombros de Koontz.

Porém, as mãos dentro daquelas luvas pareciam patas.

Pela terceira vez naquele dia, naquele longo, longo dia, Kay McCall dirigiu-se ao telefone.

Foi mais longe do que nas duas primeiras ocasiões; desta vez, esperou que o telefone fosse atendido do outro lado e uma voz robusta de chui irlandês dissesse «Esquadra de Sixth Street, sargento O'Bannon, em que posso ajudar?» antes de desligar.

*Ah, estás a ir bem. Meu Deus, sim. Lá pela oitava ou nona vez terás reunido coragem suficiente para dizer o teu nome.*

Foi até à cozinha e preparou um uísque com soda fraco, embora soubesse que não devia ser boa ideia depois de ter tomado o *Darvon*. Lembrou-se de um trecho de uma canção *folk* das cafetarias da faculdade na sua juventude (*Got a headful of whiskey and a bellyful of gin / Doctor say it kill me but he don't say when*) e riu com nervosismo. Havia um espelho por cima do bar. Viu o seu reflexo e parou de rir abruptamente.

*Quem é aquela mulher?*

Tinha um olho inchado, quase fechado.

*Quem é aquela mulher espancada?*

O nariz estava da cor do de um bêbedo depois de uns trinta anos a emborcar gim, e de um tamanho grotesco.

*Quem é aquela mulher espancada que parece as que se arrastam para os refúgios de mulheres depois de sentirem medo suficiente ou de arranjam coragem suficiente ou de apenas enlouqueceram o suficiente para largar o homem que está a magoá-las, que as magoou sistematicamente semana após semana e mês após mês e ano após ano?*

Tinha um arranhão numa das faces.

*Quem é ela, Kay-Bird?*

Um braço ao peito.

*Quem? És tu? Podes ser tu?*

— Aqui está ela... Miss América — cantarolou, querendo que a sua voz saísse dura e cínica. Começou assim, mas tremeu lá pela sétima sílaba, e falhou na oitava. Não era uma voz dura. Era uma voz assustada. Sabia-o; já sentira medo antes, mas sempre o superara. Desta vez, demoraria muito a superá-lo.

O médico que a tratara num dos cubículos das urgências no Sisters of Mercy, a oitocentos metros dali, era jovem e não era feio de todo. Em circunstâncias diferentes, ela poderia ter pensado distraidamente (ou talvez não) em tentar levá-lo até casa para uma digressão sexual pelo mundo. Mas não sentiu a menor excitação. A dor não permitia isso. Nem o medo.

Chamava-se Geffin, e Kay não gostou da forma fixa como olhava para ela. Levou um copinho branco de papel até ao lavatório do cubículo, encheu-o de água até meio, tirou um maço de tabaco da gaveta da secretária e ofereceu-lho.

Ela tirou um cigarro, e ele acendeu-lho. Teve de acompanhar a ponta por um ou dois segundos com o fósforo, porque a mão dela estava a tremer. Pôs o fósforo no copo de papel. Fssss.

— Um hábito maravilhoso — disse ele. — Certo?

— Fixação oral — respondeu Kay.

Ele assentiu, e ficaram em silêncio. Continuava a observá-la. Kay teve a sensação de que o médico esperava que ela chorasse, o que a irritou porque sentia que isso podia acontecer. Detestava que previssem as suas reações emocionais, principalmente um homem.

— Namorado? — perguntou ele por fim.

— Prefiro não falar sobre isso.

— ã-hã.

Ele puxou uma baforada e olhou para ela.



— A sua mãe nunca lhe ensinou que é falta de educação olhar descaradamente para as pessoas? — Queria falar com aspereza, mas pareceu uma súplica: *Pare de olhar para mim, sei como estou, já vi*. Esse pensamento foi seguido de outro, um que desconfiava que a amiga Beverly devia ter tido mais de uma vez: que o pior da tarefa acontece por dentro, onde talvez se sofresse de uma coisa a que se poderia chamar hemorragia intraespiritual. Sabia qual era o seu aspeto, sabia. Pior ainda, sabia o que estava a sentir. Sentia-se cobarde. Era uma sensação horrível.

— Vou dizer isto só uma vez — declarou Geffin. A voz dele era baixa e agradável. — Quando trabalho nas urgências, vejo talvez umas vinte mulheres espancadas por semana. Os internos atendem outras tantas. Isto para dizer que tem um telefone aqui na secretária. Não paga nada. Ligue para a esquadra, dê o seu nome e morada, explique o que aconteceu e quem fez isso. Quando desligar, eu tiro a garrafa de *bourbon* que guardo ali no arquivador, apenas para fins medicinais, claro, e bebemos um copo para comemorar. Porque acho, e é apenas a minha opinião pessoal, que a única forma de vida mais baixa do que um homem que bate numa mulher é uma ratazana com sífilis.

Kay sorriu com cansaço.

— Agradeço a sugestão — respondeu ela —, mas dispenso. Por enquanto.

— Hã-hã — fez ele. — Mas quando voltar para casa, olhe-se bem ao espelho, senhora McCall. Quem quer que tenha sido, fez um bom trabalho.

Então Kay começou a chorar. Não conseguiu conter-se.

Tom Rogan ligara por volta das 12h00, no dia em que ela se despedira de Beverly, querendo saber se Kay falara com a sua mulher. Parecia calmo, sensato, nada transtornado. Kay respondera que não a via há quase duas semanas. Tom agradecera e desligara.

Por volta de uma da tarde, a campainha tocara quando ela estava a escrever no escritório. Foi até à porta.

— Quem é?

— Florista Cragin, minha senhora — dissera uma voz aguda, e como ela fora estúpida por não perceber que era Tom a fazer um mau falsete, como fora estúpida por acreditar que Tom tinha desistido tão facilmente, como fora estúpida por tirar a corrente antes de abrir a porta.

Ele entrara, e ela só tinha conseguido dizer «Sai daq...» conforme o punho de Tom saiu disparado do nada e lhe acertou no olho direito, fechando-o e projetando uma onda de dor muito intensa na cabeça de Kay. Ela recuara pelo corredor, agarrando-se a coisas para tentar ficar de pé: um delicado solitário que caíra e se estilhaçara, um bengaleiro que tombara. Tropeçara sobre os próprios pés enquanto Tom fechava a porta.

— Sai daqui! — gritara Kay.

— Assim que me disseres onde está a Bev — respondeu Tom, avançando pelo corredor na direção dela.

Apercebeu-se vagamente de que Tom não estava com muito bom aspeto (na verdade, «péssima aparência» podia ser considerada uma melhor definição), e sentiu uma alegria difusa porém feroz borbulhar dentro dela. Independentemente do que Tom tivesse feito a Bev, parecia que Bev lhe tinha pagado na mesma moeda. Fora o suficiente para deixá-lo de cama um dia inteiro, pelo menos, e ele ainda dava a impressão de precisar de uma ida ao hospital.

Mas também parecia muito cruel e bastante zangado.

Kay pôs-se em pé e recuou, mantendo os olhos nele como se mantêm os olhos num animal selvagem que fugiu da jaula.

— Disse que não a vi, e era verdade — disse ela. — Agora sai daqui antes que eu chame a polícia.

— Viste-a — declarou Tom. Os seus lábios inchados tentavam sorrir. Kay reparou que os dentes dele tinham um aspeto estranho, irregular: alguns dos da frente estavam partidos. — Ligo, digo-te que não sei onde está a Bev. Tu respondes que não a vês há duas semanas. Não fazes sequer uma pergunta. Não dizes nada desencorajador, embora eu saiba muito bem que me detestas. Então onde ela está, sua puta? Diz-me.

Kay virou-se então e desatou a correr para a extremidade do corredor, querendo chegar ao escritório, fechar as portas de correr de mogno e trancá-las. Chegou lá primeiro, pois ele coxeava, mas antes que pudesse fechar as portas, ele enfiara o corpo entre elas. Ganhou impulso e forçou-se a entrar. Ela virou-se para correr de novo; ele agarrou-a pelo vestido e puxou com tanta força que lhe rasgou a parte de trás até à cintura.

*A tua mulher fez este vestido, cabrão*, pensou ela com incoerência, e então foi virada.

— *Onde está ela?*

Kay levantou a mão e deu-lhe uma bofetada forte que lhe fez girar a cabeça; um corte no lado esquerdo do rosto recomeçou a sangrar. Tom agarrou no cabelo dela e puxou-lhe a cabeça para a frente contra o seu punho. Ela teve a sensação de que o nariz explodira. Gritou, inspirou para gritar de novo e começou a engasgar-se no próprio sangue. Estava completamente apavorada. Não sabia que podia existir tanto pavor no mundo. Aquele filho da puta passado dos cornos ia matá-la.

Gritou, gritou, e então o punho dele atingiu-a na barriga, tirando-lhe o fôlego. Só conseguiu ofegar. Começou a tossir e a arfar ao mesmo tempo, e, por um momento apavorante, achou que sufocaria.

— *Onde está ela?*

Kay abanou a cabeça.

— Não... a vi — disse ela. — Polícia... vais ser preso... idiota...

Tom pô-la de pé, e ela sentiu alguma coisa ceder no ombro. Mais dor, tão forte que a deixou enjoada. Virou-a, ainda a segurar-lhe o braço, e torceu-o por trás, e ela mordeu o lábio inferior, prometendo a si mesma não gritar de novo.

— *Onde está ela?*

Kay abanou a cabeça.

Tom puxou-lhe o braço para cima com tanta força que ela o ouviu gemer. O hálito quente dele roçava a sua orelha. Sentiu o próprio punho direito fechado tocar na omoplata esquerda e gritou de novo quando a coisa no ombro cedeu mais um pouco.

— Onde está ela?

— ... sei...

— O quê?

— *Não sei!*

Tom soltou-a e empurrou. Kay caiu no chão, a soluçar; ranho e sangue saíam do nariz. Houve um estalido quase musical, e quando Kay olhou em volta, Tom estava inclinado sobre ela. Tinha partido a parte de cima de outra jarra, esta de cristal *Waterford*. Segurava a base. O gargalo irregular estava a centímetros do rosto dela. Fitou-o, hipnotizada.

— Deixa-me explicar-te uma coisa — começou ele, com as palavras a saírem entre arquejos e sopros de ar quente. — Vais dizer-me para onde ela foi, senão vais apanhar a tua cara do chão. Tens três segundos, talvez menos. Quando estou furioso, parece que o tempo passa bastante mais depressa.

*A minha cara*, pensou ela, e foi isso que finalmente a fez ceder... ou esbarrondar-se, se preferirem: a ideia daquele monstro usar a jarra *Waterford* partida para lhe cortar a cara.

— Foi para casa — disse Kay, a soluçar. — Para a sua cidade natal. Derry. Um sítio chamado Derry, no Maine.

— Como?

— Foi de autocarro para Milwaukee. Ia apanhar um avião lá.

— Aquela galdéria de merda! — gritou Tom, endireitando-se de pé. Descreveu um semicírculo sem rumo, passando as mãos pelo cabelo e fazendo-o ficar espetado. — Aquela vaca, aquela galdéria, aquela puta do caralho! — Pegou numa escultura delicada de um homem e uma mulher a fazerem amor, que ela tinha desde os vinte e dois anos, e lançou-a para a lareira, onde se estilhaçou. Tom deu de caras consigo mesma por um momento no espelho acima da lareira e arregalou os olhos, como se olhasse para um fantasma. Em seguida, virou-se para ela de novo. Tinha tirado qualquer coisa do bolso do casaco, e ela viu com perplexidade estúpida que era um livro. A capa era quase toda preta, tirando as letras vermelhas metalizadas do título e a fotografia de vários jovens em pé num barranco alto, acima de um rio. *Os Rápidos Negros*.

— Quem é este cabrão?

— Hã? O quê?

— Denbrough. Denbrough. — Agitou o livro com impaciência diante do rosto dela, e de repente bateu-lhe com ele. A cara dela ardeu de dor e de um calor vermelho opaco, como carvão. — Quem é ele?

Kay começou a perceber.

— Eram amigos em crianças. Cresceram ambos em Derry.

Ele bateu-lhe com o livro de novo, desta vez do outro lado.

— Por favor — disse ela, a chorar. — Por favor, Tom.

Ele puxou uma cadeira de estilo colonial com pernas finas e graciosas para perto dela, virou-a e sentou-se. O seu rosto olhou para ela de cima da cadeira.

— Ouve — disse ele. — Ouve o teu velho tio Tommy. Consegues fazer isso, sua puta feminista?

Kay assentiu. Sentia o gosto de sangue quente e metálico na garganta. O ombro em chamas. Rezou para que estivesse apenas deslocado, não partido. Mas isso não era o pior. *A cara, ele ia corta-me a cara...*

— Se ligares à polícia e disseres que estive aqui, vou negar. Não tens como provar porra nenhuma. Hoje é folga da empregada e estamos sozinhos. É claro que podem prender-me de qualquer forma, tudo é possível, certo?

Ela percebeu que estava de novo a assentir, como se a sua cabeça estivesse presa a um cordel.

— Claro que é. E o que eu faria seria pagar a caução e voltar logo para cá. Encontrariam as tuas mamas na mesa da cozinha e os teus olhos no aquário. Percebes? Estás a perceber o teu velho tio Tommy?

Kay desatou de novo a chorar. Aquele cordel preso à sua cabeça ainda estava a funcionar; ela movimentou-a para cima e para baixo.

— Porquê?

— O quê? Eu... eu não...

— Acorda, pelo amor de Deus! Porque voltou ela?

— Não sei! — Kay quase gritou.

Ele aproximou dela a jarra partida.

— Não sei — disse Kay num tom mais baixo. — Por favor. Ela não me contou. Por favor, não me faças mal.

Ele atirou a jarra para o cesto dos papéis e levantou-se.

Tom saiu sem olhar para trás, com a cabeça baixa, um homem enorme como um urso.

Kay foi a correr atrás dele e trancou a porta. Correu para a cozinha e trancou a essa porta. Após uma pausa, coxeou até ao andar de cima (o mais depressa que a sua barriga dorida permitiu) e trancou as portas envidraçadas que davam para a varanda de cima. Não era impossível que ele pudesse

decidir subir por uma das colunas e voltasse a entrar por ali. Estava magoado, mas também era louco.

Kay aproximou-se do telefone pela primeira vez, e tinha acabado de pousar a mão no auscultador quando se lembrou do que ele dissera.

*E o que eu faria seria pagar a caução e voltar logo para cá... as tuas mamas na mesa da cozinha e os teus olhos no aquário.*

Tirou a mão do telefone.

Entrou na casa de banho e olhou para o nariz vermelho como um tomate, que ainda pingava, e para o olho negro. Não chorou; a vergonha e o horror que sentia eram demasiado profundos para lágrimas. *Ah, Bev, fiz o melhor que pude, querida, pensou. Mas a minha cara... ele disse que me ia cortar a cara ...*

Havia *Darvon* e *Valium* no armário dos medicamentos. Hesitou entre eles e decidiu tomar um de cada. Em seguida, foi ao Sisters of Mercy para ser tratada e conheceu o famoso Dr. Geffin, que naquele momento era o único elemento do sexo masculino que ela não ficaria feliz por ver desaparecer da face da terra.

Dali, voltou para casa, para casa, lá-lá-lá.

Foi até à janela do quarto e olhou para fora. O Sol estava baixo no horizonte. Na costa leste, seria o fim do crepúsculo, por volta das sete no Maine.

*Podes decidir o que fazer em relação à polícia depois. O importante é avisar a Beverly. Seria muito mais fácil, pensou, se me tivesses dito onde ias ficar, Beverly, meu amor. Imagino que nem tu sabias.*

Embora tivesse deixado de fumar dois anos antes, guardava um maço de *Pall Mall* na gaveta da secretária para emergências. Tirou um do maço, acendeu-o e fez uma careta. Tinha fumado daquele maço pela última vez por volta de dezembro de 1982, e o cigarro a palha. Fumou-o à mesma, com

um olho semicerrado por causa do fumo, o outro só semicerrado, ponto. Cortesia de Tom Rogan.

Usando a mão esquerda com cuidado (o filho da puta tinha-lhe deslocado o braço direito), marcou o número das informações no Maine e pediu o nome e número de todos os hotéis e motéis de Derry.

— Minha senhora, isso vai levar algum tempo — disse a telefonista em tom de dúvida.

— Vai levar bastante mais tempo do que isso, filha — disse Kay. — Vou ter de escrever com a mão errada. A boa está de férias.

— Não é habitual...

— Ouça — disse Kay, num tom amável. — Estou a ligar de Chicago e a tentar contactar uma amiga que largou o marido e voltou para Derry, onde cresceu. O marido sabe para onde ela foi. Arrancou-me a informação à pancada e quase me matou. Este homem é um psicopata. A minha amiga precisa saber que ele vai para lá.

Houve uma longa pausa, e então a telefonista disse num tom bastante mais conciliador:

— Acho que o número de que precisa mesmo é o da polícia de Derry.

— Muito bem. Também vou tomar nota desse. Mas ela tem de ser avisada — disse Kay. — E... — Pensou nas faces cortadas de Tom, no galo na testa, no da têmpora, na perna coxa, nos lábios horrivelmente inchados. — E se ela souber que ele vai para lá, isso pode ser suficiente.

Houve outra longa pausa.

— Ainda aí está? — perguntou Kay.

— Arlington Motor Lodge — disse a telefonista. — Seis quarto três oito um quarto seis. Bassey Park Inn, seis quarto oito quarto zero oito três. The Bunyan Motor Court...

— Um pouco mais devagar, pode ser? — pediu ela, escrevendo furiosamente. Procurou um cinzeiro, não encontrou e apagou o *Pall Mall* no



mata-borrão. — Certo, continue.

— The Clarendon Inn...

4

Ao quinto telefonema teve alguma sorte. Beverly Rogan estava hospedada no Derry Town House. A sorte foi apenas parcial porque Beverly tinha saído. Kay deixou o nome e o número, e um recado a pedir para Beverly lhe ligar assim que voltasse, por mais tarde que fosse.

O rececionista repetiu a mensagem. Kay subiu e tomou outro *Valium*. Deitou-se e esperou pelo sono. O sono não chegou. *Desculpa, Bev*, pensou, *a olhar para o escuro, os sentidos toldados pela droga. O que ele disse sobre a minha cara... não consegui suportar. Liga-me depressa, Bev. Por favor, liga-me depressa. E tem cuidado com o filho da puta maluco com quem casaste.*

5

O filho da puta maluco com quem Bev casara saiu-se melhor com as ligações de transportes do que Beverly no dia anterior, porque saiu de O'Hare, o centro da aviação comercial no centro dos Estados Unidos. Durante o voo, leu e releu a breve biografia do autor incluída no final de *Os Rápidos Negros*. Dizia que William Denbrough era de Nova Inglaterra e autor de três outros romances (que também estavam disponíveis em formato de bolso pela Signet). Ele e a mulher, a atriz Audra Phillips, viviam na Califórnia. Ele estava a escrever um novo livro. Ao reparar que a edição de

*Os Rápidos Negros* tinha sido publicada em 1976, Tom calculou que o tipo tinha escrito outros romances desde então.

Audra Phillips... tinha-a visto no cinema, não? Raramente reparava em atrizes (para Tom, os bons filme eram os policiais, histórias de ação ou de terror), mas se aquela jeitosa era a atriz em quem estava a pensar, tinha reparado nela porque se parecia muito com Beverly: cabelo ruivo comprido, olhos verdes, seios empinados.

Sentou-se mais empertigado no assento enquanto batia com o livro na perna e tentava ignorar a dor na cabeça e na boca. Sim, tinha a certeza. Audra Phillips era a ruiva das mamas bonitas. Tinha-a visto num filme de Clint Eastwood, e um ano depois num filme de terror chamado *Lua de Cemitério*. Beverly fora com ele e, ao sair do cinema, Tom mencionara que achava a atriz muito parecida com ela.

— Não me parece — dissera Beverly. — Sou mais alta e ela é mais bonita. Além disso, o cabelo dela é mais escuro.

Apenas isso. Tom não pensara no assunto desde então.

«Ele e a mulher, a atriz Audra Phillips...»

Tom tinha umas vagas noções de psicologia; usara-as para manipular a mulher durante todos os anos do casamento. E, naquele momento, consumia-o uma ideia desagradável, mais sensação do que ideia. Centrava-se no facto de Bev e aquele Denbrough terem brincado juntos em crianças e de que esse Denbrough casara com uma mulher que, apesar do que Beverly dissera, se parecia muito com a mulher de Tom Rogan.

A que tipo de brincadeiras Denbrough e Beverly se tinham dedicado em crianças? Teriam brincado aos médicos? Ao jogo da verdade?

Outras coisas?

Tom continuou a bater com o livro na perna e sentiu as têmperas começarem a latejar.

Quando chegou ao aeroporto internacional de Bangor e contemplou os balcões das empresas de aluguer de automóveis, as raparigas (algumas vestidas de amarelo, algumas de azul, outras de verde irlandês) olharam com nervosismo para o rosto perigoso e ferido dele e disseram (ainda com mais nervosismo) que não tinham carros para alugar, infelizmente.

Tom foi à papelaria e comprou um jornal de Bangor. Abriu nos anúncios, indiferente aos olhares que recebia de quem passava, e assinalou os que pareceram mais promissores. Acertou em cheio no segundo telefonema.

— Diz no jornal que o senhor tem uma carrinha *Ford LTD* de setenta e seis. Mil e quatrocentos dólares.

— Certo, isso mesmo.

— Vamos fazer o seguinte — disse Tom, tocando na carteira no bolso do casaco. Estava bem recheada, seis mil dólares. — Se a trazer ao aeroporto, fechamos negócio aqui mesmo. Dá-me o carro, um recibo e os documentos. Eu pago-lhe em dinheiro.

O dono do carro hesitou.

— Teria de retirar as minhas placas de matrícula.

— Claro, tudo bem.

— Como irei reconhecê-lo, senhor...?

— Senhor Barr — disse Tom. Estava a olhar para uma placa do outro lado do terminal que dizia LINHAS AÉREAS BAR HARBOR LEVAM-NO A NOVA INGLATERRA... E AO MUNDO! — Vou estar junto à última porta. Vai reconhecer-me porque a minha cara está um pouco amassada. Fui patinar ontem com a minha mulher e caí. Mas acho que podia ter sido pior. Não parti mais nada, além da cara.

— Bolas, lamento saber isso, senhor Barr.

— Hei de melhorar. Traga o carro até aqui, meu bom amigo.

Desligou, atravessou a porta e saiu para a noite quente e perfumada de maio.

O tipo do *LTD* apareceu dez minutos depois, saído do crepúsculo. Era só um rapaz. Fecharam negócio; o rapaz rabiscou um recibo, que Tom enfiou com indiferença no bolso do casco. Ficou a ver o rapaz retirar do *LTD* as matrículas do Maine.

— Dou-lhe mais três dólares pela chave de fendas — disse Tom quando ele acabou.

O rapaz olhou pensativo para ele um momento, encolheu os ombros, entregou-lhe a chave de fendas e pegou nas três notas de um que Tom lhe estendia. *Não é da minha conta*, dizia o encolher de ombros, e Tom pensou: *Não podias ter mais razão, meu amigo*. Acompanhou-o ao táxi e sentou-se ao volante do *Ford*.

O carro estava bom para a sucata: as mudanças faziam barulho, a carroçaria gemia, o motor estremecia, os travões custavam a funcionar. Nada disso importava. Levou-o até ao estacionamento de longa duração, tirou o bilhete e entrou. Estacionou ao lado de um *Subaru* que parecia estar ali há bastante tempo. Usou a chave de fendas do rapaz para tirar as placas de matrícula do *Subaru* e aparafusou-as no *Ford*. Cantarolou enquanto trabalhava.

Por volta das dez da noite, conduzia para leste na Route 2, com um mapa do Maine aberto no banco ao lado. Tinha descoberto que o rádio do *LTD* não funcionava, portanto conduzia em silêncio. Não havia problema. Tinha muito em que pensar. Em todas as coisas maravilhosas que faria a Beverly quando a apanhasse, por exemplo.

Tinha a certeza, no mais fundo da sua alma, de que Beverly estava por perto.

E a fumar.

*Ah, minha querida, meteste-te com o homem errado quando te meteste com o Tom Rogan. E a pergunta é: o que vamos fazer contigo?*

O *Ford* seguiu pela noite atrás do brilho dos seus faróis e, quando Tom chegou a Newport, sabia a resposta. Encontrou uma loja ainda aberta na rua principal. Entrou e comprou um volume de *Camel*. O proprietário desejou-lhe as boas-noites. Tom retribuiu.

Atirou o volume para o banco e arrancou de novo. Seguiu lentamente pela Route 7, à procura da saída. Ali estava, a Route 3, com uma placa que dizia HAVEN 21 DERRY 15.

Saiu e acelerou o *Ford*. Olhou para o tabaco e sorriu vagamente. À luz verde do tabliê, o seu rosto cheio de cortes e inchado parecia estranho, monstruoso.

*Trouxe-te uns cigarros, Bevvie, pensou Tom enquanto o carro seguia ladeado por pinheiros e abetos na direção de Derry a uns cem à hora. Ah, sim. Um volume inteiro. Só para ti. E quando te encontrar, querida, vou fazer-te comê-los todos. E se esse tal Denbrough precisar de aprender umas coisas, também podemos tratar disso. Não há problema, Bevvie. Problema nenhum.*

Pela primeira vez desde que a puta lhe batera e fugira, Tom começou a sentir-se bem.

Audra Denbrough voou em primeira classe para o Maine num *DC-10* da British Airways. Saía de Heathrow às 18h10 e perseguia o Sol desde então. O Sol estava a ganhar (já ganhara, na verdade), mas isso não importava. Por um golpe de sorte, ela descobriu que o voo 23 da British Airways, de

Londres para Los Angeles, fazia uma paragem para reabastecer... no aeroporto internacional de Bangor.

O dia fora um pesadelo maluco. Freddie Firestone, o produtor de *Sótão*, quisera falar imediatamente com Bill, como era de esperar. Houvera alguma confusão com a dupla que tinha de cair por um lanço de escadas em vez de Audra. Parecia que os duplos também tinham um sindicato, e aquela mulher já cumprira a sua quota de trabalhos para uma semana, ou um disparate do género. O sindicato exigia que Freddie assinasse um acordo de renegociação salarial ou contratasse outra mulher para fazer a cena. O problema era que não havia disponível outra com um físico tão parecido com o de Audra. Freddie disse ao delegado sindical que teriam então de arranjar um homem para a cena, não é verdade? Afinal, a queda não aconteceria de cuecas e sutiã. Tinham uma peruca ruiva, e a responsável pelo guarda-roupa podia arranjar ao duplo umas mamas falsas e uns chumaços para fazer as ancas. Até para fazer o traseiro, se fosse necessário.

Nada feito, amigo, disse o delegado sindical. É contra o acordo laboral pôr um homem a fazer papel de mulher. Chamava-se discriminação sexual.

O mau humor de Freddie era famoso nos meandros do cinema, e, naquele momento, ele perdera as estribeiras. Mandara o delegado sindical, um homem gordo cujo odor corporal era quase paralisante, ir-se foder. O delegado dissera a Freddie para ter tento na língua, senão não haveria mais duplos no *set* de *Sótão*. Em seguida, esfregara o polegar e o indicador num gesto de avareza que enfurecera Freddie. O delegado sindical era grande, mas flácido; Freddie, que ainda jogava futebol sempre que podia e fora jogador de críquete, era grande e rijo. Correria com o delegado sindical, voltara ao escritório e saíra vinte minutos depois a gritar por Bill. Queria a cena toda reescrita, para que a queda fosse eliminada. Audra tivera de dizer a Freddie que Bill já não estava em Inglaterra.

— *O quê?* — perguntara Freddie. Estava boquiaberto. Olhava para Audra como se achasse que ela tinha enlouquecido. — O que estás a dizer?

— Ele foi chamado aos Estados Unidos, é isso que estou a dizer.

Freddie fez menção de agarrá-la, e Audra recuou com um pouco de medo. Freddie olhou para as mãos, enfiou-as nos bolsos e limitou-se a olhar para ela.

— Lamento, Freddie — disse ela, com voz baixa. — A sério.

Levantou-se e serviu-se de uma chávena de café, reparando que tinha as mãos a tremer. Ao sentar-se, ouviu a voz amplificada de Freddie nos altifalantes do estúdio, a mandar toda a gente para casa ou para o *pub*; as filmagens daquele dia tinham terminado. Audra fez uma careta. Dez mil dólares, no mínimo, acabavam de ir por água abaixo.

Freddie desligou o intercomunicador, levantou-se e serviu-se também de café. Sentou-se de novo e estendeu o maço de *Silk Cut*.

Audra abanou a cabeça.

Freddie tirou um, acendeu-o e semicerrou os olhos por causa do fumo, olhando para ela.

— Isto é sério, não é?

— Sim — respondeu Audra, mantendo a compostura o melhor que podia.

— O que aconteceu?

E como gostava genuinamente de Freddie e confiava nele, Audra contou-lhe tudo que sabia. Freddie ouviu com atenção e solenidade. Não demorou muito tempo; as portas ainda estavam a ser fechadas e os motores ligados no parque de estacionamento quando terminou.

Freddie ficou em silêncio algum tempo, a olhar pela janela. Em seguida, virou-se para ela.

— Ele teve algum tipo de colapso nervoso.

Audra abanou a cabeça.

— Não, nada disso. Ele não estava assim. — Engoliu em seco e acrescentou: — Talvez devesse ter visto.

Freddie esboçou um sorriso de esguelha.

— Deves saber que homens adultos raramente se sentem obrigados a cumprir promessas que fizeram em crianças. E leste os livros do Bill; sabes quanto daquilo é sobre a infância, e é coisa boa. E muito precisa. A ideia de que ele esqueceu tudo o que aconteceu naquela altura é absurda.

— Mas a cicatrizes nas mãos dele — disse Audra. — Nunca lá estiveram. Só voltaram esta manhã.

— Tretas! Nunca reparaste nelas até esta manhã.

Ela encolheu os ombros, impotente.

— Teria reparado.

Via que ele também não acreditava naquilo.

— O que fazer, então? — perguntou Freddie.

Ela só conseguiu abanar a cabeça. Freddie acendeu outro cigarro usando a beata do primeiro.

— Consigo resolver as coisas com o representante do sindicato — disse ele. — Talvez não eu; neste momento, ele preferiria ver-me no inferno a dar-me outra dose dupla. Vou mandar o Teddy Rowland ao falo com ele. O Teddy é *gay*, porém consegue convencer os pássaros a descerem das árvores. Mas o que acontece depois? Temos mais quatro semanas de filmagens, e o teu marido foi para o cu de Judas...

— Para o Maine...

Ele fez um ademane com a mão.

— Tanto faz. E podemos contar contigo se ele não estiver?

— Eu...

Ele inclinou-se para a frente.

— Gosto de ti, Audra. Gosto mesmo. E do Bill, mesmo com esta confusão. Podemos desenrascar-nos, acho. Se o argumento precisar de um



remendo, posso remendá-lo. Já fiz a minha conta de remendos no meu tempo, sabe Deus... Se ele não gostar do resultado, será o único culpado. Consigo desenrascar-me sem o Bill, mas não sem ti. Não posso permitir que vás para os Estados Unidos atrás do teu marido, e preciso de ti a trabalhar a todo o gás. És capaz disso?

— Não sei.

— Nem eu. Mas quero que penses numa coisa. Podemos abafar isto durante algum tempo, talvez durante o resto das filmagens, se te aguentares como um soldado e fizeres o teu trabalho. Mas se te fores embora, não é possível guardar segredo. Posso ser chato, mas não sou vingativo por natureza e não vou dizer que, se te fores embora, vou certificar-me de que nunca mais trabalhas no cinema. Mas precisas de saber que, se ganhares fama de temperamental, pode acontecer-te precisamente isso. Estou a falar com o coração nas mãos. Incomoda-te?

— Não — disse ela.

Na verdade, estava-se nas tintas para aquilo. Só conseguia pensar em Bill. Freddie era um homem bom, mas não compreendia; em última análise, homem bom ou não, só conseguia pensar em como aquilo iria afetar o seu filme. Não tinha visto a expressão de Bill... nem o ouvira gaguejar.

— Muito bem. — Ele levantou-se. — Vamos comigo ao Hare and Hounds. Estamos a precisar de uma bebida.

Ela abanou a cabeça.

— Isso é a última coisa de que preciso. Vou para casa pensar nisto tudo.

— Eu chamo-te o carro — disse ele.

— Não. Vou de comboio.

Ele olhou fixamente para ela, com uma das mãos no telefone.

— Creio que tencionas ir atrás dele — disse Freddie —, e estou a dizer-te que é um grande erro, querida. Ele está um tanto aturdido, mas no fundo

é um homem firme. Vai resolver tudo e, quando tiver resolvido, volta. Se quisesse que o acompanhasses, tinha-te dito.

— Ainda não decidi nada — disse ela, sabendo que na verdade já tinha decidido tudo; tinha decidido mesmo antes de o carro ir buscá-la naquela manhã.

— Fica bem, miúda — disse Freddie. — Não faças nada de que te arrependas.

Audra sentiu a força da personalidade dele a intimidá-la, a exigir que cedesse, fizesse a promessa, fizesse o seu trabalho, esperasse passivamente que Bill voltasse... ou desaparecesse de novo naquele buraco do passado do qual tinha vindo.

Aproximou-se dele e deu-lhe um beijo ao de leve na cara.

— Até breve, Freddie.

Foi para casa e ligou para a British Airways. Disse à funcionária que estaria interessada em chegar a uma cidadezinha do Maine chamada Derry, se fosse possível. Fez-se silêncio enquanto a mulher consultava o computador... e veio a notícia, como um sinal dos céus, de que o BA 23 fazia uma paragem em Bangor, que ficava a menos de oitenta quilómetros.

— Quer que lhe reserve um lugar, minha senhora?

Audra fechou os olhos e viu o rosto áspero, quase sempre meigo e muito franco de Freddie; ouvi-o dizer: «Fica bem, miúda. Não faças nada de que te arrependas depois.»

Freddie não queria que ela fosse; Bill não queria que ela fosse; então por que motivo o seu coração gritava que tinha de ir? Fechou os olhos. *Meu Deus, sinto-me tão confusa...*

— Minha senhora? Ainda está na linha?

— Sim, reserve — respondeu Audra, mas logo hesitou. *Fica bem, miúda...* Talvez devesse decidir depois de uma boa noite de sono, distanciar-se um pouco daquela loucura. Começou a procurar na mala o

cartão American Express. — Para amanhã. Em primeira classe, se tiver, mas aceito qualquer coisa. — *E se eu mudar de ideias, posso cancelar. É provavelmente o que vou fazer. Vou acordar lúcida e tudo vai estar mais claro.*

Mas nada estivera claro naquela manhã, e o seu coração clamava com o mesmo volume para que fosse. O sono fora uma tapeçaria louca de pesadelos. Assim, ligara a Freddie, não porque quisesse, mas porque sentia que lhe devia isso. Não chegara longe (estava a tentar, acabrunhada, dizer o quanto sentia que podia Bill precisar dela) quando ouviu um clique do lado de Freddie. Ele desligara sem dizer nada depois do olá inicial.

Mas, de certa forma, pensou Audra, aquele clique baixo dizia tudo o que precisava de ser dito.

## 7

O avião aterrou em Bangor às 7h09, hora local. Audra foi a única passageira a desembarcar, e os outros olharam para ela com uma espécie de curiosidade pensativa, provavelmente a perguntarem-se por que motivo alguém escolheria descer ali, naquele lugarejo esquecido. Audra pensou em dizer-lhes: *Estou à procura do meu marido, é por isso. Ele voltou para uma cidadezinha perto daqui porque um dos amigos de infância ligou e recordou-o de uma promessa da qual ele não conseguia lembrar-se bem. O telefonema também o fez recordar que não pensava no irmão morto havia vinte anos. Ah, sim, também lhe trouxe de volta a gaguez... e umas cicatrizes brancas estranhas nas palmas das mãos.*

E a seguir, pensou ela, os funcionários da alfândega chamariam os homens de bata branca.

Recolheu a sua única mala, que parecia muito solitária no tapete das bagagens, e aproximou-se dos balcões de aluguer de carros, como Tom Rogan faria uma hora depois. Teve mais sorte do que ele teria; a National Car Rental disponibilizou-lhe um *Datsun*.

A rapariga preencheu o formulário, e Audra assinou-o.

— Achei mesmo que era a senhora — disse a rapariga, e acrescentou com timidez: — Posso pedir-lhe um autógrafo?

Audra deu-lhe o autógrafo no verso de um formulário em branco e pensou: *Aproveita enquanto puderes, rapariga. Se o Freddie Firestone estiver certo, não vai valer nada daqui a cinco anos.*

Com algum divertimento, percebeu que, depois estar nos Estados Unidos há apenas quinze minutos, tinha começado a pensar de novo como americana.

Pegou num mapa, e a rapariga, tão impressionada que mal conseguia falar, conseguiu indicar-lhe o melhor trajeto para Derry.

Dez minutos depois, Audra estava na estrada, lembrando a si mesma a cada cruzamento que, se se esquecesse e começasse a conduzir à esquerda, teriam de raspá-la do asfalto.

Entretanto, percebeu que estava com mais medo do que em qualquer outra ocasião na sua vida.

## 8

Por um desses caprichos do destino ou coincidências que às vezes acontecem (e que, a bem dizer, aconteciam com mais frequência em Derry), Tom alugara um quarto no Koala Inn em Outer Jackson Street, e Audra no Holiday Inn; os dois hotéis ficavam um ao lado do outro, com os estacionamento separados só por um passeio elevado de betão. O *Datsun*

alugado de Audra e o *Ford LTD* comprado por Tom estavam estacionados com as frentes viradas um para o outro, separados só por aquele passeio. Ambos dormiam, Audra tranquilamente de lado, Tom Rogan de barriga para cima, a roncar tanto que os lábios inchados batiam um no outro.

## 9

Henry passou aquele dia escondido na vegetação rasteira junto à Route 9. Às vezes, dormia. Às vezes, via deitado os carros da polícia passarem como cães de caça. Enquanto os Falhados almoçavam, Henry ouvia as vozes da Lua.

E quando caiu a noite, foi para a beira da estrada e esticou o polegar. Passado algum tempo, um palerma apareceu e deu-lhe boleia.

Sinceros agradecimentos pela permissão de usar excertos do seguinte material protegido por direitos de autor:

‘My Town’ by Michael Stanley. 1983 by Berna Music Co./Michael Stanley Music Co.

‘The Return of the Exile’ from Poems by George Seferis. Translation copyright © 1960 by Rex Warner. Reprinted by permission of David R. Godine, Publisher, Inc.

‘My My Hey Hey’ by Neil Young and Jeff Blackburn. © 1979 Silver Fiddle. Used by permission of Warner Bros. Ltd. All rights reserved.

*Paterson* by William Carlos Williams. Copyright © 1946, 1948, 1949, 1951, 1958. Copyright © Florence Williams, 1963. Reprinted by permission of Penguin Books Ltd.

‘No Surrender,’ ‘Glory Days,’ and ‘Born in the U.S.A.’ by Bruce Springsteen. © 1984 Bruce Springsteen. ASCAP. All rights reserved.

‘I Heard It Through the Grapevine’ words and music by Norman Whitfield and Barrett Strong. © 1966 Jobette Music Co., Inc. Used by permission. International copyright secured. All rights reserved.

‘The Rubberband-Man’ by Tom Bell and Linda Creed. 1976 Mighty Three Music. Administered and reprinted by kind permission of Island Music Ltd.

‘Splish Splash’ by Bobby Darin and Jean Murray. 1958 Unart Music Corp. © renewed 1986 CBS Catalogue Partnership. All rights controlled

and administered by Good Music Ltd. All rights reserved. International copyright secured. Used by permission.

*Books of Blood*, Volume I by Clive Barker. Copyright © 1984. Reprinted by permission of Sphere Books Ltd.

‘Summertime Blues’ by Eddie Cochran and Jerry Capeheart. © 1958 Warner-Tamerlane Publishing Corp., Rightsong Music, Elvis Presley Music and Gladys Music. Used by permission of Intersong Music Ltd. All rights reserved.

‘Earth Angel.’ © 1954, renewal 1982 by Dootsie Williams Publications. Recorded by the Penguins, Dootone Records.

‘Do-Re-Mi’ by Richard Rodgers and Oscar Hammerstein II. Copyright © 1959 by Richard Rodgers and Oscar Hammerstein II. Williamson Music Co., owner of publication and allied rights throughout the Western Hemisphere and Japan. International copyright secured. All rights reserved. Used by permission of Williamson Music Ltd. London.

‘Mean Streets,’ a film by Martin Scorsese. 1973 Warner Bros. Inc. All rights reserved.

‘Don’t It Make You Wanta Go Home’ by Joe South. Copyright 1969 by Lowery Music Co., Inc., Atlanta, GA. International copyright secured. All rights reserved. Used by permission.

‘Here’s to the State of Richard Nixon’ by Phil Ochs. Barricade Music Inc. Used with permission of Warner Bros. Ltd. All rights reserved.

‘Whole Lot of Shakin’ Goin’ On’ by David Curlee Williams. Used by permission. ‘Rock and Roll is Here to Stay’ by David White. Published by Golden Egg Music/ Singular Music. By permission of American Mechanical Rights Agency Inc.

‘Bristol Stomp’ words and music by Kal Mann and Dave Appell. © 1961 Kalmann Music, Inc.

‘It’s Still Rock and Roll to Me’ by Billy Joel. © 1980 Impulsive Music/CBS Songs Ltd. Used by permission.

‘Light My Fire’ words and music by The Doors. 1967 Doors Music Company. All rights reserved. Used by permission.

‘My Toot Toot’ by Sidney Simien. 1985 Flat Town Music Company and Sid-Sim Publishing Company. All rights reserved. Used by permission.

‘Tutti Frutti’ by Dorothy La Bostrie and Richard Penniman. © 1955, ATV Music. Used by permission.

‘Diana’ by Paul Anka. Copyright 1957, 1963, renewed 1985 by Spanka Music Corp./ Management Agency and Music Publishing, Inc. International copyright secured. All rights reserved. Reproduced by permission.

‘High School Confidential’ by Ron Hargrave and Jerry Lee Lewis. By permission of Carlin Music Corp.

‘Travelogue for Exiles’ from Collected Poems 1940-1978 by Karl Shapiro. Copyright 1942 and renewed 1970 by Karl Shapiro. Reprinted by permission of Random House, Inc.

‘You Got to Lose’ words and music by Earl Hooker. © Copyright 1969 by Duchess Music Corporation. Rights administered by MCA Music Ltd., London. Used by permission. All rights reserved.

‘The Girl Can’t Help It If the Menfolks Stop and Stare’ words and music by Robert W. Troup. 1956 Twentieth Century Music Corp., renewed 1984 Robert W. Troup. Assigned 1984 Londontown Music, Inc.

‘Don’t Back Down’ by Brian Wilson. 1964 Irving Music, Inc. (BMI). All rights reserved. International copyright secured.

‘Surfin’ U.S.A.’ music by Chuck Berry, words by Brian Wilson. Copyright © 1958, 1963 by Arc Music Corporation. Reprinted by permission of Jewel Music Co., Ltd., London. All rights reserved.

‘Sh-Boom. (Life Could Be a Dream)’ by James Keyes, Claude Feaster, Carl Feaster, Floyd F. McRae, and James Edwards. Copyright 1954 by



Progressive Music Publishing Co., Inc. Used by permission of Carlin Music Corporation.

'I Knew the Bride When She Used to Rock 'n' Roll' by Nick Lowe. © Anglo Rock Inc. Used with permission.